

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 08246337 7



(Almeida)

THE

ADVENTURE OF

DR. LIVINGSTONE

DOCTOR LIVINGSTONE

A NOVEL IN THREE VOLUMES

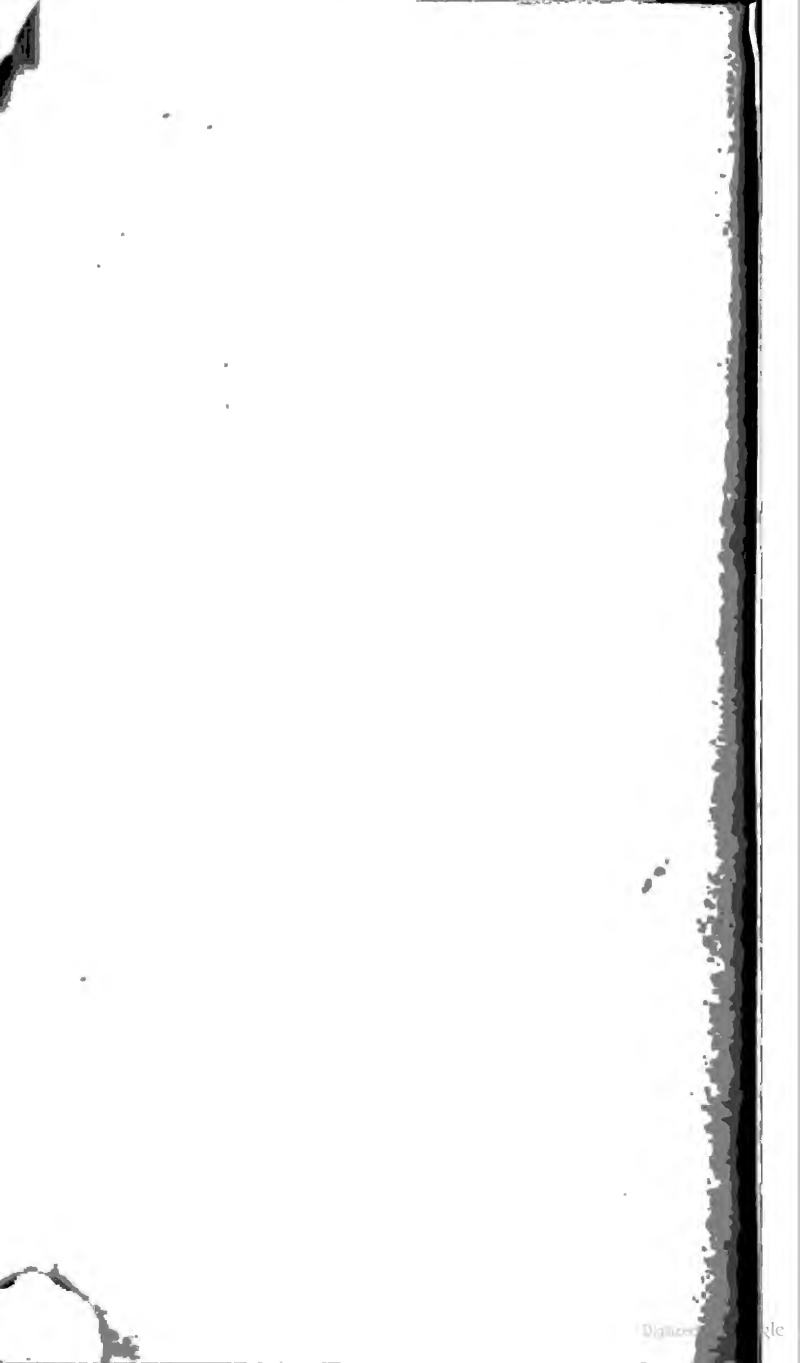
BY

JOHN RUSSELL BROWN

LONDON:

JOHN RUSSELL BROWN,

1857.



(Almeida)

BMW

EXAME DAS VIAGENS

DO

DOUTOR LIVINGSTONE

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

УЧЕБНИК
ПО
МАТЕМАТИКЕ

EXAME DAS VIAGENS

DO

DOUTOR LIVINGSTONE

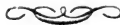
POR

Maria Almeida e Araujo Correia
oc

D. JOSÉ DE LACERDA

1

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1867

chf.
r. s.

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1908 L

NOV 21 1908

INTRODUÇÃO

A noticia de ter sido publicada obra, em que se examina e debate algum assumpto de grave momento, no qual a sociedade tem de vir a ser parte, excita sempre viva curiosidade; o que será quando não é um sómente, porém muitos em numero os objectos, que pelo auctor foram tratados: quando não é uma ou outra sociedade particular, mas sim a humanidade inteira, que vai n'ellas interessada? É o que succedeu quando a imprensa ingleza annunciou o notavel acontecimento de haver sido trazida á luz, e posta em praça a obra de um dos seus mais celebres viajantes e missionarios, o dr. David Livingstone, debaixo do titulo *Missionary travels and researches in south Africa*.

O excitamento causado pela apparição d'esta obra, por muito grande que fosse, nada tinha de extraordinario, porque desde muito antes se divulgara, e ainda por algum tempo depois continuou a ser asseverado, que o illustre missionario descobrira cousas nunca vistas nem imaginadas, gentes estranhas, mares interiores e não sabidos, e novas correspondencias e caminhos, por onde a Africa central, durante seculos ignorada, apesar de ser conhecida no litoral tão extensamente, ficava em muito acrescentada, tornando-se facil ao cuidado e ardor de futuros viajantes inquiri-la e devassa-la.

Este boato, que de principio correu vagamente, e de seguida foi engrossando com as vozes dos que repetiam o que tão só, e mal, tinham ouvido, medrou largo, quando, já publicada a obra, parecia ter base sobré que levantar-se com alguma tanta firmeza e confiança. O interior de Africa revelado, abertos e postos patentes dilatados territorios, cuja opulencia, até certo ponto indicada, fazia nascer suspeitas de riquezas muito acima da mais aventurosa conjectura, inflammava sobre todo o modo a ambição da sciencia e a cubiça do proveito. Este facto era de alcance incomparavel, e por isso estimulo proprio a aguilhoar a geral expectação.

Em verdade são escassas as noticias averiguadas dos territorios do interior africano, mas, se carecemos d'ellas nós portuguezes, que melhor do que nenhuma outra nação deviamos conhecê-los, muito maior mingua padecem, como provam documentos incontestaveis, outros quaesquer povos. Aos nossos antigos viajantes e escriptores deveram pouco fervoroso desvelo os objectos de que a sciencia, nas suas differentes relações, podia tirar proveito e gloria; e os viajantes de nações estranhas, que vieram ao depois, pouco têm conseguido adiantar de modo menos incerto ou mais avantajado. Podemos concordar sem reluctancia em que devemos a estes o terem alargado um tanto, seguindo os trilhos d'aquelles, a area dos antigos conhecimentos geographicos, e o haverem suscitado duvidas, cujo opportuno exame, provocado pelo exemplo e pela emulação, ao mesmo tempo que sobreexcita o ardor de possuir mais e melhor, move e quasi obriga a investigações, que, reiteradas com ousadia e intelligencia, hão de alcançar trazer-nos informação definida, e d'onde possa colher-se utilidade averiguada. Não mais se lhes póde conceder, porque não mais podem reclamar com justa causa.

Ninguem me tenha por temerario no que deixo prenotado, quer com respeito aos nossos antigos escriptores e viajantes, quer com respeito aos viajantes e escriptores estranhos; abona-se, como disse, nos factos o que assevero: e todavia, a fim de dissipar até sombras de duvida, consignarei n'este logar o que reflectem a ponto alguns observadores, cuja auctoridade não será, como creio, rejeitada facilmente. Omitto muitos outros, para não me tornar molesto, nem enfadoso.

«A quem, senão aos portuguezes (escreve Sebastião Xavier Bo-

telho¹) cumpria tratar miudamente de todas estas cousas que elles mesmos descobrirão, ganhárão e possuirão?... Mas foi grave o descuido. E que muito, se, dados exclusivamente ás gentilezas d'armas, os capitães só tratavão de praticar façanhas, e os historiadores de escrevê-las e enfeita-las?

«Descobridores da costa das duas Africas, e de todo o Brazil, dominadores de quasi todo o Malabar e ilhas adjacentes, foi tamanho nosso descuido, e he tão grande a mingoa de conhecimentos estatísticos, que não temos huma planta geographica de cada hum dos portos, e nem ao menos huma carta geral de cada capitania. Apenas o governador Pedro de Saldanha, que governou Moçambique em tempos que as cousas da Africa merecêrão alguma attenção ao governo de Portugal, mandou alevantar huma carta, que vi e examinei, conferindo-a com as noticias de pessoas versadas em todos aquelles logares, que por elles discursárão e mercadejárão. Foi alevantada por hum piloto só com os principios e regras de pilotagem, ajudado de huma agulha de marear, que destemperava a cada passo, como acontece nos grandes calores do sertão, sem que até agora se atinasse com a causa. Como faltassem os instrumentos proprios para formar os triangulos e medir os terrenos, muitos d'elles estão marcados fóra dos seus competentes logares. Taes são Manica, Xingamira, etc.

«Os escriptores estrangeiros são fieis copistas dos erros que andão em nossas historias, e quando começam de philosophar sobre nossas colonias, despenhão-se e desacertão...

«As historias dos naufragios, que melhor nos podiam prover de seguras noticias, andão cheias de erros, porque, nem foram escriptas por homens professos no officio de escrever, nem as cousas que nos contão forão recolhidas e joeiradas com animo livre e quieto, qual em taes casos convem, senão com elle attribulado e desfallecido, como naufragantes, que surgindo em terra depois de andarem muitos dias na lingua das ondas a Deus misericordia, pozêrão logo o peito aos perigos e trabalhos de suas tão duras periginações. Nem elles mesmos havião comsigo outros instrumentos de observar e medir, senão alguma agulha destemperada que nordesteava, e algum astrolabio descompassado que lhes mentia; se porventura acertavão de salvar qualquer d'es-

¹ *Memoria Estatística*, introd., pag. 7.

tas cousas do furor dos mares, e d'elles mesmos erão muitas vezes forçados a se desfazer, para se remirem da fome. D'aqui vem a escuridade da historia africana, e tantas fabulas consagradas de longo tempo por errados escriptos e falsas tradições...

«O cuidado com que a Sociedade Africana de Londres tem indagado e recolhido as mais recentes noticias, tem sido até agora pouco proveitoso, não correspondendo aos seus trabalhos e desejos...»

Até aqui Botelho.

«Perguntamos aos sabios estrangeiros (escreve o cardeal Saraiva¹) que nos lanção em rosto a nossa ignorancia, e a nossa incapacidade do seculo xv. perguntamos, digo, se elles, que desde o fim do seculo xvi começárão a apposar-se de nossas conquistas, e a despojar-nos do fructo dos nossos trabalhos, tem sido mais felices, e tem adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa interior?... Mr. Jomard² faz uma lista de quarenta e dous viajantes, que desde 1588 intentárão reconhecer os paizes da Africa interior, e reflecte que só hum pequeno (e bem pequeno) numero d'elles deixou de succumbir no meio da sua carreira, sendo victimas da empreza a que se havião arrojado.

«Concluiremos este assumpto com as palavras de hum escriptor não suspeito: «*Os portuguezes (diz Pinkerton) estabelecerão a oeste em Africa diversas feitorias... As relações dos missionarios augmentárão os conhecimentos da geographia africana, comtudo por um concurso de circumstancias particulares, estes conhecimentos tem sempre sido mui limitados, e o seu aperfeiçoamento tem até o presente experimentado obstaculos quasi insuperaveis.*»

«Estes obstaculos, estas difficuldades, que o escriptor chama, com rasão, *quasi insuperaveis*, tem por causas principaes a vasta extensão dos desertos de arêa; a altura das cadêas de montanhas; as guerras quasi continuas que fazem entre si as pequenas tribus africanas, mais animosas e mais ferozes que as da America, e menos faceis de se intimidarem á vista das armas europêas; a falta de mares interiores, ou de grandes rios navegaveis, que offereção facilidade de levar ao centro do paiz os beneficios da industria

¹ Memoria de D. fr. Francisco de S. Luiz, sobre as viagens dos portuguezes á India por terra e ao interior de Africa.

² Remarques et recherches géographiques sur le voyage de mr. Caillié, etc.

e do commercio, etc. De mais, os habitantes d'aquellas vastissimas regiões são extremamente supersticiosos, e tenacissimos de suas praticas religiosas; e nos logares aonde o mahometismo tem chegado, e se tem misturado com as grosseiras superstições do paiz, participão os miseraveis habitantes dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixão de mostrar por todos os modos o odio e extrema aversão que elles lhes tem inspirado aos europeos. Acresce ainda em geral, que os homens selvagens e barbaros de quasi todos os paizes do mundo mostrão constantemente huma quasi invencivel repugnancia a alterarem o seu modo de viver, e a adoptarem a nossa civilisação...

«Em verdade, que se não fossem tantas, tão fortes e tão invenciveis as causas da ignorancia, em que ainda laboramos a respeito das terras da Africa central, e das difficuldades que se tem encontrado na sua civilisação, parece natural que os estrangeiros, no espaço de dous seculos e meio, tivessem já supprido a incapacidade dos portuguezes, e dado grandes passos na obra da civilisação dos africanos. E comtudo ella se conserva quasi estacionaria, e tal (com pequenas differenças) qual a deixarão os portuguezes pelos fins do seculo XVI.»

Mr. L'Abbé Dinomè¹ observa que: «Não é de maravillar que o interior de Africa tenha ficado desconhecido, porque são muitos os obstaculos que se oppõem quasi insuperavelmente á curiosidade e ao zêlo scientifico; e taes são a insalubridade do clima, os costumes inhospitos de grande numero de tribus, a intolerancia e cego fanatismo dos sectarios de Mahomet, e a propria natureza do paiz, ácerca do qual se tinham dado e acreditado como certas, varias informações, que podiam convir a algumas partes, mas não a todas; e alem d'isto planos mal concebidos, ou fundados em razões de pouca monta, mas dos quaes as funestas experiencias demonstraram na applicação a falsidade, tambem concorreram a retardar os progressos da geographia de Africa.

«Homens distinctos por sua sagacidade e espirito de observação tentaram supprir, no silencio do gabinete, os conhecimentos positivos que nos faltavam com elucubrações eruditas e arduas in-

¹ Coup-d'œil rapide sur les informations obtenues au sujet de l'intérieur de l'Afrique septentrionale. *Nouvelles Annales des Voyages*, 1855, tom. 1, pag. 257.

vestigações, e apresentaram-nos, como fructo do seu trabalho, systemas, de que a sciencia teve de contentar-se; comtudo causou grande confusão a troca dos antigos nomes, e a mudança da situação de rios, reinos, etc. D'aqui nasceram erros graves, e de tanta maior consequencia, quanto é certo que esses mesmos erros serviram de base ás novas cartas; e por isso que nos acostumámos a considera-los como verdades, achando-os reproduzidos até em muitas obras elementares.

«Emfim, graças ás expedições Oudney e Richardson, o espesso véo que nos occultava o conhecimento das regiões da Africa interior torna-se de dia a dia mais transparente, e é permitido apreciar em parte o valor das indicações obtidas em diferentes épocas, provenientes de origens diversas.»

Em *Nota* accrescenta: «Foram arguidos fundadamente os antigos cartographos, exceptuando d'Anville, de terem feito figurar os diversos estados de Africa central de modo tão notavel, como estão representados nas cartas da Europa os estados que dividem entre si esta parte do globo, e de terem traçado os seus limites respectivos, quando a existencia de alguns d'elles era ainda problematica. E não poderá hoje mesmo erguer-se queixume contra abuso semelhante? Temos presente a bella carta que acaba de publicar M. A. Petermann. Admirando as immensas descobertas devidas ao zêlo e á intrepidez de Mrs. Richardson, Barth e Overweg; applaudindo o cuidado que tiveram de prover-se das informações mais particularisadas, que lhes foi possivel obter, com respeito aos territorios, que não poderam visitar; perguntamos, se poderam assegurar-se da extensão e limites d'aquelles estados ao ponto de se reputarem auctorizados a traça-los na carta quasi com precisão mathematica?»

«Estamos longe ainda (remata mr. Dinomé) de poder resolver grande numero de questões, que talvez se acrescentaram á medida que nos adiantarmos no campo dos descobrimentos, e portanto não é inutil recorrer á experiencia, a fim de usar de prudente circumspecção, de só admittir com a maior reserva, e de tirar vantagem judiciousa das communicações, que forem feitas ulteriormente aos nossos exploradores.»

Emfim nas instrucções dadas a mr. Brun-Rollet, viajante em Africa, se lê o seguinte¹:

¹ *Nouvelles Annales*, tom. III, pag. 165, 1855.

«Somos obrigados a confessar, para vergonha dos geographos mais afamados da Europa, que reina ainda a maior obscuridade na geographia de todos os paizes situados, desde as margens orientaes do lago Tchad até ás margens do Nilo Branco, etc.»

Assim pois a asseveração de que viera o dr. Livingstone revelar o que tantos ardião no desejo de conhecer, sobreexcitou, como en dizia, a attenção publica. E ficou ella porventura satisfeita? A resposta a esta pergunta, aliás tão simples e natural, é a origem do presente *Exame*. A expectação geral, de principio deslumbrada, começou a recobrar-se, e a reflexão tomando o logar que lhe compete, fez ver dentro em breve que não eram as cousas como alguns pertenderam affigura-las, e que se a justiça pedia o reconhecer que o missionario inglez tinha prestado valiosos serviços ás sciencias geographicas, e conseguido tornar o seu nome fallado, comtudo ficara muito áquem d'onde os seus panegyristas haviam querido fazer acreditar que na verdade tinha chegado. Foi esta a conclusão a que a leitura pausada e investigadora, obrigou pela maior parte os observadores circumspectos; porém aos portuguezes abriu-lhes campo a mais ponderosas considerações.

Com effeito, se a falta de harmonia e até de coherencia, que se nota não raro nas asserções do dr. Livingstone, se o leve fundamento de alguns dos seus juizos, se a incerteza em que laboram por vezes, se a injustiça de todo o ponto inaceitavel, que resulta d'elles inevitavelmente, e emfim, se as proposições aventuradas, a que fallece prova cabal, ou pelo menos sufficiente, foram motivos de sobejo serios para mover os observadores sisudos a sobreestar no unir suas vozes ao brado, que de toda a parte se erguera para entoar a esmo os louvores do celebre missionario, que a si se acclamava primeiro descobridor dos territorios no interior das regiões africanas; havia sobre aquelles para o leitor portuguez outros muito graves motivos, que lhe punham como dever impreterivel o ler, reflectir, e o estudar a obra de Livingstone com o mais escrupuloso cuidado. Não os deduzirei aqui longamente, porque pertencem ao proprio exame de que vou occupar-me; porém não deixarei de os indicar, por maior sequer, pois que são elles que justificam a resolução tomada.

Não ha leitor portuguez, ao qual, basta que meãmente instruido nas nossas cousas de Africa, as viagens do dr. Livingstone não deparem inexactidões sobre modo dignas de reparo e censura, já

em relação aos factos desde muito conhecidos, já debaixo das considerações a que nos obriga a logica, sempre inexoravel, a qual não consente que se admittam assertos, que possam mostrar-se em contradicção ou com os factos n'outro logar affirmados, ou com as consequencias, que legitimamente forem ou podem ser d'elles deduzidas. Taes inexactidões, ou antes verdadeiras contradicções, abundam, como ha de ser demonstrado, na relação das viagens do dr. Livingstone.

E note-se que de commum não é preciso recorrer ao testemunho de auctoridade estranha para tornar suspeita ou pelo menos pôr a do missionario inglez em muita duvida, sobra o confronta-lo a elle comsigo mesmo, para inferir que de si não estava seguro, e com temeridade affirmava o que escrevia. Quando para estranha auctoridade se interpõe recurso da auctoridade do dr. Livingstone, fica de todo o ponto manifesto carecerem absolutamente de fundamento as suas pretensões: sem duvida, ou porque se prova com factos irrecusaveis, que muito antes de que por elle fossem denunciados, como factos recentes e descobrimentos não sabidos, alguns dos factos e descobrimentos, d'onde mais exclusivamente presume tirar para si honra e gloria, já taes factos e descobrimentos eram factos conhecidos, ou porque se demonstra pelo raciocinio de modo incontrastavel, que, se acaso esses factos não constam por auctoridade escripta, que lhes seja pregão e testemunho, comtudo não podiam ter deixado de existir, nem por conseguinte era possivel que tivessem continuado por tanto tempo ignorados.

E desde logo predispõe contra a imparcialidade do dr. Livingstone a insoffrida ambição do laurel de descobridor, que nos revela em cada pagina, por não dizer em cada linha. Ainda, se porventura a si mesmo limitado, não pretendesse extrahir da gloria por que ancêa impaciente, desdouro e affronta para quem só de razão áquella tem direito, bom barato eu lhe fizera do seu reclamar injusto: porém não é assim; porque, para só a si ataviar-se, é forçado a pôr mão usurpadora, e quasi diria sacrilega, nas palmas, a tanto custo ganhas pelos portuguezes, cuja fronte cingem com applauso nunca até hoje disputado.

A haver de acreditar-se no que repetidas vezes Livingstone não só insinúa, senão affirma com maravilhoso desassombro, foi elle, no interior de uma e outra Africa, o primeiro branco visto e co-

hecido! É sem duvida pasmosa a asserção, mas tambem é certo que, sem aguardar que o convençam de pouco escrupuloso no dar por seguro o que não é possível ser mantido, a si se contradiz de modo quasi diria deploravel, e nos suggere nos factos, que não pôde omittir, antes confessa e menciona, argumentos sobejos com que seja levada á evidencia a sua inexactidão indesculpavel. Entretanto a asserção de continuo inculcada, acha echo, vai sendo á sorte repetida por grande numero de leitores de pouco escrupulo, e para com estes e para com os que se contentam das sós informações d'estes havidas, passa por fóra de duvida que de todo o ponto eram ignoradas dos portuguezes, anteriormente ao dr. Livingstone, as gentes e os territorios, que demoram pouco alem das extremas que os separam do dominio ou influxo do governo de Portugal. O erro é grande, é enorme; o absurdo é descompassado: porém parece que trabalhou o dr. Livingstone para que, fosse de que modo fosse, houvesse de chegar a ser admittido, cessando de rejeitar-se por impossivel, e entrando nas condições de acreditavel. Não tenho para mim que possa julgar-se de louvor para o missionario inglez este procedimento mesquinho, o qual não faltará quem taxe, e porventura não sem côr de boa rasão, de pouco decoroso.

Comtudo se tenho de ser julgado pouco severo na censura, que sem duvida merecidamente acabo de fazer ao dr. Livingstone, conto com que ninguem lavre contra mim sentença em termos de igual austeridade pela apreciação a fazer do teor porque se houve o celebre missionario para com os portuguezes sempre que se lhe proporcionou oportunidade de os malquistar com os indigenas africanos. Prezo-me de escrupulosamente imparcial, e fujo por isso de toda a sorte de exaggeração; o louvor não o acanho, se merecido; não exacerbo, alem do que o pede razoavel prudencia, increpações fundadas; mas tão pouco deixo de condemnar, e punir com rigidez, o que se torna digno, por injusto, de ser com dureza arguido e reprovado.

O dr. Livingstone acha por vezes pouco expressivos, e sobremaneira abaixo do que lhe requer a gratidão, os termos que lhe depara a lingua patria para declarar o muito que se confessa obrigado á hospitalidade portugueza. São muitos os cavalheiros, a quem individualmente, n'uma e n'outra Africa, affirma ser devedor das maiores attentões e finezas, e cujos brios e generosidade

engrandece e exalta. Também, com quanto mais de leve, e como que menos expansivamente as auctoridades superiores das nossas possessões africanas, o governo da metropole¹, e até o proprio tão chorado e sempre saudoso monarcha o Senhor D. Pedro V², hão parte nas effusões da gratidão mais entusiastica. E sobejó motivo de certo havia para esse tão grande enthusiasmo, porque o governo portuguez não foi só generoso, senão prodigo na protecção, favor e ajuda, que mandou prestar por todos os modos ao dr. Livingstone, a fim de facilitar-lhe o superar os obstaculos com que tinha a lutar, e para que se tornasse, quanto mais largamente fosse possivel, vantajosa ao mundo scientifico, ao mundo commercial e sem nenhuma excepção á humanidade, a ardua empresa a que mettêra os hombros aventureiros. Tenho para mim que podia asseverar sem hesitação que nenhum outro governo se haveria com franqueza e generosidade igual á com que se houve o governo portuguez. Não declamo, e como pareceria acaso menos proprio adduzir aqui as provas do que digo, lanço em nota³, que sem duvida consultarão os leitores curiosos, varios documentos irrecusaveis, que de todo o ponto o auctorisam e justificam.

Na verdade a gratidão do dr. Livingstone, e o seu reconhecimento ao favor e auxilio do governo portuguez, dos seus representantes e agentes, e dos seus subditos, parece ter-se evaporado nas protestações escriptas e falladas, porque de feito a nada mais parece havê-lo obrigado. Pelo contrario o missionario inglez, de maneira muito opposta ao que requeria d'elle a missão respeitavel, exclusivamente de mansidão e paz, com que se caracterisava, não deixa perder nenhuma oportunidade de amesquinhar o credito e gloria portugueza, arguindo-nos de nada havermos feito, de não termos tomado conhecimento do interior das terras africanas, de só tarde e muito tarde, nos havermos afastado dos nossos antigos limites, e ainda assim seguindo os trilhos que nos elle fizera!

E vai mais longe, porque não contente de abalançar-se a contestar-nos o que passara de longos tempos como incontestado, aproveita-se com sofreguidão de quaesquer ensejos, opportunos

¹ *Mission. Travels*, cap. xx, pag. 395 e 396.

² *Ibid.*, cap. xxxii, pag. 673.

³ Veja-se a *Nota 1.* no fim do vol.

ou não, para excitar contra os portuguezes as suspeitas, os receios e as malquerenças dos indigenas, pintando-lhes aquelles como inimigos seus e seus implacaveis perseguidores, e inculcando-lhes ao mesmo passo o nome da nação ingleza, como devendo para elles significar confiança e protecção. E a tal extremo o leva a cegueira, filha do sentimento diametralmente opposto ao da gratidão, aliás por elle tão apregoada, que não hesita em pôr a descoberto as carnes do seu mesmo peito, e fazer notar a alvura da tez e a côr mais clara dos cabellos, forçando os cafres a advertir que nem por uma nem por outra podem inglezes confundir-se com portuguezes, e que devem servir portanto a bem distingui-los e extrema-los, pois que designam os inglezes favor e amisade, enquanto que personificam os portuguezes a oppressão da raça negra.

Este procedimento do dr. Livingstone, com quanto digno da maior estranheza, está de alguma sorte em harmonia com o por elle havido com respeito ás noticias alcançadas mediante a informação, que obtivera por via das antigas obras, e dos posteriores escriptos dos auctores e viajantes portuguezes, dos quaes não era possivel que não tivesse conhecimento. Certo o não é, porque não o é que se não apparelhasse de longa mão com as instrucções e esclarecimentos necessarios, antes de ousar tão arduo commettimento. Nem estavam aquellas informações tão sequestradas da publica noticia, que não se houvessem feito conhecidas pela imprensa, ou não se tivessem a tal ponto divulgado, que deixassem de estar ao alcance dos homens, que por algum motivo interessavam em não as ignorar. Entretanto o dr. Livingstone sem nunca fazer referencia expressa aos nossos antigos escriptores ou viajantes, só uma ou outra vez menciona dos modernos o dr. Lacerda¹ e Manuel Caetano Pereira², declarando todavia com inexatidão notavel que os papeis do dr. Lacerda se extraviaram e per-

¹ Francisco José de Lacerda e Almeida, doutor em mathematica e governador dos Rios de Sena, que em 1798 fez viagem pelo interior de Africa, de Tete a Lunda, capital do Cazembe, onde morreu. Terei de fallar d'este varão illustre em logar opportuno, e portanto nada mais d'elle agora direi. O *Diario* do dr. Lacerda foi publicado nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, iv serie (1844).

² Oriundo de Goa e morador dos Rios de Sena. Viajara largamente pelo interior de Africa, e fôra um dos informadores do dr. Lacerda.

deram¹. Nada nos diz do *Diario* do padre Pinto²; não allude sequer á expedição commandada pelos majores Monteiro e Gamitto³, e de entre o grande numero de portuguezes, que nos ultimos tempos visitaram o interior da Africa, mais desviadamente nos nossos limites, nomêa unicamente Joaquim Rodrigues Graça⁴, omittindo todos os demais. E comtudo a cada passo nos offerece a obra de Livingstone os mais vehementes indicios de ser affectado o seu silencio, de que tivera sobeja noticia d'aquelles escriptos em geral, e porventura com maior particularidade dos de que podia tirar informações de algum momento, de que lhe foram elles com frequencia luz e guia, e de que o seu desdem supercilioso deve ser traduzido no facto contrario ao que pretende que seja acreditado. Não pôde ser de outra sorte, se não quizermos fazer grave injuria ao mesmo dr. Livingstone, suppondo que não se preparara devidamente, sendo aliás certo que pela primeira vez sahio de Kolobeng para o interior africano em julho de 1849⁵, emquanto que o *Diario* do dr. Lacerda fôra publicado pela imprensa em 1844. N'uma palavra Livingstone, assim como soube tirar vantagem do favor e auxilio portuguez, para conseguir levar a cabo a empreza que intentara, assim tambem soube tira-la das acclarações que lhe subministraram os escriptos portuguezes, com a só differença de se confessar áquelles devedor e como tal agradecido,

¹ *Unfortunately he (dr. Lacerda) was cut off while there, and his papers... were lost to the world.* Chap. xxix, pag. 587.

² O padre Francisco João Pinto, capellão da expedição do dr. Lacerda, da qual, por morte d'este, foi commandante na volta da mesma expedição do Cazembe a Tete em 1798 e 1799. O *Diario* do padre Pinto acha-se publicado nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, v serie (1845).

³ A viagem dos majores Monteiro e Gamitto teve logar em 1831 e 1832. O muito curioso *Diario* d'esta viagem foi publicado debaixo do titulo *O Muata Cazembe*, pelo major Gamitto em 1851. porém era já antes muito conhecido. O major Gamitto falleceu em Setubal n'este corrente anno de 1866, e ouvi que deixara alguns manuscritos de preço, relativos ás cousas da nossa Africa Oriental, mas apesar de boa diligencia não pude haver noticia d'elles.

⁴ Joaquim Rodrigues Graça, commissionado pelo governador geral de Angola, J. X. Bressane Leite, para explorar os territorios por onde transitasse na *Viagem feita de Loanda com destino ás cabeceras do Rio Sena, pelo interior do continente.* O *Diario* está publicado nos n.ºs 9, 10 e 11 dos *Annaes do Conselho Ultramarino* de 1855.

⁵ Chap. xxii, pag. 436.

embora desdigam da confissão as obras, e não se mostrar d'estes lembrado nem sequer para recordação do mais leve reconhecimento. Estou em que não depararia, nem ao mesmo dr. Gall, o craneo do dr. Livingstone, como bossa predominante, a da gratidão effectiva.

É isto para lastimar, porque não pôde pôr-se em duvida o merecimento não vulgar do dr. Livingstone. Dotado de compleição robusta, e alentado pelo ardente desejo de ganhar nome e gloria, e não menos porventura de prestar serviço á religião que professa, de ser util á sociedade, e de alargar os horisontes das sciencias geographicas, para o que se dispozera, como nos informa, do modo que julgou conveniente, o dr. Livingstone estava em condições proprias de emprehender, com probabilidade de resultado satisfactorio, a difficil e arriscada empreza a que de sua vontade se obrigara. Entretanto os obstaculos a vencer, os perigos a que teve de aventurar-se, as fadigas, as enfermidades, as contradicções tão varias e tão multiplicadas com que lhe foi preciso lutar, tornavam indispensavel que o seu ardimento, coragem e perseverança, estivessem muito acima do commum, para que não succumbisse, e não succumbio o dr. Livingstone. O successo coroou a confiança, o arrojo, e se posso dize-lo assim, a pertinacia, e Livingstone realisou a intentada viagem através do continente africano.

É sem duvida de grande louvor para Livingstone o que fez, embora tenhamos de reconhecer que praticamente os resultados não corresponderam nem á geral expectação, nem ao que presumira o mesmo Livingstone. As cousas quasi que ficaram no estado em que se achavam, e assim continuarão emquanto novos investigadores não vierem repetir as observações feitas, e rectificar as indicações dadas. O dr. Livingstone assim tambem já o presuppoz, e assim o declarou indispensavel. Se o celebre missionario inglez tiver imitadores, que não duvidem arcar com as trabalhosas e ousadas fadigas, a que têm de arriscar-se, então porventura avultará condignamente o valioso serviço por elle prestado á sciencia e á sociedade, porque terá facilitado essas novas tentativas, e o desvanecerem-se incertezas que perduram, e que talvez por causa d'elle mesmo, máo grado seu, se acrescentaram.

Não são estas incertezas de leve momento, nem podem ser arguidos de menos circumspectos os que não duvidam julga-las gra-

ves, por quanto no demarcar as latitudes, o dr. Livingstone, que parece ter querido lançar certo desfavor na rigorosa exactidão das observações e calculos do dr. Lacerda, não pôde influir no leitor sisudo e precatado a necessaria confiança, para ter como incontestaveis as observações por elle feitas e em que se abona, por ser elle mesmo o primeiro que nos suscitou duvidas ácerca de muitas. Effectivamente Livingstone insinua com sobrada clareza que, por falta de saude umas vezes, outras em consequencia do estado athmospherico, e algumas por occorrencias inevitaveis, as suas observações nem a elle o contentavam. N'estas circumstancias vio-se obrigado a supprir com as informações dos indigenas, o que por si pessoalmente não podia averiguar; porém nas informações d'estes, segundo o testemunho uniforme de todos os viajantes, sem exceptuar o do mesmo Livingstone, pouca fé pôde ser posta.

Continúa pois muito imperfeito o conhecimento do interior das regiões africanas, e não só fallando na maior generalidade, senão com referencia tambem aos territorios transitados pelo dr. Livingstone. Deu-nos de alguns, é certo, o missionario inglez noticias particularisadas, mas de poucos; e demais, nem sempre as que deu versam ácerca do que mais se tornava necessario, em relação aos aperfeiçoamentos sociaes, embora não ficassem totalmente de parte os da sciencia, e talvez os da religião, como a entende o dr. Livingstone.

Não dependeu porventura da vontade do illustre missionario o não ser o resultado das suas viagens e pesquisas de tanta utilidade pratica e proveito real, como sem duvida desejava e tinha a peito; mas concorreram para isso de modo inevitavel causas de differentes naturezas, ás quaes de todo o ponto elle era estranho. Já deixei algumas apontadas e de séria consequencia, pois é de inteira certeza que o diminuto numero e a pouca segurança de muitas das observações astronomicas feitas por Livingstone, lhe tolheram estabelecer series de marcos geographicos, por onde, tomados como balisas invariaveis por futuros viajantes, a estes se facilitasse o ampliarem as anteriores investigações, e ou corrigirem ou ratificarem o que Livingstone nos propoz como incerto e menos averiguado, ou nos assegurou como absolutamente fóra de duvida. São tantas as circumstancias occasionaes, que podem actuar nas disposições do observador, por muito que previsto, e nas condi-

ções do acto de que tem a desempenhar-se, que se torna sempre indispensavel que venham novos factos confirmar os que só têm para abonar-se a primeira affirmação; e a experiencia nos ensina que muito rara vez deixam de ter logar rectificações, que se n'uma ou n'outra hypothese são de leve monta, em algumas se tornam de muito grave momento.

Notei já como não pôde pôr-se confiança nas informações dos indigenas, e no decurso d'este *Exame* se verá que tão pouco pôde ser dada ao que relatam e affiançam os commerciantes, aliás em geral conhecedores, por longos tractos, das terras interiores e do sertão. Como as d'aquelles, ceavam-se de commum as idéas d'estes de alimento muito outro do de que se nutrem as do homem que viaja só por amor da religião, ou da sciencia e da humanidade; e ou porque não deram attenção bastante aos objectos ácerca dos quaes são interrogados, por não lh'o requerer o seu teor de viver e obrar, nem lh'o consentir o trafego laborioso em que labutam, ou talvez porque não chegam a bem comprehender o alcance do que se lhes pede que seja por elles posto em claro, attesta não desmentida experiencia que, por de menos ou por de mais, são na maxima parte pouco exactas as informações, que todavia nunca recusam, antes presumptuosos asseveram e alardeam.

Sobre estas causas de erros, acaso impossiveis de evitar, não devo omitir duas outras, que sendo ao parecer de menos importancia, exercem todavia com largueza seu influxo malefico, e obstatam em muitas hypotheses de modo lastimavel a que possa apurar-se a verdade, ou pelo menos a empecem por muito tempo, e quasi que muito ao natural, fallo da falta de monumentos, e da multiplicidade de nomes diversos para designar os mesmos objectos, lagos, rios, serras, etc., etc.

O que tanto abunda, e quasi se vai tornando sobejo, mórmente no seculo actual entre os europeos, fallece de todo o ponto entre os africanos, e d'ahi provém não raras nem leves difficuldades. Não ha entre elles, como tenho advertido e tambem lamenta o dr. Livingstone¹, nenhuma sorte de monumentos para conservar e transmittir a recordação de acontecimentos memoraveis, ou a noticia do que de muitos modos podia ser de utilidade para elles, e sem duvida havia de ser de grande vantagem para os estrangei-

¹ *Missionary Travels*, chap. xii, pag. 213 e 214.

ros. E não só não se encontram entre os povos de Africa nenhuns monumentos, exceptuando sómente alguns *marxamos* ou sepulturas dos chefes, senão que tão pouco existem tradições, que possam subministrar esclarecimentos e dar luz, que sirva a encaminhar as investigações indispensaveis com respeito á religião, á historia, ao estado politico, e aos usos e costumes por onde se caracterisam e extremam os diferentes povos. Se de acaso em alguma parte apparece excepção rarissima, essa tradição é antes noticia tão confusa e a tal ponto vaga, que só por maravilha póde tirar-se d'ella indicios de prestança e uso. A carencia d'estes meios de informação, permanente e não caprichosa, auctorisa de algum modo as fabulas, mais ou menos absurdas, com que folgam de illudir ou lisonjear a curiosidade d'aquelles, de quem só querem haver o proveito que por via d'ellas possam obter, não lhes sendo de minimo escrupulo ou cuidado o afirmar como factos por elles presenciados ou remotamente succedidos, o que só na sua imaginação chegou porventura a ter alguma realidade. E qual o meio de convence-los de mentirosos e embusteiros? Faltam as tradições, faltam os monumentos, falta n'uma palavra o que podia servir efficazmente a desmascara-los, e a pôr em evidencia a sua falsidade e impostura. Elles, cuja ignorancia não é tão desacompanhada de malicia que lhes estorve este facil conhecimento, usam e abusam sem recato nem mesquinhez da situação, que lhes consente dizer o que não é, e fingir o que lhes apraz, de encarecer para temer, e de dissimular para lisonja; sendo certo que, se em geral se contentam de mostrar-se ameaçadores e ostentosos, preferem entretanto ser condescendentes, e haver-se ao sabor dos que os interrogam e tratam: a malicia compensa-lhes a ignorancia. O character dominante de toda aquella immensa e tão varia cafraria é a cubiça, e, para satisfaze-la, a tudo se aventuram e para tudo se fazem prestes.

A multiplicidade dos nomes para designar os mesmos rios, lagos, serras, e até ás vezes os mesmos territorios, é com frequencia origem de equivocções e erros deploraveis. Já de antigos tempos com tal motivo se alevantaram fundados queixumes, e póde dizer-se que não ha escriptor ou viajante, que ainda hoje os não renove. É de certo facil de comprehender o transtorno que tem de provir d'esta causa talvez havida como de pouca monta, pois que, faltando cuidadosa attenção, torna-se facil o crer que

nomes tão differentes designam differentes objectos, quando não indicam senão um sómente. Para maior clareza citarei um exemplo, do qual se lembra o mesmo dr. Livingstone¹. O rio Liambai ou Leeambye toma differentes nomes em differentes pontos do seu curso, e por isso tambem se chama *Luanbeje*, *Luambése*, *Ambése*, *Ojeinbése*, *Zambése*, etc. Deve tambem notar-se que esta diversidade de nomes não se deriva sómente dos differentes territorios, mas tambem é devida algumas vezes á varia pronunciação dos differentes dialectos das terras ou regiões que as serras atravessam, ou por onde os rios correm. O dr. Livingstone declara que tinha dado a este rio o nome de *Sesheke* por passar proximo d'esta cidade, e não ter podido então verificar que era o Zambése. O que succede com este rio, succede da mesma sorte com outros muitos, e com alguns lagos e serras, e portanto é obvio que pôde ser causa de erros lastimosos a equivocação, que, por ignorancia ou descuido, haja de trazer d'aqui origem¹.

E todavia se o queixume é tão natural como facil, não é da mesma sorte facil o remedio, porque são poucos os queixosos que de si não acrescentam os motivos de queixar-nos. Em verdade a differença no modo de pronunciar os mesmos nomes, differença principalmente originada na diversidade dos dialectos, faz com que sejam taes nomes variamente entendidos pelos diversos viajantes, que, por esta rasão, quando os escrevem, os orthographam de modo diverso; e assim elles proprios para outros se tornam occasião de novos erros, se deixam de fazer, como não é raro, advertencia opportuna. O mesmo dr. Livingstone é n'este ponto arguido, e porventura não sem rasão, pois que por vezes fallando de um certo e determinado rio ou lago, o designa ora por um nome ora por outro d'aquelle muito alheio, e quasi sem os orthographar dif-

¹ Chap. xi, pag. 208.

¹ Mr. L'Abbé Dinomé, inteiramente conforme com esta observação, adverte que se deve notar que muitos erros, duvidas e lastimosa confusão na hydrographia de Africa procedem do emprego de um termo generico, applicado indistinctamente a qualquer volume de agua, *mar*, *lago* ou *rio*, como a palavra *bahr*. Ha outra a palavra *kong*, que na lingua mandinga significa *montanha*. Parece estar assentado em dar-se esta denominação a uma cadêa de elevações que segue parallelamente ao equador, comtudo é tambem este o nome de uma cidade e de um reino. *Coup-d'œil rapide sur les informations etc. de l'Afrique. Nouvelles Annales des Voyages*, 1855, tom. 1, pag. 260 e 261.

ferentemente do que devia requerer a costumada pronunciação; e por tal fórma se exprime que parece discursar ácerca de lago ou rio muito outro do de que trata na realidade. Sei que pôde o illustre missionario justificar-se até certo ponto, porque dirá que adoptou a pronunciação do dialecto em uso entre os povos, onde acaso se detivera quando tomara as notas de que no momento se servia. Não serei eu quem negue que n'este caso pôde ser o dr. Livingstone alliviado em parte da censura feita, e aliás fundada. Nem tão pouco negarei que muito convém que todas as differentes pronunciações sejam com diligencia registadas por escriptores e viajantes; porém cumpria ao dr. Livingstone, e cumpre a todos os viajantes e escriptores o indispensavel observação de que, se parecem ou são denominações differentes, não significam todavia senão o mesmo objecto.

Mas é já tempo de fallar do modo por que procurei desempenhar-me do encargo que sobre mim tomei de rectificar algumas inexactidões do dr. Livingstone; de esclarecer, dando-lhes mais luz, alguns logares das suas muito curiosas viagens; de demonstrar a semrasão com que o celebre missionario pertendeu arrogar para si exclusivamente a gloria de descobrimentos, que de antemão ou estavam feitos e não eram ignorados, ou que, se por sorte não haviam sido fallados, não podiam comtudo jazer desconhecidos; de fazer manifesto que são de todo o ponto mal cabidas as accusações, que Livingstone dirige aos portuguezes de grande e culpavel desleixo na investigação do interior das terras africanas, e no diligenciarem abrir communicações parciaes, ou chegar através do continente da costa occidental em direitura á contracosta, estabelecendo entre uma e outra a desejada correspondencia; e em uma palavra, que os intuitos do dr. Livingstone, mais accommodados á solercia astuciosa de um agente commercial e politico do que ao decoro e gravidade do annunciador da palavra evangelica, se na opinião de alguém podem ser de credito para a sua capacidade intellectual e diplomatica, não são de nenhuma sorte de louvor para as qualidades moraes, a rectidão e a justiça, que tinhamos direito a esperar que sempre levassem a melhor em tudo que diz respeito á nação portugueza.

Não foi para mim cousa facil, embora competisse com o desejo a diligencia, formar systema conforme ao qual, evitando repetições fastidiosas, não deixasse todavia de tomar na devida conta, sem

nenhum omittir, os pontos capitaes, que fazem com relação aos portuguezes objecto principal da não abreviada narração do laborioso viajante inglez. O dr. Livingstone escreve sem nexos, e não se pôde dizer que tem estylo qualificado: nem admira, porque, e elle mesmo o confessa, tornando-se-lhe em honra esta franqueza, que não pensara nunca em ser auctor, nem encaminhara em tempo algum n'esse presupposto os seus estudos. Assim pois na coordenação dos apontamentos de que teve de servir-se, parece ter obedecido antes ao desejo de prevenir a impaciencia dos leitores, para lhes captivar a imaginação, do que aos sisudos dictames da logica, porventura fria e severa, mas que só pôde satisfazer a curiosidade esclarecida dos homens reflectidos. O dr. Livingstone mantém na sua narração a ordem natural e chronologica das repetidas tentativas de investigação que fizera ao sul das terras africanas, da sua residencia no interior, e bem assim da viagem que seguiu do Cabo da Boa Esperança a Loanda na costa occidental, e d'alli através do continente, acompanhando, quanto lhe foi possível, o Zambêse até á costa oriental; porém por occasião de uns factos recorda-se de outros, que talvez no momento mais proprio de os mencionar, passara em total silencio, ou ácerca dos quaes se explicara n'outra parte menos particularisadamente, e largando-os de subito volta a prender o fio do discurso que vinha continuando, para tornar de novo a rompê-los, fazendo digressões, que, se não podem dizer-se disparatadas, com tudo perturbam a attenção, de sorte que, não raras vezes, fica sobremaneira arduo formar cabal conceito dos factos e das observações tendentes a esclarecê-los, sem que mais attenta leitura tenha sido renovada. É consequencia necessaria d'este teor de narrar o terem de ser lembrados ou reproduzidos mais de uma vez os mesmos factos, e como a esta imperfeição, filha sem duvida de mero descuido, acresce no dr. Livingstone o proposito, como obviamente se reconhece, de por este meio inculcar certas asserções, que de modo especial tem a peito hajam de lhe ser acceitas, resulta para o commum dos leitores maior ou menor enfado, segundo a intenção particular ou occasional disposição de cada um; mas para quem ha de examinar, a fim de os ter na devida conta, os factos e as observações do auctor, nasce a necessidade inevitavel de repetir-se, e acaso a ponto de cahir em desagradavel repiso.

Procurei salvar-me do penoso embaraço em que me põe d'esta

arte o dr. Livingstone, examinando sobre si algumas das asserções, mais ou menos aventuradas do celebre missionario, e deixando de tornar a considera-las, embora as venha a encontrar ainda por vezes repetidas. Tenho que não ha mais a requerer de mim, porque quando variam as circumstancias, que dão opportunidade ao dr. Livingstone de reiterar as affirmações ambiciosas, já repellidas depois de seriamente examinadas, não consinto que passem despercebidas, a fim de que não vingue conseguir o ardid, o que não pôde vencer a temeridade. Sujeito-me de bom grado á censura litteraria que d'ahi possa provir-me, para não ter de me arrepender de deixar, ou parecer que deixo, indefesa a causa da rasão e da justiça. Entretanto diligenciei evitar as repetições de toda a sorte, sempre que, sem correr aquelle risco, me foi possível. Ha sido este o motivo principal de eu não acompanhar de dia a dia, e de pouso em pouso por todo o decurso das suas viagens o dr. Livingstone. Se o fizesse, quem haveria de estomago tão robusto que pudesse digerir sem empacho o fastiento repiso a que teria de me ver sem cessar forçado? E não podia ser de outro modo, porque não tendo eu a occupar-me no exame da obra do illustre missionario senão do em que, mais ou menos directamente, vai interessado o credito e a gloria do nome portuguez, e achando-me posto n'esta estreiteza, mal poderia substituir o assumpto, e tenho quasi por impossivel o achar dentro em pouco nova maneira de diversificar a fórma.

É por esta rasão que de grado me aproveitei do ensejo que porventura o acaso me deparou de confirmar, aclarando-as, algumas noticias dadas por Livingstone como de cousas totalmente ignoradas, ou pelo menos pouco ou mal conhecidas, e das quaes todavia os nossos escriptores desde muito nos haviam informado. Matizando com ellas a espaços os quadros que tracei, tive de cambiar as tintas, procurando d'esta arte facilitar ao leitor com a variedade da materia e do estylo, appetecida occasião de proteger-se contra a desagradavel monotonia do repisar insipido, a que de outra sorte se veria dura e longamente condemnado. São raros esses oasis, mas, entre os ardores do deserto, é doce refrigerio encontrar pouso ameno, cuja brandura e frescor nos consinta por instantes respirar foladamente.

E comtudo nada ou quasi nada direi dos usos, dos costumes, da religião e de grande numero de praticas, mais ou menos su-

persticiosas dos infinitos povos d'aquella vastissima cafraria ; e não me detive com este assumpto, porque para o leitor portuguez fôra mera inutilidade. Certo, não um só, senão muitos dos nossos escriptores trataram d'estes objectos, dignos sem duvida de particular attenção, com tanta amplitude e curiosidade, que não deixaram nada a desejar : longe está Livingstone de levar-lhes vantagem, pois se parece alguma hora que lhes vai a par e os copia, lh'a dá em geral por inexacto e diminuto. Uma ou outra vez me fiz cargo de algumas d'essas praticas mais para notadas, e dando conhecimento da noticia do viajante inglez, o dei ao mesmo tempo do que tinham já visto e contado os nossos viajantes, e assentei haver-me d'este modo para pôr na necessaria evidencia que, nem ainda em cousas de menos monta, são para os portuguezes casos novos e estranhos os de que pareceu querer o dr. Livingstone fazer estranheza e novidade.

Entretanto tratei de prevenir-me contra o prurido muito commum de alardear erudição presumptuosa, e aliás não difficil de ser obtida ; e por isso não amontoei as citações quando tive de contestar com a auctoridade de antigos e respeitados escriptores à auctoridade do dr. Livingstone, que de certo não é para deixar de ter-se em conta. Torna-se desnecessario dizer mais, sempre que foi dito o que é bastante.

E comtudo usei ainda outra cautela. Receoso de que a transcripção de logares algum tanto extensos, mórmente quando não indispensavelmente precisa para fundamentar o facto disputado ou servir de base ao argumento estabelecido, a lancei em *Notas*, que vão à parte, e encontrará o leitor no fim do volume. Por este meio não privei o leitor dos esclarecimentos, de que porventura folgará de recordar-se, e talvez não poderia facilmente haver á mão, e consegui tambem outro resultado, que julgo não desmerecer de ter-se em conta, e é o evitar interromper a attenção do leitor estudioso, como com certeza havia de acontecer se chamasse ao texto esses largos excerpts, ou os consignasse em baixo na mesma pagina. Vão, é verdade, na mesma pagina algumas *Notas*, mas poucas, breves e indispensaveis: as demais são meras remissões aos auctores ou logares das obras que citei ou a que fiz allusão, ou é a indicação da *Nota*, que póde ser consultada, e, segundo a numeração, ha de achar-se no logar alli designado. N'estas *Notas* algumas ha em que se contém documentos importantes, e que se

tornam por isso dignos da particular attenção dos leitores. Nas outras achar-se-hão esclarecimentos, que porventura não serão lidos sem prazer e sem utilidade; pois que se podem alguns d'elles talvez qualificar-se como de mera curiosidade, esta mesma a não reputo esteril, pois que serve para confirmar e esclarecer factos, que têm significação e valia debaixo de differentes considerações: a utilidade dos demais não fica para ninguem cousa duvidosa, não o sendo que a explanação dos factos controvertidos, e a ratificação das inferencias d'elles derivadas, são meios infalliveis de chegar com segurança ao conhecimento da verdade.

Vem aqui a ponto uma declaração, que peço me seja acceita com a benevolencia, a que julgo dar-me direito a franqueza e lealdade que a dictaram, e é que, no *Exame das viagens do dr. Livingstone*, nunca faltei scientemente ao que devia á verdade. Não me moveu despeito ou menos boa affeição contra estranhos, nem me fez violencia desasizado amor da minha terra e da minha gente. Posso ter dado todavia azo a queixumes, que repute alguém não infundados. Não duvido, mas, se tiver sido assim, errou o entendimento, não peccou a vontade. Entretanto mettam os queixosos a mão na consciencia, a minha a mim não me argúe, antes me assegura de que fui tão imparcial quanto me cumpria.

Falta-me acrescentar algumas palavras ácerca dos mappas de que sahe este *Exame* acompanhado, e podéra porventura dizer enriquecido.

Não quiz apresentar um novo mappa, isto é, um mappa ainda não conhecido, porque me pareceu que não sendo absolutamente necessario, não mereceria acaso para uns bastante confiança por menos auctorizado, enquanto que para outros podia tornar-se origem de perturbação e desvio. Resolvi portanto acompanhar o meu *Exame* do mappa de Arrowsmith (1857) que marca distinctamente os caminhos seguidos pelo dr. Livingstone através de Africa, e bem assim do mappa da Zambésia e Sofalla, coordenado pelo sr. Visconde (Marquez) de Sá da Bandeira, e por s. ex.^a agora revisto e rectificado. Comtudo não me limitei á publicação d'estes dois mappas sómente, porque ficariam com elles em meia luz os meus leitores, nem lhes estaria á mão o tirarem as conclusões de maior momento, que desejo pôr-lhes patentes e aos olhos. Dou por este motivo o *Mappa-mundi* de Henrique Martelli (1489) extrahido de um manuscripto do Museu Britannico por diligencia do

fallecido Visconde de Santarem, e os dois de Diogo Homem (1558), e o de Antonio Sanches (1623), publicados pelo sr. Conde de Lavradio, a cuja obsequiosa benevolencia os devo; assim como lhe devo tambem outra copia do *Mappa-mundi* de Martelli, a qual preferi para ser reproduzida, por isso que vem de fonte mais averiguada do que a que precedentemente publicara o sr. Visconde de Santarem.

Haverá agora, alem d'estes, publicidade um mappa inedito, levantado por mr. Smith, que perigrinou grande parte da Zambésia, e por algum tempo se demorou na companhia do bispo Mackensie. Tenho que por mais de um motivo convirá entrar em algumas ultteriores explicações a este respeito. Serei breve.

Mr. Smith fôra enviado, como parece, por uma das associações religiosas da Escocia, a fim de investigar por si proprio os differentes sitios do valle do Zambése e do Chire, descriptos pelo dr. Livingstone. Ao sensato discernimento e cuidadosa diligencia de mr. Smith havia sido posto de modo muito especial o tomar na maior consideração quaes commodidades e quaes obstaculos favoreciam ou contrariavam o estabelecimento das missões religiosas, tanto com respeito á existente no alto Chire (Magomero), como ás que de futuro houvessem de ser fundadas. Da mesma sorte queria a associação que mr. Smith, formando juizo seguro da fertilidade do solo, das suas variadas producções e riqueza, bem como da população, e das qualidades physicas e moraes, que lhe são characteristics, de tudo informasse com sisuda circumspecção. Em fim cumpria a mr. Smith esclarecer a associação com a sua opinião individual, formada com verdadeiro conhecimento das cousas, no tocante a certos factos, e ás explicações, que tinham dado d'elles tão discordemente o dr. Livingstone e o bispo Mackensie, e alguns outros membros da propria expedição Livingstone.

Mr. Smith, homem prudente, grave e esclarecido, satisfiz com escrupulo ao que lhe fôra incumbido, e do que pôde deprehen-der-se pelo modo por que se explicava em Moçambique, parecia não estar conforme com o dr. Livingstone em muitos dos assumptos contestados. Mr. Smith não approvava as exagerações do dr. Livingstone. Segundo mr. Smith o dr. Livingstone deixava-se arrastar com demasiada facilidade de movimentos apaixonados, que lhe pervertiam o entender e o julgar, sendo que não era a excepção e a equidade os caracteres que o distinguiam. Mr. Smith

declarou que tencionava publicar pela imprensa a narração da sua viagem, e da conta que dera da commissão de que fôra encarregado; porém não occultava certo receio de apresentar-se, elle, homem pouco ou nada conhecido, em aberta opposição ao dr. Livingstone, que n'aquelle tempo estava na posse e gozo de grande e larga nomeada. Não me foi possível averiguar se mr. Smith chegou a fazer effectivo o annunciado intento, nem isto me era facil, porque são sem numero, como ninguem ignora, as publicações litterarias e religiosas, que periodica e não periodicamente vêm a luz na Inglaterra e na Escocia, em alguma das quaes pôde acaso ter apparecido.

Entretanto é certo que mr. Smith, desembarcando em 1862 na margem esquerda do Zambêse, seguiu a pé, como se vê do itinerario marcado no mappa, de uma banda até Magomero, assento escolhido para a sua missão pelo bispo Mackensie e pelos seus companheiros, e da outra até Culwe. Tomou sem longa demora pelo interior em direcção a Tete, e d'ahi voltou, rio abaixo, pelo Zambêse, chegando á Chupanga em outubro do dito anno. D'ahi passou a Quelimane, e em abril de 1863 achava-se em Moçambique. Foi então que mr. Smith deu conhecimento do seu mappa ao governador geral, o sr. João Tavares de Almeida, apresentando-lh'o, e permittindo-lhe tirar copia.

No mappa de mr. Smith lia-se a seguinte *Nota*, que foi transcripta textualmente, e me pareceu bem reproduzir n'este lugar: «*This map is constructed from the lat. and long. of three places as given by dr. Livingstone; from information and corrections and estimated distances by HW: from compass bearings, estimated and measured distances by J. S.*» Lia-se tambem na margem do mappa: «*Shupanga 1862*».

O mappa de mr. Smith não é um mappa geral da Zambésia, é um mappa circumscripto, e que por isso não é, comquanto a alguém, possa parecer o deficiente, antes, confrontado cuidadosamente com o do dr. Livingstone, servirá para esclarecer duvidas relativas ao rio Chire, lagos Nhanja e Chirua, etc., etc. Alem d'isto o mappa de mr. Smith serve para confirmar a exactidão do mappa da Zambésia do sr. Visconde (Marquez) de Sá da Bandeira.

Devo este importante documento, assim como varias observações sobremodo attendiveis á benevola attenção do ex.^{mo} ex-governador geral de Moçambique, o sr. João Tavares de Almeida.

Terei de referir-me por vezes a s. ex.^a e de significar-lhe a minha gratidão, mas apresso-me gostoso a torna-la sem restricção desde já conhecida.

O estudo reflectido dos mappas mencionados é muito necessario ao homem que tiver a peito profundar a geographia africana, e em particular os assumptos de que o dr. Livingstone nas suas *Viagens* e eu n'este meu *Exame* nos occupámos. Da comparação d'estes mappas com os que mais modernamente hão sido levantados não só vem abundante luz para acclaração de muitas duvidas, a todo o instante suscitadas pelos invejosos da gloria antiga portugueza, senão para as não deixar de que não podem os novos cosmographos e viajantes, sem excluir o dr. Livingstone, assignalar territorios, dos quaes presumam alardear de descobridores, sem que nos deparem d'elles mais do que indicios, como já bem advertio o sr. Conde do Lavrado, os velhos mappas dos nossos cosmographos antigos, ou os mappas de ha muito levantados sobre o trabalho por aquelles ou feito ou preparado. É por esta mesma razão, muito especial e muito para que se tenha em grande conta, que tambem ha de ser muito util e acaso necessario o estudo e detido exame dos tres mappas, que de rigor formam um sómente, dos quaes anda acompanhada a *Relação* de Duarte Lopes, publicada na lingua latina por Pigafetta em 1624¹, os quaes foram gravados em Roma em 1591.

É sabido que nos ultimos annos alguns viajantes, principalmente inglezes, têm pretendido para si a gloria de primeiros descobridores das verdadeiras nascentes do Nilo, mas tambem já poucos ignoram que taes pretenções não têm melhor fundamento do que muitas das do dr. Livingstone. Depois de examinadas com a circumspecção devida, a conclusão, que somos forçados a deduzir, é que não são elles senão meros plagiarios, pois que não adiantam nem sequer um passo ao menos sobre os que tinham dado os antigos missionarios portuguezes, e que as nascentes do Nilo, se por estes não foram descobertas, continuam a jazer ainda agora ignoradas. Na verdade nada consta de modo seguro, certo e po-

¹ *Vera Descriptio Regni Africani, etc. Per Philippum Pigafettam, olim ex Edoardi Lopez acroamatis linguæ italicæ excerpta, nunc latio sermone donata ab A. C. Reinio.* Francofurti. Impensis hæredum Ioan Theod. de Bry.

sitivo, que melhor possa instruir-nos ácerca d'este ponto de tão approvada curiosidade, do que as informações que pelos nossos, não por estranhos, nos foram desde tão longos tempos transmitidas. Como é facil de conhecer, prende proxima affinidade este assumpto com os que fazem o objecto do *Exame* de que me tenho occupado, e por esse motivo pareceu-me que seriam acceitas sem desagrado algumas observações e noticias, tendentes a esclarecer, um tanto só que seja, a materia disputada. No fim do *Exame* e depois das *Notas*, achar-se-ha um *Appendice* onde aquellas observações e noticias estão colligidas.

Cumpre-me agora o preenchimento de um dever, de que me desempenharei gostoso. O ex.^{mo} conselheiro José da Silva Mendes Leal, quando ministro dos negocios da marinha e ultramar, avaliando, como é proprio da sua alta capacidade, a conveniencia ou antes necessidade de fazer conhecida a falta de exactidão de não raras asserções do dr. Livingstone, a leveza do fundamento de muitas suas pretensões, e a semrasão e injustiça com que mais de uma vez são por elle apreciados e arguidos os portuguezes, fez-me a honra de convidar-me a tomar sobre os meus fracos hombros o encargo de pôr por obra o intento, que na sua idéa esclarecida tinha concebido. Não por falsa modestia, mas porque me julgo a mim com singeleza imparcial, sei que fica muito áquem da vontade o acanhamento dos meios de que podem dispor minhas debeis forças, e portanto fiz sérias e opportunas ponderações, a fim de não ser posta em perigo tão boa causa pela incapacidade do defensor, nem tão pouco padecer o meu louvavel melindre por suppostas aspirações de ambição temeraria e mal cabida. As minhas observações contudo não foram attendidas: eu tive de ceder.

Entretanto, cedendo, contei com os auxilios que s. ex.^a promettia dispensar-me: não me enganei. S. ex.^a fez favor de communicar-me o seu pensamento e de commigo trocar idéas ácerca da obra intentada, deixando a plena e indispensavel liberdade de haver-me em tudo como em tudo melhor houvesse de aprazer-me. Fez mais, porque fez pôr ao meu alcance todos os documentos e informações, que se achassem nos archivos não só da secretaria a cargo de s. ex.^a, senão das demais repartições do estado. O amor das cousas da patria, que tão activo arde no peito de s. ex.^a, patenteou-se mais esta vez de modo sobremaneira digno do illus-

tre ministro: honra lhe seja! Pela minha parte confesso que considero a minha gratidão penhorada sem limites a s. ex.^a, por isso que também os não conheceram a confiança, atenções e bondades, de que folgou de me dar provas incontestáveis.

Com igual satisfação aproveito a oportunidade de render sinceros agradecimentos ao successor do sr. Mendes Leal, o meu antigo amigo, o sr. Marquez de Sá da Bandeira. S. ex.^a manifestando decidido empenho pelo andamento da obra, que me fôra incumbida, não perdeu occasião de animar-me, e até de coadjuvar-me, honrando-me com esclarecimentos seus particulares, e facilitando-me com a maior promptidão e agrado todos que estavam ao seu alcance na qualidade de ministro, e como homem de letras. Não contente ainda, s. ex.^a condescendeu, em obsequio da sciencia geographica, em rever, como já adverti, o seu mappa da Zambésia, o segundo dos de que sahe este *Exame* acompanhado.

Do actual sr. ministro e meu amigo muito particular, o sr. Visconde da Praia Grande de Macão, é muito grato para mim tornar conhecido que s. ex.^a, identificando-se no mesmo pensamento com os seus dois conspicuos predecessores, não só tem mantido as disposições por elles tomadas, senão que do modo mais effectivo ha procurado que não soffra empêço, antes corresponda ao que muito s. ex.^a deseja, o desempenho da tarefa que me obriga. S. ex.^a ha direito indisputavel ao testemunho, que dou agradecido á sua bemquerença não desmentida.

Ao nobre Conde do Lavradio pago muito cordealmente a divida sagrada da minha sentida gratidão. Devo a s. ex.^a, alem de observações, tão uteis como animadoras, os muito valiosos mapps de que fiz já menção, e que, sós de si, muito concorrem para compensar a mesquinhez do trabalho por mim effectuado.

Podia, ou antes porventura devia, eu agora pôr aqui os nomes de alguns cavalheiros, tão illustrados como obsequiosos, que não duvidaram auxiliar-me na laboriosa fadiga de investigações enfiadonhas, a fim de me facilitarem elementos de que mal podia prescindir, e para a promptificação dos quaes se me tornava sobremaneira difficultoso separar o preciso tempo, já subdividido em demasia entre as variadas occupações de muito diversa natureza, em que sempre o tenho tido empregado. Comtudo temo que, desejando fugir á nota de deslembado ou desagradecido, vá incorrer na de prolixo ou ostentoso; contrahir-me-hei pois, e sem nenhum

outro circumloquio expressarei o puro voto de rendido reconhecimento a todas as pessoas com quem por esta occasião tive de tratar, as quaes, sem excepção, commigo se houveram sempre do modo mais agradável e officioso.

Terminarei pedindo venia para os descuidos typographicos pela maior parte inevitaveis, em que tropeçará com desprazer o leitor attento. Comtudo não lhe será ardua a emenda ; e, se porventura não for estranho totalmente a esta sorte de lavor, os desculpará benevolo.

Oxalá que, por defeito na execução, não haja alguém de reputar frustrada a confiança dos que de mim porventura esperavam mais do que na realidade posso dar-lhes: em todo o caso aguardarei tranquillo a sentença dos que tem competencia para lavra-la. Certo de que procurei ir, com os meios de que estive em mim dispor, até aonde se me tornava possivel chegar, devo commigo achar-me em boa paz. Não é dado a todos correr ao passo da vontade o estadio inteiro: feliz o que pôde, não inimiga a sorte, saudar sem desaire a meta desejada.

EXAME

DAS

VIAGENS DO DR. LIVINGSTONE

CAPITULO I

Condições requeridas nos missionarios segundo o dr. Livingstone — Observações — Deveres dos missionarios — Advertencia de S. Francisco Xavier elogiada pelo dr. Livingstone — Theoria e pratica — Os missionarios podem commerciar — Exame d'esta opinião do dr. Livingstone — Os missionarios considerados por Livingstone meramente como instrumentos de civilisação — Condições dos missionarios catholicos — Importancia das missões — Os missionarios jesuitas — Os capuchinhos — Os dominicos — Os carmelitas descalços — Bom fructo que produziram as missões em uma e outra Africa — Porque degeneraram, deveriam ser extinctas? — Deviam ser reformadas — A extincção das missões foi perda irreparavel para as nossas possessões africanas — Só as ordens religiosas podem subministrar bons missionarios — Os missionarios protestantes nada têm feito em comparação dos missionarios catholicos — Abreviada noticia das missões de Angola, do Congo, de Benguella, de Rios de Sena ou Zambesia e de Moçambique — Grandes serviços prestados, e a esperar dos missionarios catholicos — Porque os prestaram, e não podem presta-los os missionarios protestantes? — Observações do dr. Livingstone — Problema proposto pelo dr. Livingstone — Solução do problema — Os missionarios catholicos e os missionarios protestantes — Comparação — Efficacia da evangelisação de uns e de outros — Conclusões.

Conforme ao que deixo observado na introducção que precede, não seguirei passo a passo o dr. Livingstone, e não tomarei em conta senão sómente o que tiver, directa ou indirectamente, relação com o meu objecto, que me parece estar ali de sobejo declarado. Assim pois começarei por examinar as condições que Living-

stone requer nos missionarios, que, movidos das rasões que tambem a elle o obrigaram, ou solicitados pelas varias associações, estabelecidas em Inglaterra para a propagação do Evangelho, o vão annunciar a uma e outra Africa, levando no intento realisar por via da palavra efficaz de Jesus Christo a civilisação dos indigenas d'aquelles sertões temerosos. Esta materia é de maior transcendencia do que talvez a alguém parecerá no primeiro momento.

O exame da doutrina do dr. Livingstone com respeito a este assumpto é muito para ter-se em conta, porque por ella póde avaliar-se competentemente o modo de pensar do celebre missionario protestante ácerca do viver e do trabalhar, e dos meios, de que tem de servir-se, e dos fins a que devem encaminhar-se as fadigas dos encarregados de missionar entre os povos africanos; e, feita comparação com o proceder dos missionarios catholicos, não ficará difficil o inferir quão grande vantagem estes levam áquelles, e que serviços, como os prestados em honra da religião, e a bem da humanidade e da civilisação, pelos missionarios catholicos, o não foram, nem é possivel que o sejam pelos missionarios protestantes.

Não será tambem difficil convencer, mediante o mesmo exame, e as observações que naturalmente ha de suggerir ao leitor não preocupado, de quanto se tornam cada vez mais necessarias as missões na Africa; por ser este o meio mais a ponto, unico talvez, de domesticar povos bravios, e de policiar tribus selvagens, pondo-as em trato mutuamente amigo e proveitoso entre si e com os europeus; e de que não podem estes resultados ser com segurança obtidos senão sómente pelas missões catholicas, porque só estas podem ser vivificadas pelo puro e ardente fogo da verdadeira caridade, no qual é forçoso que se abrazem os corações dos propagadores das doutrinas e preceitos evangelicos, a fim de que sempre e em tudo considerem seus irmãos, seu proximo e semelhantes, os que tanto, e acaso em tudo d'elles dissimilham, e a bem d'elles, nas suas diversas relações religiosas e sociaes, estejam promptos, com o mais resignado desprendimento, a pôr tudo que são e valem, e a propria vida.

Segundo o dr. Livingstone¹ comprehendem mal o verdadeiro

¹ *Living. Mission. Trav.*, Chap. II, pag. 40, etc.

caracter do missionario os que não vêem n'elle senão um homem que percorre o mundo com a Biblia debaixo do braço, porque são muito variados e amplos os deveres que lhes incumbem, e para os preencher condigna e utilmente se torna indispensavel aptidão especial. Não bastam as habilitações scientificas, torna-se-lhe tambem necessario o conhecimento pratico, mais ou menos desenvolvido, de muitas artes e officios. Convem, é talvez necessidade para o missionario conhecer a astronomia, não ignorar a botanica e a mineralogia, e praticar a medicina; mas não menos se lhe faz preciso o não ser hospede inteiramente em nenhuma das artes e officios, sem as quaes mal pôde conceber-se o estado social.

Não contente d'estas condições, requer o dr. Livingstone nos missionarios cuidadosa diligencia, e o melhor termo no tratar com os pagãos, e nota, auctorisando-se com S. Francisco Xavier¹, que uma palavra de favor, um olhar affectuoso, são armas, e não de pouca valia, das quaes podem a tempos, ou antes com frequencia devem servir-se os missionarios.

E quer mais o dr. Livingstone que o missionario se mantenha na independencia d'aquelles a quem annuncia a palavra da vida moral e social, e que saiba ser paciente e ousado, de sorte que possa aguardar os ensejos e momentos opportunos de desempenhar-se dos seus varios deveres com vantagem certa e segura.

Para confirmar com a pratica a theoria, o dr. Livingstone, não julgando sufficiente fazer com minuciosidade a descripção das suas quotidianas occupações de missionario², nos informa de ser a casa de Kolobeng, a terceira por elle edificada com as suas proprias mãos. «Um ferreiro indigena (acrescenta Livingstone) ensinou-me a forjar o ferro, e tendo-me aperfeiçoado com as indicações e conselhos de mr. Moffat n'este officio, bem como nos de carpinteiro e hortelão, achei-me habil em quasi todos os misteres, alem do de doutrinar e prégar; e como minha mulher sabia fazer vélas,

¹ É digno de reparo este appello feito por Livingstone á auctoridade de S. Francisco Xavier, e, poisque me dá a isso occasião, transereverei por extenso o capitulo da vida d'aquelle celebrado apostolo das Indias, a que parece fazer-se aqui referencia, sem que seja preciso advertir, porque desde logo o será, a differença do affecto religioso que inspirou umas e outras palavras. V. a *Nota 2.*

² Chap. II, pag. 40, etc.

sabão, e roupa de uso ordinario, ficámos possuidores de quasi tudo que pôde reputar-se complemento indispensavel da familia de um missionario na Africa Central, onde o marido é o faz-tudo fóra de casa, e, de portas a dentro, a mulher tem de ser a creada de todo o serviço¹.

O dr. Livingstone quer que seja permitido aos missionarios o commerciar, e é muito para advertir a rasão em que se funda, a saber, que de modo especial cumpre aos missionarios destruir o afferro á solidão, gerado pelo paganismo, e fazer que as tribus selvagens reconheçam a mutua dependencia em que se acham umas das outras, e os beneficios que lhes hão de resultar do trato reciproco, sendo indispensavel, para isto conseguir, o promover com a maior energia e perseverante diligencia o movimento e trafego commercial². Acrescenta o dr. Livingstone que os missionarios de Kuruman, obrigados d'esta consideração, pediram licença ao governo de se estabelecer na sua residencia um commerciante, e que foi para este o resultado de tão grande proveito, que pôde em poucos annos retirar-se rico á vida particular³.

É certo que o dr. Livingstone, convencido sem duvida de que não podia ser tida por excepcional a rasão allegada, e que portanto não só os catholicos, senão muitos outros haviam de rejeita-la; e não podendo tão pouco deixar de conhecer que se punha em contradicção consigo mesmo, porque o trafego commercial, mórmente nos sertões de Africa, e attendido o modo especial por que só pôde alli commerciar-se, estabelece a maior e mais complicada dependencia entre o commerciante* e as pessoas com quem negocêa, e entre o commerciante e os regulos das terras por onde transita, e dos territorios onde vai realisar o seu commercio; declara que, posto seja licito, não é conveniente ao missionario o commerciar⁴. Contudo, como que arrependido, acode a attenuar a concessão feita, ponderando que a troca das mercancias é o meio unico por via do qual o missionario, no interior do paiz, pôde pagar as despesas

¹ «We came nearly up to what may be considered as indispensable in the accomplishments of a missionary family in Central Africa, namely, the husband to be a jack-of-all-trades without doors, and the wife a maid-of-all-work within.» Chap. I, pag. 20.

² Chap. I, pag. 28.

³ Idem, ib.

⁴ Idem, chap. II, pag. 33.

que faz, por não ter curso ali nenhuma especie de moeda. É muito para notar o como parece persuadir-se o dr. Livingstone de que facilmente alguém acredite que elle proprio se contentou d'esta sua rasão, de certo bem pequena; poisque não é possível reputar seria a asserção, que tão levemente confunde a paga da alimentação necessaria á vida com a usual labutação, praticas e proceder da vida do commerciante. A hesitação de Livingstone é manifesta; pretende estabelecer doutrina que não se atreve a qualificar de sã e segura, e como vai caminho errado, excogita más rasões, contradiz-se, e não consegue justificar actos por elle proprio praticados, embora procure fazer-nos acreditar, que, negociando, como confessa, não tivera por objecto o proveito seu proprio, senão a maior utilidade d'aquelles com quem negociava.

Para que fique fóra de toda a duvida a incerteza em que laborava o dr. Livingstone, e como, lutando comsigo mesmo, se'deixava todavia arrastar das suppostas rasões, que, segundo elle, permitem aos missionarios commerciar, aqui transcreverei dois logares, que revelam assás o seu pensamento, e nos facilitam apreciar devidamente o verdadeiro espirito das missões e dos missionarios protestantes.

«Onde quer que vive um missionario, escreve Livingstone¹, não tarda a apresentar-se algum commerciante; dependem um do outro, e mutuamente se auxiliam nos seus trabalhos; mas ensina a experiencia que não podem os dois misteres compadecer-se com vantagem na mesma pessoa. Esta combinação nada teria de censuravel, porque não ha cousa mais approvada, e ao mesmo tempo mais apostolica, do que tirar o homem, que consagra o seu tempo ao bem espiritual dos povos, algum proveito temporal do commercio licito, o qual os commerciantes, que miram unicamente a enriquecer-se, imaginam modestamente que deve ficar todo nas suas mãos. Comtudo, posto seja licito aos missionarios negociar, o actual systema das missões faz que não convenha que consumam o tempo nas transacções commerciaes.»

«Temos enviado missionarios, acrescenta logo adiante², providos apenas da mais parca subsistencia, e, barateando louvores a alguns, que se mostram desprendidos do espirito mundano, quer

¹ Chap. II, pag. 33.

² Ib. pag. 34.

a nossa mesquinhez que elles vivam a vida do filho prodigo depois de dissipada a sua farta substancia. Não fallo por mim, porque não estou n'esse caso, mas por essa mesma razão posso interpor livremente as minhas palavras a favor de outros. É sem duvida possivel achar homens, que por amor dos pagãos, e da obra da evangelisação, se promptifiquem a desempenha-la debaixo das condições do «puro necessario»; mas que deve pensar-se da justiça, para não dizer da generosidade dos christãos e das egrejas, que não só se convencionam pelo menos que podem com os que os substituem no dever de annunciar a palavra evangelica¹, senão que tambem consideram como esmola o que lhes dão? O objecto torna-se de muito maior gravidade com respeito ao missionario protestante, que póde ter mulher e familia. O certo é que, se porventura em muitos casos é justo, e digno de louvor sacrificar tudo a um grande motivo, deve todavia ser de vergonha para outros, pelo menos igualmente interessados n'aquelle sacrificio, o consenti-lo, ou aceita-lo, quando podem prescindir d'elle.»

Do que fica exposto deprehende-se com facilidade que o dr. Livingstone considera as missões e os missionarios como instrumentos de mera civilisação por via do trato commercial, servindo-lhes de bandeira a cruz, mas não dando em verdade a esta, senão o logar derradeiro. É por isso que, nas condições dos seus missionarios, não há logar para nenhuma sobre a qual possa cabir apreciação puramente religiosa; nem é assumpto este que prenda, senão muito ao de leve, e só occasionalmente, a attenção do famoso missionario; e, de feito, n'isto ao menos foi coherente, porque tambem assim elle praticou. O que parece devêra ter sido essencial para Livingstone, effectivamente foi só accidental: o exercicio dos deveres e funcções religiosas tomou-lhe pouco tempo; e, quando se lembra a espaços de lhes fazer alguma referencia, com tal frieza a faz, que põe o leitor em duvida por vezes da sinceridade da fé, de que todavia o celebre missionario quer o créam inflammado, não o podendo aquelle de nenhum modo ficar na de

¹ O dr. Livingstone labora no erro, commum ao maior numero das seitas protestantes, de que as palavras de Jesu Christo: «Ide, annunciad o Evangelho a todos os homens» são preceptivas individualmente para toda a sorte de christãos, quando é certo que o preceito e auctorisação n'ellas contida não póde entender-se genuinamente senão dos apóstolos e dos seus discipulos e legitimos successores.

que teve a peregrinação de Livingstone por motivo e fim antes razões especiaes puramente mundanas, do que as elevadas considerações, que trazem origem da religião do Crucificado. Em uma palavra o dr. Livingstone, interpretando oppostamente a palavra de Jesu Christo¹, antepõe ao reino de Deus o reino do mundo, mostrando-se, na theoria e na pratica, melhor agente politico e commercial, do que zeloso pregoeiro das doutrinas evangelicas.

Muito diversamente do que as associações protestantes, a igreja catholica requer nos seus missionarios como condições essenciaes fé viva, caridade ardente, e a instrucção necessaria para se des-empenharem da obrigação, que lhes está antes de todas, a doutrinação dos povos nas verdades da religião. Se a estas condições outras accrescerem, que, tornando mais acceitos e auctorizados os missionarios, lhes proporcionem o procurar demais do bem espirital dos povos, cujas trevas cuidam de dissipar com os puros fulgores da luz do Evangelho, o maior bem temporal dos mesmos povos, a igreja as recommenda e applaude; mas todavia quer que não sejam consideradas senão como auxiliares ou secundarias, porque sós de si, por sua própria virtude e efficacia, hão de aquellas suggerir aos missionarios o conselho e aviso de que possam vir a carecer, esforçar-lhes-hão os brios, e se lhes tornarão fontes caudaes de luz e de doutrina, d'onde têm de provir para a religião e para a sociedade, as vantagens, que sempre são a esta por aquella asseguradas.

Não pôde ser o meu intento dar á questão importantissima das missões o largo desenvolvimento, que sem duvida requeria, porque não o permite a indole especial d'este meu escripto, e por isso circumscrever-me-hei ao que sómente vem agora a ponto. Entretanto do que vou dizer das missões portuguezas em uma e outra Africa, será obvio o concluir que, não só comparativamente com os missionarios protestantes, foi muito mais productivo do que o d'estes o trabalho dos missionarios portuguezes, senão que foi o seu fructo muito mais sazonado e saboroso; e servirá o testemunho do proprio dr. Livingstone para evidenciar, que, sem ser preciso degenerar e perverter, como elle pretende, as missões, dando-lhes character differente do proprio dos verdadeiros aposto-

¹ Matt. 6, 33. «Quærite ergo primum regnum Dei, et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vobis».

los da palavra evangelica, souberam os missionarios catholicos, melhor do que os protestantes, tornar-se uteis á civilisação e á sociedade.

Descobrimdo e conquistando tão vastos e populosos territorios na Africa, na Asia e na America, a espada dos nossos primeiros conquistadores não confiou nunca em si sómente. Sempre e em toda a parte a cruz precedeu ou acompanhou a espada. Na Asia as conquistas da cruz precederam e prepararam as da espada temerosa do grande Albuquerque¹; na Africa o celebrado primeiro conquistador Paulo Dias de Novaes, julgou que não podia haver-se com mais acertado conselho do que chamando a cruz, desde o principio, em seu auxilio e ajuda, e acompanhando-se nas suas famosas conquistas, da cooperação, que lhe deram os missionarios prompta e effizaz quando quer que d'ella carecia; e quem ignora os serviços, de tão grande alcance religioso e social, prestados pelos missionarios na America portugueza? Mas não devo sahir do meu assumpto; fallarei da Africa.

Os missionarios jesuitas que, em 1560, tinham acompanhado Paulo Dias de Novaes, e visitado Angola², entraram e estabeleceram-se definitivamente em Loanda em 1575³, quando o mesmo Novaes ali regressou, nomeado conquistador, povoador e primeiro governador e capitão mór da conquista do reino de Angola. No Congo achavam-se os missionarios dominicos desde 1493⁴, e os missionarios capuchinhos, que desde 1645 tambem ali tinham já residencia⁵, ficando de assento em Angola em 1649, penetraram na Ganguella ou terras do Cassange em 1655, e no mesmo anno na Matamba por consentimento da rainha Ginga⁶. Pouco tempo depois vieram coadjuvar seus irmãos na grande obra da evangelisação das gentilidades africanas missionarios pertencentes á religião dos carmelitas descalços, e tambem a outras.

¹ V. a Nota 2.^a

² *Carta do bispo de S. Thomé e Congo*, no *Corpo Chron. da Torre do Tombo*, part. 1.^a, m. 104, doc. 3.

³ P.^r Fernão Guerreiro, *Relação annual das cousas que fizeram os padres da companhia de Jesus nas partes da India Oriental, etc., etc., nos annos de 602 e 603*. Lisboa, MDCV.

⁴ Fr. Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. II, liv. VI.

⁵ Cavazzi, *Istor. Descriz.*, etc., liv. III, n.^o 45.

⁶ *Idem*. liv. IV e VII.

Não é possível, nem vem ao meu proposito, historiar os trabalhos admiraveis d'estes laboriosos cultores da vinha evangelica; mas resumidamente observarei, que, edificaram hospicios, collegios ou conventos, pequenas ermidas e templos espaçosos, segundo as circumstancias do tempo e dos logares o permittiam, em S. Salvador do Congo, e em diferentes pontos de todo aquelle reino, em S. Paulo de Loanda, no Bengo, na Ilamba, em Massangano, Cambambe, Ambaca e Muxima, Malúa, Golungo Alto, Cahendá, etc. Sabiam d'estes varios centros de acção religiosa e civilisadora os missionarios a levar a palavra da vida espiritual, e da vida social, não só aos povos circumvizinhos e comarcãos, senão tambem aos que d'aquelles eram confinantes, e, logoque o momento propicio era chegado, obedecendo ao espirito que os alumia e dirigia, caminhavam ávante, internavam-se pelos sertões dentro, e, sem hesitação nem temor, iam ver-se e tratar com gentes, cuja existencia nem sequer haviam suspeitado até ao proprio momento de lh'as deparar a Providencia. E por toda a parte de si deixavam rasto, que, embora já pervertido, e quasi de todo apagado, póde comtudo enxergar-se ainda agora, como teremos occasião de advertir.

E qual e quanto foi o fructo, produzido pela semente da palavra evangelica! Foi verdadeiramente prodigioso: porque foi grande e admiravel com relação ás considerações religiosas, e não foi de menor momento em relação ás considerações humanitarias e puramente sociaes. Os missionarios amansaram e domesticaram innumeraveis tribus, e facilitaram a conquista, chamando a bom termo largos territorios d'aquella cafraria suspeitosa e desconfiada; approximaram-na dos portuguezes, e ensinando-lhes com a doutrina christã, as boas praticas da civilisação, a agricultura, as artes e o ler e o escrever, melhoraram o seu modo de existir, e os dispozeram a receber o impulso, que o progressivo andar das cousas humanas, dado ensejo opportuno, havia de sem falta communicar-lhes.

Não foi diverso o successo dos missionarios na Africa oriental do que temos observado haver sido na Africa austral.

A primeira missão destinada á Africa oriental era composta de padres da companhia de Jesus, e sahio de Goa para Moçambique em 1560. Em 1569 novos obreiros da mesma companhia vieram reforça-la. Os dominicos foram auxiliar os jesuitas em 1577, refazendo-se nos seguintes annos com homens verdadeiramente dedi-

cados, em cujo numero se conta o celebre padre fr. João dos Santos, auctor da obra intitulada: *Ethiopia oriental, e varia historia das cousas notaveis do oriente*, impressa em Evora em 1609, obra que se tornou digna da estima e respeito de nacionaes e estrangeiros pelos caracteres de verdade com que o respeitavel missionario, e diligente escriptor narra o de que foi testemunha, e pelo cuidado com que nota e aprecia o de que falla só por informação.

Como as da Africa austral, as missões da Africa oriental se tornaram durante muito tempo illustres pelo espirito religioso e esclarecido zêlo, que dirigia as laboriosissimas e arduas tarefas dos obreiros do Evangelho; e se n'aquellas a palma do martyrio punha glorioso remate às fadigas de muitos, outro tanto acontecia n'estas. Não é possivel dar aqui a extensa relação dos feitos e nomes d'esses fieis testemunhadores da palavra evangelica¹, mas não deixaremos de, pelo menos, mencionar os muito honrosos do padre Gonçalo da Silveira, superior da primeira missão dos jesuitas², e do padre fr. Luiz do Espirito Santo, da ordem de S. Domingos, ambos martyrisados no Mocaranga³, e dos padres fr. Nicolau do Rosario e fr. João de S. Thomás, da mesma ordem, que de igual sorte sellaram com o sangue a verdade que pregavam, aquelle nas terras do Monomotapa, e este na ilha de S. Lourenço⁴. Muitos e incontestaveis são os serviços por todos estes missionarios prestados á religião, á humanidade, á civilisação e á patria; porque, atrevendo-se animosos a tudo quanto podiam requerer d'elles motivos tão sagrados, percorriam impavidos e incançaveis aquelles vastos territorios, visitando afastados e intimos sertões, edificando egrejas, erigindo parochias, estabelecendo eschololas, e procurando a todo o preço, ainda o mais subido, e sem regatearem o da mesma vida, alumiar com o facho incendiado da luz evangelica as intelligencias espessas d'aquella infinita cafraria, sepultada nas trevas da mais profunda escuridão; domar aquellas feras de vulto humano, abranda-las e pô-las em relação e trato com

¹ V. Fr. Lucas de Santa Catharina, *Historia de S. Domingos*, part. iv, cap. xv. Cavazzi, *Ist. Discriz.*, lib. II, n.º 93. Id., ib. n.º 97. Id., lib. III, n.º 30, etc.

² Bordallo, *Ensaio*, cap. ix, etc.

³ Fr. Lucas de Santa Catharina, *Historia de S. Domingos*, part. iv, cap. XIII.

⁴ *Eth. Orient.*, liv. II, cap. XVIII, e liv. III, cap. VIII.

a humanidade; e não só doutrinar e confirmar os novos convertidos, senão os seus proprios conterraneos, para quem era tão declive e arriscado esquecer ou menosprezar a fé religiosa e os deveres de cidadãos, corrompendo-os e depravando-os o desvairado viver, a que se viam expostos, e acaso alguém diria como que necessitados por circumstancias não raras vezes quasi inevitaveis.

Nem a isto sómente se limitava a sua caridade tão ardente como bem encaminhada, porque sollicitos diligenciavam introduzir por toda a parte, e tornar bem quistos o amor da agricultura, das artes, dos misteres mechanicos, a industria e o trabalho, e toda a sorte de aperfeiçoamentos sociaes, tanto quanto o comportava a capacidade d'aquelles, que tinham ganho para a religião, e que, por via da religião, pretendiam transformar em instrumentos efficazes de larga, progressiva e permanente civilisação. Deus abençoou obra tão meritoria, o fructo foi copioso, foi infinito: ali estão os factos para o attestar, e ali estão nacionaes e estrangeiros, uns imparciaes, outros só contra nós parciaes, para reconhecê-lo, e, forçados da verdade, proclama-lo com honra e gloria do nome portuguez.

Degeneraram os missionarios, é certo; e fôra inutil pô-lo em duvida, comquanto requeira a justiça que muito se rebaixe das exaggerações, que de boa fé uns, outros por não quererem dar-se ao trabalho das necessarias investigações, e não poucos de má fé, propalam, e vão repetindo sem criterio, ou a desleixo ou por acinte: mas, porque degeneraram, como está na fragilidade da natureza humana; porque não eram nos ultimos tempos o que no principio tinham sido, segue-se acaso que houvesse de acabar-se com as missões? De nenhuma sorte: deviam ter sido reformadas, como era tão facil, dando-se as mãos, e pondo-se para isto acordes as duas auctoridades civil e ecclesiastica, e adoptando-se as providencias necessarias, a fim de que os novos missionarios não se apartassem de futuro das unicas veredas por onde lhes cumpria caminhar. Muitos alvitres se offereciam para isto se conseguir, e não devia ser o ultimo o tratar o governo com algumas das corporações mais reformadas e observantes o estabelecerem missões em Africa, enviando para ali religiosos exemplares por vida, costumes, instrucção e prudencia, quer fossem nacionaes quer estrangeiros, e o melhor seria de uns e outros. Não havia n'isto nenhum melindre,

nem inconveniente; porque estrangeiros eram os capuchinhos, que tantos e tão bons serviços prestaram na Africa austral, e eram estrangeiros grande numero dos companheiros de S. Francisco Xavier, que primeiros foram com elle missionar, e fazer bemquisto e acatado o nome portuguez na India, na China e no Japão. Nem são, em materia religiosa, os catholicos estrangeiros uns para os outros; unidos ou dispersos todos são membros de uma só familia, formam todos um só rebanho, que pertence ao mesmo redil, sob a direcção e vigia de um só e unico pastor supremo. Não é isto uma phrase ambiciosa, é a pratica de sempre.

A extincção das ordens religiosas, e com ellas a de todas as missões, foi perda irreparavel para as nossas possessões africanas, que tanto podiam e deviam ter com ellas aproveitado. As funestas consequencias estão-se experimentando, e desde logo tinham de prever-se: de certo, porque de todo o ponto é fóra de duvida que, missões regularmente constituídas, e d'onde hajam a esperar-se effectivos e avantajados resultados, só por via das corporações religiosas podem obter-se¹. O que, n'este intuito, podem fazer as corporações religiosas, só ellas podem faze-lo, porque só ellas podem preparar, escolher, e ter á mão, mediante os votos monasticos, os obreiros mais competentes: as condições tão especiaes, proporcionadas pelos votos, mormente pelo da obediencia, não ha nenhum outro modo de serem suppridas. É por isso que tanto fizeram outr'ora os nossos missionarios em uma e outra Africa, e na India, e na America, e na China, e no Japão, e na Cochinchina, e em toda a parte; e é por isso tambem que tão pouco têm feito quaes-

¹ O que digo receberá confirmação do testemunho insuspeito de F. de Salles Ferreira, que foi governador do presidio de Pungo-Andongo, e que bem sabia, segundo elle diz, como as cousas se passam em Angola. Ouçamo-lo: «Já em outro lugar disse que os missionarios fizeram muita falta em Angola; e esta muito mais se sentio nos sertões de Pungo-Andongo. Eram os barbadinhos, por assim dizer, os laços de alliança que nos ligava aos grandes potentados proximos áquelle presidio. Hoje poucas allianças temos: a falta dos barbadinhos fez com que, ficando os sertanejos á sua vontade, commettessem toda a qualidade de violencia no gentio, de maneira que alguns pacificos negociantes, que algum tempo depois foram ao sertão, pagaram com as suas fazendas, e alguns com a vida os quituches (crimes) commettidos pelos outros brancos, que alli tinham estado, etc.» *Memor. sobre o presidio de Pungo-Andongo*. Ann. Mar. e Col., 6.^a serie, 1846.

quer outros missionarios não pertencentes ás congregações religiosas: estes vão aonde querem ou aonde podem, aquelles aonde os mandam: para estes, tudo são estorvos e tropeços, para aquelles, sem familia, sem bolsa e sem vontade propria, não ha obstáculos, porque obedecem: estes hesitam, porque deliberam; aquelles obram, porque não carecem de resolver-se. Eis-ahi tambem, porque nunca os missionarios protestantes conseguiram, nem lhes é dado o poder conseguir na qualidade de meros missionarios, resultados de maior monta. Sobre as considerações, puramente religiosas, que d'isso os inhabilitam, accrescem as que necessariamente têm de distrahir-lhes a attenção para outros muitos e mui differentes objectos; e, quando só uma cousa é necessaria ao missionario catholico, que é obedecer, conforme ao que o obriga a sua profissão religiosa, são tantas para os missionarios protestantes as cousas necessarias, que se torna difficil o saber qual verdadeiramente o fica sendo mais.

Na verdade assim devia ser, e assim foi, porque demonstram os factos sabidos e provados que é pouco, é nada tudo quanto hão feito em varias partes os missionarios protestantes em comparação do que fizeram em todo o mundo os missionarios catholicos; e, restringindo-me á Africa, é isto de evidencia. Os missionarios catholicos colheram abundante fructo, que dura ainda hoje, do que fizeram a favor dos povos africanos, baptisando-os, doutrinando-os, policiando-os; mas a vantagem não foi sómente para aquelles venturosos, porque o foi igualmente para a mãe patria, que porventura lhes deve o ter consolidado n'aquellas dilatadas regiões o seu influxo, auctoridade e imperio. Não padece isto duvida nenhuma, porque foram os missionarios jesuitas, e das demais ordens religiosas, que trataram de chamar ao gremio do catholicismo aquelles povos, e de os avassallar, e quando menos tornar inoffensivos á corôa portugueza; e com a santa doutrina do Evangelho semearam a boa doutrina social, que de certo, cedo ou tarde, não podia deixar de produzir os fructos de benção que sempre em todos os povos, e em todo o tempo ha produzido, careando-lhes a vontade, amaciando-lhes a indole, rectificando-lhes o espirito, encaminhando-lhes as propensões, inspirando-lhes sentimentos mais benevolos, e d'este modo tornando-os conversaveis, e preparando-os para mais facil e mais larga civilisação. Foram tambem os missionarios que primeiros lhes fizeram conhecidas

as plantas e arvores uteis da Europa, da Asia e da America, procurando entre elles aclima-las; e foram ainda os missionarios que, dando aos indigenas indispensaveis noções da nossa agricultura, e das nossas artes fabris, e da nossa industria, diligenciaram ao mesmo tempo obter, e d'elles obtiveram, com proveito mutuo, averiguado conhecimento dos seus varios usos, praticas e costumes, das virtudes das plantas, e das qualidades do solo e prestimos das terras, e trocando informações, e multiplicando as dependencias, e facilitando o trato, lhes proporcionaram os meios de melhor satisfazer antigas necessidades, e de acudir ás que provinham, como consequencia inevitavel, da sua situação recente. D'esta sorte os missionarios, approximaram os indigenas entre si e dos portuguezes, com os quaes não raro vieram a ser familia commum; abriram estrada certa e plana á influencia dominadora do sceptro portuguez, ás emprezas commerciaes do mundo inteiro, e, em uma palavra, ao progressivo caminhar do aperfeiçoamento social.

Não é isto o imaginar agradavel de sinceras e ardentes aspirações pelo bem geral da humanidade, e especial d'aquelles povos, que o ingenho aventureiro dos portuguezes alcançou pôr em contacto intimo com o mundo conhecido; nem é tão pouco o desejar vehemente, e não satisfeito do ingenuo amor da patria que me faz phantasiar: narro factos, e estes factos têm por si o testemunho prestado uniformemente pelos escriptores antigos e modernos aos trabalhos, ás pergrinações e ás fadigas dos nossos missionarios nas differentes provincias e vastos sertões de Africa, e á sua admiravel perseverança. Têm tambem por si estes factos outro testemunho de igual, senão de superior excepção, que é tudo o que sobreviveu á extincção das missões, tudo quanto ainda hoje ahí está aos nossos olhos, e faz o espanto dos que são capazes de avaliar o arduo labor commettido ao zêlo e nunca assás louvada solitudine das missões africanas.

É por isso que nos intimos desvios, e embrenhadas solidões, a centenares de legoas de uma e outra costa, o arrojado viajante, que, para as devassar, teve de seguir as indicações, os conselhos, e, não duvidarei dizer-lo, os trilhos e as pégadas dos portuguezes, que tantos annos antes ali o precederam, encontra maravilhado restos de cultura exotica, ouve palavras, presencêa praticas, observa costumes, a que não poderam até hoje o destruidor correr

dos tempos, e o influxo maligno de vicissitudes lastimosas desvanecer totalmente o cunho primitivo; e fazem-no lembrar de subito, e sem que para isso estivesse de algum modo preparado d'esta nação de heroes, para a qual, embora tão minguada em numero, era comtudo ainda acanhado quanto do mundo se conhecia, e, não cabendo n'elle, como tão pouco em si coubera, se abalançou ao descobrimento de novas terras, de novos mares, de novas gentes, de novos caminhos; e em toda a parte, sem exceptuar as regiões temerosas, ainda agora raro frequentadas, e sem exceptuar o remoto sertão, que só de acaso a sêde insaciavel da sciencia ou da cobiça vai a custo e lentamente fazendo conhecido, lhe depara desengano inevitavel, e para elle talvez não sem mistura de despeito e inveja, documentos irrefragaveis de que pesára ali o braço do soldado portuguez, e de que fôra ali ouvida a voz, e adorada a cruz do pacifico missionario, que, não menos que esse outro, intrepido e aventureado, levou a doutrina, a consolação, a esperança, a luz e a vida, ainda alem, e muito alem, d'onde as mesmas quinas de Portugal, tão ricas de triumphos, levaram dos seus naturaes a fama e a gloria.

Mas, para que se veja que não escrevi rhetorica, mas rendi singelo testemunho á verdade averiguada, agora darei succinta noticia das missões de Angola, do Congo, de Benguella, de Rios de Sena ou Zambesia e de Moçambique, e lançarei em nota á parte a relação de outros varios estabelecimentos religiosos. Á noticia das missões, segue-se a de alguns esclarecimentos, que muito importam a este objecto.

Da missão do Congo, ali estabelecida em 1643¹, direi apenas que floresceu de modo admiravel, e que não limitando o seu cuidar áquelle reino sómente, e aos territorios e sertões comarcãos, multiplicando-se maravilhosamente, fundou novas missões em diferentes pontos por todo o Manicongo², como as do Batta, do reino de Benin, da provincia de Ganghella-pequena, de Incussu, de Loango, de Maopongo, de Micoco, de Oacco, de Ouvando, de Ouverí, de Bemba, das Salinas de Bamba, de Sonho e de Sundi³, e alem d'isso enviou obreiros evangelicos a toda a parte d'onde lhes eram pedi-

¹ Cavazzi, *Ist. Descriz.*, lib. III, n.º 15.

² Manicongo, voz composta, que significa senhorio ou dominios dependentes do rei do Congo.

³ Cavazzi, *Ist. Descriz.*, lib. III, IV, V e VII.

dos. Esta missão estava a cargo dos padres capuchinhos, italianos de nação, mas portuguezes nos sentimentos de sincero affecto a todas as nossas cousas, os quaes fazendo grandes serviços á religião, não os fizeram de certo de menor valia a Portugal, e á causa da civilisação e da humanidade. São conformes n'esta apreciação os escriptores do tempo¹, e a confirmam os factos, cujos resultados, extensamente conhecidos, ainda hoje permanecem.

A missão do Bengo, dos padres da companhia de Jesus, sobre os demais serviços, proprios do encargo, de que tão dignamente se desempenhava, os prestou de muito preço ao governador geral Pedro Cesar de Menezes², quando, tendo-se os hollandezes apoderado de Loanda³, teve de retirar-se para o sertão⁴.

As missões de S. Paulo de Assumpção, Loanda, d'onde os obreiros evangelicos se derramaram por toda a provincia e terras limitrophes; competindo com louvavel emulação estas missões de diferentes ordens religiosas, em qual se haveria com maior zêlo, e de si daria brado mais honroso á religião, e de maior proveito ao estado⁵.

A missão da villa de Massangano, que, situada no sertão da conquista, facilitava trato mais frequente com o proximo innumeravel gentio, e portanto assegurava excellente e copioso fructo⁶.

A missão de Matamba, que fez tão grandes serviços, realisando a conversão e baptismo da rainha Ginga, D. Anna de Sousa, e da sua côrte; serviços não menos de gloria para a egreja, do que de vantagem para o mais prompto desenvolvimento e segura consolidação da auctoridade portugueza n'aquelles dilatados territorios⁷.

A missão de Ilamba, cujos obreiros, internando-se pelas terras dentro, recolheram fructo abundantissimo de suas tão laboriosas fadigas, cahindo muitos victimas das inclemencias do clima sertanejo, a tão larga distancia do mar⁸; nem foi de menos alcance o ob-

¹ Cavazzi, *Istorica Descrizione de tre regni, etc.*, per totum. Bologne 1687. A. de O. Cardonega, *Historia das guerras de Angola*, Ms. que existe em quatro tomos na Bibl. da Acad. Real das Sciencias,

² Nomeado em 1639, Torre do Tombo, liv. 36 de Filippe III, a fl. 74.

³ Agosto 4 de 1641.

⁴ Cardonega, *Historia das guerras de Angola*, tom. 1, part. II.

⁵ Id., tom. II, part. I, etc.

⁶ Id., *ibid.*

⁷ Id. *ibid.*

⁸ Id. *ibid.*

tido pela missão de Angoi, n'este mesmo reino, e no de Cacongo até aonde estendeu a sua doutrinação e lidas apostolicas¹. Igual successo obteve a missão que visitou e percorreu as vastas provincias de Libollo².

A missão de Santo Hilarião de Bango-aquitamba, junto do rio Lombige, que tanto floreceu durante todo o seculo xvii com grande aproveitamento dos povos do Golungo Alto e comvisinhos, continuando ainda posteriormente a ser-lhes de muita e indisputavel utilidade³.

A missão de Cahenda, nas terras que foram do sova Quiloange Quiassamba, a L. de Ambaca e ao N. de Matamba (das quaes se formou em 1838 o presidio do Duque de Bragança), achando-se a cargo dos capuchinhos italianos, prestou serviços relevantissimos, porque os missionarios não contentes de converter, baptisar e doutrinar copia innumeravel de gentilidade, espalharam cuidadosos e fizeram medrar com diligencia a semente da civilização, ensinando áquelles povos a agricultura, as artes, a industria, tanto e mais do que pareciam comportar as suas circumstancias. Quando se realisou a conquista d'aquelle territorio acharam-se d'isto provas evidentes⁴, pelo que o proprio dr. Livingstone, como logo veremos, rende a esta missão, bem como a outras, louvores nada suspeitos.

Demais d'estas missões permanentes, outras havia temporarias ou ambulantes, se posso assim chamar-lhes, que não se demoravam em cada logar senão o tempo necessario para tentar os animos dos indigenas ou confirmar os neophitos na fé e doutrina recebidas, ou em fim para preparar novos labores evangelicos. Estas missões discorriam pelos differentes districtos, sujeitos á dominação portugueza, e passando ás terras dos regulos, que sem a reconhecerem, comtudo não se achavam commosco em abertas hostilidades, d'alli sabiam animosamente para o sertão, levando a toda a parte com a palavra vivificante de Jesus Christo esperanças de melhor futuro para o bem estar d'aquellas innumeraveis e tão varias gentilidades. Ser-me-hia facil, mas não é necessario, designar grande numero de provincias e respectivos sertões assim percor-

¹ Cardonega, *Historia das guerras de Angola*, tom. iii, part. ii.

² Id. *ibid.*

³ Lopes de Lima, *Ensaio statistico de Angola e Benguella*, part. ii.

⁴ Id. *ibid.*

ridos, e simplesmente notarei que, de principio, d'esta sorte foi evangelizado todo o territorio de Benguella e demais territorios adjacentes, pois não havia alli permanente, senão a só missão estabelecida na cidade de S. Philippe, capital da provincia ou reino. As egrejas, e residencias d'estas missões eram construidas de madeira, ou tão sómente de ramos de arvores entrelaçados, que, segundo as necessidades ou conveniencias da missão, ou se desfaziam, ou para outra parte eram transportadas.

Em Moçambique foram fundadas as duas missões, a que fiz já allusão, dos jesuitas e dominicos, d'onde partiram todas que tão fructuosa como largamente derramaram com as verdades religiosas as primeiras noticias da civilização europêa por uma e outra margem do Cuama, correndo toda a Zambesia¹, o reino de Sofala, os que formavam o antigo imperio do Monomotapa, e os territorios confinantes de uma e de outra banda, até aos sertões mais longinquos².

É immenso o quadro dos trabalhos dos missionarios, que por espirito de religião, e di-lo-hei tambem, porque digo a verdade, por sabia previsão dos governos de Portugal, foram enviados ás nossas possessões africanas desde os fins do seculo xvi, durando todo o seculo xvii, e ainda na primeira metade do seculo xviii. Perde-se a imaginação ao contempla-los, e sombria e pesada nuvem opprime o coração do homem esclarecido, que, feita comparação do passado com o presente, observa o lastimoso desamparo d'aquelles povos infelizes, cuja christianisação, policia e culto, com tanta inconsideração foram atalhadas e pervertidas, quando reflecte de quão poderosos auxiliares nos privámos, sem nenhuma compensação, nem sorte alguma de vantagem para a causa da humanidade em geral ou em particular da nossa terra e da nossa gente. Rasão sobeja ha sem duvida para que o homem pensador, quer aprecie os factos debaixo das relações meramente religiosas, quer debaixo das relações meramente politicas, ou debaixo de umas e outras conjunctamente, se contriste e amargure, e quasi

¹ Dá-se o nome generico de Zambesia á parte dos dominios portuguezes, na costa oriental de Africa, situada no valle do Zambese, desde as fozes d'este rio até acima do antigo presidio do Zumbo, na confluencia do

² Id., com o mesmo Zambese. Comprehende as villas de Quillimane, Sena,

⁶ Id., ibid. e de Manica, e outras. V. Bordallo, *Ensaio*, Cap. xiii.

⁷ Id. ibid.

⁸ Id. ibid.

descrea do nosso futuro ao ver que, não podendo deixar de ser conhecida dos homens, a quem por tantos annos ha incumbido reger os destinos de Portugal, a necessidade de nos voltarmos para as nossas possessões ultramarinas, e de modo muito especial n'uma e n'outra Africa, e não podendo occultar-se-lhes que o restabelecimento das missões por via das ordens religiosas é o meio não só mais facil. senão o mais certo e efficaz de conseguir alli grandes resultados, se tenham deixado tomar não sei de que vãs contemplações e pueris receios, e prender não sei de quaes rasões pequenas; e tendo adoptado varias providencias, porém inevitavelmente acanhadas e de effeito incerto, não hajam lançado mão da que, só de per si, vale por muitas, sem que fique fundamento nem para minima hesitação com respeito ás vantagens a esperar do seu futuro.

Quereis saber como ha de ser infallivel, abundante e saboroso o fructo a esperar? Lêde, mas sabei ler, com attenção escrupulosa a historia particular das differentes missões, de que tenho fallado. Dizem muito, mas, muito mais do que dizem, nos deixam para intender: porque, parecendo omitir informações especiaes, de que desejaríamos nos dêssem conhecimento, o que relatam presuppõem o que pertenderíamos saber; nem é preciso grande esforço logico, para de tudo ficar ao alcance. Investigai cuidadosos as «*Relações annuaes* do padre Fernão Guerreiro» e pelo que diz e pelo que deixa de dizer, mas deve ou subintender-se ou inferir-se, alcançareis o conhecer os importantissimos serviços, que prestaram os missionarios jesuitas á religião, á civilisação e á humanidade. Da «*Istorica Descrizione* do padre Cavazzi» deprehendereis o muito, que de objectos de tão grande momento bem-mereceram os missionarios capuchinhos italianos; e da «*Ethiopia Oriental* do padre João dos Santos», e da «*Historia de S. Domingos* por Fr. Luiz de Sousa e por F. Lucas de Santa Catharina», concluireis que não foram menos valiosos que os de uns e outros os serviços dos missionarios dominicos. Não citarei mais auctores, bastem estes entre tantos; nem aqui apresentarei excerptos das suas obras, porque muito em demasia tinha de avultar a escripta, e limitar-me-hei a convidar o leitor a que lêa a *Nota*, para a qual o envio¹.

Entretanto, se julgo não dever aqui introduzir nenhuns exer-

¹ V. *Nota 4.*

ptos, não me parece comtudo, que deva omitti-los inteiramente, e por isso alguns inseri na *Nota*, a que remetto o leitor; mas, em todo o caso, tenho para mim que se lerá com satisfação o que diz ao ponto um escriptor não nacional, e que demais a mais não professa os principios catholicos, nem escreve no interesse dos portuguezes, e que, por isso mesmo, é absolutamente insuspeito. Ouçamos pois o dr. Livingstone. Os louvores por elle dados espontaneamente aos missionarios capuchinhos, aos jesuitas, e em geral aos missionarios catholicos, não podem deixar de ser acceitos como homenagem forçada pela verdade. «A 10 ou 12 milhas ao N. de Ambaca existio a missão de Cahenda, e é ainda agora motivo de verdadeiro espanto o observar alli o grande numero de pessoas que sabem ler e escrever. É este o fructo do trabalho dos missionarios jesuitas e capuchinhos, porque foram elles que ensinaram o povo de Ambaca; e, depois da expulsão dos mestres pelo marquez de Pombal, os naturaes continuaram o ensino mutuamente uns aos outros. Aquelles homens dedicados são tidos, ainda até hoje, na maior veneração em todo o paiz. Todos dizem bem d'elles (os padres jesuitas)¹».

«Desejoso de obter mais alguma informação do territorio, e das missões alli estabelecidas (escreve Livingstone em outro lugar), resolvi-me a visitar a villa de Massangano, situada ao sul de Golungo-Alto, na confluencia dos rios Lucalla e Coanza. Para isso tive de atravessar o districto de Casengo, famoso pela abundancia e excellencia do seu café. Extensas plantações de café existem sobre as encostas das elevadas montanhas, de que se compõe este districto. Não foram feitas pelos portuguezes. Sabe-se que os jesuitas, e outros missionarios, trouxeram semente do fino antigo moka, a qual se tem propagado com largueza: eis-abi a causa da excellencia do café de Angola. Ha quem tenha asseverado que o arbusto do café é indigena, por isso que todos os dias, mesmo durante o periodo da nossa visita, se estão descobrindo novas plantações; porém o facto de que ananazes, bananas, yames, larangeiras, maceiras, pitangas, guavas e outras arvores da America do Sul, foram achadas por mim nas mesmas localidades com as plantações dos cafeseiros recentemente descobertas, parece provar que todas as arvores exoticas hão sido importadas pelos mesmos ho-

¹ Livingstone, chap. xix, pag. 382.

mens. Sabe-se que os jesuitas introduziram tambem muitas outras especies de arvores *por causa sómente das madeiras de construcção*. Grande numero d'estas espalharam-se pelo paiz, algumas morreram, e outras deixaram de propagar, como aconteceu com a que se acha, para specimen, no que foi jardim botanico de Loanda, a qual, posto que de muita utilidade para substituir o incenso, é a unica da especie que se encontra na Africa¹.»

Os missionarios não trabalhavam nem para seu proveito nem para honra sua, trabalhavam para gloria da religião, e para vantagem não da sua patria sómente, senão da sociedade em geral, da civilisação e da humanidade. Não se limitando meramente aos trabalhos religiosos, mas fazendo-se tudo a todos, eram agricultores, eram artifices, eram obreiros, eram medicos, eram cirurgiões, eram mestres, eram explicadores, eram, em uma palavra, o que mais convinha que fossem aos que queriam ganhar para a religião, e para a sociedade. É por isso que imaginaram o admiravel methodo do ensino mutuo, e tão efficaç é aperfeiçoadamente, que, tantos annos depois da sua ausencia, o methodo subsiste, o ensino continua, e o fructo multiplica-se. É por isso que traduziram na lingua mais geralmente conhecida e fallada na Africa austral os preceitos do decalogo, e breve resumo da doutrina evangelica, ajuntando-lhe curtas explicações; e tentaram e venceram o improbo trabalho de compor a grammatica e dictionario da lingua bunda², que de tão grande auxilio ha sido para as missões, e para a mais segura e facil correspondencia no progredir do trato dos portuguezes e dos varios povos da Europa com os indigenas do littoral, e de grande parte dos sertões africanos. É por isso que se dedicaram tão desvelados ás observações botanicas e ás experiencias agricolas, e diligenciaram introduzir e aclimar sementes e plantas de varia especie, e arvores de fructo, e tambem meramente de construcção, que, augmentando a riqueza d'aquelle já tão rico solo, haviam de facilitar maiores commodidades aos europeus arroçados, que se abalançassem a ir ser habitadores n'aquellas remotas

¹ Id., chap. xx, pag. 401 e 402.

² «O padre Marcos Jorge e o padre Ignacio Martins (jesuitas), compozeram a doutrina christã, que traduzio na lingua do Congo (a lingua bunda) o padre Mathêus Cardoso (jesuita), dr. na sagrada theologia.» Cardonoga, *Historia Geral Angolana*, ms. tom. III, 3.^a part., pag. 256 e 257. V. tambem no cap. vi, o que digo a este ponto.

regiões, por muitos tempos reputadas inhospitas, e accrescentar os meios de crear e satisfazer necessidades, e de multiplicar avantajadas transacções de toda a sorte. É por isso finalmente que não deixaram intentada via nem traça de consolidar, e de fazer fructuosas pela doutrina e pelas obras, pela caridade e pela sciencia, a conquista operada pelos feitos pasmosos dos portuguezes, que, no punho a espada e na frente a cruz, descobriram, devassaram, e obtiveram a posse e o dominio das terras africanas. Sem a obra da cruz, a obra da espada não teria andado caminho, nem de modo nenhum se tornára estavel; e, sem as fadigas dos missionarios, estaria ainda hoje a Africa portugueza quasi como a acharam os primeiros conquistadores.

E por que tanto fizeram os nossos missionarios? Por que? Por que, sobre serem catholicos, faziam profissão da vida monastica. Não tinham a cuidar senão do cabal desempenho dos seus deveres de missionarios, sem que lhes divertisse os pensamentos o velar pela sorte da familia, ou de algum outro negocio mundano, e nem sequer pela propria tão parca subsistencia. Na voz do superior ouviam a voz de Deus; não eram de si, eram da obediencia: esta mandava, e elles cumpriam. E podem missionarios taes ser substituidos por outros em condições diversas? E podem os serviços por elles prestados ser de algum outro modo equivalentemente suppridos? É impossivel. Reflecti, e comigo concordareis; porque a verdade é uma sómente.

Os missionarios protestantes porventura quereriam, mas não lhes é dado hobrear com os missionarios catholicos; estão em condições inteiramente outras. A familia, a mulher, os filhos, a habitação, os teres e os haveres roubam-lhes pensamentos, labutação e cuidados, que só ao seu mister de missionarios eram devidos. São significativas as palavras de Livingstone, que devem ser tidas em toda a conta, como de missionario e protestante. Depois de ter louvado os jesuitas e o admiravel systema por elles adoptado¹, para tirarem a maior vantagem da varia aptidão dos diffe-

¹ É dever de justiça destruir um erro, senão uma calunnia, alevantada contra os jesuitas, à qual aqui dá corpo o dr. Livingstone, dizendo que: «Ao membro da corporação apaixonado de historia natural deixavam seguir a sua propensão, ao que preferia a litteratura concediam tempo e socego para medrar nos seus estudos, e ao que se mostrava com sagacidade para o commercio, o mandavam á procura do marfim e do pó de ouro, de

rentes membros da sua congregação em utilidade commum, conclue: «O que póde pensar-se da justiça, para não fallar da generosidade dos christãos, e das associações, que tratam os missionarios sem nenhuma consideração, e reputam esmolla o que lhes dão? A materia é muito grave com respeito aos missionarios protestantes, que podem ter mulher e filhos. O factó é que, em muitos casos, é justo, virtuoso e digno o homem que sacrifica tudo a um grande objecto, porém é de vergonha para os outros interessados como elle n'esse mesmo objecto, consentir ou acceitar o sacrificio de que se póde prescindir¹».

Em outro logar² escreve o mesmo Livingstone: «Podem ter como regra as sociedades das missões que o tempo que vive um missionario é sufficiente para o ensino de uma tribu em territorios mal povoados, porque n'umas partes o Evangelho não é recebido, e em outras, plantado o christianismo, é certo que a seara de si mesma ha de medrar³. Dentro em pouco sabe-se que o missionario é mantido pelos seus compatriotas; e, posto que o salario seja o indispensavel para muito modesta subsistencia, parece aos afri-

sorte que ao passo que preenchia os actos religiosos da sua missão entre as tribus distantes, achava modo de auxiliar effectivamente os irmãos que tinha deixado no estabelecimento central». É de todo o ponto inexacto esta ultima parte da asserção do dr. Livingstone, nem elle a póde firmar em documentos, que mereçam alguma consideração. Não existe nenhum com que se prove que a companhia de Jesus auctorisava os seus missionarios a commerciar, emquanto é certo que muitos existem d'onde o contrario tem de deduzir-se necessariamente. As instrucções e os escriptos dos seus mais respeitaveis e venerados missionarios são a flagrante condemnação da doutrina que por Livingstone lhes é attribuida, como se fosse entre elles pratica habitual por direito recebido. E pois que o dr. Livingstone se mostra respeitador da auctoridade de S. Francisco Xavier, observarei que, nos avisos ou instrucções por elle dadas aos demais obreiros da companhia, lhes ha por muito encommendada: «A *isenção dos negocios seculares*, que sobre serem grande impedimento á luz, e devoção espirital, tão importante a todos que pregam, tem força, se não ha muita vigia, para inquietarem a homens mui bons religiosos, até os tornarem pouco e pouco, sem se sentirem, a metter no mundo». Lucena, *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. x, cap. xiii.

¹ Livingstone, chap. II, pag. 34 e 35.

² Id., chap. VI, pag. 116 e 117.

³ Esta doutrina é manifestamente inexacta, e está em contradicção com a que Livingstone sustenta n'outra parte, chap. VI, pag. 115 e 116, não querendo de nenhum modo que os neophitos sejam sós a si deixados.

canos somma enorme, e sendo estes incapazes de apreciar os motivos que actuam n'aquelles, consideram-se com direito de exigir dos missionarios variados serviços, e, de defraudá-los, se não lh'os prestam cabalmente. Este modo de pensar ganha força quando um homem moço, em vez de ir ter resolutamente com os verdadeiros pagãos, toma posse de uma habitação commoda, e de uma horta preparada por aquelles cujas fadigas vai substituir. O remedio a este mal póde achar-se, cedendo-se a propriedade das habitações e hortas ás familias dos missionarios, que pelas suas mãos as prepararam. É ridiculo designar estabelecimentos, como Kuruman por exemplo, com o nome de «propriedade da sociedade das missões». Este bello estabelecimento foi feito o que é, não com o dinheiro inglez, mas com o trabalho e suor dos paes, cujos filhos, não obstante, não possuem um palmo de terra, que possam dizer sua. As operações da sociedade podem ser transferidas para o norte, e, n'esse caso, a bem construida habitação dos missionarios tornar-se-ha propriedade de um boer, e o sumptuoso edificio da igreja ficará transformado em curral dos seus gados. Este estabelecimento ha sido o que foram os mosteiros da Europa nos primeiros seculos. Os monges não se desprezavam de pôr a mão na charrua, e introduziram as arvores fructiferas, as flores e os vegetaes, sobre emanciparem os servos, e distribuir-lhes o ensino. Os mosteiros eram missões ás quaes as nossas são similhantes, porque eram botica para os doentes, asylo para os pobres, e seminarios de instrucção. Porque não tomaremos exemplo, como o tomaram os estabelecimentos litterarios da Europa, do que foram os mosteiros na época da prosperidade, e não veremos na sua historia senão os vicios que lhes trouxeram a decadencia? Podem os nossos sabios explicar-nos, porque motivo aquellas primitivas fundações de missionarios se mantinham ricas e florescentes, como pioneiros da civilisação e agricultura, cujos beneficios temos recolhido, e as modernas missões apenas são mesquinhos estabelecimentos sem permanencia, e incapazes de se manterem?»

As sociedades protestantes das missões não será nunca possivel achar resolução satisfactoria ao problema proposto por Livingstone, em quanto que para nós é facillimo, pois que, do que deixamos ponderado, dimana espontaneamente cabal resposta: os missionarios habitadores dos alludidos mosteiros eram catholicos, e, professavam os votos religiosos; e eis-ahi porque florescia e

se sustentavam aquellas missões, e porque, sem nunca florecerem, definham e morrem as missões protestantes, e eis-ahi tambem porque os serviços dos missionarios protestantes não podem ser comparados debaixo de nenhuma relação grandiosa, e de larga vantagem commum aos que foram prestados pelos missionarios catholicos, que tantos e tão grandes tem feito á humanidade. E como o poderiam ser? Com a luz e doutrina evangelica os missionarios catholicos alumiam o entendimento e ganham o coração dos pagãos ou selvagens a que vão converter e instruir; e, desbastada a natural rudeza, dispõem-nos para o trato social, ensinando-lhes com as verdades moraes as practicas de utilidade commum, que afeiçoam a vontade, suavizam os costumes, e alargam a intelligencia, e d'esta arte, e quasi insensivelmente, transformam um tronco sem prestimo, embora decorado da forma humana, em um christão, isto é, n'um homem util para si e para os outros homens, n'um membro são, e de valia para a sociedade. E mais farão ainda, porque, não vacillantes na fé, que lhes é esforço e guia, e de tudo desprendidos e da propria vida, a tudo hão de aventurar-se, a fim de ganhar para a religião, e para a humanidade, aquelles, cuja regeneração resume todo o seu cogitar, e que lhes são mais que mulher e filhos, e familia e patria.

Taes hão sido em toda a parte os missionarios catholicos: sobram os testemunhos que o demonstram invencivelmente. Assim foram; mas só elles assim o podem ser, porque, sobre ser uma só e unica a sua fé, o que não acontece aos missionarios protestantes, d'onde, como se lastima o proprio dr. Livingstone¹, vem para os neophitos grave damno, não actuam sobre elles rasões da terra, senão as de outra ordem muito diversa, e áquella infinitamente superior. Os missionarios protestantes podem acaso extremar-se na botanica, na mineralogia, nas sciencias geographicas, e nas artes, e podem, sagazes observadores, prestar valiosos serviços aos que lhes pagam a dinheiro despezas e fadigas inevitaveis, por isso que os enviam antes como exploradores da industria, ou do commercio, do que verdadeiramente como apostolos sinceros do Evangelho e da humanidade; mas que resulta a final? Não é preciso subir até muito remotas épocas na recordação da historia, para dar á pergunta resposta desenganada, basta abrir os olhos, ver, e refle-

¹ Chap. vi, pag. 116.

xionar. Os missionarios catholicos atravessaram desertos, penetraram florestas, vadearam rios caudalosos e não sabidos, prescrutaram intimos desvios, transpuzeram alpestres e assustadoras serranias, ouviram e fallaram linguas informes e nunca d'antes escutadas, descobriram nações barbaras e ferozes, trataram povos sempre até então ignorados; e, pregando-lhes o Crucificado, allumiando-os com a luz do Evangelho, doutrinando-os nas maximas do catholicismo, intimando-os em nome do Deus que adoravam no céu e do rei a quem obedeciam na terra, deram á igreja filhos submissos e sem numero, alongaram quasi infinitamente os horizontes da civilisação, tornaram cidadãos do mundo os que não eram senão solitarios e inuteis habitadores de broncas penedias, de sertões medonhos, de regiões desconhecidas; abriram, para os que foram feitura sua, de par em par as portas, por onde houvesse de lhes entrar tudo que de bom pôde proporcionar o trato social, e d'esta arte accrescentaram o numero dos subditos obedientes ou dos alliados fieis do seu proprio soberano, e firmaram com solidez novos imperios, fructo das tão grandes aventuras, trabalhos, dispendio e sangue, a que fôra devido o seu descobrimento e conquista.

E pôde o protestantismo arrear-se de louros a estes parecidos? De certo não; e para poupar larga escriptura, citarei só um facto, mas que de sobra o evidencêa; recordai-vos do dominio britannico na Africa, nas Indias, e em todas as possessões d'alem mar. Á força d'armas e de durissima oppressão contam os inglezes com o terreno que occupam, e nada mais. Sempre odiado, de todo o ponto e em toda a parte aborrecido, não poderam nunca os seus missionarios tornar querido o governo inglez: falta-lhes a elles a missão divina, e a santa inspiração da caridade não fingida; e não cura o governo senão de si mesmo, e da maior conveniencia da Inglaterra, sem que o aperfeiçoamento moral dos povos conquistados lhe tenha merecido nunca jámais positivo e serio cuidado. Logo direi da ultima sublevação quasi geral da India ingleza contra os seus terriveis dominadores, e da guerra de destruição e horror, que a acompanhou e seguiu, para apressar-me a advertir que ninguem pôde recusar-me por duvidosa ou suspeita esta minha asserção, pois que me fundô na auctoridade e testemunho sobre modo respeitaveis dos viajantes de differentes nações, e até mesmo inglezes. O proprio Livingstone, posto que, sem faltar ao commedi-

mento a que o obriga o pundonor nacional, fallando com respeito á Africa, e alludindo ao modo tão censuravel por que as auctoridades, e em geral os seus concidadãos, se têm havido depois que se assenhorearam do Cabo de Boa Esperança, e alli estão estabelecidos, não pôde deixar de fazer comparação entre o seu procedimento e o dos portuguezes para com os indigenas, e de consignar a seguinte observação: «Foi sobremaneira agradável para mim, que tenho conhecido de perto a estúpida prevenção contra a gente de côr, observar a nobre franqueza com que a gente de côr é tratada pelos portuguezes. Os exemplos tão communs no sul de desamparar as creanças meia-casta (mulatas) são aqui muito raros: tomam logar na mesa, e são suppridas de tudo que precisam pelos paes, como se fossem europeos. Os empregados indigenas dos commerciantes assentam-se á mesma mesa com as demais pessoas da familia, sem nenhum acanhamento. O modo cortez dos superiores para com os inferiores é provavelmente o resultado da respectiva posição, alguns brancos entre milhares de negros; mas não existe em nenhuma outra parte da Africa tanta bemquerença entre europêos e indigenas como aqui (Angola). Se alguns colonos da raia tivessem inteira certeza de que o nosso governo cessava de trata-los com a costumada arrogancia, provavelmente ouviriamos fallar menos da insolencia dos cafres. A insolencia é que provoca a insolencia¹».

Mas, deixados os testemunhos dos escriptores, que pôde acaso alguém taxar de mais ou menos apaixonados, recordemos esse facto, a que tenho feito allusão, e que não pôde ser interpretado senão de um modo sómente, sejam quaes forem os interpretes e os glosadores; fallo das revoluções tão frequentes, e mormente da que por ultimo abalou o imperio britannico nas Indias orientaes. Acaso teriam logar alli scenas tão afflictivas, tão lastimosas, tão abominaveis por assolação e ruina, por crimes e horrores, se tivessem aquelles povos sido doutrinados pelos missionarios catholicos? Não, de nenhuma sorte, porque os missionarios catholicos para logo, desde o principio, lhes teriam infundido com a doutrina catholica os puros e ineffaveis sentimentos que só pôde inspirar e produzir a verdadeira caridade, e com elles os de respeito e amor para com os superiores, e de affecto e tolerancia para com os de-

¹ Livingstone, chap. XIX, pag. 371 e 372.

mais homens, fazendo-lhes ver em todos, europeus ou indigenas, outros tantos irmãos, que por igual a elles como a proprio sangue seu lhes bemqueriam. Os missionarios catholicos os haviam de ter habituado a reputar-se não como vencidos e conquistados, senão como membros da mesma familia, cidadãos da mesma patria. É assim que se houveram sempre os missionarios catholicos, e é por isso que, em quanto as populações sujeitas ao dominio ferreo da protestante Inglaterra, contra ella se mostram insoffridas, e se aproveitam do mais leve ensejo para tentar subtrahir-se ao abominado jugo, e, acceso o facho da discordia, e ateadada por toda a parte a guerra, não param diante de nenhum obstaculo, expondo-se aos mais crueis azares, atrevido-se aos maiores excessos, e sujeitando-se de bom grado ás mais temerosas consequencias, na India portugueza não careceram os heroicos sustentadores do sceptro lusitano, de prevenir-se contra os naturaes, tornados pela religião irmãos e amigos dos portuguezes, quando a politica dos potentados indigenas os levou a conspirar e colligar-se contra o dominio estrangeiro, antes achou n'elles D. Luiz d'Athaide a fiel cooperação que podia desejar. É por isso que tambem o Brazil não só ajudou a resgatar-se dos francezes, senão que só a si ao depois quasi se resgatou dos hollandezes, havendo-se tão heroicamente como podéra haver-se o subdito da corôa portugueza mais antigo, mais leal, mais portuguez; e é por isso finalmente que na Africa, antes e depois que pertendeu a Hollanda arrebatarnos o reino de Angola e as provincias da sua dependencia, nos seus subditos e alliados africanos achou Portugal firmes e energicos auxiliares; a cujos esforços e coadjuvação foi devido em grande parte o remate glorioso d'aquella trabalhosa restauração. E quem nos conserva e guarda ainda hoje os restos das nossas antigas glorias d'Asia e Africa? Não são de certo os exercitos e armadas que não temos: é a efficacia da antiga evangelisação que se reproduz e opéra infavel e triumphantemente.

Estas são as conclusões a que de mais longe alludi, e são necessarias, por que nascem espontanea e inevitavelmente dos principios: é assim, por que não é possivel que assim não fosse. O catholicismo é a fê guiada pela caridade; mas o protestantismo é a indifferença, á qual o solipsismo serve de base: aquelle gera a gratidão, a fidelidade, o amor; e d'este são fructos infalliveis a hesitação, o deleixamento e a incredulidade. As missões protestantes

podem pois dar a espaços clarão que deslumbre instantaneamente, mas não conseguirão, como nunca até hoje conseguiram, espargir luz que illumine, e illuminando esclareça, e esclarecendo encaminhe, e encaminhando ensine a construir, a estabelecer e a consolidar: taes fructos o são exclusivamente da arvore catholica, e não pôde arvore nenhuma produzir contrariamente á sua natureza; o que disse a sabedoria, o tem confirmado sem alteração em todos os tempos a serie dos acontecimentos.

CAPITULO II

O lago Ngami — Chegada — Descrição — Foram, o dr. Livingstone e os seus companheiros os europeus, que primeiro visitaram o lago Ngami? — Aproximação dos factos — A existencia do lago Ngami era conhecida — Noticias do lago, e de varios caminhos que a elle conduziã — Productos do deserto Kalihari — As melancias do deserto — Noticia d'este fructo dada pela auctor da historia Ms. das Guerras Angolanas — Informação áerea do lago Ngami por mr. William Messum — Circumstanciada noticia do lago Ngami dada a mr. Messum, por um major portuguez (o major Coimbra) antes do mesmo lago ser visitado pelo dr. Livingstone — A descripção do dr. Livingstone conserva os traços caracteristicos da que foi dada pelo major Coimbra, e transmitida por mr. Messum — Confrontação das informações do major portuguez e do dr. Livingstone — Os viajantes estrangeiros seguem geralmente as indicações dos descobridores portuguezes — Observações — O mappa de 1508 (portuguez) — Malte-Brun, e a sua observação — O sueco Anderson — Diversidade de nomes do lago Ngami — Pouca importancia d'este lago, considerado commercial e geographicamente — Afluentes do lago Ngami — O rio Teonghe, o Embarrah ou Cubango, o Tamanakle — Principal mãe d'agua do lago Ngami — A carta de Anderson — Relações e trato dos portuguezes com os Mambari, Gricas, Damaras e outros povos conhecedores do lago Ngami — A pretensão do dr. Livingstone carece de fundamento — Os portuguezes mais promptos em fazer do que em dizer ou escrever — Outros lagos ou lagôas — Angolomen — Rufunda — Abundancia — Chiloane — Luena — Mófo — Ivántala — Lumbuambua — O lago Marave ou Maravi ou Nhanja Grande, e o rio Chire ou Chiri — Absorpção ou evaporação das aguas.

Vou occupar-me do lago Ngami, um dos descobrimentos de que tão grande alardo fez o dr. Livingstone.

No capitulo III lê-se a pag. 65 o seguinte: «Doze dias depois que nos apartámos dos wagons em Ngablansane chegámos á extremidade

nordeste do lago Ngami: e no 1.º d'agosto de 1849 descemos todos á bacia do lago, e, *pela primeira vez*, observaram europêos este magnifico lanço d'agua. A direcção do lago parece ser NNE. e SSE. pela bussola. O lado S. segundo nos informaram encurva a O., e recebe as aguas do Theoughe da banda do norte na extremidade noroeste. Não podêmos descobrir outro horisonte da posição onde estavamos, nem podêmos fôrmar idéa da extensão do lago, senão pelas informações dos habitantes d'aquelle territorio: e como elles affirmavam carecer de trez dias para o rodear, dando a cada dia 25 milhas, temos 75 ou menos que 70 milhas geographicas de circumferencia. Outras conjecturas têm feito calcular ao depois a mesma circumferencia entre 70 e 100 milhas. É pouco profundo, porque vi um indigena, mareando a canôa com uma vara, apesar de achar-se distante 7 a 8 milhas da ponta nordeste, pelo que não pôde (o lago) tornar-se nunca de muito valor como via commercial. De feito, durante os mezes que precedem as aguas que vêm do norte, o lago é tão baixó, que só com muita difficuldade pôde o gado approximar-se da agua por causa do lodo e das cannas que lhe cobrem as margens».

Terá na verdade o dr. Livingstone fundado motivo para muito se gloriar do descobrimento do lago Ngami; e será fóra de duvida o terem sido, elle e os seus companheiros, os primeiros europêos que o observaram? Averiguemos os factos.

A existencia do lago Ngami era já conhecida nos fins do seculo XVIII, como confessa Livingstone¹, e por vezes se tinha tentado, para visita-lo, atravessar o deserto. Aqui será bem notar que se dá em Africa a este e a outros tractos de terra semelhantes o nome de deserto simplesmente por não se encontrar alli agua corrente, nem agua nativa, senão a muito custo; porque pelo demais são habitados, e abundam em variada vegetação, animaes e caça.

Mas não só a existencia do lago Ngami era de ha muito conhecida, o que deveria ter proporcionado ao dr. Livingstone largas informações, que lhe facilitassem a jornada que pretendia alli fazer, senão que succedeu que dias antes de Livingstone sahir de Kolobeng com aquelle intento, chegou uma caravana composta de habitantes visinhos do lago, que miudamente o informaram da es-

¹ Livingstone, chap. II, pag. 46.

trada que tinham trazido, prevenindo-o ao mesmo tempo de que não podiam por ella transitar wagons¹. Assim pois o dr. Livingstone possuia circumstanciadas informações do deserto que tinha de atravessar, e da direcção que lhe cumpria seguir, sem ignorar os recursos que podia proporcionar-lhe o chamado deserto, e nem ainda que existia um caminho de poucos sabido, por onde era mais prompta e segura a jornada².

Não fallarei dos productos do deserto de Kalahari, senão para notar que são geralmente conhecidos em Angola, e que, segundo observa o mesmo dr. Livingstone³, se encontram por todo elle até às proprias terras angolanas. Comtudo observarei que a planta que o dr. Livingstone descreve como a mais admiravel do deserto, a que chama kengwe ou keme (*cucumis caffer*) a melancia, era desde tempos remotos conhecida dos portuguezes. Eis-ahi a descripção que nos dá d'este fructo, na verdade providencial, o dr. Livingstone: «Nos annos em que chove mais do costume, extensos tractos d'aquellas planicies apparecem cobertos d'estas melancias, e isto tinha logar annualmente, quando as chuvas eram mais abundantes do que de presente, e os Bahwains mandavam caravanas todos os annos ao lago a mercadejar, e para trazerem d'estas melancias. Agora esta abundancia de ordinario ocorre sómente cada dez ou onze annos, e nos ultimos tres succedeu coincidir com a estação extremamente humida. Então os homens, e toda a sorte de animaes festejam o rico dom. O elephante, verdadeiro senhór da floresta, saborêa esta fructa, e da mesma sorte o rhinoceros, posto que naturalmente muito differe d'aquelle na escolha do pasto. Varias especies de antilopes se alimentam das melancias com igual avidez, e os leões, hyenas, chacaes, ratos, em fim toda a sorte de animaes comem, e apreciam esta benção commum da providencia. Entretanto aquellas melancias não são todas egualmente boas para comer, umas são doces, e outras tão amargas, que a todas os boers dão o nome de melancia amarga. Os indigenas escolhem-nas ferindo-as com um machado uma em seguida á outra, e applicando a lingua á incisão, e por este meio distinguem de rapido as doces das amargas. As amargas são doentias, porém as doces são

¹ Livingstone, chap. iii, pag. 53.

² Id., chap. ii, pag. 45.

³ Id., chap. ii, pag. 47.

muito saudáveis. Esta particularidade de uma mesma especie de planta produzir fructo doce e fructo amargo acha-se tambem n'uma especie de pepino vermelho, muito frequente n'aquella região. Aquelles pepinos têm quasi quatro pollegadas de comprido, e quasi pollegada e meia de diametro. Quando estão maduros têm a côr de vivo encarnado, alguns são amargos e outros muito doces».

É d'esta especie de melancias, a que chama abobaras, que, na *Historia das Guerras Angolanas*¹ faz menção Cadornega nos seguintes termos: «Chegarão (os portuguezes) n'este sitio de Masingano a grande extremidade de fome, que não tinham que comer, e, vendo a grande necessidade em que estavam, se afoutarão em passar o braço, que dito he, da Samba-Coanza, e hirem aquella ilha, que está em frente, ver se achavão alguma cousa de verdura com que fossem alimentando a vida; e permittio a Providencia divina, que sustenta a mais minima formiga, deparar-lhes em tanto extremo de fome e miseria algũas abobaras, e vierão d'ellas carregados, e com a canôa em que havião passado bem provida; e o que vendo os que tinham ficado no alojamento, forão e trouxerão, e assim foram continuando muitos dias, sustentando sua fome».

Vamos ver agora se, na verdade, a resposta, a dar á pergunta que fica feita, deve ser antes negativa do que affirmativa, como quer parecer-me, isto è, se os olhos do dr. Livingstone, e dos seus companheiros foram os dos primeiros europêos que viram o lago Ngami: pelo menos, a duvida è cabida. Ouçamos uma testemunha insuspeita, um concidadão do dr. Livingstone, mr. *William Messum*. Este n'uma carta escripta em Londres (Janeiro de 1855) diz o seguinte²: «Tendo promettido dar-vos a informação que alcançasse das visinhanças do grande lago Ngami da banda da costa occidental, sobre o caminho seguido por Charles John Anderson, devo primeiro dizer que, quando eu andava examinando a costa occidental nos annos de 1846, 1847 e 1848, a existencia d'aquelle lago era ignorada, e ainda que eu fui ao interior desde *Walfish Bay* até *Onanis*, com tudo nada ouvi a tal respeito

¹ Tom. 1, part. 1, pag. 20.

² A carta, a que me refiro, foi publicada no jornal *Mercantile and Shipping Gazette*, e reimpressa n'uma folha periodica do Cabo da Boa Esperança o *S. A. C. Advertiser and Cape Town*.

do principal povo (o Juncker) por onde formasse idéa da sua existência. Visitando *Little Fish Bay*¹, a primeira noticia que eu tive de um lago, ou antes de uma supposta serie de lagos, foi *por um major portuguez*², que tinha vindo por terra de Moçambique a Benguella: elle sitúa a parte septentrional do lago por 18° N. (*sic*), e a percorreu até á sua extremidade, cerca de 60 milhas. Era difficiloso chegar á agua, tão densas eram as cannas. O lago estava cheio de hippopotamos. Os naturaes disseram-lhe que communicava com outro lago ao S. ou a SE. Os lados occidental e meridional eram baixos e arenosos. Não podia dizer qual fosse a extensão, porque a terra ao S. ficava tão longe que se não podia avistar. Encontrou naturaes que tinham vindo da costa occidental, visinhanças do Porto Alexandre, e tinham gasto sessenta e tres dias no caminho.

«Quanto ás producções elles (portuguezes) recêam que os inglezes saibam quaes são. Eu pude averiguar que o marfim era abundante, e da mesma sorte a gomma copal; mas não havia escravos que se comprassem para o transporte d'estes generos, e muitos dos bois de montar tinham morrido³. Ao N. do lago todo o paiz se vai levantando a consideravel altura; o clima é benigno, e a vegetação formosa: elle (o major portuguez) alli se restabeleceu de uma febre que tinha tido.»

Confrontem-se agora as duas noticias, a que deu o major portuguez a mr. William Messum anteriormente a 1848, e a que nos communicou o dr. Livingstone em 1857, dizendo have-la por si

¹ É este o nome que dão os inglezes á bahia de Mossamedes.

² Segundo parece deprehender-se da carta de *Ladislau Amerigo Magyar*, escripta nos Gambos em 21 de março de 1853, da qual terei de falar em logar competente; assim como do que se collige de outras informações, este major portuguez chamava-se *Francisco José Coimbra*, e foi nomeado em 1838 governador de Bihé. Era homem aventureiro, que percorréra pelo interior grande parte de uma e outra Africa, e entrára atrevidamente os mais desviados sertões. Ha comtudo quem não seja d'esta opinião, suppondo ser um outro.

³ A primeira creação que com todo o cuidado se deveria fazer prosperar é a dos *bois-cavallos*, animaes indigenas, que sempre tem servido de cavalgadura aos naturaes do paiz, e de conducção para as suas cargas, deixando-se guiar por uma corda passada atravez das ventas, que lhes foram desde pequenos. Lopes de Lima, *Ensaio statistico de Angola e Benguella*, part. 1, cap. iv.

proprio obtido em agosto de 1849; notem-se com cuidadosa attenção alguns dos traços característicos das descripções por ambos feitas do lago Ngami; tenha-se na devida conta que as informações, recolhidas por mr. Messum, o foram durante o exame que fez da costa occidental d'Africa, nos annos de 1846 a 1848, e que a chegada do dr. Livingstone ao lago só teve logar no 1.º de agosto de 1849; advirta-se que mr. Messum, como elle proprio declara, transmittio desde logo estas informações a mr. Scheipman, activo viajante e missionario, sendo bem de crer que por igual as levou ao conhecimento de outras muitas pessoas no decurso das suas explorações na costa, e depois do seu regresso a Inglaterra; e conclua o leitor imparcial, e logico, se o dr. Livingstone tem fundamento solido para assegurar tão senhor de si, e gloriar-se com tanta ufania de que foram, elle e os seus companheiros, os europeus que primeiros observaram aquelle magnifico lanço d'agua? Pela minha parte parece-me ter mais que muito justificado motivo para repetir o que disse n'outro logar, a saber, que nas investigações d'Africa assim o dr. Livingstone, como os demais viajantes estrangeiros, seguiram geralmente não só as indicações, senão os trilhos dos infatigaveis descobridores portuguezes.

Com quanto a demonstração feita deva julgar-se cabal, comtudo tenho que ninguem terá por demais, nem serão lidas sem algum interesse as observações, que me affigurou opportuno aqui accrescentar.

Na excellente collecção periodica *Nouvelles Annales des Voyages*, redigida por mr. V. A. Malte-Brun, 1853, lê-se o seguinte com respeito ás mais recentes investigações na Africa austral¹: «O lago Ngami tem sido visto e investigado por muitos europeus. Infelizmente a sua posição geographica não tem sido determinada com exactidão até este dia. Desde o principio d'este seculo receberam-se, na colonia do Cabo, indicações positivas relativamente á existencia e situação approximativas d'este reservatorio. Pertende-se tambem que um mappa de 1508 designa um lago n'esta região».

O dr. Livingstone tambem confessa² que as noticias havidas

¹ Tom. iv, pag. 327.

² *Apontamentos* do dr. Livingstone, *publicados* em Loanda em agosto de 1854. V. *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola*, n.º 463, de 1854.

ácerca d'este lago ou mar interior datavam de mais de trinta annos. E quem senão portuguez, era ou podia ser o auctor do mappa alludido por Malte-Brun? Nos que acompanham este exame¹ se pôde bem observar que os *novos* territorios de Livingstone alli têm rasto assignalado. Agora pergunto; e é crível que taes noticias, de tantos sabidas, só dos portuguezes fossem ignoradas? É impossivel, como prova, alem do que fica acima dito, o de que passo a fazer nota.

O sueco *Ch. J. Anderson*, que é o viajante que deu mais circumstanciada descripção do lago Ngami, afirma positivamente que, supposto seja aquelle o nome pelo qual é designado mais commummente este lago, comtudo é certo que por outros muitos é conhecido. Ora esta multiplicidade de nomes, dados a um mesmo lago, rio, serra, etc., é origem de confusão quasi inevitavel, e consequentemente de difficuldades inextricaveis, e de muitos erros na geographia africana, como já desde muito tempo observou o padre João dos Santos, e varios outros ao depois tem advertido, e é facil de comprehender, conforme ao que tambem na minha introdução ficou notado. D'aqui provém igualmente que, devendo ter-se por fóra de duvida que os portuguezes houveram conhecimento d'este chamado agora lago Ngami muito antes de Livingstone, todavia não lhe davam este nome; e, como não havia rasão commercial ponderosa que para o lago lhes chamasse a attenção, mormente quando conheciam outros muitos mais dignos d'ella por considerações de grave momento, não fizeram d'elle menção especial.

Continuemos: é o rio Teoughe um dos que abastecem o lago Ngami, e supposto diga o dr. Livingstone, que este rio é um braço do Embarrak ou Cubango, assim como o Tamunackle, comtudo Anderson o faz distincto, e fez expresso reparo de que a sua nascente é desconhecida, e que se julga ficar a grande distancia, e ser a mesma ou achar-se proxima da do Coanza². Advertindo de passo que se conforma a opinião de Anderson ácerca da origem do Coanza com a dos nossos escriptores, como observarei em logar proprio, não vein ao meu proposito deter-me com a apreciação d'estas duas

¹ V. no logar respectivo os mappas de Diogo Homem e Antonio Sanches.

² *Bulletin de la Soc. de Géogr.* Déc. 1855. *Nouvelles Annales de Voyages*, tom. iv, pag. 329.

opiniões relativas á nascente do Teoughe, porque não affecta essa questão de nenhuma sorte o meu argumento. Na verdade basta-me o facto, pois que, sendo certo que o lago é alimentado principalmente pelo rio Embarrak, e se suppõem ser este o mesmo que o rio Cunene ou Cubango dos portuguezes, torna-se inacreditavel que fosse d'elles desconhecida a sua existencia, embora não tivessem feito d'ella registo especial, por isso que rega este rio terras de Caconda e commarcans; e tanto assim, que Livingstone quer que o governador de Caconda faça verificar se sim ou não é o Cubango a principal mãe d'agua do lago Ngami¹.

Pelo demais convem advertir que, quem lê reflectidamente a carta de Anderson², a que fiz referencia, firma-se na opinião de que não é possivel que os portuguezes ignorassem o lago Ngami. Effectivamente desde muito tempo os portuguezes do Bihé, Angra do Negro (hoje Mossamedes), Huila, Quilengues, Caconda, etc., tratam seguidas relações commerciaes com os Mambari, e juntamente com elles e por via d'elles com os indigenas do sertão até remota distancia, e nas differentes direcções, alargando-se porventura menos para o N. Ora os Mambari mercadejam regularmente com os Boubicos, nação ou tribu domiciliada nas proximidades do lago Ngami, e que, muito industriosa, e em frequente communição com varias tribus convisinhas, e em particular com os Sebituanos e Letxoletebelos, necessariamente haviam de ter informado os portuguezes ácerca do que respeita ao mesmo lago, não sendo que não julgassem não valer a pena o fallar d'elle.

Dos Gricas e dos Damáras deviam ter obtido tambem os portuguezes semelhantes noticias, porque estes povos, e bem assim os Ouambos ou Uambos, conhecedores do Cunene, cujas margens frequentam, e que muitas vezes atravessam nas suas excursões

¹ Eis-ahi as palavras do dr. Livingstone nos seus *Apontamentos*: «A agua (do lago) é perfeitamente doce, e vem d'un rio chamado Embarrak, o qual antes de desembocar se divide em dois braços o Teoké e Tamunakle, estes não tem corrente senão durante a estação chuvosa nos paizes que lhe ficam ao norte, e depois de terem enchido o lago, a agua que cresce segue para L. no leito do Zouga... O Embarrak *suppõem-se* ser o Cunene ou Cubango dos portuguezes. Julgamos que esta conjectura poderia ser verificada pelo commandante de Caconda». *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola*, n.º 463, 12 de agosto de 1854.

² *Nouvelles Annales des Voyages*, tom. iv, pag. 333 e 334, etc.

commerciaes, achavam-se por essa mesma razão em estreitas relações com grande numero de tribus, que traficavam regularmente com os portuguezes, e acaso e não raro com estes mesmos. E pôde acreditar-se que, se fosse o lago Ngami para tido em conta, commercialmente considerado, não houvessem estes povos trocado entre si informações, e que não tivessem estas chegado á noticia dos portuguezes? Com esses povos, de que tenho fallado, e com outros de que podia fazer menção, para todos os quaes o lago Ngami era de ha muito conhecido, resgatavam commerciantes portuguezes directa e pessoal ou indirecta e mediatamente escravos, marfim, e outros productos preciosos; e é sabido que a frequencia do trato sempre e em tudo traz, e torna inevitavel, a intimidade de mutuas declarações.

Não é de certo preciso entrar em mais detida investigação, para demonstrar ser não só aventurada, senão tambem destituída de fundamento a pretensão do dr. Livingstone, quando reclama para si, e para os seus companheiros de viagem, a honra exclusiva de haverem sido os primeiros européus, cujos olhos observaram o lago Ngami; porque, do que venho reflectindo, se demonstra de modo completamente satisfactorio que não podiam os portuguezes deixar de ter d'elle conhecimento desde muito tempo; e pelo que disse antes, e está auctorizado com o testemunho explicito e excepcional de mr. William Messum, prova-se com evidencia não sómente que dois annos mais cedo que o dr. Livingstone os olhos de um portuguez viram aquellas aguas, mas tambem que soube elle ver tão attentamente, que o proprio Livingstone parece ir-lhe após o trilho, seguindo-o conforme nas principaes indicações por elle mesmo dadas.

Mas porque não descreveu nenhum portuguez, como agora ha feito o dr. Livingstone ou o sueco Anderson, o lago Ngami? Porque, de mais de outras razões obvias, por onde se convence que muitas difficuldades obrigam a desistir intelligencias robustas do intento de transmittir por escripto o que viram e pensaram, foram os portuguezes sempre mais promptos em fazer do que em dizer; e todavia, não faziam mysterio do que tanto lhes custava a achar e conhecer, antes sem inveja o communicavam, não lhes dando minimo cuidado que viesse alguém após elles, que pertendesse e ousasse pôr na cabeça os louros por elles já colhidos. Com respeito a este mesmo lago Ngami é prova evidente do que leva-

mos escripto a carta de mr. Messum, e talvez tambem a propria descripção do dr. Livingstone. De mais, em relação ao facto que fica averiguado, não existia rasão ponderosa, que para tanto houvesse de fazer-lhes força. Julgaram porventura os portuguezes o lago Ngami antes objecto de curiosidade do que merecedor de séria attenção, porque não lucrava com a noticia d'elle o trato commercial, rasão primeira por muito tempo das investigações no interior d'Africa; e, como assim julgavam, assim se houveram, tendo-se por desobrigados de fallar do em que pouco ou nada elles e os demais podiam interessar. Foi o seu juizo errado? Não o creio, porque tambem Livingstone declara que, sendo, como é, o lago mui pouco profundo, *será isto obstaculo permanente a que adquiera grande importancia* como via de communicação¹.

Tendo tratado do lago Ngami, não parecerá estranho que dê aqui noticia de varios outros lagos, alguns dos quaes não foram conhecidos de Livingstone, que nem se quer os menciona, e dos outros convem saber qual o conhecimento d'elles havido pelos portuguezes anteriormente ás noticias que nos deu Livingstone. D'este exame resultará o convencimento de que não são mais circumstanciadas as informações hoje obtidas. De passo ficará esclarecido o que se sabe acerca do lago Marave ou Maravi, e provada a inexactidão do missionario inglez, que pertende inculcar-se como primeiro navegador do rio Chire.

O primeiro lago de que se me offerece fallar é o de Angolomen. Cardonega que lhe chama lagôa² assim o descreve³: «Esta lagôa occupa algumas legoas de circuito, e he de tanto fundo, e dilatada de agua, que, entrando a viração da tarde, faz maretas, e ondas, como o proprio mar; e todos os seus derredores, e ilhotas que em si tem, são e tem sido muito abundantes de madeiras que chamão Muggingis, e Espinheiros, que de páo ferro, como já temos dito em outra parte, podera ter o nome, pois que pela fortidão é incorruptivel. Serve para a çavernagem, e para taboado. Das suas entrañas tem esta nobre lagôa botado muitos filhos e filhas, como são

¹ Livingstone, chap. III, pag. 66.

² Os nossos antigos escriptores das cousas d'Africa não fazem, geralmente, differença entre lago e lagôa ou alagôa, e empregam indistinctamente estas palavras para designar o mesmo objecto.

³ *Historia Geral Angolana*. Ms., tom. III, part. II, pag. 99.

patachos de cuberta, e lanchas, tambem de cuberta, dando-lhes passo livre para o soberbo rio Coanza, o nomeado Esteiro de Angolomen... Ha n'este immenso lago muitos cavallo marinhos, lagartos, mais peixes-mulher do que em outra parte, roballos e peixes realengos; e o author d'esta historia vio hum, mandado ao governador Pedro Cesar de Menezes, no tempo que assistio em Massangano, retirado do hollandez, que por façanha mandou pesar as banhas, que trouxe na barriga, e pezarão outo arrates». «N'esta lagôa contavão os antigos que, vindo de volta do reino de Congo pelas fortalezas d'este sertão, o bispo D. frey Manuel Bautista, chegando à villa da Victoria de Massangano, teve muito desejo de ver ao perto aquelles monstros marinhos; e, hindo a esta famosa lagôa levado da curiosidade, e acompanhado da gente principal d'aquella villa a huma pescaria, por lhe darem gosto chamarão hum negro, que sabia suas habilidades, e lhe disserão que fizesse com que viessem ao perto cavallo marinhos, para o que o convidarão, para com mais vontade o fazer; que isto do interesse pôde muito: que elle tocando humas inxias, que são apitos, com sua arte os fizera vir aonde forão bem vistos do bispo e dos mais circumstantes; e andara muito confiado entre elles, e ás vezes pondo-se em cima d'alguns.»

Não é menos digno de mencionar-se o lago ou lagôa Rufumba, e por isso vamos ver o que nos conta d'elle o padre João dos Santos¹. «Abaixo d'estas serras da Lupata, perto do rio, da banda de leste, defronte das terras do Mongás, está hũa ferosa lagoa, de tres legoas em roda, muy funda, e no meyo della hũ ilheo de terra fragosa muy alta, que terá quinhentas braças em roda. No alto deste ilheo está hũ feroso tamarinheiro, do tamanho, e quasi da feição de hũ grande pinheiro, o qual carrega os mais dos annos de tamarinho. Seu fructo he semelhante a alfarrobas, tem hũ azedo excellentissimo pera temperar o comer em lugar de limão ou de vinagre, he muy medicinal, e usa-se delle nas boticas pera purgas. Os tamarinheiros tem tal propriedade que, em se pondo o sol, logo fechão as folhas, e assim estão toda a noite, até que torna a sahir, e em nascendo logo se lhes abrem».

«A esta lagôa chamam os cafres Rufumba; he de agoa doce, cria muyto e bom peixe, muytos cavallo marinhos, e muy gran-

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, fl. 50 v. e fl. 51.

des lagartos. Á borda della está hũ bosque, a que os cafres chamão Chipanga, de muy fresco e espesso arvoredo sylvestre. Os cafres, visinhos deste bosque, enterrão defunctos nelle, e de todos he tido por cousa muy sagrada; e a causa principal he, por que os lagartos da Rufumba se deitão ao sol, como he seu costume, nas bordas deste bosque, e os cafres tem pera si que são as almas dos seus defunctos, que andão dentro destes lagartos, e povoão aquella lagoa, e por esse respyto muytas vezes lhes deitão de comer naquellas prayas do bosque.

«Perto desta lagoa está hũa fonte, a que os cafres chamão Maembe, na qual nascem cinco olhos de agoa afastados hũs dos outros pouco mais de hũa braça: esta agoa he toda quente, conuem a saber, dous olhos de agoa morna, e dous de muyto quente, e o quinto de agoa tão quente como se estivera fervendo com grande fogo, na qual ninguem pode metter a mão, antes podem cozer nella ovos, e pellar leitões, como já fizerão alguns portuguezes, que ali forão ter de propósito, a ver as maravilhas desta lagoa. Estas fontes correm todo o anno, e suas agoas se recolhem na lagoa Rufumba.»

São tambem de certo para que se faça d'elles curiosa menção os lagos ou lagôas da Abundancia, e Chiloane. O primeiro «jaz na ponta da Bahia de Lourenço Marques, onde faz rosto ao Cabo das Correntes. Tem esta lagoa mais de uma legoa de comprido, é de agoa doce, mas entra-lhe a marè por um riacho que em baixa-mar se passa com agua pelo joelho, e na bocca faz o mar grande quebraça. As margens, de uma e outra banda, são ferteis em gados, arroz, e outros legumes; e suas aguas criam muita diversidade de peixes. Todo este lago é habitação de cafres com seu maioral que os rege, com subordinação ao Manhiça¹».

O lago ou lagôa Chiloane «é admiravel pela abundancia das aguas, como pelos cardumes de diversos peixes de que andam juncadas. Em partes dista da terra firme hũa legoa, e em outras visinha com ella tanto de perto, que sitios ha, aonde hum homem gritando se ouve da parte opposta: nestes pontos não se atravessa pela continuada grossura das aguas, e na maior largura, que he aonde lagêão, gastão-se duas marès na passagem de hũa para a outra banda. As terras que lhe ficão fronteiras, huma cha-

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatística*, cap. vii, pag. 94.

ma-se Ampula, e a outra Chrinda, pertencentes ambas á Moxanga¹.

Nas informações dadas pelo commerciante Manuel Caetano Pereira ao dr. Francisco José de Lacerda e Almeida² se lê que «tendo atravessado o Zambeze, e passado alguns desertos, onde havia animaes ferozes de differentes qualidades, encontrára uma lagôa de consideravel grandeza e pouca profundidade, pois gastou um dia inteiro em a passar com a agua pela cintura; que esta lagôa, segundo dizem os cafres, despeja suas aguas por dous differentes canaes, um vai ter ao rio Zambeze, e o outro ao rio Murusura, em cuja margem tem o seu assento o referido rei (do Cazembe)». O dr. Lacerda no seu roteiro (dia 27 de setembro) faz menção d'esta lagôa, que lhe ficou á esquerda na sua marcha para o Cazembe³.

O sr. major Gamitto, no Muata-Cazembe, menciona e descreve dous lagos, o Luena e o Môfo, ambos nos dominios do Cazembe. O Luena tem meia legoa de largura e está cheio de plantas aquaticas, e a tal ponto, que formam uma especie de massa compacta, assás forte para se poder sobre ella passar em pé. O sr. Gamitto suspeita que o Luena é rio, cujas aguas cessam de permanecer estagnadas durante a estação das chuvas⁴.

O lago Môfo, em cujo centro está a antiga Mossumba do Muata-Cazembe, diz o sr. Gamitto⁵ que não tem corrente sensivel, que o seu comprimento de N. a S. fica a perder de vista, e que dizem os cazembes que não despeja as aguas em nenhum outro. Eis-ahi a descripção que d'elle nos dá: «A mossumba onde está o chipongo, ou serralho, do Mambo Cazembe, é bastante grande, e chama-se Lunda, e os seus habitantes têm os nomes de Lundas, Murundas ou Arundas. Está assentada em uma vasta planicie na margem de L. do grande lago ou rio Môfo, que corre, segundo dizem, para o N., e tem aqui mais de quatro legoas de largura; não percebi n'elle corrente alguma, e por isso parece antes um grande lago do que rio; as suas margens orientaes são baixas, isto

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. viii, pag. 126.

² Officio do dr. F. J. de Lacerda e Almeida ao ministro D. R. de S. Coutinho, etc., *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 290.

³ *Diario ou Roteiro* da viagem do dr. Lacerda, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 116.

⁴ Chap. v, pag. 212 e 213.

⁵ Chap. vii, pag. 243 e 244.

é sem barreiras, e muito lodosas. A agua é turva e tem mau gosto; é abundante em peixe, crocodilos e lontras.

«Os peixes que temos visto pescados n'este lago são das mesmas especies que os dos mais rios de agua doce, mas têm do-brado tamanho, são sem sabor e faltos de gordura. As mais comuns são, uma que se assemelha á dourada da Europa, tem o lombo alvadio e a barriga branca; e outra que não tem escamas, e que chega a ter quatro palmos de comprido. Estas especies são chamadas em Rios de Sena a primeira ponde, e a segunda menche-menche, a qual no Brazil tem o nome de mulato-velho. Não me lembra como são denominadas pelos cazembes, os quaes dão a todo o peixe o nome generico de Massave.

«Nem no lago Môfo, nem nos rios que passámos desde o Zambese, tenho visto uma enguia electrica, que n'este rio é commum, e que é de um gosto saboroso, a qual, tendo apenas um palmo de comprido, tem tal força electrica, que a transmite pelo anzol e linha á mão do pescador.

«Abunda o lago Môfo em aves fluviaes. N'elle ha muitos quadrupedes de uma especie a que chamam zôve, os quaes são amphibios, que vivem mais tempo fóra da agua do que dentro d'ella. São do tamanho de grandes cabras, com duas pontas redondas e lisas, a côr do pello, que é espesso e comprido, é parda; os pés fendidos e muito pequenos na sua base, como os da gazella, tendo as unhas de grande comprimento. São ruminantes, e fóra da agua, no lodo ou terreno pantanoso, correm com uma velocidade extraordinaria, porém em terreno sêcco e duro apenas podem andar; e por isso raras vezes se encontram em taes terrenos, excepto quando são surprehendidos na passagem de uns para outros pantanos.»

Do lago ou lagôa Ivántala nos dá noticia o tenente de artilheria João Francisco Garcia, no seu *Itinerario* da bahia de Mossamedes ao presidio de Caconda em 1841¹: «Levantei finalmente da Huila, e tendo marchado a rumo d'entre norte e nordeste, a distancia de duas legoas encontrei uma espaçosa lagôa que me ficava á direita, a qual calculei ter uma milha de comprido e um terço de largo: a esta lagôa dão o nome de Ivántala, ella é habitada por um sem numero de cavallos marinhos e crocodilos; os cavallos marinhos de dia

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 247.

e de noite pastam em terra, porém ao sentirem qualquer rumor de viajante, ou mesmo dos outros animaes terrestres, se arrojam á mesma lagôa, e trazendo pela maior parte as femeas os filhos ás costas, apparecem a pouco mais de meio corpo sobre a agua, e vem reconhecer o que se passa em terra, approximando-se tanto, que d'isto tiram os passageiros a vantagem de lhes atirar á espingarda, e tendo a fortuna de os matar, vem logo acima da agua, e ou que seja em parte de menos agua, ou de mais profundidade, em jangadas que armam de páos, os puxam á beira da lagôa, e se aproveitam da carne, que, alem de ser muito boa, e com muita profusão de manteiga, chega para uma comitiva de 300 ou 400 pessoas. Não succedeu n'esta occasião matar-se algum, porém, tendo eu por alli já passado em outras vezes, se tem morto, e é d'onde tiro a nota que acabo de descrever. Teria marchado pouco mais de duas legoas, ao sahir da Huila, deixando esta grande lagôa, rodêei outra muito pequena, habitada dos mesmos amphibios, e a pouca distancia pernoitei. Observei que todo o terreno em circumferencia d'estas lagôas é baixo, humido, e susceptivel de toda a cultura: a mesma gente da Huila, e mesmo dos logares circumvisinhos, se valem d'este recurso para acudirerem á fome».

Silva Porto, na sua *Viagem á contra costa*¹, d'esta sorte descreve a lagôa Lumbuambua: «No dia 12 (dezembro de 1852) proseguimos á marcha, e fomos fazer quilombo na cabeceira do rio Lumbuambua (que vai desaguar no Quanza). Caminho plano, terreno fertil, legoas andadas $6\frac{3}{4}$, rumo de E. Cessam n'esta paragem todos os rios que dirigem seu curso para o poente. Todos estes contornos mostram a perspectiva mais encantadora e magestosa aos olhos dos viajantes, e muito mais agradaveis seriam, se os seus habitantes fossem doceis e pacificos, pois que só differem das feras pelo instincto que lhes deu a natureza. Existe alli uma grande lagôa em meio do Lumbuambua, a qual está cheia de folhagem e flores, que apenas deixam divisar as aguas. As folhas têm doze a quinze pollegadas de circumferencia, e são de um encarnado mui vivo no centro, e orladas de verde escuro; as flores têm dez pollegadas de circumferencia, e são de um azul avelludado, rematando em azul claro nas pontas, no meio são côr de ouro, con-

¹ *Uma viagem á contra costa*, em 1852, por A. F. F. da Silva Porto, *Boletim Official do Governo Geral de Angola*, n.º 452, de 1854.

cluindo por um botão semelhante á madre perola. O seu aroma era agradável, e semelhante ao lírio; tem aquella flor a fórma de estrella, e é o mais lindo emblema da candidez».

Reservei de proposito o fallar aqui em ultimo logar, do lago Marave, ou Maravi, porque me proporciona tratar conjuncta e seguidamente do rio Chire ou Chiri, do qual não hesitou o dr. Livingstone em acclamar-se primeiro explorador¹.

O padre João dos Santos, esse diligente investigador das cousas de Africa oriental, onde residio e missionou por espaço de onze annos, e que o moderno geographo allemão Ritter caracteriza como *auctor digno de fé a todos os respeitos*, dá a succinta, mas compendiosa noticia, que vai ler-se, assim do lago Marave como do rio Chire: «Defronte de Sena, da outra parte do rio, obra de sete ou oito legoas pela terra dentro, está uma grandissima e altissima serra, chamada Chiri, a qual se deixa ver de mais de vinte legoas. Esta serra he fertilissima, e toda povoada de cafres, assi no alto como pelos valles. Daqui vão pera Sena os mais dos mantimentos, que se nella gastão, como são arroz, milho, batatas, figos e gallinhas. Tem muitas fontes de excellentes agoas, não sómente nos valles, mas tambem nos altos. Polo pé della corre hũa fermosa ribeira (o Chiri), que dizem ser braço do celebre rio Suabo d'esta costa da Ethiopia; a qual ribeira vem entrar no rio Zambese dez legoas abayxo de Sena, e por ella navegação os cafres e os moradores de Sena, e tem seu commercio de hũa parte pera outra²».

Tambem o padre Manoel Godinho, escrevendo em 1663, nos dá noticia, e mais particularisada que a do padre Santos, porém conformando-se com ella, como facilmente se verá. «O caminho de Angola por terra á India, (escreve Godinho) não é ainda descoberto; mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado; por que de Angola á lagôa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo quinze legoas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de dozentas e cincoenta legoas. Esta lagôa põem os cosmographos em quinze graus e cincoenta minutos; e

¹ V. Nota 5.ª, o segundo dos quatro artigos alli transcriptos, no qual apreciei algumas das asserções do dr. Livingstone, que se lêem no seu relatório, publicado pelo *Times* no numero correspondente ao dia 20 de setembro de 1844.

² *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. VIII, fl. 52, v.

segundo um mappa que vi, feito por um portuguez, que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua e outros d'aquella cafraria, fica esta lagôa não muito longe do Zimbavê, quer dizer côrte de Masura ou Marabia. Sae della o rio Aravi, que por cima do nosso forte de Tete se mette no rio Zambese. *E tambem o rio Chire* que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama, para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pertender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da cafraria, deve demandar a sobredita lagôa Zachaf, e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Tete e Sena, d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane se vai por terra e por mar a Moçambique, de Moçambique em um mez a Goa. Que haja a tal lagôa dizem-no não só os cafres, senão os portuguezes, *que já lá chegaram, navegando pelos rios acima*, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho¹».

Sebastião Xavier Botelho², tratando do lago Marave ou Maravi parece adoptar a opinião de mr. D'Anville que lhe dá trezentas milhas de comprimento e igual largura, isto é, tres dias de jornada, segundo noticias dos naturaes, colhidas pelo padre Luiz Marianno; e, respondendo a uma censura, que infundadamente lhe fôra feita, accrescenta³: «Que mar é esse a que D'Anville chamou impropriamente alagôa Maravi? Porventura sabe o censor com certeza a origem e o ambito d'esta alagôa, sabe se he arroyo de algum braço do mar, ou agoas de diversos rios alli accumuladas, ou perenne manancial em seu proprio leito? Se isto fosse sabido, não se andaria ainda hoje n'essa indagação. Haverá quatro annos, pouco mais ou menos, veio saber nossa opinião um geógrapho de Paris, que levado do seu grande amor aos estudos geographicos se dirigia áquelle ponto da Africa oriental com este só proposito. Chamava-se este indagador mr. J. B. Douville. Quasi pelo mesmo tempo nos procurou hum official inglez, mr. Alexander, affeiçãoado áquelles estudos, o qual passou á Africa para investigar a referida alagôa Maravi. Com ambos conferimos nossos reciprocos trabalhos,

¹ *Relação do novo caminho da India para Portugal*, cap. xxiv, pag. 200, ed. de 1842.

² *Memoria Estatistica*, pag. 22, Lisboa, 1835.

³ Segunda parte da *Memoria Estatistica*, pag. 64 e 65, Lisboa, 1837.

que pouco desdizião. Por tanto como até agora não ha certeza em semelhante assumpto, apesar de D'Anville haver escripto em 1734, subsiste a sua opinião, embora seja fundada nas noticias colhidas dos naturaes pelo padre Luiz Marianno, cuja relação totalmente desconhecemos. Ouvimos fallar, he verdade, no padre Luiz Marianno que por alli andara missionando, e he natural que inquirisse os naturaes das terras para haver noticias, e como a maneira de medir por jornadas é a que por alli se usa, he de presumir que D'Anville se aproveitasse das noções deste padre, e por isso mesmo tem D'Anville a presumpção a seu favor».

O sr. Gamitto parece encostar-se á suspeita do padre Santos de que o Marave é antes um grande rio que um grande lago; mas convem notar desde já que a diversidade de nomes, com que se encontra designado o lago de que vamos fallando, nada pôde influir na verdade do facto: a variedade de taes denominações provém geralmente da variedade da pronunciação ou de outras causas accidentaes. É certo que n'aquella variedade se origina com frequencia grande confusão, tornando-se occasião de graves erros, porém quando não pôde haver duvida ácerca do lugar de que se trata, tão pouco pôde ser perigosa, como origem de erro, a multiplicidade dos nomes, que lhe são dados. Ouçamos agora o sr. Gamitto: «Duvida-se (diz elle¹) se o lago Marave dos geographos, chamado Nhanja-Mucuro, isto é, rio grande, pelos cafres, e rio Nhanja pelos portuguezes, tem ou não communicação com o mar. Parece, porém, certo que elle constitue um caudaloso rio, que tem a sua foz na costa de Zanzibar, sendo talvez o rio Coavo, que desagua defronte de Quiloa. Consta que fôra visitado pelos antigos portuguezes, mas não tenho noticia de que modernamente o tenha sido por viajante algum europeu, e só sim por mouros e cafres, que de Moçambique e de rios de Sena tem ido lá communicar, e Muizas, que são hoje os negociantes d'essas paragens. Tanto de uns como de outros tenho eu mesmo obtido a unanime informação seguinte:

«O rio Nhanja-Mucuro, isto é, Nhanja grande, tem uma largura extraordinaria. Embarcando em almadias para o atravessar, é forçoso dormir duas noutes em ilhas, de que é semeado, para no terceiro dia de tarde chegar á margem opposta; distancia que, se-

¹ *Muata-Cazembe*, cap. II, pag. 48.

gundo o meu calculo, não poderá exceder a nove legoas. Tem uma corrente forte para o nascente. As muitas ilhas que contem, das quaes algumas têm muita extensão, em grande parte são habitadas, as de O. por Maraves, e as de L. por Majaus ou Anguros. Esta é a relação que geralmente dão todos os commerciantes, que lá têm ido.

«Ha outro rio chamado pelos cafres Nhanja-Pangono, isto é, rio pequeno, e a que os portuguezes chamam Nhanja Pequeno. Não posso dizer se elle vem effectivamente do Nhanja Grande, do qual em certos logares dista algumas jornadas.

«A estas noticias dos dois Nhanjas (continua o sr. Gamitto) acrescentaremos o que se lê no *Diario* da marcha para o Cazembe, feita em 1798, pelo dr. Lacerda. No dia 24 de setembro achava-se elle na povoação do Fumo Mouro-Achinto, situada em 10° 20' 35" lat. S. e 39° 10' 0" long. or. de Lisboa; posição que determinou pelas observações que fez do sol, e de duas immersões dos satelites de Jupiter: e refere que lhe disseram que para o norte, entre a nação Mussucuma, que chega até á margem do Chire ou Nhanja, e os Muizas, medêa a nação Uemba; e que as terras da parte do Sul são povoadas pelos Arambas e Ambos, e que estas duas nações commercêam com os cafres das vizinhanças do Zumbo.

«A largura do Nhanja-Grande calculo-a em nove legoas; porque, segundo as informações, elle tem uma forte corrente, e por isso não de navegar as almadias em linha obliqua, rasão por que terão de gastar tres dias para andar um espaço, que, sendo mansa a corrente, fariam em metade d'este tempo. A largura mencionada conserva-se, com pouca differença, em muita distancia.»

Para acabar com o que pertence ao lago Maravi ou Nhanja-Grande, convem observar, que o dr. Livingstone, apesar de não ter duvidado ha pouco arrogar-se a gloria de primeiro explorador do rio Chire¹, confessava todavia de modo explicito (oito annos antes), ser devedor das informações, que obtivera com respeito a este rio e ao lago Marave, a um portuguez², que se contenta de designar pelo nome do sr. Candido; informações que declarava serem de todo o

¹ *Relatorio do dr. Livingstone*, que se lê no *Times* de 20 de setembro de 1864. V. Nota 5.^a

² Candido da Costa Cardoso, capitão mór das terras da corôa, etc. V. Nota 5.^a

ponto exactas, e que são ao mesmo tempo a confirmação do que fica estabelecido, isto é, que o lago Marave e o rio Chire, eram desde muito tempo conhecidos e navegados pelos portuguezes. Eis-ahi as palavras do dr. Livingstone¹: «Um dos cavalheiros presentes, o sr. Candido, tinha visitado um lago a 45 dias NNO. de Tete, o lago Maravi dos geographos, a que os indigenas dão o nome de lago Nyanja ou Nyanje, o que significa simplesmente *agua em abundancia*, ou *leito de um grande rio*. No meio d'elle está uma alta serra, chamada Murombo ou Murombolla, a qual é habitada por tribus que têm muito gado. Declarou que tinha atravessado o Nyanja em um ponto estreito, e que na passagem gastara 36 horas: que as canôas andaram sempre a remo, e que por tanto, feito o calculo a duas milhas por hora, pôde o lago ter de largura entre sessenta e setenta milhas. O territorio de redor era formado de planicies cobertas de herva, e, indo para o lago, tiveram de caminhar sete ou oito dias sem encontrar arvoredos, e de cozinhar a comida ao fogo de hervas e de canas de trigo indigena. Os habitantes vendiam o gado por preço muito baixo. Da extremidade sul do lago sahem dous rios, um tambem chamado Nyanja, que vai entrar no mar na costa oriental, com outro nome, e o Chire, que faz junção com o Zambeze algum tanto abaixo de Sena. O Chire é chamado Chirua no ponto da partida do lago, e o sr. Candido foi informado, quando lá esteve, de que o lago é meramente uma expansão do rio Nyanja, que vem do norte, e cinge a serra Murombo, significando esta palavra junção ou união, com referencia ás aguas, que, separando-se na extremidade norte, ao depois tornam a juntar-se na extremidade sul. O Chire atravessa terras baixas, planas e apaúladas, mas bastamente povoadas de gente, que se diz ser brava. Aos portuguezes torna-se difficiloso navegar o Chire até ao lago Nyanja por causa da excessiva abundancia de uma planta aquatica, a que os portuguezes deram o nome de alfacinha (*Pistia stratiotes*) por causa da similhança que tem com a alfaca, que difficulta e tolhe o vogar das canôas. *Em confirmação d'isto posso assegurar* que, quando eu passei a bocca do Chire, vinha fluctuando grande quantidade d'esta planta d'alli para o Zambeze, e grande parte das margens estavam cobertas de plantas mortas».

Está pois demonstrado, e, se não é erro, de modo convincente,

¹ Chap. xxxi, pag. 640.

que não pôde o dr. Livingstone blasonar com fundamento de terem sido os seus olhos, e os dos seus companheiros de viagem os olhos dos europeos que primeiros viram as aguas do lago Ngami, por que primeiro as viram os de um portuguez, cujas informações parecem ter estado diante dos olhos do celebre missionario, quando traçou a relação da sua visita ao mesmo lago; e o fica igualmente que não se avantajam as noticias, até hoje por elle havidas do lago Maravi e do rio Chire, ás que muito antes nos foram transmittidas pelos nossos escriptores, e ás que lhe communicou a elle mesmo o capitão mór Costa Cardoso.

Não fecharei comtudo este capitulo sem tomar em conta uma opinião do dr. Livingstone, que de certo convem apreciar, pois que tem por objecto um dos meios de explicar varios phenomenos fluviaes observados com frequencia no interior da Africa austral.

O dr. Livingstone, depois de ter fallado dos affluentes do lago Ngami, termina a descripção do rio Zouga com as seguintes palavras¹: «O leito do Zouga está perfeito, mas não tem agua bastante para correr em toda a extensão até á extremidade; e antes que termine o curso abaixo do Kumadau, cessa de correr na parte superior, e o resto *evapora-se*. A parte mais alta do leito é muito mais larga, e tem maior capacidade do que a parte inferior junto a Kumadau. A agua não é absorvida, mas antes se deve considerar como derramada, espalhando-se para encher o leito, donde é extrahida pela acção do ar e do sol. Estou convencido de que não se dá em todas aquellas regiões o facto de um rio infiltrar-se na arêa e perder-se. Este phenomeno, tão commodo aos geographos, avexou-me por alguns annos a imaginação, porém não pude descobrir nenhum facto que fundamente esta opinião, exceptuando um assás insignificante, e que só levemente poderia justifica-la».

Vê-se que o dr. Livingstone pertende substituir a *evaporação* á *infiltração* das aguas para explicar o phenomeno, muito commum n'Africa do desaparecimento de rios, que se tinham observado abundantes, e até caudalosos durante a estação das chuvas, e ainda mezes depois. Parece-me que a opinião de Livingstone não pôde sustentar-se facilmente, e tenho para mim que não será isto cousa muito ardua de provar.

¹ Chap. III, pag. 68.

A substituição do dr. Livingstone não satisfaz em grande numero de hypotheses, porque muitas ha que por aquella não podem ser explicadas, e é sem duvida essa a razão, porque não só os geographos antigos, mas tambem os modernos assignam a absorpção como causa efficiente do desaparecimento de varios rios d'Africa na estação calmosa. Na verdade torna-se difficil de comprehender, como haja de realizar-se n'um periodo relativamente muito curto a evaporação de grandes massas d'agua, ao mesmo passo que, mormente attenta a natureza do solo, a absorpção explica naturalmente este phenomeno. Pelo que respeita á observação de ser commoda a explicação dada pelos geographos, permita o dr. Livingstone o dizer-lhe com franqueza que é pouco digna d'elle, pois é certo que não fica sendo menos commum a que por elle proprio foi suggerida. Explicar o phenomeno de que se trata pela absorpção, sem duvida não é mais commodo do que explica-lo pela evaporação; trocou-se a palavra, mas não se deu melhor razão, pois que Livingstone não fundamenta a sua opinião em observações positivas, nem nos factos averiguados.

Alem d'isso tão pouco seguro estava Livingstone da opinião por elle aqui emittida e sustentada, que n'outros logares admite sem hesitar a absorpção como razão explicativa dos phenomenos de que se occupa, sendo que, a ser n'estas hypotheses admittida, não ha motivo bastante para que nas demais seja rejeitada. Assim, quando pertende explicar-nos a copiosa e potente vegetação do deserto Kalahari, diz: «Uma franja ou orla de antiga penedia cerca um grande valle central, que, deprimido no interior, forma uma bacia, cujo centro é composto das mais antigas rochas silurias. Esta bacia ha sido rompida, ficando cheia de basaltos e marmores, nos quaes se encontram fragmentos angulares das antigas rochas, como demonstram os fosseis que se n'elles contem. Assim pois, ainda que largos espaços tenham sido de tal sorte deslocados, que poucos vestigios apparecem da primitiva formação do valle, é muito provavel que subsista a mesma forma da bacia em extensos tractos d'aquella região; e como as camadas declives, onde a chuva cahe em maior abundancia, seguem para o centro, provavelmente *encaminham a agua por debaixo do solo*, aliás pouco favorecido da humidade das nuvens. O phenomeno permanente das cisternas, ou aguas encharcadas, que se tornam correntes logo que se lhes abre nova e mais profunda passagem, pôde pôr em evidencia o ser

a agua conduzida desde as extremidades da região para o seio do valle central¹».

Fallando das planicies de Lobale (Loval), e notando que são raras alli as arvores, e pouco vigorosas, como succede em todos os terrenos encharcados, onde as aguas se demoram longamente, accrescenta Livingstone²: «Quando a agua encharcada *acaba de infiltrar-se*, como acontece durante os mezes que não chove, os viajantes acham-se em afflicção por falta d'agua... Entre tanto pôde sempre obter-se, profundando a terra, e tive d'isto a prova no regresso (de Loanda), quando fui obrigado a deter-me n'esta mesma planicie por causa de uma grande febre. Quasi a doze milhas do Kassai os homens da minha comitiva cavaram até á altura de alguns pés, e obtiveram agua em abundancia; e, em uma das ilhas, vimos a horta de um individuo que, durante a estação da sêcca, a tinha regado mediante um poço aberto d'este mesmo modo».

Finalmente fazendo a descripção dos valles, que são como ramoes do em que está situado o leito do Kassai, nas terras do Kattende, assim se explica o dr. Livingstone: «Em diferentes pontos declives d'estes valles, em que pela primeira vez agora entramos, ha fontes, cujas aguas borbulham e se escôam por entre lodo, que estão cercadas de arvores altas, de folhas largas e sempre verdes, similhantes ás que temos observado á beira do rio. Estes lugares estão cobertos geralmente de uma especie de junco de forte vegetação, e m'elhor do que uma fonte similham um paúl. As fontes seguem lentamente para o regato que corre em baixo, e são a tal ponto numerosas em uma e outra margem, que dão ao terreno um aspecto particular. Estes grupos de vegetação silvestre são geralmente de fôrma redonda, e os troncos das arvores fortes e direitos, em quanto que são rasteiros e delgados os das arvores da planicie superior. Não pôde haver duvida em que a agua, que se demora por mezes na planicie, *é absorvida*, e faz caminho para os rios e regatos, *infiltrando-se através do solo*; e a differença entre umas e outras arvores, embora variem de especie, pôde provar que o enfezamento das da planicie é devido a estar o terreno, du-

¹ ... they probably guide water *beneath the plains*. Chap. v, pag. 96 e 97.

² When the stagnant rain-water has all *soaked in*, etc. Chap. xvii, pag. 319.

rante parte do anno, mais exposto á acção do continuo esgotamento do que á da humidade¹.

Mais de uma vez, e com respeito a assumptos de diversas naturas podem notar-se na obra do dr. Livingstone contradicções a esta semelhantes, que muito convem tomar em conta, porque servem a fazer-nos conhecer que não são muitos os objectos ácerca dos quaes o missionario inglez tem opiniões decididamente asentadas. Não é possível, nem entra no meu plano fazer especial resenha, quer das suas contradicções, quer das suas incertezas; mas nem por isso deixarei de as indicar ou quando naturalmente se offerecer oportunidade, ou quando a gravidade da materia assim haja de persuadir-mo.

¹ There can be little doubt but that the water, which stands for months on the plains, *soaks in*, and *find its way* into rivers and rivulets, *by percolating through the soil*, etc. Chap. xviii, pag. 330.

CAPITULO III

Obstaculos, postos pelos indigenas fronteiros dos estabelecimentos europeos, a que tratem estes directamente com os do interior — Queixumes do dr. Livingstone por este motivo — Factos e esclarecimentos — O padre Francisco João Pinto e o Cazembe — Pretextos do procedimento do Cazembe — Os pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José — Testimunho do tenente coronel Francisco Honorato da Costa — O Muata-Cazembe, e as declarações do sr. major Gamitto — Proceder tortuoso do Cazembe, revelado por Nine-Ambara — Louvores devidos aos missionarios, e aos commerciantes, que visitaram o interior do continente africano — Serviços por elles prestados — A mosca tse-tse — Descrição d'este insecto pelo dr. Livingstone — O viajante sueco C. J. Anderson — O insecto destruidor da mosca tse-tse — Mr. Ludovic de Castelnaud e mr. Chapman — Specimen da mosca tse-tse trazido a Inglaterra pelo major Vardon — Os portuguezes dão á mosca tse-tse o nome de mosca do elephante — A povoação de Ma-Mburuma e os commerciantes portuguezes — Observações a uma declaração do dr. Livingstone — Margens do Lucalla e do Aruãgoa — J. R. Graça e o *Diario* da sua viagem á côrte do Matiamvo — Os portuguezes não tinham a temer da mosca tse-tse, e por isso a não descreveram pomposamente — Semrazão de Livingstone em negar que os portuguezes conhecessem os territorios, que no interior banha o Zambeze — A narração do dr. Livingstone comparada consigo mesma — Sibituane — O propheta Tlapano — Conhecimentos que tinham dos portuguezes e das suas armas de fogo — O desejo de Sibuane tratar com os portuguezes combatido por Tlapano e por outros — Naliele e Sesheke — Baetas, algodão pintado, espingardas portuguezas levadas alli pelos Mambari — Portuguezes em Linyanti — Mpepe — Inferencias — Confirmação — Exame e refutação da asserção do dr. Livingstone — Aug. Petermann — Falsa supposição do dr. Livingstone — Reino de Matiamvo — Observações ao que refere Livingstone — Rio correndo em direcções oppostas — Incerteza do dr. Livingstone acerca da origem e curso do Zambeze — O que se sabe do Zambeze segundo os escriptores portuguezes e outros — O padre João dos Santos — Mr. Le Grand — Historia Angolana — Sebastião Xavier Botelho — Malte Brun — Resumo da questão.

O dr. Livingstone observa¹ ser politica seguida em toda a Africa, opporem os maiores obstaculos os povos fronteiros e da costa a

¹ Livingstone, chap. iv, pag. 77.

que tratem com os do interior os europêos. A rasão d'este procedimento, d'onde derivam graves prejuizos para os habitantes do sertão, e não menos para os proprios europêos, é que não querem os fronteiros dividir as vantagens do commercio, mas sim faze-las todas exclusivamente suas.

Esta observação é de todo o ponto exacta, e não pôde causar maravilha, a quem possui algum conhecimento dos costumes africanos; e por isso não lh'a pôde causar o que refere o mesmo Livingstone das difficuldades que teve a vencer, ora para o deixarem atravessar um territorio, ora para lhe consentirem o ir ver-se com algum regulo sertanejo, e até para que lhe fosse permittido regressar do interior ás proximidades do mar.

Do que se queixa Livingstone, tinham tido muito antes a queixar-se os viajantes e os mercadores portuguezes, que todavia pacientes e pertinazes, e, quando convinha ou as circumstancias lh'o permittiam, ousados e resolutos, acabavam com as resistencias, e perscrutaram a Africa inteira. Entretanto, para que possa formar-se idéa de quanto lhes foi penoso e difficil por muitas vezes conseguir o que pertendiam, recordarei alguns factos, cuja authenticidade é indisputavel; e ao mesmo tempo servirão elles para que melhor se possa apreciar a egoista politica africana.

No *Diario* do padre Francisco João Pinto, que reconduzio do Cazembe a Tete a expedição, que, para o reconhecimento do interior da Africa, fez pelos sertões até á costa d'aquelle potentado o dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, se referem os obstaculos postos, sob diversos pretextos, a que parte ou pelo menos algumas das pessoas pertencentes á expedição passassem até Loanda, e fossem levar alli novas da expedição, e do que por ella fôra achado e feito. Com referencia ao dia 28 de dezembro de 1798 assim narra o padre João¹: «Fui ao Cazembe acompanhado dos dois praticos dos mattos, e achando-o acompanhado e assistido de sua côrte, fiz diligencia de lhe fallar só, mas não me sendo possivel, obrigado da necessidade de não perder occasião d'esta dependencia... propuz e fallei sobre a passagem de Angola, e abertura do seu caminho. Logo acudio o rei com difficuldades de guerras, que embaraçavam; accrescentou que tambem havia fomes, e que so-

¹ Exploração dos portuguezes no sertão d'África meridional, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 162.

bre tudo tendo fallecido o governador Lacerda na viagem, que fazia para esta diligencia, não queria que os muzungos (os portuguezes), que fossem para Angola, acabassem de morrer pelo caminho, e lhe fizessem culpa de não os ter advertido nos perigos da viagem, e de ter consentido nella: que recolhessemos, e noticiássemos á nossa soberana tudo quanto elle ponderava; e que, se não obstante aquellas difficuldades determinasse fossemos outra vez mandados para a mesma diligencia, então poderia conceder licença. Instei, mostrando que não era verdadeira a noticia das guerras, pois os portadores de Muropue¹, que tinham chegado havia pouco tempo, não davam noticias dellas, nem das fomes; e que; quanto á morte que podesse succeder aos enviados nunca culpáramos a elle, assim como a ninguem culpámos pela do governador; porque sabiamos que tudo quanto vivia era para morrer, sem para isso ser preciso intervenção d'algum successo extraordinario. Disse finalmente, que pois tanto desejavamos abrir o caminho de Angola, ficariam depois da partida da expedição dous mozungos com o destino de passarem para Angola, quando voltassem os portadores, que mandara para saber das guerras».

Com referencia ao dia 14 de fevereiro de 1799 acrescenta o mesmo padre João Pinto²: «Fui ao Cazembe com os enviados e mais mozungos. Logo fomos introduzidos onde elle estava, dando audiencia aos seus grandes, e povo, e ahi tivemos de esperar... Depois de meia hora acabou a audiencia, e Cazembe passou para outro logar onde nos fez conduzir: ahi perguntou pelos enviados, e logo se apresentaram Pedro Nolasco Vieira d'Araujo, destinado para este emprego ou diligencia pelo governador Lacerda, e o tenente José Vicente Pereira Salema. Depois de os ter visto, e conhecido, entrou em difficuldades, que em outra occasião tinha inculcado, principiando pelo fallecimento do governador, e rematando com as fomes, que havia pelos caminhos. Logo acudio José Rodrigues Caleja, e disse que não obstante todo o perigo, os enviados estavam para seguir a viagem, porque Sua Magestade nos tinha mandado a esta diligencia para a executar a todo o risco, ainda que custasse a vida a todos. Cazembe admirado voltou para os seus, e disse: na verdade estes muzungos temem, e respeitam

¹ Sana Muropue, irmão do Rei do Cazembe.

² *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 203.

muito a sua soberana, pois não se lhes dá de se exporem á mesma morte; e continuando a fallar connosco, disse que já que ateimavamos tanto, concedia licença e permissão para os dous enviados passarem por suas terras a Angola, e que elle daria guias até Muropue¹, porém que da nossa parte tudo se preparasse com promptidão».

«Dia 15. Pelas nove horas da manhã appareceu Fumo Anceva² acompanhado da sua comitiva, e pedio-me que mandasse ajuntar todos os muzungos, porquê tinha que fallar á vista de todos elles. Logo fiz convocar os muzungos, em cuja presença disse que Cazembe seu amo nos enviava dizer, que não tinha vigor a faculdade, que no dia antecedente havia dado para a passagem de Angola, porque a tinha revogado, não parecendo justo que logo com a nossa primeira ida ás suas terras, houvessemos de conseguir o nosso projecto; que depois de voltarmos a Tete, e dar parte á nossa soberana, porque julgam que está perto, dos embarços e perigos que haviam, se fossemos outra vez mandados com semelhante commissão, então conseguiríamos d'elle a sua licença, e todo o seu auxilio.»

«Dia 16. Pelas dez horas da manhã veio a minha casa Sana Muropue, irmão do rei, o qual, tomando assento fóra de casa, pedio-me que mandasse convocar os muzungos para ouvirem o recado que trazia. . . Assim que appareceram os muzungos disse Sana Muropue, que elle vinha mandado do seu rei certificar-nos o recado, que no dia antecedente havia mandado por Fumo Anceva, que tambem se achava presente, e na verdade tinha sido mandado pelo Cazembe, o qual, reflectindo bem na temeridade e teima de querremos bravar todos os perigos, não dava licença para a passagem de Angola, e que o faria para a outra vez quando tornassemos a ser mandados, *pois achava duro que destruindo elle o Chibuy,*

¹ «A distancia que vai da cidade ou côrte do Cazembe ao Chumbo, segundo a relação dos cafres, é de um mez de viagem; mas como elles não fazem por dia senão uma pequena marcha de tres horas, pôde prudentemente julgar-se que aquella jornada será de quinze dias. D'aquelle logar a Muropue são oito dias de viagem, que devemos reputar quatro, e d'ahi outros tantos, ou mais quatro para Mueneputo, regulo visinho de Angola.» Id. *ibid.*, pag. 200.

² «Fumo Anceva, secretario thesoureiro do Cazembe, intendente dos estrangeiros, que são chamados negociantes, d'onde vem o nome de Fumo Nanceva, que pela corrupção ou má pronunciação dizem Fumo Anceva.» Id. *ibid.*, pag. 151.

Funo governador grande dos muizas, que embaraçava os caminhos, e communição de suas terras com a dos muzungos, e mandando os seus vassallos ás nossas terras procurar fato, e vindo com elles os muzungos com muitas fazendas ao seu reino, houvessem de as extrahir para fóra delle.»

As palavras de Sana Muropúe, que deixo sublinhadas declaram sem rodeios os motivos que moveram os regulos do interior a impedir que se realisasse muito antes, como pretendeu o governo portuguez, a communição livre e desembaraçada entre as duas costas: porém como o assumpto é tão importante e curioso, parece-me bem não me limitar a só estes esclarecimentos, e é por isso que citarei ainda os seguintes factos.

Os pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José, que, em virtude das ordens do governo, sahiram das terras do Cassange, enviados pelo tenente coronel Francisco Honorato da Costa, a fim de abrirem caminho para o Cazembe, até aonde chegára o governador dos Rios de Sena, o dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, e seguirem d'alli a Tete, gastaram n'esta viagem mais de nove annos, desde os fins de novembro de 1802 até 2 de fevereiro de 1811, dia em que chegaram a Tete aquelles descobridores. Taes foram as difficuldades e estorvos que os regulos do interior lhes oppuzeram! No territorio do potentado Moxico foram detidos sob diversos pretextos, por espaço de mais de tres annos, e por mais de quatro no Cazembe¹. A causa d'estes estorvos acintemente excogitados, a declara de modo positivo o mencionado tenente coronel Honorato da Costa, observando intencionalmente que «a razão é a competencia e ciume das nações pretas, que querem aproveitar-se da sua superioridade de situação e de poder para terem na sua dependencia as outras nações de inferior poder e situação, receando que, se porventura viessem estas a gosar dos mesmos beneficios, se subtrahissem ao jugo debaixo do qual se acham; e por isso, do que lhes sobeja, com ellas repartem de sua mão segundo bem lhes parece, impedindo que o obtenham das primeiras mãos sem a sua intervenção²».

¹ Derrota de Pedro João Baptista, etc., *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.^a serie, pag. 235. Perguntas feitas a Pedro João Baptista pelo governador dos Rios de Sena, Constantino P. d'Azevedo. *Ib.*, pag. 236.

² Carta do director da feira do Cassange ao governador dos Rios de Sena, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.^a serie, pag. 239.

No *Muata-Cazembe* dá conta o sr. Gamitto dos frívolos pretextos de que se servio o Muata para embarçar por muito tempo o regresso da expedição a Tete, e para tolher aos commandantes o fazer digressões ao interior, a fim de tomarem d'elle mais largo conhecimento, como era de grande vantagem commercial e geographica. Os motivos foram sempre os mesmos, o não querer que passasse mercadoria alguma alli entrada, para outra nenhuma parte, sem mediar a sua acção e intervenção; e o não querer igualmente que os portuguezes houvessem conhecimento directo e immediato das riquezas naturaes, nem estabelecessem com os varios povos, nenhuma sorte de trato e correspondencia. É digno da nossa attenção o que se lê a este respeito a pag. 287 e 317 do cap. vii, pois que se manifesta alli claramente a má fé com que procediam o Cazembe e os seus conselheiros, mostrando elle ceder ás instancias que lhe eram feitas, e dando ostensivamente as licenças e ordens necessarias, em quanto que todavia ao mesmo passo prohibia a occultas que tivessem execução. Eis-ahi as proprias palavras do sr. Gamitto, quando refere o mallogro da intentada digressão a um rio a tres dias de distancia ao N. do Cazembe: «Ás sete horas e cincoenta minutos da manhã continuámos a marcha com o mesmo rumo de NNE. e chegámos á margem do rio Lounde, que, trasbordando fóra do seu leito, tem agora a largura de duas milhas, e cujo curso pouco se percebe. Logo que aqui chegámos vimos duas pequenas almadias, mas de tal fórma escangalhadas que estavam varadas em terra; e perguntando aos guias pelas embarcações para a passagem, disseram que haviam de vir; quando, porém, deram parte de terem chegado, achámos outras duas em tão máo estado como as primeiras: fizeram-se todas as diligencias, e empregaram-se todos os meios para as pôr em estado de passar o rio, mas isso não foi praticavel, porque ellas se achavam de tal fórma damnificadas, que não era possivel servir, e muito mais em um rio de tão grande largura, e em que um grande numero de crocodilos appareciam por todos os lados. Como estava presente Nine-Ambara, a quem pertence este districto, e a quem instámos por providencias, soubemos então confidencialmente d'ella que o Cazembe dera ordem para se tirarem todas as embarcações e meios de passarmos d'aqui; e que fóra para isso mesmo que nos demoraram hontem».

Não julgo preciso multiplicar as informações, porque tenho que

sobejam as que ficam dadas, para demonstrar o que me tinha proposto. Alem de que não só do que deixou observado o dr. Livingstone, mas de tudo que nos transmittiram ácerca do interior d'África os nossos escriptores, assim modernos como antigos, se torna evidente ser politica tradicional entre as nações africanas limitrophes dos dominios portuguezes, ou mais proximas do littoral, o impedir o mais que lhes seja possivel o trato dos europeós com as que residem no interior, e que sorte alguma de mercancia passe de um para outro territorio, deixando de verificar-se o resgate n'aquelles onde primeiro teve de dar entrada, e que sob nenhum pretexto lhes sejam devassados os intimos sertões.

É bem que ponderemos agora com agradecimento e veneração quantos e quão grandes obstaculos tiveram a vencer os nossos missionarios para conseguir, como conseguiram, não só visitar as nações limitrophes e commarcans, senão internar-se pelo sertão dentro, passando de territorio a territorio, e percorrendo á feição de todos os ventos por uma, e por outra e por todas as partes a Africa inteira. Não fizeram elles d'isso alardo, porém requer de nós a justiça que lhes paguemos o tributo de admiração e reconhecimento, que se deve á intrepidez, á perseverança, e á dedicação, por assim dizer, sobre-humana, de que foi preciso estarem armados para poderem acabar com as difficuldades apenas imaginaveis, com que tiveram a luctar, guiados pela fé, e animados pela esperança, mas destituídos dos meios, que só tem valia aos olhos das gentes com quem lidavam, e em geral aos de todos os demais homens.

E comtudo apesar de poderosamente ajudados d'aquelles meios de que os missionarios absolutamente careciam os homeus, a quem a sêde do ouro era principal estímulo, e que por ella obrigados cortaram tanta vez e em varios sentidos os vastos territorios de uma e outra Africa, movidos do só intento de effectuar valiosos resgates, precisavam não menos de ousado peito, animo aventureiro, e coragem indomavel, para affrontar, alem dos obstaculos que lhes oppunha a natureza, os estorvos, os vexames, e as tyrannias, a que se viam expostos a cada passo, por que a cobiça commum aos chefes e potentados indigenas, por cujas terras tinham de transitar, e a politica ciumenta e interesseira dos outros lhes faziam suscitar toda a sorte de rémoras, e difficuldades, exigindo-lhes custosos sacrificios da sua fazenda, e das mercancias

destinadas ás permutações commerciaes, constringendo-os ao pagamento de multas injustas, para as quaes excogitavam pretextos sobre pretextos, custando a saber qual menos desarrasoado; pondo-os na dura necessidade de prolongar, interromper, ou precipitar as suas penosissimas perigrações; e não raro armando-lhes ciladas, das quaes, se escapavam sem perda da vida, não se evadiam sem prejuizo da bolça, tornando-se-lhes com frequencia necessario pôr uma e outra no mais arriscado lance, e jogar tudo por tudo, a fim de poderem levar a melhor, havendo victoria sobre modo penosa, por isso que obtida a preço de cabedal e sangue, e tambem não poucas vezes das esperanças de futuro mais auspicioso. Tratavam esses portuguezes do que lhes importava, e era de maior proveito, é certo; mas prestavam ao mesmo tempo valiosissimo serviço á patria, á religião e á humanidade; porque as noticias por elles alcançadas e transmittidas, embora nem sempre tão exactas como fôra de desejar, facilitaram a obra da civilização pelo Evangelho, e pelo trato e relações, que d'esta arte estabelecidas, progrediram e medraram. O louvor, a que têm direito, não pôde ser-lhes disputado.

Não virá porventura a destempo, nem fôra de logar, pois que tenho alludido ás grandes difficuldades ou naturaes, ou filhas da malicia humana, contra as quaes tiveram, e têm ainda hoje a combater os viajantes no interiôr d'África, o fallar aqui da mosca tse-tse, da qual tanto, e com razão, se queixa Livingstone, e da qual os nossos portuguezes, conhecendo-a, e designando-a debaixo do nome de «mosca do elephante», não fizeram maior menção, o que bem se explica por não terem d'ella a recear-se, como logo veremos. Ouçamos antes de tudo a curiosa descripção, que d'este damnhinho insecto faz o dr. Livingstone.

«A tse-tse (escreve elle¹) ou *glossina morsitans* não é muito maior do que a mosca domestica, e na côr bronzeada é muito semelhante á abelha commum. A parte posterior do corpo é atravessada por tres ou quatro linhas amarellas. As azas, estendem-se para fóra do corpo, e é notavel pela agilidade, evitando com muita presteza todas as tentativas, que se façam para apanha-la á mão, durante a temperatura do dia, porque durante o frio das manhãs e das tardes é menos ligeira. O seu particular zumbido, chegando

¹ Chap. iv, pag. 80.

a ouvi-lo, nunca mais póde esquecê-lo o viajante, que se transporta em animaes domesticos, pois bem sabido é que a mordedura d'este insecto venenoso é morte certa para o boi, o cavallo e o cão. Nesta jornada, posto não advertissemos que pousassem a um tempo em grande numero sobre o gado, perdemos quarenta e tres excellentes bois, que foram mordidos. Nós vigiavamos os animaes cuidadosamente, e acreditavamos que talvez nem vinte moscas os teriam atacado.

«É singular propriedade da mordedura da tse-tse o ser perfeitamente inoffensiva do homem, e dos animaes silvestres, e bem assim dos novilhos em quanto as mães os amamentam. Nunca experimentámos pessoalmente a mais leve injuria, apesar de habitar-mos por espaço de dous mezes a morada da tse-tse, morada n'este caso, como em outros muitos, exactamente definida, porque a margem sul do Chobe era por ella infestada, e na margem norte, onde o nosso gado estava recolhido, a cincoenta jardas sómente de distancia, não se encontrava nem uma sequer. O mais maravilhoso é, como observámos frequentes vezes, que os indigenas levavam a miudo pedaços de carne cobertos da tse-tse para a margem oposta.

«O veneno parece não ser injectado pelo ferrão ou por ovas distostas debaixo da pelle; porque, quando alguem deixa a tse-tse alimentar-se livremente na mão, vê-se introduzir com profundeza na pelle a especie de trado, que está no centro das tres porções em que se divide a tromba: depois retira-o algum tanto, e toma a côr carmesim logo que as mandibulas encetam com rapidez o natural exercicio. O abdomen da mosca, até então chato, começa a inchar, e, se a não afugentam, a mosca parte em socego, quando está saciada. Segue-se certa leve comichão, porém não mais forte do que a produzida pela mordedura de um mosquito. No boi a mordedura não produz o effeito mais depressa do que no homem, não o faz estremecer como a do tavão, mas poucos dias depois observam-se os seguintes symptomas. Os olhos e as ventas começam a lançar algum humor, a pelle arrepia-se, como se o animal sentisse frio; apparece certa inchação debaixo da queixada inferior, e ás vezes no embigo, e, com quanto o animal continue a pastar, principia a dividir-se a magreza, acompañada de particular flaccidez dos musculos, e assim progride seguidamente, até que mezes depois sobrevem a diarrhea, e o animal, já incapaz de pascer,

morre exausto completamente de forças. Os bois que estão gordos morrem, pouco depois de recebida a mordedura, com vertigens e cegueira, como se o veneno lhes affectasse o cerebro. Repentinamente mudanças de temperatura, produzidas pelas chuvas, parece que apressam o progresso do padecimento; porém, fallando geralmente, a magreza vai sem interrupção a mais durante alguns mezes; e, faça-se o que se fizer, o pobre animal morre miseravelmente.

«Aberto o cadaver, o tecido cellular, na superficie do corpo por baixo da pelle, apparece injectado com ar, como se por elle estivessem derramadas bolhas de sabão, ou como se um carnicheiro de má fé, e pouco destro, tivesse pertendido fingir gordura. Toma a do animal côr amarella esverdeada, e consistencia unctuosa. Os musculos tornam-se balofos, e quasi sempre tão brando o coração, que os dedos, apertando-o, penetram e vão tocar-se. Os pulmões e o figado tambem são feridos do mal. O estomago e os intestinos estão pallidos e vasio, e a vesicula do fel dilatada com a bilis.

«Estes symptomas parecem indicar (o que provavelmente é verdade) a acção da peçonha sobre o sangue, e que o germen d'aquella se introduz quando o ferrão penetra para o extrahir. O germen venenoso, contido n'uma glandula, situada na raiz do ferrão ou tromba, parece, posto que seja em muito diminuta quantidade, ter energia para reproduzir-se; por que o sangue, depois da morte causada pela tse-tse, é pouquissimo, e tinge apenas as mãos de quem faz a disseccção.

«A mula, o jumento e a cabra gosam da mesma immuniidade da tse-tse, que o homem e a venação montesinha. Tribus populosas das margens do Zambeze não podem crear animaes domesticos, á excepção da cabra, por causa d'este flagello existente nos seus territorios. Os nossos filhos foram mordidos frequentemente, e contudo não foram offendidos; e nós vimos de redor de nós, em grande numero, zebras, búfalos, porcos pequenos, e varias especies de antilopes, que pasciam tranquillamente no centro do domicilio da tse-tse, mas sem lhes serem prejudiciaes as mordeduras, como acontece aos bois logo que recebem o fatal veneno. A differença entre as naturezas do cavallo e da zebra, do búfalo e do boi, do carneiro e dos antilopes não é tal que baste a dar nos explicação satisfactoria do phenomeno. Não é o homem tão domestico animal como o cão? O facto curioso de morrerem da mordedura os cães

que não se alimentam ainda senão de leite, em quanto que os novilhos e vitellas escapam durante o tempo da amamentação, fez pensar que o mal seria produzido por alguma planta da localidade, e não pela tse-tse; porém o major Vardon, do exercito de Madrastra, acabou com a duvida, montando em um cavallo, e caminhando até um outeiro, sem consentir ao cavallo que relvasse; e, com quanto se detivesse tão sómente o tempo necessario para tomar vista das terras, e apanhar alguns specimens da tse-tse, dentro em dez dias o cavallo morreu.

«A bem conhecida aversão da tse-tse aos excrementos dos animaes, como é facil de verificar quando uma aldêa está estabelecida dentro dos limites do domicilio da tse-tse, ha sido observada e aproveitada por alguns medicos indigenas: misturam estrume animal, leite de mulher, e alguns outros ingredientes, e esfregam os bois ou cavallos que tem de passar pelos districtos da tse-tse; porém, posto que este remedio sirva de preservativo por algum tempo, não tem effeito permanente. Ainda não ha modo conhecido de curar este mal. Um pastor desleixado, consentindo que o seu numeroso rebanho vagueasse n'um districto da tse-tse, perdeu todos os animaes á excepção das vitellas; e Sebituane perdeu n'uma occasião quasi todo o gado da tribu, muitas mil cabeças, tendo-as exposto imprudentemente áquella maligna influencia. Não assegura a vaccina a immunidadade, porque os animaes que forem feridos levemente n'um anno, podem perecer por maior numero de mordeduras no anno seguinte; porém é provavel que, em consequencia do uso das armas de fogo, a venação haja de acabar, como aconteceu no sul, e a tse-tse, privada de alimento, haverá tambem de extinguir-se ao mesmo passo que os animaes corpulentos¹.»

O viajante sueco Carlos J. Anderson, na sua carta de 22 de maio de 1854, que foi publicada no *Advertiser and Cape Town-Mail*, por occasião de descrever o lago Ngami, falla da tse-tse nos seguintes termos: «Existe actualmente uma estrada do mar a Libebêo e aos territorios vizinhos; porém é sempre difficil e arriscado ir lá por terra. Em certas épocas do anno reina por alli uma epidemia muito mortifera: de vinte Gricas que poderam en-

¹ Segundo o mesmo dr. Livingstone, chap. xviii, pag. 352, depois que as armas de fogo acabaram com os animaes silvestres nos territorios de Katema e de Shinto, a mosca tse-tse d'alli desapareceu inteiramente.

trar na capital, e que foram atacados do temeroso flagello, não sobreviveram dez. Com tudo como ao presente é conhecida a época em que a febre costuma apparecer, torna-se possível evita-la. Porém ha outro obstaculo que se oppõe a que os viajantes sejam bem succedidos, é a mosca tse-tse, cuja mordedura é perniciososa aos bois, aos cães e aos cavallos. Os Gricas, de que fallei, vijavam com tres carretas carregadas, e por isso tinham muitos bois de tiro. Todos estes animaes foram victimas d'aquelle insecto, insignificante na apparencia, e os Gricas perderam o ultimo boi, quando acabavam de ganhar a praia. Grande numero de cavallos de que se tinham prevenido para a caça dos elephantes, tiveram a mesma sorte¹.

Transcreverei agora o que diz Livingstone em outro logar, narrando um facto curioso que respeita á tse-tse. Depois de contar que encontrou a tse-tse entre Nameta e Sekhosi, accrescenta: «Um insecto carnivoro, de quasi uma pollegada de comprido, de pernas longas e aspecto esfaimado alli se vê saltando de uma para a outra parte, e precipitando-se sobre a terra nua. É um tigre da sua especie, porque se arremessa sobre a tse-tse e outras môscas, e tendo-lhes sugado o sangue, lança fóra o arcabouço²».

Em fim para completar a descripção da mosca tse-tse, aqui citarei as palavras de M. Ludovic de Castelnau³: «Rapida como a setta arremessa-se do alto do espinheiro sobre o ponto que quer atacar, e parece ser dotada de vista muito aguda. M. Chapman, um dos viajantes que penetraram até mais ao interior da Africa meridional, refere que, tendo na roupa que vestia um buraco apenas perceptivel, feito por um espinho, via muitas vezes a tse-tse, que parecia saber que não podia atravessar o panno de que estava coberto, arremessar-se e vir, sem nunca errar o alvo, pica-lo no pequeno espaço que se achava descoberto».

Só tenho a accrescentar que o primeiro specimen da môsca tse-tse foi trazido a Inglaterra em 1848 pelo major Vardon, que a encontrou nas margens do Limpopo. Entretanto é para notar que nas informações obtidas com respeito ao dr. Cowan e ao capitão Donovan, que passaram pelo territorio dos Bakwins em 1808, e

¹ *Nouvelles Ann. des Voyages*, 1855, tom. iv, pag. 333.

² Chap. xxv, pag. 499.

³ *Explor. dans l'Inter. de l'Afr. Austr.*, par M.^{me} H. Loreau, 1859, pag. 92

desceram o rio Limpopo, nem uma palavra se diga ácerca da môsca tse-tse, quando todavia se relata que o dr. e o capitão morreram de febres, que destruíram toda a sua comitiva. O mesmo dr. Livingstone, mencionando¹ o desastrado fim dos dous viajantes e da sua comitiva, e dando conta das informações que obtivera áquelle respeito nos proprios logares, nada diz da tse-tse.

Já disse que os portuguezes não fizeram maior menção da môsca tse-tse, mas não foi de certo pela não conhecerem, como levemente insinua o dr. Livingstone n'estas palavras²: «Nós podíamos ser tão ignorantes da existencia d'este insecto-praga como os portuguezes, se não fossem as amiudadas migrações das tribus pastoras, que têm tido logar no sul em consequencia das irrupções dos Zulus». Razão tenho para afirmar que foi feita não só levemente, senão com demasiada leveza esta insinuação pelo dr. Livingstone, porque é elle o proprio que muito explicitamente confessa que os portuguezes conheciam aquelle insecto prejudicial, e lhe davam o nome de *môscas do elephante*; e na descripção de alguns dos districtos por ella habitados, que eram e não podiam deixar de ser muito conhecidos dos portuguezes, confirma indirecta mas cabalmente, se de confirmação carecesse, aquella sua confissão.

Ouçamos primeiro a confissão: «As margens do Leeambye são cobertas de arvoredo, e na esquerda acha-se a tse-tse e elephantes. Eu suspeito haver alguma connexão entre aquella môsca e este animal, e os portuguezes do districto de Tete de certo assim tambem o julgam, porque lhe chamam a *môscas do elephante*³».

Vejamos agora a confirmação. Na sua marcha por Zumbo para Tete, depois de referir como as margens do Chiponga lhe depararam de novo a terrivel tse-tse, accrescenta⁴: «Na povoação de Ma Mburuma (mãe de Mburuma), o guia que tornara a ajuntar-se-nos, deu de nós favoraveis informações, e nem as mulheres nem as creanças fugiram. N'este logar soubemos que os commerciantes chamados Bazungas (Muzungos ou portuguezes) *costumavam all vir* em canôas. Eu suppuz que estes eram mulatos portuguezes, porque nos disseram que o seu cabello da cabeça, e a pelle, que

¹ Chap. i, pag. 14.

² Chap. xviii, pag. 352.

³ Chap. xiv, pag. 260.

⁴ Chap. xxviii, pag. 582 e 583.

anda coberta com a roupa, eram diferentes do meu cabello e da minha pelle. Ma-Mburuma prometteu-nos canôas para atravessar o Loângua, que nos estava na frente. . . A posição da aldêa da mãe de Mburuma era de grande belleza, cercada por todos os lados de erguidos outeiros, e sobranceira a valles occupados inteiramente de hortas, onde cresce luxuosamente o maiz e o trigo indigena. Fomos obrigados a precipitar a marcha, porque os bois eram mordidos todos os dias pela tse-tse, que, segundo acima observei, habita agora aqui extensos tractos de terra, etc. Era evidente sermos olhados com suspeita por isso que tinhamos vindo na esteira dos invasores, o que se deprehendia de dizerem os nossos guias às pessoas, que encontravam nas hortas por onde passavamos: «Elles têm palavras de paz, muito boas palavras, porém é tudo mentira, porque os Bazungas são grandes mentirosos». Pensavam que não os comprehendiamos; porém Sekwebu comprehende todas as palavras perfeitamente, e, sem dar attenção ostensiva a estas observações obsequiosas, tivemos muito cuidado de explicar ao depois em toda a occasião, que nós não eramos Bazungas (portuguezes), mas sim Makôa (inglezes)».

Este logar é para notar-se por mais de um motivo; pois que por elle se prova que os portuguezes não podiam deixar de conhecer a tse-tse, visto que conheciam o territorio por ella infestado, e alli iam mercadejar; e por que serve igualmente de demonstração de que, se os indigenas se haviam de palavra *obsequiosamente*, como com ironia diz o dr. Livingstone, com respeito a elle proprio, sem ironia, mas com toda a seriedade têm os portuguezes a queixar-se do theor de haver-se tão pouco generoso de Livingstone para com elles, que tinham direito a muito differente correspondencia da parte do missionario inglez aos muitos serviços, e franca e leal cooperação, que em tanta parte, e de tantos modos, lhe tinham prestado. Infelizmente não foi só esta vez, que, por expressa confissão de Livingstone, se mostrou elle desagradecido, procurando, sob diversos pretextos, malquistar-nos, para a si proprio se tornar bemquisto.

Prendamos entretanto o fio da confirmação interrompida. «Em companhia do commandante de Cazengo (diz o dr. Livingstone em outro logar¹), que *conhecia bem todo este territorio*, descí n'uma

¹ Chap. xx, pag. 402.

canôa o rio Lucalla até Massangano... Ao approximar-nos de Massangano observámos que o solo, de uma e outra banda do Lucalla, se torna muito plano, e que porções grandes de terreno ficam apaúladas em consequencia das inundações annuaes; porém é muito fertil. Como prova da riqueza do solo, posso asseverar que vimos algumas plantas do tabaco, em hortas situadas perto da confluencia dos rios, da altura de oito pés, e cada planta tinha trinta e seis folhas de dezoito pollegadas de comprido e seis ou oito de largo. Com tudo os habitantes do districto não são pastores. Ao descer observámos a tse-tse, e por isso alli não ha animaes domesticos, á excepção das cabras.

«Quando deixámos o Loângua (Aruângoa) julgámos que não tínhamos mais serras a passar, porém ainda se encontram detrás do Mazanzua, posto que a cinco ou seis milhas de distancia do rio. A tse-tse e as serras já nos destruíram dous bois de montar, e quando o pequeno, que monto agora, succumbir, terei de caminhar a pé¹.»

É desnecessario amontoar mais citações, para pôr na ultima evidencia que, pela propria declaração de Livingstone os portuguezes tinham, nem podiam deixar de ter perfeito conhecimento da môsca tse-tse, pois que o tinham muito amplo e circumstanciado do territorio de Massangano, parte do qual é infestado por aquelle terrível insecto, e não menos o tinham de uma e outra margem do Aruângoa, e das terras convizinhas de Zumbo até ao interior dos sertões, como é factó averiguado, constante e fóra de duvida.

Alem d'isto Joaquim Rodrigues Graça no *Diario* da sua viagem do Bihé á côrte do Matiamvo, na observação ao dia 25 de maio de 1846, menciona um insecto, que facilmente faz lembrar a môsca tse-tse: eis-ahi as suas palavras². «Seguimos e acampámos em Della-Guenga, deserto, seus mattos os acima referidos, cortando grandes valles, e pantanos cheios de mosquitos, e uma môsca semelhante ao abelhão, que, mordendo, immediatamente inflamma a parte offendida».

Mas, por que não nos deram larga noticia do terrível insecto tse-tse, nem os nossos escriptores, nem os nossos viajantes? A ra-

¹ Chap. xxix, pag. 588.

² *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, Março de 1855, pag. 119.

zão é obvia, para quem não ignora as practicas e usos dos portuguezes d'Africa; e, demais a mais, deduz-se, como consequencia necessaria, do que narra e observa o dr. Livingstone. Os commerciantes portuguezes, e os seus aviados, transitando por todo o interior africano, vijavam a pé, ou ás vezes, e a espaços, em maxila, tipoyá ou palanquim; porém não montados em bois ou cavallos, e por tanto não podiam ter occasião de experimentar de perto os damnos causados pela tse-tse, que, sendo hostile áquelles animaes, o não é ao homem. Esta razão é sobeja para explicar o facto, e ao mesmo passo deixar provada a semrazão do dr. Livingstone, quando affirma, como vimos, que os portuguezes ignoravam a existencia de tal flagello, com quanto pouco depois confesse que o conhecem, mas que lhe dão differente nome.

Pelo que temos visto, não pôde duvidar-se de que o dr. Livingstone manifesta facil disposição de acoimar os portuguezes de ignorantes do que pôde concorrer para realce da corôa com que pretende a si proprio adornar-se. Entretanto, pelo que tambem até agora se demonstron, tem-se tornado certo que as suas asserções, de qualquer sorte offensivas do nome portuguez, carecem todas absolutamente de fundamento. Aquellas, de certo pouco lisonjeiras para o honesto amor proprio portuguez, repetem-se com frequencia na obra do dr. Livingstone, e tem por consequente de repetir-se as correcções, aliás tão cabidas, de que se faz merecedôra a inexactidão, e a arrogancia, pois é mais que falta de benevolencia, do missionario inglez.

Já notámos que o dr. Livingstone, quando pretendia exclusivamente para si, e para os seus companheiros de viagem, a honra de terem sido os primeiros que viram as aguas do lago Ngami, pretendia uma semrazão, por que primeiro tinham sido observadas por olhos portuguezes; e agora veremos que não é com melhor fundamento que se esforça por fazer acreditar que para os portuguezes eram estranhos totalmente os territorios por onde corre no interior o Zambeze, não lh'o sendo menos o tomar por alli curso este rio famoso. Porventura não será necessario senão ler attentamente o que escreve o mesmo Livingstone, e fazer cuidadosa comparação e uso judicioso do raciocinio, para desde logo termos de inferir, sem que nos fique livre alimentar nenhuma sorte de hesitação ácerca da leveza imperdoavel com que o celebre viajante inglez fórma não raro os seus juizos, e das incoherencias, se não

contradicções, a que por conseguinte se vê tanto a miúdo arrasado inevitavelmente.

Contando-nos a sua marcha para o interior do continente africano, e o seu encontro com Sebituane, celebre chefe indigena, em o esboço que desveladamente d'elle nos bosquejou, diz o dr. Livingstone¹: «Tendo conquistado todas as convizinhanças do lago (Kumadau), ouvio fallar dos homens brancos, que viviam na costa occidental; e esporeado pelo que parece ter sido o sonho de toda a sua vida, o desejo de abrir communicação com os brancos, passou ao sudoeste». Mais adiante se lê²: «Sebituane formou o desingnio de descer o Zambeze até ás terras dos homens brancos. Tinha a idéa fixa, que *não sei d'onde lhe viera*, de que, se possuísse uma peça de artilharia, lhe seria possível viver em paz. Sebituane passara a vida na guerra, e todavia ninguem mostrava desejar a paz tanto como elle. Um propheta o persuadio a voltar de novo para oeste. Aquelle homem, por nome Tlapano, era chamado «Senoga» isto é, que trata com os deuses... Tlapano, apontando para o oriente, exclamou: «Alli, Sebituane, vejo fogo: evita-o: é fogo que pôde abraçar-te. Os deuses dizem que não vás alli». Voltando-se para o oeste, exclamou: «Vejo uma cidade e uma nação de homens negros, homens da agua³: o seu gado é vermelho: a tua tribu está a acabar, e toda será destruida: tu has de governar os homens negros, e depois que os teus guerreiros tiverem captivado o gado vermelho, não consintas que os donos d'elle sejam mortos. São elles a tua futura tribu, elles hão de formar a tua cidade. Sejam poupados, para que te obriguem a edifica-la. E tu, Ramosini, sabe que a tua aldêa será totalmente arruinada. Se Mokari se apartar d'aquella aldêa elle perecerá primeiro, e tu, Ramosini, perecerás ao depois». Com respeito a si proprio accrescentou. «Os deuses foram causa de que outros homens tivessem agua para beber; porém a mim só me concederam a pessima bebida do chukuru (rhinoceros). Chamam-me para si. Não posso demorar-me mais».

À parte a poesia, e o que pertence á imaginação do dr. Livingstone, ao qual deixaremos o entreter-se a seu sabor com a famosa

¹ Chap. iv, pag. 85.

² Chap. iv, pag. 86.

³ Que vivem perto do mar.

profecia, de que dá larga explicação, fica em todo o caso assentado, segundo o seu proprio testemunho, que de bom grado acceptamos, como de todo o ponto insuspeito, que o nome dos portuguezes, as suas armas de fogo, e a vantagem a tirar d'ellas, eram cousas perfeitamente conhecidas de Sebituane, e dos povos do interior; que se disputava entre estes se lhes seria ou não proveitoso estabelecer tratò com aquelles, para haver de possui-las; e que prevalecia a opinião de que devia ser procurado, e a tal ponto, que Sebituane traçara o plano de descer o Zambeze com o intento de pôr-se em amiga communicação com os portuguezes.

D'onde veio porém a Sebituane a noticia da existencia dos portuguezes para o levante? Como soube que, descendo o Zambeze, havia de com elles encontrar-se? Quem lhe deu conhecimento das suas armas de fogo, e quem lhe explicou as differentes especies d'estas, e seus usos diversos? A resposta a estas perguntas é impossivel, suppondo-se como quer o dr. Livingstone, que os portuguezes não conheciam os territorios do interior banhados pelo Zambeze central, nem alli eram conhecidos senão por vaga fama; pois que não pôde só por esta explicar-se de modo sequer um tanto satisfactorio, nem o vehemente desejo em que ardia Sebituane de ter com elles tratò e communicação, nem a opposição dos que, auxiliados pelas profecias de Tlapano, combatiam os planos do celebre chefe, indicando-lhes caminho contrario a seguir, como de maior vantagem para a sua ambição e gloria. É porém facil a resposta logo que se admitta, como deve necessariamente admittir-se, que os portuguezes conheciam aquelles povos e territorios, e alli eram conhecidos.

E como pôde isto deixar de admittir-se? Não é possivel, por que o prova, alem do que fica já advertido, o que tenho ainda para observar.

Conta o dr. Livingstone¹ que, tendo-se dirigido de Naliele a Seshke, cento e trinta milhas ao nordeste, e descoberto o Zambeze no centro do continente, e visitado o paiz limitrophe, fôra procurado, e o seu companheiro Oswell, por muitos individuos, que trajavam baetas de differentes côres, e um d'elles algodão pintado; e nos informa² de que taes mercadorias eram obtidas por via dos

¹ Chap. iv, pag. 91.

² Chap. iv, pag. 91 e 92.

Mambari, que demoram nas proximidades do Bihé, os quaes as tinham trocado por creanças de ambos os sexos. Accrescenta que, em 1850, se realisara um resgate de duzentos rapazes de 13 a 14 annos de idade por espingardas portuguezas, as quaes tinham a marca de *Legítimo de Braga*. Ora os Mambari eram, por assim dizer, comarcãos do Bihé, e estavam em intimas relações com os portuguezes, com quem traficavam em escravatura, de quem eram corretores, e a quem, como é sabido, e, como veremos, attesta o mesmo dr. Livingstone, acompanhavam nas suas excursões commerciaes pelo interior de todas aquellas regiões. Não pôde pois deixar de ter-se por certo, porque se torna incrível o contrario, que tinham dado os Mambari largas noticias do Zambeze central aos portuguezes.

E tão pouco é facil de crer que não fosse nunca instigada a curiosidade de nenhum portuguez, a ponto de não ter querido algum ir; um se quer ao menos, visitar rio tão notavel, e que pelo ser tanto maravilhara mr. Oswel, obrigando-o a exclamar ao avista-lo, que nunca d'antes vira tão formoso rio nem mesmo na India. Se tão sómente houvesse alli que admirar, é muito possivel o não achar-se portuguez, que se movesse a fazer longa e trabalhosa jornada pelo mero prazer de dar á imaginação pasto deleitoso; porém havia alli resgates a effectuar, e resgates vantajosos, mormente de marfim e escravatura, como se depreheende obviamente da narração do dr. Livingstone, apesar dos atavios, por elle empregados com tanto cuidado, para encarecer e exaltar o character quasi romanesco do seu heroe Sebituane. E quem é que não sabe que os negreiros não recuavam diante de nenhuma difficuldade, quando em vence-las ia interessada a sua cubiça?

Vem a ponto notar, que, em quanto por uma parte Livingstone quer tornar acreditavel que os portuguezes ignoravam totalmente o Zambeze central, por outra declara, talvez sem querer, o contrario; o que se evidencêa não só pelo que tenho observado, e ainda observarei, senão pelo seguinte facto de que faz menção o mesmo Livingstone¹.

«Quando os Mambari (narra Livingstone), divulgaram entre os seus, em 1850, noticias favoraveis do novo mercado, aberto no Oeste, muitos mulatos portuguezes, dados ao commercio da es-

¹ Chap. ix, pag. 180 e 181.

cravatura, foram induzidos a ir alli em 1853; e um, que *similhava perfeitamente um portuguez*, chegou a Linyanti em quanto eu alli estava. Este homem não trazia mercadorias, e affirmava ter vindo unicamente com o fim de indagar que sorte de fazendas teriam sahida no mercado. Pareceu-me muito transtornado com a minha presença. Sekeletu deu-lhe de mimo um dente de elephante e um boi, e, tendo-se (o portuguez) encaminhado a distancia de perto de cincoenta milhas a oeste, levou comsigo uma aldêa inteira de Bakalahari, pertencente ao Makololo. Trazia comsigo grande numero de escravos armados; e como todos os habitantes da aldêa, homens, mulheres e creanças foram levados, e o facto ficou ignorado até muito tempo depois, não se sabe se elle realisou o seu intento por meio da força, ou se mediante seductoras promessas. Em todo o caso a escravidão foi a sua sorte. O portuguez era conduzido n'uma maca, dependurada de duas varas, de modo que tendo a configuração de um sacco, os Makololo, o nomeavam «o pae-do-saco».

«Mpepe favorecia estes commerciantes de escravos, e elles, segundo o seu costume, fundavam as esperanças de se tornarem preponderantes no bom resultado da rebelião meditada. Conheceram que o apparecer eu em scena havia de pesar na balança contra os seus interesses. Um grande golpe de Mambari tinha vindo a Linyanti, quando eu andava herborisando nos prados ao Sul do Chobe. Chegando-lhes a noticia de eu estar alli proximo, mudaram de rosto; e quando alguns Makololo, que nos tinham ajudado a atravessar o rio, voltaram com os chapêos que eu lhes dera, os Mambari fugiram precipitadamente. É do costume que os visitantes peçam licença com formalidade antes de se retirarem da terra do chefe onde se acham, porém a appareição dos chapêos fez que os Mambari enfardassem á pressa. Os Makololo informaram-se da causa da precipitada retirada, e lhes disseram que, se eu alli estivesse, lhes tomaria os escravos e as fazendas; e posto que Sekeletu lhes assegurasse que eu não era salteador, mas sim homem de paz, fugiram de noite, achando-me eu a sessenta milhas de distancia. Marcharam para o norte, onde, sob a protecção de Mpepe, construíram uma forte estacada, d'onde alguns mulatos, commerciantes de escravos, capitaneados pelo portuguez nativo, continuaram no seu trafico, sem fazerem caso do chefe, em cujo territorio tinham feito incursão com a maior semcerimonia.»

Sem entrar na analyse da narração do dr. Livingstone, analyse aliás que de nenhuma sorte aquella pôde sustentar, por que de modo lastimoso a caracterizam a contradicção e a incoherencia, basta, como notei, o simples facto, abstrahindo de quaesquer outras considerações, para pôr fóra de duvida que, indirectamente por via dos Mambari, e directamente pelos proprios portuguezes, mulatos e não mulatos, eram de sobejo por estes conhecidos os territorios, que percorre e banha o Zambeze central, e os povos que os habitam.

Nem obsta o designar o dr. Livingstone os annos de 1850 e 1853 como os da primeira appareição dos Mambari e dos portuguezes em taes territorios; porque não prova, nem pôde provar Livingstone que não tivessem alli precedentemente apparecido, antes estamos auctorisados a inferir o contrario da mesma narração do dr. Livingstone, a qual nos dispensa de recorrer a outros argumentos, de certo não difficeis de achar; pois que, se os portuguezes fossem tão estranhos áquelles povos e terras, como elle quer suppor, nem poderiam haver-se como se houveram, segundo refere o missionario inglez, nem estariam no caso de metter-se tanto de dentro dos negocios politicos d'esses mesmos povos, e de ser n'elles partes, como tambem por Livingstone lhes é attribuido. O que por esta narração poderia sem custo provar-se, é que os Mambari e os portuguezes (porque, o serem muitos d'elles mulatos, não lhes tira a qualidade de portuguezes) não conheciam melhor as suas do que est'outras terras, as quaes percorriam a sabor, onde se estabeleciam e entrincheiravam segundo lhes era conveniente, d'onde regressavam quando o haviam por opportuno, onde mercadejavam liberrimamente, e nos destinos de cujos povos pretendiam actuar de modo conforme ao que esperavam de maior vantagem para os seus particulares proveitos commerciaes.

Accresce que, n'outro logar¹ Livingstone, referindo-se a este mesmo facto, accrescenta: «Alguns Mambari nos visitaram quando estavamos em Naliele. São da familia Ambonda, que habita o territorio ao sueste de Angola, e falla o dialecto bunda, commum aos Barotse, Bayeye, etc. . . São tão negros como os Barotse, mas *vive entre elles grande numero de mulatos*, distinctos pela sua côr peculiar de amarello doentio. *Os mulatos, ou portuguezes nativos,*

¹ Chap. xii, pag. 218.

todos sabem ler e escrever, e o cabeça do bando, *se realmente não é portuguez, tem o cabello europeó*, e obrigado provavelmente pela carta de recommendação do cavalheiro Duprat, arbitro por parte do governo de S. M. F. na commissão mixta ingleza e portugueza na cidade do Cabo, mostrou-se sinceramente desejoso de prestar-me todos os bons officios ao seu alcance. Estas pessoas, *estou certo*, foram os primeiros individuos de sangue portuguez, que viram o Zambeze no centro do paiz, e chegaram lá dois annos depois da nossa descoberta em 1851.»

O «estou certo» que deixámos sublinhado, do dr. Livingstone, é que não tem na verdade nenhuma certeza: a asserção é puramente d'elle; e em que poderia fundar-se? Não na auctoridade das informações dos indigenas, porque não as cita Livingstone, e não deixaria de cita-las, se as tivesse de molde que lhe fizessem feição, mas ainda quando taes informações existissem, e a ellas houvera feito referencia, nenhuma confiança poderiam merecer-nos, segundo a expressa declaração do mesmo Livingstone¹, e de muitos outros viajantes, todos conformes em affirmar que, salva rarissima excepção, originada em interesse ou força maior, os indigenas de toda a Africa informam a respeito da cousa mais grave ou mais insignificante, não conforme á verdade, porém segundo se lhes affigura que se tornarão mais agradaveis a quem os consulta ou interroga. Tão pouco podia fundar-se em declaração feita pelos mulatos portuguezes, porque não a havia, e por isso a não produz o dr. Livingstone. Em que pois? Fica sómente a auctoridade individual do missionario inglez, que, sobre não poder admittir-se por suspeita n'uma questão de amor proprio pessoal, de nenhuma sorte póde aceitar-se com respeito a factos de que, por anteriores, elle não podia dar testemunho. Pelo contrario porém tudo faz não só presumir, senão acreditar que desde muito tempo os mulatos portuguezes tinham conhecimento do Zambeze interior, por isso que estavam em frequente e intimo trato com os povos comarcões do mesmo Zambeze, e era para elles habito e vida o discorrer por aquelles territorios, para achar ou concluir resgates de toda a sorte.

Das considerações que ficam brevemente ponderadas, e que sem duvida tirarão maior força do que tenho de continuar a refle-

¹ Chap. xxiii, pag. 458.

ctir, parece dever inferir-se com segurança desde agora, que não é para ter-se por tão averiguado, como desejaria que o crêssem o dr. Livingstone, que os portuguezes ignorassem os territorios por onde corre o Zambeze central, e que por isso o não conheciam.

Mas note-se que Livingstone não se contenta d'aquella insinuação, antes affirma que «anteriormente a elle e o seu companheiro mr. Oswell terem descoberto o Zambeze no interior do continente, em 21 de junho de 1851, a existencia, alli, do Zambeze era totalmente ignorada¹» e note-se ao mesmo tempo a rasão que para isto dá, pois (accrescenta o dr. Livingstone²) os mappas portuguezes representam aquelle rio muito a Leste do ponto, onde elle e mr. Oswell então se achavam. E não deverá ser tido por leve em demasia o fundamento da gravissima arguição aqui feita aos cosmographos portuguezes? Como é que a apparição do Zambeze no ponto indicado por Livingstone pôde auctorisar-lo a affirmar que a origem do Zambeze fica mais ou menos para Este ou para Oeste? Ignora-se acaso que, obrigados dos accidentes naturaes dos territorios que atravessam, os grandes rios d'Africa no larguissimo espaço que percorrem, variam infinitamente o curso, vão ser vistos onde nunca se presumiria encontra-los, e algum tambem pôde observar-se que, sem deixar de ser o mesmo rio, toma curso em sentido opposto ao que trazia, e lhe marcava a carreira que seguira até alli, e, dividido ou ramificado, continua a proseguir, apresentando ao viajante attonito e confundido o phenomeno singular de ter aos olhos um rio a correr em direcções oppostas? O proprio dr. Livingstone o confessa, e declara muito expressa e detidamente³. Esta rasão pois do dr. Livingstone, é rasão muito pequena, e não para ser tida em conta alguma.

Alem d'isto, o dr. Livingstone não estava auctorizado sufficientemente para aventurar aquella arguição, fundando-se n'uma mera conjectura, sobre tudo sendo certo, como é, que são diminutissimas as investigações a que procedeu ácerca da origem d'aquelle rio; e tão diminutas que, pelo que refere e nos informa, mal se pôde ajuizar do curso que lhe assigna, sem que fiquemos de modo algum mais esclarecidos a similhante respeito. Ouçamos o que

¹ Chap. iv, pag. 90.

² Idem, ib.

³ Chap. xxiv, pag. 473.

diz ao ponto o dr. Livingstone, e ficaremos desenganados¹: «Mr. Oswell e eu nos dirigimos para Sesheke, a cento e trinta milhas ao Nordeste, e, no fim de junho de 1851, fomos recompensados das nossas fadigas com o descobrimento do Zambeze no interior do continente. Isto era de grande momento, porque d'antes não se sabia que existisse alli aquelle rio. Os mappas portuguezes todos o representam como tendo a origem muito mais a Este do logar onde nos achavamos, e se em algum tempo tivesse existido cousa que similhasse uma serie de póstos commerciaes através do paiz, entre as latitudes 12° e 18° Sul, esta magnifica porção d'aquelle rio devia ter sido conhecida. Nós o vimos no fim da estação estiva, tempo em que o rio está mais diminuido, e com tudo levava então corrente de agua profunda na largura de trezentas a seiscentas jardas. Mr. Oswell declarou que nunca vira rio tão formoso nem mesmo na India. No tempo da sua inundação annual eleva-se perpendicularmente vinte pés, e alaga quinze ou vinte milhas de terras adjacentes ás suas margens».

Esta informação é evidentemente em extremo diminuta, e a ninguém deixará de parecer muito estranho que o dr. Livingstone se dêsse por assás contente d'ella para não hesitar na affirmação de um facto, com o qual ao mesmo passo que assevera um novo descobrimento, e reclama a honra de o ter verificado, nega que possa ter a ella direito quem até então estivera n'essa posse. Nem é só a mim que d'esta sorte parece, porque o celebre Aug. Petermann² já advertio que o dr. Livingstone julga que os rios Leeambye e Zambeze são um mesmo rio (o Zambeze) com dois nomes, no que todavia não concorda um geographo conhecido M. W. D. Cooley; porém accrescenta que não se pôde nada afirmar a este respeito, porque a região situada entre Zumbo e Sesheke, os dous pontos conhecidos, que são os mais avançados dos dous rios, ainda *continúa inexplorada e desconhecida*. Assim pois, se o dr. Livingstone não conhecia, por inexplorada, a região onde corre o Zambeze central, claro fica não estar auctorizado para arrogar-se a gloria de primeiro descobridor do que, pela propria natureza das cousas, devia ter chegado muito antes ao conhecimento dos portuguezes, que desde largo tempo se achavam estabelecidos não

¹ Chap. iv, pag. 90 e 91.

² *Nouvelles Ann. des Voyages*, 1855, tom. iv, pag. 357.

a tanta distancia, que não tivessem trato antigo e amigo com as tribus, que, sendo vizinhas das suas proprias possessões, não só não eram n'aquella região ignoradas, senão até lá estendiam as excursões commerciaes, como Livingstone declara¹.

Não faz nenhuma força a esta inferencia, rigorosamente logica, a observação de Livingstone, acima indicada, a saber, que, se tivesse existido em algum tempo cousa que similhasse uma serie de póstos commerciaes através d'aquella região, entre as latit. 12° e 18° Sul, a porção do Zambeze, que diz por elle descoberta, devia estar conhecida. O dr. Livingstone, suppõe manifestamente a questão, porque lhe cabia provar em termos cabaes o que affirma de modo tão positivo, e não se contentar da sua mera asserção, fundada, segundo elle confessa, tão só na informação dos naturaes, contra cuja exactidão o mesmo Livingstone por vezes nos previne recommendadamente². Pelo demais é certo que a rasão allegada não procede de nenhuma maneira, porque podia ser de sobejo conhecida a porção do rio, que se pretende ter sido agora pela primeira vez descoberta, quer se achasse, quer não, estabelecida a serie de póstos commerciaes, á qual allude o dr. Livingstone. Quem conhece de perto a indole e habitos dos nossos maiores, sabe perfeitamente que os portuguezes eram mais para obrar, do que para fallar e escrever. O seu silencio, n'este ponto, como em outros muitos de similhante natureza, póde provar desleixo ou falta de curiosidade, mas não prova absolutamente nada mais. Pelo que respeita aos póstos commerciaes, em logar opportuno examinaremos a questão.

Fallando do reino do Matiamvo, e do desejo que tivera de visitar este poderoso potentado, diz o dr. Livingstone³: «Que lhe asseguraram assim os commerciantes indigenas, como os naturaes de Balonda, que um braço consideravel do Zambeze, corre no territorio a Leste da capital, e caminha ao Sul. «Todo este braço (acrescenta o dr. Livingstone) incluindo o ponto, d'onde toma ao Oeste, para Masiko, está assinalado no mappa (d'elle Livingstone) provavelmente em demasia ao Nascente. Foi assim marcado quando eu pensava que o Matiamvo e Cazembe ficavam mais a Leste do

¹ Chap. ix, pag. 181, xii, pag. 436, etc.

² Chap. xxiii, pag. 438.

³ Id. ibid. V. Nota 6.^a

que tive ao depois motivo para julgar. Sendo todas estas indicações derivadas do testemunho dos indigenas, eu as dou *com desconfiança*, e como *carecendo de ser verificadas por novos exploradores*¹. Este lugar de Livingstone é muito para ter-se em conta, e por isso cuidadosamente sublinhei as palavras que mais devem chamar-nos a atenção, pois que me dão logar a duas observações breves, mas importantes. É a primeira, que, pelo que se acaba de ler, fica manifesto que o dr. Livingstone, confessando a propria inexactidão e incerteza, não estava sufficientemente auctorizado a pôr taxa d'inexactos aos antigos mappas portuguezes, que assignalam a origem do Zambeze mais a Este do que por elle foi designada; e é a segunda, que deve considerar-se de pouca valia o testemunho dos indigenas, no qual todavia Livingstone se firmou para assegurar que elle e os seus companheiros foram os primeiros brancos, que tiveram conhecimento do Zambeze central².

Expondo a estranheza que lhe causou o phenomeno de um rio, correndo em duas direcções oppostas, nota o dr. Livingstone³ que não advertira, quando tinha atravessado o Lotembua, qual direcção tomava a corrente d'este rio; mas que, tendo feito reparo, ao achar-se da outra banda do lago Dilolo, de que seguia para o Sul, presumio que nascia no grande paül, que observara indo para o Nordeste, e continuava correndo para o meio-dia; porém que, chegado á margem meridional, alli o informaram de que a parte do rio, que tinha acabado de atravessar, caminha ao Norte, e não desagúa no lago Dilolo, mas sim no rio Kasai. «Posto que eu não observei a corrente (adverte Livingstone) de nenhuma sorte duvido de que seja exacta aquella asserção, que aliás me foi confirmada; nem de que, por consequinte, o lago Dilolo sirva de reservatorio commum dos rios que vão correndo uns para o nascente, outros para o poente».

Depois de nos informar de que, por falta de saúde, não podéra voltar atrás, para examinar esta questão importante, mas que não teve nenhum motivo para pôr duvidas ao testemunho dos naturaes, o dr. Livingstone continúa⁴: «A distancia entre o Dilolo e os valles, que vão até ao do Kasai, é apenas de quinze milhas, e as pla-

¹ Chap. xxiii, pag. 458.

² Chap. iv, pag. 90 e 91.

³ Chap. xxiv, pag. 473.

⁴ Id. *ibid.*

nicies intermedias são perfeitamente planas. Se eu tivesse retrocedido, só teria achado que o pequeno lago Dilolo, dando uma porção das suas aguas ao Kasai e outra ao Zambeze, as distribue aos Oceanos atlantico e indico. Exponho o facto como foi por mim comprehendido, porque sómente agora cheguei a conhecer a verdadeira disposição d'este systema fluvial e do respectivo continente. Tenho visto varios rios d'este territorio no lado occidental, correndo das cordilheiras para o centro, e tenho sido informado pelos naturaes e pelos arabes de que muitos rios, no lado oriental d'esta mesma região, seguem curso quasi similhante, partindo das alturas que tambem alli se encontram; e que, ajuntando-se as aguas todas em dois grandes canaes, um que segue para o N. e outro para o S., o do N. toma curso pelo Congo para OE., e o do S. pelo Zambeze para L.»

Detive-me extractando, e, a espaços trasladando textualmente este logar do dr. Livingstone, extracto e traducção que eu podia levar mais longe ainda, a fim de se formar, com facilidade, cabal conceito da incerteza em que o mesmo dr. Livingstone laborava com respeito á origem, e verdadeiro curso do Zambeze em largos tractos do interior africano; porque, melhor porventura do que nenhuma estranhas observações, a propria phrase tortuosa e embaraçada de Livingstone, a hesitação no affirmar e no negar, a confiança agora posta e logo retirada ao testemunho dos naturaes, a theoria, mais ou menos provavel, do systema fluvial e da configuração da Africa central, para explicar o que não chega a obter explicação satisfactoria, tudo isto não só move a crer, senão chega tambem a persuadir que o dr. Livingstone não conseguiu assentar juizo formal ácerca da questão que lhe cumpria investigar, e que por tanto sem fundamento pretendeu para si a gloria de cuja posse procurou a todo custo esbulhar os portuguezes.

Certo que não podemos considerar-nos ainda agora mais positivamente adiantados, com respeito á verdadeira origem e curso interior do Zambeze central, do que estavamos antes das informações, que nos são transmittidas pelo diligente viajante inglez. Se porventura me não illudo, o que levo dito receberá maior luz do que tenho ainda para dizer.

Escreve o dr. Livingstone¹ que verificára, depois de chegado a

¹ Chap. xxxi, pag. 640.

Tete. que nenhuma das pessoas notaveis, brancas ou de côr, alli residentes, tinham idéa do ponto ou local onde nasce o Zambeze: e accrescenta que, chamados os naturaes, que se sabia terem viajado mais largamente, nenhum d'elles dera indicios de conhecer aquelle rio tão longe como até Kansala (Cansala); que o pae de um dos rebeldes que combatêra contra os portuguezes, homem que viajára muito no sudoeste, tinha ouvido fallar da visita d'elle dr. Livingstone ao lago Ngami, mas que tambem este, como todos os demais, ignorava que o Zambeze corresse no centro do paiz. «Elles (os portuguezes de Tete) tinham com tudo muito maior conhecimento do que eu dos territorios ao norte de Tete. Um individuo, que fôra ao Cazembe com o major Monteiro, declarou que vira o Luapura ou Leeambye (Zambeze); porém pensava que, por logares e modo ignorado, seguia o seu curso para Angola».

Mal pôde comprehender-se qual illação pretende o dr. Livingstone que se deduza d'estas suas palavras, que deixamos fielmente trasladadas. Quereria inferir que os portuguezes ignoravam a verdadeira nascente do Zambeze? Não nos parece, porque da mesma sorte a ignorava elle então, como a ignora, e de todos ainda agora é ignorada. Quereria inferir que aos portuguezes era desconhecido que o Zambeze, descendo de longe, occultando-se e reaparecendo a largos tractos, e seguindo, forçado dos accidentes naturaes dos terrenos por onde vai correndo, atravessa vastos territorios até vir banhar as praias de Tete, para proseguir d'alli a desaguar no Oceano ethiopico pelas suas famosas cinco bôcas? Tambem nos parece que não; porque, para isto, fôra necessario suppor o dr. Livingstone demasiadamente ignorante da historia das nossas cousas na Africa oriental, o que sem duvida não pôde admitir-se. Quereria deprimir as auctoridades e os cavalheiros que tão obsequiosamente o receberam e trataram em Tete, arguindo-os de tão notavel ignorancia? Tão pouco podemos dar assenso a esta supposição, porque fôra de grave desaire para o illustre missionario, que se confessa aliás devedor de toda a sorte de attentões e favores ás auctoridades das terras, por onde transitou, pertencentes ao dominio portuguez em Africa. É por tanto arduo determinar de modo satisfactorio os verdadeiros motivos que levaram o dr. Livingstone a fazer aquella tão inopportuna observação, a qual se torna ainda mais digna de reparo, por isso que não pôde deixar de ser taxada de pouco escrupulosa e inexacta.

Certo que tenho todo o fundamento para assim me explicar, visto que Livingstone afirma que os moradores de Tete não conheciam o Zambeze nem sequer até Cansala, quando não padece duvida nenhuma que em antigas cartas portuguezas a direcção do Cuama ou Zambeze vem assignalada de modo que segue alem de Cansala, assim como é sabido que desde remota data foi o Zambeze navegado pelos portuguezes até ao Zumbo, para cima de Cabrabaça, e que foi a sua corrente conhecida por todo o espaço do seu curso pelas terras do Monomotapa, e do reino de Abutua, terras por elles tão largamente investigadas¹, e por tanto muito acima da Caxoeira Cansala.

Alem d'isto, n'este reino de Abutua, e não a grande distancia do salto ou caxoeira Cansala, está a serra Fura, muito conhecida dos portuguezes por causa do resgate do muito e fino ouro que alli se encontra, e d'ahi pelos rios de Cuama o transportam, como detidamente informa o padre João dos Santos, nos cap. XI e XII do liv. II, disputando se Fura ou Afura é a terra de Ophir, d'onde, como se lê na Escripura, era levado o ouro para o templo de Salomão. Como pois fôra possivel que os portuguezes tivessem ignorado o curso do Zambeze até á caxoeira Cansala? A asserção de Livingstone é na verdade inteiramente inadmissivel, porque lucha com os factos mais positivamente averiguados.

Parece pois, tudo bem reflectido, que Livingstone pretende tirar argumento da ignorancia casual de alguns poucos individuos, que se achavam presentes, para se honrar a si proprio, como sendo o primeiro a quem se deve o conhecimento não só do Zambeze central, senão tambem do Zambeze desde a mencionada caxoeira Cansala, ou logo pouco acima de Tete para o interior.

Nem eram menos conhecidas e frequentadas dos portuguezes, que as margens do Zambeze, uma e outra margem do seu confluente Aruangoa, ao norte, pelas terras dos antigos Muizas, das quaes os Muembas ao depois se apoderaram, e ao sul, pelas dos Mogóas, Sengas, Chevas, e até ávante da grande serra Muxinga.

Temos visto o que o dr. Livingstone diz ácerca do Zambeze, e

¹ Veja-se na *Ethiopia Oriental*, do padre João dos Santos, todo o cap. I, que se inscreve *Dos reynos do Monomotapa, e das terras do Mocaranga e sua divisão*, e particularmente no fim da fl. 53 v., e na 1.ª col. da fl. 56, onde trata do reino de Abutua. V. a Nota 7.ª

como parece querer arrogar-se a honra de nos ter dado d'elle novas, largas e exactas informações. Vejamos agora o que se sabia com verdade d'este famoso rio, anteriormente ao dr. Livingstone, e segundo as noticias e esclarecimentos havidos de varios antigos e modernos informadores portuguezes, e de dois escriptores estrangeiros, de todo o ponto competentes, e de nenhuma sorte suspeitos.

Começaremos pelo padre João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental*¹, que tão roubada anda, e tão desagradecidamente, por muitos escriptores estrangeiros, e tambem por alguns nacionaes. «Este rio de Cuama (escreve o padre Santos) tão celebre e conhecido por suas riquezas, chamam os cafres Zambeze, nasce pela terra dentro tão longe, que *não ha quem tenha noticia do seu principio*. Dizem os cafres que têm por tradição de seus antepassados, que este rio nasce de huma grande lagôa, que está no meyo desta Ethiopia, da qual nascem outros rios muyto grandes, que correm por diversas partes, cada um de differente nome, e que pelo meyo desta lagoa ha muytas ilhas povoadas de cafres, ricas e abundantes de creações e mantimentos. Chama-se este rio Zambeze, por que ao sayr da lagoa passa por uma grande povoação de cafres assim chamados, e dahi vem o rio tomar o mesmo nome da povoação². Este rio é muy impetuoso, e tem em partes largura de mais de huma legoa. Antes que chegue a se metter no mar algumas trinta legoas, se divide em dous braços, e cada hum delles he quasi tão grande como o mesmo Zambeze, e ambos vão entrar em o mar Oceano Ethiopico, trinta legoas distante um do outro. Ao principal e de mais agoa chamão rio de Luabo velho, e o outro Cuama velha, donde parece que todos estes rios tomaram nome de rios de Cuama. O braço menos principal se chama rio de Qui-

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. II.

² O dr. Livingstone dá outra origem a este nome, que todavia vem a coincidir exactamente com a que lhe dá aqui o padre Santos. «A palavra *Leeambye* (diz Livingstone) designa *grande rio* ou *o rio por excellencia*. Luambeje, Luambesi, Ambesi, Ojúnbezi e Zambeze, etc. São nomes que se applicam aos differentes sitios por onde corre, conforme ao dial-cto alli fallado, e todos têm similhante significação, e exprimem a idéa dos naturaes de ser esta torrente de agua a principal do paiz». Ora, segundo o padre Santos, o Zambeze toma este nome de uma povoação por onde passa, e por tanto com esta opinião se conforma exactamente o dr. Livingstone.

limane¹, ou rio dos bons sinaes: nome que lhe pôs dom Vasco da Gama, quando a elle chegou, indo no descobrimento da India, pelas boas novas e sinaes que nelle achou de Moçambique estar já perto, onde avia embarcações, e pilotos que sabião navegar pera a India. . . Este rio, tambem lança de si outro braço muyto grande, a que chamão o rio de Linde. De maneira que este grande rio Zambeze entra no mar com cinco bocas ou braços de muyta largura, e muytas agoas. Os Portuguezes navegão sómente pelos dous principaes; polo de Luabo podem navegar todo o anno, por que tem muyta agoa, e sempre he capaz de navegação; o que não tem o de Quilimane, por onde navegão somente no inverno, por que no verão descobre muytas areas, e madeiros que estão cravados no fundo do rio, onde perigão muyto as embarcações.

«Por este rio acima (indo sempre a Loesporoeste) se navega obra de duzentas legoas até ao reino de Sacumbé, que está muyto arriba do forte de Tete no qual logar faz o rio hũa grande queda de hũs rochedos abayxo, e dali pera cima vay inda continuando muyta penedia polo meyo do rio, por espaço de vinte legoas, até ao reino de Chicôva onde estã as minas de prata, de modo que se não navegão estas vinte legoas, de Sacumbé até Chicôva, por causa da grande corrente com que as agoas vem quebrando de penedo em penedo polo rio abayxo; mas do reino de Chicôva pera cima he navegavel, porẽ *não se sabe até onde*.

«Tornando pois ao rio de Luabo, que he o braço principal, chama-se assi por respeito da ilha Luabo, situada na sua barra, em dezanove grãos escassos. Esta ilha tem da parte do Sul o rio que dissemos, e do Norte o rio de Cuama a velha, e pola parte de Leste he cortada de hum esteiro de cinco legoas de comprido que vay

quando affirma que, das differentes terras por onde corre, toma o Zambeze nomes differentes.

¹ Ao dr. Livingstone (chap. xxxii, pag. 665 a 669) não parece que seja o rio Quilimane braço do Zambeze; porque este só occasionalmente, isto é, no tempo das cheias mistura as suas aguas com as que seguem ao mar pela barra do Quilimane. Entretanto o dr. Livingstone sobre não fundamentar esta sua opinião em razões assás poderosas para abalarem a contraria, acha-se em opposição não só com a opinião geral, firmada na auctoridade de seculos, senão no testemuho pratico dos negreiros, que, mais curiosamente que nenhuns outros informadores, investigaram todas aquellas costas e paragens. V. Bordallo, *Ensaio*, cap. xiii, pag. 199 e a Nota 8.

de hum rio até o outro, e do Sueste lhe fica o mar Oceano Ethio-pico. . . He povoada de Mouros e Cafres Gentios, de cabello crespo, muy sogeitos, e, quasi vassallos do capitão dos rios de Cuama, o qual muytas vezes reside nesta ilha, entendendo no concerto das embarcações, que levão as mercadorias polo rio acima, as quaes vêm ali de Moçambique em hũas embarcações grandes, chamadas Pangayos, e por serem grandes, e não poderem navegar polo rio acima, descarregão nesta ilha, onde as embarcações pequenas, que tenho dito, tomão sua carga, e todas juntas navegão até ao forte de Sena, que são sessenta légoas de caminho. As terras que correm ao longo deste rio da parte do Norte, se chamão Boròro e as da parte do Sul Botõga, polos quaes dous nomes se governão os marinheiros quando navegão, lançando o leme hora pera Boròro hora pera Botõga, como fazem os das náos pera Bombordo, ou pera Estibordo.

«Pelo meyo deste rio ha muytas ilhas, algũas dellas muyto grandes. A primeira, e mayor de todas, indo pelo rio acima, he Chingoma. . . *Na ponta della se divide o rio Zambeze em os dous braços de Luabo e Quilimane*, como atrás dissemos, ficando ella entre ambos. A segunda ilha nomeada deste rio se chama Inhangona, situada junto do forte de Sena. . . Quando os Portuguezes navegão por este rio, recolhem-se de noite a estas ilhas, e a outros muytos ilhéos, que polo rio ha despovoados, e sómente de dia navegão, por causa das muytas correntes, e bayxos que ha por todo este rio.

«Quando estas embarcações navegão polo rio, os Cafres que habitão em muytas aldeas ao longo delle, vem logo a ellas em suas Almadias pequenas, carregadas de frutas da terra, arroz, milho, legumes, pescado fresco e sêco, e muytas gallinhas, as quaes cousas vendem aos passageiros baratas, por aver grande abundancia e fertilidade nestas terras. . . A causa desta fertilidade são as enchenches deste rio, que muitas vezes alagão os campos que correm ao longo delle, e mais particularmente no mes de Março, e Abril, quando enchem outros rios e ribeyros muy grandes, que se vem metter neste, e lhe accrescentão suas agoas, com cuja inundaçãõ ficão estas terras cheas de nata, e fructificãõ grandissimamente. Nestes dous mezes são as mores cheas deste rio, sem nelles aver chuvas nestas terras, nem neves que se desfaçãõ, e corrão pera o rio, *polo que se manifesta claramête que vẽ estas agoas de muyto*

longe, e causão aqui estas enchentes, como fazem as do rio Nilo nas terras do Egypto...»

Transcrevi quasi por inteiro este capitulo interessantissimo do padre João dos Santos, porque, bem averiguado tudo que nacionaes e estrangeiros têm ao depois escripto ácerca da nascente e do curso do Zambeze, pouco mais, se mais alguma cousa, se sabe até hoje. Faz excepção sem duvida a apparição d'este rio no centro do continente africano, da qual primeiro Livingstone fez a descripção particularisada; não padece porém com isso de nenhum modo a minha asserção, porque succede outro tanto a grande numero dos rios de uma e outra Africa, os quaes desaparecendo a espaços, sem que possa para isto assignar-se causa que satisfaça cabalmente, reapparecem com tudo, mais ou menos opulentos ou minguidos, e não raro em direcções tão outras das que traziam da nascente, que se torna difficil até o presumir que sejam os mesmos rios: ás vezes porém somem-se, mal sabendo-se onde e por onde, e de todo desaparecem. A verdadeira causa d'este phenomeno, que aliás tem dado, e dará, origem a muita confusão e a não poucas equivações geographicas, parece não dever ir procurar-se senão sómente ás condições geologicas d'aquellas regiões.

Agora trasladarei o que um estrangeiro diligente investigador das nossas cousas na Africa oriental, *Mr. Le Grand*, escreve com respeito a este mesmo objecto¹: «A trinta legoas de Sofala corre o famoso rio de Cuama, que os cafres chamam Zambeze, *não se lhe conhece a origem*: a tradição do paiz é que no centro da Ethiopia existe um grande lago d'onde sahem varios rios, e que um d'estes é o Cuama, que no paiz se chama Zambeze d'uma povoação d'este nome por onde passa ao sahir do lago. O Zambeze é rapido, e em algumas partes tem mais de legua de largo; a trinta leguas divide-se em dous braços cada um dos quaes parece tão consideravel como o proprio rio antes de dividido. O braço principal chama-se Luabo, que tambem se divide em outros dous braços, que se chamam o velho Luabo e o velho Cuama: outro braço de menos monta chama-se Quilimane, ou Rio dos Bons Signaes, de Boas-Mostras, por que Vasco da Gama as achou alli de que não estava longe de Moçambique, onde esperava tomar pilotos para continuar

¹ *Le Grand, Dissertation de la mer rouge, etc., Paris, 1728.*

a sua navegação até ás Indias. Ergueu alli uma columna, onde estava gravada uma cruz e as armas de Portugal, e deu a este paiz o nome de S. Raphael. Do rio de Quilimane sahe outro que se chama Linde, de sorte que este grande rio de Cuama ou Zambeze entra no mar por cinco bocas; porém os navios só podem entrar pelo Luabo e pelo Quilimane, sendo que este ultimo não é navegavel senão no inverno, quando as aguas estão crescidas». «Póde subir-se o Luabo até ao reino de Sacumbé, que fica muito acima do forte de Tete, onde o rio cahe de um elevado penhasco. Para alem d'esta caxoeira os rochedos tornam impraticavel a navegação por espaço de perto de vinte leguas, até ao reino de Chicova, onde estão as minas de prata.» «O rio Zambeze trasborda durante os mezes de março e abril, e aduba as terras, como o Nilo inunda o Egypto, e o torna mais fertil e abundante.»

É facil de conhecer que *Mr. Le Grand* tinha feito largo estudo das noticias e informações que os nossos escriptores, até ao seu tempo, haviam dado relativamente a esta parte da Africa, pois que, á parte algumas inexactidões de leve momento, a elles se conforma inteiramente.

Na *Historia Angolana*¹, lê-se o que se segue com referencia á origem dos principaes rios d'África: «Dizião os antigos conquistadores que alguns negros antigos dos Quilombos² dos Jagas, que vierão da terra dentro, contavão que de huma lagoa, que estava no intimo d'este sertão, sabião quatro Rios caudalosos: que hum delles era este Rio Coanza, que descrevemos, outro o Rio Cuneni³, que fazia sua demora atravessando no Reino de Benguella as Provincias dos Quibundos, e o Hila, desaguando com suas caudalosas aguas na costa d'aquelle Reino; mas não diziam em que parte se mettia no mar: o outro era o Rio Cubo, tambem caudaloso, que pára com a sua corrente em o mar, em terras de Mani-Quicombo, passando pela Provincia dos Sembis: e o quarto era o famoso e caudaloso Rio Coango, que este apellido lhe dá a gentildade pella

¹ Cardonega, *Historia das guerras angolanas*, ms., part. II do tom. III, pag. 146.

² Morada. residencia habitual.

³ Na opinião de alguns antigos o rio Cuneni era a continuacão do Zambeze com differente nome. José Maria de Lacerda na sua muito apreciavel memoria, dirigida ao ministro d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, da qual terei de fallar mais largamente, encosta-se a esta opinião.

terra dentro; e adonde desagoa suas numerosas agoas no mar em o Porto de Pinda, Condado de Sonho, lhe chamão Zairi, vindo fazendo o curso de suas correntes com espaçosa largura pelas costas do Quilombo do Jaga Casangi, pelo Quilombo da Rainha Ginga e Reino de Matamba, e dahi vem passando perto da Provincia de Somso até ao Gango de Bata e Bendugue, tres dias de caminho da cidade de S. Salvador do Reino de Congo, atravessando este Reino, e todo o Condado de Sonho, até se metter em o Porto de Pinda no mar, onde lhe chamão, como dizemos, o Rio Zairi, e pello sertão dentro o Coango.»

Ouçamos porém o que mais modernamente relatam ácerca do Zambeze, os que examinaram cuidadosamente o que respeita áquelle famoso rio.

«Este rio Cuama ou Zambeze (escreve Sebastião Xavier Botelho¹) he hum dos mais famosos da Ethiopia... *Não se lhe sabe principio*, e querem alguns que nasça das mesmas fontes de que corre, e sahe o Nillo; entra no mar com dois braços. O do rio que chamão grande he o Luabo, que está 19 grãos escaços da banda do Sul; e do pequeno he Quilimane, que está em 18 grãos menos um quarto. Pela terra de Luabo sahe com tanto impeto a agoa, que affirmão que oito legoas ao mar, se toma muitas vezes agoa doce nas vasantes: nas enchentes não entra por elle a agoa salgada mais que por espaço de cinco legoas: começa de se dividir nestes dois braços trinta legoas das barras nas terras de Quipango.

«Entre estes dois rios ha huma Ilha, chamada Chingona... Pela barra de Luabo ha bem pouco tempo se navegava a todo o pano de verão, e de inverno: agora só no inverno á vara, e á sirga com muito trabalho: pela de Quilimane, que he o rio pequeno, só de Fevereiro até Julho: todo elle se navega para cima a Lesnordeste, ainda que pelas voltas que vai dando, muitas vezes se aprôa a Sudoeste e a Noroeste. O fundo é de areia com muitos madeiros, e grossos, cravados nella: he este hum dos maiores perigos que este rio tem... Este rio tem bastante largura, e no mais estreito hum terço de legoa: tem de uma e outra parte muito arvoredos silvestre; as suas maiores cheias são em Março e Abril, sem neste tempo

¹ *Memoria Estatística sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental*, 1835, cap. xiv, pag. 242.

haver chuvas, nem neves que se desfação; o que he parte para se presumir que a sua origem *vem de muito longe...*

«Mettem-se neste rio outros muitos caudaes. Dez legoas antes da villa de Sena mette-se o Chiri, que he hum braço do Suabo, rio celebre na costa. Na bocca do Chiri tem principio a ilha de Inbagoma, que he muito plana e muito abastada de mantimentos, terá dez legoas de comprido, e no mais largo legoa e meia. Outras muitas ilhas ha neste rio e em outros mais pequenos, a principal de todas he Chingoma de que já falámos. Daqui vai continuando o rio em direitura a Sena, e depois de acompanhar a povoação de fóra, lavando as casas da banda do Sul, vai correndo o espaço de secenta legoas, da barra desta villa ao reino de Alongas, partindo pelo meio as Serras de Lupata¹. Entre Mongas e a Villa de Thete recolhe em si o famoso rio Chireira, no qual tambem despeja o Cabrese e Mavoso, rios em que se acha muito oiro, por cujo respeito são muito nomeados. Daqui vai a Thete, distante de Sena secenta legoas, e cento e vinte do reino de Inhabasoe, que o Monomotapa conquistou, dando aos portuguezes huma boa parte, que são as terras de Manica, Zumbo, Thete e Sena que ora possuímos. De Thete he o rio navegavel até ao reino de Sacumbé, donde por espaço de vinte e quatro legoas até entrar no reino de Chicova, se deixa de navegar pela muita penedia que nelle ha, por onde vai quebrando com grandes correntes, e sussurro; *daqui por diante he navegavel, posto que não se sabe até onde...* São mui povoadas as margens deste rio assim da banda de Borôro, que he da parte direita rio acima, como da banda da Mutanga, que é a parte esquerda; as terras que elle vai regando são ferteis, e mui abundantes, etc.»

Na resposta dada por Sebastião Xavier Botelho² ás objecções postas a algumas das asserções, que nos depara a sua citada *Memoria Estatistica*, mostra elle que a extensão conhecida do Zambeze é de duzentas leguas, como tambem eu já indiquei; porém não é difficil provar que este notavel rio era conhecido ainda em mais larga extensão, o que todavia Botelho não nega, antes sem duvida confirma quando declara que, depois de entrar no reino de

¹ É a passagem, por agua ou por terra, entre duas serras mais ou menos elevadas.

² *Memoria Estatistica*, 1837, part. II, pag. 49 e 50.

Chicova, *é navegavel sem se saber até aonde*. Effectivamente o tem sido já até Zumbo, e tambem com muita probabilidade a espaços d'ahi para cima, como deve inferir-se com segurança do que se lê no Appendice V ao Muata Cazembe¹.

E eis-aqui as palavras do homem tão competente, como insuspeito, a que me referi, fallo de mr. V. A. Malte-Brun, que dando noticia do mappa de Zambezia e Sofalla do sr. Visconde (hoje Marquez) de Sá da Bandeira, que vai publicado no fim d'este volume, assim se explica: «A carta que temos á vista comprehende a parte da Africa austral, que se estende do 10° ao 24° gráo de latitude meridional, e do 25° ao 41° gráo de longitude oriental do meridiano de Greenwich.

«O mappa representa o curso do Zambeze desde Sesheke, capital dos Makololos, até á foz do rio, e tem por objecto fazer conhecido, qual é sobre as suas duas margens, e no interior do continente africano austral, o estado dos conhecimentos e dos domínios portuguezes.

«Não ha duvida em que, por esta costa oriental da Africa, os portuguezes hajam ha muito penetrado mais ávante do que nenhuma nação européa; mas tambem nada mais certo do que, quer fosse por motivos politicos, quer fosse por indifferença relativamente aos interesses scientificos, haver-se guardado silencio ácerca de descobertas que só o engodo commercial tinha provocado. Hoje os portuguezes parece que soffrem o castigo d'este silencio premeditado; silencio que deu naturalmente occasião ao esquecimento; e com tudo elles reclamam a prioridade das descobertas feitas pelo reverendo David Livingstone sobre as margens do Chire e do Nhanja... O mappa permite que se faça idéa exacta da extensão que tinha adquirido o dominio portuguez sobre a costa de Sofalla, e sobre as margens do Zambeze, e contém indicações uteis, que de balde se procurariam n'outra parte².»

Está pois demonstrado, se me não engano, que a asserção do dr. Livingstone não só é em demasia aventurada, senão que tambem o conhecimento da navegação e do curso do Zambeze pelos portuguezes é muito mais averiguado do que o mesmo Livingstone parece acreditar ou querer que se acredite; e fica não menos fóra

¹ *Muata Cazembe*, app. v, pag. 482.

² *Bulletin de la Soc. de Géogr.*, cinquième série, tom. iv, pag. 390.

de duvida que, supposto datem de longe as informações verificadas ou obtidas pelos portuguezes, com tudo nem por isso hão sido posteriormente ampliadas pelos estrangeiros de modo a poder tirar-se d'ellas mais certo e largo proveito pratico debaixo das considerações humanitarias, commerciaes, e de mais positivo aperfeiçoamento geographico. Tem aqui opportuno cabimento a observação feita com referencia á origem do Zambeze, pois que da navegação d'este rio, para alem dos pontos conhecidos e frequentados pelos portuguezes não se sabe com segurança mais do que por estes desde tanto tempo é sabido, e nos seus escriptos e na tradição achamos consignado, que é, sem differença muito notavel, o que continuam a informar os mussambases¹, que vão ainda hoje, como costumavam ir desde longes tempos, ao resgate do ouro e de outras mercadorias ao Zumbo, á Manica, e ao interior sertão da Mocaranga e de todo o Monomotapa.

Resumindo: a origem do Zambeze não está conhecida, nem pôde ter-se em conta, senão sómente para mais ou menos provavel, a opinião de Barros, do padre João dos Santos, e dos que seguem a tradição geralmente recebida entre os indigenas e os antigos moradores do paiz que assignalam como fonte d'este *rio por excellencia*² uma lagoa, a qual segundo aquella tradição, como vimos, está no meio da Ethiopia, e é a origem dos rios mais notaveis que, por diversos, varios e oppostos caminhos cortam e atravessam as plagas africanas³. É provavel porém que não tarde ainda muito o dia, em que nos seja revelado o segredo de tantos seculos. Assim na verdade no-lo faz esperar a bem avaliada utilidade commum das nações da Europa, que para isso não pouparão esforços; e tambem assim o faz esperar o ardor dos aventureiros viajantes, que, demais do amor da gloria, e do vehemente desejo de conhecer a verdade das cousas dentro do seu alcance, contam com

¹ São chamados mussambases os negros, ou brancos, que vão mercaderar no sertão por conta dos patrões ou por sua propria conta. Os *mussambases* gosam de plena auctoridade sobre os carregadores de que se acompanham.

² Assim traduz o dr. Livingstone a palavra Zambeze, sendo todavia muito para notar que o celebre padre João dos Santos, nem nenhum dos nossos escriptores, anteriormente a Livingstone, lhe dé uma tal significação.

³ V. Cardonega, *Historia das guerras angolanas*, ms., part. II, tom. III, pag. 146.

auxílios, sem os quaes a ninguem é dado vencer obstaculos de outro modo insuperaveis; obstaculos que tem privado até hoje o mundo civilizado das vantagens de valor incalculavel, que devia ter-lhe trazido desde ha muito a averiguada investigação das terras intimas, até hoje ou pouco ou mal devassadas, da Africa oriental.

Com tudo se a origem do Zambeze é ainda ignorada, não o é o seu curso, nem o são as terras que banha e enriquece por espaço de mais de duzentas legoas, contadas da foz dos seus braços principaes. Tão pouco deixa de ser certo, que, se a caxoeira de Quebrabaça ou Cabrabaça impede a navegação até ao Zumbo, com tudo não tem tolhido que as terras convizinhas hajam sido visitadas com certa curiosidade; e que se tenham calculado as difficuldades e os meios de as vencer¹, para realisar a possibilidade de subir o Zambeze por extensão muito larga e sobre maneira valiosa, e de correr, e inquirir quasi sem interrupção² toda a Zambezia, navegando com afouteza o Revugo, o Aroanha, o Chiri e o Aruân-goa, affluentes principaes d'aquella caudal corrente.

Entretanto, se não duvido concordar em que o dr. Livingstone, e o seu companheiro de viagens, mr. Oswell, prestaram bom serviço ás investigações geographicas, e tambem porventura ás especulações commerciaes que possam vir a ter logar; e que facilitaram até certo ponto o caminho, que, seguido e trilhado com diligencia, poderá proporcionar resultados de momento nos interesses da civilização e da humanidade; não devo com tudo omitir o observar ao mesmo tempo, que, segundo já indiquei, por ora os resultados, como os factos evidencêam, ainda carecem de significação, digna de ter-se em maior conta, debaixo de ambas aquellas considerações. Acrescentarei alem d'isso que o dr. Livingstone, já não digo não

¹ V. *Memoria sobre as provincias de Moçambique*, por Manuel Joaquim Mendes de Vasconcellos, que morreu na Zambezia, em 1832, tendo sido governador de Quilimane e Rios de Sena. Bordallo, *Ensaio*, cap. xii, pag. 204.

² Contando de Quilimane até Zumbo, por espaço de duzentas legoas, he navegavel todo o anno o rio Zambeze, como se desbastem dois obstaculos, derrubar-lhe os rochedos, que tolhem a passagem no sitio de Cabrabaça, entre Chicova e a Villa de Tete, e alimpar as aréas, que seis mezes no anno intupem o braço esquerdo d'aquelle rio trinta legoas acima de Quilimane, aonde só he navegavel nas grossas invernadas, correndo os outros seis mezes pelo braço direito até desaguar no Oceano pela barra de Olinde. Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, pag. 283-284.

provou de modo cabal, mas nem sequer satisfactoriamente que fossem, elle e o seu amigo, os primeiros homens brancos que vieram e tiveram conhecimento do Zambeze central, e que tudo antes persuade e leva a crer que fôra e era conhecido dos portuguezes, debaixo do mesmo ou de outro nome¹, embora d'elle não escrevessem nem contassem, como não escreveram nem contaram de muitos outros objectos de maxima importancia, com quanto houvessem d'elles, como ao depois foi evidenciado, antiga e larga noticia. Não é preciso soccorrer-nos, (embora tão pouco hajam de absolutamente rejeitar-se) á primeira hypothese de mr. Malte-Brun, «que os portuguezes, *por motivos politicos*, guardavam silencio ácerca de muitas das suas descobertas»; e do particular trato commercial no interior dos territorios africanos, nem á segunda, isto é, que lhes deviam pouca attenção os progressos scientificos, pois que sobejam em contrario muitos factos, e valiosas considerações d'elles deduzidas; porém é certo, e isto só nos basta, que os portuguezes foram sempre ousados no fazer, mas remissos no escrever, e no gloriar-se, preferindo merecer os louvores a mendigá-los.

¹ O dr. Lacerda no seu officio ao ministro d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho (*Annaes Marítimos e Coloniaes*, 1844, 4.ª serie, pag. 291). Falando do rio Murusura, acrescenta: «Dizem tambem que o seu Zambeze, *conflue* n'este rio, muito abaixo da povoação (cidade do C'zembe)».

CAPITULO IV

Carece de fundamento a asserção do dr. Livingstone de não conhecerem os portuguezes o Zambeze interior — Averiguações — Insistencia — Suspeitas a que dá origem — Silva Porto em Naliele — Lugar de Livingstone que deve ser examinado — Confrontação — Inferencias logicas — Nomes postos a cousas ou pessoas para commemorar acontecimentos notaveis — O testemunho de Park — O testemunho do dr. Livingstone, e dos viajantes e escriptores portuguezes — Visita dos brancos ao interior — As expedições do dr. Lacerda e do major Monteiro — Comparação dos factos — Poucas recordações no Cazembe da expedição Lacerda — Silva Porto injustamente aggravado — Noticia d'este aventureiro commerciante do Bihé — Silva Porto justificado — Novas insistencias de Livingstone, e novas observações — Os Mambari e os Ambondas — Os commerciantes de escravos — Causa de pouco saber-se do continente africano — Os missionarios e os commerciantes e por elles o nome portuguez conhecido de toda a Africa — Muitos viajantes modernos dão-se por descobridores do que estava descoberto — A palavra *Averie* ou *Averie* — Não abriu Livingstone as portas do interior africano; estavam abertas — A lingua Bunda — Visitas ao interior pelos portuguezes — Shinto — Katema — Os mulatos portuguezes — O padre João Francisco Pinto e o seu Diario — Diferença entre os brancos e os mulatos — Pretensão arrojada de Livingstone, mas falta de base — O arabe Ben-Habib — O rio Loapula — O rio Aruãgoa — Caminhos preferidos pelos commerciantes — O dr. Livingstone não affirma que os portuguezes não tivessem noticia do Zambeze interior; nega que tivessem d'elle conhecimento — Jogo de palavras — Os portuguezes não podiam ignorar o Zambeze interior — O dr. Livingstone o descreveu — Os Makololo e os Matabele — Os portuguezes deixaram rasto em todo o interior africano — O rio Cuneni, apesar de tão notavel, apenas mencionado pelo dr. Livingstone — Explicação d'este silencio — Memoria de José Maria de Lacerda — Opinião do Marquez de Sá da Bandeira — Barreto de Vasconcellos — O capitão Owen — O padre Manuel Godinho — A foz do Cuneni conhecida — Lopes de Lima — Pinheiro de Lacerda — Cordeiro Pinheiro Furtado — Botelho de Vasconcellos — O capitão Chapman — Francis Galton — O territorio de Ovampo — Ladislão Magyar — Tres brancos no territorio de Hai-Donga — Carta de B. J. Brochado — Cardonega — Exploração da foz do Cuneni pelo governador de Mossamedes Fernando da Costa Leal — Auto da descoberta realisada — Mudança do nome do *Rio Cuneni* para *Rio dos Elephantes*.

A asserção do dr. Livingstone de que não tinham os portuguezes conhecimento da existencia do Zambeze, no centro d' Africa, é

enunciada em termos tão positivos, e pretende elle robustecea-la de tantos modos, que, supposto eu julgue haver mostrado abundantemente que se não basêa em nenhum solido fundamento, nem por isso tenho para mim que deva dar por exgotado o assumpto, do qual continuarei ainda a occupar-me. Desejo que não fique duvidoso que foram cortados pelo celebre missionario inglez menos legitimamente, do que porventura se tem acreditado, os louros com que de modo tão ostentoso prêtendeu coroar-se. Prosigamos a averiguação, a que não foi posto o ultimo remate, e servir-nos-ha principalmente o testemunhó do mesmo dr. Livingstone para demonstrar que não pôde ser aquelle seu asserto admittido cegamente, nem podem ser havidos como correntes e em boa fórma os titulos com que instrue a sua allegação para haver direito a honras e louvores que lhe não competem.

No cap. xii¹ escreve o dr. Livingstone: «Procurando certificar-me se porventura Santuru tinha sido visitado em algum tempo por homens brancos, não pude achar vestigios de tal visita: não existe prova de que alguém da tribu de Santuru tivesse visto um homem branco antes da minha chegada e de M. Oswell em 1851. Aquelles povos não tem, é certo, recordações escriptas; porém os acontecimentos notaveis são commemorados por nomes, como Park observou ser costume nas terras por onde elle viajára. O anno da minha chegada foi honrado com o nome do anno em que chegou o homem branco. . . Depois da primeira visita de minha mulher muitas creanças tiveram o nome de Ma-Robert ou mãe de Roberto, nome de seu filho mais velho, outros tiveram o nome de Espingarda, Wagon, Monare, Jesus, etc.; porém posto que os nossos nomes e os dos nativos portuguezes, que vieram em 1853, foram adoptados, não ha vestigio de que tivesse logar cousa semelhante mais cedo entre os Barotse: a visita do homem branco é acontecimento tão notavel, que, se tivesse occorrido durante os ultimos cem annos, devia ter d'ella ficado tradição».

É muito para notar esta insistencia do dr. Livingstone em que não eram os portuguezes conhecidos dos Barotse. Esta demasiada insistencia faz desde logo nascer suspeitas no animo do leitor des prevenido, e mórmente se porventura está familiarizado com a maneira de escrever do celebre missionario: n'elle a insistencia

¹ Pag. 217.

longe de significar segurança, quasi sempre indica hesitação, e não acontecerá agora o mesmo? Examinemos.

Em uma nota ao lugar citado¹ diz o dr. Livingstone: «Os Barotse dão a si o nome de Baloiana, ou pequenos Baloi, como procedendo de Loi ou Lui, segundo a commum pronunciação. Lui tem sido visitado pelos portuguezes, porém como a posição de Lui não está bem fixada, voltaram-se as minhas indagações para verificar se porventura era a mesma que a de Naliele. Perguntando ao cabo dos Mambari, chamado Porto, se tinha ouvido dizer que Naliele tivesse anteriormente sido visitada, respondeu negativamente, e declarou «que por tres vezes tentara elle ir alli do Bihé, porém que sempre lhe tolhêra o intento a tribu dos Ganguellas». Elle quasi o conseguiu em 1852, porém foi repellido. Agora (1853) tentou ir até ao nascente de Naliele, mas retrocedeu para Barotse, não podendo ir alem de Kamko, povoação situada junto do rio Bashukulompo, a oito dias de distancia. A gente da comitiva de Porto desejava com ardor obter a recompensa promettida pelo governo portuguez. O não ter sido elle bem succedido, confirmou-me na intenção de ir para o Oeste. Porto benevolamente se offereceu a acompanhar-me, querendo eu ir com elle ao Bihé; porém, não aceitando eu, precedeu-me a Loanda, e, estava publicando o *Diario* da sua viagem, quando cheguei áquella cidade. Ben Habib contou-me que Porto tinha remettido cartas para Moçambique pelo arabe Ben Chombo, que eu conheci; e depois assegurou, em Portugal, que elle mesmo fôra a Moçambique com as suas cartas».

Este lugar deve ser examinado.

O dr. Livingstone parece fazer jogo de palavras, porque asseverando que Silva Porto não estivera em Naliele, mas confessando ao mesmo tempo que estivera nas terras proximas, reduz a questão a muito pouco, porque não o é se os portuguezes tinham estado em um ou outro ponto nomeadamente, mas sim se tinham visitado os territorios em que aquelle ponto se comprehendia, tornando-se desnecessario visita-lo, por não terem senão meramente a satisfazer com essa visita inutil curiosidade. Ora é isto o que resulta da exposição do mesmo dr. Livingstone, que declara que os portuguezes frequentavam o territorio de Loi ou Lui, d'onde os Barotse eram procedentes, não podendo estes por conseguinte dei-

¹ Chap. XII, pag. 217.

zar de conhece-los e de com elles ter amigo trato e regular correspondencia.

E se, como Livingstone affirma, a visita dos brancos a uma terra do interior não é facto para esquecer, tendo os portuguezes visitado anteriormente Lui, e ufanando-se os Barotse de pertencerem a este territorio, não pôde presumir-se nem que ignorassem os factos em que tanto interessava o amor proprio dos seus parentes e amigos, nem que tão pouco elles mesmos, em intima união e frequencia com os moradores de Lui, não tivessem alli tomado conhecimento pessoal dos portuguezes. Note-se porém que, do que n'outros logares escreve o mesmo dr. Livingstone, e do que referem varios dos nossos viajantes, se manifesta que o valle de Barotse era de mais tempo terra aberta ao commercio dos portuguezes, e que tinha até lá penetrado o pregão e voz dos nossos incançaveis missionarios. Teremos occasião de o observar e advertir.

Acresce que Livingstone, com quanto affirme que só em 1853 Silva Porto estivera no valle de Barotse, e podera approximar-se de Naliele, comtudo confessa que antes de 1852, e por tanto em 1851 pelo menos, Silva Porto tentara alli chegar. Ora n'estas tentativas não só Porto e os seus portuguezes passaram e repassaram o valle de Barotse, por onde sem falta haviam de deixar de si rasto e fama, senão percorreram os territorios comarcões dos mais proximos de Naliele, e do Zambeze central: de sorte que, tendo-se na devida conta as observações do dr. Livingstone, não pôde explicar-se o como os portuguezes, que necessariamente conheciam, pelos frequentar, aquelles territorios, não fossem alli conhecidos.

Entretanto não é possivel que passe desaperecebido o que o dr. Livingstone pondera com respeito ao costume, que attribue aos africanos d'aquellas regiões, de commemorarem por via de nomes, postos a cousas ou pessoas, os acontecimentos notaveis. O dr. Livingstone firma-se no seu testemunho e no de Park: porém Park fallava de outros povos muito differentes por indole e costumes dos de que tratamos, e todavia não affirma com a affouteza e na generalidade, que Livingstone se compraz de suppor; e, ao testemunho de Livingstone temos a oppor a auctoridade de todos os nossos escriptores, e de todos os nossos viajantes, que são uniformes em asseverar que os povos do interior carecem de *toda a sorte* de monumentos para recordação dos factos notaveis. São n'isto intei-

ramente conformes, e repetidas vezes o declararam ao tratar dos usos e costumes dos differentes povos africanos, o padre João dos Santos, Xavier Botelho, Lacerda, padre João Pinto, o sr. Gamitto e outros.

Não é tudo: o dr. Livingstone repetidamente dá elle mesmo identico testemunho, e só agora fez esta unica excepção, e todavia, se é excepção, confirma a regra, porque, por assim succeder em um pequeno territorio, não se segue que houvesse de acontecer em alguma outra parte.

Reflecte o dr. Livingstone que a visita de um homem branco ao interior é acontecimento tão notavel, que, tendo occorrido ha cem annos, houvera de ter ficado d'elle a tradição; mas Livingstone parece esquecer-se agora de que é elle o mesmo que nos disse, que, nas suas investigações ácerca da visita do dr. Lacerda, e de Pereira ás terras e capital do Cazembe, não conseguiu nunca saber senão por ouvir dizer que tinham ido alli homens brancos¹. Ora é sabido e consta por documentos indisputaveis, que a expedição, que chegou ao Cazembe capitaneada por Lacerda, depois da morte d'este se conservou durante alguns mezes n'aquella capital, e que tambem por espaço de mais de seis alli permaneceu a de que foi primeiro commandante o major Monteiro, da qual escreveu, no *Diario*, a tão curiosa historia o segundo commandante, o sr. major Gamitto; e acaso havia sido aquelle primeiro tão notavel acontecimento commemorado pelos indigenas segundo o teor e fórma que ao dr. Livingstone aprouve imaginar agora? Não só nem para pessoas nem para cousas foram alli adoptados os nomes das cousas nem das pessoas da expedição Lacerda, senão que nenhuma sorte de monumento foi erigido, que no futuro houvesse de recordar tão extraordinario successo. A expedição Monteiro-Gamitto encontrou apenas recordações pouco explicitas, e geralmente quasi apagadas da expedição Lacerda, que todavia se verificara apenas trinta e dois annos antes, e da qual faziam parte não só um senão uns poucos de brancos. E succederia diversamente por occasião d'esta ultima expedição? Não, que não deixara Gamitto de o declarar, e comtudo tambem n'ella se achava não algum, mas alguns brancos. E que admira? Antes da expedição Lacerda estivera em Lunda Manuel Caetano Pereira, e d'este não encontraram alli os da exp-

¹ Chap. xvii, pag. 305, xxvii, pag. 555 e 556, etc., etc.

dição nenhum vestigio; e depois de Lacerda e antes do major Monteiro, estivera igualmente e se demorara em Lunda (em 1814) o commerciante João Vicente da Cruz¹, e tão pouco motivou a sua apparição quer alli, quer nos sertões por elle percorridos, nenhuma das manifestações agora, para o seu caso, por Livingstone excitadas.

Antes de pôr termo a estas observações, que, segundo penso, hão de ser tomadas em conta pelo observador imparcial, porque fazem ver que não se pôde confiar sem reserva nas aventuradas asserções do dr. Livingstone, não deixarei de vingar a injuria por elle feita a Silva Porto, quando, levemente fundado não sei em quaes informações, o accusa de ter affirmado em Portugal, que elle mesmo em pessoa atravessara o interior africano e dera entrada em Moçambique.

O contrario da asserção do dr. Livingstone, se demonstra pela declaração, de que logo fallarei, que foi publicada conjunctamente com o *Diario de Silva Porto*. É sem duvida de lastimar que se abalance o dr. Livingstone, tomado de uma idéa menos digna d'elle, a deprimir sem nenhuma boa rasão os viajantes portuguezes, e quaesquer outros não da sua particular feição, como que pretendendo tirar para si gloria do merecido ou immerecido desdouro alheio.

Agora, pois que por vezes temos fallado de Silva Porto e do seu *Diario*, e o dr. Livingstone allude repetidamente á obra e ao auctor, parece-me opportuno dar, em poucas palavras, noticia d'elle e d'ella aos meus leitores.

Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, rico proprietario e commerciante residente no Bihé, e conhecido por seu animo aventureiro, que o levava a internar-se nos sertões mais afastados, movido do desejo não só de obter as recompensas offerecidas pelo governo portuguez aos viajantes, que pelo interior realisassem o atravessar de costa á costa os territorios africanos, mas tambem cobiçoso de achar novos meios de ampliar as suas transacções commerciaes, decidio-se a tentar aquella trabalhosa e arriscada empreza. Tomada esta resolução fez preparar conveniente comitiva, e os demais meios necessarios; porém occorrencias que sobrevieram não lhe consentiram effeitua-la por si pessoalmente, constran-

¹ Muata Cazembe, cap. vii, pag. 229.

gendo-o a interrompê-la e entrega-la a aviados da sua confiança, que lhe deram principio no dia 20 de novembro de 1852.

É largo e curioso o *Diario de Silva Porto*; porque não só dá noticia muito particularisada do itinerario seguido até Moçambique, senão também refere todas as occorrencias notaveis que tiveram lugar durante a viagem, e informa dos usos e costumes dos differentes povos por cujas terras a comitiva transitara. O *Diario* que é datado no Bihè a 11 de abril de 1856, começou a publicar-se primeiramente no *Boletim Official de Angola*¹, e foi ao depois inserto no *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*². Ora, para que se reconheça a pouca exactidão, por não dizer a menos boa fé, do dr. Livingstone na arguição que faz a Silva Porto, será por certo de sobejo notar que sahio aquella publicação desde logo acompanhada de uma *advertencia preliminar*, na qual se declara *expressamente* que: «O sr. Porto não pôde fazer esta viagem, mas mandou uns aviados seus que a levaram a effeito».

Parecerá porventura superfluo adduzir novos argumentos, para demonstrar o que deve ter-se já como fóra de duvida, por ser inevitavel consequencia do que fica acima exposto, isto é, que sem fundamento pretende para si Livingstone as honras da prioridade da descoberta do Zambeze central, que não era possivel que deixasse de ser conhecido pelos portuguezes. Com tudo é tal a insistencia de Livingstone n'esta sua desarrasoada pretensão, que tenho para mim, que não reputará por demais, quem meditadamente reflectir, o que eu houver ainda de dizer a este respeito. Farei portanto ainda algumas observações.

Já notei que os Mambari, intimamente relacionados com os portuguezes do Bihè, os acompanhavam em todas as suas excursões; e é certo que não menos conheciam os portuguezes de Loanda, o que tão pouco põe em duvida o dr. Livingstone: mas sendo assim, e sendo confessado pelo mesmo Livingstone que os Mambari bem como os Ambondas³, igualmente familiares aos portuguezes, corriam todos os territorios até Linyanti, Sesheke, e regiões confinantes com o lago Ngami e Zambeze central, como quer elle que fossem um e outro ignorados dos portuguezes? E não é sabido

¹ *Boletim Official de Angola*, n.º 562, de 3 de julho de 1856.

² *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, n.ºs 29, 30, 31, 32, 33 e 38. *Viagem de Angola á contra costa*.

³ Chap. xii, pag. 218.

acaso a quanto obriga a sêde do ouro? Para os commerciantes de escravos não havia obstaculos insuperaveis; e deve advertir-se que os grandes lucros obtidos pelo trafico da escravatura, e tambem pelo commercio do marfim e de outros valiosos productos, quando realisadas as transacções em primeira mão, e em largas proporções, não só moveu e animou os emprehendedores portuguezes a arrostar com toda a sorte de perigos, internando-se nos intimos sertões, e cruzando uma e outra Africa, senão tambem os persuadiu a conservar em recato os novos caminhos por elles seguidos, e os melhores mercados que porventura a sorte lhes depa-rava; apreciando em pouco a gloria de descobridores de caminhos não sabidos e de regiões ignoradas, e em muito as vantagens que lhes resultavam com segurança da menos ou nenhuma concorrencia, e do transitio mais prompto ou mais facil communicação. Esta é a verdadeira causa de saber-se com particularidade tão pouco do interior, com quanto desde muito tempo visto e conhecido com largueza e individuação dos traficantes portuguezes. As reiteradas tentativas de Silva Porto, ás quaes faz allusão o dr. Livingstone, provam isto mesmo; porém de todo o ponto o confirmam as noticias, mais ou menos explicitas, que em toda a parte acharam dos portuguezes, e do que só aos portuguezes podia referir-se, os modernos viajantes europêos, que mais ávante ousaram penetrar nos desvios do continente africano.

E note-se, como observei já, fallando das missões e dos missionarios¹, que, demais dos traficantes, os missionarios fizeram de sobejo conhecido por toda a Africa o nome portuguez; mas por isso mesmo se torna evidente que tomaram d'ella ampla noticia. Todavia os missionarios só por muito rara excepção tratam nas suas cartas, muitas das quaes se conservam manuscriptas, e nas obras que foram impressas, de assumptos alheios á evangelisação da fé, e ao bem espirital das christandades de que lhes cumpria curar. Se assim não fosse, é fóra de duvida que nem ao dr. Livingstone, nem a nenhum outro moderno viajante ficaria minimo fundamento, nem o mais leve pretexto para dizer-se descobridor do que desde tanto tempo está descoberto. Não admite contrariedade attendivel esta singela observação; demonstram os factos a sua exactidão, e corrobora-a sem replica o raciocinio. Não me de-

¹ V. o cap. I.

verei a reproduzir superfluamente nem aquelles nem este, mas não deixarei de notar que a saudação geralmente conhecida e usada assim no littoral como por todo o interior d'África, entre nações distantes e diversas em indole e costumes, e da qual o mesmo dr. Livingstone, mencionando o facto, reconhece a origem catholica¹, o *Averie* ou *Acerié* com que os indigenas se saúdam e saúdam os estrangeiros, e com que muitas vezes nas occasiões sollemnes, aclamam e significam a sua approvação, não sendo senão a corrupção das primeiras palavras da saudação angelica *Ave Maria*, não era possivel que fosse posta em voga senão pelos portuguezes, e pelos seus missionarios. Ora, alem de outros, n'este facto, confessado e acceto pelo dr. Livingstone, se traduz de modo irrecusavel a asserção de que não ha sido visitada povoação ou desvio, nem no mais intimo d'África, onde não fossem achados vestigios portuguezes.

Porventura será tido por demais o que vou ainda acrescentar, mas nem por isso o omitirei, porque a tanto me obriga o desejo de pôr muito em claro o nenhum fundamento com que o dr. Livingstone, se gloria de ter *aberto* aquella parte d'África ao resto do mundo, não duvidando para isto, se tanto fosse necessario, perecer na empresa. Não era necessario de certo, porque tinham sido já trilhados pelos portuguezes todos aquelles territorios, e Silva Porto acabava de os visitar novamente, sem que as descobertas do dr. Livingstone houvessem concorrido de nenhum modo para terem ou deixarem de ter logar as reiteradas excursões que, por amor dos lucros avantajados que d'ahi lhes resultavam, Silva Porto e outros portuguezes áquellas diversas partes haviam feito.

Nem isto verdadeiramente é para maravilhar, porque, senhores da lingua bunda, geralmente fallada ou intendida n'aquelles territorios, como attesta o mesmo Livingstone, em intima communicação e trato com as tribus mais aventureosas, que lhes prestavam e d'elles recebiam mutuo auxilio, e estimulados pela cobiça, não lhes era arduo fazer o que fizeram; direi antes que para elles era comparativamente facil o que, para os demais europêos, poderia acaso reputar-se por extremo difficilissimo, senão de todo o ponto impossivel. E é por esta rasão, que tão frequentes se tornavam as viagens dos portuguezes no interior, e que os differentes regulos

¹ Chap xvii, pag. 321.

e potentados indigenas chegaram a considera-los sem desconfiança nem temor, e com elles como que travaram pratica usual. D'ahi vem o affirmar Shinto, como Livingstone refere, que os guias por-elle dados ao missionario inglez, «conheciam todos os caminhos, que levam ás terras dos brancos¹» e igualmente vem d'ahi o asseverar Katema, que amava os estrangeiros, que os negociantes portuguezes eram assíduos nas suas terras, e que toda a sorte de mercadores iam á sua cidade². E vem d'ahi finalmente o ser tão facil aos mulatos portuguezes o percorrer todas aquellas regiões desassombradamente, tornando-se-lhes não menos familiares os Ambondas e os Cazembes, como os Barotse, os Makololo e outras varias tribus, algumas das quaes comarcans das indigenas das margens do lago Ngami, e do Zambeze central.

Pelo demais é certo que Shinto e Katema não podiam ter noticias mais escassas dos portuguezes, que os proprios Matianvos, e os Cazembes, com os quaes aquelles estavam em antiga correspondencia e amigo trato, e estes mercadejavam desde época remota, cortando com frequencia, como não ousa negar o dr. Livingstone, as suas terras e sertões. A tal ponto estavam esses territorios e povos no conhecimento dos portuguezes, que o padre João F. Pinto no seu *Diario*, nas notas aos dias 19 e 20 de janeiro de 1798, declara muito especificadamente a distancia que vai da cidade ou cõrte do Cazembe ás terras d'Angola pelas do Cumbo, de Muropue e de Mueneputo, o regulo d'aquellas mais vizinho³.

O dr. Livingstone, antevendo e apreciando sem duvida a força d'esta argumentação, procura preoccupa-la, insistindo na differença entre os brancos e os mulatos⁴; porém é obvia a futilidade da coartada, e a semrazão do missionario inglez, que de propria auctoridade pretende esbulhar os filhos e descendentes de portuguezes, por terem nascido em Africa, de direitos e qualidades, que de nenhuma sorte se lhes podem recusar; e tambem parece querer que tenham mais peso, e hajam de merecer maior confiança os factos, por ser branca, do que sendo negra ou azeitonada a pelle da testemunha que os affirma. Quasi que chega a ser ridicula a pretensão do dr. Livingstone, e se assim a não qualifico, é porque

¹ Chap. xvi, pag. 296.

² Chap. xvii, pag. 320.

³ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.^a serie, pag. 200, 1845.

⁴ Chap. xvi, pag. 295.

vejo claramente a intenção menos leal com que procura tornar-nos aceitavel a sua famosa distincção, a fim de poder fundar n'ella a exigencia presumpçosa de ser havido e honrado como o primeiro branco, que vira e observara o que pelos portuguezes d'Africa fôra visto, e sabido e conhecido já de muito tempo atrás. O dr. Livingstone assim como não quer que os mulatos portuguezes sejam considerados em igual pé que os brancos inglezes, assim tambem não quer que os portuguezes d'Africa sejam tidos na consideração de portuguezes. A pretensão é arrojada, e não sei como lh'a levarão em conta os seus proprios compatriotas, e os descendentes dos europeôs, de todas as nações, que povoam, mais ou menos divididos ou agglomerados, a Asia, as Ilhas, a Africa e a America; mas sei, e sabem todos os homens sisudos, que mais é para rir do que para lhe dar com seriedade minima attenção, e todavia eis-ahi a mais solida base da reclamação do dr. Livingstone ás honras de primeiro descobridor do lago Ngami e do Zambeze interior! Devemos convir em que tal base é incapaz de sustentar, por instantes sequer, a fabrica de menos monta.

Se as observações que deixamos consignadas, carecessem de confirmação, que não carecem por serem consequencias logicas dos factos admittidos pelo mesmo dr. Livingstone, nós sem difficuldade a achariamos em outro facto de que se faz cargo o missionario inglez: é o seguinte. O arabe Ben Habib, vindo de Zanzibar, persuadio aos Makololo o apoderarem-se das terras de Sebola-Makuaia, mas tendo sido estes mal succedidos, para o que sobre tudo concorreu ser o territorio cortado de pantanos e de rios, e por tanto de muito difficil accesso, resolveram regressar a Linyanti. Então Ben Habib, apontando para as montanhas, que se erguiam no horizonte, disse: «Quando vemos aquella serra, temos a certeza de nos acharmos a distancia de dez ou quinze dias do mar¹. Elle tambem confirmou (acrescenta Livingstone) a noticia dada por outro arabe de que o Loapula, que atravessara na cidade do Cazembe, seguia a mesma direcção, e ia metter-se no Lecambye (Zambeze)». Ora os portuguezes conheciam e frequentavam o Aruângoa, direcção tomada pelos Makololo, que o tinham em parte navegado, e conheciam o Loapula que tambem tinham atravessado no Cazembe, como fazem fé os *Diarios* do dr. Lacerda, do

¹ Chap. xxv, pag. 503.

padre Pinto, de Pedro J. Baptista e do sr. major Gamitto, etc., e não menos haviam larga informação de toda a beira-mar e dos territorios adjacentes; como poderiam pois ignorar a estrada que seguira e indicava Ben Habib, que de mais a mais visitara Loanda, e alli fôra commerciar acompanhado de grande comitiva de Makololos? Não é possível, mas tão pouco é possível então que, tendo na mão a chave dos varios caminhos que podiam conduzir aos pontos, aonde os impellia a sêde que os devorava dos proveitos commerciaes, tivessem deixado de todos investigar e correr segundo se lhes tornasse occasionalmente de maior vantagem. D'onde se segue que, se porventura é verdade o que refere Livingstone, tambem necessariamente é verdade que os territorios, que elle quer suppor ignorados dos portuguezes, não podiam deixar de ser d'elles de todo o ponto conhecidos, e que por elles haviam de ter sido trilhados sempre que lh'o requeresse a rasão da maior conveniencia.

Pondo á parte muitas outras considerações analogas, que mutuamente se robustecem, não será talvez inoportuno aqui notar, que o dr. Livingstone, que tanto alardo faz de ter sido elle e o seu companheiro e amigo Oswell os primeiros europêos que *visitaram* o Zambezê no centro do interior africano, comtudo não se atreve a dizer, nem se quer uma só vez, que *não tivessem noticia* d'elle os portuguezes. Não se affigure a ninguem de pouca monta este reparo, porque o missionario inglez costuma a tempos fazer jogo de palavras, tirar d'elle o possível partido, e esquivar-se a merecidas censuras, empregando, como a desleixo, alguns vocabulos, que no uso commum se tomam quasi como synonymos, ou pelo menos sem-distincção fixa e predeterminada, mas de que faz elle depender reservada significação.

Os portuguezes podiam não ter visitado o Zambeze interior por mera curiosidade, podiam não ter feito d'elle circumstanciada descripção com presumptuosas aspirações litterarias, podiam ter-lhe dado em alguma parte nome diverso: mas não podiam ignorar-lo, não podiam não ter d'elle noticia e conhecimento, por isso que não só não ignoravam, senão que tinham visto, atravessado e navegado porventura alguns dos seus affluentes, haviam andado e percorrido os territorios commarcãos, tinham frequentado os diferentes povos que os habitavam, e com elles haviam tratado e mantinham, já directa já indirectamente, larga correspondencia de commercio. Assim

o temos visto, assim o veremos, e assim concorda, e é por vezes o mesmo dr. Livingstone quem o denuncia e declara. Não nega pois o missionario inglez, senão que os portuguezes não tivessem *visitado* antes d'elle o Zambeze central; porém é facil de ver a quão pouco na realidade vem cifrar-se a pretensão do dr. Livingstone, a qual todavia fôra de principio tão ostentadamente annunciada. A differença portanto que o dr. Livingstone quer pôr entre *visitar* e *conhecer*, torna-se de tão leve momento que não vale a pena disputar por causa d'ella com mais detida extensão.

É factó, que não pôde já negar-se, e ainda tem de ser esclarecido e confirmado, quando tratarmos da caxoeira Mosioatunya e da communicação entre as duas costas, que os portuguezes conheciam (até porque não podiam ignora-lo, e com frequencia e em differentes pontos o deviam ter atravessado) o Zambeze interior, e tambem o é que, não se tendo occupado a descreve-lo, o dr. Livingstone supprio esta falta de pouca valia para homens que só cogitavam do modo de tornar effectivos maiores proveitos, desviando a concorrência e facilitando por todos os modos as transacções commerciaes, mas de muita monta para as sciencias geographicas. Fique pois a cada um a gloria que lhe compete, e assim como os portuguezes deixam em paz o dr. Livingstone, sem sequer se queixarem da injustiça dos seus intuitos, e da pouca generosidade da sua indole mal agradecida, assim tambem deve este desistir da sua pretensão insustentavel, pois que lhe resiste invencivelmente a realidade das cousas.

Finalmente, limitrophes dos Makololo e dos Matebelo, em toda a extensão das suas possessões para o Oeste, os portuguezes, que por tantos annos tinham exercido até lá effectiva auctoridade¹, não é possível que não se tivessem d'ella aproveitado do modo a seu juizo mais opportuno e conveniente, para devassarem aquelles territorios, e por elles penetrarem até aos mais apartados desvios no interior africano, a fim de realisarem successivas e largas transacções de commercio. Os factos sabidos estabelecem de modo irrecusavel o fundamento d'este raciocinio. Por toda a parte os portuguezes deixaram de si rasto, e não inglorio, porque se descobrem hoje mesmo vestigios, embora summamente alterados, da acção

¹ V. o *Bulletin de la Société de Geogr.*, Cinquième série, pag. 390, tom. iv.

por elles exercida entre os indigenas de todas aquellas regiões, e da energia com que sobre a sua imaginação tinham actuado os usos, os costumes, instrumentos de guerra, e artes da paz dos seus temidos e ousados vizinhos. Ha alli palavras, que, apesar da corrupção que as transforma, como estranhas que totalmente são á indole dos varios dialectos indigenas, não podem trazer origem senão da lingua portugueza, e n'esta se lhes encontra segura e facil: ha artes que de prompto se conhece terem sido mais ou menos aperfeiçoadas, e cujos aperfeiçoamentos não é arduo achar que derivam da mesma fonte, com quanto haja quem, até n'isto invejoso da nossa gloria, com peregrino fundamento lhe queira assignar diversa origem; ha practicas emfim, que de si mesmas revelam o cunho portuguez, que, sem duvida quasi de todo o ponto desvanecido, todavia lhes ficou impresso.

Se a injustificavel pretensão do dr. Livingstone houvesse de ser admittida, todos estes factos se tornariam inexplicaveis; e comtudo os factos são irrecusaveis, sendo que o proprio missionario inglez os menciona e confessa. A logica é inexoravel, e por conseguinte nos força a concluir, sem carecer de mais desenvolvido raciocinio, que as asserções do dr. Livingstone, por muito asseveradas que por elle sejam, não só não têm o sêllo da infallibilidade, senão que só depois de maduro e severo exame, e conforme á sentença que em virtude d'este houver de ser lavrada, podem ser, ou não, acceitas ou modificadas.

Não virá talvez fóra de ponto o examinar agora uma questão geographica assás importante, e que, em parte, se pôde considerar resolvida, a saber: Se o rio Cunene é acaso o mesmo rio que o Zambeze, qual a sua origem, e onde a sua foz. O dr. Livingstone apenas menciona este notavel rio da Africa austral, e todavia era digno, como veremos, de chamar e prender a attenção do celebre viajante inglez. Não deixa de parecer estranho o silencio do dr. Livingstone, mórmente advertindo-se que por vezes faz referencia a Benguella, ao Bihé, a Caconda, e ao rio Cobango ou Cabango, um dos affluentes do Cunene. A unica explicação que julgo admissivel é o ignorar Livingstone tudo que respeita a este famoso rio, e, como não podia fazer variações ao que disseram d'elle os nossos escriptores, não quiz tão pouco repetir o que só por elles fôra dito.

José Maria de Lacerda, na *Memoria*, tão digna de ler-se, por elle dirigida ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na qual

declara que tinha acompanhado a expedição, que, em 1787, fôra enviada com instrucções para descobrir o curso do rio Cunene até á sua foz, explica-se a este respeito do seguinte modo¹:

«É bem conhecido o rio Sena (Zambeze) pela sua grandeza, pela soberba das suas correntes, e pela opulencia das suas auríferas arêas; mas a sua origem ainda não está certamente descoberta, e d'elle apenas sabemos que, descendo do Monomotapa, lá vai desembocar com arrogancia na costa de Moçambique, onde temos a nossa Quilimane.

«É pois agora de saber, que o maior rio e o mais poderoso que se conhece desde o Zaire até ao Cabo de Boa Esperança, é sem duvida um a que os naturaes chamam Cunene, que quer dizer *grande* na lingua do paiz. Nasce este rio em Candimbo perto de Caconda Nova, corre para o Sul, e, depois de ter engrossado suas correntes com os rios Cobango e Cutado, atravessa os dominios dos sovas de Lobando e de Luceque, trinta legoas da sua origem; mas já então assaz caudaloso que não dá passagem aos viajantes; e o Sova de Luceque tira bom interesse dos fretes das canôas que ahi tem, para os transportes de uma á outra margem. Continúa a correr, dirigindo-se para Leste, e, tendo recebido varios rios, chega ao Humbe ou Monomotapa (cincoenta legoas da sua nascente) já tão arrogante e enriquecido, que tem ahi seiscentas toezas de largura, e depois lá prosegue a sua corrente para Leste; e nada mais pôde dizer-se com certeza d'este famoso e grande rio.

«E acaso será elle o mesmo Sena? Duas rasões m'o persuadem. Primeiramente, examinados os mappas mais exactos, que nos offerecem toda a costa d'África desde o Adamastor para o Norte até Benguella, e corrido o sertão, como eu fiz para indagar as particularidades d'este rio, não se encontra algum outro com foz de tal grandeza, qual promette o rio Cunene, que, a cincoenta legoas da sua nascente, se acha com seiscentas toezas de largura. Em segundo lugar, o rio Sena se ennobrece com as suas auríferas arêas: pois o Cunene certamente lhe não cede n'esta aurea prerogativa: eu mesmo o vi e observei, quando em oitenta e sete fui mandado acompanhar a expedição, que ao sertão foi enviada com instrucções para se descobrir este mesmo rio até á sua foz, o que infelizmente não se effectuou. Uma negra que se apanhou nas terras de

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 196, 1844.

Acabona (tres legoas distantes do Cunene) que limitam com o Monomotapa, trazia na cabeça umas folhetas de oiro do tamanho das lantejoilas ordinarias; estavam furadas, e entrando por ellas pequena quantidade de cabellos e crespos, em cima davam nós que seguravam as taes folhetas. Perguntou-se-lhes aonde iam tirar aquellas cousas? Respondeu que a um rio muito grande que estava d'alli perto, e que d'isto levava grande quantidade. . .

«E qual outro podia ser este rio senão o Cunene. E como elle se encaminha desde o Humbe para a costa de Moçambique, onde se sabe que desemboca o Sena, é, quanto a mim, o Cunene o mesmo Sena com outro nome, etc.»

Não se conforma com esta opinião o sr. Marquez de Sá da Bandeira, e na sua *Nota D* á memoria de J. M. de Lacerda assim se explica sobre este ponto¹:

«A opinião emitida pelo auctor, de que o rio Cunene, chamado tambem rio Trombas, é o mesmo que o Zambeze ou Cuama, ao qual elle chama rio Sena, não pôde sustentar-se em presença das considerações seguintes:

«O Cunene, segundo diz o auctor, tem, a 50 legoas da sua nascente, uma largura de 600 toezas, isto é, de 540 braças. Ora o Zambeze tem apenas 450 a 500 braças a pouca distancia a baixo de Tete, segundo afirma o dr. Lacerda, que em janeiro de 1798 medio esta largura; e elle tambem achou que ainda mais abaixo, na garganta enfragada por onde atravessa a serra de Lupata, ella era em occasião de cheia de 180 a 200 braças; e acontecendo, durante a sua viagem pelo rio, abaixarem as aguas quatro palmos, foi-lhe preciso fazer descarregar os barcos em que ia, e que o seguiam, para estes poderem navegar.

«Se o Cunene fosse o mesmo que o Zambeze, o seu curso, desde as suas nascentes até Tete, seria de 300 a 400 legoas de extensão, e em espaço tão longo deveria engrossar de modo que, nos territorios de Rios de Sena, a massa das suas aguas havia de ser muito superior áquella que tem a 50 legoas das suas fontes: entretanto achou-se que no passo de Lupata, tendo menos de 200 braças de largo, não tinha, em certo tempo do anno, agua sufficiente para permittir a navegação de barcos carregados.

«É portanto inadmissivel a hypothese que o Cunene corre para

¹ Ib. pag. 209 e 210.

o canal de Moçambique, onde não desemboca rio algum de maior volume d'aguas do que o Zambeze, e seria absurdo pretender que a sua foz fosse ao Norte ou ao Sul d'este canal.

«A opinião de que o Cunene despeja as suas aguas no mar Atlantico, é mais plausivel. O governador de Benguella, Barreto de Vasconcellos, em 1799, escrevia que: «O Cunene se vai metter no mar em Cabo Negro, e que antes da sua barra forma tres ilhas, e que lança muitas trombas».

«Este cabo está em 15° 48' de latitude Sul; e mais para o Sul, em 17° 15', achou um navio inglez, em 1824, a foz de um rio consideravel, a que deu o nome de rio Nourse; mas no anno seguinte, 1825, o capitão Owen, que então se achava empregado no reconhecimento das costas africanas, não pôde achar signaes do rio indicado, nem mesmo nas 30 milhas ao Norte e nas 30 milhas ao Sul do ponto marcado da sua foz. Esta circumstancia foi explicada com o facto conhecido de que na estação das seccas muitos dos rios que se dirigem a esta costa, perdem-se em areaes antes de chegarem ao mar, tal é por exemplo o rio dos Mortos, que corre para a bahia de Mossamedes.

«Ainda que pareça provavel que o Cunene despeje no Atlantico, ha uma terceira hypothese que merece ser discutida: ella é de que este rio desemboca em um grande lago, situado muito no interior do continente, á semilhança d'alguns dos grandes rios da Asia, que desaguam no mar Caspio, e nos lagos Aral e Baikal, e de outros da Africa, que se perdem no lago Tihad, e no que existe ao Norte de Rios de Sena, chamado lago Maravi em muitas cartas geographicas, e lagôa Zachaf pelo padre Manoel Godinho, que diz correrem d'ella dous rios para o Zambeze, e por esta lagôa julga o mesmo padre que seria facil a communicacão de Moçambique com Angola, etc., etc.»

Não é necessario entrar na apreciação da opinião de J. M. de Lacerda, nem na do sr. Marquez de Sá da Bandeira, nem d'outra alguma tão pouco; menciono-as para esclarecimento dos leitores, porque, pelo demais, conhecida hoje, como definitivamente o está, a foz do Cunene, aquelle exame e debate fôra inteiramente em pura perda. Prosequirei pois no proposito começado.

Lopes de Lima¹ limita-se ao seguinte com respeito ao rio Cu-

¹ *Ensaio sobre a Statistica d'Angola e Benguella*, part. 1, pag. 3, 1846.

nene: «Benguella confronta com as terras de Humbe, e outras pouco exploradas alem da corrente do Cutato, do Cunbinga, e do grande rio Cunene, cujo curso, até hoje ignorado, mui util seria explorarse, e conhecer-se». N'outro lugar¹ accrescenta: «A Leste do districto de Quilengues transita-se pelos escabrosos caminhos de uma cordilheira de montanhas, denominadas Nhanas ou Nannos (que em lingua do paiz significa *terras altas*), das quaes na opinião do coronel Paulo Martins Pinheiro de Lacerda, que escreveu em 1797, nascem os grandes rios Cunene, Catumbella, Cubo, e porventura outros muitos que regam este sertão de Benguella; e é para alem d'estas montanhas, que está assentado, a umas cem milhas de Quilengues, e a trinta leguas de Huila, o nosso importante presidio portuguez de Caconda».

Em um officio do Sargento-mór Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, em data de 4 de outubro de 1785, onde refere o reconhecimento da Angra do Negro (hoje Porto de Mossamedes), diz que achara alli varias inscrições, e entre ellas as duas seguintes: «Rio Cunene.» «O capitão José da Rosa Alcobaca passou por aqui, indo para o Cunene, no patacho Nossa Senhora da Nazareth, em 4 de janeiro de 1765²».

O mesmo coronel Pinheiro de Lacerda escreve em 1787³:

«O Cunene é o maior rio do Zaire ao Cabo de Boa Esperança. Nasce em Candimbo, perto de Caconda. Recebe os rios Cobango e Cotato, atravessa os sovados de Lobando e Luceque, a 30 legoas da sua origem; ha alli canoas de passagem. Corre depois dirigindo-se a Leste, e, recebendo varios rios, depois entra no Humbe, aonde tem de largura 600 toezas, a 50 legoas da sua nascença, e continúa para Leste.

O governador de Benguella Botelho de Vasconcellos, escrevia em 1799: «O rio Cunene nasce no Huambo, passa por Galangue, Caconda e Quilengues, e vai-se metter no mar em Cabo Negro, que lança muitas trombas». Accrescenta: «Dizem que o Cunene antes da sua barra forma tres ilhas, em que ha tres sovas; e que ao pé da barra está o sova Cabolle⁴».

Em 1824 o navio de guerra inglez *Espiègle*, capitão Chapman,

¹ Id. ib., part. II, pag. 51.

² *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, n.º 10, Março de 1855.

³ Ib. pag. 130.

⁴ *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, n.º 10, 1855.

descobriu na costa d'Africa um rio, cuja foz se achava em 17° 15' de lat. S. e 41° 48' de long. O. de Green., e deu-lhe o nome de Nourse River. A respeito d'este rio acha-se em uma carta escripta e datada em Londres a 17 de setembro de 1853 pelo capitão *Emery*, o qual em 1824 servia no referido navio, em resposta a algumas perguntas do geographo M. W. Cooley, o periodo seguinte: «Quanto ao rio Nourse receio que a minha memoria me atraiação, para d'elle dar exacta noticia. Lembra-me perfeitamente que n'elle entrei no escaler do *Espiègle* com o capitão Chapman, e, como não observámos signal algum de haver uma barra, não sondámos, nem á entrada, nem em qualquer outra parte do rio; mas a remos avançámos com toda a pressa que podêmos, a fim de explorar o rio tanto quanto o dia no-l'o permittisse».

«Achámos o rio tortuoso, e que corria em terreno plano, sendo a sua largura de 20 a 30 jardas (9 a 14 braças).

«Subimos o rio, creio que umas boas 15 milhas, e não vimos obstaculo algum, que possa embaraçar um pequeno barco de vapor.

«As margens do rio tinham muito arvoredo, que cobria o terreno até aonde a vista o podia observar.

«Não tenho duvida alguma de que o rio tem um curso muito longo no interior do paiz.

«Nos logares onde desembarcámos, vimos grande quantidade de excrementos de hyppopotamos ou de elephantes, não sei dos quaes, ainda que, tendo poucos dias antes desembarcado na costa, encontramos ahi duas manadas de elephantes com as suas crias, cada uma das quaes manadas tinha mais de 300 cabeças. Todo o tempo que nos demorámos n'esta costa, a athmosphera estava tão bella, que podiamos ancorar todas as noites!»

Francis Galton, achando-se em 1851 em Ondonga no paiz de Avampo, teve uma conversação com o chefe Nagoro, regulo d'aquella terra, a respeito do grande rio que corre ao N. de Ovampo, na distancia de quatro a cinco dias de marcha. O regulo disse que os commerciantes portuguezes chegam á sua margem, mas que o não atravessam, porém que a gente d'elle Nagoro o passa em canoás que pertencem aos Ovapangares, para irem negociar com os ditos commerciantes. Galton diz que tinha ouvido fallar

¹ Ibid. pag. 130.

d'este rio, que a maior parte dos Ovampos tinham estado nas suas margens, e muitos Darmaras tambem. Que em Ovampo havia alguns escravos fugidos de Benguella, que conheciam todos os lugares marcados nos mappas, taes como Caconda, Bihé, Quimbundo, etc., e que fallavam com admiração em casas de varios andares. Que lhe disseram que o rio corre de leste para oeste, com velocidade muito grande, a qual é tanta, que as canoas nunca o podem subir, mas sómente o atravessam de uma á outra margem. Que a sua largura é tão grande, que, posto que os gritos de um homem possam ser ouvidos de uma á outra margem, com tudo as palavras não podem distinguir-se. Que o rio está cheio de jacarés, que corre até ao pé do mar, e acaba em uma grande lagôa, sumindo-se ou filtrando-se ao depois por entre as aréas. Que n'esta lagôa ha grande quantidade de cavallos marinhos, e que o areal que havia entre a lagôa e o mar era de consistencia tão branda que um homem não podia andar por cima d'elle. Que os commerciantes, que vem a este rio, apparecem algumas vezes montados em cavallos, que trazem agua-ardente, missanga e azagayas, que trocam por marfim e gado. Que entre os Ovampos e os Portuguezes não se commercêa em escravos».

Galton acrescenta: «Que o rio deve ter curso muito longo, e corrente rapida; porque, posto que desde Ondonga haja um consideravel declive até ás suas margens, com tudo ainda assim o seu leito, no logar de que se trata, não pôde estar a menos de 3:000 pés acima do nivel do mar».

Diz mais: «Que fôra informado de que a oeste, e da parte do norte, o rio é formado pela confluencia de outros tres rios, e que n'estas terras vivem os Ovabundjas, os quaes, por ser o paiz pantanoso, e sujeito a inundações, habitam em cabanas construidas em cima de estacas».

Galton é de opinião: «Que a importancia commercial d'este rio deve ser grande, porque parece que poderá constituir uma grande via de communicação para o centro d'Africa; e porque, sendo o rio muito conhecido e frequentado por commerciantes de Benguella, não pôde haver difficuldade em o explorar completamente, partindo d'aquella cidade, ou melhor ainda de Mossamedes.

«Que o territorio de Ovampo pôde tornar-se logar importante para o adiantamento da civilisação da Africa central; que é extremamente sadio, e muito bem situado para poder exercer-se d'alli

grande influencia nas terras vizinhas; e que deve ser accessivel desde a costa do mar.

«Que as terras ao longo da costa mais vizinha são um deserto de arêa, e que é alem d'este-deserto que se acham os territorios habitaveis.»

Galton tambem recommenda o paiz de Ovampo como proprio para os trabalhos dos missionarios, etc.¹

Ladislau Magyar, em uma carta escripta nos Gambos a 21 de março de 1853, diz: «No paiz de Camba atravessei o caudaloso Cunene, que, tendo a sua origem nas serranias de Galangue, perto do presidio de Caconda, em seu curso de N. a SSO. percorre os paizes dos Ambuellas, separando os estados de Molando, Camba, Humbe, Douguena, do reino de Quanhama; e, depois de engrossar os seus afluentes sobre um solo areento, leva as suas aguas placidas pelo paiz dos Mucimbas, e ao S. do Cabo Negro entra no mar Atlantico.

«No mez de outubro do anno passado (1852) vieram achar-me em Quanhama tres portadores, naturaes de Hai Donga, paiz situado SSE. de Quanhama, dizendo-me: que lá appareceram tres brancos, dois montados em cavallos, e um em boi, vindos do Sul pelo paiz dos Mucimbas. Apesar de lá haver um pombeiro que fallava portuguez, com tudo não os pôde entender; só chegou a saber d'elles, que eram inglezes; o que condizia com a descripção que os naturaes me deram d'elles: olhos azues, cabello e barbas ruivas. Ao saber isto tratei de avisar os ditos brancos que me esperassem, ou viessem ter comigo para nos entendermos, pois a distancia que nos separava era só de tres dias, porém com grande pesar soube que n'esse intervallo tinham abalado, porque os naturaes tencionavam de os assassinar, pelo motivo de não quererem comprar marfim, e por terem ido visitar, sem licença d'elles, as minas de prata e cobre, que possuem com o nome Cinnana Holomunda².»

Ha aqui a notar que diz Galton estar Ondonga, segundo o informaram, a quatro ou cinco dias de jornada do grande rio, que corre ao norte d'esta terra. Ladislau Magyar diz que o territorio de Quanhama, situado ao sul ou sudoeste do rio Cunene, dista

¹ V. o citado *Boletim*, a pag. 31.

² Id. pag. 431 e 432.

tres dias de jornada de Hai-Donga. Assim pois Ondonga e Hai-Donga parece ser o nome da mesma terra, escripto um tanto diversamente por pessoas de nações diferentes; e as distancias indicadas entre o rio e a povoação tambem concordam, e por isso tornam muito provavel a identidade do logar.

Em fim em uma carta de B. J. Brochado, datada em Mossamedes, a 13 de março de 1854, lê-se: «Que o rio Cunene deve, com toda a probabilidade ter a sua foz entre 17° e 18° de latit. S. segundo a sua digressão no interior; porque tendo a nascente em Galangue (no sertão de Nanno) e banhando as terras do Humbe, 30 a 40 legoas (proximamente) no interior da costa, as quaes devem estar situadas pelos 16° ou 16^{1/2}° de latit., caminhando sempre o rio a rumo SO. e SSO, é de presumir que entre no mar n'aquella latitude: o que é ainda mais evidenciado por alguns navegadores darem um rio n'estas alturas.

«A ser o mesmo rio (como creio), e que offereça entrada a embarcações ao menos pequenas, sem cataractas, cachopos ou tropeços de igual natureza, até essas 30 ou 40 legoas do paiz indicado e conhecido por mim, d'ahi ávante posso asseverar ser navegavel por 60 ou mais legoas, em tempos de sêcca, por embarcações do tamanho de lanchas, mas de construcção especial para este fim, e em tempo das aguas (desde janeiro até maio ou junho) pela abundancia d'ellas, por outras de maior lote.

«A exploração d'este rio é indubitavelmente necessaria, não só porque possui bello clima e margens fertilissimas, senão porque no paiz que banha, se encontram todas as proporções para poder tornar-se dentro de poucos annos em uma rica provincia.»

Lidas com a necessaria attenção estas varias informações, e tida em conta a que nos dá Cardonega², que, seguindo a opinião dos indigenas e dos antigos conquistadores, faz nascer o Cunene de uma lagôa que jaz no intimo sertão, parece dever concluir-se, que supposto haja certa probabilidade a opinião que põe a origem d'este notavel rio nas serras de Galangue, comtudo não se sabe ainda de modo positivo e absolutamente fóra de duvida o verdadeiro ponto d'onde traz nascimento. Nenhum dos diferentes viajantes, que fallam do Cunene, subio até á sua origem; o que dizem a este respeito é por mera conjectura, e por informação d'al-

² *Historia das Guerras de Angola*. ms., tom. III, pag. 146.

guns naturaes. E quem não sabe quanto aquella é fallivel, e sobretudo na geographia d'África, onde os varios accidentes do solo, atmosphericos e outros nunca pensados, mostram vãos os juizos que se suppunham inabalavelmente assentados? No tocante ás informações dos naturaes, já por vezes temos notado que não são para ter em nenhuma consideração. Nem admira que succeda assim com relação á origem do Cunene, quando o facto veio provar que, respectivamente á sua foz, sem duvida mais facil de averiguar, as opiniões tanto variaram por muito tempo, e tão pouco se conformavam com a verdade por ultimo verificada. E agora direi, com respeito a esta, o que nos consta já de certa certeza.

No auto celebrado aos 3 de novembro de 1854 em Mossamedes¹ se lê, que o Governador d'Ángola Fernando da Costa Leal declarou que ia explorar a foz do Cunene, para verificar se as suas margens eram habitadas pelos povos nomades Muimbas e Mussimbab, e se eram abundantes de boas madeiras de edificação e construcção; se alli se apascentavam rebanhos de gado vaccum, e se constava haver abundancia de elephantes e de rhinocerontes; e tambem porque, sendo muito controvertida a existencia da sua foz, e se sim ou não era n'esta costa occidental, muito convinha conhecer a verdade.

No auto do dia 18 do mesmo mez e anno declaram todos que tinham tomado parte na expedição, que, o que se tinha podido saber com respeito ao rio Cunene, era o seguinte: «Que tendo a escuna (em que alli aportaram) fundeado na grande Bahia dos Peixes, no dia 10, ali resolveram, depois de varias considerações, que fossem explorar a foz do dito rio por terra; que era verdade faltavam recursos para tal expedição, mas que fariam todos os sacrificios para a levar a effeito. No dia seguinte, ás 8 horas da manhã, começou-se a viagem, que continuou no dia 12, e só no dia 13 pela manhã é que se encontrou o rio, cuja foz é tapada por um cómoros de arêa, que divide o mar da agua doce, que se filtra pelas arêas do cómoros. O rio desagúa em 17° 15' de latit. Sul, e está claro que não dá entrada a embarcação alguma. Como o banco de arêa é elevado, e a costa muito brava entre as duas pontas, que formam no logar em que a agua se filtra uma enseada, difficil será observar o rio de um navio que alli vá, uma vez que não seja

¹ V. *Boletim do Conselho Ultramarino*, n.º 10, pag. 113, março de 1855.

na occasião em que tenha enchente, que deve ser desde o mez de dezembro até abril, que é a estação chuvosa nos sertões, que o rio atravessa. Este rio tem a sua origem no Nane¹, divide Molendo, Camba e Humbe, que ficam na sua margem direita, do Canhama que fica na margem esquerda, e corre a leste; por isso os povos, que habitam as margens do dito rio, são pelo gentio chamados povos do Sol, que são os Muimbas e Mussimbas; e correndo depois na direcção do poente, se ignorava a sua foz; o que hoje se sabe exactamente, e que é na latit. acima mencionada. Visto que o dito rio não era navegavel na sua foz, continuou a explorar-se o seu curso nos dias 14 e 15. Era elle a nordeste, cheio de cachoeiras, e suas margens de nenhuma fertilidade por sete leguas e meia, que se percorreram, e assim pareceu continuavam ainda por umas sete a dez leguas até uma cordilheira, que corria de sul a norte, e que era de presumir o rio cortasse. Nas sete leguas e meia de suas margens se encontraram oito elephantes, e havia todos os indícios de que ha n'ellas abundancia d'estes animaes, e de outros muitos da raça dos antilopes. Declararam que, visto terem n'este rio encontrado animaes tão admiraveis como os elephantes, logo na primeira exploração que n'elle se fez, e que sendo o nome gentílico pouco euphonico, se denominaria para o futuro = Rio dos Elephantes =. E como escasseavam os recursos, resolveu o governador regressar á bahia grande dos Peixes, onde chegaram no dia 17 ás 10 horas da manhã, bastante cansados, visto terem andado a pé umas trinta leguas. Á uma da tarde a escuna levantou ferro, e ás quatro do dia seguinte, fundeou-se n'esta bahia, sem que se perdesse pessoa alguma, apesar de se terem soffrido bastantes incommodos, riscos e trabalhos. De todo o exposto mandou o referido governador lavrar o presente auto, que todos assignaram».

Como o auto, que fica transcripto, resume o relatorio do governador, deixarei este para as notas que vão no fim do volume², onde os leitores poderão tomar conhecimento circumstanciado das particularidades d'esta importante expedição.

¹ Como a auctoridade dos signatarios não é maior do que as que temos ouvido relativamente á origem do Cunene, porque só fallavam d'outiva a este respeito, continúa subsistindo a mesma incerteza em que nos achavamos.

² V. a Nota 9.^a no fim do vol.

CAPITULO V

Afeição aos filhos — Avós amamentando netos — Masina de Kuruman — Ma-Bogosiu — Homem aleitando uma creança — O Barão Humboldt — Os auctores portuguezes confirmam o facto — O padre João dos Santos e os factos por elle referidos — Os physiologistas modernos aceitam estes factos — Bexigas e inoculação — A vaccina — D'onde passou para o interior d'Africa — Os missionarios applicam-se á medicina — Os Jesuitas fizeram conhecida a vaccina na Asia, e na Africa e na America — Aos missionarios e aos commerciantes parece ser devida a introdução da vaccina em muitas regiões africanas — O contra-veneno do jesuita padre Pedro — O leão d'Africa — Opinião de Livingstone — Opinião de varios viajantes e escriptores portuguezes — O leão e o merd, e os tigres e os caçadores — O leão e o dizimeiro — Leões em rebanhos — Arabes de Zanzibar — A aversão que, segundo Livingstone os arabes têm aos portuguezes, desmentida pelos factos — Os portuguezes não são malquistos dos indigenas da Zambezia, como odiosamente insinúa o dr. Livingstone — O imperador do Monomotapa — Os reis de Chingamira, do Quiteve e de Manica — O capitão-mór dos *milandos* — Os cafres do Mocaranga — Os livros da igreja do Zumbo — As occorrencias de 1852 e 1853 — A invasão dos cafres Landins — A rebellião de Nyaude, Kisaca e Bonga — Uma inexactidão do capitão H. Parker — Prazos da corôa — A instituição dos prazos e as suas vantagens — A lei de 1854, que os aboliu — Dons ou presentes, requeridos pelos potentados e chefes das tribus indigenas aos estrangeiros que transitam pelas terras do seu dominio — Os cafres nunca se contentam do que da primeira vez se lhes offerece ou dá — São insaciaveis, e recorrem á violencia para serem satisfeitos — Meio de prevenir de futuro as consequencias da nunca farta cobiça dos potentados cafrees — O titulo de mulher do rei.

Tratarei n'este capitulo d'alguns objectos, de que tambem se occupou o dr. Livingstone, fallando de uns como quem refere cousas nunca d'antes conhecidas, e alludindo a outros sem tanta exactidão, ou menos explicitamente do que desde muito tempo de-

ram d'elles informação os viajantes e escriptores portuguezes. Con-
vem que se torne de todos bem sabido, não serem tantas, nem
tão certas e seguras, como de principio foi acreditado, as noticias
que trouxe a lume a historia, aliás digna de ler-se, das viagens,
cujo exame faz o objecto das observações, que nos occupam.

Por occasião de encarecer a affeição dos Bechuanas aos filhos,
quando estes ainda em tenra idade, diz o dr. Livingstone¹: «Tive
conhecimento de varios casos de avós que amamentaram os netos.
Masina de Kuruman não tinha tornado a ter filhos desde o nasci-
mento de sua filha Sina, e não tinha leite depois que Sina fôra des-
mamada, o que costuma ter logar quando a creança tem dous ou
tres annos de idade. Sina casou quando contava dezeseite ou dez-
oito annos, e teve dous gemeos. Masina, decorrido o intervallo pelo
menos de quinze annos desde que amamentara o ultimo filho, pe-
gou de uma das creanças, e a poz ao peito, e o leite correu em tal
abundancia, que ella pôde só por si alimenta-la. Masina contava
então pelo menos quarenta annos. Fui testemunha de outros factos
similhantes. Uma avó de quarenta annos, ou pouco menos, por-
que alli as mulheres envelhecem cedo, tendo ficado em casa com
um neto, o poz ao engelhado peito, e em breve o leite correu. Em
alguns casos, como no de Ma-Bogosing, principal mulher de Ma-
hure, que andava nos trinta e cinco annos, a creança não era alei-
tada unicamente pela avó, mas tambem pela mãe. Eu fui tantas
vezes testemunha da producção do leite pela simples applicação
dos beijos da creança, que não fiquei maravilhado, quando os por-
tuguezes me contaram, na Africa Oriental, de um medico nativo,
que, applicando uma cataplasma de larvas de vespões pizadas ao
peito de uma mulher, ajudando os esforços da creança, fazia ap-
parecer o leite. Não seria acaso possivel que fosse litteralmente
verdadeira a historia, referida na «Nuvem de testemunhas» de um
homem, que, durante a perseguição da Escocia, pondo o filho ao
proprio peito, verificou acudir-lhe o leite com espanto de toda a
gente? O facto foi então considerado, e ainda hoje se cita como mi-
lagre, porém os sentimentos do pae para com seu filho, cuja mãe
fôra assassinada, sem duvida hão de ter sido muito analogos ao
sentimento maternal; e pois que os anatomicos declaram, que a
estructura do peito do macho e da femea é identica, não ha phy-

¹ Chap. iv, pag. 126 e 127.

sicamente nenhuma impossibilidade para aquelle resultado. O illustre Barão Humboldt cita o exemplo de um peito de homem, que produzia leite; e posto ter eu a consciencia de não ser demasiadamente credulo, os notaveis exemplos que tenho observado nos sexos oppostos, me fazem crer que não labora em erro a asserção d'este philosopho».

Os factos referidos pelo dr. Livingstone, que motivaram a curiosa observação, que no momento acaba de ler-se, causaram-lhe tão grande estranheza, segundo se deprehende do modo por que se exprime, que, só encostado á auctoridade do celebre naturalista allemão, parece ter podido acabar consigo de pôr fé nos seus proprios olhos. Entretanto não temos nós os portuguezes a achar n'isto nenhuma novidade, porque muito anteriormente a Livingstone nos depara a *Ethiopia Oriental* do padre Santos, factos a estes inteiramente analogos, e mais profusamente confirmados. Ouçamos primeiro o padre Santos, e ao depois ouviremos tambem o que nos ensinam a este respeito os modernos physiologistas.

No cap. xvi do liv. 1^a, depois de fallar dos cafres «alvos e louros como framengos, sendo seus paes negros como pez» que elle vio no Quiteve, no Monomotapa e em Goa, accrescenta :

«Em hum rio chamado Inhaguea, que está entre Sofala, e o Rio de Luabo, vi uma negra velha de mais de sessenta annos, parida de poucos mezes, estar dando de mamar ao filho, que pario sendo daquella idade.

«Hum cafre christão vi em Sofala, chamado Pedro, o qual morrendo-lhe a molher depois de parir hũa filha, dahi a hum mes, elle mesmo tomou a minina, e lhe deu de mamar a seus peitos, com leite que nelles teve, e a criou perto de hum anno, até que lhe morreu de lombrigas, e não por falta de leite, e depois de a minina fallecer se lhe secarão os peitos, e nunca mais teve n'elles leite. Hum dia me mostrarão este cafre em Sofala, e contando-me delle o caso extraordinario que tenho dito, o mandey chamar, e perguntei-lhe o modo que tivera para lhe vir leite aos peitos. Elle me respondeo que a muita pobreza, e necessidade em que se vira posto nos matos onde morava com hũa criança sem mãy, chorando, sem ter quem lhe dêsse de mamar, essa o ensinara, e movêra a meter-lhe o seu peito esquerdo na boca, pera desta maneira a

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. 1, cap. xvi, fl. 23 e 24, Evora. 1609.

fazer calar, chupando nelle em seco, e depois lhe dava papa muito rala a beber; e continuando isto dous ou tres dias, no ultimo delles lhe acudio leite ao mesmo peito em que a minina mamava, e pouco e pouco lhe veyo crescendo o leite em tanta quantidade, que foi bastante pera criar sua filha perto de hum anno, até que morreo, como fica dito.

«Contando eu na India este caso, me disserão pessoas de credito, que na fortaleza de Ormuz houve um judeu de sinal (dos quaes vivem muitos na India) o qual tambem criou hum filho a seus peitos por falta da mãy, e molher sua, que lhe faleceo na dita fortaleza, deixando a criança de pouca idade, e por ser pobre não quis buscar ama pera o filho, porque tinha leite nos peitos muy bastante pera o criar, como criou.

«Hum cafre vi no rio dos bõs sinaes, a que os cafres chamão Quilimane, o qual tinha peitos muy grandes saydos pera fora como peitos de uma molher que cria, mas este nunca teve leite nelles, porque lho perguntei, e me informei disso, dizendo-me que de sua propria natureza tinha os taes peitos, e que já seu avô da parte da mãy tivera os mesmos peitos grandes.

«Gabriel Rabello feitor, alcaide-mor que foy da Fortaleza de Maluco, no livro que fez das cousas notaveis daquellas ilhas Malucas, dirigido a Dom Constantino Vice-rey que foy da India, diz que hum seu compadre e amigo, morador na mesma Fortaleza de Maluco, chamado Francisco Palha tinha hum grande bode em sua casa, juntamente com outras cabras, o qual tinha hũa grande teta chea de leite, em que lhe mamavão os cabritos, e elle os consentia, e agasalhava, como se fõra sua propria mãy.

«Depois que vim da India pera Portugal, soube como em Moura, villa nobre de Alemtejo, vivia hum homem pobre, que ordinariamente ganhava de comer por seu suor, ao qual commumente chamavão Pay velho, e por este nome era muy conhecido naquella terra. Deste homem me affirmarão que avia muytos annos que tinha leite nos peitos, e ainda oje sendo de idade de mais de sessenta annos, o tinha em tanta abundancia como pode ter uma mulher que cria, o que elle tambem dizem que fez, dando de mamar a duas crianças, filhas de hũa sua sobrinha ou parenta, em cuja casa elle estava. Este homem inda hoje vive, e preguntando eu por elle a pessoas de Moura, pera me inteirar na verdade deste prodigio, me disserão que algũas vezes virão este homem sobre apos-

tas e porfias que outros fazião, se tinha leite ou não, apertar com a mão, e lançar leite delle, que lhe esguichava fora em grande quantidade, e tão grosso que o provava na unha, onde se tinham algúas gotas pegadas e penduradas na mesma unha, sem cayrem. A hum religioso da ordem de S. Domingos, indo ter a esta villa, mostrarão este homem, e lhe contarão como elle dera de mamar a duas crianças, e as ajudara a criar, da maneira que fica dito.»

Os physiologistas modernos são acordes em acceitar estes factos, produzindo outros que os confirmam, e que servem a demonstrar que a estructura do peito do homem se conforma para este effeito com a do peito da mulher. Eis-ahi como, em confirmação d'esta doutrina, se explica o celebre William Carter¹: «O facto mais curioso é o de homens que podem occasionalmente desempenhar as funcções de amas de leite. Ha casos sabidos d'esta especie, porém um dos mais recentes e authenticos é o referido pelo dr. Dungleison, professor da universidade de Maryland, apresentado á sua classe de materia obstetricia no anno de 1837. Um homem de côr, de cincoenta e cinco annos de idade, que tinha tetas amplas, lisas e bem formadas de feição um tanto mais conica do que as das mulheres, e que sahiam a mais de sete pollegadas da arca do peito, com bicos largos e perfectos. A estructura glandular parecia ao tacto ser exactamente semelhante á da mulher. Este homem tinha exercido as funcções de ama de leite por varios annos na familia da senhora a que pertencia. Elle declarou que a secreção do leite era produzida em consequencia de applicarem a boca aos peitos, durante a noite, as creanças entregues ao seu cuidado. Quando o leite não era preciso, experimentava grande difficuldade em reter a secreção. Os orgãos genitales estavam perfectamente desenvolvidos.

«Conhecem-se (observa Longet²) muitos casos de secreção leitosa, e tambem de aleitamento, observados em homens. Nós recordaremos especificadamente o do lavrador Francisco Losano, do qual falla o Barão d'Humboldt³: este homem, de idade de trinta e dous annos, alimentou o filho com o seu proprio leite.

«Nós temos visto, diz d'Humboldt, o auto levantado no proprio

¹ *Principles of human physiology*, pag. 865, 5.ª edição, 1855.

² *Traité de physiologie*, par Longet, tom. 1, pag. 909, 2.ª edição, 1861.

³ *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent*, tom. III, pag. 58.

logar para estabelecer este facto notavei. As testemunhas oculares vivem ainda, e nos asseguraram que, durante a creação, o filho não tomou nenhum outro alimento, senão o leite do pae.»

Baste sobre este assumpto.

Tomarei agora em conta um facto, de diversa natureza, narrado por Livingstone, e do qual não nos dá elle nenhuma explicação.

Descrevendo e exalçando as apreciaveis qualidades do clima e do territorio dos Bakwains, e depois de ter notado ser de sobremaneira sadio¹, adverte que ha vinte annos (com referencia ao de 1852) o sarampão e as bexigas fizeram grandes estragos n'aquella tribu: porém que depois d'isso nenhuma doença os flagellou, com quanto as bexigas tenham reaparecido na costa com frequencia. Acrescenta: «Em algumas partes os naturaes empregam contra as bexigas a inoculação na testa feita com algum deposito animal: em outras partes servem-se da propria materia das bexigas, e em uma aldêa parece terem escolhido, para ser inoculada, materia carregada de demasiado virus, porque quasi toda a aldêa foi devastada pela molestia, tendo-se tornado excessiva a confluencia das bexigas. Não posso conceber d'onde lhes veio a idea da inoculação. A vaccina era practicada pelos Bockwains em tempo que elles não tinham trato, directo nem indirecto, com os missionarios do sul, e a adoptaram promptamente logo que tiveram d'ella conhecimento».

Affirma, como se vê, o dr. Livingstone, que não podia ter chegado o conhecimento da vaccina aos Bockwains por via dos missionarios do sul, porque a practicavam antes de terem com elles algum trato: e por isso confessa que não sabe como conceber d'onde lhes viera aquella idea. A asserção do dr. Livingstone poderá sem duvida valer com respeito aos missionarios protestantes do sul, mas não pôde concluir de certo com igual segurança em relação aos missionarios catholicos do oeste e do nascente.

È sabido que um dos estudos a que se davam de preferencia os missionarios era o da medicina, e a rasão, como notei já em outra parte, é facil de achar; a medicina ao mesmo tempo que lhes patenteava a entrada da mesquinha choupana do pobre e do desvalido, punha-lhes patentes, e de par em par abertas as difficeis e talvez faustosas habitações dos ricos e dos poderosos, e portanto

¹ Chap. vi, pag. 128.

os missionarios, a quem cumpria ajuntar á simplicidade da pomba a prudencia da serpente, cultivavam dedicadamente a medicina como seguro meio de ferirem certamente o alvo desejado. Esta practica foi observada com a diligencia mais escrupulosa por todos os nossos missionarios na Asia e na Africa, assim como todas que podiam concorrer para o mais cabal desempenho das arduas funcções do seu laborioso e arduo ministerio. A historia geral das missões, e a particular dos nossos missionarios, mostrando a grande influencia de que chegaram a gosar em toda a parte, não só como bemfeitores da humanidade, senão como astrónomos, medicos, naturalistas, e até como peritos nas artes e nos officios mais communs, e acaso menos considerados da sociedade, levam á ultima evidencia o que deixo estabelecido. E quem ignora que os missionarios não se houveram de differente modo na Africa, do que na Asia, nos Brazis e em toda a parte? E porventura não é sabido que foram principalmente os missionarios, e sobre tudo os jesuitas, que fizeram conhecida, e tornaram commum a vaccina e inoculação na Asia, Africa e America logo depois do anno de 1800, quando apenas fôra introduzida na Europa pelo decurso do de 1798? Nada pois obsta a suppor-se, e até acreditar-se que os Backwains devessem o conhecimento da inoculação vaccinica, por elles practicada, segundo as conjecturas do dr. Livingstone, depois de 1830, aos missionarios catholicos, e ao trato commercial dos portuguezes, como os indigenas de todas aquellas regiões aos portuguezes deviam tantos outros, cujos vestigios perduram, e se estão encontrando ainda agora nos desvios mais afastados dos dominios de Portugal. Tão curto é o espaço de trinta annos, que, tido em conta o ardor religioso dos missionarios, a cobiça interesseira dos commerciantes, o amor da conservação dos escravos fugidios, possa causar estranheza, que durante elle, penetrasse até ao interior uma noticia tão proveitosa, que tantas causas concorriam a recommendar, e a fazer que fosse em toda a parte e de todos bem recebida e aceita? Certo não; sendo-o todavia, que não pôde por fórma alguma admittir-se a ignorancia, a que se soccorre o dr. Livingstone. O não lhe ser possivel conceber, como assevera, d'onde veio aos Backwains a idea da inoculação, não o justifica de não ter apresentado as conjecturas, que se lhe affigurassem mais plausiveis para nos dar explicação do que facil era de suppor que devia excitar-nos vivamente a curiosidade; antes pôde acaso ser tida,

e porventura sem temeridade, como ignorancia affectada, e nascida exclusivamente de reservada intenção de tolher aos missionarios catholicos, ou em geral aos portuguezes, louvores, a que têm direito irrecusavel por mais este beneficio prestado á humanidade.

São tanto mais para ter em conta as ponderações que ficam indicadas quanto é certo, que o dr. Livingstone, mencionando n'outro logar o especifico, preparado pelo celebre jesuita padre Pedro, para curar as feridas das frechas envenenadas¹; especifico em toda a Africa muito fallado, e cuja vantajosa applicação se tornou commum aos europêos e aos proprios indigenas, procura attenuar o merito da descoberta, observando que é provavel que o jesuita houvesse dos mesmos indigenas o conhecimento d'aquelle antidoto. A observação é inepta, porque fôra impossivel, a ser assim, que fosse ignorado por tanto tempo dos portuguezes, aos quaes muito antes o deviam ter tornado conhecido as prolongadas guerras das conquistas, o trato commercial tão largo e tão intimo com as varias nações não só limitrophes, senão mais remotas e sertanejas, os captivos feitos com as armas na mão, e até os escravos obtidos por via de meras transacções de pacífico resgate.

O sr. Gamitto² tambem faz menção do contra-veneno do padre Pedro, e diz: «As armas offensivas (dos Maraves) são flechas envenenadas, azagaia, machadinha e faca... As flechas têm o ferro muito pequeno, mas todo farpado; é cravado n'um caniço, que serve de hastea, posto de tal fórma, que, logo que fere, fica o ferro dentro do corpo e a hastea cáe, e no espaço de duas horas o veneno tem produzido o seu effeito, dando a morte; todavia se se lhe acode com o oleo, chamado pelos portuguezes de frei Pedro, e pelos cafres Mafuta, não faz effeito algum. Ignora-se, por não estar divulgada, a composição d'este antidoto; apparecem cafres com elle á venda, porém a maior parte é falsificado. Esta triaga é *devida a um frade portuguez* d'aquelle nome que houve no Zumbo, o qual a descobrio contra um veneno tão effcaz e prompto. É do Zumbo que vem a verdadeira, que se espalha para toda a parte». Esta simples informação confirma o que deixo observado. Antes da existencia do frade o antidoto não era conhecido, porque o foi só com o nome do mesmo frade; o composto

¹ Chap. viii, pag. 171 e 172.

² Chap. ii, § viii, pag. 56.

pelos cafres á imitação d'aquelle, segundo o testemunho explicito do sr. Gamitto, é falsificado; isto é, por mal combinadas as substancias que entram na sua composição, não produz o desejado effeito; e só o que vem do Zumbo, onde o frade morou largo tempo, e onde deixou o seu segredo, é que produz effeito prompto e efficaz. Assim pois a conjectura do dr. Livingstone não prova senão a sua menos boa vontade para com os portuguezes, cuja gloria pretende, mas em vão, cercear até em cousas minimas.

Ha um ponto, embora só de secundaria importancia, em que mal pôde pôr-se de accordo a opinião do dr. Livingstone, com a dos nossos escriptores, que tendo residido largos annos em Africa, e tendo-a viajado largamente, pelo que contam do leão nos obrigam a formar diverso juizo dos costumes d'este rei dos animaes. Talvez é isto devido á precipitação inevitavel com que geralmente o missionario inglez ajuiza das cousas, a que por falta de tempo, não pôde dedicar detida e cuidadosa attenção: refiro-me á opinião emittida pelo dr. Livingstone com respeito ao leão africano¹: «Pelo que sei: do leão não posso acabar comigo (escreve Livingstone), attribuir-lhe nem a ferocidade nem o nobre character com que costuma ser descripto... Onde abunda a caça abundam os leões. Nunca são vistos em rebanhos, excepto quando muito seis ou oito de companhia, provavelmente uma familia reunida occasionalmente para caçar. Corre mais perigo um homem de ser esmagado quando passêa nas ruas de Londres, do que de ser devorado pelos leões em Africa, se não anda empenhado em dar-lhes caça. Em verdade pelo que tenho visto e ouvido ácerca dos leões, nada prova que sejam obstaculo serio a homens de commum coragem».

Ouçamos agora os nossos escriptores: «Estando nós hũ dia á tarde (escreve o padre Santos²) assentados n'esta ilha (de Maroupe no rio de Sofala) á porta da casa com o senhor della, veyo a nós hũ cafre seu escravo, e disse se queriamos ver seis leões, que tinham áquella hora passado o rio da terra firme pera a ilha, que nos levantassemos, por que elles vinhão atravessando o valle que estava junto das casas. Eu e o padre meu companheiro quasi que

¹ Chap. vii, pag. 139.

² *Ethiopia Oriental*, liv. 1, cap. xxi, fl. 30 v.

estivemos em duvida de os ir ver ao campo, mas o senhor da ilha e o caçador nos assegurarão, dizendo que os leões e os tigres daquella ilha não comettião gente algũa, nem lhe fazião mal, salvo se acaso encontravão com elles, ou se os assanhavão, e a causa d'isto era porque lhes sobejava a caça, de que andavão enfarados, por aver na ilha infinita. Então nos levantámos e os fomos ver de hũ alto que estava junto da casa, mas não lhe vimos mais que meyos corpos, e as cabeças levantadas, por causa da muyta herba, que no valle avia, e assi fôrão passando pera a parte do bosque, tão seguros e confiados, como senhores do campo, e das armas.

«Aquella mesma noite, já pola madrugada, ouvimos grandes latidos de tigre, e roncões de leão, muy perto das casas em que dormiamos: e o caso foy que um leão veyo seguindo hũ meru, até que o apanhou junto das nossas casas, e estando comendo nelle, acudirão tres ou quatro tigres, e rodearão o leão pera lhe apanhar a presa, e isto dizem os cafres que fazem os tigres ordinariamente, andando pelo rasto do leão, quando mata a caça, pera comerem os sobejos, que ficam depois que se farta: de maneyra que assi o fazião estes aqui. Mas o leão como não estava ainda farto, ronca-va-lhe como cão, que está comendo muyto soffrego, tendo outros deante, que lhe querem tomar o que come; e de quando em quando fazia que remetia aos tigres, de que elles fugião algum tanto, mas logo tornavão a perseguir o leão com latidos, pera que largasse a caça, mas com tudo nenhum delles ousava chegar a pegar nella. Estando elles n'esta contenda, chamou-nos o senhor da ilha, dizendo que fossemos ver a briga das feras, que era muyto pera ver: o que nós logo fizemos, e estando vendo e esperando o fim della, mandou o senhor da ilha a dous escravos seus caçadores, que presentes estavão, que fossem tomar a presa ao leão, os quaes forão dando grandes brados e apupos, pera que se fossem as feras, e deyxassem a caça: o que os tigres logo fizerão, tanto que virão a determinação dos caçadores, mas o leão nunca se quis bulir, nem teve dever com os caçadores, antes se deyxou estar bem de vagar comendo e roncando aos caçadores, que se chegavão: os quaes tornarão a voltar, e disserão ao senhor que o leão não estava ainda farto, por que em quanto o não está, tendo a caça morta diante de si, não a larga ainda que o matem, por que è muy soffrego e carniceiro.»

Na *Historia Geral Angolana*, lêem-se os seguintes factos¹:

«Este (Diogo Dias Alma) contava lhe succedêra com hum leão de casta real hum encontro digno de notar-se; e foi que, andando elle á caça da outra banda do Quisama, topara com hum leão de testa coroada (que ha outros que o não são), e descobrindo-se hum ao outro, ambos ficarão parados mirando-se. O Alma, com pouca alma pelo pavor que o acompanhava, tratou com tudo de preparar a sua espingarda, pondo-a sobre hum pontalete ou forquilha, que costumão trazer os caçadores, para com mais certeza fazerem a pontaria, tendo o couce na mão com a boca direita para aquelle animal real; e o leão assentou-se, encarando com o caçador. Dizia este que fizera consideração de que, sem embargo de ser espingardeiro de fama, destro no atirar, n'isso se podia fiar; mas que pelo temor com que estava, vendo a morte deante dos olhos, se não quizera fiar na destreza e acerto de seus tiros, por que, errando-o, ou dando no animal por parte que não cahisse logo, tinha certo o fim dos seus dias; e por essa rasão se pôsera á espera do que a sorte permittisse, pois, em caso que o leão viesse para elle, de necessidade lhe faria o tiro. D'esta maneira esteve um grande espaço de tempo, até que o leão se alevantou, e foi fazendo caminho para outra parte, não virando costas, com seu passo senhoril, e hindo-se alongando da sua vista, sempre olhando se era ainda visto. Que então elle (Alma) por curiosidade, que já n'este tempo se lhe tinha infundido toda a alma, e estava mais socegado de animo, mandara hum negro seu fosse escondido ao largo, por entre humas moutas, ver o termo que aquelle leão tomava; o qual, tanto que lhe pareceu que não era visto, largou de carreira, e se foi fugindo.

«Em o sitio do Bengo² succedêo a hum homem dizimeiro, natural da cidade de Elvas, casado e morador d'esta cidade (Loanda), ser assaltado de um leão dos de testa coroada tão repentinamente, que devia a fome de ser muita, que não teve este esforçado homem mais logar que de puxar de huma faca, e com ella, como pôde, se começou a defender e offender com grande valor, levando terriveis manupladas, abrindo-lhe terriveis feridas, com os ferros dentes e unhas, andando ambos bom espaço n'esta campal

¹ Cardonega, *Historia Geral Angolana*, ms., part. 1 do tom. III, pag. 92 e 93.

² Id., ib., part. III do tom. III, pag. 269 e 270.

batalha, não pensada, ficando ambos no campo, sem haver quem cantasse a victoria, faltando a vida a ambos. Com tudo foi digno de louvor o nosso portuguez, ainda que não ficasse vencedor, pois teve animo e forças para entrar em desafio com quem levava o pleito vencido. Alguns poetas e curiosos fizeram versos em seu louvor.

«Em o sitio de Calumbo, beira do rio Coanza, succedô a Paulo Pereira, capitão que havia sido do terço de Henrique Dias em Pernambuco, e havia vindo com o governador Francisco de Souto-Mayor, e se havia achado em Masangano em nossas miserias e trabalhos, assim causados do hollandez, como do gentio rebellado, que, vindo pelo rio Coanza abaixo, tomou terra em este sitio de Calumbo, onde foi assaltado de um leão, com o qual andou aos braços, como esforçado soldado; mas por fim veio o leão a ficar com a victoria, e elle morto. Assim acabou este homem tão benemerito na boca desta besta fera.»

No *Muata-Cazembe* diz o sr. Gamitto¹: «Seguimos ávante a nossa marcha duas legoas e meia, e chegámos ao rio Aruângoa do Norte, que limita esta terra do dominio portuguez». «Passámos o rio a váo... Aqui ha abundancia de caça de todas as especies: os leões *andam em rebanhos*, tanto de um como de outro lado do rio: a noite passada ouviram-se rugir em todas as direcções, e em muita proximidade do acampamento».

«Pela meia noite (refere em outro lugar²) lançou-se um leão a um rancho de negros que estava na extremidade do acampamento, proximo ao regato, e que estavam cozinhando em torno do lume; mas como a esta hora ainda todos os negros se achavam acordados, logo que saltou houve uma grita geral, com a qual elle espantado se retirou, não se tendo podido apossar de um dos negros sobre quem saltou, porque, por acaso, no mesmo momento em que effectuava o salto, um outro negro passava entre o leão e o atacado, e foi o que passava quem recebeu o choque, de que apenas soffreu alguns rasgões superficiaes pela barriga e verilha esquerda, sendo n'esta ultima parte mais profundos; todavia nenhum d'elles é perigoso. Pouco tempo depois sentio-se o leão torneando o acampamento, e para prevenir novo ataque dobraram-se

¹ *Muata-Cazembe*, cap. III, pag. 139 e 140.

² *Id.*, cap. IX, pag. 398.

as sentinellas, e de espaço a espaço passavam palavra, e davam um tiro de fusil. Não houve mais novidade.»

Dos factos que deixo narrados, que tem por si o testemunho de pessoas competentemente auctorizadas, conclue-se facilmente que a opinião do dr. Livingstone, com respeito ao leão d'Africa, não é aceitavel, em nenhuma das partes, na generalidade por elle enunciada; porque provam que o leão africano é dotado de ferocidade sobeja para apavorar fundadamente homens de coragem provada, quando o acaso lh'os depara no caminho, e, não provocado, amiudo os sobressalta; e provam ao mesmo tempo que não são os leões em toda a Africa tão insociaveis que não hajam de encontrar-se arrebanhados em uma e outra margem do Aruãgoa, como, alem de outros, attesta insuspeitamente o sr. major Gamitto.

Agora, passando a assumpto differente, julgo dever apresentar alguns breves reparos ás observações feitas pelo dr. Livingstone em relação aos arabes de Zanzibar, muito conhecidos dos portuguezes d'Africa, porque por toda ella hão transitado, e sido vistos e encontrados. Empreendedores, e impellidos pelo ardente desejo de realisar lucrativas transacções de commercio, não só têm feito incursões até ao interior dos sertões, mas tambem por elles penetraram até Loanda, Benguella e Moçambique. Eis-ahi o como o dr. Livingstone se exprime a seu respeito: «Achava-se por este tempo n'estes sitios um partido de arabes de Zanzibar... Tendo eu pernoitado em uma aldêa, que fica na mesma latitude que a cidade de Naliele (15° 15' 43" S.) alli se me apresentaram dous dos ditos arabes. Eram tão fundamente escuros como os Makololo, porém, como usavam as cabeças rapadas, não pude comparar o seu cabello com o dos habitantes do paiz. Estando a separar-nos, roguei-lhes que se demorassem, e nos ajudassem a comer o nosso boi. Como tinham escrupulo de comer de um animal não sangrado ao seu modo, ganhei-lhes a boa vontade dizendo, que eu era inteiramente da sua opinião, e lhes dei duas pernas de um animal morto por elles mesmos. Mostravam ter a maior aversão aos portuguezes «por comerem carne de porco», e eram desaffeioados aos inglezes «porque os perturbavam no commercio dos escravos». Calei-me em relação á carne de porco, pois que, se me tivessem visto, dois dias depois, a comer hippopotamo, ter-me-hião considerado muito maior herege do que ninguem d'aquella nação. Entretanto aventurei-me a dizer-lhes que eu concordava com os

inglezes em que era melhor deixar crescer as creanças, e que fossem arrimo das mães quando estas envelheciam, do que tomá-las, e ir vendê-las através do mar. Não tentaram justificar-se. Responderam que «os compradores careciam dos escravos para o cultivo das terras, mas que os tratavam como filhos». Estes arabes, ou mouros, sabem ler e escrever correntemente.»

A aversão dos arabes aos portuguezes é pura invenção do dr. Livingstone, porque de nenhuma sorte se compadece no trato amigo sempre, e desde tão distante data, havido entre elles e os portuguezes. O motivo allegado de ter origem aquella aversão em usarem os portuguezes comer carne de porco, não é motivo de modo algum attendivel; porque não se tinha ella nunca opposto a que frequentassem de perto, e pôde dizer-se intimamente, os portuguezes, indo estabelecer-se uma colonia sua não a grande distancia de Tete, em Manica, e procurando e commerciendo, e convivendo com os portuguezes nas suas mesmas habitações em Moçambique, em Benguella e em Loanda, como o proprio Livingstone em outros logares declara¹, e é sabido. Alem de que, se por esse motivo tinham aversão aos portuguezes, tambem por esse mesmo, alem do que procedia dos estorvos que lhes oppunham no mar ao trafico da escravatura, a haviam de ter aos inglezes. Nem poderia o dr. Livingstone soccorrer-se á ignorancia dos arabes; pois que, se estes, que não viviam quasi senão nos sertões africanos, onde nunca tinham encontrado nenhum inglez, haviam podido saber que se oppunham e estavam os inglezes em guerra sem treguas com o trafico da escravatura, não era muito que soubessem igualmente que, da mesma sorte que os portuguezes, comiam os inglezes carne de porco.

Pelo demais observarei que fallam com frequencia varios nossos escriptores dos arabes de Zanzibar, e não só não dizem cousa d'onde possa inferir-se menos boa disposição d'elles para com os portuguezes, senão muito pelo contrario. Alem de que, sabemos que residiam com demora em Angola e Benguella amigamente com os portuguezes, e que na sua companhia, em boa camaradagem, atravessaram de costa a costa pelo interior até Moçambique os aviados de Silva Porto². Accresce que o mesmo dr. Livingsto-

¹ Chap. xxv, pag. 501, chap. xxxii, pag. 662, etc.

² *Boletim do Conselho Ultramarino*, n.º 29, outubro de 1855, pag. 281.

ne, que por vezes, no decurso das suas viagens, a elles faz allusão, não indica, nem sequer levemente, algum facto ou occorrença d'onde, com algum fundamento, haja de deduzir-se a imaginada aversão. Estava bem ao dr. Livingstone ser mais cauteloso nas suas apreciações, que muito rara vez deixam de significar a pouca benevolencia ou mal disfarçada inveja de que se mostra possuido, bem injustamente, contra os portuguezes.

Nem é melhor fundada a asserção, feita em outro logar pelo mesmo dr. Livingstone, de que os portuguezes não são geralmente bemquistos dos indigenas da Zambezia. Vem aqui a ponto repellir esta sua odiosa insinuação.

Desde tempos remotos, e salvas circumstancias extraordinarias, pois que alteram essas as melhores relações entre os mesmos povos civilizados, e de longa data amigos, viveram sempre os portuguezes da Zambezia em harmonia e boa correspondencia com as populações cafriaes limitrophes, mais ou menos regularmente constituídas. Sobejam as provas nos nossos escriptores, e, talvez não grado seu, no-las deparam tambem as paginas escriptas pelo mesmo dr. Livingstone, como de si proprio ha de convencer-se o leitor attento. A verdade tem força irresistivel. É em virtude d'essa antiga boa correspondencia, que, por outros factos não citar, quando é acclamado novo imperador no Monomotapa, os portuguezes são no mesmo acto convidados a tomar pösse do territorio que lhes alli pertence¹. É em virtude d'essa boa correspondencia que o rei de Chingamira com frequencia tem enviado embaixadores a offerer aos portuguezes terras nos seus dominios, sem condição de pareas, senão de alliança e amisade desinteressada². É em virtude d'essa boa correspondencia que os reis do Quiteve por vezes mandaram embaixadas com a offerta de vinte e quatro minas de ouro já promptas, e algumas aldéas e terras, com a condição de o ajudarmos com tropa no acto da coroação, para ser esta celebrada na fórma dos usos e costumes antigos, mas sem o cruento sacrificio de muitas victimas, que lhes era força degolar n'este mesmo acto, sob pena de se devolver o throno aos magnates do reino: barbaro costume, que os reis queriam, porém não podiam abolir, sem que

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 308.

² Id., *ibid.*

nós lhes fossemos valedores¹. É finalmente em virtude d'essa não desmentida boa correspondencia que ainda em 1854 chegaram á villa de Sena mensageiros dos reis de Manica e do Quiteve, pedindo que os mozungos (portuguezes brancos) voltassem a estabelecer-se nas suas terras, e que fosse nomeado, como era antiga practica, um novo capitão mór para decidir os *milandos*².

Podia porventura accrescentar-se que desde os tempos das nossas conquistas na Africa Oriental concertámos paz e amizade com o imperador do Monomotapa, imperio já então muito poderoso, que se alliou com a corôa portugueza, e lhe cedeu o reino de Sofala, e muitas das terras que partem com rios de Sena, onde temos tido feitorias, como na Manica e no Zumbo; e que vivemos sempre em tão boa harmonia, que tem sido uso lançar-se bando, quando novo imperador sobe ao throno, convidando os portuguezes a irem occupar o vasto espaço de terreno que possuímos nas terras alli confinantes, por ter sido doado a El-Rei D. Sebastião pelo imperador Panzagutte, e que deixou de ser de nós occupado por mera negligencia. Nem esta boa harmonia e correspondencia durou só em quanto unido o imperio, porém continuou ainda depois da divisão occorrida em 1759, sollicitando-a constantemente dos portuguezes o rei de Chingamira, que é o mais poderoso dos tres entre os quaes o imperio foi dividido, sendo elle o que ficou de posse do Zimboé³ dos seus antepassados⁴.

Em toda a Africa Oriental corria proverbialmente o bom gasalhado, que receberam sempre os portuguezes dos mansos cafres do Mocaranga⁵, e não é menos sabida e fallada a saudosa sollicitude com que no Zumbo se conservam em cauteloso resguardo os livros pertencentes á igreja portugueza, outr'ora alli florescente, para serem entregues *quando os mozungos vierem*⁶.

Nem obsta ao que deixo observado as occorrencias de 1852 e 1853, isto é, a invasão dos cafres Landins sobre a margem sul do

¹ Botelho, *ib.*

² Bordallo, *Ensaio*, cap. xv, pag. 231, officio do Governador Geral da Provincia, de 1 d'abril de 1854.

³ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. xvii, pag. 315 e 316.

⁴ Solar, côrte, povoação onde reside um Mambo. Gamitto, cap. iii, pag. 110.

⁵ *Oriente Conquistado*.

⁶ Bordallo, *Ensaio*, cap. xiii, pag. 229.

Zambeze, e as assolações por elles feitas no territorio de Sena, e em outros, com grave damno dos portuguezes; nem tão pouco os actos de rebellião practicados por Nyaude, Kisaka e Bonga, de que chegou em parte a ser victima a villa de Tete; invasão e rebellião a que allude, exaggerando-a, o dr. Livingstone¹. Antes pelo contrario, se os portuguezes da Zambezia fossem malquistos dos indigenas, era então feito d'elles; mas não só assim não aconteceu, senão que Tete, como confessa o mesmo dr. Livingstone², se tem levantado do abatimento a que ficara reduzida, e o regresso dos moradores ás suas antigas habitações, tendo imprimido novo movimento á vida social, deixa esperar, e faz crer, segundo as mais recentes informações, que a situação de Tete, já começada a restaurar, entrou em via de progressivo melhoramento.

Rasão assiste pois, no meu juizo, aos portuguezes de se queixarem das frequentes inexactidões do dr. Livingstone, inexactidões que nunca são commettidas, para lhes accrescentar honra e fama, porém sim para deprimi-los, ou os tornar odiosos. Em homem como o dr. Livingstone era de desejar menos facilidade no fazer insinuações, a que póde a malevolencia ou a ignorancia dar injusto assentimento, com prejuizo d'aquelles contra quem são apresentadas.

E já que fallei dos cafres Landins, e das devastações por elles feitas na Zambezia, das quaes proveio não pequeno prejuizo aos portuguezes, rectificarei uma inexactidão do capitão H. Parker³, que se vê fóra acceita pelo dr. Livingstone⁴, e que diz respeito á propriedade das terras denominadas *prazos* da corôa.

Não é meu intento deter-me a tratar da natureza dos prazos do fisco e da corôa nos differentes districtos de Quilimane, Tete, Sofala e Sena, porque largamente o fizeram Sebastião Xavier Botelho⁵, e o sr. Major Gamitto⁶, entrando em muitas particularidades, e notando o que, por de maior momento, era para ter-se em conta. Limitar-me-hei a dar breve noticia d'aquella instituição, hoje abo-

¹ Chap. xxxi, pag. 631 e 635, xxxii, pag. 658 e seguintes.

² Chap. xxxi, pag. 636.

³ On the Quilimane and Zambezi Rivers. The journal of the late Capt. Hyde Parker R. N. H. M. Brig. *Pantaloön*.

⁴ Chap. xxxii, pag. 664.

⁵ *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 264.

⁶ *Muata-Cazembe*, cap. xi, pag. 437.

lida, e do direito incontestavel do governo portuguez, deixando consignada aqui solemne reclamação contra as insinuações do dr. Livingstone, originadas em menos boa fé ou em falta de exactidão, e em todo o caso, destituidas inteiramente de fundamento.

Todo o territorio dos prazos veio á corôa de Portugal por compra, doações, conquista, successão, ou por côncerto e cessão amigavel; e é todo muito fertil e abundante em gado grosso e miudo, e em aves domesticas e do monte.

Os prazos achavam-se repartidos pelos districtos de Quilimane, Tete, Sofala e Sena, e todos eram de consideravel extensão: alguns poderiam reputar-se pequenos principados. Estava cada um sujeito á jurisdicção de uma especie de magistrado, que exercia collectivamente as funcções pertencentes hoje aos juizes de paz e aos administradores de concelho, com recurso para as auctoridades superiores de Rios de Sena e de Moçambique.

Eram os prazos de livre nomeação, em tres vidas, devendo andar sempre em femeas, as quaes estavam obrigadas a casar com portuguezes do reino. A residencia no prazo, e o melhoramento das terras, eram condições essenciaes para haver de possuí-lo. A instituição dos prazos teve por objecto fixar n'aquellas possessões os naturaes do reino por via do vinculo matrimonial. Aos prazos antigos annexaram-se outros no principio d'este seculo, havidos por conquista no paiz dos Maraves. Existe ainda hoje grande numero de titulos legaes das compras e doações de prazos feitas em differentes épocas; assim como de autos de posse de alguns que foram incorporados por conquista nos proprios da corôa de Portugal.

A instituição d'estes prazos, que chamaram pessima alguns nossos escriptores modernos, produziu com tudo nos primeiros tempos optimos resultados, como se tinha pretendido, concorrendo poderosamente para o crescimento da população, progresso da industria, e relativo florescer dos districtos, onde se achavam estabelecidos, como faz fé não só o testemunho de escriptores de boa nota, senão o que nos consta, e de modo acima de duvida, dos restos da antiga prosperidade. Introduzio-se porém o abuso: crearam-se prazos de maior extensão do que convinha, para poderem ser fabricados e regidos devidamente; os administradores, no maior numero, deixaram de fazer alli residencia ordinaria, ou para sempre se ausentaram, entregando-os a feitores avidos, que

só cuidavam de tirar d'alli proveitos mal merecidos, ou quasi totalmente os descuraram; a auctoridade publica, ou desleixada ou connivente, não interpunha com oportunidade e previdencia a acção benefica e fiscal que lhe competia, e d'esta sorte a pouco e pouco os prazos vieram á mais lamentavel decadencia, a qual foi consummada pelas irrupções dos cafres, que ou por vingar affrontas recebidas, ou movidos da cobiça e da natural propensão ao roubo, invadiram e assolaram grande parte d'elles. Não é isto dizer que a instituição fosse perfeita, nem que tão pouco não carecesse de ser aperfeiçoada, porém serve para advertir que não deve lançar-se á conta da instituição o que principalmente é devido á inobservancia das condições constitutivas da mesma instituição. As consequencias logicas do abuso, só com offensa da mesma logica podem deixar de lhe ser a elle attribuidas.

Alem dos prazos da corôa, e dos possuidos por individuos particulares, havia outros pertencentes ás ordens religiosas, os Dominicanos e os Jesuitas que se achavam de longa data estabelecidas n'aquelles districtos.

Os prazos existentes no tempo em que escrevia Sebastião Xavier Botelho (1830-1833) eram cem nas tres jurisdicções de Sena, Tete e Quilimane, deixando á parte a de Sofala, e comprehendiam, pouco mais ou menos, uma area de tres mil e seiscentas legoas quadradas portuguezas de terreno tão fertil como rico¹; porém ao tempo da sua abolição verificou-se que, nos alludidos quatro districtos ou jurisdicções, a somma total dos prazos arrendados por conta do estado, possuidos por particulares, e dos que pelos cafres estavam invadidos, subia a cento oitenta e cinco².

Os terrenos, em que os prazos estavam constituídos, revertiram para a corôa com a natureza de allodiaes, em virtude da abolição dos mesmos prazos, e a lei de 22 de dezembro de 1854, que os aboliu, proveu ácerca dos colonos, que libertou, substituindo aos serviços forçados que prestavam, a contribuição annual de 15600 réis em dinheiro ou igual valor em generos; e assegurou justa indemnisação aos legitimos possuidores á data da abolição. Providenciou igualmente que os colonos ou libertos, que sob qualquer condição tivessem cultivado parte de algum prazo, ficassem

¹ *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 265.

² Bordallo, *Ensaio*, cap. xv, pag. 249 e seguintes.

proprietarios d'essa porção de terreno com a natureza de allodial, não devendo exceder a cincoenta hectares em extensão. A lei poz por condição aos colonos e aos indemnizados o arrotearem dentro de cinco annos as terras que lhes fossem concedidas, sob pena de as perderem logo que por espaço de dous annos as deixem sem cultura.

A lei contém ainda outras providentes disposições, mandando reservar porções de terreno para dotação das parochias, das missões fixas ou permanentes, e das eschololas d'instrucção primaria; e tambem para hortas, e para a construcção de edificios militares; e remata prohibindo a imposição de penas infamantes ou attentatorias da liberdade dos cultivadores. As instrucções para a execução d'esta lei foram dadas e mandadas observar por portaria de 12 de março de 1855. Em 1856 publicou-se a carta de lei de 21 d'agosto do mesmo anno, que regula a alheação dos terrenos baldios no ultramar, e completa a legislação da posse de territorios, que fôra começada, com respeito aos de Moçambique, no referido decreto de dezembro de 1854, e na citada portaria de março de 1855.

A guerra, que, renovando-se quasi sem interrupção entre os naturaes, tem devastado a Zambesia, não ha permittido que a legislação, á qual acabo de referir-me, tenha tido inteira execução, por que não dispomos alli de forças sufficientes para reconquistar de rapido os prazos invadidos, e para fazer que seja mantido cumpridamente o nosso direito; porém este, que não é posto em duvida nem pelos mesmos invasores, começa já a ser-nos respeitado¹; e as acertadas providencias que tem sido adoptadas pelo governo da metropole, e vão sendo postas em opportuna observancia pelas auctoridades locaes a quem compete, começam tambem a sortir, se não todo o effeito de desejar, com tudo sem duvida o bastante

¹ O capitão Hyde Parker erradamente havia assentado a proposição de que os proprietarios dos prazos invadidos virtualmente os haviam perdido, e maravilhou-nos ver que o dr. Livingstone acceitava sem correctivo a doutrina que transforma a força em direito. Felizmente o direito de propriedade repousa em bases mais solidas do que a opinião dos homens, e, como a cousa onde está não cessa de chamar pelo seu senhor, já algumas d'aquellas terras têm voltado a quem de direito era. Alem de que, nunca os proprios invasores allegaram para a sua detenção, senão a casual circumstancia de serem no momento elles os mais fortes.

para nos fazer esperar mais sazonado e abundante fructo. Em todo o caso está averiguado e certo que o nosso direito aos territorios dos antigos e modernos prazos é incontestavel; assim como o é igualmente que, se porventura ás varias providencias já legisladas se seguirem as demais, que as circumstancias aconselham e reclamam, e se a sua execução for esclarecida e energica, os cultivadores, que substituirem os antigos proprietarios dos prazos, de cuja posse e gozo foram em geral só temporariamente privados, hão de antes de pouco usufruir de modo seguro e proveitoso a sua tão promettedora propriedade, d'onde, para elles, para o estado, e para todo o mundo commercial necessariamente hão de provir resultados da maior vantagem.

Não fecharei este capitulo sem, alludir a dous factos, um importante outro curioso, de que o dr. Livingstone faz menção, mas que julgo carecerem de ser mais circumstanciadamente expostos e conhecidos. São de distincta natureza, e não os chama aqui a serie logica das idéas, porém talvez que não possam ter em outra parte cabimento mais oportuno.

O dr. Livingstone mostra-se por vezes muito maravilhado de que, no seu transitar pelo interior de uma e outra Africa, os potentados e regulos lhe exigissem geralmente certos dons ou presentes, que têm para si ser-lhes devidos pela faculdade concedida aos estrangeiros de atravessar o seu territorio¹. Entretanto este costume é observado, com rarissimas excepções, em toda a Africa. Ao depois assim o conheceu o missionario inglez, tendo de sujeitar-se-lhe, como se lhe sujeitam todos os estrangeiros, commerciantes ou não, que pretendem transitar pacificamente pelo interior do continente africano.

O dr. Livingstone presume que a dependencia, em que os commerciantes de escravos estavam de todos os regulos por cujas terras tinham de atravessar, os obrigou a ceder com demasiada facilidade á cobiça africana, que não queria perder o ensejo de haver sem custo abundante cevo, pondo estorvos á marcha dos commerciantes, para os quaes era muito preferivel satisfazer-lh'a, e por este modo ter seguro o valioso resultado das suas trabalhosas peregrinações, do que fazer resistencia, sublevar contra si uma serie sem fim de tribus, mais ou menos audazes e aguerridas, e pôr

¹ Chap. xviii, pag. 333 e 334, etc.

no maior risco laboriosissimas fadigas com a vida e a fazenda. É mais que provavel que muitas vezes aquelles commerciantes, que sempre se acompanhavam de numerosa e bem prevenida comitiva, haviam de castigar com severidade as injustas exigencias dos que pretendiam affronta-los, mas tambem é certo que, tudo bem calculado, se lhes tornava de muito maior vantagem a paz do que a guerra, e sobre tudo paz obtida a preço de muito menos valia do que os prejuizos certos, e as incertezas do combate, embora houvesse este de obter o mais completo resultado; porque não eram para elles então objecto do seu cuidar os louros da victoria, mas sim os lucros do commercio.

Comtudo, cumpre notar que, supposto estas considerações expliquem até certo ponto a practica africana, só de si não nos dão d'ella rasão sufficiente, porque dos *Diarios* do dr. Lacerda e do padre João Pinto, e do que referem todos os nossos mais notaveis escriptores, se torna evidente ser nascida, mais do que de quaesquer outras considerações, da natural propensão ao roubo, que caracteriza de modo singular a immensa e tão varia cafraria. Efectivamente vê-se que os regulos e potentados africanos, sobre exigirem o alludido direito de passagem, tinham imaginado um sem conto de pretextos para haverem das pessoas estranhas que visitavam os seus territorios, commerciantes ou não, como dons obrigados, quasi quantos objectos viam ou desejavam; era um não acabar nunca. Recebido um presente do forasteiro que fazia annunciar ser chegado a alguma das terras que percorria, logo se lhe requeria outro porque promettêra o regulo fallar-lhe, e outro quando lhe fallava, e outro ou porque lhe tinha fallado ou porque ainda outra vez havia de lhe fallar! O que succedia assim n'um territorio, repetia-se pelo mesmo teor em todos por onde havia de fazer caminho. Hoje é ainda o mesmo.

Nem pára n'isto. Se o forasteiro, a fim d'esquivar-se a taes incommodos, pretende não entrar nas povoações, mas fazer assento, para pernoitar ou ter descanso, no deserto, como alli se chama ao despovoado, e seguir á ventura ou conduzido por seguros practicos pelas veredas mais afastadas, lá vão procura-lo ao pouso escolhido, e ou o forçam a entabolar as relações, que não queria, instando-o a acceitar offertas, cuja compensação esperam e requerem em dobro, ou usam com elle taes enredos e astucias, que o pobre do forasteiro, que deseja não implicar-se em occorrencias

desagradáveis, acha mais barato e melhor acudir annuir, e receber um mimo de preço muito diminuto para o retribuir com outro ou outros de valia muito mais avantajada. E digo pensadamente *ou outros*, porque também é muito para notar que toda a sorte de cafraria, e não só no interior entre costa e costa, senão por toda a Ethiopia e Abyssinia até ás boccas do mar Roxo, nunca se dá por satisfeita com o que da primeira vez lhe foi offerecido ou dado; pede sempre, e mais e mais.

Accresce que, se porventura, o forasteiro está acompanhado de comitiva respeitavel, que, incutindo nos regulos certos arreceios, lhes tolhe usar aberta violencia, e os constringe a recorrer a outros meios para chegarem ao desejado fim de se apoderarem ou de tudo ou do melhor pelo forasteiro possuido, passam ordens secretas, que são rigorosamente observadas porque vai n'isso a vida dos transgressores, para que não só os objectos de commercio, senão os indispensaveis para a alimentação da vida por ninguem lhe sejam vendidos. D'esta arte o angustiado viajante cahe nas mãos dos regulos por serem os sós com que póde tratar, e de quem póde haver o alimento de que não é possível prescindir. Vou citar factos relatados por tres differentes nossos escriptores, que o são da maior excepção por serem com elles proprios acontecidos. Estes factos provam que o dr. Livingstone não dá novidade, e nem sequer nos informa tão largamente como era bem, no que refere a este respeito, mas tão pouco d'esta vez falta á exactidão.

O padre Jeronimo Lobo na sua *Relação historica da Abyssinia*¹, narra o seguinte: «Baylur é porto de Dancali, e Dancali reino pequeno, esteril e mal povoado; rey e vassallos são mahometanos. Este reino depende do imperador da Ethiopia, ao qual guarda fidelidade. O imperador da Ethiopia tinha-lhe escripto a nosso favor, e lhe tinha mandado como embaixador um capitão mouro, e um portuguez, chamado Paulo Nogueira, filho d'outro Nogueira, que acompanhara Christovão da Gama á Ethiopia. Estes embaixadores tinham ido a Dancali, a Salamay, e ás terras de Senae, que são as derradeiras da Ethiopia, e em toda a parte haviam feito conhecidas as ordens do imperador a nosso respeito: havia poucas semanas que estavam de volta em Dancali.

«Partimos de Baylur no dia da Ascensão... Tendo caminhado

¹ Pag. 48 e seg., edição de Paris de 1728.

alguns dias encontrámos o irmão do rey, que nos sahio ao encontro. Furt que nos acompanhava *só para tirar de nós o mais que podesse*, nos prevenio de que deviamos fazer ao principe bons presentes. Como não conheciamos ainda o terreno que pisavamos, tomámos o conselho de Furt... Apresentámos ao principe chitas da India, e varias obras da China, como porcelanas, pequenos cofres, etc. O principe de tudo se mostrou contente, porém preferio as chitas ás curiosidades chinezas: entretanto passados poucos dias mandou a pedir-nos as curiosidades da China, que da primeira vez nos restituira, e foi necessario mandar-lhas.

«De manhã, quando já eramos perto do palacio do rei, recebemos os seus recados... O palacio (situado junto d'uma pequena montanha) consta de cinco ou seis barracas, e umas vinte choupanas, plantadas entre çarças e arvores silvestres, que o tornam um tanto ameno. Duas choupanas são para elle, e as outras para a mãe, irmãos, e pessoas principaes. Recebeu-nos em uma das duas choupanas, que estava a um tiro de mosquete distante das demais. No fundo havia um throno feito de pedra e argamassa, coberto com um tapete e duas almofadas de velludo. Em frente estava o seu cavallo, e a sella e outros arreios estavam dependurados ao pé delle. É costume da terra alojar-se o amo com o cavallo, e nisto não ha differença entre o rey e outro algum do povo... Depois de curta conversação sahimos da audiencia. Fomos então salteados pela multidão dos que queriam que lhes pagassemos immediatamente os serviços que nos tinham feito: ao mesmo tempo fomos advertidos de que tinhamos a apromptar o presente para o rey. O Cheque-Furt tomou a si o cuidado de nos aconselhar e dirigir: disse-nos que, não tendo nós offerecido nenhum presente ao rey na primeira audiencia, o que era contrario aos usos estabelecidos, se tornava necessario que o presente agora fosse maior, e quiz estar presente quando o apromptassemos. *Não davamos nunca assás para satisfaze-lo, queria sempre que accrescentassemos alguma cousa.* Era nossa tenção dar sómente algumas pequenas caixas, porcelanas e outros semelhantes objectos da China; porém Furt obrigou-nos a separar vinte peças de fazendas das Indias e varias obras da China, e nos disse que tudo se devia fazer prestes para a entrada. Este mal-aventurado velho em vez de nos ser favoravel, persuadio o rei que não acceitasse o presente, por que de certo, se o regeitasse, outro fariamos de maior riqueza. Fui en-

carregado de ir apresentar o que tínhamos preparado para o rei : achei que me esperava : dirigi-lhe um recado respeitoso, e lhe fiz ver o que trazíamos para lhe dar. O rei viu todos os objectos, conservando sempre o ar merencorio, e respondeu-me, que, se estava satisfeito das nossas boas tenções, o não estava do nosso presente, que era fazer affronta a um principe como elle, fazer-lhe tão pequena offerta ; e me deu com a mão signal de retirar-me, e de levar o presente. Assim o fiz. Furt veio ter connosco, e nos arguiu de termos offerecido tão mesquinho presente ao rey seu amo. Repliquei-lhe, que elle mesmo o escolhêra ; e que demais d'isso nós nada possuíamos melhor que podessemos dar-lhe ; que os poucos objectos que nos ficavam, apenas seriam sufficientes para os gastos da viagem. Furt quiz tratar connosco, pedindo-nos que déssemos mais alguns outros pequenos objectos, porém nós não cedemos. Eu já tinha retirado algumas peças do presente, e o mais que pôde conseguir aquelle mão velho foi que eu tornasse a ajuntá-los ao presente, e a leva-lo novamente ao rey no dia seguinte. O rey o recebeu, mas não mostrou melhor rosto. Tambem fizemos presentes á mãe e aos irmãos do rey, e até aos seus musicos, a fim de nos vermos livres dos seus cantos e dos seus instrumentos, que nos atormentavam os ouvidos duas horas cada dia.

«Passava-se o tempo, e consumíamos os abastecimentos, sem podermos obter outros. Posto que seja a terra muito esteril, ha alli cabras e mel ; poderíamos ter comprado estes objectos, mas ninguem no-los queria vender, e sube debaixo de segredo que o rey tinha prohibido que nos vendessem alimentos, fosse qual fosse o preço porque quizessemos paga-los. *Contava constranger-nos por este modo a dar-lhes*, a troco de nada, tudo quanto tínhamos. Dei conhecimento ao Patriarcha do que soubera, e foi seu parecer que procurasse o rei e a elle me queixasse... O rei disse-me que não me comprehendia, porque nos seus estados ninguem nos offenderia impunemente. Não nos offendem com o ferro nem com o veneno, lhe repliquei, mas querem fazer-nos morrer de fome, e sois vós que assim o quereis, porque prohibis que se nos venda o que nos é necessario para viver... O rey pareceu commovido com as minhas palavras, negou ter feito tal prohibição, e prometeu que não nos faltaria cousa alguma. Com effeito no mesmo dia comprámos tres cabras, e nos venderam mel, e fomos melhor tratados do que o fôramos até então.»

O *Diario* do padre Francisco João Pinto, depara-nos diferentes factos, que de sobejo comprovam o que sobre este assumpto deixo observado. Não os transcreverei extensamente, contentando-me de os reproduzir em resumo.

Nas notas a varios dias do mez de novembro de 1798, lê-se o seguinte¹: «Deste logar, que dista dous dias de caminho da côrte do Cazembe, mandei despedir um portador com o presente de 36 pannos de fato (chama-se panno n'estes rios e sertões uma braça de qualquer fazenda), e uma mutaia de missanga (200 fios) de bocca, para faber saber ao dito Cazembe a nossa chegada, e pedir-lhe o seu beneplacito para entrarmos na sua côrte... Depois da nossa chegada ao sitio onde estavam abarracados os muzungos da nossa comitiva, que tinham chegado primeiro (chamam muzungos aos homens brancos, e a todos aquelles que não são cafres), appareceu Fumo Anceva (secretario do Cazembe) nas suas cazas grandes, que tinham sido alugadas para a minha accommodação: alli me cumprimentou da parte do seu amo, e entregou o presente de dous dentes de marfim e deus caporretes, cafres de 16 annos, que se chama bocca, porque é costume entre os cafres de nunca admittirem nem mandarem a outro recados, e nem mesmo fallar sem algum presente, que por isso se chama bocca... Na tarde deste dia mandei remetter-lhe de bocca 36 pannos, fazendo-o sabedor de que eramos chegados e entrados na sua côrte». «Mandou Cazembe aos muzungos de presente varios vidros azues para os muzungos beberem agua. Não obstante esta mostra de benevolencia, pelas 3 horas da tarde foram presos, e maltratados pelo Fumo Anceva todos quantos tinham vindo á muçava (logar onde se faz acampamento ou abarracamento) vender farinha de mandioca, varios legumes e comestiveis, e desde então houve *rigorosa prohibição para nenhuma pessoa do paiz vender cousa alguma aos hospedes*».

«Com assistencia, e direcção do primeiro practico dos mattos, Gonçalo Caetano Pereira, deu-se principio a preparar o presente que se havia de mandar a Cazembe no real nome de Sua Magestade; e achando elle dito practico que aquelle presente devia ser feito ao contento de Cazembe, pedio-me que mandasse chamar a Fumo Anceva para assistir, e ver o mirambo do seu Rei: mi-

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 152.

rambo é qualquer mimo ou presente. Convidei logo a Fumo Anceva, que não faltou: porém como elle com a noticia, que o dr. Lacerda lhe tinha dado de que, com a segunda divisão viuhão boas cousas, que o Rei da Manga (chamam geralmente Manga às terras dos muzungos) enviava a Cazembe, tomasse pretexto de não se dar por contente com o que se dava, *pretendendo que, tudo quanto a expedição levava, pertencia ao seu amo Cazembe*, porque Sua Magestade lhe enviava tudo de presente, foi preciso estar regateando sobre a quantidade dos effeitos, que haviam de compor o dito mirambo; pois emquanto á qualidade *pedia e requeria tudo quanto viu, até as mesmas cousas e trastes do uso de cada um*.

«Vendo o Cazembe que tardava o seu mirambo, e não podendo soffrer tanta demora, e ao mesmo tempo não querendo persuadir-se de que o seu secretario com as suas impertinencias era causa d'ella, incumbio ao mesmo secretario de me trazer dous dentes de bocca, e dizer que elle me pedia de concorrer com todo o esforço para abreviar o seu mirambo, pois podia-o fazer, porque era o grande dos muzungos: porém o dito secretario nem trouxe os dentes, que deixou ficar para si, nem deu o recado. . . N'aquelle mesmo dia remetti áquelle secretario o seu mirambo. Com este presente ficou mais socegado e livre da desconfiança, que o atormentava, julgando que lhe não daria cousa alguma; e correspondeu com outro presente de um dente de marfim. . .

«Levou em fim Fumo Anceva o mirambo ao Cazembe, que ficou com elle satisfeito. Constava de varios effeitos, que só por uma grande relação se podem referir. Remetti outro presente a Muepanda, primeiro cabo de guerra de Cazembe, de quem é muito attendido, e mostrou muita satisfação de eu o procurar para amigo e correspondente. . . Remetti outro presente ao irmão do rei Sana Muroque, que ficou muito agradecido da minha amizade.

«Gonçalo Caetano Pereira veio com outros dar-me noticia de que Cazembe estava pouco satisfeito com o presente que se lhe tinha feito no real nome de Sua Magestade, e que, pelas noticias que tinha tido, havia perigo de que viessem os seus vassallos invadir e roubar a casa da recebedoria, onde ficavam recolhidos todos os effeitos pertencentes á fazenda real; e que houvesse eu de me acautelar, dando as providencias necessarias e promptas. Com este aviso mandei fazer com toda a brevidade e segredo 400 cartuchos embalados. . . »

Por ultimo e para maior esclarecimento, se de mais esclarecimentos ainda se carece, vou citar o que se lê no *Muata Cazembe* sobre idêntico assumpto¹.

«Ao nosso acampamento da serra Chimpire, onde estamos desde hontem, chegaram hoje de tarde alguns Cazembes, portadores d'um presente mandado pelo Muata, o qual consistia em uma porção de raiz de mandioca secca, outra de carne secca de caça, e outra de peixe secco, o que tudo era destinado para a gente da expedição, e traziam mais uma pequena panella com favos de mel, duas pelles de tigre, e uma barrinha de cobre para o commandante. Os portadores disseram que o Cazembe mandava pedir uma espingarda, polvora, pederneiras e copos de vidro...

«Á noite chegaram os portadores que levaram a espingarda e mais objectos ao Muata, dando parte de virem acompanhados de alguns Cazembes, que traziam ordem de conduzir a expedição para Lunda, e participaram que elle mandava dizer aos Muzungos: que este tempo era differente d'aquelle em que governava seu pae, quando aqui vieram outros Muzungos: que todo o negro que for apanhado a furtar será logo decapitado... Que ordenava que o Muanicita (interprete) não ensinasse ao Geral (o commandante) os costumes antigos, porque sendo todos os Muzungos novos, se não fosse elle, estes lhe teriam já dado muita fazenda, e que a não quer rasgada e feita em pedaços; nem quer missanga em chuábos, mas quer peças inteiras, e missanga em maços, e que não quer fazenda preta, porque essa só serve para os seus escravos, mas sim loupas, panninhos, chitas, etc.

«Pela manhã² apresentaram-se uns poucos de mensageiros da parte do Cazembe, para verem os mirambos que se lhe haviam de offerecer. Traziam ordem para nos declarar que seu amo queria dez motores de fazenda da conta do Geral (o Governador dos rios de Sena), cinco do commandante da expedição, quatro do segundo commandante, tres do interprete, dois de cada um dos commerciantes, e tambem que elle não queria a missanga em chuábos, nem as pedras em fios, mas sim em maços como vem de fóra, e que queria a polvora em barris, a louça em caixas tal como vem, porque toda a fazenda fóra carregada pelos seus Murundas; e que

¹ O *Muata Cazembe*, *Diario da Expedição do Major Monteiro*, pelo Major Gamitto, cap. vii, pag. 226, etc.

² Id. *ibid.*, pag. 244.

o Geral havia dito em Tete ao seu Cazembe Ampata, que tudo quanto elle tinha pedido, elle remetteria pela expedição, a qual era para esse fim que tinha sido mandada, que por isso tudo quanto conduz a expedição era seu. Que advertia o interprete que se abstivesse de nos insinuar que lhe dessemos pouca fazenda, porque, se o fizesse, manda-lo-ia para Tete acompanhado por um Quilôlo.

«Este recado produziu geral indignação, o que deu logar a responder-se aos mensageiros que não voltaria o interprete só, mas que com elle iria toda a expedição. Depois suscitou-se uma questão, quando se quiz convencer os mensageiros de que nada deviamos ao Cazembe, e que o mirambo é um presente cuja importancia depende da vontade de quem o dá, e que, segundo for o seu valor, assim poderá ser retribuido. Mas como o fim da mensagem é sómente extorquir o que poder, a nenhumas razões os brutos se moveram. Mostrou-se-lhes então o mirambo, que consistia em fazendas tecidas, missangas, pedras, louça, espelhos, etc. Depois de ser tudo bem examinado por elles, *declararam que era pouco*, e que o Mambo não podia ficar satisfeito.

«Nesta occasião chegou o enviado que nos acompanhou de Tete, e perguntou com arrogancia ao interprete onde se tinham deixado as fazendas, que elle fizera conduzir do Missále, e que eram do Rei. Ao que elle respondeu que a fazenda do Rei era assim chamada por ser applicada para os soldos que o Rei dos Muzungos dá aos empregados da expedição, e não porque seja para o Cazembe como elles julgavam. Havendo começado a questão pelas oito horas da manhã, acabou sómente ás duas da tarde, que foi quando a final veio ordem para irem os mirambos.

«Pozemo-nos logo em marcha, e entrámos na Mossumba pela porta de L., e tendo percorrido ruas e travessas, chegámos a uma praça espaçosa, onde achámos o Muata sentado, sem apparatus algum, á sombra de uma arvore. Logo que nos sentámos fez-se abrir o motor do governador, e o Cazembe mandou contar as peças uma a uma, e como se fosse uma simples peça foi contado tambem um colete de cazimira branca bordado de ouro, fazendo-o confundir com um capotim, e mostrando dar-lhe valor igual ao d'esta pequena peça de fazenda. E successivamente mandou fazer o mesmo aos mais motores.

«Assim que concluíram a contagem, voltou-se para nós, e repetio o que hoje nos mandou dizer, acrescentando: «Que dirá

um estrangeiro que, chegando a uma terra, é alli hospedado com massa e carne de cabra no primeiro dia, e que depois lhe dão galinha, carne de vacca e outras cousas boas?» E continuando, disse: «Portanto os Muzungos não devem esconder aquillo que depois me hão de dar, e *poupem-me o incommodo de estar todos os dias com os olhos e sentidos na sua habitação, e de uma vez dêem-me tudo quanto me hão de dar por muitas vezes.*

«Logo que acabou de proferir estas palavras levantou-se arrebatadamente, e retirou-se... Em seguida retirámo-nos cheios de indignação, que subio de ponto, quando, ainda antes de chegarmos aos quartéis, fomos intimados para entregar essa mesma fazenda, que era para o pagamento dos soldados, allegando-se que o Muata também é Rei, e irmão do nosso Rei, e que elle bem sabe o que ha de fazer.

«Logo que chegámos a casa determinámos augmentar todos os mirambos, principalmente o do governador... Tendo-se proposto ao Cazembe fazer uma convenção de commercio, elle respondeu, que o que queria era que lhe dessem fazendas finas tecidas... Tivemos noticia de que o Muata *prohibira, sob pena de morte, que se nos vendessem viveres, ou outro qualquer objecto, para assim nos obrigar pela fome.*

«Pela manhã vieram novamente mensageiros para verem os mirambos, que já estavam promptos, e cuja quantidade era em dobro da de hontem... Havendo os mirambos sido bem examinados, foram os mensageiros dar parte ao Cazembe, o qual logo mandou ordem para lhes serem levados. Logo que chegámos foram-lhe apresentados os mirambos, e elle fez separar o que pertencia a cada um, sem abrir a fazenda, mandando sómente tirar a louça e outros effeitos dos caixotes, e esteve examinando os differentes objectos, não dando attenção, nem mostra de apreço, senão a um copo grande dourado do governador, e a um quadro do commandante. Assim que acabou de examinar tudo, disse que estava satisfeito. Pouco tempo depois de termos chegado aos quartéis mandou-nos viveres. Todas as vezes que nos tem mandado comestiveis tem sido com tal escacez, que não chegam para a expedição dois dias se alimentar.

«Todos os dias¹ este barbaro busca novos pretextos para nos

¹ Id. *ibid.*, pag. 257.

incomodar com a pretensão da polvora. Elle diz a nós mesmos: que tudo quanto aqui ha é seu, e que tudo lhe fôra mandado por seu irmão (o Rei de Portugal), e que nós nos temos apoderado de tudo, que é seu, chamando-lhe nosso.

«Com este pretexto, os vexames e exigencias que faz, são continuos, sem que ao menos nos possamos retirar. Se nos reduzimos ao silencio, não sabindo dos quarteis, ou não indo procura-lo, mata-nos á fome, porque, *sob pena de morte, ninguem pôde vender-nos cousa alguma, e por isso obriga-nos a dar-lhe fazenda, para assim podermos obter o diario sustento*, porque é só d'elle que nos vem, e esse mesmo com mesquinhez. Temos tambem fundada suspeita de que elle faz todo o empenho pela polvora, para nos desarmar, ficando nós á sua discrição. Soubemos por alguns Lundas, que temos com dadivas attraído a nós com o fim de nos informarem do que se passa, que o Cazembe dissera, que o interprete era a causa de se lhe não dar fazenda bastante, e que, se não se abstivesse de nos aconselhar, lhe havia de mandar cortar as mãos e envia-lo para Tete, e que isto era cousa que não custava. Á vista d'isto determinou-se irmos hoje á noute á Mossamba, eu e o interprete, e levar ao Mambo alguma cousa para o ir entretendo, o que pozemos em execução. Sendo annunciados, não nos deu entrada, sob pretexto de ter apparecido a lua, e que por isto estava com os seus encantamentos. Soubemos porém depois que nos não recebeu por julgar ser pequeno o presente que levavamos, de cuja qualidade tinha sido informado. De manhã tornámos com os mesmos presentes largamente augmentados, e fomos logo introduzidos, sem difficuldade, e recebidos com agrado.

«Hoje de tarde¹ recebeu-se do Muata um recado concebido n'estes termos: Que o nosso Muata lhe mandara muita fazenda, sem que o conhecesse pessoalmente, mas só por ter ouvido dizer que elle era um grande Mambo, porém que pelo caminho nós lh'a tinhamos roubado, e que a prova d'isto era o não lhe fazermos o mesmo, que fizeram os Muzungos quando aqui vieram em outra expedição com o geral Lacerda, que aqui falleceu, os quaes sendo, como agora, mandados pelo seu Mambo, todos os dias estavam presenteando o Muata seu pae com motores inteiros de fazenda, maços inteiros de boas missangas de todas as côres, assim como

¹ Id. *ibid.*, pag. 261.

de bonitas pedras de todos os tamanhos, e de panno de pello de catumbo (chamam assim á lontra, com cujo cabello julgam que são feitos os tecidos de lã), e que os Mantembos (soldados) todos os dias iam á Mossamba dar descargas, e que por esta fórma o presenteavam. E que para nos certificarmos do que dizia, perguntásemos ao Mantembo que veio n'aquelle tempo, e que está tambem n'esta expedição (o soldado do destacamento Diogo dos Remedios, de muito boa conducta e subordinação). Que nos queixamos por não estarmos satisfeitos com o que elle nos tem dado, quando é elle o queixoso, e que por isso tratássemos primeiro de o satisfazer, para elle então nos contentar.

«Este recado deixou-nos mais convencidos de que o seu unico fim é roubar-nos.

«Temos noticia¹ de que o Muata prohibira a venda de viveres, e que dissera que comessemos a fazenda que não lhe queremos dar.»

Não é necessario produzir mais factos, nem a auctoridade de outros escriptores² para confirmação do que tenho asseverado. Deprehende-se sem difficuldade, se não érro, que, não sendo possivel aos commerciantes andarem acompanhados de comitiva assás poderosa, e em condições de travar combate a todo o instante com os indigenas, se lhes torna necessidade inevitavel o sujeitarem-se ao abuso da força, a que a falta de civilização, e a natural cobiça facilmente os persuade. O que acontece com os commerciantes, succede da mesma sorte com quaesquer outros forasteiros, e succedeu por isso com o dr. Lacerda, com o padre Pinto, com o Major Monteiro, com o dr. Livingstone e com outros muitos, e terá de succeder com todos quantos visitarem o interior de Africa não escoltados de força armada sufficiente, se não para dictarem a lei, ao menos para não ficarem expostos a ser victimas da avidez caprichosa dos regulos e potentados, cujos territorios pretendem devassar.

Entretanto parece-me que não seria impossivel conseguir que de futuro se prevenissem pelo menos abusos tão notaveis, como os de que esteve a ser victima no Cazembe a expedição do Major

¹ Id. *ibid.*, pag. 267.

² Com quanto não insira no texto mais citações, parece-me comtudo que não deixará de merecer attenção a *Nota 10.*, na qual me pareceu bem transcrever os capitulos LXXIII e LXXX do padre Francisco Alvares.

Monteiro. Para isto sobejava, segundo o que é dado inferir do que relatam, e em que são conformes os varios escriptores, que, por elles proprios serem testemunhas e partes no de que nos informam, têm direito a especial consideração, que uma expedição composta dos elementos necessarios para obter todas as informações, que de dia a dia as sciencias naturaes e geographicas, e bem assim as necessidades e vantagens commerciaes reclamam com crescente urgencia, escoltada por uma força regular, e digna de confiança, de infantaria e artilheria, fosse mandada sahir d'Angola a correr o interior, fazendo opportunamente as excursões que fossem julgadas uteis, atravessando de costa a costa até Moçambique, d'onde deveria regressar, seguindo sempre o interior, mas variando os caminhos quanto possivel. Esta expedição devia ser absolutamente pacifica, o seu commandante deveria ter sempre na bocca a paz, e não só na bocca senão no coração; porém tão firme e resolute, como benevolo e prudente, escarmentaria os regulos e populações que quizessem obriga-lo a satisfazer exigencias injustas, fazendo-lhes conhecer ao mesmo tempo que, longe de pretender conquista-los ou opprimi-los, máo grado seu assim se havia, e só constringido pelo proceder d'elles tão contrario ao que mutuamente se devem os homens uns aos outros. Mas não só isto, senão que lhes faria comprehender de modo a não deixar-lhes logar a nenhuns subterfugios nem pretextos, que, se de futuro se repetissem actos de similhante natureza, vexatorios e oppressivos, por caso nenhum ficariam impunes, antes seriam reprimidos e castigados com a maior severidade.

Não ignoro que se oppõem difficuldades grandes, e de varias especies, a apromptar, e fazer pôr em movimento e acção uma expedição tal qual a imagino, e deixo levemente bosquejada; mas tambem não ignoro, que, tornando-se de dia a dia, e cada vez mais indispensavel o melhorar a todos os respeitos a nossa situação em uma e outra Africa, se torna por identidade de razões indispensavel adoptar, e dar effectiva applicação á idéa suscitada; porque, nem os melhoramentos a realisar n'aquellas riquissimas possessões, para serem de tanta utilidade como podem e devem vir a ser, hão de limitar-se unicamente ao littoral, nem podem considerar-se independentes do nosso trato amigo, regular, certo e seguro com o interior. E como poderá isto obter-se, sem que o nome portuguez seja tão respeitado dos regu-

los e potentados que o povôam, que nenhum se atreva a tê-lo em menos conta, certo de que, se faltar ao que lhe cumpre, lhe não faltará a punição merecida? A experiencia dá cabal resposta, é impossivel. Em Africa o amor, para manter-se, carece de ser auxiliado por saudavel temor. Os indigenas não vos corresponderão mal, se os tratardes bem, mas atraiçoar-vos-hão facilmente, se assim lh'o persuadir a sua cobiça nunca saciada; nem deixarão de vingar-se, quando tendes sido injustos para com elles. Ameigai-os, mas não ponhais n'elles demasiada confiança; sêde rectos e justiceiros, sem abusar da vossa força nem da sua condescendencia; diligenciai ser bemquistos, porém não denunciéis minima hesitação em ser inexoraveis, se por acaso se pretendesse d'algum modo ou fosse no que fosse, menoscabar a vossa auctoridade. D'esta sorte dispozeis da Africa: preparai os meios, fazei-os funcionar, e o resultado vos será certo e seguro. E aqui por ultimo observarei que alguns homens largamente conhecedores de uma e outra Africa por terem lá résidido e commerciado por muitos annos, a quem ouvi a este respeito, asseguram que estabelecidas e executadas periodicamente estas expedições, a despeza a fazer com ellas não só não gravaria a fazenda publica, senão lhe traria vantajosos e effectivos resultados.

O facto curioso, a que acima alludi, e de que faz breve menção o dr. Livingstone¹, quando conta que ao homem escolhido por Mamochisana, filha de Sebituane, e, por morte do pae, reconheci-da chefe da tribu, foi dado o titulo de sua mulher, e ao filho de ambos o de filho da mulher de Mamochisana. Este facto assim relatado parece não ter nenhuma importancia, mas tem-na grande, se porventura se reflectir que o titulo de mulher do rei é o maior titulo de honra conhecido entre as populações africanas. Os nossos escriptores o notaram, e o padre João dos Santos, n'estas poucas palavras o declara. «Massapa (escreve o padre Santos²) onde mora sempre um capitão portuguez, apresentado pelos portuguezes d'estes rios, e confirmado polo Manamotapa, *ao qual capitão chama o Rey sua mulher grande*, nome com que elle *honra aos Portuguezes que estina, e tem em muita conta*, como são os capitães de Sena, Tete e Moçambique. Este capitão de Massapa tem jurdi-

¹ Chap. ix, pag. 179.

² *Ethiopia Oriental*, cap. ix, fl. 54.

ção e autoridade, etc., etc.» Se isto fôra sabido, e devidamente houvera sido notado, não teria alevantado tão ridicula celeuma uma folha ingleza, ao transmittir a noticia, de certo mal interpretada, e peor comprehendida, de que a actual celebre rainha de Madagascar convidara para marido seu a rainha d'Inglaterra. Não houve nada d'isto, a rainha de Madagascar manifestou a sua maior consideração pela rainha Victoria, fazendo-lhe saber que a distinguira com o titulo mais honroso, que dos seus povos e d'ella era conhecido, o titulo de *marido do rei*, e ella é rei por ser reinante.

CAPITULO VI

As inundações do Zambeze e do Nilo — Informações dos portuguezes e dos arabes do Zanzibar — O lago Tanganyenka e o lago Nyanja dos Maraves — Direcção sul e norte do Zambeze, do Casai e do Nilo — Origem commum do Zambeze e do Nilo, segundo Livingstone — O valle Barotse muito similhante ao valle do Nilo — Margens do Leeambye — A Ibis — Sik-sak — Quando tem logar a inundaçào do Zambeze — A *Azolla nilotica* no Zambeze — Opinião de Livingstone conforme á de alguns nossos antigos escriptores — Opinião do padre João dos Santos — O primeiro branco visto nos sertões africanos — Inexactidões do dr. Livingstone — Os territorios dos Balondas e dos Ambondas — Os Mambari e os Portuguezes — Uso commum da lingua bunda — Os mestiços ou mulatos portuguezes — Audiencia solemne de Shinto — Os portuguezes nativos e os Mambari na audiencia — O Kolta ou logar da audiencia — Saltos e cabriolas — Discurso de Sambanza — Mulheres de Shinto — Musica — Tambores — Marimba — Oradores — Audiencia solemne do Cazembe, descripta pelo padre Pinto — Hytanda — Pembrar ou Balhar — Evoluções dos soldados portuguezes, e descargas — Audiencia solemne do Muata-Cazembe, descripta pelo Major Gamitto — A Mossumba — O Chipango — O Muata — As mulheres do Muata — Os Quilôlos ou Vambires — Os musicos — Os bôbos — O Commandante — Toques e danças — O enviado — Saudaçào — Comparaçào e conclusões — Distineçào entre portuguezes e mulatos portuguezes, segundo Livingstone — Necessidade inevitavel de algumas repetições do que foi já dito — Os indigenas idolatras — Nota á observaçào de Livingstone — Gonçalo Caetano Pereira — Crueldades do Cazembe — O poder do Cazembe — Victimias humanas — Mutilaçào ou cortamento de membros — Barbaridades do Muata-Cazembe — Maxâmos — A grande executora — O tambor do Muata-Lequeze — Os guerreiros do Cazembe — O Cãta-Mata — Execuções — Religião dos Cazembes — O Matyanvo — O tratamento do Cazembe — O poderio do Cazembe — O Cazembe superior a Shinto e a Katema — O pa-

dre Pinto — Tombocação ou Pemberação — O príncipe Muenebnto — Pombe — Testimunho do Major Gamitto — Dominios e auctoridade do Cazembe — Injusta e mal cabida a censura do dr. Livingstone — O lago Dilolo — A palavra *ilolo* — Declaração de Katema — Os commerciantes não vão caminho sabido, mas por onde lhes convem — Evaporação das aguas — Os Chibocos — Diferença dos dialectos em harmonia com a dos matizes da côr dos indigenas — Dous dialectos predominantes de nascente a poente, e de norte a sul nas regiões africanas — O dialecto ou lingua bunda — Ê tão familiar, quasi como a lingua materna aos portuguezes d'África — Os portuguezes não tomaram em conta muitos objectos por não lhes vir d'ahi vantagem para o commercio — Ethnographia dos povos d'Angola — Lopes de Lima e Bowdich — O padre Canecatim — O padre fr. Francisco da Trindade — Os pombeiros angolenses — Os *Diarios* ou *Roteiros* de Pedro João Baptista — Os *Diarios* do dr. Lacerda, padre Pinto e Gamitto — Erros originados no differente modo de pronunciar as palavras, e na variedade dos dialectos — A lingua Monomotapa — Tão conhecida, e os seus dialectos, na Africa Oriental, como a lingua bunda, e os dialectos d'ella derivados, na Africa Occidental.

Expondo a sua theoria ácerca da estructura geologica da Africa central, o dr. Livingstone faz as seguintes observações¹: «Os caracteres da estação das chuvas, n'esta região extraordinariamente humida, podem dar d'alguma sorte razão das inundações do Zambeze, e talvez do Nilo. As chuvas parecem seguir o curso do sol, porque cahem em outubro e novembro, quando o sol passa por sobre esta zona caminhando ao sul. Ao entrar o tropico de Capricornio, a chuva cessa; e dezembro e janeiro são os mezes em que as sêccas mais avexam as visinhanças do tropico (desde Kolobeng até Linyanti). Regressando para o norte, em fevereiro, março e abril, temos as mais copiosas chuvas do anno, e as planicies que em outubro e novembro estão humedecidas por terem embebido agua como esponjas, agora, sobresaturadas, expellem aquellas torrentes d'agua limpida que inundam as margens do Zambeze. Igual phenomeno provavelmente causam as periodicas cheias do Nilo. Os dous rios nascem na mesma região, e a diferença no periodo da cheia provem porventura de caminharem para lados oppostos do equador. As aguas do Nilo, segundo dizem, correm turvas em junho, e a cheia eleva-se á maior altura em agosto, que é o periodo em que suppomos ter logar a supersaturação. Este assum-

¹ Chap. xxiv, pag. 475.

pto é digno da investigação dos que examinarem a região entre o equador e o 10° S. ; por quanto o Nilo não faz ver tão elevado crescimento quando o sol está no seu mais distante ponto N., ou tropico de Cancer, mas sim no tempo da volta ao equador, exactamente como na outra hypothese quando está em Capricornio, e o Zambeze recebe o seu influxo».

Em nota accrescenta o dr. Livingstone¹: «O que fica indicado é devido á minha propria observação, bem como ás informações de *portuguezes, conhecedores do interior d'Africa*, as quaes me foram dadas em Angola, e posso accrescentar que as observações de muitos annos por mrs. Gabriel e Brand, em Loanda, são inteiramente conformes. Alli chove do 1.º ao ultimo de novembro, porém dezembro e janeiro são ordinariamente mezes quentes e secos. As aguas mais abundantes começam no 1.º de fevereiro, e duram até 15 de maio. Posto não ter eu modo de medir a chuva cahida em Londa, tenho como certo que a quantidade annual excede muito a que costuma cahir na costa».

«Pelas informações (prosegue o dr. Livingstone) havidas dos arabes de Zanzibar, que eu encontrei em Naliele, no centro do paiz, a região situada a leste das terras de Londa por onde temos passado, lhes é semelhante na conformação. Referem que são páramos apaúlados, a maior parte sem arvoredos, tendo os habitantes de empregar a herba, e as hastes de trigo do paiz para alimento do fogo. Indica-se existir n'aquella direcção um grande lago pouco profundo, chamado Tanganyenka, para atravessar o qual em canoas são precisos tres dias. Proximo d'este acha-se outro, chamado Kalagwe (Garague?) mais ao norte, sendo porventura o Nyanja dos Maraves. D'este lago se deriva, mediante innumeraveis pequenos regatos, o rio Leopula², braço oriental do Zambeze, o qual vindo do nordeste, passa ao pé da cidade do Cazembe.

«A formação primitiva do valle do interior determinou o curso norte e sul do Zambeze para o centro, e tambem o das aguas que n'outro tempo corriam da bacia do Linyanti para o rio Orange, e igualmente dera direcção sul e norte á corrente do Kasai e do Nilo.

¹ Ibid., pag. 476.

² Pedro João Baptista declara ter atravessado o rio Leopula, e é elle igualmente mencionado pelo dr. Lacerda, padre Pinto, Gamitto, etc. Este braço do Zambeze central, como os demais, era muito conhecido dos portuguezes, que todavia, como de costume, nada particularisaram a tal respeito.

Achámos que entre as latitudes 6° e 12° S., d'onde com toda a probabilidade provem as aguas para aquelles rios, ha uma especie de elevada divisão longitudinal em todo o grande valle. Suppondo exacta a informação dos naturaes, que situam a humida região, á qual o Nilo e o Zambeze provavelmente devem a origem, dentro das latitudes indicadas, porque razão cahe alli maior quantidade d'agua do que nas mesmas latitudes ao norte do Equador? Etc., etc.»

Como se vê o dr. Livingstone manifesta aqui muito explicitamente a opinião de que a origem do Zambeze é a mesma que a do Nilo, mas isto não é tudo. O dr. Livingstone colligio varias observações que consigna em diferentes logares, as quaes servem como que de escoras áquella sua opinião. Aqui as indicarei. Descrevendo a sua descida pelo rio Leeambye e o valle de Barotse, diz Livingstone: «Quando chegámos a quasi 16° 16' de latitude S., as margens povoadas de alto arvoredo pareceu-nos desampararem o rio, e não mais appareceu o tse-tse. Vistas da bacia rasa, coberta de cannaveaes, para a qual o rio então corria, as margens pareciam prolongar-se em cordilheiras, com a mesma qualidade de arvoredo, na elevação de duzentos a trezentos pés, e estendendo-se para nor-nor-deste e para nor-nor-oeste até á distancia de vinte ou trinta milhas. O espaço intermedio, perto de cem milhas de extensão, deslizando-se o Leeambye quasi no centro, é o verdadeiro valle Barotse, que tem *intima similhaça com o valle do Nilo*, e é inundado annualmente, não em consequencia das chuvas, mas pelo Leeambye, exactamente como o baixo Egypto é inundado pelo Nilo. As aldêas dos Barotses são construidas sobre defesas, algumas das quaes dizem que foram elevadas artificialmente por Santuru, antigo chefe dos Barotses, e, durante a inundaçáo, todo o valle toma a apparencia de um grande lago, com as aldêas sobre as defesas como ilhas, do mesmo modo que succede no Egypto com as aldêas dos egypcios».

Passando (nota em outro logar o dr. Livingstone²) ao longo das margens (do Leeambye) por debaixo das arvores que sobre o rio se debruçam, vimos com frequencia rôlas, postas socegradamente

¹ Chap. XII, pag. 214.

² Chap. XIII, pag. 238 e 239.

nos seus ninhos, junto da corrente estrepitosa. Uma ibis¹ tinha formado o ninho na extremidade de um tronco. O «uá-uá-uá» penetrante e duro da ibis, e o grito do açor-marinheiro, são de certos que não podem ser esquecidos em nenhum tempo por quem navegou os rios ao N. do 20º S. Se abicamos á praia, o *charadrius caruncula*, uma especie de tarambola, enfadonho sollicitador da causa publica, vos persegue volteando por cima da vossa cabeça, e persevera em tentar transmittir aviso a toda a sorte de animaes ao alcance do seu brado, para que fujam do perigo que se aproxima. O grito de alarma «tinc-tinc-tinc» de outra variedade da mesma familia (*pluvianus armatus*, de Burchell) tem tanto do som metallico que este passaro é chamado «setula-tsipi» ou martello de ferro. Está armado de um agudo esporão, muito semelhante ao do gallo, mas que tem apenas meia pollegada de extensão. Conscio da força, persegue com muito furor o corvo de pescoço branco, e com quanto haja este maior corpo o obriga a soltar gritos de terror. É áquelle passaro, com o nome de *sik-sak*, e afamado pela sua amisade com o crocodilo do Nilo, que mr. St-John vio exercer as funcções de alimpador de dentes do deforme reptil. Encontram-se estes passaros frequentemente na mesma praia com o crocodilo, e, a quem passa a alguma distancia, affigura-se como pousando-lhe nas costas, porém eu nunca tive a boa fortuna de ser testemunha da operação descripta não só por St-John e Geoffroy St-Hilaire, mas tambem por Herodoto.

«Caminhámos (observa ainda o dr. Livingstone²) ao longo do rio (Zambeze) até ao ponto opposto ao monte Pinkwe (latitude 13º 39' 11" S., longitude 31º 48' E.), porém as ultimas aguas, que tinham cahido em abundancia, fizeram trashedor dar segunda vez o Zambeze, e grande quantidade de destroços era trazida pela corrente. É provavel que os frequentes alagamentos, que são o resultado das chuvas d'este lado da cordilheira, hajam tolhido aos portuguezes, que vivem junto da costa, verificar o modo particular de realisar-se a inundação no interior, e foi causa de acreditarem que a inundação tem logar logo depois das chuvas. Como o curso do Nilo segue em direcção opposta a esta, não re-

¹ Ibis ou ibe, ave do Egypto, especie de cegonha que se alimenta de serpentes, e as destrói, pelo que era tida em muita veneração pelos egypcios, que lhe tributavam as honras que pertencem á divindade.

² Chap. xxix, pag.º 602 e 603.

cebe as aguas subsidiarias, e por isso é facil reconhecer a época da inundaçào por toda a serie do seu curso. Se o Leeambye (o Zambeze) caminhasse para o sul a metter-se no mar em Cabo-Colonia (Cabo da Boa Esperança), a inundaçào seria semelhante á do Nilo. Não teriam n'elle influxo as torrentes do Kalahari, porque lá, como na parte correspondente do Nilo, não ha nenhuns afluentes.»

Em fim declara Livingstone ter encontrado em alguns braços e pantanos do Zambeze uma pequena planta fluctuante, *azolla nilotica*, a qual é propria do alto Nilo, e mui rara vez se acha na agua corrente¹.

Esta opinião do dr. Livingstone, foi a opinião de alguns dos nossos antigos mais notaveis viajantes e escriptores, e parecendo não de leve fundada, de sorte que não seria temeridade acceta-la como muito provavel, mais uma vez se nos mostra confirmada a asserçào, tantas vezes feita, de que nem Livingstone, nem nenhum outro moderno visitador das regiões africanas, tem escurecido ou feito pôr de parte o que, do conhecimento d'ellas havido, nos transmittiram os informadores portuguezes.

Vejamos agora o que diz a este ponto o padre João dos Santos, e não será precisa demasiada sagacidade para reconhecer que o dr. Livingstone fez sua, procurando amplia-la, a opinião do padre Santos.

«A este rio de Cuama (escreve o padre Santos²) chamão os cafres Zambeze, nace pola terra dentro tão longe, que não ha quem tenha noticia de seu principio. Dizem os cafres que este rio nace de uma grande lagoa, que está no meyo desta Ethiopia, da qual nadem outros rios muyto grandes que correm por diversas partes, cada um de differente nome.»

Esta é tambem a opinião, como já vimos, do auctor da *Historia das Guerras Angolanas*. Mas o padre Santos acrescenta³: «A causa desta fertilidade são as enchentes deste rio (Zambeze), que muitas vezes alagão os campos que correm ao longo d'elle, e mais particularmente no mês de Março e Abril, quando enchem outros rios, e ribeyras muy grandes, que se vem meter neste, e lhe acrescentão suas agoas, com cuja inundaçào ficão estas terras cheas

¹ Chap. xxxii, pag. 664.

² *Ethiopia Oriental*, liv. ii, cap. ii, fl. 44, v.

³ Id. *ibid.*, fl. 45.

de nata, e frutificação grandissimamente. Nestes dous mezes são as mórtes cheas deste rio, *sem nelles aver chuvas nestas terras, nem neves* que se desfaçam, e corraõ pera o rio, polo que se manifesta claramente *que vem estas agoas de muito longe, e causão aqui estas enchentes, como fazem as do rio Nilo nas terras do Egypto.* Neste tempo são estas terras muy doentias, por causa dos ares grossos, que ordinariamente se levantão das lagoas, e campos apaúlados, etc.»

O dr. Livingstone, que não perde nenhuma oportunidade de se inculcar pelo primeiro branco visto nos sertões africanos, tem a infelicidade de haver-se de modo que fica facil o demonstrar que as suas asserções carecem da necessaria exactidão. Entrado nos territorios dos Balondas, e dos Ambondas, e dispondo-se a visitar Manenko, senhora d'aquellas povoações, affirma o missionario inglez, que muito grande numero de pessoas vieram cumprimentar o primeiro branco, que tinham tido oportunidade de ver. Entretanto logo depois declara que, ao continuar na sua marcha, quando atravessava a confluencia do Liba e Makondó, um dos homens da sua comitiva apanhara o pedaço de uma cadêa de aço de relógio de manufactura ingleza, e que fôra informado de que os Mambari costumavam alli passar indo para Masiko¹.

A quem pertencia a cadêa de aço, aos Mambari ou aos portuguezes, mulatos ou não, para os quaes, segundo tivemos occasião de observar, era constante practica d'aquelles acompanhar-se, para fazerem no interior as suas digressões commerciaes? Ninguem, segundo penso, dirá, que não seja muito mais provavel que pertencesse a algum dos portuguezes. Em todo o caso é certo que os portuguezes, mantendo trato frequente com estes differentes povos, para o que lhes dava a maior facilidade o uso commum da lingua bunda, não podiam deixar de ser conhecidos, de nomeada ao menos, por os povos dos quaes diz o dr. Livingstone que fazia elle a admiração. Porém não me limito a mera supposição, porque não é só por fama que os portuguezes haviam de ser alli conhecidos, mas sim pessoalmente. Como aqui mesmo confessa Livingstone os Mambari são mercadores sagazes, que sabem negociar, e por isso os portuguezes não só os empregavam como seus agentes e commissionados, senão que

¹ Chap. xv, pag. 271.

formavam d'elles principalmente a sua comitiva, quando resolviam ir em pessoa realizar no interior resgates de maior monta. É possível pois que n'uma ou n'outra povoação, d'uns ou d'outros não houvessem nunca sido vistos, porque não é provável que não deixassem povoação por elles não transitada; mas não pôde acceitar-se na sua generalidade a proposição de Livingstone, como que intentada a fazer acreditar que os portuguezes, n'aquelles territorios, eram totalmente ignorados: está isto em total desharmonia com o que nos ensina a historia particular das nossas cousas de Africa, e nos persuade a mesma natureza das cousas, e não menos com o que o mesmo Livingstone umas vezes deixa entrever, e outras assella sem rodeios, revelando-nos ter encontrado portuguezes quasi em todas as regiões por elle percorridas¹. Procura elle attenuar a impressão das suas declarações, não lhes chamando simplesmente portuguezes, porém mestiços, dos quaes todavia louva a cuidadosa educação². Comtudo a coartada, como já foi notado, está abaixo de toda a critica, porque não é o mero accidente da còr mais ou menos branca e rosada, que faz que deixe de ser membro da nação britannica ou portugueza aquelle que tem direitos legitimos a ser considerado como fazendo parte d'uma ou d'outra. E vem a ponto desde já aqui advertir, que as expressões dos indigenas «o primeiro que viam» e «nunca viram» não significam senão sómente que «poucos ou poucas vezes tinham visto», como em outro lugar declararei mais cabalmente.

Acompanhemos agora o dr. Livingstone á audiencia solemne, com que o honrou o potentado Shinto, e veremos que, supposto Livingstone fizesse uma descripção ambiciosa, de sorte que se enxerga mais do que porventura convinha a mão do auctor, comtudo nada accrescentou de notavel novidade ao que sabiamos das audiencias dadas pelos reis do Cazembe aos commandantes das expedições do dr. Lacerda e do Major Monteiro, descripta aquella pelo padre Pinto, e esta pelo sr. major Gamitto. O dr. Livingstone parece haver tido diante dos olhos as obras d'estes nossos escriptores.

«Terça feira 17 de janeiro (1854)—Fomos honrados (narra Livingstone³) com uma grande recepção por Shinto. Sambanza re-

¹ Chap. xvi, pag. 289.

² Chap. xxii, pag. 442.

³ Chap. xvi, pag. 291.

clamou a honra de nos apresentar, porque Manenko se achou um tanto doente. Os *portuguezes nativos e os Mambari* iam armados de espingardas a fim de darem uma salva a Shinto, fazendo o tambor e o trombeteiro todo o arruido que lhes era possivel com instrumentos muito velhos. O Kotta, ou logar da audiencia era uma praça de perto de cem jardas, e viam-se em uma das extremidades dous agradaveis specimens de uma especie de baniána¹. Debaixo de uma d'ellas estava assentado Shinto, sobre uma especie de throno, coberto com uma pelle de leopardo; trajava com vestia variegada, saiote de baeta vermelha agaloada de verde, pendiam-lhe do pescoço muitos fios de contas grossas, e os braços e as pernas enfeitadas com braceletes e varios ornamentos de ferro e de cobre, na cabeça tinha posto uma sorte de capacete feito de contas de vidro entretecidas com primor, e coroado de grande pennacho de pennas de pato. Proximo a elle estavam assentados tres mancebos com grandes feixes de settas sobre os hombros.

«Quando entrámos no Kotta a comitiva de Manenko saudou Shinto batendo palmas, e Sambanza prestou obediencia, esfregando o peito e os braços com cinza. Achando-se desoccupada uma das arvores, a ella me acolhi por amor da sombra, e o mesmo fizeram todos que me acompanhavam. Estavamos quasi a quarenta jardas distantes do chefe, e podiamos ver toda a cerimonia. As differentes secções da tribu approximaram-se, como nós tinhamos feito, e o cabo de cada uma dava obediencia, esfregando-se com cinza, que para aquelle effeito tinha trazido. Vieram depois os soldados armados até aos dentes, correndo e vozeando em direitura a nós, com as espadas desembainhadas, e desfigurando com tregeitos o rosto para se nos mostrarem mais ferozes, a fim, cuido eu, de experimentarem se poderiam fazer-nos dar aos calcanhares. Como o não conseguiram, deram meia volta, dirigindo-se para Shinto, e o saúdaram: em seguida retiraram-se. Depois que todos chegaram, e se assentaram, tiveram começo os curiosos saltos e cabriolas, que geralmente se usam n'aquelles actos solemnes. Um homem se levantou, e representou as attitudes mais apreciadas e actualmente em uso no combate, como se arremeçasse uma lança, e recebesse outra no escudo, saltando para um lado a fim de evi-

¹ Arvore, cujos ramos pendem para a terra, e, tomando n'ella raiz, engrassam e formam novos troncos, etc.

tar a terceira, correndo á retaguarda, e avançando para a frente, dando varios saltos, etc. Passado isto Sambanza e o interprete de Nyamoana marcharam ávante, e, recuando em frente de Shinto, contaram em alta voz tudo que tinham podido saber a meu respeito, e da gente da minha comitiva, do que me tinha succedido, e das minhas ligações com o Makololo, da volta dos captivos, do meu intento de abrir aquelles territorios ao commercio, da Biblia, como palavra descida do céu, do desejo do homem branco de que as tribus vivam em paz, o que elle devia ter ensinado primeiramente aos Makololo, porque os Balonda nunca os atacaram, e comtudo elles tinham sobresalteado os Balonda. «Talvez elle mente, talvez não, pense cada qual o que lhe parecer, porém como os Balonda têm bom coração, e Shinto nunca avexou ninguem, sem duvida julgou melhor receber bem o homem branco, e deixa-lo proseguir o seu caminho». Sambanza estava pomposamente adornado, e, alem de grande quantidade de contas, trajava uma especie de manto de tão grande comprimento que um rapaz, que o seguia, o levantava do chão, tomando-o, como se fosse cauda.

«Detraz de Shinto estavam assentadas umas cem mulheres, vestidas com o melhor que tinham, que succedeu ser grande abundancia de baeta encarnada. A principal mulher de Shinto, de origem Matebele ou Zulo, estava assentada defronte d'elle com um peregrino toucado de côr escarlata na cabeça. Durante os intervallos dos discursos, estas mulheres entoavam uma sorte de cantiga lastimosa, mas foi impossivel a cada um de nós verificar se era em louvor dos oradores, de Shinto, ou d'ellas mesmas. Foi esta a primeira vez que vi mulheres presentes ás assembléas publicas. No sul não se permite ás mulheres entrar no Kotta, e até mesmo, quando são convidadas a ir alli tomar parte em algum acto religioso, não entram emquanto não recebem para isso ordem do chefe; porém aqui manifestavam a sua approvação dando palmas, e rindo-se para os oradores, e Shinto com frequencia voltava para ellas o rosto e lhes fallava.

«Uma banda de musicos, que constava de tres tambores e quatro tangedores de marimbas¹, fizeram por vezes o gyro do Kotta,

¹ O dr. Livingstone chama piano á marimba, mas, a explicação, que logo adiante nos dá, tira a occasião a alguma duvida, que podesse ter logar.

e nos regalaram com a sua musica. Os tambores são abertos n'um pedaço de tronco de arvore, tem um pequeno buraco ao lado, tapado com uma especie de têa de aranha, as extremidades estão cobertas com a pelle de um antelope, que está pregada com cavilhas de páo, e quando pretendem entesa-la, chegam-na ao fogo para obriga-la a contrahir-se. O instrumento é batido com as mãos.

«O piano, chamado «marimba» consta de duas peças de madeira collocadas uma em face da outra: aqui são direitas, porém, mais para o norte são curvas, de modo a similhar metade da roda de uma carruagem; estão dispostas através quinze teclas de páo, cada uma das quaes tem quasi duas pollegadas de grossura, e quinze ou dezoito de comprimento, o seu maior ou menor volume é regulado pela profundeza do som que se pretende tirar. Cada uma das teclas tem por baixo uma cabaça, da parte superior da qual está cortada certa porção, a fim de poder abraçar as peças de madeira, e formar o tampo concavo e sonoro para o jogo das teclas, que tambem são de diferentes tamanhos, conforme ao tom que querem tirar d'ellas: o instrumento é tangido com pequenas baquetas. A rapidez da execução é muito admirada entre elles, e a musica é agradável ao ouvido. Em Angola os portuguezes usam da marimba nas suas danças.

«Depois que terminaram nove oradores os seus discursos, Shinto se levantou, e outro tanto fizeram todos os demais. Elle tinha conservado nas maneiras verdadeira dignidade africana durante todo aquelle acto, porém a gente da minha comitiva observou que quasi não tirara de mim os olhos nem por momentos. Estiveram presentes, segundo o meu calculo, mil pessoas e trezentos soldados. O sol tinha aquecido em demasia, e findou a scena disparando os Mambari as suas espingardas.»

Não me deterei a reproduzir a scena da audiencia dada por Kalembe ao dr. Livingstone, porque não offerece nenhuma circumstancia extraordinaria; a audiencia de Shinto, que nos acaba de ser narrada, é a mais solemne das que foram dadas ao dr. Livingstone. Vejamos agora a singela descripção que faz o padre F. J. Pinto de identico acto na côrte do Cazembe¹.

«Dia 28 de novembro (1798)—Neste dia deu o Cazembe com

¹ *Diario do padre F. J. Pinto, Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 155 e 156, 1845.

maior solemnidade a primeira audiencia aos Muzungos, que tinham ficado atrazados com a segunda divisão. Estava elle assentado na sua Hytanda, tamborete baixo, raso, feito ao gosto do paiz, forrado de xale, fazenda pintada do Norte, na porta principal da sua casa. Todo o terreiro, que é espaçoso, achava-se occupado de um grande povo, adiante do povo estavam assentados os seus grandes, até o seu filho e irmão, mas no chão descoberto. Todos applaudiam com as palmas, que batiam, qualquer palavra, ou vista que seu Rei deitava, e estas palmas eram acompanhadas de gritos, e vozes de alegria, ao que os outros acompanhavam com toques de marimba, e outros instrumentos ao seu uso; porém rapidamente, segundo o Rei lançava a vista, ou fallava, porque neste tempo só tocavam e batiam palmas os que estavam daquella parte para onde elle via ou fallava; os da outra parte em silencio. Os grandes não só batiam as palmas, mas tambem tomavam terra, e com ella esfregavam braços e peito, signal de humildade, e aqui tambem de rendimento de vassallagem.

«Á nossa chegada o Rei já estava fôra de suas casas, e no logar que disse, com pequena fogueira diante de si, cercado de varias pontas em que tinha os seus remedios preservativos de feitiços; e como para nossa assistencia estava determinado certo logar do mesmo terreno, alguns trinta passos distante daquelle em que elle estava, para ali fomos conduzidos pelo Fumo Anceva, que era nosso conductor, e logo ficámos cercados de grande multidão de gente, que tinha concorrido para ver. Fumo Anceva foi pôr-se de joelhos quatro passos arredado de seu amo, para estar recebendo as suas ordens. Immediatamente sahio Catára, cafre Micremda, que tinha estado em Tete, e havia acompanhado a expedição, e se poz logo a pembrar, isto é, a balhar, como aquelles cafres fazem em signal de alegria, fazendo pausa nos saltos que dava; quando chegou na visinhança do Rei, que lhe ficava distante alguns oito passos, entrou a mostrar com a faca que tinha na mão a parte onde julgam lhes fica Angola, e onde dizem estar Tete, vindo a significar que elle Cazembe era muito feliz, pois attrahia as correspondencias daquellas duas partes.

«A tropa, que tambem assistio nesta occasião, fez algumas evoluções, e deu descargas, de que o Cazembe summamente gostou. Mandei cumprimenta-lo, porém os cafres de Gonçalo Caetano Pereira, que serviam de interpretes, ao mesmo tempo que davam o

recado, offerciam o presente de 70 pannos e uma mutava de velorio, que eu levava de bocca. Cazembe respondeu sómente que passava bem, e, mostrando satisfação, mandou recolher o presente, deu em retribuição 3 dentes de marfim de mais de uma arroba cada um, e 2 escravos, e logo se retirou.

«Assim acabou a primeira audiencia, que Cazembe nos deu, se se póde chamar audiencia.»

Ouçamos agora o sr. Gamitto¹.

«Novembro 20 (1831)—Pela manhã fomos avisados para ir á presença do Muata-Cazembe, que esperava as pessoas principaes da expedição. Como já d'antemão estavamos prevenidos, marchámos com o apparato possivel, indo o destacamento com armas commandado pelo seu respectivo chefe, e tendo-nos sido indicado que cada um de nós devia levar alguma cousa para offerecer ao Muata, a fim de elle saber, em vista das offertas, quantas e quaes eram as pessoas com quem devia corresponder-se, cada um de nós levou uma peça de fazenda.

«Chegando á Mossumba (residencia do Mambo²) entrámos na grande praça, que já estava cheia de immensa gente, collocada de modo; que, no meio d'ella, havia livre um espaço pequeno quadrangular defronte da porta de leste do Chipango, nome que os Cazembes dão aos recintos que fecham as suas habitações; mas, quando fallam sómente no Chipango, é intendido que tratam da residencia do Muata, referindo-se a uma residencia particular, dizem o Chipango de ..., etc. Este é excessivamente maior, mais alto, e de melhor construcção que nenhum outro.

«A gente de guerra que estava postada na praça, é a força que está em Lunda, e formaria uns cinco a seis mil homens, todos armados de arcos e flechas, poucué³ e azagaia; todos estavam em pé, sem apparencia alguma de disciplina militar. O Muata estava sentado ao lado esquerdo da porta de leste da Mossumba, serviam-lhe de alcatifas muitas pelles de tigre postas com a cauda para fóra, as quaes formavam uma figura de estrella no centro, e cobrindo estas pelles havia uma enorme pelle de leão, e sobre ella

¹ *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 236 e seguintes.

² Mambo significa chefe, regulo, o principal de uma tribu ou nação africana.

³ Especie de faca de ponta, de mais de um palmo de comprimento, com dois gumes.

um tamborete coberto com um amplo panno verde. Nesta sorte de throno estava sentado o Muata, o qual se achava vestido com uma elegancia e apparatusa grandeza, como ainda não vi a Mambo algum.

«Ornava-lhe a cabeça uma especie de mitra de fórma pyramidal, de altura de dous palmos, feita de pennas escarlates de côr mui viva. Cingia-lhe a testa um diadema feito de pedras, que pela variedade de côres e suas qualidades fazia uma vista muito brilhante. Na parte posterior da cabeça erguia-se da nuca uma tira de panno verde do feitio de um leque, sustido por duas pequenas flechas de marfim. O pescoço e hombros estavam cobertos com uma especie de murça, cuja parte superior era feita de fundos de buzio. Seguia-se uma faixa de lindas pedras falsas de vidro, e na parte inferior havia uma guarnição de pequenos espelhos redondos e quadrados, postos alternadamente e com symetria, que caía igualmente sobre os hombros, peito e costas, com o que rematava a murça, e onde não se podia fixar a vista quando por acaso lhe chegava algum raio do sol. Em cada braço, e acima do cotovello tinha posta uma faixa de panno azul da largura de quatro pollegadas, cujas bordas eram guarnecidas com tiras mui finas de pelle, cujo cabello de quatro a cinco pollegadas de comprimento, era de côr branca e preta, adorno de que só o Mambo Cazembe e os seus proximos parentes podem usar, porque é uma insignia real. Do cotovello até ao pulso o braço estava ornado com um fio de pedras azues claras.

«Do embigo até aos joelhos cobria-lhe o corpo um panno amarello com duas orlas de cada lado da largura de quatro dedos cada uma, sendo a superior azul e a outra encarnada. Tendo este panno umas poucas de braças de comprimento, a maneira de o vestir é ajustando uma das extremidades ao corpo, a qual é pregada ao mesmo panno com uma pequena flecha de marfim, posta por cima do embigo, e sobre este ponto se vai collendo todo o resto do panno em pregas miudas e muito iguaes, e, quando está todo assim collido, é cingido por uma tira de couro crú, formando por isso as pregas uma roseta. Ao panno chamam Mucômo, e á cinta de panno Insipo.

«Esta tira é cortada da pelle de um boi em todo o comprimento do espinhaço, desde o cachaço até á cauda inclusive, ficando com a largura de cinco a seis pollegadas. Quando o Insipo cinge o Mu-

cômo, fica a borla da cauda caída debaixo da roseta ou leque de pregas mencionado. O Muata tinha pendente ao lado direito, e seguro no Insipo, um fio de pedras, em cuja extremidade estava uma pequena campainha que, quando elle andava, tocando-lhe nas pernas se fazia ouvir compassadamente e por intervallos. Dos joelhos para baixo, em torno das pernas, trazia uns fios de pedras iguaes ás dos braços. Vestido e ornado d'esta maneira não apparecia nu senão o rosto, mãos e pés. Todo o resto do corpo estava coberto com muita elegancia e bom gosto.

«Serviam-lhe de docel, abrigando-o dos raios do sol, sete umbrellas ou grandes chapéos de sol de varias côres, que estavam seguros na terra por compridos bambus revestidos de fazendas de côres, que são fabricadas pelos mesmos Cazembes. Em torno das umbrellas estavam doze negros vestidos com simplicidade e aceio, cada um dos quaes tinha na mão uma cauda de Nhumbo do feitio de uma vassoura, tendo a parte que lhe servia de cabo forrada de missanga de côres, matizadas com symetria. Estas caudas eram agitadas a um mesmo tempo, como para desviar as moscas, quando o Cazembe dava signal com outra mui pequena que tinha na mão. A pouca distancia d'elle, outros doze negros com vassouras andavam a passos vagarosos olhando para o chão, varrendo e juntando todas as hervinhas e outras cousas, por mais insignificantes que fossem, que achavam; e eram seguidos por outros dois, que caminhavam com a mesma gravidade, trazendo cada um d'elles suspenso aos hombros um cabaz, no qual recolhiam tudo quanto os primeiros juntavam. Tanto uns como os outros nada tinham a fazer pela limpeza que havia, mas a etiqueta não dispensa estes misteres.

«Das extremidades da cadeira do Muata partiam duas curvas, que se iam encontrar a uns vinte palmos em frente d'elle. A linha da esquerda era descripta por um risco aberto na terra, e a da direita feita com a impemba, que é uma sorte de giz. Em frente do Cazembe, fóra das linhas curvas, estavam postas em duas fileiras paralelas varias figuras que partiam do lado das curvas, formando uma ala de tres palmos de largura. O tamanho das figuras, todas em meio corpo, era de dois palmos, e estavam seguras em páos cravados na terra. Estas figuras eram toscamente feitas, tinham todas as feições cafriaes, e estavam adornadas com pontas de ani-maes. No meio da ala, e na sua extremidade mais proxima ao Ca-

zembe, estava uma gaiola com o feitiço de um barril, dentro do qual havia outra figura mais pequena. Junto ás ultimas duas figuras exteriores que terminavam a ala, estavam dous negros sentados no chão e voltados para ellas, e diante de si tinham um pequeno vaso de barro com brazas, em que continuamente deitavam folhas que produziam um espesso fumo aromatico. Todas estas figuras estavam com as costas voltadas para o Cazembe. Debaixo da ultima da direita, que estava ao pé do perfumador, saía uma corda fina que chegava aos pés do Muata. Não vi qual fosse a sua serventia.

«A porta do Chipango achava-se aberta, e no meio d'ella estavam sómente as duas principaes mulheres do Muata, a primeira á direita, sentada em um tamborete e envolvida em um grande panno verde, tendo os braços, pescoço e testa ornados com pedras de diferentes côres, e na cabeça um ornato de pennas escarlates semelhante ao do Cazembe, porém mais pequeno; esta primeira mulher tem a denominação de Muáringômbe. A segunda mulher, que estava á esquerda, e sentada no chão sobre uma pelle de leão, vestida simplesmente com um panno, e sem ornamento algum, tem a denominação de Intemêna. Por traz d'ellas estavam mais de quatrocentas mulheres de varias edades, todas em pé e vestidas de Nhandas¹, as quaes todas são mulheres do Chipango ou Serralho, porque aquella palavra tem esta significação. As ditas mulheres estão divididas pelas quatro mulheres grandes, de quem são servidoras.

«Ao lado esquerdo do Cazembe estava sentada no chão sobre uma pelle de leão uma negra ainda môça, á qual abrigavam do sol duas umbellas, e achava-se vestida como a Muáringômbe: ella tem o titulo de Nine-Amuana (mãe do Muane ou Muata), e atraz d'ella estavam em pé umas duzentas negras vestidas de Nhandas, as quaes lhe serviam de estado. Este titulo que tem pertenceu-lhe por herança em rasão do proximo parentesco, quando falleceu a verdadeira mãe do Cazembe.

«Dentro do quadro formado pela guarda estavam em semicirculo, em torno do Muata com frente para elle, e a distancia de trinta passos, todos os Quilôlos, ou Vacubires, que são os gran-

¹ *Nhanda* é uma especie de panno de cascas d'arvore, de que os cafres se servem para cobrir as partes pudendas.

des da côrte, sentados em pelles de leão ou tigre, tendo cada um d'elles a sua umbella, e estavam vestidos do mesmo modo que o Mambo com excepção da murça e das pennas escarlates, porém com muito aceio e apparatus, e postos em ordem segundo a sua jerarchia. No meio do semicirculo, fazendo parte d'elle, distinguiam-se dois, que pelas pennas escarlates e faxas nos braços, semelhantes ás do Muata, mas mais pequenas, davam logo na vista; estes eram seus parentes, um d'elles era seu thio, chamado Calúhã, e o outro sobrinho, por nome Suana-Muròpue.

•Entre o Cazembe e os Quilôlos estavam os musicos divididos em coros, tocando instrumentos de diferentes fórmas e sons, sendo todos muito differentes dos que temos visto entre os outros povos por onde transitámos, cujos sons variados produziam um motim confuso, por tocar cada còro sobre si, mas applicando a attenção a um só còro, achava-se uma certa harmonia e consonancia agradável.

•Por entre os musicos, e proximos ao Muata, andavam varios bobos cobertos ridiculamente com pelles de tigre deitadas pelas costas abaixo, e com as cabeças d'estas pelles cobriam as suas proprias cabeças, trazendo nú o resto do corpo. Outros tinham a cabeça enfeitada com pontas de animaes, e traziam palhas negligentemente postas na cintura, como se devessem servir-lhes de compostura, mas que pelo modo por que estavam postas pareciam indicar a descompostura. Outros apresentavam-se com umas tiras de pelles cahidas da cintura, mas da mesma forma inteiramente nus, tendo o corpo todo pintado de riscos encarnados e brancos. Outros, finalmente, andavam com as cabeças e rostos cobertos de hervas, e o resto do corpo nú. Ornados por este modo, todos estes bobos faziam gestos e tomavam attitudes ridiculas, ao que, porém, ninguem dava ou parecia dar attenção.

•O grande numero de individuos reunidos e esta variedade de ornatos, apresentava uma perspectiva confusa, mas apparatusa.

•O Muata-Cazembe representava ter cincoenta annos, mas, segundo informações, tem muito mais idade. Usa as barbas grandes, que são já encanecidas. É grosso e de estatura alta, e conserva uma robustez e agilidade que promette longa duração, o seu ar é agradável e magestoso, e o seu estado e tratamento é, a seu modo, apparatuso. O que é certo é que nunca esperámos achar tanta etiqueta, ceremonial e ostentação no potentado de uma na-

ção tão remota da costa marítima, e em uma nação que parece tão barbara e selvagem.

«Quando chegámos diante do Cazembe, e estando entre elle e os Quilólos, fizeram-nos parar, e então o commandante mandou apresentar armas, e fez dizer ao Mambo que isto era continencia feita a elle, ao que correspondeu com uma grave cortezia de cabeça, e mandou agradecer.

«Como todos nós estávamos em pé, o Muata ordenou que um dente grande de marfim, coberto com uma pelle de tigre, fosse posto ao pé do commandante, mandando-lhe dizer que era para elle se sentar, mas como não deu assento para mais nenhum de nós, pelo que, ou havíamos de ficar em pé, ou sentados sobre a terra, representou o commandante que não podia sentar-se emquanto os mais Muzungos estivessem em pé, e que isto não era praticavel entre nós, ao que respondeu com um sorriso, e mandou para cada um uma pelle de tigre.

«Depois de estarmos sentados defronte d'elle e proximos ás figuras, fez um leve signal com a cabeça, e logo romperam os toques e danças, que duraram muito tempo; divertimentos estes que são totalmente differentes dos que vimos entre os mais povos. Quando o Cazembe-Ampata, isto é, o enviado que nos acompanhou de Tete, saiu a dançar diante do Cazembe, este estendeu para elle ambas as mãos, e disse-lhe «uávinga» palavra que literalmente significa «fizeste bem» (o que é a maior honra que elle costuma fazer). Immediatamente o enviado e todos os mais da sua comitiva prostraram-se no chão, barraram-se com terra da cintura para cima, gritando amiudadas vezes «Averié, Averié».

«E logo, voltando-se o Mambo para um e outro lado, e dirigindo-se aos Quilólos, fez-lhes um signal, em consequencia do qual todos se levantaram e vieram saudar o enviado, o qual, para os receber, ficou de joelhos. Então os de superior ou igual jerarchia, cada um de per si, chegaram-se a elle, e mutuamente enlaçaram os braços, segurando-se os sangradouros com as mãos. Os Quilólos de jerarchia inferior, porém, não lhe tocavam, mas chegando-se diante d'elle levantavam ambos os braços, estendendo as mãos abertas para o ar; ao que elle correspondia da mesma forma a cada um, conservando-se sempre de joelhos. Foi sómente quando acabaram todos de o saudar, e que findou a cerimonia, que elle se levantou. O commandante fez então dizer ao Muata que

o queria tambem saudar com uma descarga o que approvou, e logo que esta se deu, pediu que dêsse outra, o que se fez. E concluida assim a solemnidade, despediu-nos, e mandou de presente ao commandante uma escrava.»

Da comparação d'estas differentes descripções vê-se manifestamente que, não só nenhuma novidade offerece a do dr. Livingstone, senão tambem que posto pareça que sem temeridade possa inferir-se, que, quando poz a derradeira mão na que ficou transcripta, lhe estiveram presentes, ao menos na memoria, as dos dous citados escriptores portuguezes, comtudo foi muito mais solenne a audiencia do Muata que a de Shinto; e d'esta se deprehende com segurança ser elle um potentado de muito maior poder e respeito do que Shinto, apesar do que pretende insinuar em contrario o dr. Livingstone¹. Em outro lugar verificaremos o nenhum fundamento d'esta invejosa insinuação.

Outra conclusão deve tambem tirar-se, e é a de que, depois de taes actos de tão grande solemnidade, como os que descrevem o padre F. J. Pinto e o sr. Major Gamitto, aos quaes assistio tão numerozo concurso de espectadores, quer vassallos, quer dependentes do poderoso potentado Cazembe, não é possivel que os brancos fossem ignorados, como a todo o momento insiste o dr. Livingstone, nos varios territorios quer limitrophes, quer algum tanto mais apartados da côrte do mesmo Cazembe. Não é possivel, porque em ambas as expedições se contavam alguns brancos, e em ambas havia muitos portuguezes. Por toda a parte as testemunhas d'aquellas notaveis solemnidades haviam de referir necessariamente, o que tinham alli presenciado, e o que por tal occasião tinham ouvido: digo *necessariamente*, porque está isto na natureza do homem, e aquellas noticias não só haviam de transmitir-se de paes a filhos, mas não podiam ficar encerradas dentro das terras cazembistas, ao que se oppunha a vaidade dos que, para engrandecimento das cousas suas proprias, não deixariam nunca de memora-las entre os povos, aonde os levavam ou as digressões commerciaes, ou a necessidade imposta pelo forçado trafego de vida, como a sua, incerta e aventureada. De uma e outra cousa temos provas incontestaveis, porque no seu *Diario* o sr. Gamitto attesta, que o Muata alludia com frequencia, embora va-

¹ Chap. xxix, pag. 587.

gamente, aos tempos de seu pae, e da expedição commandada pelo dr. Lacerda, e o mesmo dr. Livingstone mais de uma vez com referencia a diversos assumptos se expressa em analogo sentido¹.

É verdade que o dr. Livingstone, como para preoccupar esta argumentação, aliás obvia, não deixa de fazer a costumada e inepta distincção entre portuguezes e mulatos, confessando a todo o instante serem estes em toda a parte conhecidos, pois que em toda a parte se encontravam; mas negando que dos brancos, isto é, dos portuguezes houvesse alguma noticia em muitas das terras por onde elle transitara. É desnecessario insistir aqui na improcedencia d'esta distincção de todo o ponto arbitraria e infundada. Já disse de sobra em outro lugar com respeito a este assumpto: tão portuguezes são os filhos de portuguezes nascidos na Asia, Africa, America ou Oceania, como os filhos de portuguezes, que lhes nasceram na Europa. O dr. Livingstone não descursa aproveitar-se da mais insignificante circumstancia, que se lhe affigure accommodada a realçar a propria gloria, e a offuscar a dos portuguezes, porém cega-o este mesquinho empenho, e, em vez de ferir golpes certos, desvaira e desatina.

É por esse motivo que Livingstone faz menção d'um velho, que, tendo visto muitas cousas maravilhosas, todavia não vira nunca branco algum², e é tambem por isso que pouco antes assevera³, que nem dos mesmos M. Caetano Pereira e dr. Lacerda, podera colher noticias, senão d'outiva, a não larga distancia do Cazembe. porque em varias partes lhe disseram que tinham alli sabido da ida d'elles a Lunda, mas que nunca os tinham visto, porque por aquellas terras não haviam transitado. Já me referi a estas que direi pequenas, por não chamar-lhes futeis, observações do dr. Livingstone; e é, como da mesma sorte mais de uma vez tenho advertido, cousa sobre modo molesta o estar-me repetindo: mas que remedio? Pareceria a alguem fallencia de rasão o não manter a repulsa, quando o adversario mantem a aggressão injusta.

Agora não deixarei sem reparo uma nota do dr. Livingstone, a

¹ Chap. xxvii, pag. 555.

² Chap. xvii, pag. 307.

³ Id. *ibid.*, pag. 305.

qual, neste logar me cahe debaixo dos olhos, e que diz assim: «Varios incidentes, que tiveram logar subseqüentemente, tornaram manifesto que os (indigenas) idolatras não são tão virtuosos, como os que não tem idolos». A nota é inepta, porque foi tão curta e demora do dr. Livingstone entre aquelles povos, que não era possível que podesse colligir, durante ella, factos bastantemente numerosos e importantes, que lhe permittissem formar conceito assás auctorisado para obrigar o nosso assentimento. Porém ha maior motivo de reparo ainda na intenção iconoclasta do missionario protestante: não quer perder o ensejo, por elle mesmo procurado, de resvalar menos lealmente, e como que occultando a mão, sobre os catholicos um golpe, que presume ha de abrir-lhes ferida. A questão do culto das imagens não é já agitada, nem nas escholas, senão para exercicio de argumentação, porque desde ha muito está reconhecido, que, pondo á parte as considerações puramente theologicas, a practica da igreja catholica, fundada não só na tradição religiosa, senão na propria natureza do homem, auctorisada pelos seculos, e que triumphou das temerosas violencias e brutal perseguição do fanatismo armado de todos os meios de destruir e vencer, é tão racional com respeito aos homens esclarecidos que a comprehendem e applaudem, como com respeito á massa geral das populações, que, por incapazes de quaesquer esforços especulativos, carecem de ter aos olhos d'alguma sorte materialisado o objecto, que, dando emprego ás idéas e pensamentos, fixa a attenção, e tolhe que o espirito, alheado e confundido, se hallucine e desvaire. Se pretenderdes que os povos, geralmente, sejam meros espiritualistas, sêde certos que os tereis atheistas grosseiros e estremes. Perdôe-se-me a digressão a que fui forçado para sahir ao encontro a uma piéguice protestante; e passarei já a tomar conta de duas outras asserções do dr. Livingstone, que tão pouco podem passar sem correctivo.

O dr. Livingstone censura M. C. Pereira de ter exaggerado as crueldades do Cazenibe, e de ter exaggerado igualmente o seu poder. «Indagando eu, escreve Livingstone, se ainda se faziam sacrificios humanos, no reino do Cazembe, como no tempo de Pereira, informaram-me que taes sacrificios nunca tinham sido tão communs como Pereira os representara, e que só tinham logar occasionalmente, quando o chefe carecia de certos encantamentos, porque então era morto um homem por serem para aquelles precisas al-

gumas partes do seu corpo¹». N'outro lugar accrescenta: «O Cazembe alem de ser visitado por Lacerda, tambem o foi por Pereira, que deu do poder d'aquelle chefe grandiosa informação, a qual não foi confirmada pelas minhas investigações²».

Examinemos até que ponto são exactas estas duas arguições.

Á primeira das arguições encarregou-se de responder o mesmo Livingstone, pois que declara ser certo, como acabamos de ver, que o Cazembe sempre que queria refazer os seus encantos mandava matar um homem, a fim de haver as partes do corpo humano para elles precisas. Parecerá isto pouco ao dr. Livingstone? Porém temos provas sobejas e competentemente auctorizadas, para nos certificarmos de que Pereira não sem fundado motivo se indignou contra as barbaridades do Cazembe.

No *Diario* do padre F. João Pinto³ se refere, entre outros factos, os seguintes, que servem de prova cabal da asserção de M. C. Pereira.

«Dia 4 e 5 de Janeiro (1799)—De tal sorte foi crescendo a enfermidade de Cazembe, que a sua melhora já causava desconfiança. . . Os seus medicos *não se fartavam de sacrificar quantas victimas humanas podiam immolar ás suas fantasias*, e á sua barbara politica. Sahiam pela manhã, ao meio dia, e pelas 10 horas da noute tocando seus tamborinhos pelos caminhos, e, *todos aquelles que elles apontavam, logo eram tomados como feiticeiros, e sem remissão mortos*: quantos cafres não morreram n'esta occasião!»

Com referencia aos dias 20 e 21 de fevereiro (1799), relatando as qualidades do Cazembe, escreve o padre Pinto⁴: «Quasi de ordinario os seus castigos são de pena capital, ou pelo menos de cortamento de mãos; e é barbara, pois *em todas as luas novas envia um cafre ao seu medico, para o matar* e com o seu sangue, coração e alguma parte das entranhas preparar os seus remedios, para cuja composição sempre entra azeite, etc.»

E, descrevendo os costumes em geral dos Cazembes, accrescenta⁵: «Se o fallecido é rei *ha de ir á sepultura comtudo quanto*

¹ Chap. xvii, pag. 317.

² Chap. xxix, pag. 587.

³ *Annaes Marítimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 163 e 164, 1845.

⁴ *Ibid.* pag. 265.

⁵ *Ibid.* pag. 269.

possua, mesmo até com escravos para o servirem, e mulheres para o seu regalo, e por todas as suas terras permite-se liberdade para roubos, que n'este tempo chamam Cleirero, nojo que dura alguns 10 até 15 dias, e mais. Os crimes mais abominados entre estes cafres são os da feiticeria, adulterio e furto, que se possa provar, ficando o réo convencido: o primeiro, como mais feio de todos, é punido com pena de morte sempre, o adulterio algumas vezes o é também, pelo ordinario porém castiga-se com corteamento de mãos, de orelhas e membros genitais. No delicto de furtos cortam ao ladrão as orelhas e mãos: com todo este rigor ha n'aquelles paizes grande numero d'estes infelizes mutilados». Acaso não demonstrará a barbaridade d'este codigo penal a do chefe absoluto dos povos onde está estabelecido?

Depois de termos ouvido o testemunho do padre Pinto, ouçamos agora o do sr. Gamitto, não menos que o d'aquelle respeitavel; porque, se é certo que este se refere ao Cazembe filho do outro Cazembe de quem Pereira arguiu a barbaridade, confirmada como vimos pelo padre Pinto, também é certo que o procedimento do filho, se accidentalmente differia um tanto do de seu pae, em geral comtudo era d'elle imitação, por serem habitos domesticos, herdados do pae e dos maiores, costumes que todavia estavam na indole nacional, e por isso eram tolerados sem que por tal motivo se levantasse murmuração, nem queixume. Estes barbaros costumes é que Pereira censurou devidamente.

Limitar-me-hei agora a transcrever alguns passos do *Diario* do sr. Gamitto, sem lhe accrescentar nenhuma outras observações.

«Á noite chegaram os portadores, e participaram que elle (Muata) mandava dizer aos Muzungos, que todo o negro que for apanhado a furtar será logo *decapitado*. Que a todo o soldado ou negro, que tiver coito com qualquer mulher, quer seja d'elle Muata, quer seja d'alguns dos seus Quilólos, lhe serão *cortadas as orelhas e órgãos genitais*, e que não lhe faria cortar as mãos, porque sem ellas não poderiam servir os Muzungos¹.

«... a legoa e meia de distancia começámos a encontrar povoações que pertencem ao sitio dos Maxâmos, a que o dr. Lacerda chama Massanza, e que são os jazigos dos Muatas, que os Cazembes reverenciam como logares sagrados... Fôra da primeira porta

¹ *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 227.

avulta um monte de caveiras. Ella dá entrada para um espaçoso largo quadrado... No centro ha uma grande casa redonda, coberta de colmo, fronteiro á porta d'esta vê-se outro *monte de caveiras*¹. Este Maxâmo (do Muata Lequéza, quarto soberano, e pae do actual, que reinava quando aqui veio o dr. Lacerda) dista uns dozentos passos para o N. do outro, e é em tudo semelhante a elle, fazendo-se notar por *mais duas caveiras* que estão postas sobre uma arvore, que dizem ter pertencido a dous poderosos Mambos, conquistados ou vencidos por Lequéza² etc.

«E como, por todas as noticias que temos colhido, não ha esperanza de fazer commercio, e estamos em poder de um poderoso e *barbaro* ladrão, para evitar um rompimento, etc.³

«De tarde mandou o Cazembe quatro negras vestidas de zuarte, e com o recado de que eram para nossas mulheres, isto é, uma para cada um, as quaes vinham acompanhadas pela grande executora, porque todas ellas pertenciam ao serralho. A grande executora é uma negra que tem por insignia uma grande faca curva á semelhança de um foicinho. Reside no Chipango, é inspectora das mulheres, e quem n'ellas executa a justiça, ou antes a barbaridade do Muata, *cortando-lhes as partes sexuaes, as mãos e orelhas*, por qualquer infidelidade, ou ainda pela mais leve suspeita de a haverem commettido. É uma furia⁴...

«No Cazembe só o Muata é livre, e todos os mais viventes, seja qual for a sua jerarchia ou condição, são *escravos, de cujas vidas e bens elle dispõe como quer*⁵.

«Este *barbaro* e cobarde (Muata-Cazembe) só faz ouvir os seus sons (do tambor do Muata-Lequéza) quando está irado; e n'este caso não ha ninguem que se lhe apresente, sem que seja pessoalmente chamado, porque *seria victima da sua ferocidade*⁶.

«Indagado o caso soubemos que dera (o Cazembe) uma reprehensão aos Quilôlos por não lhe apresentarem viveres, marfim, cobre e escravos, para dar aos Muzungos. O seu discurso era acompanhado com o accionado, muitas vezes repetido, de desembainhar

¹ *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 230 e 231.

² *Ibid.*, pag. 232.

³ *Ibid.*, pag. 241.

⁴ *Ibid.*, pag. 252 e 253.

⁵ *Ibid.*, pag. 260.

⁶ *Ibid.*, pag. 275.

o poucú, que é uma especie de grande faca de dois gumes, de dois palmos de comprido e quatro pollegadas de largo, a qual anda mettida em uma bainha de páo forrada de couro, e suspensa ao lado esquerdo por baixo do braço, esta arma só as auctoridades e empregados a podem usar; e cada vez que fazia o accionado, fallando com arrogancia, dizia que lhes havia de *cortar a cabeça*¹.

«Pela manhã² mandou dizer o Cazembe, que hoje recebia os seus guerreiros, que voltavam victoriosos de uma guerra, a que os tinha mandado, e que nos convidava para assistirmos a esta recepção... Fomos todos... Em frente do Muata, mas a grande distancia, estavam os guerreiros. Quando tudo estava em ordem fez elle um signal, ao qual sahio um d'estes, e dirigindo-se ao lugar onde estavam as primeiras figuras, alli lhe untaram o rosto com vermelhão, e assim pintado caminhou para o Muata, levando uma *caveira* na mão, e na distancia de vinte passos parou, e fez a acção de *offerecer-lh'a*, e depois a lançou por terra, e começou a fallar... Seguiu-se outro guerreiro, que fez o mesmo que o primeiro, e isto repetiu-se até ao numero de vinte vezes, e *outras tantas foram as caveiras* que apresentaram, e que foram pondo por ordem. Trouxeram em seguida um infeliz prisioneiro com as mãos amarradas, e preso pelo pescoço á ponta de um páo comprido, e sendo conduzido ante o Cazembe, até uma distancia igual áquella em que estiveram os portadores das caveiras, fizeram-no cair brutalmente ao lado d'estas. Apenas acabou a cerimonia, chamou o Muata pelo Cãta-Mãta, que é o chefe dos algozes, e fazendo-lhe um signal, este chegou-se ao pé do infeliz, e mandando-o levantar em pé, deu-lhe violentamente uma pancada com a perna nas curvas, pelo que o preso ia novamente a cair, mas, antes de se effectuar a quèda, *decepou-lhe de um só golpe a cabeça*, que na mão esquerda segurou pelos cabellos. E isto executou-se com tal velocidade, que, separada do corpo, ainda fez movimentos com a hõcca e olhos, e o tronco esteve por alguns segundos em convulsões.

«Apenas foi feita a decapitação, approximou-se do algoz um dos pequenos Quilõlos, tirou-lhe a cabeça da mão, e pegando-lhe pelas orelhas, e com o pescoço voltado para o lado do Muata, foi ajoe-

¹ *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 277.

² *Ibid.* pag. 296 e seguintes.

lhar aos pés d'este, o qual *molhou o index da mão direita no sangue que ainda corria, e ungiu-se* na lingua, testa, espaduas, peitos, e em ambos os peitos dos pés, molhando o dedo de cada vez, consistindo esta unção na marca que deixava a ponta do index, e, quando acabou, mandou pôr a cabeça ao pé do tronco. Depois foi trazido outro prisioneiro, com o qual se praticou o mesmo até ao ponto em que *iam cortar-lhe a cabeça*. Então o commandante mandou pedir ao Muata que lhe perdoasse a morte, o que este fez, dizendo em voz alta «que o preso era escravo do Muzungo». Isto porém não serviu senão de demorar-lhe mais alguns minutos a existencia, e não ser feita a barbara execução em nossa presença, mas *praticou-se depois, segundo nos constou*. Ambas as victimas eram jovens, que não teriam mais de dezeseis a dezoito annos.

«O Muata, ainda não satisfeito do sangue que hontem derramou, *mandou hoje cortar as orelhas, mãos e membros viris* a dois infelizes. O crime d'estes homens consistiu em que, tendo sido mandados pelo Muata com marfim para commerciar a um sitio onde estavam Muizas, venderam-no por preço inferior áquelle que esperava a cubiça do seu feroz senhor.

«A falta de prompta percepção de uma ordem, ou dito, do Cazembe, e por isso a pergunta de quem a não ouviu, se é feita em occasião em que o Muata está de máo humor, o que acontece frequentes vezes, *é crime sufficiente* para que immediatamente *mande cortar as orelhas* ao que não ouviu. «A fim de ouvir melhor.» Esta operação executa-se n'um momento, cortando-lh'as rentes com uma faca curva. Um furto feito ao Mambo é immediatamente castigado com a *amputação de orelhas e mãos*. Esta operação é feita de um só golpe, cortando-lh'as pelos pulsos com o poucué, mas sem attender á junta. A cohabitação, ou o simples encontro n'um caminho, ou ainda mesmo uma simples conversa com uma mulher pertencente ao Cazembe, ou a cohabitação com mulher de um Quilôlo, ou emfim qualquer outra culpa, são actos criminosos que, segundo a disposição, vontade ou capricho do Muata elle castiga *com a morte, ou com a pena immediata* que é a *amputação geral*¹.

«Têm (os Cazembes) uma religião absurda. *Sacrificam os prisioneiros* de guerra, e na falta d'estes os seus mesmos compatrio-

¹ *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 324 e 325.

tas, aos Muzimos, ou manes, dos finados Muatas, e tambem nos seus suppostos encantamentos. A vontade e capricho do Muata é lei suprema, e por isso elle *dispõe das vidas e bens* dos seus vassallos, os quaes domina e governa como escravos. Á sua menor vontade não ha reflexão a fazer, mas sómente prestar cega obediencia¹.»

As crueldades do Cazembe, como se infere do que fica exposto, estavam, por assim dizer, nos usos e costumes habituaes d'aquelles povos. O Cazembe praticava como o Matianvo, do qual sendo vassallo, apenas era inferior; e, como as tribus sujeitas ao Cazembe, as dependentes do Matianvo não faziam estranheza de taes horrores. Os sacrificios humanos, mencionados por Pereira, que vemos confirmados tão auctorisada e manifestamente, e que Livingstone pareceu querer pôr em duvida, são ao depois por este expressamente confessados², e como tendo logar não só por occasião dos funeraes do chefe da nação, mas tambem sempre que, para os seus chamados encantamentos, assim se tornava necessario. Vai mais longe Livingstone, porque declara³ ter sido informado de que o fallecido Matianvo corria ás vezes a cidade e *decapitava a esmo* as pessoas que encontrava, até ter feito um montão de cabeças, dando por motivo de assim obrar ser muita em demasia a população, e precisar de ser diminuida. Depois d'estas declarações, não pôde ser tida em nenhuma conta a arguição de Livingstone, não só por contradictoria, senão por impossivel de sustentar-se. M. C. Pereira estava pois bem informado.

E note-se que aos testemunhos tão valiosos, já citados, posso acrescentar ainda o de Joaquim Rodrigues Graça, o qual, no *Diário da viagem com destino ás cabeceiras do rio Sena* (1848), confirma o que deixo referido, e o que por mim foi ponderado, pois que, declarando que aconselhara o Matianvo a que: «consinta um presidio portuguez nas suas terras, pela protecção que n'elle ha de achar, e que *procure destruir as praticas horriveis que usam, etc.*», na resposta que diz lhe fôra dada pelo mesmo Matianvo, se lêem as seguintes palavras: «Filho do Maneputo do Calunga; não conheceis os nossos usos e costumes, por isso me accusaes,

¹ *Muata Cazembe*, cap. viii, pag. 349 e 350.

² Chap. xxix, pag. 588.

³ Chap. xvii, pag. 317.

e se entre nós vivesseis, estarieis por elles, e lhes darieis desculpa¹».

Passarei agora a apreciar a segunda arguição feita pelo dr. Livingstone a Manoel Caetano Pereira, a saber, que dera este informação exagerada do poder do Cazembe².

O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, no seu officio, datado em Tete a 22 de março de 1798, e dirigido ao Ministro d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, communicando-lhe varias informações relativas á viagem, que ia emprehender d'alli ao Cazembe, refere que o commerciante Manoel Caetano Pereira dera a seguinte noticia do trato e poder do Cazembe³:

«O tratamento do Cazembe é magestoso, tem grande numero de criados para o seu serviço domestico, conserva com muito recato as muitas mulheres que tem, permittindo-lhes sómente que falleem aos seus confidentes; o seu vestido ordinario consiste em um grande panno de seda apanhado á roda da cintura com um boldrié, formando para cima do mesmo muitas prégas, cobre a cabeça com um barrete ornado com plumas encarnadas, e as pernas com differentes ornatos feitos de caury, vellorio, canutilho, que entre elles tem grande estimação, missanga e outras massas de differentes côres.

«É muito respeitado dos seus vassallos, e para conservar o respeito rarissimas vezes se deixa ver d'elles: nas mesmas occasiões em que dá assembléa aos grandes do reino, offercendo-lhes em lugar de chá, café ou chocolate, não obstante possuir osapparelhos proprios d'estas bebidas, o vinho chamado *pombe*, feito do milho, e o *sura*, extrahido d'uma palmeira brava, chamada *mediuca*, fica entre cortinas. Não bebem quanto desejam, mas sim a porção que o Rei lhes determina, para que não se embebedem: a bebedice entre elles é crime, que se castiga asperamente.

«Tem grande numero de tropas, e muito bem disciplinadas; todas as noites os chefes d'ellas lhe dão parte das novidades, recebem as ordens, e digamos assim o sancto, e o distribuem á imitação das nações civilisadas; ha differentes corpos de guarda, rondas e patrulhas, para manterem o paiz, e evitarem as desordens

¹ *Annaes do Conselho Ultramarino*, pag. 153, Abril de 1855.

² Chap. xxix, pag. 587.

³ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 286 e seguintes

e bebedeiras. A sua cidade é circumdada d'um vallado ou fosso profundo; nas occasiões da guerra ou quando se recêa d'ella, manda recolher seus vassallos dentro d'este circuito, que dizem ter legoas de circumferencia, para se livrarem d'algum perigo; mas não consta que principe algum lhe queira disputar a superioridade ou igualdade das forças. As suas armas offensivas são lanças d'uma braça de comprimento, e umas curtas, mas largas, facas, optimamente trabalhadas, que imitam a figura d'uma violla, cujo braço serve de cabo, porém curto, só com a differença de serem pont'agudas; as defensivas consistem n'um escudo. . . Prescreve aos vassallos tempo proprio para seus divertimentos, a fim de que, sendo em demasia, não se originem desordens. O negocio do marfim é privativo do rei, e os grandes do reino só vendem pequenas porções com permissão sua. Nas suas terras ha minas de ferro e de cobre, e presentemente traz guerra com um rei que tem latão no seu districto.»

O padre Francisco João Pinto, que, como se sabe, succedeu ao dr. Lacerda (por nomeação d'este) no commando da expedição ao Cazembe, no seu *Diario* do regresso a Tete, falla por vezes do poder do Cazembe, em termos que nos levam a formar idéa de que na verdade era grande aquelle poder, e que não está o Cazembe no caso de ser considerado como um simples regulo, e nem de nenhuma sorte como igual de Shinto ou Katema, segundo pretende o dr. Livingstone. Quem tiver lido o mencionado *Diario* facilmente concordará comigo, e convem lê-lo todo, porque, não se tratando alli em nenhuma parte especificadamente do poder do Cazembe, em muitos logares d'elle usa o padre Pinto de phrases, allude a factos, e suggere idéas, d'onde se deduz com segurança que o viajante inglez foi mais que muito inexacto na sua censura, que por isso mesmo é mal cabida e injusta.

Para provar o que digo, bastará recordar a descripção que n'este mesmo capitulo deixei transcripta da primeira solemne audiencia dada ao commandante da expedição. Comtudo tambem importa recordar o que se lê no citado *Diario* com referencia aos dias 18, 19, 20 e 21 de fevereiro (1799) e aqui vou dar por extracto¹: «Houve tambocação (baile) que os outros cafres d'estas bandas

¹ *Diario* do padre Pinto. *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.^a serie, pag. 261 (1845).

chamam pembersão, entre o príncipe Muenebuto e seu cunhado Chibuery. Cazembe assistio a este acto com toda a grandeza do costume, porém com a prevenção de ter junto de si quatro cafres armados, porque o príncipe tambocava com o seu facão desembainhado, e devia tocar com o de seu pae, como entre elles se pratica em signal de honra e obsequio, porém Cazembe não fez semelhante honra senão só a seu filho. A função se fez no terreno da porta principal com concurso de muita gente e instrumentos, e da nossa tropa, que Cazembe pediu, e de quem elle mesmo dirigia as descargas, pedindo-as quando lhe parecia. . . O Cazembe inculca gravidade, e infunde respeito, é alto e proporcionado de hombros, a sua idade será d'alguns cincoenta annos; como tem muitas mulheres, maior grandeza entre os cafres, cada anno gera regularmente dous até tres ou quatro filhos. É muito generoso, não só com estrangeiros e muzungos, quando contra elles não está prevenido, aos quaes quasi todos os dias galanteava com muitos e diferentes mimos de comestiveis, e regularmente de escravos, marfim, ou barras de cobre, á proporção dos brindes que lhe faziam de fato ou contas, que estimam muito, e da affeição que lhes tomava, mas tambem com os seus vassallos, aos quaes de vez em quando reparte escravos, e algumas peças de fato. . . Faz suas assembléas com os seus grandes, que convida para beber pombe, bebida fermentada, feita de milho meudo, e tambem de outros legumes. Estas assembléas começam pelo tempo da lua cheia, e duram até ao fim d'ella. . . Os assistentes tem a liberdade de beberem quanto quizerem, porém é preciso conservarem quanto beberem, porque se succeder lançar fóra dentro da assembléa, logo aquelle miseravel a quem isto succeder é punido com a morte. Não visita pessoalmente pessoa alguma, nem sahe fóra de sua casa a passeio. Tem o caracter de vaidoso. . . »

Conforma-se a esta inteiramente a informação de P. J. Baptista, como teremos occasião de ver em outro logar, mas que melhor avaliará quem, demais dos seus *Roteiros*, ler as suas *Lembranças*, das quaes daremos noticia aos nossos leitores.

O testemunho do major Gamitto vem reforçar o do padre Pinto e o de Baptista, tornando evidente que Pereira não foi além da verdade, encarecendo o poder e auctoridade do rei do Cazembe, e dos meios de reger, e de fazer-se respeitar dos povos que lhe estão subordinados: e manifesta ao mesmo tempo, em que peze a

Livingstone¹, que não é sem fundamento que lhe foi dado o titulo de imperador.

A descripção que transcrevi e a audiencia dada solemnemente aos commandantes da expedição em 20 de novembro de 1834², sugere-nos desde logo a idéa de magestade, e poder muito mais avantajado que o dos regulos, mais ou menos poderosos, com quem tratou, e de que falla o dr. Livingstone, e talvez é este, se não o principal, um dos principaes motivos de amesquinhar a seu modo a conta em que sem favor o Cazembe devia ser tido, como que magoando-se Livingstone de não ter sido elle mesmo que primeiro do que os portuguezes o houvesse conhecido e tratado, cabendo-lhe apenas o ver-se e haver-se com chefes de tribus, e com regulos secundarios, e muito inferiores a este poderoso mambo em auctoridade e grandeza. Entre tanto o mesmo sr. Gamitto nos subministra um argumento irrecusavel para demonstrar a sem-razão de Livingstone, que é a noticia dos dominios, poder e auctoridade do Cazembe; de sorte que, se M. C. Pereira pôde ser arguido, não é de exaggerado, é pelo contrario de deficiente nas informações que dera ao dr. Lacerda. Comtudo Pereira é desculpavel, porque lhe fallecêra o tempo, e não se achava nas circumstancias do sr. major Gamitto, para poder dar com segurança mais larga e especificada informação, sendo todavia certo que não desconforma nos pontos essenciaes, o que muito honra a sua curiosa sagacidade.

Ouçamos o sr. Gamitto³:

•O territorio em que domina o Muata-Cazembe tem por limites, segundo parece, ao noroeste, nascente e sul, os territorios que obedecem aos Muembas, Auembas ou Moluanes; e ao poente o rio Lualão, celebre na historia cazembiana. Este rio serve de fronteira aos dominios do Muatianfa ou Murôpue, dominios a que os Cazembes chamam Angola.

•A extensão da sua superficie não posso calcula-la, sei comtudo, pelas informações dos mesmos Cazembes, que ella é de con-

¹ Chap. xxix, pag. 587.

² *Muata Cazembe*, cap. vii, pag. 236, etc.

³ Cap. viii, pag. 348 e seguintes. *N. B.* Parece-me opportuno prevenir o leitor de que são aqui supprimidos alguns periodos, que não tem que ver com o ponto de que trato exclusivamente.

sideravel numero de milhares de legoas quadradas. Este grande estado tem adquirido tal celebridade na cafraria, que é respeitado como o unico poderoso entre as nações do sul. Mais proximo da costa oriental do que da occidental, não é desconhecida alli a lingua dos povos que lhe ficam ao nascente, mas a que se falla na côrte do Cazembe é o compocôlo. O titulo do Cazembe poderia, talvez, traduzir-se pelo de imperador, e é d'este titulo que o territorio, em que este soberano domina, tomou o nome de Cazembe.

«O Muata-Lequêza¹ havia estendido os limites do seu imperio pelo territorio dos Muizas, desde a serra Chimpire até ao rio Chambeze, mas o seu successor tem perdido esta parte dos estados de seu pae, que se acha hoje conquistada sobre os Muizas (como já dissemos) pelos Muembas ou Moluanes, que parece terem vindo de uma região do noroeste, onde elles dizem que reside o seu Mambo, e parece tambem terem avançado até ao dito rio, costeando na sua marcha as fronteiras do norte e de leste dos dominios do Cazembe, e que são hoje senhores de todo o paiz, que tem invadido, continuando a obedecer ao dito Mambo.

«Entre os limites antigos do estado do Muata, desde o rio Chambeze, até ao rio Lualáo, poderá calcular-se haver cento e cincoenta a duzentas legoas, segundo as mais particulares noticias que pude obter. Quanto, porém, á largura do mesmo estado não posso fazer calculo algum provavel; direi, comtudo, que, pelas informações incompletas que obtive, supponho que poderá ser de metade do seu comprimento.

«O territorio do Cazembe é plano e cortado de rios. Está dividido em districtos, e estes são governados pelos Quilôlos, que tem o uso-fructo dos mesmos districtos. O Muata, porém, tira-os a uns, e dá-os a outros a seu bel prazer. Raras vezes acontece que um Quilôlo perca o dominio sem haver tambem perdido a vida, que lhe é tirada sem fórma alguma de processo.

«A capital d'esta nação é Lunda, cidade situada na margem oriental da lagôa, ou rio, Môfo. Ella tem duas milhas de extensão, as suas ruas são largas, direitas e mui limpas.

«A Ganda, Mossumba ou Chipango, que por qualquer d'estes

¹ É este o potentado que reinava no tempo em que Pereira visitou o Cazembe.

tres nomes se conhece a residencia do Muata, está na margem do Mófó, e na extremidade N. de Lunda.

«Os povos do Cazembe ignoram totalmente a arte de escrever, nem têm algum outro meio pelo qual possam transmittir as suas idéas. Elles têm uma religião absurda e grosseira. Sacrificam os prisioneiros de guerra, e, na falta d'estes, os seus mesmos compatriotas aos Muzimos, ou manes, dos finados Muatas, e tambem nos seus suppostos encantamentos.

«Entretanto ha nos estados do Muata uma rigorosa policia. Elle não contrahe alliança com outros potentados. É a sua politica manter-se em estado permanente de hostilidade com os pequenos Mambos seus vizinhos, de quem espera, por este modo, tirar proveito, ou em quem intenta exercer vingança, ou satisfazer caprichos...

«O governo é despotico e absoluto tanto quanto é possivel sê-lo. O soberano tem o titulo de Muata (senhor)...

«A vontade e capricho do Muata é lei suprema, e por isso elle dispõe das vidas e bens dos seus vassallos, os quaes domina e governa como escravos. Á sua menor vontade não ha reflexão a fazer, mas sómente prestar uma cega obediencia.

«O governo é hereditario...

«A côrte do Muata-Cazembe é composta de Quilôlos ou Vambires que constituem a nobreza, os quaes são respeitados pelo povo, como elles respeitam o Cazembe...

«A auctoridade suprema é a do Cazembe, e a immediata é a do Muane panda, que commanda em chefe, quando toda ou a maior parte da nação pega em armas, e só deixa de faze-lo quando o Cazembe assume o commando...

«O Cazembe, que é o senhor absoluto de tudo, recebe os tributos, que impõe aos senhores de terras, segundo o seu capricho...

«A vontade do Muata é a lei, as suas sentenças diversificam em casos identicos e circumstancias semelhantes, segundo o seu capricho e vontade... Não ha legislação conhecida, e apenas o que existe de tradicional é relativo ao ramo policial, mas tudo se decide segundo o proveito, segurança e commodidade do Cazembe, e enquanto ao mais, o que elle hontem absolveu, hoje o condemnou com a morte...

«A nação Cazembiana é dividida em feudos que o Muata dá e tira como lhe apraz, sem fórma alguma de processo... Os meios

de que dispõe, tanto para a guerra como para outras empresas, são empregados segundo as forças do potentado a quem vai fazer a guerra, nomeando d'entre os feudatarios aquelle ou aquelles que julga sufficientes, os quaes, com a gente das suas terras, marcham, depois de serem inspeccionados pelo Muanebanda...

«O Cazembe não tem hoje potencia alguma vizinha que possa temer, porque, desde muito tempo está reconhecido como um dos potentados cafres de primeira ordem, que, a uma força respeitavel, reúne a cega obediencia que lhe têm os seus vassallos...

«Em tempo de paz não ha força armada, e apenas em Lunda existem uns tres mil homens, que em occasiões de grande audiencia, e n'aquellas em que o Cazembe recebe enviados estrangeiros, apparecem armados... Quando ha guerra marcham, sem excepção, todos os homens que podem servir...

«A povoação do paiz do Cazembe deve ser muito numerosa. O pequeno espaço que visitámos é, segundo nos informaram, o menos povoado por ser proximo da Ganda, onde habitam sómente os que são obrigados a estar na côrte... Não nos foi possivel calcular com probabilidade o numero de individuos por legoa quadrada, porque, na parte do paiz que atravessámos, encontrámos em diversas partes uma serie de pequenas povoações muito vizinhas e cheias de gente, e após isto uma grande extensão de terreno totalmente deserto. Disseram-nos que o numero de nascimentos é maior que o dos obitos, e nós observámos, durante a nossa estada em Lunda, que eram mais os canticos de alegria pelos nascimentos do que o choro pelos mortos, que foram raros, salvo pelo poucué do Muata...»

Posto que seja sobremancira curiosa, e digna de ler-se toda a descripção, que faz o sr. Gamitto da nação Cazembe, não julgo necessario fazer agora d'ella mais largos extractos, para que fique plena a demonstração, a que me obriguei, isto é, que a censura, feita pelo dr. Livingstone ás informações dadas por M. C. Pereira ao dr. Lacerda ácerca do rei e da nação Cazembe, é de todo o ponto injusta e mal cabida em ambas as partes.

Tendo fallado do regulo Katema, a cujo vulto o dr. Livingstone parece querer dar certo relevo, para tirar d'ahi ou honra para si ou desvantagem para os portuguezes, julgo não virá fóra de logar e tempo o averiguar até que ponto se pôde ter por exacta uma asserção attribuida por Livingstone a Katema, e á qual Living-

stone, que por *commum* se ostenta pouco credulo do que cede em honra dos portuguezes, mostra dar implicita annuencia. Ouçamo-lo.

«Caminhámos de quatro a cinco milhas na direcção NNO. e depois mais duas a OE., e chegámos á extremidade do lago Dilolo. Pareceu-nos, segundo o que podémos então conjecturar, ser alli semelhante a um rio de um quarto de milha de largura. É abundante de peixe e de hippopotamos, e na sua maior largura, parte que não tínhamos ainda visto, é de quasi tres milhas sobre sete ou oito de extensão. Se parecer estranho que eu não andasse algumas poucas milhas para ver aquella mais larga parte do lago, que, no dizer de Katema nunca foi visitada por nenhum commerciante, essa estranheza desaparecerá com a recordação de que em consequencia da febre que de novo me tomava, etc.¹»

Não é o lago Dilolo, que deve prender a nossa attenção, porque não tem de si nenhuma importancia, nem lh'a pôde dar a *historieta*, que, para explicar a origem do nome, a palavra *ilolo*, que significa *desesperação*, pelo acto violento que levava um antigo indigena a n'elle se precipitar, se não inventa, narra Livingstone, como sendo tradição popular entre povos, dos quaes afirma o mesmo Livingstone, e é verdade, que não tem monumentos nem conservam tradições algumas. O que me chama a attenção é a affirmativa, imputada a Katema, de que os commerciantes não conheciam este lago. Não parece possível que fosse isto asseverado por Katema; e, no caso de o ter sido, torna-se apenas crível que Livingstone o acreditasse tão de leve, dando-lhe inteiro e prompto assentimento. E não é possível, porque todo aquelle territorio, cortado frequentemente pelos commerciantes portuguezes e pelos seus propostos, como se deprehende da mesma narração de Livingstone, era d'elles necessariamente conhecido, e haviam de ter visitado o lago, se porventura por algum motivo assim lhes fosse de proveito. É sabido que toda a sorte de commerciantes, e mórmente os d'escravos, nunca seguiam no interior estrada certa e notoria, escolhendo sempre a que as circumstancias lhes aconselhavam como preferivel. A ser certo que o lago não tinha sido visitado pelos commerciantes, é porque não lhes offerecia nenhuma sorte de vantagem; e effectivamente assim parece, pois que, se

¹ Chap. xvii, pag. 324.

porventura fosse d'alguma consideração, tão pouco sem duvida Livingstone teria deixado de visita-lo, apesar das febres e da debilitação, em que por causa d'ellas então se achava. É Livingstone homem para muito mais, como nos attestam os factos por elle proprio referidos e affirmados. Livingstone presumio acaso que podia fazer passar a declaração por elle posta na bocca do chefe indigena, mas não reflectio que, se podia facilmente attribui-la a Katema, nem todos os seus leitores estariam dispostos a acceitall'ha com igual facilidade, por estar manifestamente em desharmonia com o que o proprio Livingstone narra em differentes logares, e com a mesma natureza das cousas. A pratica adoptada pelos commerciantes de variarem os caminhos segundo lhes convem e é possível, sobre ser o que geralmente consta de modo authenticico e indisputavel, é tambem o que sem hesitar a razão persuade, pois que de prompto se comprehende que, por muitas razões, deve ir n'isto para elles maior proveito commercial.

Acompanhando agora Livingstone na sua visita ao Katende, terei desde já occasião de confirmar o meu juizo ácerca da opinião aventada pelo illustre missionario, relativamente á evaporação e não infiltração das aguas, de que se inundam na estação das chuvas as planicies do interior africano. Como vimos¹ o dr. Livingstone pretendia estabelecer a theoria da evaporação contra a opinião commum da infiltração; mas tambem vimos então que, apesar dos seus engenhosos esforços, se deprehendia do seu modo d'exprimir-se uma certa hesitação, que denunciava de sobejo a falta de confiança em que molestamente laborava. Agora Livingstone esquece-se da lidada theoria, e adopta francamente a doutrina commum. Eis-ahi como elle d'esta vez se explica²: «Estes grupos de vegetação sylvana são geralmente de fórma redonda, e os troncos das arvores são altos e direitos, emquanto que os das planicies superiores são baixos e enfezados. Não pôde haver duvida de que a agua, que se demora por mezes nas terras chans, penetra, e abre caminho para os rios e regatos *coando por entre a terra*, e sahindo a fórmar aquelles paúes lodosos; e a differença no medrar das arvores, com quanto sejam de diversa especie, pôde provar que o enfezamento das da encosta, é devido a acharem-se

¹ V. o cap. II no fim.

² Chap. xviii, pag. 330.

durante a maior parte do anno mais expostas á secco do que á humidade».

Pareceu-me conveniente notar a incerteza de opinião do dr. Livingstone ainda em questões d'esta natureza, por isso que sobre quasi todas as outras não a mostra mais resoluta. Esta observação tende a facilitar o apreço, que temos a fazer de muitos dos juizos e pareceres do celebre missionario, quando não assentes em base de exactidão indisputavel.

O dr. Livingstone, atravessando o paiz dos Chibocos, ao dirigir-se ao Cassange, a fim de passar a Loanda, depois de expor a sua opinião particular com respeito aos matizes da côr mais ou menos carregada nos varios territorios por onde transitava, os quaes elle pretende que se distinguem por cinco zonas longitudinaes, compassando as regiões ao sul do continente, accrescenta¹: «Não dou a minha opinião como positiva, exponho-a conforme ao juizo que formei ao atravessar aquelles territorios, e se parecer incorrecta, não deixará comtudo de ter-se como singular que os dialectos, fallados pelas differentes tribus, se tenham coordenado de modo proprio a indicar que a emigração se fez em harmonia com os matizes da côr. Os dialectos usados no extremo sul, quer seja o dos Hottentotes quer o dos cafres, tem grande affinidade com o das tribus que vivem immediatamente nas regiões ao norte; um substitue-se desaperebidamente pelo outro, e a sua affinidade deprehende-se tão facilmente, que para logo se descobre serem cognatos. Se porventura se compararem os dialectos dos pontos extremos, como os dos cafres e das tribus que visinham o equador, é mais difficil reconhecer o facto, por onde se demonstra effectivamente que todos aquelles dialectos pertencem a duas sós familias de linguagens. O exame das raizes das palavras dos varios dialectos, dispostos na ordem geographica, mostra que se mesclam uns com outros, e que não apparece tanta differença entre os do nascente e poente, como entre os do norte e sul: o dialecto fallado em Tete similha muito de perto o que se falla em Angola».

Pondo á parte a theoria, que não deixa de offerecer difficuldades attendiveis, consignemos o facto, como o admitte Livingstone, a saber, que, geralmente, ha dous dialectos predominantes

¹ Chap. xviii, pag. 339.

entre todos os que se fallam de nascente a poente e de norte a sul nas regiões africanas. Este facto é importante.

N'outro logar confessa Livingstone, que tentara debalde, em consequencia da debilidade a que as febres o tinham reduzido na sua chegada a Angola, aprender ou collegir palavras da lingua bunda, que é o dialecto que alli se falla¹; e tinha já dito anteriormente² que os Mambari «que pertencem á familia Ambonda, a qual habita o territorio sudueste de Angola, fallam o dialecto *bunda*, que é da familia das linguagens dos Barotse, Bayeiye, etc., isto é, das tribus negras, comprehendidas debaixo do termo geral *Makalaka*».

Deduz-se pois com segurança desde já do facto, acima consignado, ao qual, com razão segundo creio, chamei importante, e das demais declarações de Livingstone, que a lingua *bunda*, que se pôde dizer tão conhecida dos portuguezes d'Africa occidental, ou mais ainda, que a sua propria, é fallada ou entendida em grande numero de regiões ao sul e ao poente, assim como tambem ao norte e ao nascente; e que, por tanto, andando elles em continuadas viagens e excursões commerciaes ao interior, não era possivel ignorarem nenhuma das cousas mais notaveis, das quaes Livingstone pretendeu negar-lhes o conhecimento. Das que não tivessem visto, deviam necessariamente ter ouvido contar, e se, conhecendo-as por informação, deixaram de alguma ir ver e examinar, é por saberem que não podia vir-lhes d'ahi vantagem ou accrescentamento para a sua labutação commercial. E, quem sabe? acaso de muitas, de todas porventura, com quanto não só d'elles não ignoradas, senão de sobejo conhecidas, nem sequer fizeram menção, e pelo mesmo motivo, isto é, porque de todo o ponto inuteis para o teor da vida que viviam. Da mosca tse-tse tiveram elles, e não podiam deixar de ter, larga noticia, e, emquanto Livingstone lhe dedica paginas inteiras, e d'ella falla tão repetidas vezes, por julgar ser assumpto d'isso digno, não o julgaram os portuguezes nem de poucas palavras dizer d'elle; e porque? Porque, para o modo de viajar dos portuguezes, a mosca tse-tse era-lhes indifferente, não podia ser-lhes de nenhum modo nociva. Com relação aos mesmos objectos, e em circumstancias semelhantes ou por

¹ Chap. xix, pag. 382.

² Chap. xii, pag. 218.

sorte idênticas, a explicação do differente proceder de dous ou mais individuos está pura e simplesmente na diversidade das razões que os determinaram.

Entrarei porém agora em algumas outras explanações, que servirão a esclarecer e confirmar o que tenho ponderado.

Lopes de Lima¹, tratando da ethnographia dos povos d'Angola e Benguella observa que: «desde o Congo até Cabo Negro os indigenas fallam todos a mesma lingua (*bunda*) com pequenas alterações no dialecto, assim como tem todos as mesmas superstições, e as mesmas crenças, as mesmas leis sociaes (exceptuando os Jagas, povos nomades que tem algumas especiaes, e em geral os mesmos costumes)». Quem não vê a grande vantagem, que, sobre todos os demais viajantes, e para todos os effeitos, deviam, e devem levar os portuguezes, intimamente familiarisados com a lingua, superstições, leis e costumes de todos aquelles povos?

Lopes de Lima continua²: «Qualquer que fosse a origem da lingua *bunda* é certo que ella se falla em todo o territorio habitado até Cabo Negro (e não sómente entre o Lifune e o Cuanza, como erradamente asseverou Bowdich) com a simples alteração de alguns termos usuaes e domesticos, e a differença de pronuncia que costuma dar-se nas diversas provincias de um mesmo imperio; este idioma é suave e cadenciado, excluindo quasi totalmente as terminações nasaes, mas contém um grande numero de artigos, preposições, adverbios e conjunções, muitos dos quaes se pronunciam com o som guttural...

Não me demorarei aqui em pormenores grammaticaes da lingua *bunda*, para não me afastar em demasia do meu assumpto principal; e porque, se alguém desejar mais detidas elucidações e esclarecimentos a este respeito, as pôde obter completas, consultando o *Diccionario da lingua Bunda* e as *Observações sobre a lingua Bunda ou Angolense, pelo padre Canneccatim*, obras que foram impressas em Lisboa, aquella em 1804, e esta em 1805.

Por via de esclarecimento notarei que, frei Francisco da Trindade, dominico, commissario e visitador dos Rios de Sena, e vigario de Tete, compoz um cathecismo e confessionario na lingua

¹ *Ensaio sobre a Statistica d'Angola e Benguella*, part. I, cap. x, pag. 496 (1846).

² *Id.*, *ibid.*

dos naturaes de Sena, e outro na lingua dos naturaes de Tete para uso commum, e maior facilidade da instrucção popular¹.

Pelo demais não será fóra de tempo advertir que é tanta a affinidade entre a lingua bunda e os dialectos cafriaes do interior e da costa oriental, que os descobridores angolenses, que tendo percorrido os sertões, primeiro e seguidamente os atravessaram de costa a costa, não assignalam, como estorvo que lhes pozesse embaraço, o não terem sido entendidos em alguma parte, nem de tal se queixam no *Diario* das suas derrotas. Os *Roteiros* de Pedro João Baptista ali estão para o demonstrar, e os *Diarios* do dr. Lacerda, padre Pinto e do sr. Gamitto não teriam deixado de mencionar as difficuldades, nascidas da impossibilidade de comprehenderem, e de se fazerem comprehender das differentes nações e tribus com que tiveram a tratar, se porventura se tivessem suscitado. Em todas as comitivas o maior numero estava no caso de intender os varios dialectos das nações e tribus transitadas, e de ser d'ellas entendidos. Em nenhuma parte se falla de interpretes, senão quando tinham estes de exercer as suas funcções officialmente.

Uma observação convem que tenha aqui logar, e é que a differença da pronunciação, na qual principalmente consiste a differença dos dialectos cafriaes, dando aso á alteração ou antes corrupção d'algumas palavras, foi occasião de graves erros com respeito á situação topographica não só de varias povoações, rios e cidades, senão igualmente de reinos e provincias. Nos territorios onde se falla o mesmo dialecto, nem sempre é este fallado do mesmo modo, pois se tem observado que nas regiões mais orientaes ha differença nas terminações por ser a accentuação muito mais forte.

Nota Sebastião Xavier Botelho² que o idioma monomotapa, e bem assim os dialectos d'elle derivados, é a lingua commum em todas as regiões onde jazem os nossos territorios de Sena, Tete, Quelimane, Sofala e Moçambique: mas adverte que se acham muito demudados pela mistura caprichosa de palavras arabicas e portuguezas, e que em algumas partes, como notadamente a oeste de Moçambique, tem ido tão longe a corrupção dos antigos dialectos, por effeito d'esta enxertia ignorante e puramente arbitraria, que,

¹ Frei Lucas de Santa Catharina, *Historia de S. Domingos*, part. 4.^a, cap. xiv, pag. 833.

² Chap. xx, pag. 387, etc.

para assim dizer, se transformaram em dialectos novos e especiaes. Entretanto é sabido que a lingua *monomotapa*, e os seus dialectos, é para a Africa Oriental o que a lingua *bunda*, e os dialectos que se derivam d'ella é para a Africa Occidental; estas duas linguas devem reputar-se as linguas geraes de toda a Africa, pois que em raros territorios prevalecem dialectos de origem hotentote, nem hão vingado em nenhum dos que estão sujeitos á corôa portugueza, se exceptuarmos no da bahia de Lourenço Marques.

Com razão alguém faria estranheza de eu entrar em mais largas investigações ácerca da ethnographia linguistica dos povos africanos. Baste o que fica observado, que tem proxima relação com o meu assumpto, e terminarei advertindo que, se deixei de indicar algumas excepções, não só foi pelo motivo agora dito, senão porque se pôde estabelecer, como regra geral, que os dialectos n'ellas comprehendidos são um mixto dos idiomas hotentote e arabico, alterado e corrompido com a lingua monomotapa, e com algum outro dialecto d'ella mais ou menos remotamente derivado.

CAPITULO VII

O cuco-indicador ou passaro do mel—O padre Jeronimo Lobo e o Moroc —O sr. Gamitto e o Issai —O rio Coanza—A varia orthographia no escrever, como a varia pronunciação no fallar, origem de muitos erros geographicos —Opinião do dr. Livingstone ácerca do Coanza —O dr. Lacerda —Cambambe —A situação do Bibé—Observação—Descripção do Coanza pelo auctor da *Historia Geral Angolana* — Nascente do Coanza ignorada —Gente do commercio —O Jaga Casangi —Os reis antigos d'Angola —Onde acaba o curso do Coanza —Pataxos fabricados nas margens do Coanza —Mangaes —Esteiro de Tombo —Ilha Ensandeira —O Cale —O penedo do Bruto —Lagôa Gimbi —Sequeli Cambenza —A Cacova —Arrimo do Novaes —Matari Engando —Paragem do Rosa —Esteiro de Muchima —Porto de Songa —Outeiro de Leão —Gungo Amocambo —Catala —Casala —Villa da Victoria de Massangano —Ilha de Fernando Rodrigues —Paragem de Andala a Chosa —Rio Mocos —A filha do rei de Angola —Paulo Dias de Novaes —Rochas de Cambambe —O Coanza só navegado até Cambambe —Primeira cahida ou quêda do Coanza —A quêda Goa —Passagem para o Libollo —Fortaleza das pedras de Mapungo —Ilha Palanca —Provincia do Aco —Ilhas da Quindonga —Quilombo de Casangi —Não é sabida a nascente do Coanza —Lagôa no intimo do sertão, d'onde sahem quatro rios caudalosos—O Coanza —O Cunnene —O Cubo —O Coango —Declaração do Capitão-mór Balthasar Rebello d'Aragão —Duarte Lopes —Lopes de Lima —Pouco fundamento da opinião do dr. Livingstone —O dr. Lacerda mal comprehendido —Commercio dos estrangeiros no interior do sertão —O Aviso Regio de 14 de março de 1800 —Presidios nas margens do Coanza —Nota C do sr. Visconde (Marquez) de Sá da Bandeira á *Memoria* de J. M. de Lacerda —A navegação do Coanza mandada investigar pelo governo portuguez até aonde fosse possivel — Não ha investigações posteriores ás dos portuguezes —Instrução e educação geral —Educação e instrução ecclesiastica —Admiração de Livingstone pelo grande numero dos

que sabem ler e escrever em Ambaca — Trabalhosas e uteis fadigas dos missionarios — Continuação do ensino sem mestres nem escolas publicas — Falta de clero instruido — Justo reparo do dr. Livingstone — Os nossos escriptores accordes com o dr. Livingstone — S. X. Botelho — Abuso do commercio do sertão — Carencia de educação publica — Falta de mestres — As artes em grande atrazamento — Lopes de Lima — Ensino fabril — Bordallo — A instrueção publica melhorada em uma e outra Africa — O Decreto de 24 de agosto de 1843 — Eschola regimental em Moçambique — Bibliotheca — Asylo — Theatro — W. Ed. Fraissinet — A moral evangelica é a caridade catholica — Os missionarios protestantes — Os missionarios catholicos — Honroso testemunho do dr. Livingstone á prudencia e previdencia dos portuguezes — Censura do missionario inglez ao abuso de poder das auctoridades do Cabo — Desprevenção dos portuguezes relativamente á differença de cor — Extrema bondade dos portuguezes para com os indigenas — Mutua benquerença — Diverso proceder das auctoridades e dos colonos inglezes — A insolencia causa de insolencia — A doutrina ensinada e prégada pelos missionarios portuguezes — Louvores do dr. Livingstone á hospitalidade portugueza — A especiosa distincção entre portuguezes brancos e mulatos posta de parte pelo dr. Livingstone — Futilidade d'esta distincção — As obras do missionario inglez em desharmonia com as suas palavras de agradecimento e louvor — A logica é inexoravel.

Começarei este capitulo, dando mais circumstanciada noticia do que o faz Livingstone d'uma avesinha sobremodo prestadia nas regiões africanas, onde parece ter sido posta pelo dedo da Providencia para vir em soccorro e refrigerio do viandante extenuado pelos ardores d'aquelle clima abraçador ou pelas fadigas de trabalhosas jornadas; fallo do *cuco indicador* ou passaro do mel. Em varias partes allude o dr. Livingstone a esta ave admiravel, mas em nenhuma nos dá d'ella, e dos seus costumes, ampla informação. Eis-ahi o que de mais curioso escreve a este respeito o missionario inglez.

«Dezembro 2 (1855)¹. Detivemo-nos ao pé de um pequeno outeiro, chamado Maundo, onde começámos a ser convidados frequentemente pelo guia-do-mel (*cuculus indicator*). Desejando assegurar-me da verdade da asserção dos indigenas de que este passaro é traidor, e nos leva algumas vezes a encontrar-nos com um animal feroz e não com o mel, perguntei, se algum dos individuos da minha comitiva havia sido alguma vez conduzido por este amigo

¹ Chap. xxvii. pag. 347.

passarinho ao encontro d'algum outro objecto diverso do que o seu nome significa. Só 1, entre 114, pôde afirmar que fôra n'uma occasião levado a encontrar-se com um elephante em logar d'uma colmêa, da mesma sorte que a mim me aconteceu, como já disse, encontrando-me com um rhinoceronte preto. Estou convencido de que o maior numero das pessoas, que se deixam conduzir d'este guia, vão encontrar mel, e não outro objecto.»

Não me demorarei a fazer a apologia do passaro do mel, nem a repetir o que pôde ler-se ahí em qualquer livro sobre este objecto: mas em vez d'isto trasladarei para aqui o que escriptores portuguezes escreveram ensinados pela propria experiencia.

O padre Jeronimo Lobo assim descreve o guia-do-mel¹: «O moroc, ou passaro do mel, tem instincto particular para achar o mel das abelhas, que são infinitas na Ethiopia, e de diferentes especies. Umás domesticas, e fazem o mel em colmêas; outras o fazem no concavo das arvores, e algumas em covas debaixo da terra, as quaes limpam com muito cuidado, e vedam de tal arte, que só com muita difficuldade podem achar-se, apesar de estarem communmente nas estradas. O mel que fazem as abelhas debaixo da terra é tão bom como o das colmêas, a unica differença que lhe tenho achado é ser algum tanto mais escuro. Penso que d'este é que S. João se alimentava. Quando o moroc descobre a cova ou habitação das abelhas, vem para a estrada, bate com as azas, canta logo que avista alguem, e procura com aquella desinquietação fazer-lhe comprehender, que deve segui-lo, porque lhe mostrará sem falta uma colmêa ou uma cova cheia de mel. Se observa que o seguem, voltêa de arvore em arvore até chegar ao sitio onde o mel está. Alli muda a çantiga, e gorgêa melodiçosamente. O abissinio acha o mel, utiliza-se d'elle, e deixa sempre uma porção para o moroc. A grande quantidade de mel, que se colhe n'aquellas terras, e o grande numero de vaccas que alli se criam, me fez dizer muitas vezes que a Abissinia era a terra do mel e da manleiga».

O padre Santos² assim nos informa ácerca do cuco-indicador: «Nas terras de Sofala se cria hum genero de passaros, cujo mantimento he cera. Estes andão polos matos em busca de enxames

¹ *Relação Historica d'Abissinia*, pag. 71.

² *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. XXIII, ff. 32 e v.

de abelhas, dos quaes ha muytos polo chão em buracos, e polos troncos das arvores, e como achão algum que tenha mel, vem-se aos caminhos em busca da gente pera lho mostrar, o que fazem indo diante della gritando, e batendo as asas de ramo em ramo, até chegarem ao enxame. E os naturaes da terra, que já conhecem os passaros, tanto que os vem, logo os vão seguindo pera colherem o mel; e o interesse que daqui colhem os passaros, he comerem as migalhas, e rapaduras da cera, e dos favos, e das abelhas mortas, que ficão no mesmo logar das colméas. A estes passaros chamão os cafres sazu; são do tamanho de verdelhões, e quasi da mesma côr, e tem hum rabo comprido».

Ouçamos a informação que, sobre o mesmo assumpto, nos dá o sr. Gamitto¹: «Hoje vimos o cuco-indicador, a que os cafres chamam issai; é do tamanho de um pardal, côr verde-claro, e as penas da cauda raiadas de branco. Logo que percebe gente começa a piar com impaciencia, e parece dizer chire-chire; de fórma que mesmo quem não tem pratica do sertão nota, á primeira vista, este costume, fóra do commum das mais aves, porque se aproxima muito dos caminhantes, e parece mesmo chama-los. Quem tem pratica responde-lhe assobiando, e o vai seguindo, e elle vai voando, e pousando de arvore em arvore; se, porém, perde de vista o homem que o segue, volta logo a procura-lo, até que o conduz á arvore ou logar onde estão as abelhas, e, para mostrar-lhas, chega á abertura ou logar da entrada do enxame, e com muita bulha e impeto arremessa-se a elle, até que o homem se aproxima. Então retira-se, indo pousar em logar d'onde observe, agitando sempre as azas, e fazendo muita bulha, até que, feito o saque, vai aproveitar-se dos despojos que ficaram. Se o viajante não faz caso d'elle quando apparece, e vai seguindo um caminho opposto, ou que por ser muito longe deixa de continuar a ir atrás d'elle, parece mostrar então impaciencia, pela força com que dobra os pios, e chega a tocar na pessoa que o abandona, não poupando diligencia para o excitar a aproveitar-se do thesouro que tem descoberto, mas de que não se póde utilizar sem auxilio.

«Todavia é preciso ter muita pratica e prudencia para seguir o issai, porque, mostrando ordinariamente os enxames de que tira proveito, comtudo guia da mesma fórma ao logar onde se acha

¹ *Muata-Cazembe*, cap. m, pag. 135.

um leão, tigre, elephante, buffalo, etc. É sómente a prática que ensina a conhecer, quando o cuco se vae approximando ao objecto que indica, se elle conduz a logar em que está um enxame de abelhas, ou a sitio em que existe algum animal feroz.

«O methodo seguido pelos cafres para tirarem o mel dos enxames das arvores é o seguinte: alargam o buraco que serve de passagem ás abelhas, com a machada, se é pequeno; depois com pavêas de palha accessa lançam fogo ás abelhas, e quando estão já os favos desembaraçados d'ellas, que ficam queimadas no chão, vão comendo os favos com a mão, e por esta fórma, tanto a cavidade da arvore como o solo, ficam alastrados de abelhas e becados de favos, de que a ave se aproveita.»

Tenho para mim que não me levará a mal o leitor o ter-lhe dado estas informações particularisadas de uma avesinha tão curiosa, e da qual se ficaria fazendo muita inexacta idéa, a limitar-se ao conhecimento d'ella havido pelo pouco, e mui pouco explicitamente, que nos diz d'ella o dr. Livingstone.

Mas passemos a outro assumpto de maior momento, para o qual nos chama as attenções a serie da narração do dr. Livingstone. Fallemos do celebrado rio Coanza.

É varia a orthographia com que se escreve o nome d'este rio, pois que se encontra escripto de todos os seguintes modos: Coanza, Cuanza, Cuamza e Quanza. Por esta occasião observarei, que não menos a diversa pronunciação do que a varia orthographia, é origem de lastimosos equivocos e graves erros geographicos em relação a rios, serras, territorios, reinos e até nações inteiras, que, não raro, sendo um só rio, ou uma só nação, se tem considerado, em consequencia do diverso modo por que a sua denominação está escripta, como se fossem rios ou nações differentes, etc. Torna-se preciso, segundo as varias procedencias nacionaes dos que fallam ou escrevem, o maior cuidado, a fim de evitar os inconvenientes que resultam da sua muito varia pronunciação ou orthographia. Se fosse necessario, citaria exemplos para firmar a minha asserção, porém não julgo que o seja, e por isso me limitarei a uma breve amostra. Owen á Bahia de Pemba chama *Pomba bay*; á Ilha Chelina, *Shefeen island*; ao Rio Luabo, *Lubao*; á Ponta da Unhaca, *Injack cape*; ao Rio Catembe, *River Temby*; ao Rio do Espirito Santo, *English river*. O dr. Livingstone dá o nome de *Loangwa* ao Rio Aruãgoa, e o de *Rovúbu e Lofúbu* ao Revugo, etc.; e nota

o mesmo dr. Livingstone¹ que a falta de attenção á troca das letras *r* por *l*, e outras, substituição ou troca aliás muito commum, dá occasião a muitos e arriscados equívocos. Não se tenham por minuciosas em demasia estas observações, porque sobra pouca reflexão para evidenciar que não são sobejas. E tanto mais, quanto está fóra de duvida que, se taes equívocos e erros são na maxima parte devidos a mera desattenção dos escriptores, alguma vez comtudo são filhos da malicia, e da pequena vaidade de que adoece grande numero de viajantes, que almejam honras de descobridores, os quaes pretendem, por via da só alteração dos nomes conhecidos, dar-se por primeiros observadores de cousas, que suppõem, e querem se acreditem, dantes ou até elles ignoradas totalmente. Não direi que Livingstone alguma hora enfermasse de tão mesquinho achaque; todavia ha quem assim o tenha suspeitado.

Atemos o fio ao discurso.

Eis-ahi o que nos diz o dr. Livingstone ácerca do Coanza²:

«Possuindo eu um antigo mappa portuguez, no qual o Coanza está assignalado como vindo do interior em 9º de latitude sul, julguei provavel que, tendo nós subido o Liba (14º 41') o espaço de dous a tres grãos, nos acharíamos porventura a cento e vinte milhas do Coanza, e não encontraríamos difficuldade em descê-lo até á costa perto de Loanda. Esta inferencia era logica, porém, como succede nas mais plausiveis theorias, uma das premissas era decididamente falsa. O Coanza, como ao depois conhecemos, não vem de nenhum ponto proximo no centro do paiz.»

N'outro logar accrescenta³: «Caminhávamos a oeste-nor-oeste, e todos os riachos, que tinhamos atravessado, corriam ao norte, e, segundo se diz, vão levar as aguas ao Cassai ou Loke: muitos d'elles tem as margens apaúladas como é peculiar ao paiz. Achan-do-nos agora na latitude attribuida ao Coanza, fiquei maravilhado da total ausencia de conhecimento d'aquelle rio entre os naturaes do territorio. Mas eu ignorava então que o Coanza corre consideravelmente a oeste, e que o seu curso é comparativamente breve da nascente ao mar.

«O celebre dr. Lacerda parece ter laborado no mesmo erro que

¹ Chap. xxx, pag. 617.

² Chap. xii, pag. 222.

³ Chap. xix, pag. 357.

eu, porque recommendou ao governo d'Angola que estabelecesse uma cadêa de fortes ao longo das margens do Coanza com o propósito de facilitar as communicações com a costa que lhe faz opposição. Como a cadêa de fortes ao longo da corrente do rio devia levar ao sul em vez de endireitar ao nascente, podemos inferir que os dados geographicos, ao alcance d'aquelle homem eminente, não eram mais exactos do que aquelles em virtude dos quaes eu dirigi os meus passos para o Coanza, procurando-o onde não existe.

«Cambambe, até aonde chega a navegação do Coanza, jaz, segundo se affirma, trinta legoas abaixo de Pungo-Andongo. Uma grande caxoeira é, por aquelle lado, o limite da navegação, e existe outra algum tanto mais acima na confluencia do Lomba (latitude $9^{\circ} 41' 25''$ S. e com pouca differença longitude $16'$ E.) onde, a tempos, se encontram e matam hyppopotamos e elephantes. A corrente é rapida entre os dois pontos, e segue geralmente sobre leito pedregoso. A nascente é designada ao SE. ou SSE. da sua confluencia com o Lomba, e proxima ao Bihé. A situação do Bihé não é bem conhecida. Estando nós em Sanza, asseveraram-nos, que demora ao sul d'aquelle ponto, a oito dias de distancia. Esta noticia pareceu confirmar-se pelo facto de encontrarmos muita gente, que vinha do Bihé para o Matiamvo, e para Loanda. Toda esta gente veio reunida até Sanza, e alli se separou, tomando uns para o nascente, e outros para oeste. A nascente do Coanza por conseguinte não fica *provavelmente* longe do Bihé.»

Ao ler o que Livingstone escreve ácerca do Coanza, e fica trasladado, parece que tão pouco se conhecia d'este rio notavel, que as indicações, achadas nos escriptores e mappas portuguezes, só serviam para extraviar os que lhes dessem ouvidos, e os seguissem, como a elle mesmo acontecêra, e tinha acontecido anteriormente ao dr. Lacerda. Examinemos isto; e tenho para mim que mais uma vez havemos de ficar desenganados de que não póde evitar a nota de facil e credulo quem levemente pozer fê nas informações do dr. Livingstone; e tambem ficará manifesto que teve elle menos conhecimento do Coanza do que o de ha muito havido pelos portuguezes. Ouçamos os nossos informadores nacionaes.

O auctor da *Historia Geral Angolana*¹ dá muito particularisada

¹ Cardonega, *Historia Geral Angolana*. ms., part. 1 do tom. III, pag. 45.

descripção do rio Coanza: não a transcreverei aqui por ser em demasia prolixa, mas contentar-me-hei de tomar d'ella textualmente¹ só o que serve ao meu intento, convidando os leitores desejosos de mais larga informação a que lêam a obra citada.

«E porque havemos de hir subindo pelo potente e caudaloso Rio Coanza acima, navegando até ao Presidio e Fortaleza de Muchima, e populosa Villa e Capitania de Masangano e Fortaleza de Cambambe, que he até onde chega sua notavel navegação; e havemos descrever muito da sua grandeza, que o A. desta Historia vio e pizou; e já se tem relatado, em o primeiro e segundo tomo da nossa *Historia General das Guerras Angolanas*, algumas cousas no tocante a elle por mayor: agora hiremos narrando e particularizando o que este notavel rio em si encerra...

«Não dirá o A. do seu nascimento, porque *até este tempo não é sabido*, nem se tem descoberto, tendo as nossas conquistas, e a gente do commercio, a que chamão Pombeiros, entrado por este sertão dentro mais de tresentas legoas; e até o Jaga Casangi, que se presa muito de ser, e se apellida Quiambole de Sua Alteza, que val no nosso vulgar como Governador das armas ou seu General, tem entrado com suas conquistas muito pelo sertão dentro, e não lhe descobriu seu nascimento. Os reis antigos de Angola se conta por tradição que mandarão por seus vassallos a saber seu nascimento; lá forão e lá ficarão, que á desejada patria não tornarão, e ou tornarão como se não forão; elle he certo que ha de ter seu nascimento, mas até agora não he sabido, nem por estes reinos descoberto, excepto os mappas, que a tudo dão sahida. Presuppuesto o que dito he, se dirá alguma cousa em esta narração do que d'elle se sabe, e he descoberto; e já que não começa o A. por seu nascimento, como he costume em todas as cousas, principiará ao menos por onde fenece e acaba.

«E começando por onde acaba seu caudaloso curso, e tributa suas immensas aguas ao mar, que he em a barra do seu nome, por onde entrão e sahem Pataxos de cuberta e alto bordo, e pu-

ete. Esta obra conserva-se manuscripta na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

¹ Intendi que devia antepor á brevidade o fazer conhecido o auctor pelas suas feições proprias, e por isso fiz excerptos e não extractos. O estylo do auctor não é para imitar, mas tem certo valor proprio, que no extracto sem dvida perderia.

dêrão navegar Naos possantes em tempo de suas inundações, fazendo entradas e sahidas, uma vez que tivessem pilotos...

«Desta barra para dentro se fazem muitos Pataxos de cuberta, porque ha naquella paragem muita madeira de Mange, que he huma sorte de páo criado naquelles alagadiços, que faz o mar e o Coamza...

«Destes Mangaes vão muitos Pataxos continuadamente carregados de madeira para a cidade... Ha tambem em frente d'estes Mangaes, da outra banda da Quisama outros alagadiços, que correm outras seis legoas... Ao (sitio de) Tombo, aonde dissemos chegavão os ditos Mangaes, vai hum esteiro fundo de maré vazia doce, e de chea de agoa salgada... Entre o dito esteiro e o Rio Coamza corre huma Ilha, chamada de Ensandeira, bem conhecida por este apellido, e por nella haver tido o Hollandez, quando occupou estes reinos, Fortaleza, como tambem a tiveram na barra deste rio Coamza... He Ilha prolongada e abundante de bastimentos, a qual corre até aonde chamão o Cale... Em esta paragem começa a prolongar-se outra ilha que tem legoas de comprido, o mais do terreno alagadiço, fazendo esteiro da banda da Quisama, e nesta banda de cá do Coamza está o outeiro e porto de Calumbo...

«Navegando algum espaço polo rio acima se dá em o sitio que chamão o Penedo do Bruto, e lhe dá este nome o ter sido do capitão-mor Antonio Bruto, que na conquista destes reinos se assinalou muito, como se tem referido no nosso primeiro tomo... Pouco distante deste sitio do Penedo do Bruto se vê huma lagoa, chamada de Gimbi, e lhe dá este nome o Sova deste apellido senhor della, e do seu territorio, com esteiro caudaloso, por onde reparte a potencia das suas aguas este soberbo rio Coamza que himos descrevendo...

«Passado este sitio¹, navegando Coamza acima com a nossa derrota, está o de Sequeli Cambenza: ha tambem aqui terras de lavradio da gente portugueza, gados que nellas pastão, pescarias e caçadas... Distante deste sitio está a passagem a que chamão Cacoa, bem conhecida por suas barreiras brancas, mui altas, que se devisão de mui longe, e pelo Sova senhor daquellas terras ter o mesmo apellido, o qual Sova tem sua morada, e povoação, da

¹ Id. ibid, pag. 58 e seg.

parte da Provincia da Quisama, e é vassallo de outro Sova poderoso, chamado Quimono Casonga, que demarca o seu senhorio até ao mar e barra deste rio Coamza, até ao Sova Muchima; tem nesta distancia, que serão vinte e cinco legoas para trinta de comprido por este Coamza acima, alguns sovas libatas e terras, que lhe dão obediencia, e o reconhecem como senhor...

«Hindo com a nossa navegação por diante¹ se vay á fazenda e Arrimo, que chamão do Novaes, morador que era do Presidio de Muchima, que foi um daquelles tenentes do Capitão-mor, que ajudou a defender do inimigo Hollandez aquella Fortaleza, como se relatou no primeiro tomo, e sua segunda parte, desta Historia... Defronte desta paragem, da outra banda, Provincia da Quisama, tem o seu senhorio hum Sova fidalgo, vassallo de Quimon Casonga, por nome Cavenga, que he onde foi a tomadia do Pataxo que havemos relatado em o nosso segundo tomo, em o governo de Aires de Saldanha de Menezes e Sousa...

«Do sitio do Novaes, em que hiamos fallando², se vay navegando por este rio acima por Arrimos e fazendas, que estão por sua beira, dos moradores do Presidio e Fortaleza de Muchima, como tambem de alguns desta cidade, até aonde chamão Matari Engando. Este nome Matari em nosso portuguez quer dizer pedra, e Gando chamão ao Lagarto; assim que, junta huma cousa com outra, he Pedra dos Lagartos... Este sitio vem buscar, para alvergarem nelle, os que neste Rio navegão, e he jornada sabida.

«Dêste sitio se faz outra jornada por este caudaloso Rio Coamza acima, á boca do Coamza grande, paragem a que chamão do Rosa, por haver sido de hum homem, conquistador antigo, que tinha esse sobrenome; sendo isto da nossa banda em frente a Quisama.

«Desta paragem se deixa a Coamza grande³ por ser navegação mais detençosa em razão das muitas voltas e enseadas que faz, e passa ao Esteiro chamado de Muchima por lá hir ter, o qual se podia mais chamar rio caudaloso do que Esteiro... Á entrada deste Esteiro está, da banda da Provincia da Quisama, o Porto e Outeiro a que chamam de Songa, por o Senhor delle ter por apellido Qui-

¹ Id. *ibid.*, pag. 64.

² Id. *ibid.*, pag. 72.

³ Id. *ibid.*, pag. 80.

mona Casonga, Sova poderoso e de senhorio dilatado, que começa desde a barra deste Rio Coamza até ao Sova Muchima com quem tem suas demarcações, que serão trinta leguas pouco mais ou menos...

Entre o Coamza grande e o Esteiro está uma ilha dilatada, que vai a fenecer por cima da nossa Fortaleza de Muchima, a qual terá quatro para cinco leguas de comprido... Hindo correndo o dito Esteiro, passada esta nossa Fortaleza e Presidio de Muchima, acaba em uma ponta de areal, onde este caudaloso braço se divide do mais corpo daquelle a que chamão Coamza grande... Daqui se passa ao Outeiro de Leão, assim chamado por ali ter morado e assistido hum homem deste apellido, e ser tambem a geração dos Reis dos Animaes ali mui basta em os dilatados mattos e brenhas que acompanham este sitio...

«E porque himos seguindo¹ nossa derrota e navegação, continuando do Sitio e Outeiro de Leão, se vay navegando ao de Guia Angonga, que lhe dá o Sova destas terras o nome por assim se chamar... Daqui a hum distancia, passados huns Outeiros, está hum espacosa vargea ou Esteiro da sem par Lagoa de Angolomen, chamada assim do Sova em cujas terras está... Esta Lagoa occupa algumas leguas de circuito, e he de tanto fundo e dilatada de agoa, que entrando a viração da tarde faz maretas e ondas como o proprio mar... Ha neste immenso lago muitos cavallos marinhos, lagartos, peixes-mulheres...

«Daqui se vay navegando este caudaloso rio, e se passa por suas margens por terras e senhorio do desinquieta Sova Gungo Amocambo da Provincia da Quisama, com sua terrivel futa, ou pego, que com sua grande corrente sorve as embarcações que por ali passão, e he necessario hir mui attento, e com grande sentido, por que dando nella faz muitos redemoinhos, e hão de ser mui espartos os navegantes para se livrarem della, e de tamanho perigo.

«Passado elle se vay navegando até ás terras, e grande senhorio do poderoso Sova fidalgo Catala-Casala, de quem he vassallo o acima referido.

«Por esta parte ha duas Ilhotas, e está hum lagôa a que chamão a Cazia... Daqui se vay aonde chamão a Cavoia, correndo o

¹ Id. *ibid.*, II part. do tom. III, pag. 96.

senhorio do Sova Catala, e da nossa banda, chamada Ilamba, o Sova Angola Angolomen Acundo... Himos descobrindo a Villa da Victoria de Masangano com seus outeiros coroados de nobres edificios, que faz huma vista aprazivel aos que vão em sua demanda navegando; mettendo-se hum pouco mais acima o caudaloso Rio chamado Lucala em este potente Rio Coanza, fazendo-o mais abundoso com suas immensas agoas, ficando-lhe-defronte a Ilha de Fernando, não de Noronha, senão Rodriguez, de que faremos menção mais particularmente por haver de descrever primeiro a muito nobre e sempre leal Villa de Masangano. Ficará entrementes suspensa a narração deste soberbo Rio Coanza, do qual não se diz o que se pôde dizer, que não tem comparação, no intender do Autor, com o que das grandezas de outros escrevem alguns Historiadores, porque passam seus cursos por cidades populosas; mas se isso lhe faltasse, que não sabemos, sobejão as monstruosidades, e cousas singulares, que se achão no centro de suas copiosas agoas...

«Esta Ilha (de Fernando) divide o Coanza grande da Samba Coanza, estando da outra banda a Provincia Quisama¹... A Ilha vay acompanhando o braço do Rio, donde começa até onde acaba, que torna outra vez a incorporar-se na mãe de onde se dividiu... Passada esta Ilha e braço se entra outra vez em a mãe Coanza, e se vay navegando Coanza acima até á paragem de Andala a Chosa, onde ha huma perigosa passagem com futa ou pego de grandes redemoinhos, e com a grande corrente chama as embarcações a si, e fazem ali tamanho rogado as agoas que batem em huma Ilhota de penedia que está em meyo, que brama como se fôra mar, e se ouve muito longe, e os que por aqui navegão passam com muito tento, cuidado e receo.

«Hindo por este tão notavel Rio acima se passa com sua navegação pello sitio da Carinda, e se vay navegando até ao Rio chamado Mocos em terras e senhorio do Sova Quilongo-Quiabungo, tendo este arrebatado Rio (Mocos) seu nascimento em terras e senhorio de Dumbo Apebo Sova, outros lho dão mais acima perto da Fortaleza das pedras do Mapungo, e vem fertilizando com suas agoas terras de Sovas tambem vassallos, e muitas dos Portuguezes, que tem suas fazendas, arrimões e palmares em Samba-Hilanga

¹ Id., pag. 124 e seguintes.

e Quilonga, principalmente os moradores de Cambambe. Em tempo de Inverno traz a sua corrente mui arrebatada, para com mais presteza tributar as suas agoas ao Rio Coamza, desembocando em esta paragem, por onde teve fuga, mandada dar pella Infanta filha do Rey de Angola, o nosso primeiro Conquistador Paulo Dias de Novaes, de quem era afeiçoada, participando deste favor alguns Portuguezes seus companheiros, sahindo deste Rio Mocós, Coamza-abaxo, correndo harto perigo de serem naufragados, do que milagrosamente foram salvos...

«Desta paragem se entra por entre rochedos ou rochas chamadas de Cambambe, por onde este Rio Coamza corre como mettido em prisão, não tendo por onde esprayar e resfolgar... Passada esta corrente se vay navegando por onde chamão o Cambure e a pouco espaço está o porto e outeiro a que chamão da Quilonga, ao pé da nossa Fortaleza e Presidio de Cambambe.

«E porque havemos chegado com a narração deste notavel e caudaloso Rio até onde he navegado de nossas embarcações, vindo suas abundantes aguas trazendo sua corrente do intimo desta Ethiopia, tão basta de tantas castas de Gentios a prostrar-se ao pé da nossa Fortaleza de Cambambe... E já que este caudaloso Rio se prostra a esta Fortaleza de Cambambe, havendo feito seu curso por mais de sessenta legoas, que muitas mais são pellas grandes voltas que dá sua navegação desde sua barra até esta Fortaleza, razão será descrevella, ficando hum pouco suspensa a formosa Coamza, em quanto não tornamos a dar fim, e acabar de descrever as noticias que della sabemos, desta Fortaleza para cima...

«E por hirmos dando fim, do que sabemos da nossa celebrada Coamza¹ diremos em como ao pé da nossa Fortaleza de Cambambe começa a ter a sua primeira cahida, combatendo e espedaçando suas agoas em aquellas penedias e rochedos, e ainda naquelle seu trabalho he de proveito aos viventes por naquellas mesmas pedras nos dar huma pescaria de peixe desusado, que o não ha em outra parte, a que chamão Chinxivilins...

«Desta queda a legoa e meya do Presidio está a queda Goa, assim chamada por antonomazia na mesma terra e senhorio do Sova Cambambe, perto da sua banza e morada: e he a sahida ao campo mais vistosa que tem a gente Portugueza, pella mais terra ser mon-

¹ Id., pag. 137 e seguintes.

tuosa e agreste; e todos os que vão de fora vão ver esta admiração, por que em tempo de verão vay este caudaloso Rio mettido na mãe, e se collão suas numerosas aguas por entre dous rochedos, tão pegado um do outro que parece aos olhos que de hum salto, ou com limitada ponte, se pôde passar de uma banda para a outra, e daquella altura collada por aquella estreiteza se despeinha com hum rugido e bramido que se ouve dali muitas legoas, fazendo rucio de nebrina que alevanta com muita escumagem. Ali vão algumas pessoas daquelle Presidio, e gente forasteira, a fazer suas merendas á sombra de humas arvores que tem em frente, donde se descobre, e está vendo aquella maravilha. . .

«Daqui vem este Rio fazendo em partes suas caxoeiras e despeinhos, dando em algumas logar á passagem da nossa banda para a da Provincia do Libollo, em hum Sova nosso, por nome Comberiaquina, que é o primeiro porto e passagem para aquella Provincia, junto á de Quisama, e a do Sova Cambambe, fronteira a Gama-Angola, que he sovado da banda do Libollo. . .

«Dahi, andando esta navegação, está a passagem chamada de Musungo, em terras e senhorio do Sova Angõla-Calunga, com huma fructifera e dilatada vargea de grandes palmares, em que se cultivam muitas farinhas. . .

«Daqui vem descendo este dilatado Rio Coamza com suas caudalosas aguas distancia de muitas legoas, fertilizando as terras dos Sovas Muquila, Dumbo-a-Pebo, Andala-a-Chosa, todos vassallos da coroa de Portugal; os quaes todos ditos Sovas tem em suas terras passagens e portos para a vasta provincia do Libollo. Entre huns e outros tem este rio suas cachoeiras e despenhadeiros, e dahi vai dando pela Provincia do Libollo grandissimo rodeyo, passando com suas agoas e suas correntezas algumas quatro legoas da nossa Fortaleza das Pedras de Mapungo, e passagem para a Provincia do Libollo em as terras e senhorio do Sova Angolomen Acacombe, em porto e outeiro a que chamão del Rey de Dongo. . . E já que havemos chegado á nossa Fortaleza das pedras de Mapungo não será razão passarmos por ella em silencio. . .

«E tornando a dar fim ao que he descuberto pelos vassallos Portuguezes deste Reino do famoso Rio Coamza, vem passando a corrente de suas abundosas agoas pella Ilha do Sova Palanca, que é espaçosa, e pella Provincia chamada do Aco, e pellas do Sova Angola Cabangi, vindo descendo pelas Ilhas da Quindonga, onde foi

a rota e desbarato da Rainha Ginga Dona Anna de Souza pello capitão-mór do Reino e gente de guerra, que então era Bento Barba Cardoso, governando a estes Reinos Fernão de Sousa, como se ha feito menção em o nosso primeiro tomo e sua primeira parte.

«Atê esta paragem do que temos navegado com esta descripção, conforme os rodeyos que havemos trazido por este potente Rio acima, são mais de cento e cincoenta legoas. Considere agora o curioso quanto haverá destas a que chegamos ao Quilombo de Casangi, aonde este Rio Coamza vay demandar, que se gasta desta paragem lá quinze dias de caminho, que sempre serão mais de cem legoas, vindo de muitas legoas pellas Provincias dos Gangelas e Somgos, sogeitas pelas armas do poderoso Jaga Casangi, que se intitula Vassallo e Quiambolle do Principe Nossô Senhor, como o forão seus Antepassados, que val tanto como seu Capitão Geral; e o que haverá por diante destas Provincias pello Sertão dentro, *não se sabendo até agora com verdade seu nascimento deste tão caudaloso Rio Coamza*, tendo ido este poderoso Jaga com suas conquistas muito alem.

«Os antigos Conquistadores contavão que alguns Negros antigos dos Quitombos dos Jagas que vierão da terra dentro, dizião que *de huma lagoa que estava no intimo deste Sertão, sahião della quatro Rios caudalosos, que hum delles era este Rio Coamza* que descrevemos, outro o Rio Cuneni, que fazia sua demora atravessando no Reino de Benguella as Provincias dos Quimbundos, e o Hila, desagoando com suas caudalosas agoas na costa daquelle Reino; mas não dizião em que parte se mettia no mar. O outro era o Rio Cubo, tambem caudaloso que pára com a sua corrente em o mar, em terras de Mani-Quicombo, passando pela Provincia dos Sembis; e o quarto era o famoso e caudaloso Rio Coango, que este appellido lhe dá a Gentilidade pella terra dentro; e adonde desagoa suas numerosas agoas no mar em o Porto de Pinda, condado de Sonho, lhe chamão Zaire, vindo fazendo o curso de suas correntes com espaçosa largura pellas costas do Quilombo do Jaga Casangi, e pello Quilombo da Rainha Ginga e Reino de Matamba, e dali vem passando perto da Provincia de Somso até o Congo de Bata e Benduque, tres dias de caminho da Cidade de São Salvador do Reino de Congo, atravessando este Reino, e todo o Condado de Sonho, até se metter em o Porto de Pinda no mar, onde lhe chamão, como dizemos, o Rio Zairi, e pello Sertão dentro, o Coango.

Algum escritor com pouca noticia disse, que tinha sua fonte em o Reino do Congo, e aqui se tem mostrado como foi errado no seu dizer, por que estes dous potentes Rios Coamza e Zaire fazem seus cursos diversos, hum para huma parte, e outro para a outra, como se tem relatado em esta narração.»

Até aqui Cardonega. Ouçamos agora a breve, mas importante declaração de um escriptor, que precedeu o auctor do ms. d'onde extrahi os excerptos acima transcriptos, e que fallou das terras angolenses com muito averiguado conhecimento, pois que pertenceu aos conquistadores d'Angola, sendo-o elle mesmo de grande parte da provincia de Quissama em 1598, e chegando tambem a ser capitão-mór de Cambambe. Eis-ahi as próprias palavras de Balthasar Rebello d'Aragão na *Relação das cousas d'Angola*, que se conserva com outros varios escriptos na Bibliotheca da Ajuda: «Pello meio deste reino (Angola) desce o Rio Coanza, rio mui caudaloso e que todo o anno se navega té a fortaleza de Cambambe que está no fim d'elle, *não que tégora lhe saibamos ter fim*, mas por que daqui para sima não se póde passar por respeito da grande cahida que aqui faz a agoa, a qual é tão grande que do fumo e vapor, que de si lança para o ar, se faz nelle huma espessa nuve de nebrina, a qual tornando a descer, sendo a agua do rio mui excellente, esta se converte em fino salitre pellos penhascos do dito rio».

Antes porém que Cardonega e do que Balthasar Rebello, tinha escripto Duarte Lopes, com referencia á origem do Coanza, que «a traz de um pequeno lago, que se forma das agoas que vem correndo de outro grande lago, a que o Nilo deve o nascimento¹.»

Continuando ainda a deixar de parte quaesquer observações, transcreverei o que um auctorizado escriptor moderno, J. J. Lopes de Lima, que estudava com a maior diligencia e criterio tudo o que respeita ás possessões portuguezas na Africa oriental e occidental, observa do rio Coanza².

«Passarei agora a fallar do *Cuanza*, rio caudaloso *de origem desconhecida e remota no interior de Africa*, o qual serve de limite meridional ao antigo reino de Angola. A bôca d'este rio é fa-

¹ *Relação do Reino do Congo, etc.*, por Duarte Lopes. *Pigafetta*, Tradução latina. Cap. iv, pag. 7, (MDCXXIV).

² *Ensaio sobre a Estatística d'Angola e Benguella*, part. II, cap. I, pag. 11 e seguintes, 1846.

eil de conhecer, como já disse, pelo amarelento das suas aguas que sahem ao mar: do lado do Norte se avistam dous montes redondos (*as Mamas*) e no meio da barra tem uma ilha coberta de arvoredo cerrado: na ponta do Norte construíram os hollandezes um pequeno forte, que está hoje abandonado... A unica ilha habitada é a de Quinzanga, situada a nove leguas da sua foz. Para os presidios se navega em lanchas, e pequenas escunas pelo dito rio Coanza, cujo alveo aqui (povoação portugueza de Calumbo) é pouco largo, e pedregoso, e a sua corrente profunda e rapida, povoada de crocodillos, cavallos marinhos e phocas (a que lá dão o nome de *peixe-mulher*).

«O presidio portuguez de Muxima, fundado em 1599 na margem esquerda do Cuanza fica a vinte e oito leguas do mar, e dez-oito de Calumbo... O Presidio portuguez de Massangano... está em uma lingua de terra entre os dous rios Cuanza e Lucala, que alli confluem, umas dez leguas acima de Muxima (viagem de dous dias)... De Muxima a este presidio são umas dez a onze leguas que se andam em dous dias incompletos pelo Cuanza acima, e dahi a doze leguas mais arriba, que levam outros dous dias de viagem, está o Presidio portuguez de Cambambe.

«Aqui acaba a navegação do Cuanza desde a sua foz, por que logo acima de Cambambe começam as grandes cataractas, aonde a massa de suas aguas se despenha de altissimos rochedos em cachoeiras tão volumosas e profundas, que a quèda d'ellas produz uma perpetua neblina, a qual deposita nos rochedos das margens camadas de salitre, não obstante serem dôces e potaveis as ditas aguas do rio antes, e depois do seu despenhamento. Todavia passadas essas catadupas o rio torna a ser navegavel, mas só para canoás, ou pequenos bateis, por causa das suas muitas ilhas, que apenas deixam em algumas partes passagens estreitas entre umas e outras: estas ilhas foram em outro tempo sujeitas ao reino de Matamba (ou Ginga), mas desde o anno de 1745, que foram conquistadas por Bartholomeu Duarte de Sequeira em tempo do governador João Jacques de Magalhães, ficaram pertencendo á corôa de Portugal, e formam hoje parte do districto do Presidio portuguez das Pedras de Pungo-an-dongo.»

* Não me parece que seja necessario maior nem mais qualificação numero de noticias ácerca do curso e navegação do Coanza, e da sua origem, para se tornar manifesto que o dr. Livingstone

se houve menos circumspectamente do que deve esperar-se do escriptor grave, que deseja que suas informações sejam bem aceitas, e que a sua authoridade inspire confiança, e tenha peso para com os leitores sisudos, quando affirma que a origem do Coanza não fica a distancia no interior do paiz, mas sim proxima do Bihé: e que o seu curso, calculado desde a nascente á foz, é comparativamente breve.

Tão pouco o dr. Livingstone se acredita de sobradamente reflectido quando attribue ao celebre dr. Lacerda o erro de suppor, como suppozera elle mesmo Livingstone, ao Coanza diversa latitude, fundando-se em ter Lacerda recommendado ao governo de Angola que estabelecesse uma cadêa de fortes ao longo das margens do Coanza com o proposito de facilitar a communicação com a contra-costa; pois que, tendo de caminhar para o sul a cadêa de fortes estabelecidos ao longo do curso do rio em vez de endireitar ao nascente, ficava inutil a providencia recommendada.

Com quanto não se encontre no *Diario* do dr. Lacerda, nem na sua correspondencia a recommendação alludida pelo dr. Livingstone, comtudo na *Memoria* de José Maria de Lacerda¹, offerecida ao ministro d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, acha-se uma insinuação n'este sentido. Effectivamente é certo que aquelle ministro se refere de modo muito expresso, no Regio Aviso que vou citar², á representação que fizera subir á Real Presença de S. A. o Principe Regente o Governador dos Rios de Sena, e portanto é preciso rectificar a errada apreciação do dr. Livingstone, que se equivocou completamente ácerca dos motivos do conselho dado para a edificação de fortes nas margens mais distantes do Coanza. Não era o facilitar a communicação com a contra-costa, ou, falando com maior exactidão entre as duas costas, a razão que movia o dr. Lacerda, mas sim o evitar a communicação e commercio dos estrangeiros no interior do Sertão; e pareceu tão approvada esta opinião ao governo, que o Ministro a julgou bastante para o obrigar a expedir o *Aviso Regio de 14 de março de 1800*, no qual se ordena ao governador e capitão general do reino de Angola D. Miguel Antonio de Mello, que, na conformidade do que propõe o

¹ N'outro logar fallarei mais detidamente d'esta muito curiosa *Memoria*.

² V. a *Nota II.*

governador dos Rios de Sena, vá *prolongando alguns presidios pelas margens do Quamza, a fim de evitar toda a correspondencia do Loge ou Ambriz com o interior do sertão.*

O sr. Visconde (Marquez) de Sá da Bandeira assim tambem o entendeu, e por isso na sua *Nota C*, á citada importante *Memoria* de J. M. de Lacerda observa: «Que é antiga a queixa de ser feito em proveito dos estrangeiros pelos portos da costa do norte de Angola grande parte do commercio dos sertões portuguezes, e se fazia muito tempo antes de escripta pelo author, como se lê em uma *Memoria* de J. M. Garcia de Castro Barbosa, redigida em algum dos annos que decorrem de 1772 a 1779, e que existe em manuscrito, na qual elle attribue o augmento da concorrência de estrangeiros áquelles portos, ao desleixo dos Governadores de Angola, que haviam abandonado as Feitorias que Portugal possuia em Loango, Cabinda, Sonho, Ambriz, etc. Feitorias por meio das quaes dominava desde o Cabo de Lopo Gonçalves, para o sul, toda a costa e todos os rios». «Foi para embaraçar o commercio d'estes estrangeiros, que no seculo passado foram levantados os fortes de Encoge, no interior, e na costa o do Novo Redondo, o de Cabinda e o do rio Loge ou Ambriz, o qual pouco depois se abandonou... Depois de se ter feito o mencionado forte no rio Loge, o Marquez de Mussul e outros potentados d'aquelle paiz, foram a Loanda reconhecer-se vassallos da corôa Portugueza, submissão que fez augmentar o rendimento da alfandega. Com o fim de se conseguir este objecto, e para se concorrer ao mesmo tempo para a suppressão do trafico da escravatura, ordenou o governo Portuguez, em 1838, ao Governador Geral de Angola que fundasse um presidio em Mossâmedes, o que se fez, e este vai prosperando. Ordenou tambem que successivamente outros se fundassem, etc.» «É util, é necessario, para a consolidação do dominio Portuguez nos territorios que se acham reconhecidos pertencerem a Portugal, e que existem ao longo de toda a costa desde Lôango até Cabo Frio, fortes em que tremule a bandeira Portugueza, e que sirvam de protecção ao commercio nacional e ao estrangeiro, onde este fór permittido.»

E já que tive de citar o *Aviso Regio de 14 de março de 1800*, para demonstrar, como acabamos de ver, o equivoco do dr. Livingstone relativamente á razão, que movia Lacerda a aconselhar a edificação dos fortes nas margens do Coanza pelo sertão dentro,

e em outros pontos; tambem agora me servirá o mesmo documento para confirmar que a nascente do Coanza longe de ser a que suppõe o dr. Livingstone, persevera ignorada e occulta no interior do sertão. Era esta a persuasão commum em 1800, e por ser assim é que o governo de Portugal mandou investigar a navegação do Coanza, e que fosse explorada até aonde fosse possível. E quaes são as averiguações posteriores, que auctorisam a formar juizo differente? De ninguem são conhecidas, nem as allega Livingstone, o que é prova sobeja de não existirem, e todavia não duvida contrapôr, a meu ver com indisculpavel precipitação, ás averiguadas informações de homens tão competentes, uma asseveração de origem incerta, que a elle lhe designou, sem firmar-se em nenhum facto, a nascente do Coanza ao SSE. da sua confluencia com o Lomba, e proxima ao Bihé! Advirta-se com tudo que o proprio dr. Livingstone, em ultima conclusão, não se atreve senão a dar sómente como *provavel* a opinião de que a nascente do Coanza fica não longe do Bihé, declarando ao mesmo tempo que a situação do Bihé não é bem conhecida! Parece incrível que tão de leve se haja quem pretende que o tenham por escriptor de maior excepção. Entretanto ainda que mais particularisada fosse a noticia que Livingstone diz lhe fôra dada, já vimos n'outra parte quão pouca fé devia merecer-lhe, como havida dos naturaes. O dr. Lacerda, auctoridade tão respeitavel na materia sujeita, assim expressamente o manifesta, quando declara¹ que as muitas informações falsas dos indigenas, e de alguns commerciantes, quasi o tinham reduzido a pirronico pertinaz, pois que geralmente não se verificavam.

Agora tomarei em conta duas observações do dr. Livingstone, que de certo contrastam entre si de modo notavel; e não porque tenha de corrigi-las ou censura-las, pois que, infelizmente, são ambas procedentes; mas porque, devendo chamar por isso mesmo a nossa attenção, me põem na rigorosa necessidade de esclarece-las e justifica-las, dizendo alguma cousa menos succintamente ácerca do estado da instrucção e educação geral, e da educação e instrucção ecclesiastica em uma e outra Africa.

A primeira observação do dr. Livingstone. á qual fiz referencia

¹ *Diario da Viagem* do dr. F. J. de Lacerda e Almeida, dia 3 de setembro de 1798.

já em outro lugar, lhe foi suggerida pelo espanto que lhe causou, entrado no districto de Ambaca, o grande numero de pessoas que sabiam ler e escrever¹, não havendo alli eschola publica. Livingstone declara sem rodeios que tão grande desenvolvimento, dado á instrucção popular, era devido ás esclarecidas e trabalhosas fadigas dos missionarios Jesuitas e Capuchinhos; e accrescenta que os povos lhes são agradecidos, não cessando de recordar-se d'elles a todo o momento com louvor e veneração. O ensino tem-se perpetuado, porque de paes a filhos se vai mutuamente communicando, e transmittindo. Nem é só em Ambaca, em toda a parte até aonde abrangeu o benefico influxo das missões, o resultado não se desmentio, foi e é o mesmo sempre, sendo muito para advertir que, geralmente, os mestiços ou mulatos se avantajam por certa natural aptidão em toda a sorte d'ensino ou instrucção que lhes é dada. Em contraposição a esta faz o dr. Livingstone outra observação, e é que a falta de clero competentemente habilitado com os estudos proprios para parochiar dignamente, instruir a mocidade, e educar os povos, tem alli produzido effeitos lastimosos. Nem podia deixar de ser assim, porque sobre a falta dos missionarios, que supriam os parochos e toda a sorte de mestres, até os de artes e officios, ha a lamentar a falta quasi absoluta de professores e educadores: não os ha de moral e doutrina religiosa para a formação dos costumes, nem os ha d'instrucção primaria e secundaria, para o alargamento da area intellectual, e não os ha das artes e officios para as applicações da industria. É justa, justissima em toda a sua extensão a censura do dr. Livingstone, que se reproduz em differentes logares da sua obra, como advertirá o leitor attento, limitando-me eu a indicar-lhe tão sómente os que vão abaixo designados².

Não é só Livingstone, por quanto os nossos escriptores, que tem tratado com maior diligencia das cousas d'Africa, fazem ouvir os mais sentidos queixumes por causa do estado de desamparo em que nos ultimos tempos alli se tem achado a educação e instrucção geral, e da falta de ecclesiasticos instruidos, bem morigerados,

¹ Chap. xix, pag. 382.

² Chap. xx, pag. 393 e 405, chap. xxi, pag. 410, chap. xxx, pag. 643 e 644, etc., etc.

e cabalmente aptos para o approvedo preenchimento das funcções parochiaes.

Sebastião Xavier Botelho assim se explica¹: «Em um clima de fogo, que quebranta forças de gigante pela aturada e copiosa transpiração... he força que os habitantes, estranhos e naturaes, fujão ao trabalho, e vivão na ociosidade, se a educação fisica e moral os não incitar, prevenindo e corrigindo os vicios do clima». «Não ha morador em Rios de Sena que não viva do commercio dos sertões, e da pouca agricultura, bem ou mal amanhada pelos colonos de suas terras. O commercio é feito pelos escravos... e os que não servem para este mister, que é a maior parte d'elles, assim como as escravas, trabalhão nas minas. Em quanto os escravos merca-dejão, escavão as minas, e cultivão as terras, os senhores... vivem engolphados nos vicios. D'onde vemos que o abuso do commercio dos sertões tem sido parte de haver tanta mingua na agricultura, para a qual releva força de braços, trabalhos aturados, vigilancia, actividade e intelligencia, qualidades que não se adquirem sem competente educação, de que carecem absolutamente todos os nossos dominios ultramarinos, e estes com mais particularidade.

«Entretanto não ha mestres, nem sequer das primeiras letras, não ha rendas publicas applicadas para similhante objecto, e, quando os particulares quizessem pagar á sua custa, não ha pessoas que saibam doutrinar, porque os parochos, a cujo carrego estão as missões e o ensino, tem outras tenções quando começam de parochear, como já dissemos».

Tratando da instrucção publica e artes em Moçambique, escreve o mesmo competentissimo auctor²: «He de pasmar a ignorancia crassa em que vivem, não já os cafres, o que lhes é natureza, se não os brancos e mestiços da terra que se tem em conta de policiados. Não são varridos de talentos, mas a falta de conversarem povos civilizados, a intimidade com os cafres, o seguido trato com os Arabes, lhes tem feito communs, se não a crença, muitos dos usos e praticas da vida, e não conhecem outras. Em toda a Capitania ha só duas aulas de primeiras letras, uma em Quelimane e outra em Moçambique, regidas ambas por naturaes de Goa, tão alheios e errados no fallar como os proprios discipulos: muitas

¹ *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 289 e 290.

² *Id.*, ib., cap. xx, pag. 378 e 379.

noções familiares á gente mais idiota da Europa são para estes povos ou cousas novas, ou de que tem idéas confusas; ao mesmo tempo que tudo comprehendem, e muito adiantão, como se lhes dêem as primeiras idéas, e se lhes expliquem as materias com precisão e clareza.

«As artes correm parellas com a instrucção publica na mingoa, e no atrazamento; das liberaes nenhuma ha, e das fabris faltão as mais necessarias, sendo exercitadas as que ha por gentios de Dio, e da costa de Guzarate...

Lopes de Lima, fallando da instrucção publica em Angola, observa¹ que: «A provincia de Angola, em cuja Capital existiram algumas escholas nos tempos dos Jêsuitas, e que no tempo do governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho chegou a ter uma boa aula de mathematica, renovada depois no tempo do governador A. de Saldanha da Gama, está hoje no que toca á instrucção publica peor ainda do que as ilhas de Cabo Verde. Vê-se do orçamento haver actualmente em Loanda um professor de grammatica latina, um professor de primeiras letras e uma mestra de meninas; e em Benguella está vaga a cadeira unica de primeiras letras alli creada por lei, bem como o logar de mestra de meninas. Nenhum estabelecimento de instrucção existia até agora na villa de Massangano, nas Pedras de Pungo-andongo, nem nos outros presidios, aonde, alem dos indigenas, ha mais ou menos descendencia de brancos... Pelo que diz respeito á educação ecclesiastica, até hoje em abandono, já expendi as minhas idéas...»

No logar a que Lopes de Lima faz aqui referencia, que é o cap. vii, nota que a educação moral e religiosa, que se multiplicara e crescêra em Angola não só por via da diligencia e fadigas dos missionarios de varias ordens religiosas, mas tambem do clero secular, começara a decahir nos fins do seculo xvii, progredindo a decadencia seguidamente por todo o seculo xviii. Lopes de Lima attribue esta decadencia á falta de sacerdotes, á corrupção do corpo ecclesiastico, regular e secular, e ao trafico da escravatura.

Passando a tratar do ensino fabril, tão necessario ás nossas possessões d'Africa, diz Lopes de Lima²: «É certo que em Loanda ha

¹ *Ensaio sobre a Estatística de Angola e Benguella*, cap. viii, pag. 161, etc.

² *Id. ibid.* cap. viii, pag. 163.

maior numero de mecanicos, que em qualquer outra d'essas possessões; mas os processos da sua industria pouco mais são ainda hoje que as toscas rotinas do seculo xvii. Para as melhorar creou o illustrado D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho um trem com algumas officinas, mas este estabelecimento, acanhado desde logo nas suas dimensões, passou com o tempo a ser tão mal dirigido, que, motivando uma grossa despeza com o seu custeio, quasi nada prestava para os fornecimentos do exercito».

Bordallo¹, dando noticia do estado da instrucção publica na Africa Oriental, diz que as escholas d'instrucção primaria, estabelecidas em Moçambique, Quelimane e na ilha do Ibo, pouco fructificaram por estarem quasi sempre privadas de professores, e tambem por causa da ignorancia dos que as regiam, e que outro tanto aconteceu ás de Sofalla e Inhambane.

Entretanto é certo que, se nos tempos mais afastados era mais larga e estava melhor distribuida a instrucção publica na Africa Occidental do que na Oriental, com tudo nas ultimos tempos tem melhorado consideravelmente em uma e outra Africa, porque se crearam e abriram aulas de instrucção primaria em diversos pontos importantes da provincia d'Angola, as quaes estão funccionando com certa regularidade, e conhecido aproveitamento. Demais, o seminario episcopal, com as suas aulas d'instrucção primaria e secundaria, alem das proprias da indispensavel instrucção ecclesiastica, alargou utilmente a area da instrucção, que tanto alli se desejava, e de outro modo era impossivel de obter-se. Quando esta se tornar o que deve vir a ser, então a vantagem dos seus resultados apparecerá de modo evidente e indisputavel.

Accresce que o *Decreto de 14 de agosto de 1845*, que teve por objecto organizar a instrucção primaria no ultramar², creando *escolas principaes* para cada uma das provincias, ha de proporcionar á mocidade e aos estudiosos, instrucção sufficiente; porque n'estas deve ensinar-se demais do ler, escrever e contar, doutrina christã, e principios de *geographia* e de historia, tambem *grammatica*, desenho linear, noções de geometria pratica, escripturação mercantil, noticia dos productos naturaes da respectiva provincia,

¹ *Ensaio sobre a Estatistica das Possessões Portuguezas*, cap. x, pag. 160 e seguintes.

² V. a *Nota 1.^a* no fim do vol.

e noções de physica applicada á industria e á economia domestica.

Este decreto, comquanto não começasse a ter desde logo plena execução em toda a parte, tão pouco ficou totalmente letra morta, pois que nos annos de 1857 e 1858 frequentaram a eschola principal de Moçambique para cima de sessenta alumnos. As escholas principaes são oito¹, e as suas localidades Moçambique, Sofalla, Quelimane, Inhambane, Sena, Tete, Ibo e Presidio de Lourenço Marques.

Alem disto ha na cidade de Moçambique uma eschola regimental, que está funcionando já desde os ultimos mezes de 1855; e tambem na mesma cidade se estabeleceu o «Conselho inspector de instrucção primaria» encarregado de fiscalisar a execução das leis e regulamentos d' instrucção publica em toda a provincia.

A creação de uma bibliotheca publica em Moçambique, para a qual foram enviadas da Metropole algumas obras, e o estabelecimento de uma typographia, onde se imprime semanalmente o *Boletim official*, são estabelecimentos que podem e hão de concorrer muito para diffundir o gosto e desejo da instrucção, se porventura se lhes der, como é preciso, e ha fundado motivo de esperar, desenvolvimento conveniente.

Em fim ha em Moçambique um asylo, onde se cuida da educação da infancia desvalida do sexo feminino, e um theatro, onde tem sido representadas varias composições dos nossos melhores dramaturgos.

O que falta em Moçambique, e muita falta lhe faz, é bispo², e seminario, mas bispo que o saiba³ ser, e seminario que, não

¹ Decreto com força de lei do 4.º de setembro de 1854.

² Para occorrer ás necessidades religiosas da Africa Oriental, é absolutamente indispensavel que o Prelado de Moçambique esteja revestido do caracter e jurisdicção episcopal. São de tal sorte ponderosas as razões que demonstram esta necessidade, e são ao mesmo tempo tão obvias, que fôra por demais entrar agora na sua apreciação, nem é este o logar proprio.

³ É muito para lamentar que, a escolha dos bispos para o ultramar não seja sempre tão escrupulosa como era de maior necessidade que sempre fosse; não me refiro ás virtudes individuaes, em que todos os escolhidos tem sido conspicuos, mas sim á capacidade physica e moral. E que resulta? Salvas honrosas, porém não sobejas excepções, os bispos do ultramar não preenchem cabalmente, porque máo grado seu não lhes é possivel, os seus arduos deveres. Para o ultramar, e particularmente para a Africa,

limitando o ensino ás materias puramente ecclesiasticas, tenha tambem a seu cargo o instruir e educar as classes desvalidas, facilitando-lhes gratuitamente a instrucção primaria, secundaria e fabril e a educação religiosa.

Do que deixo em breve compendiado facilmente se deprende que se porventura, fallando absolutamente, têm rasão os nossos escriptores que, não menos do que Livingstone, lamentam a falta que tem havido de estabelecimentos destinados á educação e instrucção geral dos portuguezes d'Africa, e em particular dos que houverem de votar-se alli á vida ecclesiastica; todavia aquelle queixume, por algum tempo justificado, vai carecendo progressivamente de fundamento attendivel. As providencias tomadas com respeito ao seminario de Angola e ás aulas nelle estabelecidas, bem como as prescripções decretadas em relação á provincia de Moçambique e suas dependencias, e em geral para a educação mais cuidadosa de certo numero de ordinandos, no seminario de Santarem, com destino ás nossas possessões ultramarinas, e o fructo que d'umas e outras começa já a recolher-se, provam que podem considerar-se já outras hoje as condições da educação e instrucção geral. Não está feito ainda tudo que é preciso fazer-se, porque as providencias alludidas

não se carece de bispo grande letrado, porém é absolutamente indispensavel que, sobre sufficientemente instruido, seja robusto, laborioso, e que, tomado verdadeiramente do espirito apostolico, considere como seu dever essencial e inevitavel o promover, por todos os modos e a custo de toda a sorte de fadigas, o augmento e instrucção do seu respectivo clero, e a instrucção e educação religiosa da porção do rebanho, confiado á sua vigilancia e zêlo pastoral. Cumpre ao governo ajudar os bispos; mas, ainda desajudados, podem os bispos no ultramar fazer serviços de valor incalculavel á egreja, ao estado, e em geral á civilisação e á humanidade se souberem ser bispos. E que será preciso, para que o saibam ser? Que tenham sido escolhidos como se torna indispensavel, para bem commum, que os escolham.

No tocante aos seminarios, não pôde haver senão uma opinião entre os que tem amadurecido este assumpto: é preciso que o seminario de Loanda, e o que deve crear-se em Moçambique, se tornem a alavanca mais efficaz e poderosa de civilisação em uma e outra Africa; e assim acontecerá logo que se achem constituídos segundo convem, e é absolutamente necessario que o estejam. Não irei mais longe, mas tenho para mim que me cumpria de rigor indicar sequer este assumpto, por ser de maxima importancia, e de chamar para elle de modo especial a attenção de mais de uma das pessoas, que sem duvida hão de ler-me.

quasi que deve dizer-se que estão apenas em começo d'execução, e porque o pessoal competentemente habilitado escassêa, nem está de nenhum modo em harmonia com as necessidades do serviço; e tambem porque se carece de providenciar de maneira efficaz ácerca do ensino fabril, ainda em grande atrazo; comtudo o que está feito é penhor de que indispensavelmente ha de fazer-se o que falta, porquanto está na natureza das cousas o crescerem as exigencias com o progredir dos melhoramentos obtidos, e o tornar-se irresistivel a acção de necessidades inevitaveis.

Pelo demais, e para evitar a prolixidade de observações que para alguém poderiam parecer menos cabidas, terminarei o que brevemente fica ponderado com a reflexão que tão curiosamente faz o celebre Ed. Fraissinet, depois de ter exposto o estado actual da serra Leóa¹. Os homens a quem incumbe olhar pelas nossas cousas d'África lêam, e oxalá que não lêam em vão!

«Comparando o presente estado social de Serra Leóa com o das outras partes d'África, ninguém pôde deixar de convencer-se de que o christianismo é só o meio de elevar á altura da nossa raça os povos que jazem no maior abatimento, de policier os mais selvagens, e de regenerar os mais pervertidos. Qual outra lei teria a efficacia de fazer que vivam em perfeita concordia n'uma colonia de limitadas dimensões, tantas tribus anteriormente animadas de odio implacavel umas contra as outras? Reina aqui tanta ordem e tranquillidade como nos demais territorios puramente christãos. Os negros dos dois sexos vestem-se com decencia, e alguns trajam sedas. Chegados a Freetown, os negros que foram achados a bordo dos navios de escravatura, são providos de vestuario e alimentos para seis mezes. Não poucos já hoje vivem com largueza. Ha muitos que se dedicaram ao commercio, e enviam para Inglaterra mercadorias no valor de duzentos mil francos. Estes fazem dar cuidadosa educação aos filhos, quer na colonia, quer na metropole. A classe pobre paga um penny² por semana para a educação elementar das crianças. Sobre isto, os membros da igreja (anglicana) dão meio penny para subsidio das missões, e outro tanto para os enfermos e para os indigentes. É desnecessario observar que os membros da comunidade mais abastados subscrevem annualmente com sommas

¹ *La Colonie de Sierra-Léonne*. Nouvel. Ann. des Voyag., tom. 4.^o, 1833.

² Um vintem com pequena differença.

quantiosas. Tudo prospéra, e os que recebiam esmola a podem agora dar.

«Como adquirem esta riqueza os habitantes de Serra Leôa, e quaes são as suas occupações? A principal é o commercio, resultado necessario da situação geographica do paiz. O excellente porto de Freetown attrahe os navios mercantes de todas as bandeiras; e as producções manufacturadas, e bem assim as de procedencia natural exoticas trocam-se por pó de ouro, por gomma, por marfim, couros, algodão, café, araruta, gengibre, pimenta, especiarias, e outras drogas preciosas d'Africa. O liberto de Serra Leôa, quasi europeu pela educação, mas africano pelo nascimento, que falla com igual facilidade a lingua dos brancos e a dos negros, e está habituado ao clima, é admiravel mediador entre o negociante maritimo e as terras sertanejas, cujas tribus são pouco civilizadas e não sabem formar caravanas que possam empregar a viagem da costa, em quanto que por outra parte os navios inglezes são repellidos dos rios pelos miasmas pestilenciaes que tohem a sua navegação. É por esta razão que muito grande numero de indigenas se emprega no commercio, com quanto seja certo que para elle tem natural disposição.

«Nos districtos do interior não ha commerciantes, mas ha padeiros, alfaiates, sapateiros, operarios de toda a sorte de officios, e até ourives. A classe dos maritimos e dos pescadores não existe n'esta colonia. Individuos d'outras raças e vindos de fóra exercem estas profissões.

«O trabalho agricola por deploravel preocupação é considerado em Serra Leôa, como geralmente nas terras africanas, desprezivel, e quando muito proprio dos escravos e das mulheres. Os indigenas moços que aprenderam a ler e a escrever, de ordinario reputam aquella occupação de todas a mais util, por indigna d'elles. Accresce que a natureza pedregosa do solo proporciona poucos terrenos proprios á agricultura, e por estas varias razões a agricultura não tem feito progressos...

«O christianismo, destinado a ser a religião do genero humano, ha de ennobrecer e purificar os differentes ramos da nossa especie. Qual será o character que tomará entre os negros? Esta raça distingue-se mais pela força do que pela profundeza dos sentimentos. A dôr exprime-a com torrentes de lagrimas, e a alegria com gritos entusiastas. Assim pois os africanos, quando tiverem abra-

gado a fé dos christãos, pratica-la-hão provavelmente com mais fervor, e a farão entrar mais intimamente nos negocios politicos e sociaes do que nunca teve logar nas latitudes frias por nós habitadas. Entretanto, filhos da velha Europa, caber-nos-ha a gloria de ter sido os seus instituidores...»

É um missionario protestante que falla: e se tantas são as vantagens por elle attribuidas á moral do Evangelho humanamente interpretado; que não poderia e deveria dizer dos bens produzidos por essa mesma moral, quando vivificada pela fé e caridade catholica? Só a esta é dado fazer das pedras filhos de Abraham, porque só a esta é concedido accender aquelle fogo inextinguivel, que consume e depura quanto no homem ha de terreno, e o obriga a fazer de bom grado os sacrificios mais arduos, quando vai n'elles interessado o bem, não proprio seu, senão dos seus semelhantes, o melhor ser e estar da humanidade.

E eis-ahi por que tem sido observado de modo geral e uniforme, que nas possessões inglezas d'Asia e Africa a instrucção religiosa nada ou quasi nada tem aproveitado para a civilisação dos indigenas. Os missionarios protestantes não os queima o fogo da caridade; ao menos até hoje não se mostraram por ella inflammados ao ponto de não duvidarem pôr a propria vida para trazerem a preço d'ella ao bom caminho aquelles a quem chamam seus neophitos, seus discipulos, seus amigos, e que todavia dizem querer *christianizar*. Quantos, e onde se contam os martyres das missões protestantes? O governo inglez, esse, dominado exclusivamente pela consideração das vantagens materiaes, está disposto a transigir com todas as superstições, erros e abusos d' Africa e Asia, e do mundo universo, a troco de que não padeçam quebra nem alteração os certos e seguros proveitos com que conta, e são fito principal de todas as suas cogitações e conselhos. E que resulta? que os sacrificios humanos, as fogueiras nas quaes são devoradas vivas as miseras viúvas, e as abusões mais hediondas, têm continuado por longa serie de annos, onde já desde muito deviam ter acabado, se a religião protestante fosse, por assim dizer, verdadeiramente religiosa. Em toa a parte em que a acção dos missionarios catholicos e do governo portuguez chegou a exercer efficaz influxo, todas essas monstruosidades ou totalmente desappareceram ou notavelmente diminuíram com vantagem manifesta da humanidade e da civilisação. A auctoridade dos nossos antigos escriptores não pôde ser contes-

tada, e não só os factos especiaes por alguns d'elles consignados, senão os de que se compõe a serie dos acontecimentos consagrada pela historia das nossas conquistas e estabelecimentos na Asia, Africa e America o evidencêam, assim como demonstram de modo indisputavel que, só por meios suaves, e verdadeiramente proprios da religião do Crucificado, foram obtidos resultados de tanta monta e louvor.

Não parecerá de certo estranho que me aproveite agora do proprio testemunho do dr. Livingstone, para fazer ver que em todos os tempos os portuguezes souberam haver-se cautelosos e previdentes, evitando com cuidado conflictos de exito arriscado, em que periga sempre o respeito devido á auctoridade e á justiça. Por este modo, ao mesmo passo que se tornavam bemquistos, asseguravam á justa preponderancia por elles exercida as consequencias legitimas do uso não exagerado dos seus meios de proceder.

O dr. Livingstone cita com approvação a providencia governativa que prohibe aos portuguezes passar a capricho alem das extremas que separam o reino d'Angola das terras dos indigenas, e louva a sollicitude dos governadores que procuram manter a pontual observancia d'esta prohibição. Segundo aquelle preceito, no caso de ser morto com violencia no sertão algum commerciante branco, deve considerar-se a aggressão como por elle feita, evitando-se por este modo a necessidade de punir os que foram provocados a derramar o sangue portuguez. Isto (acrescenta Livingstone¹) indica muito maior imparcialidade do que a que tem logar no nosso trato com os nossos cafres, pois que nos temos envolvido em dispendiosas guerras com elles, sem nos havermos dado ao cuidado de inquirir se pertence ou não a culpa ao colono arraiano.

Tem rasão Livingstone ; pois que procedendo d'esta sorte, sem grande difficuldade se convencem os indigenas de que não querem faltar os portuguezes ao que lhes é devido, antes pela sua parte conservarão inalteravel o fiel da balança, a fim de que não haja de opprimi-los, abusando da força ou de casuaes circumstancias, nenhum subdito da corôa portugueza. E se taes providencias e proceder muito valem para dar força moral aos portuguezes, não vale menos por certo o conhecimento, havido pelos mesmos indigenas, de que não é tida por aquelles em nenhuma conta a differença da

¹ Chap. xix, pag. 369 e 370.

côr, pois que medem medida igual aos da sua e aos da côr indigena.

E de ser assim dá testemunho o mesmo dr. Livingstone, que, tendo censurado as auctoridades inglezas de se haverem menos rectamente nas suas relações politicas e commerciaes com os cafres vizinhos, se mostra ao mesmo tempo maravilhado da desprevenção dos portuguezes com respeito á diversidade das côres, e á benignidade extrema usada por elles no seu trato frequente e intimo com os naturaes do paiz. Pois se este proceder tão christão e liberal fez tão forte impressão em Livingstone, que o obriga a proromper em elogios não acanhados aos portuguezes, que muito é que opere com energica efficacia no animo dos que experimentam essa tão grande benevolencia portugueza? Vou transcrever as palavras sentidas com que o dr. Livingstone significa a sua admiração, e exprime os merecidos louvores liberalizados aos portuguezes, porque são dignas de ser aqui registadas como tributo insuspeito pago á verdade,

«Nenhum d'estes individuos (portuguezes europêos) têm mulheres portuguezas¹. De ordinario vem á Africa com o fim de ajuntar algum dinheiro, e voltar a Lisboa. Por esta rasão poucas vezes trazem consigo as esposas, e portanto não podem nunca tornar-se colonos verdadeiramente uteis. É commum n'elles formar familia com mulheres nativas. Foi summamente agradável para mim, que tenho tido muita experiencia da estúpida preocupação contra a gente de côr, preocupação mantida só por aquelles que se tornaram amulatados, observar a ingenuidade com que a gente de côr é tratada pelos portuguezes. São extremamente raros os exemplos do desamparo das creanças mulatas, exemplos aliás muito communs no sul; têm logar á mesa e são servidos pelos paes como se fossem nascidos na Europa. Os mulatos, agentes dos commerciantes, tomam assento á mesa com os patrões sem nenhum acahamento. Os termos de boa polidez entre os superiores e inferiores são provavelmente a consequencia da respectiva posição de uns e de outros; poucos brancos entre milhares de pretos: comtudo em nenhuma outra parte, mesmo n'África, existe a bemquerença, que allí se observa entre os europêos e os indigenas. Se alguns dos nossos colonos tivessem a certa certeza do nosso governo se

¹ Chap. xix, pag. 371.

recusar a manter seus actos de arrogancia, nós sem duvida ouviriamos fallar menos da insolencia cafrial. A insolencia é que motiva outra insolencia.»

As censuras infligidas pelo dr. Livingtone ao governo do Cabo por menos recto e imparcial, e aos colonos inglezes pela sua insolencia para com os indigenas, é testemunho sem suspeita, e para nós tanto mais honroso quanto é fóra de duvida, como acaba de ver-se, que o dr. Livingstone lhes contrapõe de modo directo e positivo o proceder liberal e verdadeiramente humanitario das auctoridades e dos colonos portuguezes. O dr. Livingstone parece ter tido o pensamento de propor aos seus concidadãos, como norma para ser seguida, o proceder tão previdente e tão digno de louvor dos portuguezes; por isso qué não podem senão vir necessariamente d'elle vantajosos resultados para as colonias e para a metropole.

Assim na verdade tem acontecido, porque amontóam-se os factos para demonstrar com evidencia que o nome portuguez é antes respeitado que temido, e que não se recusam nunca os indigenas, até aonde abrange a acção effectiva da auctoridade portugueza, a accetar as insinuações e conselhos, que por esta lhes são suggeridos como encaminhamento ao successivo, embora lento, progredir da civilisação e da humanidade.

E note-se que, se por acaso se quizer considerar hoje como simples effeito de boa politica este esclarecido theor de proceder, pelo menos terá de conceder-se que tem ella origem d'esta vez muito para ser acatada, porque facil é de provar que lhe vem directamente da santa doutrina do evangelho. De feito é sabido que os nossos missionarios sem differença nem interrupção a prégaram, aconselharam e recommendaram com o affecto da persuasão, o ardor da palavra, e a efficacia do exemplo¹, alumando as trevas em que jaziam sepultados os indigenas, os quaes queriam ganhos para a religião e para a patria; e fazendo conhecer aos que tinham por encargo e dever sagrado trata-los, e, ou affeioa-los, ou regê-los e reprimi-los, conforme ao que, segundo as circumstancias, se

¹ V. o padre Fernam Guerreiro, *Das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus*, anno de 1605, etc. Padre J. dos Santos, *Ethiopia Oriental* e *De Varia Historia da Christandade Oriental*. V. tambem a Nota 4.ª no fim do vol., e a Nota 13.ª

tornasse necessario, que mais seguro caminho haviam de andar usando firmeza temperada pela bemquerença, do que desatando-se em iras, e preferindo meios assignalados pela dureza e pela violencia. Em toda a parte os factos justificaram a doutrina, e por isso, poucos portuguezes, mas resolutos, previstos e solertes, conseguimos dominar tão largamente em uma e outra Africa, em tão vastas regiões da Asia e nos Brazis, e o ver o nosso nome bem-quisto e respeitado na China e no Japão. Houve periodos borrascosos, e talvez excepções lamentaveis, é certo; mas não é menos certo que, quando d'esta sorte aconteceu, ou foi por effeito de paixões irritadas em consequencia de interesses inevitavelmente offendidos, ou porque nos afastámos com inconsideração reprehensivel das regras, que dictava bom juizo e sã razão, e quizemos ainda mais, e por theor diverso do que deviamos querer. Ali está a historia geral e particular das nossas descobertas, conquistas e missões, para attestar a escrupulosa verdade das observações que deixo brevemente aqui lançadas.

Terminarei este capitulo advertindo que o dr. Livingstone faz rasgados elogios á hospitalidade portugueza, e que se mostra por extremo reconhecido á generosidade com que foi tratado no Cassange. O que diz dos habitantes do Cassange, fazendo justiça a esta qualidade tão apreciavel e tão sympathica da indole portugueza, o repete com respeito aos moradores de Loanda, de Tete, e de outras partes dos dominios portuguezes; e então, pelo menos, são para Livingstone portuguezes como os brancos os mulatos, e cuida até que os mesmos pretos. É isto para ter na maior conta, porque, segundo tivemos já por mais de uma vez occasião de notar, o missionario inglez, quando não póde negar que fossem conhecidos pelos portuguezes alguns territorios por onde transitou, e onde se vangloria de primeiro ter apparecido, denomina-se branco, como para se collocar em opposição aos mulatos, negando a estes a qualidade de portuguezes, a fim de reservar por este modo para a sua nação a gloria, que de direito indisputavel pertence á portugueza. E todavia não faz Livingstone o reparo de que, ainda abstrahindo d'outras considerações de todo o ponto procedentes, se torna inutil a distincção especiosa por elle achada, porque o interior do paiz fôra atravessado tambem por brancos portuguezes muito anteriormente a que por elle o houvera sido; e até anteriormente ao dr. Lacerda, em cuja expedição em 1798

se contavam alguns brancos, e á expedição do commando do Major Monteiro, á qual alem d'aquelle commandante e do Major Gamitto, que nos deu d'ella tão circumstanciada relação, pertenciam ainda varios outros brancos. E por quantos milhares e milhares de indigenas não tinham sido vistos nos territorios do dominio do Cazembe, e em Lunda sua Capital, aonde, por occasião das publicas solemnidades, e durante o espaço de tantos mezes que por alli se demoraram as duas expedições, necessariamente concorreram gentes innumeraveis do paiz, e de fóra do paiz, que habitavam os territorios por Livingstone peregrinados, e nos quaes não duvida afirmar serem os brancos totalmente desconhecidos? E as embaixadas mandadas pelo Cazembe a Tete, e as comitivas d'estas embaixadas tambem não teriam alli tratado, e nem sequer visto nenhum branco?

Mas, áparte estas considerações, a que naturalmente me levou a affinidade das idéas, e voltando a fallar dos encomios feitos pelo dr. Livingstone á lhaneza e urbanidade portugueza, e á muita gratidão de que se diz possuido, e lhe protesta ostentadamente, não deixarei de notar que pena é, que as obras do missionario inglez se mostrassem na mais completa desharmonia com aquellas magnificas asseverações. Como se vê pelo decurso da sua obra, o dr. Livingstone não perde occasião de usurpar para si pessoalmente, e a vezes para a sua nação, tudo quanto a elle, ou a ella pôde ser de honra ou louvor, e tão pouco a perde de menoscabar o credito do nome portuguez, censurando as cousas e os homens, os individuos particulares e as auctoridades publicas. Se porventura dispensa a alguma, posto que rara vez, louvores singulares, contai certo que não se demorará a arguição, que na sua generalidade abrangerá os proprios que pareciam haver sido encomiados, e que não só compensa, senão annulla inteiramente o alcance moral do concedido louvor.

Alem de que, se bem se advertir, não é facil estremar entre os louvores do dr. Livingstone a portuguezes, algum, que se não refira á mera benevolencia ou generosidade com que geralmente foi acolhido e hospedado nos varios territorios do dominio da corôa de Portugal. Este procedimento do dr. Livingstone é na verdade digno de ser assignalado com severo stigma; todavia explica-se. O dr. Livingstone quer afastar de si a nota de ingrato, e por isso agradece os obsequios, tantos e tão uniformes, em toda a parte

recebidos, e louva com franqueza as pessoas por quem lhe foram liberalizados; porém, tomado do orgulho nacional, e movido das razões especiaes do pensamento que o impellia, e a que prestava absoluta e cega obediencia, é contra os portuguezes parcial e injusto, para não deixar de ser com os seus em tudo favoravel e proveitoso. Exalça um ou outro cavalheiro, ou auctoridade do Cassange, do Gollungo-alto, de Loanda, de Tete ou de Quilimane, sem duvida; porém faz notar cuidadosamente a côr da sua propria pelle e cabello¹ aos indigenas, para os ensinar a distinguirem os inglezes dos muzungos, inculcando-lhes ao mesmo tempo aquelles, como seus desinteressados e certos amigos, e estes, como ou vizinhos perigosos, ou inimigos fraudulentos. Que mais fôra preciso acrescentar? A logica é inexoravel.

¹ Chap. xxix, pag. 593.

CAPITULO VIII

O fiar e tecer em Angola e em muita parte da Africa central — Recordações egypcias de Livingstone — É o methodo de fiar e tecer usado nas provincias do norte em Portugal — Livingstone não devia ignora-lo — Levado à Africa, bem como o conhecimento e practica de outras artes fabris, pelos missionarios e primeiros povoadores portuguezes — O systema dos carregadores — Observações do dr. Livingstone — Falta de estradas para a conducção em carros — Dever impreterivel para o governo de melhorar a viação em Africa — Vicio insanavel d'este systema — Consequencias funestas — Impossibilidade da estricta observancia do systema de transporte forçado — Modificações — As estradas elemento essencial da futura prosperidade d' Africa — Irregularidade do procedimento de algumas auctoridades — A commissão de commandante de presidio muito cobiçada — Exoneração do commandante de um forte — Falta de integridade official — Soldos elevados — O dr. Livingstone injusto por exagerado — Ardor cobiçoso de accumular riquezas em pouco tempo — Pequenos soldos — Exageração calumniosa — As auctoridades portuguezas d' Angola não mereciam ser tão duramente tratadas — Walpole e o dr. Livingstone — A prevenção desvairou Livingstone — O forte de Pungo-an-dongo — Nascentes de petroleo no Dande, junto de Cambambe — Pillares gigantes de Pungo-an-dongo — Baluarte da rainha Ginga — Este logar, que foi julgado insalubre, é muito saudavel — Lopes de Lima — As pedras de Pungo-an-dongo verdadeira maravilha da natureza — Affigram as ruinas de uma cidade egypcia — Memoria de Fortunato de Mello — Sertão de Bailundo — Cardonega — Juizo ou prova por via de uma infusão de folhas venenosas — Arguição injusta de Livingstone às auctoridades portuguezas — O capitão Neves — O medico das feiticerias — A planta Goho — A cerimonia do *muáve* — Sebastião Xavier Botelho — Differentes modos de applicar o *muáve* — Outra sorte de *muáve* — O procedimento das auctoridades portuguezas — Necessidade imposta pela maneira de escrever do dr. Livingstone, de voltar a

assumptos já tratados — O Kasai — Visita ao Matiamvo — Notavel braço do Zambeze — Informações dos naturaes — Os Kanyika — O Matiamvo não consente que os brancos os visitem — Paschoal e Faria — Inferencias logicas da narração do dr. Livingstone — Corollario — A pretensão do dr. Livingstone de ser elle quem descobrio o Zambeze central refutada por elle mesmo — Mulheres a fugir, por terror dos brancos — Exaggerações que levam ao ridiculo — Pequenas miserias do ridiculo — O rio Leopula será o Nyanja dos Maraves? — A hypothese do dr. Lacerda — Os Mussumas — Informação conforme de M. C. Pereira — O rio Murusura — A noticia do dr. Livingstone dada cincoenta annos antes pelo dr. Lacerda — Os commerciantes de escravos, porque não tomavam especial conhecimento do Zambeze? — Tão pouco o tomou o dr. Livingstone — A descoberta de Livingstone feita muito antes da entrada de Livingstone no continente africano.

Começarei este capitulo por uma breve observação ao que o dr. Livingstone escreve com respeito á maneira de fiar e tecer no reino d'Angola, e para o sul em muita parte d'Africa central, e que Livingstone affirma ser inteiramente semelhante á que estava em practica entre os antigos egypcios¹. «As mulheres, accrescenta elle, usam do fuso e da roca, e os teares, em que os homens tecem, não podem ser de construcção mais simples, pois constam sómente de duas travessas de madeira, collocadas uma superiormente á outra, pendendo a tã perpendicularmente. Os fios da tã são separados por uma especie de ripa delgada, e a urdidura faz-se mediante o fuso, em que o fio tinha sido ennovellado».

No que o dr. Livingstone quer suspeitar recordações egypcias, aliás de não facil explicação, acho eu mais um argumento de que os portuguezes largamente haviam sido conhecidos em toda a Africa até ao interior do continente, do qual presume agora revelar-nos os segredos. A arte ou methodo de fiar e tecer, tão simples, que por sua mesma simplicidade parece causar maravilha a Livingstone, e de que todavia não dá tão simples e clara explicação, como sem duvida podêra tê-lo feito, era o antigo methodo geralmente adoptado nas nossas provincias do norte de Portugal, onde ainda hoje está em practica, só com a differença de que são mulheres que fiam e tecem, occupando-se, por excepção sómente, raros homens n'este mister. De Portugal passou para a Africa Oc-

¹ Chap. xx, pag. 399 e 400.

cidental, e ao depois tambem para a Oriental o elogiado methodo de fiar e tecer, e os nossos primeiros missionarios, que tão desveladamente cuidaram de introduzir por entre os indigenas convertidos ao christianismo, e por entre os que, sem converter-se, lhes acceptavam as lições e conselhos, todos os conhecimentos e practicas uteis, que não excediam a sua comprehensão e meios, procuraram faze-lo adoptar, e conseguiram assim generalisa-lo. .

Se o dr. Livingstone não tivesse a peito, como deixa em tudo ver que tem, escurecer a gloria portugueza, e fazer acreditar que não tiveram nem tem os portuguezes conhecimento senão das terras africanas que dominam, e das que são a estas limitrophes e quasi diria comarcans, elle teria francamente assignalado a esta arte fabril, e ao modo por que alli é exercida, a mesma origem que eu acabo de assignar-lhe, pois não se me affigura possivel o ser d'elle ignorada. E de certo, pois tão pouco ignora, como se vê forçado a confessar qué os nossos missionarios, e deveria tambem accrescentar que alguns dos nossos povoadores, desde remota data, diligenciaram aclimar na Africa¹ juntamente com o café, as arvores fructiferas e de construcção, hortaliças, e toda a sorte de legumes, segundo a diversa natureza do torrão o comportava, as artes fabris, e as practicas e usanças patrias, que podiam tornar-se de maior e mais commum vantagem. O que subsiste ainda, e tem o cunho indelevel d'aquella procedencia incontestada, pôde e deve servir de argumento decisivo para demonstrar a de que não poderiam dar-se como explicação sufficiente, senão só conjecturas aventuradas.

Feita esta observação, tomarei nota das que sensatamente faz o dr. Livingstone em relação ao systema dos carregadores, e tambem das que tem por objecto o comportamento de alguns commandantes dos presidios, e dos fortes, e ao de outras auctoridades de differentes categorias. É materia que não pôde deixar de merecer attenção.

Eis-ahi com respeito ao primeiro d'estes objectos as palavras do dr. Livingstone:

«Todo o districto de Gollungo-Alto (latitude 9° 8' 30" S., longitude 15° 2' E), é sobremodo formoso. Segundo o ultimo censo este districto contém vinte e seis mil fogos, d'onde, se forem cal-

¹ Chap. xix, pag. 386, chap. xx, pag. 401 e 402.

culados a quatro individuos por cada fogo, resulta a população de cento e quatro mil pessoas. O numero dos carregadores, de que o governo póde dispor para o transporte das mercadorias até á costa, é de seis mil sómente n'este districto, e comtudo ainda allí não ha nenhuma boa estrada. Este systema do transporte forçado das mercadorias, foi adoptado em consequencia de ter crescido o numero e a actividade dos nossos cruzadores, o que teve logar em 1845. Anteriormente áquelle anno o commerciante que ia mercadejar ao interior, comprava, alem do marfim e da cera, escravos em numero sufficiente para transportarem aquelles objectos, e tudo tinha por destino ser exportado, logo que chegava á costa. Porém depois que tiveram execução providencias mais rigorosas, e a exportação dos escravos se tornou quasi impossivel, como não havia estradas proprias da conducção em carros, o governo de Loanda adoptou o systema dos carregadores obrigados. O commerciante que precisa de duzentos ou trezentos carregadores para o transporte das suas mercadorias, tem agora de require-los ao governador geral. Expede-se ordem ao commandante do districto para dar a gente pedida. Cada aldêa tem obrigação de apromptar de cinco até vinte ou trinta homens, proporcionalmente á sua população, comparada com a do districto. Conforme a esta disposição o commerciante tem a pagar 15000 réis, tres shillings pouco mais ou menos; pelo transporte de cada carga, e alem d'isso tem a pagar 50 réis para o sustento do carregador. Ora como a jornada nunca é maior de oito ou dez milhas por dia, obviamente se conhece que deve parecer excessiva esta despeza a homens, que estavam acostumados a obter aquelle serviço só por via dos escravos. Entretanto não se tem empregado nenhum esforço para abrir estradas de transportes rodados. Esta primeira e maior necessidade não tem sido providenciada, e por isso não se ha operado nenhum importante desenvolvimento nos seus immensos recursos.»

A estranheza do dr. Livingstone é sem duvida fundada. A adopção do systema dos carregadores impõem ao governo o dever impreterivel de antepor providencias energicas, para o progressivo adiantamento das obras de viação em Angola, a quaesquer outras providencias, por quanto é evidente que o systema adoptado labora em vicio insanavel. Se os carregadores são livres, o commerciante carece muitas vezes de meios de transporte, porque não querem aquelles ajustar-se em termos rasoaveis: e é obvio quão

graves inconvenientes resultam para o commercio quer pela estação, originada na falta dos objectos commerciaveis, e esta na dos meios de transporte, quer no preço em demasia subido, a que necessariamente hão de eleva-los as caprichosas exigencias dos carregadores. Se estes porém são obrigados, padece o commercio, e com elle os consumidores ou por escassez originada na falta de transportes, a qual por muitos e variados motivos póde occorrer, ou pelo mais alto preço, a que, posto não escassêem, devem os generos subir necessariamente.

As consequencias foram as que logicamente não podiam deixar de ser. A experiencia convenceu a impossibilidade da estricta execução do systema prescripto, e as auctoridades forçadas ainda mais das razões da vantagem ou antes necessidade commum, do que do clamor e justo queixume dos commerciantes, annuiram a que os transportes se fizessem do modo que produzisse na practica menos difficuldades e vexames. Affirmam-me pessoas competentes, recém-chegadas d'Angola, e que possuindo alli grandes propriedades agricolas, labutam ao mesmo tempo em importantes transacções commerciaes, que o estado actual das cousas com respeito a este objecto, depois das ultimas alterações, é regular, e que não traz a sua continuação inconvenientes de maior monta. Com tudo é certo, que se torna de dia a dia cada vez mais necessario melhorar a todo o custo a viação publica, e não só n'um, senão em varios pontos, e nas mais largas proporções que for possivel. Do governo depende isto principalmente. É certo que a realisação d'este empenho tão transcendente offerece difficuldades de não leve momento, mas tambem o é, que, se alguma cousa já se tem feito, muito mais se póde fazer, se porventura não se pretender desde já o optimo, senão o sufficiente; e o é não menos que o governo póde contar com a boa vontade e effectiva cooperação das populações angolanas, hoje de todo o ponto convencidas de que são as estradas o principal elemento, e a condição inevitavel da sua futura prosperidade.

Com respeito ao segundo objecto, isto é, á irregularidade do procedimento de alguns commandantes de presidios, e de algumas outras auctoridades subalternas, assim se explica o dr. Livingstone¹:

¹ Chap. xxi, pag. 418.

«Chegando a Ambaca (latitude 9° 16' 35" S., longitude 15° 23' E.) soubemos que o antigo digno militar Lourenço José Marques, depois da nossa passagem por Icollo e Bengo, havia sido promovido, em consideração da sua escrupulosa integridade, ao commando d'este importante districto. A commissão de commandante é muito cobiçada pelos officiaes do exercito de Portugal, que vem a Angola, não tanto por causa do soldo, como dos percalços, os quaes, sendo geridos expertamente, podem, no decurso de poucos annos, enriquecer o commandante.»

Para se formar idéa do procedimento d'alguns dos officiaes aludidos, o dr. Livingstone extracta uma ordem do Governador General d'Angola, que exonera do commando de um forte um capitão do exercito de Portugal, e o manda julgar em conselho de guerra pelos actos criminosos contra elle arguidos. Seguidamente accrescenta:

«A menção publica d'estes crimes não deslustra o caracter do homem. O conselho de guerra, pelo qual estes delinquentes preferem sempre ser julgados, é composto de homens, que esperam com ancia occupar, quando haja de tocar-lhes, o logar de commandantes, e antecipam o seu proprio julgamento por actos semelhantes em alguma época futura. A sentença mais severa do conselho de guerra, é a suspensão, por algumas semanas, do exercicio das funcções do posto no regimento.

«Esta falta de integridade official, que todavia não pôde ser imputada ao governo da metropole, ha de ser obstaculo serio a que venham emprezas estrangeiras desenvolver os recursos d'esta rica provincia, e a essa causa deve sem duvida attribuir-se a inefficacia das leis portuguezas para a completa suppressão do trafico da escravatura. É preciso que recebam os officiaes soldo mais avultado, para que se possa pôr confiança na sua integridade. Ao presente o soldo de um capitão chega-lhe apenas para trajar uniformes decentes. Os elevados soldos, que os nossos officiaes recebem, tem manifestas vantagens.»

O dr. Livingstone, cujos reparos são até certo ponto fundados, e cuja censura seria acaso cabida, se não se apartasse dos limites da verdade e da moderação, foi injusto por exagerado. É fóra de duvida, nem posso nenhuma ter de confessa-lo, que não só nas nossas possessões africanas em geral, senão na provincia d'Angola aqui especificada, tem havido funcionarios publicos, de mais ou

menos elevada cathegoria, para quem o adquirir abundante cabedal, e accumular em breve tempo largas riquezas ha sido principal e talvez exclusivo pensamento, sacrificando sem hesitar a este ardor cobiçoso o dever, a honra e a consciencia. Mas qual é a nação afortunada, mórmente se tem de reger possessões longinquoas, que não conta entre os seus empregados senão sómente homens de probidade immaculada? O que succede em relação a alguns empregados portuguezes, succede da mesma sorte em relação aos de outras nações, sem exceptuar, como é sabido, e ainda talvez com maior escandalo, a nação ingleza, apesar dos grandes ordenados ou soldos que desfructam. É preciso que nos desenganemos, não inutilizando a descuido ou por acinte a inflexivel auctoridade dos factos, de que, se a abundancia dos meios diminue as tentações da prevaricação, e torna, absolutamente fallando, o prevaricador indisculpavel, comtudo a não evita, nem lhe deve o ser a probidade.

É certo que os pequenos soldos dos nossos militares em commissão no ultramar, e bem assim os diminutos ordenados dos funcionarios civis alli em serviço, carecem de ser elevados quanto razoavelmente o possam ser, a fim de por este meio se tirarem muitas occasiões de mais arriscada tentação, pois é axioma entre todos os povos que, quando a necessidade entra pela porta, salta a honradez pela janella fóra. Alem de que, depois de adoptada esta providencia, ha de haver menos difficuldade no empregar contra os prevaricadores o rigor das leis: a compaixão não erguerá lastimoso e supplicante brado em sua defeza. Porém esta razão, se vale para os militares e empregados d'alem mar, vale da mesma sorte para os empregados do continente; e, se vale em Portugal, igualmente vale entre as demais nações.

Entretanto o que não póde de nenhum modo admittir-se, é a exaggeração calumniosa do dr. Livingstone. Se houvessemos de consenti-la teriamos de confessar irremediavel a corrupção de toda a sorte de funcionarios publicos no reino d'Angola; uns porque, para enriquecer prevaricavam, deixando de cumprir o seu dever; outros, porque os absolviam, para d'igual theor serem absolvidos, quando, chegando a sua vez, tambem fossem processados; e outros finalmente, porque devendo a todos cohibi-los, e sendo-lhes obrigação rigorosa superintender e fiscalisar a fiel execução das leis, e a imparcial e recta administração da justiça, deixam de por

este modo haver-se, nem recorrem opportunamente á metropole, requerendo os meios de fazer que seja acatada e obedecida a lei e a justiça. Walpole, o famoso concidadão do dr. Livingstone, e celebre systematisador da corrupção universal, nunca de certo a imaginou a tal ponto exequível, como Livingstone a dá por estabelecida e em florente reinado nas portuguezas terras não só da Africa occidental, senão tambem da oriental.

Mas não é assim, e ao elogio, que Livingstone faz rasgadamente ao commandante d'Ambaca Lourenço José Marques, tem direito indisputavel muitos outros commandantes. O que demonstram os factos averiguados official e particularmente, é que em Angola, como em outras partes, tem havido funcionarios prevaricadores, mas nunca formaram estes a regra geral. E todavia é certo que muito convem que o governo da metropole medite providencias, que fielmente hajam de ser observadas, mediante as quaes seja menos facil a prevaricação, e, quando tiver logar, não haja nunca de ficar impune. É para lastimar que Livingstone, que, sobre não possuir a lingua portugueza, careceu de tempo material para recolher informações cabaes, não hesitasse em lavrar sentença tão positiva e explicita contra a generalidade das auctoridades portuguezas. Desde logo é permittido suppor que prevenção antecipada actuou no animo do missionario inglez, e o desvairou ou perverteu. Se assim não fosse, a censura seria lançada com resguardo, e não de maneira tão desabrida. Pois de certo não mereciam ser tratadas com tanta dureza, que se desvelaram ellas em obsequiar Livingstone de todos os modos, não lhe fazendo de cousa nenhuma segredo nem mysterio, antes facilitando-lhe todas as informações e esclarecimentos que por elle foram pedidos, e no tempo coube dar-lhes. Á porfia o governo da metropole, e as auctoridades superiores e secundarias d'Angola entraram em competencia nos auxilios e obsequios a prestar, e prestados effectivamente¹; porém pôde mais para com Livingstone a antiga prevenção, e o intento reservado de tirar vantagem da injustiça agora feita, quando, proporcionando-se as circumstancias, assim lh'o aconselhasse o proprio interesse ou o interesse do seu paiz. O famoso relatorio lido pelo dr. Livingstone na «Associação ingleza para o adiantamento

¹ V. a Nota I.^a onde se encontram os documentos que demonstram esta asserção.

das sciencias geographicas, etc., em sessão de 19 de setembro de 1864», confirma de modo irrecusavel esta conjectura, que deixa por isso de o ser para tomar o caracter de realidade¹.

Passarei agora a assumpto menos desagradavel, porque se teinho de mostrar que o dr. Livingstone nada disse de novo, antes foi deficiente na descripção que faz de Pungo Andongo, e das suas famosas pedras, não me verei obrigado, como acaba de ter lugar, a argui-lo de ingrato e desleal.

Ouçamos o dr. Livingstone:

«O forte de Pungo Andongo está situado no meio de um grupo de rochedos muito curiosos, affieçoados em columnas que se elevam mais de trezentos pés de altura (9° 42' 14" latitude sul, e 15° 30' de longitude este). São formados da agglomeração de grande variedade de fragmentos arredondados sobre a matriz de pedra lioz de côr avermelhada-escura. Tem por base uma camada d'esta mesma qualidade de pedra que contém alguns seixos. Achou-se alli uma palmeira fossil, e se é da mesma idade que as do continente oriental, onde se encontram palmeiras semelhantes, é possível que na parte inferior haja carvão, como acontece junto de Tete. A existencia que se affirma de nascentes de petroleo no Dande, e perto de Cambambe, pareceriam indicar a existencia d'este util mineral, posto que não estou informado de que actualmente tenha sido vista alguma veia á superficie em Angola, como ha em Tete. Os pilares gigantes de Pungo Andongo foram formados pela corrente do mar vindo de S. S. E., porque, observados do tope, se mostram dispostos n'aquella direcção, e devem ter feito resistencia ás vagas do mar n'um periodo da nossa historia, no qual as relações da terra e do mar eram totalmente outras do que são agora, e muito antes que as estrellas da manhã entoassem hymnos, e todos os filhos de Deus exultassem de jubilo ao ver preparada a habitação que tinha o homem de occupar em breve.

«Os corpos contidos na materia conglomerada são gneis, schisto argillaceo, mica e lioz schistoso, certa especie de basalto e porphyro, alguns dos quaes são bastantemente volumosos para darem áquelle todo a apparencia de serem os unicos restantes vestigios de vastos acervos de cascalho primitivo; pequenos regatos correm entre estes rochedos, e na parte central dos pilares está a povoa-

¹ V. Nota 5.

ção completamente cercada de penhascos inacessíveis. A entrada da povoação póde ser defendida por um punhado de soldados contra um exercito; e este logar foi por muito tempo o baluarte da tribu chamada Ginga, que possuia ordinariamente aquelle territorio.

«Mostraram-nos o signal de um pé aberto n'um dos rochedos. Indicam-no como tendo sido de uma famosa rainha, que reinou sobre aquella região. Ao observar estes rudes ensaios commemorativos, aprecia-se o valor das letras...»

«Antigamente os portuguezes imaginavam que este logar era especialmente insalubre, e o desterro para as Pedras Negras de Pungo Andongo era reputado pelos juizes pena muito mais severa que parà qualquer outra parte da Costa; porém agora sabe-se perfeitamente ser este o districto mais saudavel d'Angola. A agua é muito pura, o solo não é compacto; e o terreno aberto e em ondulações com declive geral para o rio Coanza, que fica a poucas milhas de distancia. Este rio é o limite ao sul das possessões portuguezas, e além para o S. e S.O. vêem-se as altas montanhas de Libollo. Ao sueste temos tambem um territorio montanhoso habitado pelos Kibondas ou Ambandas, que, no dizer do coronel Pires, é povo valoroso e independente, porém hospitaleiro e de bom proceder...»

É um tanto extenso o logar dos *Ensaio sobre a estatistica d'Angola*, de Lopes de Lima ¹, que passo a transcrever; porém dá uma idéa tão cabal d'esta *verdadeira maravilha da natureza*, como elle com rasão lhe chama, que não devo omitti-lo, pois que, não a ficaríamos conhecendo, a contentar-nos unicamente da descripção topographica, e da poesia geologica do dr. Livingstone. Tenho que se me agradecerá o facilitar o paralelo das duas descripções, cuja attenta leitura de certo não enfadará os leitores que sabem ler.

«As Pedras de Pungo Andongo, antiga côrte dos reis do Congo, tomada com o reino ao ultimo rei D. João Hary, e incorporada nos proprios da corôa de Portugal em 1671, pelo invicto Luiz Lopes de Sequeira, sendo governador Francisco de Tavora, é uma verdadeira maravilha da natureza. Situada cinco milhas ao N. da margem direita do Coanza, e a vinte leguas a E.N.E. de Cambambe (jornada que se faz por terra em dois dias), tambem

¹ Part. II, cap. I, pag. 46 (1846).

ahi se vai em oito dias directamente de Loanda, cuja distancia é de setenta e cinco leguas pelas voltas da estrada do Cacuaco. A fortaleza que nada mais é que um reducto de taipa com duas peças, está soberba e agradavelmente construida sobre a viçosa chapada de um inaccessivel rochedo de tufo, rodeado de infinidade de outros cujas cabeças de mil fórmias phantasticas, podem parecer ao primeiro lanço de vista as ruinas de uma cidade egypcia; o unico accesso a estas pedras é por uma caverna na rocha, por onde se penetra a custo; ao sair d'ella entra-se no labyrintho das pedras ou rochedos de que acima fallo, por entre os quaes o caminho é, além de fragoso, tão enredado que mal poderá um estranho chegar sem guia ao pé da grande pedra escarpada e magestosa, que serve de pedestal ao plaino onde avulta o forte portuguez; por toda a parte o bordam precipicios e apenas por sendas difficilimas, trepando de penhasco em penhasco, finalmente se chega a ganhar essa deleitosa planicie, aonde se respira o ar mais puro e mais saudavel no meio de uma rica vegetação. Tudo quanto eu poderia dizer d'aquelle eden aereo está comprehendido em um trecho da *Memoria*, a que muitas vezes me tenho soccorrido, do sr. Fortunato de Mello, que melhor que ninguem conhecia essa posição aonde passára muitos dias deliciosos indo visitar seu respeitavel pae, excellent medico e naturalista, o qual escolhêra aquella vivenda, com preferencia a todo o mundo, para passar a ultima quadra da sua velhice. Citarei pois em seguida as suas proprias palavras:

«O presidio de Pungo Andongo (diz elle) era o logar para onde geralmente se mandavam os maiores facinorosos, que raras vezes para lá iam, porque os governadores de Angola lhes faziam assentar praça no regimento de infantaria da capital, a muitos rogos d'aquelles mesmos individuos que não tinham do local idéas mais exactas do que os juizes que os haviam sentenciado, porque aquelle paiz é excellent, e mais saudavel do que muitas povoações da nossa Beira Baixa. Alli não ha carneiradas grandes nem pequenas; o ar é fino e quasi sempre fresco; a agua é pura, leve e constantemente fria; ella se despenha de enormes massas, não de pedra, como toda a gente diz, mas de terra petrificada misturada com arêa grossa, e pequenas pedras siliciosas, destacada uma das quaes, por meio de muitas pancadas, fica a cavidade em que se achava engastada; pôde-se dizer que é a oitava maravilha do mundo, que poucas pes-

soas tem sabido apreciar. O terreno produz em abundancia mandioca, milho, feijão de varias qualidades, ginguba ou amendoim, de que se faz muito bom azeite, bananas, ananazes os melhores que se conhecem, hortaliças de toda a especie, que duram em todos os tempos do anno; romãs, laranjas, limas, limões, algodão, anil, nicociana, arroz, trigo, etc., etc., etc., e é susceptivel de dar tudo quanto produzem os melhores paizes da Europa. Tem muita caça, principalmente lebres: e o rio Cuanza, que lhe fica proximo, abunda de bom peixe. No tempo das chuvas não apparece uma só mosca, nem um mosquito; a carne dura, dependurada e exposta ao ar, tres dias sem se corromper; e nos tempos menos humidos cinco, o que não acontece em paiz algum d'Africa ou Asia dentro dos tropicos. Tem muita lenha, bellós arvoredos, bons pastos, etc. Abunda de gado, cuja carne é excellente. O leite contém muita parte caseosa, e os queijos feitos d'elle parecem-se muito com os melhores do Alemtejo ou da serra da Estrella. Em fim já que o nosso destino quiz que a capital d'aquelles estados não fosse collocada alli ¹, ao menos seria uma fortuna estabelecer-se n'aquelle ponto uma colonia ². Esta prosperaria em pouco tempo, e os seus habitantes bendiriam a sua sorte, gosando de saude, socego e abundancia.»

«Em volta do presidio (prosegue Lopes de Lima) ha uma povoação de menos de duzentas casas palhoças, algumas d'ellas de taipa, e poucas de telha, nas quaes se contam uns mil e duzentos moradores (pela maior parte mulatos e alguns brancos, entre elles dois ou tres ricos fazendeiros), tudo gente christã reunida em uma parochia do orago de *Nossa Senhora do Rosario*; mas nos valles e planuras d'aquelle districto, que d'alli se estende para a margem direita do Cuanza, regado pelos muitos riachos que derivam das pedras, e tambem nas ilhas do Cuanza, chamadas de *Quinalonga*, se contam trinta e cinco aldéas ou banzas de outros tantos sovas feudatarios. No extremo d'esta comarca, umas seis legoas ao SO. das Pedras, fica a feira de Beja, hoje pouco concorrida, ou antes abandonada, aonde outr'ora affluia muito trafico das terras de Ginga, Cassange, Gomguella, e do Libolo, que lhe está fronteiro ao sul do Cuanza, e mesmo do sertão de Bailundo; por isso que por

¹ Esta opinião tem sido geralmente rejeitada.

² A idéa aqui enunciada tem a seu favor a opinião de alguns homens muito competentes.

este districto se faz ainda hoje o caminho por terra para esse sertão, para Bihé, Caconda e Benguella, apesar do rodeio que motiva, só por evitar a passagem por entre o ruim povo da Quissama.»

À larga e sobre modo curiosa informação de Lopes Lima, e para completar este singular quadro, poderia eu aqui accrescentar a narração de Cardonega ¹, quando descreve a famosa batalha a que faz allusão, como vimos, o dr. Livingstone; porém não é necessario, porque na verdade nada deixa a desejar o que fica escripto. Comtudo como a obra a que me refiro só de poucos é conhecida, darei por extracto em nota separada no fim do volume ² a narração feita por Cardonega.

O major Francisco de Salles Ferreira, que governou Pungo Andongo em 1841, assim se expressa com respeito àquelle notavel presidio ³:

«O presidio de Pedras Negras ou Pedras de Pungo Andongo, é sem duvida o jardim das nossas possessões da Africa occidental, pelo seu clima, producções e boas aguas; não se encontra ali aquelle peso d'atmosfera, nem terrenos aridos e estereis, que se acham em muitos pontos do interior d'Africa. Pungo Andongo fica na distancia de 4 milhas ao N. do rio Cuanza, e a distancia de 60 a 70 leguas da sua foz; confina a jurisdicção do presidio ao S. com o Cuanza, ao N. com o districto de Ambaca, a L. com o rio Loanga, e ao O. com a jurisdicção do presidio de Cambambe. A errada maneira por que em 1802 o capitão Brito Pita fez a divisão do interior da provincia, não dá logar a calcular-se exactamente a extensão da jurisdicção d'este presidio; e tambem pelas continuas questões que ha sempre entre as auctoridades do interior sobre limites de jurisdicção. Este presidio é muito sadio e produz toda e qualquer planta da Europa que se semear. É cercado por uma cordilheira de montanhas de pedra que são de prodigiosa altura, e apenas tres ou quatro ha a que se não possa subir: quanto ás mais sem a menor difficuldade se sobe até ao mais alto d'ellas, onde offerece um riquissimo ponto de vista que se assemelha muito aos

¹ Cardonega, *Historia Geral das guerras angolanas*, ms., tom. II, pag. 319 a 324.

² V. Nota 13.ª

³ *Memoria sobre o Presidio de Pungo-Andongo* por F. de S. Ferreira, *Anaes Maritimos e Coloniaes*, 6.ª serie (1846). Esta memoria é digna de que se lêa, e honra o auctor.

campos da Europa. Tem o presidio tres entradas ou embocaduras, e são as seguintes: ao O. pelo sitio Ganzor, onde passa o riacho Canandua, é uma subida bastante custosa que parte da estrada real: a segunda estrada é ao S. por uma embocadura, que atravessando algumas montanhas que ficam fóra do presidio dá entrada pelo lado do sitio de Cahui; a terceira é a L. pelo lado do riacho Cattete, sobre o qual ha uma ponte de madeira¹. Pungo Andongo offerece aos viajantes a duas leguas de distancia um ponto de vista respeitoso pela altura das montanhas, e as differentes fórmãs que mostram n'esta distancia. As estações são regularmente as de Angola; as suas producções, alem do que fica dito, são todas as que a Africa offerece, como algodão, canna d'assucar, mandobim, café, anil e carrapato ou mammona, de que os pretos fazem muito bom azeite para luzes; alem d'estas e outras producções da zona torrida, offerece toda e qualquer planta da Europa, que se semear, com muito poucas alterações.

«Eu comi em Pungo Andongo fructas da Europa, como uvas, figos e todas as hortaliças que ha em Portugal. Rara é a rua do presidio onde não se encontram riachos e fontes, como são Canandua, Canzamba, Cafauzensa, Carela, Cassalle, Luxilo e outras muitas d'agua excellente, mas muito fria, e por isso prejudicial aos europeus emquanto se não costumam. É esta a razão por que os filhos da Europa geralmente soffrem muito do estomago no primeiro anno da estada n'aquelle presidio.»

Talvez não se me offereça em outro lugar melhor oportunidade de fallar da prova ou juizo barbaro usado não só no districto de Pungo Andongo, mas quasi geralmente, com leves alterações, pelos indigenas d'Africa, tanto ao occidente como ao oriente. O dr. Livingstone o menciona; porém os nossos escriptores deram a este respeito informação mais circumstanciada, como se verá; e eu terei de acrescentar alguma observação, para fazer ver que sem razão Livingstone argue de desleixo ou impotencia as auctoridades portuguezas por não terem acabado inteiramente com esta supersticiosa abusão, da qual tem cahido victimas tantos innocentes.

Fallando dos indigenas de Cassange e terras commarcans, es-

¹ O presidio tem outras estreitas veredas por entre alguns rochedos, mas conhecidas de mui poucas pessoas.

creve Livingstone¹: «O trato que os naturaes têm tido com os brancos, parece não ter melhorado muito a sua condição. Conta-se que perde a vida annualmente grande numero de individuos nos diferentes districtos de Angola pelas crueis superstições a que são afferrados, e que as auctoridades portuguezas ou não conhecem ou não podem evitar. Aos naturaes é imposto o segredo pelos que lhes administram a infusão venenosa, que de ordinario causa a morte da victima. A pessoa accusada de feiticeria tem frequentemente de caminhar de districtos distantes, a fim de fazer certa a sua innocencia, e arrostar a prova. Vem a um rio do Cassange chamado Dua, bebem a infusão das folhas venenosas, e morrem ignoradamente.

«Quando estavamos no Cassange, uma mulher foi accusada pelo cunhado de ter sido a causa da doença que elle padecia; ella offerceu-se a tomar a infusão venenosa por estar persuadida de que provaria d'este modo a sua innocencia: mas o capitão Neves lhe recusou licença, e assim lhe salvou a vida, porque o veneno é muito virolento. Quando o estomago por forte o lança, o accusador reitera a accusação; a dôse é repetida, e o accusado morre. Centenares de pessoas perecem por este modo no valle de Cassange.»

Em outro lugar, e tratando do mesmo assumpto, diz Livingstone²: «Quando sabiamos da aldêa de Monina, chegava um medico de feiticerias que fôra alli chamado, e as mulheres sahiam para o campo em jejum. Tinham de ser compellidas a beber a infusão de uma planta que tem o nome de «goho» que se emprega como prova do crime imputado. Esta cerimonia chama-se «muavi» e é feita d'esta maneira: Quando algum homem suspeita que uma das suas mulheres lhe foi infiel, manda chamar o medico feiticero, e todas as mulheres sahem para o campo, e conservam-se em jejum até que esteja prompta a infusão da planta. Todas bebem tendo a mão erguida para o cêo, como attestando a sua innocencia. As que vomitam são reputadas innocentes, emquanto que são declaradas criminosas e morrem queimadas aquellas nas quaes a infusão se precipita, e obra como purgante. A innocente volta a casa e mata um gallo, como offerta de agradecimento aos espiritos que a protegeram. O uso desta prova é commum entre todas as nações de ne-

¹ Chap. xxii, pag. 434.

² Chap. xxx, pag. 621

gros ao norte do Zambeze. Este processo sumnario maravilhou-me, porque o trato, que eu tinha tido com os indigenas, me levava a crer que as mulheres eram tidas em muita estima para que os homens se atrevessem a descartar-se d'ellas d'esta sorte; porém deram-me a seguinte explicação: A mais leve imputação faz que desejem ellas ardentemente provar a sua innocencia; têm a certeza de não serem criminosas, e põem inteira confiança em que o «muavi» só denuncia o culpado, e por isso vão bebe-lo de bom grado e até contentes.»

O dr. Lacerda, fallando no seu *Diario* da prova do Muave, a que dá o nome de Mave, assim se explica nas observações ao dia 14 de setembro de 1798: — «É constante em toda esta parte da Africa a persuasão que têm os cafres (e á sua imitação muitos e muitos brancos, como observei em Moçambique) de que todo o individuo que morre é por effeito dos feitiços. Quando qualquer cafre é accusado de ter morto outro com feitiços, e nega o facto (outros brutalmente confessam serem os aggressores) vai á prova do Mave. Ella consiste em lhe darem a beber uma tintura de certa casca de pão, que faz o effeito de violento purgante; como a porção é copiosa, ordinariamente o chamado feiteiro morre super-purgado e com horribéis ancias. Quando estive doente gravemente áquem da Java, disseram os Muizas que, se eu fôra Cazembe, já muita gente teria sido morta por causa da minha molestia... Se tem o chamado feiteiro a felicidade de vomitar o remedio, então nada lhe succede, é festejada com muita alegria a sua innocencia, e o accusador tem pena pecuniaria. Os Maraves queimam os feiteiros: esta é a morte que lhes dão.»

Sebastião Xavier Botelho refere um tanto differentemente o modo de applicar o muave. Não admira, antes é provavel que entre os diversos povos africanos haja n'esta applicação alguma diversidade, como a costuma haver em cousas da mesma natureza, mas que são praticadas entre povos de varias indoles e costumes. Eis-ahi o que o citado auctor narra de pratica tão estúpida e cruel¹.

«Applica-se o moavi pela maneira seguinte: — O parente mais proximo do fallecido arranca a planta por sua propria mão, e vai leva-la ante-manhã ao mestre que deve applica-la, o qual já está

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. XIII, pag. 222 e 223

esperando no campo para este fim. D'esta planta, que elle mesmo pisa com pilão de pão, fórma tres bolos iguaes, cada um do tamanho de um limão. Os condemnados a beber o moavi estão em custodia desde o dia antecedente, e com elles todos os outros que se presumem co-rêos, não tanto para os terem seguros, senão para tolherem que comão cousa alguma. Na hora aprazada são levados ao logar da execução em companhia de todos os da aldêa e seus arredores, e como estejam a rosto com o mestre, ajoelhão, cruzam as mãos, recebem na esquerda aquelles tres bolos, que mastigam e engolem, retirando-se depois para alguma distancia aonde estão seus parentes e os do fallecido ou do queixoso, conforme a natureza da culpa. Todos os assistentes formam-se em duas alas, armado cada um d'elles de uma varinha de verbena, que rodeão e cruzão nos ares triangularmente, e hum d'elles brada em altas vozes «se este individuo é o feiticeiro que obrou o maleficio, o moavi o arrebente». Seja assim, respondem todos em côro. Se elle o não he, e falsamente o accusão, o moavi o deixe viver. Embora viva, dizem todos a hum tempo. Repetem alternadamente esta imprecação até os accusados, que passeão pelo meio das alas, ou vomitarem ou cahirem em terra atordoados: então os matão e os queimão, captivão-lhes a mulher e os filhos, e os bens a favor dos parentes do morto, salvo nos crimes de morte e de adulterio em que não ha confisco.

«O que não vomitou nem cahio, he havido por innocente, e todos o acompanhão a casa, aonde lhes acodem logo com huma bebida emetica para expulsar o veneno, e fazem «purures» por tres dias, que em linguagem quer dizer festas publicas de regosijo. Como seja pratica entre elles deixarem ás partes seu direito, usão d'elle contra os accusadores, requerendo a pena de talião, que he alli havida pela mais conforme á justiça. Compete a acção não só ao accusado, senão a toda a familia, sem exceptuar os escravos.»

Agora a informação do sr. major Gamitto¹: «Os espectaculos publicos d'estes povos são mui poucos: o principal d'elles, e ao mesmo tempo aquelle que lhes causa mais enthusiasmo, é a queima de um feiticeiro, cuja execução é feita do modo seguinte: o padecente, estando inteiramente nù, qualquer que seja o seu sexo, é deitado no chão de costas, ao comprido, e amarrado a quatro

¹ *Muata Cazembe*, cap. II, pag. 97 e seguintes

estacas, que estão bem cravadas na terra, sobre elle vão armando lenha, que fica com o feitio d'uma eça, de doze a quinze palmos de altura; os pannos com que elle se cobria são postos em fórma de bandeira nas arvores mais proximas. Depois de prompta a pilha, largam-lhe fogo pela parte dos pés, acompanhando este cruel auto de fé com alaridos e toques de tambores, e quando tudo está reduzido a cinza, retiram-se com tumulto. Geralmente estas supersticiosas e barbaras execuções são feitas á borda dos caminhos mais seguidos, e todo o passageiro que transita por elles, deita para o logar onde se fez a fogueira uma pedra, de sorte que pela continuação do tempo forma-se d'ellas um monte; alguns vi eu bastante altos.

«Os feiticeiros são sempre convencidos pela prova do Muáve; d'este ha duas qualidades, que produzem effeitos differentes, ambas tiradas da casca e tecido cellular da arvore a que chamam Muáva. O acto de tomar-se este juramento é um espectáculo de grande concurso. O réo que tem de fazer esta prova é encerrado em uma Nhumba, nú, e vigiado com todo o cuidado desde o sol posto da vespera do dia em que o julgamento se ha de effectuar até ao momento em que este se faz. Emquanto o réo está encerrado vai o Ganga cortar o Muáve, tirando a casca da parte do nascente e da parte do poente da arvore; e, depois de a ter picado algum tanto, deixa-a d'infusão em sufficiente porção d'agua até á madrugada seguinte, em que põem tudo a ferver em lugar publico, e quando tem fervido bastante, fica prompta a bebida. Então é conduzido o réo debaixo de custodia até ao sitio onde está o Ganga (mestre ou medico) que é quem preside ao juramento.

«O vaso que está ao lume com o Muáve contém ordinariamente de oito a doze canadas de liquido, em que entrou pouco mais ou menos meia arroba de casca, que larga uma côr avermelhada. O réo, que tem a cintura apenas coberta, deita as mãos para os quadriz, e com os dedos minimos segura os dedos minimos d'outro negro, ficando curvado para a frente, e n'esta attitude começam os dous a fazer balanço com os braços, e o réo a fazer uma confissão publica em alta voz de tudo quanto tem feito, omittindo e mesmo negando aquillo de que é arguido, e conclue sempre dizendo com referencia á accusação :— Mas se tal Milando commetti, o Muáve me justificará—. E na mesma attitude, e igual balanço de braços, forma maior curva com o corpo e começa a beber o Muáve, que o Ganga

lhe vai dando em uma gamella, do meio da qual elle o toma com os beijos, repetindo a dôse tres ou quatro vezes, em que bebe para mais de tres canadas. Esta operação conclue-se regularmente pelas oito horas da manhã, tempo em que o sol já está bastante forte. O réo, deixando então o enlace dos dedos, começa a correr em torno da povoação, porque sempre é proximo a ella o logar onde se dá o juramento, sendo seguido por toda a multidão de espectadores que vão correndo e cantando. Este exercicio dura até que a bebida seja expellida por cima ou por baixo. No primeiro caso está livre, e justificado innocente, e então deitão-lhe pela cabeça farinha de milho, acompanhando-o com danças e cantigas, e o auctor ou auctores fogem com o seu partido, para não serem maltratados, e até mortos, pelos parentes e partidarios do réo no impeto do seu contentamento, e o proprio Ganga, posto que a sua vida não corra perigo, com tudo, para não ser insultado, toma a cautella de immediatamente fugir.

•No segundo caso sendo o Muáve arrojado por baixo fogem os do partido do réo, porque se julga estar provado que é criminoso, e, em logar de farinha, lançam-lhe cinza, e fazendo muitos alaridos de furor, conduzem-no e guardam-no com segurança para ser queimado no dia seguinte. Acontece, comtudo, ainda que raras vezes, appellar o réo para segundo Muáve, dando por motivo a omissão de alguma cousa na confissão. Os Maraves dizem que quando existe esta circumstancia de palavra omittida na confissão, fecha-se a garganta ao réo de fórma que nada deixa passar para fóra, e que por isso o Muáve é arrojado pelo lado opposto. No segundo Muáve que tomam, quasi sempre vomitam, o que sem duvida é devido ao estado de fraqueza em que se acham: e n'este caso o réo fica livre e justificado innocente, e como tal vai haver indemnisação do auctor.

•Ha outra sorte de Muáve, a qual é mais usada no Marave. Tem o mesmo preparo, e administra-se com as mesmas formalidades que o precedente, differindo sómente em ser tomado entre dois caminhos, um que vai dar ao Tênge e o outro á povoação, e o réo diz, na occasião da confissão, e estando para toma-lo: = Se sou culpado, o meu caminho é aquelle (apontando para o do Tênge) e se o não sou, é est'outro (mostrando o da Musi) =. Então toma a bebida, e começa a correr em torno da povoação, e se durante a corrida arroja a bebida por qualquer das vias, está justificado

innocente, mas, se caher como morto, está provado o crime, e é conduzido a queimar.»

Como vimos o dr. Livingstone diz que perdem a vida annualmente muitos individuos em consequencia d'esta e de outras superstições, as quaes as auctoridades portuguezas não conhecem ou não podem evitar. Não tem razão o missionario inglez nem na affirmação, nem na insinuação. Procurei informar-me com pessoas residentes por annos, e algumas por muitos annos, em Angola, que tem particular conhecimento não só de varios districtos, senão do interior, e me affirmaram que, dentro dos territorios subjeitos ao dominio portuguez, é já de annos a esta parte raro o constar de factos de similhante natureza, porque as auctoridades civis e ecclesiasticas, tem empregado meios efficazes de obstar-lhes, e de fazer comprehender áquella gente rude, mas de boa fê, o absurdo da practica, e o perigo, a que, sem excepção, ficam expostos os que a admittem, de cahir miseraveis victimas de malquerenças, da inveja e da cubiça dos que, por qualquer motivo, interessarem no seu infortunio, sem que todavia tenham para si a recelar-se ou por não terem que arriscar, ou por contarem com a impunidade.

Tambem obtive saber que os missionarios, assim nos tempos de maior fervor, como ainda muito depois se tinham applicado com especial diligencia a exterminar estas e outras abusões, e haviam sido auxiliados poderosamente n'este seu tão digno empenho pelos Bispos, e pelas auctoridades civis e militares: quasi que tinha desaparecido totalmente aquella superstição; mas, extintas as missões, vaga com frequencia a sêde episcopal, e variando a curtos prazos as auctoridades superiores e districtaes, as providencias anterior e cuidadosamente postas em vigor, afrouxaram, e reapareceu aquelle e alguns outros supersticiosos abusos. Porém, advertidas d'isto as auctoridades, de novo se prescreveram, e com efficacia se tem dado á execução opportunas prevenções, que tem produzido em grande parte o effeito desejado, de sorte que, se algum de taes factos pôde ainda de longe em longe apontar-se, é porque succede n'isto como no demais, quando as paixões tumultuam, e as leis podem a salvo ser illudidas.

É enfadonho para quem lê, mas não o é menos para quem escreve ter de voltar a assumptos já tratados, embora não haja de os tocar senão muito ao de leve, ou, como commummente se diz,

de passagem. Entretanto a maneira de escrever do dr. Livingstone obriga quasi inevitavelmente a esta especie de repiso. Já em outro lugar¹ fiz alguns reparos a este respeito, e aqui de novo este deixo feito, uma vez por todas: continuarei a chamar a capitulos geraes, sempre que possa, o que for assumpto principal; mas não deixarei de a elle voltar, ou pelo menos fazer breve allusão, quando assim mais convenha ou para reforçar o que ficou já estabelecido, ou para que não fique sem propria resposta alguma asserção lançada a esmo e aventuradamente pelo dr. Livingstone. Agora proseguirei caminhando o meu caminho.

«Na volta de Loanda, e chegado a Cabango (9° 34' latitude S. e 20° 32' longitude E.), observa Livingstone², que o rio Kasai não é senão em pouco espaço navegavel por causa de uma grande caoieira, e que, segundo as informações obtidas, não existe nenhum reino consideravel nos territorios que ficam entre esta região e o equador. Acrescenta que, em consequencia, tivera vivo desejo de visitar o Matiamvo, por ser de boa razão prestarem os hospedes homenagem ao senhor do paiz que visitam.

«Asseguraram-me (continúa o dr. Livingstone) assim os negociantes Balondas como os nativos, que um notavel braço do Zambeze nasce no territorio ao oriente da cidade (do Matiamvo) e corre para o sul. O curso d'este braço, até onde toma para Masiko, está designado no mappa provavelmente muito ao nascente. Foi assim assignalado quando eu pensava que o Matiamvo e o Cazembe ficavam muito mais ao oriente do que depois tive motivos para julgar. Como tudo isto se deriva das informações dos naturaes, é apresentado com desconfiança ao leitor, pois carece de ser verificado por outros exploradores. Os habitantes das margens d'este affluente chamam-se Kanyika e Kanyoka, e diz-se que são muito numerosos e benevolos, porém o Matiamvo não consente aos brancos o visitarem-nos por serem aquelles povos que principalmente o abastecem de marfim. Julgando que podíamos descer este ramo do Zambeze até Masiko, e d'alli ao valle Barotse, senti vivo desejo de fazer a tentativa, porém as fazendas, que trouxemos para pagar as despezas do caminho, estavam muito reduzidas. . . Pelas informações que me foram dadas não vi que podesse ter probabilidade

¹ V. a *Introdução*.

² Chap. xxii, pag. 458.

de conseguir licença de atravessar o paiz para o sul. . . O territorio do Matiamvo, diz-se que é muito povoado, porém alli ha pouco ou nenhum commercio. Recebem chitas, sal, polvora, vasos grosseiros de barro, e contas de vidro, e dão em troca marfim e escravos. Não possuem gado. . . O chefe actual, segundo se diz, governa com rectidão, mas, apesar de me informarem os portuguezes que elle exerce poder absoluto, o seu nome é menos respeitado que o de Sekeletu, e de outros chefes.

«Como julgámos que nos convinha mais seguir jornada para o SE. de Cabango, e ir visitar o nosso velho amigo Katema, pedi um guia a Muanzanza. Elle annuo, e tambem acceitou um presente mais pequeno que de costume, logo que lhe foi explicado por Paschoal e Faria¹ que eu não era commerciante. Pareceu considerar estes presentes como sendo-lhe devidos, e quando chegou uma carga de fazendas pertencentes ao sr. Paschoal, elle entrou na casa para receber o seu quinhão, e o sr. Faria lhe apresentou com muita gravidade um vaso de barro muito ordinario, de que levava abundancia para commerciar. O chefe o recebeu com expressões de muita gratidão, etc.»

D'esta narração do dr. Livingstone se deduz, como consequencias necessarias, ou factos averiguados, que todos aquelles territorios eram perfeitamente conhecidos dos portuguezes, — que tambem o eram os territorios e os povos sujeitos ao Matiamvo, — que um consideravel braço do Zambeze interior, nascido ao oriente da cidade do Matiamvo, não podia ser ignorado dos habitantes do Cazembe, comarcões, por assim dizer, do Matiamvo, nem de nenhum modo podiam ignorar os commerciantes portuguezes, tão conhecedores d'uns e d'outros territorios, que, navegando aquelle braço ou affluente, se chegava ao Zambeze; — que existem difficuldades para conseguir que o Matiamvo consinta em que suas terras sejam devassadas por estrangeiros; — que os povos do Matiamvo commercêam com os portuguezes, e que estes informaram o dr. Livingstone ácerca do poder do Matiamvo e da auctoridade por elle exercida; — que dous commerciantes portuguezes, Paschoal e Faria, acompanhavam o dr. Livingstone, o qual com elles consultava ácerca dos usos e costumes d'aquelles povos, do caminho a

¹ Dois commerciantes portuguezes que viajavam de companhia com o dr. Livingstone.

seguir, etc.; — e que se houveram elles com os indigenas como homens desde tempos habituados a com elles ver-se e mercadejar.

O corollario a tirar, infere-se espontaneamente, e mais uma vez rebate de modo irrecusavel a pretensão, cada vez menos sustentavel do dr. Livingstone, de ter sido elle o primeiro europêo que teve conhecimento do Zambeze interior. A verdade da minha asserção já foi demonstrada, e não me repetirei desnecessariamente; porém não devia desaproveitar tão opportuno argumento, fundado nas proprias declarações e testemunho do mesmo dr. Livingstone. Se os portuguezes conheciam os territorios banhados pelos braços e afluentes do Zambeze, como é que podiam ignorar a existencia do mesmo Zambeze? Se tinham percorrido aquellas varias regiões por causa do seu commercio, como podiam ignorar alguma cousa digna de notar-se n'ellas existente? Não é para não ser advertido dos viajantes um rio notavel, que corta os territorios por onde transitaram, nem tão pouco os afluentes que os vão atravessando. E deixar-lh'o-iam ignorar os proprios escravos, trazidos de tão varias terras, pertencentes ás diversas tribus e nações de que todos aquelles territorios são povoados? Quantas vezes teriam muitos d'elles tido occasião de ver, e porventura navegar esses afluentes, e o mesmo Zambeze? E não o teriam atravessado os proprios commerciantes portuguezes? Contra estes eram menos efficazes os obstaculos oppostos pelo Matyamvo ou por quaesquer outros chefes indigenas, porque os mercadores d'escravos, salvo o haverem de satisfazer ás alcavalas estabelecidas, não tinham por uso sabido seguir caminhos trilhados, e não hesitavam em os abrir de novo, tomando-os por onde mais lhes convinha. Já nos foi isto advertido pelo dr. Livingstone, e de facto nos é confirmado por documentos que não podem rejeitar-se, quaes são as noticias particularisadas d'alguns nossos viajantes, que, tendo-se internado mais fundamente nos sertões, no-las deixaram por escripto¹.

Sobre este ponto, nem occasionalmente julgo necessario dizer mais nada.

Entretanto não fecharci este capitulo sem fazer curtas observa-

¹ Officio do dr. Lacerda a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, *Annaes Maritimos e Colonides*, 4.ª serie, pag. 286 e 287, etc. (1844). V. a Nota 14.ª *Viajem com destino ás cabeceiras do rio Sena*, por J. R. Graça, *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, março e abril de 1855, etc. etc. V. a Nota 6.ª

ções a dous logares de Livingstone, cujo assumpto está em próxima relação com o de que n'este momento acabo de occupar-me.

Chegado ao rio Loembua, no proseguimento da marcha começada, refere o dr. Livingstone¹, que a presença de um homem branco infundia terror nas mulheres, e que, n'estes casos, pareciam muito contentes quando elle dr. Livingstone acabava de passar sem se ter apoderado d'ellas; que o espreitavam das fendas das portas, até que elle se approximava, e então se recolhiam fugindo para o interior da casa. Estas exaggerações de Livingstone fazem-no cahir no ridiculo, porque, sendo os portuguezes muito conhecidos por aquelles territorios, como acabamos de ver, e se deduz a cada instante do mesmo contexto da narração do missionario inglez, longe de tornar-se crível, move a riso uma asserção, que, por falta de verosimilhança, não tem razão de ser. Se Livingstone fosse explicito, como lhe cumpria, e expressasse claramente o que parece dever inferir-se, isto é, que as mulheres se assustavam, e fugiam pelo temor de serem compradas por elle, branco, e postas em escravidão, poderia acaso achar-se fundamento ao proceder que lhes é attribuido; porém então cahia, por terra o castello infantil que o viajante inglez se lembrou de architectar, por quanto o motivo dos receios femininos tornava certo o conhecimento que tinham dos brancos, os quaes ellas sabiam que compravam mulheres e as faziam escravas, e por tanto razão haviam para se temerem de Livingstone, que, sendo branco, era provavel que fizesse o que costumavam fazer, como era notorio, os demais brancos. Estas pequenas miserias do dr. Livingstone são na verdade para lastimar.

Observa o mesmo Livingstone que o rio Leopula, que se forma e engrossa com as aguas, que por varias correntes vem do lago Tanganyenka, é o braço oriental do Zambeze, e vem do nordeste passar junto da cidade de Cazembe. Livingstone pergunta, se não será o Tanganyenka o Nyanja dos Maraves²? Esta é exactamente a hypothese do dr. Lacerda, que declara que, depois de muitas informações por elle sollicitadas com a maior diligencia e trabalho, para saber por onde corria, e qual direcção tomava o Zambeze, accrescenta: «Mandei perguntar hoje a differentes Mussucumas

¹ Chap. xviii, pag. 465.

² Chap. xxiv, pag. 475.

(Mussucumas é uma nação que está misturada em pequeno numero com os Muizas para áquem do Zambeze, uns Mussucumas rendem vassallagem ao Cazembe, e são estes, os outros não lhe estão sujeitos) se sabiam para onde ia ter o Zambeze, e todos disseram que ao rio, que corre proximo ao Zimboè do Cazembe¹). Não farei agora mais citações, mas lembrarei ao leitor o inferir do modo que prescreve inflexivelmente a logica.

Esta informação dos Mussucumas vê-se que estava em harmonia com a que Manoel Caetano Pereira dera precedentemente ao mesmo dr. Lacerda, da qual tambem elle aqui se lembra, em que dizia² que uma lagoa de consideravel grandeza e pouca profundidade, existente no caminho do Cazembe, despeja as aguas por dous canaes, um que vai ter ao *denominado rio Zambeze*, e outro ao rio Murusura, em cuja margem tem o seu assento o referido rei (do Cazembe). Este rio Murusura passa por detrás da serra Murimballa, que fica perto de Sena, e na margem opposta, ao qual alguns chamam Nanjaeja-matope e outros Chire, e gastam tres dias em o atravessar na dita cidade do Cazembe, pernoitando-se em ilhas. «Dizem tambem (acrescenta o dr. Lacerda) que o *seu Zambeze* conflue, n'este rio muito abaixo da povoação».

Não julgo que seja necessario fazer prolixo discurso para fazer ver que da facil comparação d'estes logares da obra de Livingstone e do *Diario* do dr. Lacerda, se conclue obviamente, que a asserção do missionario inglez se conforma com o que muito mais de cincoenta annos antes fôra annuciado pelo dr. Lacerda, e a morte lhe atalhara de verificar com particularidade e exactidão; e tambem se conclue o que mais de uma vez tenho notado, isto é, que, sendo frequentados pelos commerciantes portuguezes estes varios territorios, é impossivel não só que não tivessem larga informação dos mencionados affluentes do Zambeze interior, senão igualmente d'este. Sobre tudo convem não esquecer que muitos d'aquelles commerciantes se davam ao trafico da escravatura, e que para estes, como bem adverte Livingstone, era costume, nascido porventura da necessidade, não se sujeitarem a seguir ca-

¹ *Diario da Viagem* do dr. Lacerda, dia 9 setembro 1798, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 5.ª serie, pag. 111 (1845).

² *Noticias dadas por M. C. Pereira*. V. o officio do dr. Lacerda ao Ministro d'Estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, etc. *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 290 e 291 (1844).

minhos conhecidos, mas rompê-los e acha-los por onde mais a geito lhes ficava. Não desceram acaso os afluentes, não entraram por elles no Zambeze, nem o foram navegando até aonde seria possível navegar-se: não admira, por serem tantas as difficuldades que, apesar da muito grande diversidade das condições, d'aquelles e do dr. Livingstone, tão pouco este pôde tomar d'elle particular conhecimento navegando-o, senão a espaços, ou não lhe desamparando totalmente as margens e ribanceiras. Entretanto não se pôde deixar de ter por certo que, demais de o conhecerem, por vezes e em differentes pontos o haviam de ter atravessado, pois que havia de tê-los a isso convidado ora a vantagem de encurtar jornada e tempo, ora a necessidade de evitar perigos e contrariedades de variada natureza.

E qual é a ultima conclusão? Certo que me não parece de nenhuma sorte preciso nem sequer indica-la, torna-se manifesta, pois não ha quem não reconheça que a apregoada descoberta do Zambeze interior, de que Livingstone com tanta avides pretendeu as honras e a gloria, é descoberta feita mais de meio seculo antes, merecendo só este nome para os que, como o bom do missionario inglez, ignoravam da Africa occidental o que os portuguezes tinham feito, e até o que tinham escripto, apesar de n'isto serem tão remissos, como n'aquillo foram sempre tão aventureiros e effectivos.

Já tratei com largueza d'este assumpto, e, como acima notei, porventura parecerá a alguém por demais esta quasi repetição. Peço venia: assim tambem se me affigurava, mas tive de ceder, quando se me ponderou que a insistencia tençoeira do dr. Livingstone em certas e determinadas asserções, uma das quaes é a de que se trata agora, tornava senão indispensavelmente necessario, sem duvida sobre maneira opportuno, e de todo o ponto justificava este, não repizo, mas esclarecimento comprovativo do que n'outra parte foi debatido e demonstrado.

CAPITULO IX

A catarata Mosioatunya, ou como lhe chamou Livingstone catarata-Victoria— Foi o missionario inglez o primeiro europeu que teve conhecimento d'esta maravilha da natureza? — Descripção — Muito fallada n'aquellas terras — Não examinada pelos indigenas — Columns de vapor, vistas de seis milhas de distancia, que similham o fumo — Formosa paizagem — Aproximação do ponto a investigar — O cimo do precipicio — Abertura que atravessa o Zambeze — O que é a catadupa — Espectaculo assombroso — Investigação — Impressões recebidas n'aquelle momento — A avaliação das distancias mal segura — Duas asserções a tomar em conta — Muitas cataratas nos rios d'Africa — Algumas muito notaveis — A admiração dos portuguezes não sobreexcitada — Situação diversa de Livingstone — O rio Lucala e o auctor da *Historia das Guerras Angolanas* — Quédas do Coanza — Balthasar Rebello — Lopes de Lima — Salles Ferreira e as cataratas de Lugalla, Mutu Localla e Condo — O Tenente Garcia — A caxeira de Xella — Sebastião Xavier Botelho — Objectos antes de curiosidade do que de vantagem averiguada — O argumento de Livingstone — Situação geographica da catadupa Mosioatunya — Trato dos portuguezes com os povos vizinhos e comarcões — As nossas cousas d'Africa — A ilha Kalai e os Mambari — Estranho arruido causado pela famosa catadupa — O espanto a que por largo e longe a catarata dava origem — Devia ser, e desde antiga data, conhecida dos portuguezes — Livingstone o primeiro a visita-la e descreve-la, porém não a ter d'ella conhecimento — Outra insistencia — Cadêa ou serie de postos commerciaes — Demonstrado o contrario do que affirma Livingstone — Tradição dos postos commerciaes — Posto de parte este debate — Se os postos commerciaes de Livingstone são as nossas feiras, existiram — O que eram as feiras — Onde estabelecidas — Existiam pontos, aonde os indigenas podiam levar objectos de permutação — Os traficantes d'escravos ou de marfim e cera — O valor do marfim — O marfim nas sepulturas — Veneração pelos finados — As asserções

de Livingstone não podem manter-se — Mauza — Devia ter conhecimento dos portuguezes — Arguição injusta feita aos portuguezes de não terem investigado no interior o curso e navegação do Zambeze — Os portuguezes devassaram toda a Africa — O objecto das viagens e peregrinações dos portuguezes — Obstaculos e meios de os vencer — Semrazão de Livingstone — A arguição, que é injusta quando feita aos portuguezes, é justissima quando applicada ao dr. Livingstone — Viagens ordenadas pelo governo portuguez ao interior do continente africano — J. M. de Lacerda — O dr. Lacerda e Almeida — Monteiro e Gamitto — Tenente Garcia — O que sabemos ainda hoje é a elles devido — Ostentosas investigações de Livingstone — Depois d'ellas tudo como d'antes — São os factos, e não eu, quem condemna o dr. Livingstone — Exactidão das informações havidas pelos portuguezes — Confirmadas por Livingstone Bom serviço por este prestado — Menor porém do que devia esperar-se — De menos valor seria ainda, faltando as precedentes informações dos portuguezes — As declarações negativas dos indigenas não devem nunca entender-se de modo absoluto — Os *Diarios* do dr. Lacerda, do padre Pinto e do sr. Gamitto não mencionados pelo dr. Livingstone — A viagem do Major Monteiro ao Cazembe e regresso a Tete, vinte e quatro annos antes da de Livingstone ao interior d' Africa — Porque o silencio de Livingstone? — Rara a asserção de Livingstone que não careça de correctivo — É difficil empenho pô-lo accorde consigo mesmò — A palavra *Reza* — A palavra *Averie* ou *Averie* — Por toda a parte Livingstone encontrou vestigios portuguezes — Pretensão absurda — Infesta prevenção do dr. Livingstone contra os portuguezes — A ald'a de Mburuma — Cuidadosa declaração do dr. Livingstone de ser inglez e não portuguez — Muzungos — Pelle mais branca de Livingstone do que a dos portuguezes — Os inglezes amigos e os portuguezes oppressores dos retos — Proceder indesculpavel de Livingstone — As declarações de Livingstone sem razão de ser — Á narração de Livingstone faltam as condições essenciaes para ser tida em maior conta — Injustas insinuações de Livingstone em prejuizo dos portuguezes — Romance de Livingstone — O commercio da escravatura favorecido geralmente pelos chefes das tribus indigenas — O dr. Livingstone suppõe, mas não prova, o contrario — As razões moraes sem peso para os indigenas — O dr. Livingstone o reconhece — Suspeito de menos desaffecto á escravatura do que alardeava — A escravatura não pôde por ninguem ser approvada — É injusto o odioso lançado por Livingstone exclusivamente sobre os traficantes portuguezes — Os chefes indigenas não menos criminosos do que os traficantes — Acabe a escravatura, sem que medrem as miras da hypocrisia.

O dr. Livingstone, fallando da catarata Mosioatunya, a descreve como sendo no seu genero verdadeira maravilha, e por isso a condecorou com o nome de catarata-Victoria (*Victoria-falls*); e affirma que foi elle o primeiro europeu, que teve conhecimento d'ella,

e a visitou. Será assim? Esta questão está intimamente ligada com a do descobrimento do Zambeze interior, e tem portanto direito de modo especial á nossa attenção, e a ser investigada menos acanhadamente. Examinemos pois as duas asserções do illustre missionario; mas, para procedermos com ordem, como convem e costume, ouçamo-lo antes de tudo.

«Como d'este ponto (do Zambeze interior) devíamos separar-nos para o nordeste¹, resolvi-me a visitar na seguinte manhã a catarata-Victoria, chamada pelos indigenas Mosioatunya, e mais antigamente Shongûe. Tinhamos ouvido fallar d'ella desde que entramos n'estas terras, e uma das perguntas que me fez Sebituane foi: «Tendes na vossa terra fumo que faça estampido? Elles (os indigenas) não se atrevem a approximar-se tão perto que pössam examina-la; porém, contemplando-a de certa distancia com terror, repetem, referindo-se ao vapor e ao estrondo «Mosi oa tunya» o fumo alli estrondêa. Outr'ora a catarata chamava-se Shongûe, mas nunca pude saber a razão de lhe darem este nome. A palavra que entre elles designa a vasilha de cozer a comida tem similhaça com aquella, e acaso quereriam significar uma caldeira a ferver, com tudo não tenho certeza d'isto. Persuadido de que mr. Oswell e eu fomos os primeiros europêos, que visitámos o Zambeze no interior do paiz, e de ser esta catarata o anel que prende as duas porções, conhecida e desconhecida, d'aquelle rio, decedi-me a usar da mesma liberdade com que se auctorisaram os Makololo, e lhe dei aquelle nome inglez, sendo esta a só occasião em que appliquei um nome da minha nação a alguma parte das terras que investiguei...

«Sekeletu pretendeu acompanhar-me, porém tendo-se apromptado só uma canôa em lugar de duas, como elle ordenara, cedeu-m'a. Depois de ter navegado durante vinte minutos desde Kalai, achámo-nos, pela primeira vez, á vista das columnas de vapor, chamadas com propriedade «fumo», que se elevam na distancia de cinco ou seis milhas, exactamente como quando n'Africa se atêa o incendio em largas pastagens. Eram cinco as columnas que subiam, e, inclinando-se na direcção do vento, affiguravam-se encostadas a uma collina de pouca altura coberta de arvoredos: o tope das columnas, n'esta distancia, parecia confundido com as nuvens.

¹ Chap. xxvi, pag. 518.

Eram brancas na base, e tornavam-se para cima proporcionalmente escuras, de modo que similhavam perfeitamente o fumo. A scena ostentava-se sobremaneira formosa; as margens, e as ilhas, de que está povoado o rio, estavam adornadas de vegetação de grande variedade na fôrma e na côr. Na occasião da nossa visita muitas arvores estavam cobertas de flores. Cada uma d'estas arvores tem physionomia caracteristica. Alli, sobranceiro a todas está o corpulento baobab, cada enorme braço do qual formaria só de si o tronco de uma grande arvore, ao lado d'algumas gentis palmeiras, que, desenhando na firmamento a leve folhagem, encarecem a belleza do scenario. Como hieroglyphico significam sempre «longe da patria» porque ninguem pôde desconhecer, posto que seja em pintura ou na paizagem, o seu aspecto exotico. O prateado mohonono, que nos tropicos similha o cedro do Libano, matiza agradavelmente a sombria côr do motsuri, que realça as formas do cypreste com a belleza dos fructos escarlates. Algumas das arvores fazem lembrar os nossos maiores carvalhos, outras representam os nossos olmos e castanheiros, mas não pôde imaginar-se a belleza do quadro só pelo que se conhece em Inglaterra. Nunca d'antes foi elle contemplado por olhos europêos, porém scenas de tanto enlevo devem ter prendido, no seu passar, a admiração dos anjos. Acha-se tão sómente a falta de montanhas coroadas de neve. As caxoeiras tem por limites, dos tres lados, collinas de 300 a 400 pês de altura, povoadas de arvores, que deixam entrever o sólo avermelhado.

«Quando me achei a meia milha, pouco mais ou menos, distante da cascata, larguei a canoa em que viera até alli, e embarquei em outra menos pesada com homens practicos dos saltos, que, atravessando a corrente por entre os rodoinhos e passos perigosos, effeito natural da saliencia dos rochedos, me transportaram a uma ilha, situada proximo da extremidade da riba, sobre a qual as aguas se precipitam. Ao chegar alli corre-se o risco de ser submergido pelas torrentes, que, de um e d'outro lado, com impeto rompem da ilha, porém agora as aguas eram baixas, e por isso navegámos até aonde é absolutamente impossivel chegar quando vão as aguas altas. Entretanto posto que tocáramos na ilha, e nos achavamos a poucas jardas do ponto, cuja investigação devia resolver o problema, estou persuadido de que ninguem poderia perceber por onde é que desaparece aquelle immenso volume

de água; parecia sumir-se na terra, porque o lado opposto da fenda por onde ella foge, fica apenas a 80 pés de distancia. Com tudo eu não o comprehendí senão depois que, tendo galgado com terror o cimo do precipicio, observei uma larga abertura que atravessava o Zambeze de uma á outra margem, e vi que uma torrente de mil jardas de largo, cahia da altura de cem pés, achando-se para logo repreza no estreito espaço de quinze ou vinte jardas. A catadupa é simplesmente uma fenda aberta na rocha de duro basalto, seguindo da margem direita para a esquerda do Zambeze, e que depois se prolonga continuamente á esquerda por entre outeiros pelo espaço de trinta ou quarenta milhas. Se alguem imaginar o Tamisa, povoado de outeiros, cobertos de arvoredos curtos, e assim continuando logo desde o tunnel até Gravesend, com o leito de rocha de basalto negro em vez do lodo de Londres — uma fenda aberta de uma á outra extremidade do tunnel, por baixo da chave da abobada do arco, e prolongando-se do ponto derradeiro á esquerda do tunnel no espaço de trinta milhas de collinas — a abertura a 100 pés abaixo do actual leito do rio, com os labios separados de 80 a 100 pés — e se tambem suppozer que o Tamisa cabe de xofre no pégo, e, forçado a mudar alli de direcção, se precipita fervendo e retumbante por sobre as collinas — esse poderá formar alguma idéa do espectáculo mais assombroso que presenciei na Africa.

«Examinando com attenção a fenda para o lado direito da ilha, não se vê senão uma nuvem densa e esbranquiçada, a qual, no momento em que visitámos a catadupa, apresentava dous arcos íres formosos. (O sol estava no meridiano, e a declinação era quasi igual na latitude da catadupa.) D'esta nuvem rompe uma columna de vapor, similhando exactamente ao de uma embarcação, e sobe á altura de 200 ou 300 pés; então, condensando-se, muda a côr na de fumo negro, e desce em chuva continua, que depressa nos molhou até á pelle. Esta chuva cabe principalmente sobre o lado opposto da fenda, e a algumas jardas para alem da riba se vê um pequeno vergel de arvores sempre verdes, cujas folhas nunca deixam de estar humidas. Da raiz d'estas arvores retrocedem para o pégo alguns breves arroios; porém, como vem descendo a alcançada riba, a columna do vapor, subindo, os absorve inteiramente, e com ella de novo retomam o mesmo caminho. Precipitam-se sem cessar, mas nunca jamais chegam a entrar no abysmo.

«À esquerda da ilha vimos toda a profundidade da agua, uma massa brancacenta e moveiça, prolongando-se com a fenda, que estende um braço quasi até á margem esquerda do rio. Um pedaço da rocha deslascou para o lado esquerdo da ilha, ficando a sobresahir á agua, e d'aqui calculei o ser de 100 pés a altura d'onde a agua cahe. As muralhas d'esta fenda gigantesca são perpendiculares, e formadas de massa de rocha homogenea. A borda do lado sobre o qual a agua se precipita, está carcomida obra de dous a tres pés de espessura, e varias porções se tem rompido, de sorte que tomou certa similhaça com os dentes d'uma serra. O lado sobre que não cahe a agua está perfeitamente unido, excepto na extremidade esquerda, onde se descobre uma abertura, e um fragmento da rocha parece imminente a desabar. Com respeito ao todo da fenda, acha-se porventura no estado em que ficou desde que de principio foi rasgada. A rocha é de côr escura, excepto a 10 pés, pouco mais ou menos acima do lume d'agua, onde está decolorada em consequencia da subida annual das aguas até áquella ou maior altura. Ao lado esquerdo da ilha temos a formosa vista do volume de agua, que faz subir uma das columnas de vapor, quando cahe limpida do rochedo, e forma um espesso e não interrompido véllo por todo o transito até ao abysmo. A alvura fez-me lembrar da neve, que desde tanto tempo não tinha visto. A agua despedaça-se (consiuta-se-me a expressão) em fragmentos, que seguem apressados a mesma direcção, arrojando cada um golpes d'escuma, exactamente como laminas de aço, quando, incendiadas em gaz oxygenio, lançam de si series de centelhas. O lençol de branca neve similha myriadas de pequenos cometas que se apressuram de tropel para o mesmo ponto, deixando cada um após de si sulcos escumosos. Não vi em nenhuma parte indicado phenomeno a este similhante. Parece-me ser o effeito do volume d'agua, cahindo de golpe do penhasco, e dissolvendo-se vagarosamente em escuma.

«Eu disse que eram cinco as columnas, que tinhamos visto subir de tão estranho abysmo. Evidentemente são formadas pela compressão da agua ao cahir com todo o peso n'um espaço resistente, afeiçãoado em cunha. D'estas columnas, duas á direita, e uma á esquerda da ilha são as de maior volume, e a torrente que produz parece exceder em cabedal a caxoeira do Clyde em Stonebyres, quando aquelle rio trashorda. Era agora o periodo das aguas

baixas no Leeamby, porém, tanto quanto pude conjecturar, tinham alli a largura de 500 a 600 pés, e a de 3, pelo menos, de profundidade á beira do precipicio. Escrevo com o intuito de que outros mais competentes do que eu, para avaliar as distancias com maior exactidão, hajam de vir visitar esta scena, porque pela minha parte enuncio meramente as impressões, que, n'aquelle momento, o meu espirito recebeu. Tive, e tenho ainda para mim, que o rio, do lado de cima da catadupa, mede 1000 jardas de largura, porém sou fraco estimador de distancias sobre a agua, pois que, tendo indicado a um amigo, pertencente á marinha, um ponto na bahia de Loanda, que suppoz achar-se a 400 jardas, elle, com grande espanto meu, declarou achar-se na distancia de 900. Tentei medir o Leeamby com um fio forte, o só que possuia, porém os remadores, tendo caminhado 200 ou 300 jardas, pozeram-se de conversa, e não nos ouviram advertir-lhes que o fio estava embaraçado. Continuando a remar, quebraram-no, e, arrebatado pela corrente, se perdeu na ramagem d'uma arvore. Procurei debalde recordar-me do modo por que me ensinaram a medir os rios, tirando um angulo com o sextante. Que eu o tinha sabido, e que era fácil, é do que só pude recordar-me, o que por isso mesmo augmentou o meu vexame. Entretanto medi o rio mais abaixo, seguindo outro methodo, e depois veio ao meu conhecimento que os portuguezes o tinham medido em Tete, e acharam algum tanto mais que 1000 jardas. Na catadupa o rio é tão largo como em Tete, se não for mais.»

Eis-ahi a descripção de Livingstone, e por elle feita com maior pompa de estylo do que costuma, e empenhadas porventura todas as posses da sua rhetorica para não perder, antes aproveitar até as minimas circumstancias, a fim de tornar, sendo preciso, mais grandioso o espectáculo, de si muito para notar-se, o qual nos põe aos olhos para nos ferir e excitar a imaginação. Fui fiel até ao escrupulo na minha traducção, o que não é trabalho facil, por isso que o methodo caracteristico do dr. Livingstone, e o seu peculiar estylo, muito longe estão de ser irreprehensíveis.

N'esta descripção, sobre o demais, encontram-se duas asserções que não me é possivel deixar correr não advertidas, e que tomarei portanto na conta que merecem. Uma é que foi elle dr. Livingstone e os seus companheiros que primeiramente viram e admiraram a catadupa Mosioatunya, *nunca d'antes contemplada por*

olhos europeos; e a outra que o espectáculo que ali observára é o *mais maravilhoso que presenciou em Africa*.

Começarei por lembrar que são em grande numero as catadupas nos rios d'Africa, e não poucas singularmente notaveis por suas vastas dimensões e fórma, nascendo d'aqui a menos attenção, que, para serem cuidadosamente descriptas, mereceram aos nossos escriptores, que se contentaram quasi que só de nomea-las, não reputando commummente necessario fazer d'ellas especialisada menção. Entretanto d'uma ou outra fallou algum d'elles um tanto mais detidamente, como vou mostrar, para se ver ao mesmo tempo, que, se a catadupa Mosioatunya é digna da extrema admiração do dr. Livingstone, outras ha, desde longa data conhecidas, que de certo não menos a mereciam. Póde sem duvida acontecer que, posto aquella celebre catadupa não fosse ignorada, como não podia ser, dos portuguezes, deixassem todavia de a singularisar e encarecer, como com outras muitas praticaram, por isso que, avzados a espectaculos similhantemente grandiosos e de maravilha, não lhes sobreexcitava a admiração; viam n'ella o que, talvez sem variação muito para advertir, com frequencia tinham visto: como pois e de que pasmar? A situação de Livingstone era a este respeito muito outra que a dos portuguezes; não vira o que elles viram, e o fez a admiração encarecido senão porventura exaggerado. Cabe-me porém fundamentar esta observação, o que passo a fazer sem demasia.

Descrevendo o rio Lucala, escreve o seguinte o auctor das guerras angolanas¹. «Para acabarmos com o que sabemos d'este caudaloso rio Lucala, direthos em como em o sova Andala, vassallo de sua alteza, se despenha de tão alto, tão arrebatado e furioso, fazendo grande nebrina, que se esparge como um chuveiro por mui distante, e se cultiva até onde abrange; e ao depois de fazer este despenho, se encobre por umas concavidades, tornando a sahir d'alli muito longe.» — Aqui não ha pertenções d'estilo, nem ampliação rhetorica ou atavios poeticos, ha o facto singelamente exposto, que é tambem o que succede com os demais que vou citar. Porém, se á maneira do dr. Livingstone, houvesse de se lhes dar fórma e côr oratoria, não se prestariam acaso a produzir effeito não menos ap-

¹ Cardonega. *Historia das Guerras Angolanas*. ms., tom III, pag. 122.

paratoso, e encaminhado a offuscar olhos inexpertos, que o da sua oitava maravilha? Quem reflectir, de certo não dirá — não.

O mesmo citado auctor descrevendo o Coanza, diz¹: «Ao pé da nossa fortaleza de Cambambe começa o Coanza a ter a sua primeira cahida, combatendo e espedaçando as cristalinas e doces aguas em aquellas penedias e rochedos, e ainda n'aquelle seu trabalho é de proveito aos viventes, por n'aquellas mesmas pedras nos dar uma pescaria de peixe desusado, que o não ha em outro parte, a que chamam chinxivilins, á qual descem uns negros ambundos, que só elles se affoutam, e a sabem fazer; amarrando-se primeiro com umas cordas por baixo dos braços, deixando as pontas fixas e amarradas a uma arvore que ha naquella altura, e d'ella, assim amarrados, vão descendo pela rocha e cordas abaixo, até onde ficam a beijar com a agua. Dá uma onda combatida nos penedos, e sobre aquellas pedras por cima da agua, e tanto que outra vez são descubertas, vai o pescador com um cofo ou cesto a tiracollo, e ajuntando todo aquelle peixe que nas pedras ficou afferrado, e a poucas ondas fica o cabaz cheio; e se vem outra vez alando pelas cordas acima a pôr-se em salvo, e, se acertam de quebrar, pescador e pescado não apparecem mais, o que já tem succedido algumas vezes.»

«Desta queda a legoa e meia está a queda Goa, assim chamada por antonomasia, na mesma terra e senhorio do sova Cambambe, perto da sua banza e morada, e é a sahida mais vistosa que tem a gente portugueza, pela mais terra ser montuosa e agreste, e todos os que vão de fóra vão ver esta admiração; porque em tempo de verão vai este caudaloso rio mettido na mãe, e-se collam suas numerosas aguas por entre dous rochedos, tão pegado um do outro que parece aos olhos que de um salto, ou com limitada ponte se pôde passar de uma banda para a outra, e daquella altura collada por aquella estreiteza se despenha com um rugido e bramido que se ouve d'alli muitas legoas, fazendo muito rocio de nebrina, que alevanta com muita escumagem. Alli vão algumas pessoas daquelle presidio e gente forasteira a fazer suas merendas á sombra de umas arvores que tem na frente, donde se descobre e está vendo aquella maravilha.»

Balthasar Rebello de Aragão na sua *Relação das cousas de Angola* menciona esta celebrada catadupa do Coanza; porém toma

¹ Cardonega, *História das Guerras Angolanas* ms., tom. III, pag. 137.

principalmente em conta o *fino salitre* por ella produzido, sem que de nenhum modo o movam as bellezas naturaes, nem pareçam obriga-lo motivos de mera admiração. Eis-ahi as suas palavras¹: «Pelo meio d'este reino (d'Angola) desce o rio Coanza, rio mui caudaloso, e que todo o anno se navega até á fortaleza de Cambambe, que está no fim d'elle, não que tégora lhe saibamos ter fim, mas porque d'aqui para cima não se póde passar por respeito da grande cahida que aqui faz a agua, a qual é tão grande que do fumo e vapor que de si lança para o ar, se faz n'elle uma espessa nuvem de nebrina, a qual, tornando a descer, sendo a agua do rio mui excellente, esta se converte em fino salitre pelos penhascos do dito rio». De passo notarei que na sua tamanha singeleza nos depara esta brevissima descripção de Balthasar de Aragão expressões características, não desdenhadas pelo dr. Livingstone n'aquella tão encarecida e ambiciosa descripção que lemos ainda ha pouco: e, todavia, se não fosse por causa do salitre, podemos ter de certeza que nem a catadupa do Coanza mencionava o escriptor portuguez.

J. J. Lopes de Lima não se mostra nem mais curioso nem mais rhetorico, e se contenta de dizer²: «Aqui acaba a navegação do Coanza desde a sua foz, porque logo acima de Cambambe começam as grandes cataratas, aonde a grande massa das suas aguas se despenha de altissimos rochedos em cachoeiras tão volumosas e profundas, que a quêda d'ellas produz uma perpetua neblina, a qual deposita nos rochedos das margens camadas de salitre».

O major Francisco de Salles Ferreira, que governou Pungo Andongo de 1840 a 1842, fallando das cataratas do Coanza, Lugalla, Cõdo e outras, exprime-se de modo que traduz muito naturalmente a descuriosidade, não facil de perdoar, dos nossos escriptores no informar-nos ácerca de muitos objectos e maravilhas naturaes, de que tinham aliás sobejo conhecimento. «Até ao presidio de Cambambe (escreve Salles Ferreira³) é navegavel o rio Quanza, mas d'ahi até ao Soba Mutta Localla ha cachoeiras continuadas». Em *nota* acrescenta: «Tem-se fallado em tornar o Quanza navegavel de Cambambe para cima, mas isto é impossivel á vista das

¹ *Memorias de B. R. d'Aragão*, no Cod. da R. Biblioth. d'Ajuda, a fl. 42.

² *Ensaio sobre a Statistica d'Angola*, part. II, cap. I, pag. 45.

³ *Memoria sobre o Presidio de Pungo-Andongo*, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 6.ª serie, n.º 4 (1846).

alturas das cataratas de Lugalla, Mutta Localla e Condo. Esta ultima é digna de ser descripta por uma habil penna, porque alem de ser de uma altura espantosa, tem debaixo do logar mais elevado donde cabem as aguas, uma gruta espaçosa, e que na occasião em que os raios do sol, atravessando a corrente d'agua, penetram dentro, fazem uma linda vista. O hyppomotamo, o jacaré, ou o elephante não atravessam o rio senão talvez a um quarto de legoa distante da caxoeira; e algumas vezes que o hyppopotamo ou elephante são perseguidos pelos pretos, estes fazem a maior diligencia para que aquelles animaes não se deitem ao rio, senão nas proximidades da caxoeira, a fim de serem precipitados, e se aproveitarem os seus effeitos: isto acontece mais ao elephante do que ao cavallo-marinho». Se Salles Ferreira escrevesse com a penna que descreveu a catarata Musioatunya, que maravilhoso quadro não nos houvera posto aos olhos? A maravilha de Livingstone não poderia então aspirar a ser maravilha.

Não se nos apresenta mais dedicado á averiguação das raridades da natureza o tenente d'artilheria João Francisco Garcia, que no valioso diario da sua derrota de Mossamedes a Caconda, feita em setembro e outubro de 1841 por ordem superior, a fim de abrir correspondencia d'aquella bahia com este presidio, mencionando a notavel caxoeira de Xella, diz tão sómente¹: «Cheguei a uma pequena terra habitada por oitenta almas, pouco mais ou menos: a esta terra dão o nome de Xella. Causa horror o entrar n'este logar baixo, e coberto por duas iminentes cordilheiras de montanhas da parte do sul e norte, que quasi se tocam pelas cristas em algumas partes, e em outras muito pouco se afastam, fixando-se uma com outra pela parte de leste. A entrada para este logar fica a Oeste e é franca, a sahida é a Leste, bastante difficullosa; porque corta o caminho pelas referidas montanhas, cuja subida é assás trabalhosa e extensa. N'este logar ha a mesma industria de represar a agua para a cultura, e a agua vem despenhada em borbotões por uma imminente caxoeira que se despenha da montanha ao norte».

Tão pouco Sebastião Xavier Botelho se mostra mais empenhado na descripção de semelhantes curiosidades, e por isso referindo-se ás falladas catadupas do Zambeze, se limita a escrever² «De Tete

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.^a serie, n.º 6, pag. 240 (1844).

² *Memoria Estatistica*, cap. xiv, pag. 246.

é o rio (Zambeze) navegavel até ao reino de Sacumbé, donde por espaço de vinte e quatro legoas até entrar no reino de Chicova, se deixa de navegar pela muita penedia que n'elle ha, por onde vai quebrando com grandes correntes e susurro: d'aqui por diante é navegavel, posto que se não sabe até onde.»

Vê-se d'estes breves excerptos que os nossos escriptores, antigos e modernos, nem tão pouco os nossos viajantes, dados ou não ao commercio, não se detiveram geralmente, como acima asseverei, com descripções de primor, apparatusas e exaggeradas de objectos antes de curiosidade do que por alguma especial circumstancia de vantagem averiguada; e assim, o não terem mencionado a catarata Mosioatunya ou Shongûe, como mais antigamente era chamada, e que Livingstone baptizou com o nome ostentoso de catarata-Victoria, não prova de nenhuma sorte que fosse d'elles ignorada; o mais que pôde provar é que não foi por elles descripta, com o que facilmente concordamos. O argumento de Livingstone entra aqui na regra geral dos que tem esta natureza: nega, mas não estabelece: pôde dar motivo a inducções ou, na opinião d'uns, contra a descuriosidade dos portuguezes, por não se terem occupado de objecto tão singular, ou, na opinião de outros, a favor do seu bom e são juizo, por não terem perdido o tempo com assumpto d'onde não viam que podesse vir para elles proxima nem remotamente nenhum proveito certo e positivo.

Sobre esta ainda ha para fazer outras considerações. A posição geographica da catadupa Mosioatunya não demora tão apartada da de Linyanti, da de Sesheke e das de outros territorios frequentados pelos portuguezes, como vimos ao fallar do lago Ngami e do Zambeze interior, que possa rasoavelmente suppor-se (como parece presumir o dr. Livingstone, fundando-se n'um mero argumento negativo), que lhes fosse tão estranha, que do trato com os Batongas, os Batocas, os Matabeles e nações commarcans e vizinhas, todas entre si em continuada correspondencia por allianças, commercio, e tambem pela guerra, e que tinham da catadupa sobeja noticia, a não tivessem obtido os portuguezes larga e circumstanciada, como de tudo, que pôde ser-lhes util, os traficantes a procuram, embora não excitasse n'elles excessivo ardor, por saberem que não tinham a esperar d'alli nenhuma vantagem immediata. Antigamente os nossos conquistadores não se occupavam com maior attenção de cousa em que não interessasse a gloria pessoal ou da patria; e, ao depois,

os homens dados ao commercio dos productos naturaes, e dos escravos, de pouco mais, se de mais alguma cousa, queriam cuidar do que de marfim, cera e escravatura. Os missionarios, como não o eram pelo theor do dr. Livingstone, cuidavam mais do céu do que da terra; e, quando cuidavam da terra, antes era para promover o util, do que para alimentar esteril curiosidade. É esta a historia curta, porém exacta das nossas cousas d'Africa: só tarde, e ha pouco mais de meio seculo, começaram a mudar de rumo.

Ha mais: O dr. Livingstone declara¹ que os Mambari tinham penetrado até á ilha Kalai, que ainda ha pouco haviam conseguido que alli lhes vendessem, por troca de chitas e outras fazendas d'algodão, um enorme dente de elephante que pertencia a Sकेलेतु; e que tinham realisado a compra de creanças, pagando-as com enxadas de ferro. Ora é certo, como temos visto², que os Mambari, n'estas excursões de commercio, andavam geralmente de companhia com mulatos portuguezes, e tambem não raro com portuguezes europeus, cujos commissionedos aquelles eram, e para os quaes resgatavam quer a cera e o marfim, quer os escravos. Como pois não se acovarda Livingstone de asseverar ter sido elle o primeiro descobridor da catadupa Misioatunya? Em Kalai, como confessa o missionario inglez, ouvia se o estrondo causado pela Catadupa «som ouve-se distinctamente algum tanto alem de Kalai, ou em igual distancia³», e com vinte minutos de navegação presencava-se o admiravel espectáculo; e nunca se movêra a curiosidade dos Mambari, e dos portuguezes com elles associados, a indagar a causa d'aquelle estranho arruido? e, conhecida ella, nunca os obrigára a fazer a facillima navegação de vinte minutos, para verem com os seus olhos o de que tanto haviam de maravilhar-se? É isto crível? De nenhuma sorte; e mórmente acabando o illustre viajante de nos affirmar ser havida aquella catadupa como cousa tão famosa, que todos em todas aquellas partes fallavam d'ella com espanto, chegando a ponto de que fôra esta uma das primeiras perguntas que Subituane lhe dirigira: «Tendes na vossa terra fumo que faz arruido como o trovão⁴? E note-se que de antiga data deviam ser

¹ Chap. xxvi, pag. 526.

² Cap. iii, iv e vi.

³ Chap. xxvi, pag. 525.

⁴ Id. *ibid.*, pag. 518.

frequentadas aquellas paragens pelos Mambari e portuguezes, porque o dr. Livingtone observa que, até então, por troca de chitas e avelórios não tinham conseguido os Mambari obter escravos, e que só os conseguiram quando offereceram enxadas de ferro para serem por aquelles permutadas. Pois jazeu por tanto tempo em tão profundo lethargo, anteriormente á visita de Livingstone áquellas regiões, o espirito pesquisador d'aquelles ousados aventureiros? Quem póde, já não digo crê-lo, mas nem sequer imaginá-lo?

Em fim todos aquelles territorios eram antigo conhecimento dos portuguezes, como está demonstrado; e os argumentos adduzidos para provar que não era possível que deixassem de ter noticia do Zambeze interior, antes da supposta descoberta do dr. Livingstone, conspiram, com os que deixo agora indicados, a tornar evidente, que sem duvida foi o missionario inglez o primeiro que examinou a vagar, e descreveu com os atavios lidados da sua peculiar eloquencia a catadupa Misioatunya, porém não que fosse elle o primeiro europeu que tivesse d'ella conhecimento; e tambem que, se esta catarata deve na verdade ser considerada como objecto digno de ser visto e admirado, nem por isso é unico, nem a tal ponto sobreleva a alguns outros de similhante natureza, que possa faze-los a todos esquecidos. Contente-se o dr. Livingstone da gloria, que lhe não recusamos, de ter sido o primeiro que, tendo descripto minuciosamente a celebrada catadupa, com tal empenho e resultado soube haver-se, que mereceu que nos modernos mappas haja sido assignalada, e em alguns debaixo do illustre nome com que tambem elle primeiro a decorou. Pretender mais é denunciar-se insoffrido em aspirações, que, por injustificadas, recta imparcialidade, julgando-as mal cabidas, não póde deixar de recusar-lhe.

Proseguindo n'esta ordem de idéas, não é possível deixar que passe desaperecebida uma outra insistencia do notavel missionario, na qual se comprehendem algumas asserções offensivas do credito do nome portuguez. Os fundamentos de taes asserções já todos tem sido demonstrados vãos, e o que tenho a dizer ácerca da communicação entre as duas costas, tentada e realisada pelos portuguezes, ha de pôr ainda em maior evidencia a semrazão, ou antes grave injustiça do dr. Livingstone: comtudo nem por isso me tenho por desobrigado de rebater desde já tão desarrasoada, e acaso poderia dizer iniqua insistencia.

Diz o dr. Livingstone¹: «Se, como se tem asseverado, os portuguezes chegaram a estabelecer uma cadêa de estações commerciaes através dos territorios africanos de Caconda a Tete, deveria ter ella passado por entre estes povos (Makololos, Batocas, etc.); porém a total ignorancia de correr o Zambeze de norte a sul no centro do paiz, e a falta de conhecimento da maravilhosa catarata Victoria, que excita o espanto dos mesmos indigenas, e juntamente o não haver tradição da existencia de tal cadêa de postos commerciaes, me faz crer que na verdade não existiram senão no papel. Este convencimento é reforçado pelo facto de que, quando teve logar a derradeira tentativa de reclamar para os portuguezes a honra de terem atravessado o continente, a unica prova apresentada foi o roteiro dos dous commerciantes pretos, de que fiz já menção, adornados com o nome de *portuguezes*. Se aquella cadêa tivesse existido, alguns centos de nomes de outros viajantes poderiam ser com facilidade produzidos; é tanto o ardor commercial entre os povos africanos centraes que, tendo existido alli perto um mercado de marfim, o valor d'este seria conhecido, e até o marfim das sepulturas dos chefes não estaria a salvo».

No tocante á serie de postos commerciaes, a que se refere o dr. Livingstone, não me deterei a redarguir, como não me seria muito difficiloso, nem porventura arduo; porque, não existindo já hoje provas directas, isto é, monumentos palpaveis, eu não podia senão estabelecer a probabilidade, da qual nem o dr. Livingstone, nem acaso alguns outros leitores quereriam dar-se por satisfeitos. Entretanto é certo que os moradores e portuguezes de Caconda, favorecidos da posição por elles occupada, se entregavam a toda a sorte de commercio com as tribus e nações convizinhas, andavam de continuo visitando os sertões e correndo aquelles differentes territorios, segundo lh'o aconselhava ou a necessidade ou a sua maior vantagem commercial, e se tinham tornado não menos conhecidos até aos territorios interiores, e ás margens não distantes do Aruãgoa e do Zambeze, do que o eram nos districtos do Hambo, de Gallengue e Sambos, e nas terras de Hume, que tanto abundam em marfim, o qual todavia não pôde ser resgatado senão por pombeiros que lá entram descalços, porque a ninguem é permittido alli penetrar calçado. O proprio dr. Livingstone assim

¹ Chap. xvi. pag. 351.

o reconheceu, e por isso propoz e aconselhou, que o governador de Caconda fosse incumbido de investigar a navegação do Zambeze interior.

Se as supposições podessem tomar o logar dos principios, ou dispensar a prova de facto ou por via do raciocinio, a argumentação do dr. Livingstone fôra concludente; mas a logica, sempre inexoravel, não admittre como prova senão o que não pôde com boa razão contestar-se. Suppor, não é demonstrar.

A total ignorancia de correr o Zambeze de norte a sul no centro do paiz, e a falta de conhecimento da maravilhosa catarata Victoria, já vimos que são asserções destituidas de fundamento; porque sobejamente, se não me illudo, o contrario foi provado: assim como tambem o ha de ser com toda a largueza e informação que os portuguezes atravessaram o continente africano de costa a costa, e o visitaram com maior particularidade e investigação do que nenhuma outra nação até hoje.

A observação do missionario inglez de que, se os povos africanos tivessem alli perto (nos postos commerciaes) um mercado de marfim, o valor d'este seria conhecido, e até o marfim das sepulturas dos chefes não estaria seguro, nada pôde concluir contra o conhecimento do continente interior havido pelos portuguezes, e nem mesmo contra a existencia dos postos commerciaes, a qual Livingstone nega tão insistentemente. Já disse que não julgava necessario entrar n'este debate especial, comquanto na *Memoria* de J. M. Garcia de Castro Barbosa, citada pelo sr. Visconde (hoje Marquez) de Sá na sua *Nota C á Memoria* de J. M. de Lacerda, se mencione a alludida serie de postos commerciaes ou feitorias, lamentando-se que, por desleixo, os governadores d'Angola tivessem abandonado os que possuimos em Loango, Cabinda, Sonho, Ambriz, etc., por meio dos quaes dominavamos desde o cabo de Lopo Gonçalves para o sul, toda a costa e todos os rios. Entretanto manterei o meu proposito, por isso que, não existem hoje, como notei, monumentos que possam, pondo-lhes o dedo, cortar cerca a questão suscitada.

Outra cousa porém será, se porventura o dr. Livingstone designa com o nome de postos commerciaes, não as feitorias a que nos temos referido, sim porém o que nós chamámos feiras, aonde affluíam gentes dos districtos e territorios convizinhos, e de distante sertão, e onde se realisavam os resgates do ouro, do marfim, da

cera, dos escravos, e se effectuava toda a sorte de transacções proprias do commercio d'aquelles territorios. Se assim é, como parece provavel, porque o dr. Livingstone joga frequentes vezes com as palavras, empregando-as muito arbitrariamente, ou por menos rigoroso no escrever, ou com intenção reservada; se assim é, repetirei a insistencia de Livingstone é de todo o ponto desarrazoada, e cahe de si mesma, porque taes feiras ou postos commerciaes existiram, não dispostos como a elle, e acaso a mais alguém aprouve imaginá-lo, mas estabelecidas ou onde mais convinha, ou onde as circumstancias mais favoravelmente o permittiam.

É tão sabido o que deixo notado, que tenho por inutil entrar em mais larga demonstração: os factos, assim como não existem, porque meramente se imaginam, tão pouco se aniquilam, porque pretende alguém pô-los em duvida, ou nega-los. Entretanto para maior esclarecimento, o que não é nunca de mais em assumptos de similhante natureza, aqui direi quaes eram essas feiras, e onde se achavam estabelecidas. As feiras da dependencia do governo de Angola foram creadas no *Dondo* entre Massangano e Cambambe, na margem direita do Coanza; em *Beja*, na mesma margem do Coanza, a seis leguas das Pedras de Pungo Andongo, e em *Lucamba*, na margem direita do rio Lucala¹. As da dependencia de Moçambique foram estabelecidas em *Quanze*, a trinta e cinco leguas de Tete para o sul, entre dous riachos affluentes do Zambeze; em *Bocuto*, a treze leguas de Quanze para o interior, em Chipiriviri, e em *Dambarare* e *Ongoe*, no Mocaranga; em *Massapa*, a cincoenta leguas de Tete, nas portas do Monomotapa; em *Manica* e no *Zumbo*, cujas reedificações foram novamente ordenadas pelo governo da metropole, e em *Marambo*².

Assim pois existiam pontos aonde os indigenas podiam levar, para permuta-los, os objectos das suas operações de commercio, com quanto seja certo que os commerciantes portuguezes, mórmente os que se empregavam de modo exclusivo no trafico da escravatura, não se acovardando de nenhuns obstaculos, atreviam-se a afrontar os maiores perigos, e, sem aguardar que viessem os in-

¹ Lopes de Lima, *Ensaio sobre a statistica de Angola e Benguella*, cap. iv, pag. 63.

² Bordallo, *Ensaio sobre a Estatistica das Possesões Portuguezas. Provincia de Moçambique*, cap. xiii, pag. 205, 206, 228 e 230.

digenas trazer-lhes perto das suas residencias a mercadoria de que precisavam, iam elles proprios até aos mais afastados desvios e arriscados sertões procura-los para have-la. E não eram só os traficantes de escravatura que assim procediam, porque da mesma sorte procediam aquelles cujo trafico principal era a cera e o marfim. Nunca por isso deixou o mercado de estar abundantemente provido de todos aquelles generos. O amor do lucro estimula, e ensina a inquirir, e achar as mercadorias onde com maior facilidade e vantagem podem ser obtidas.

E o valor do marfim? Esse valor, sempre relativo á maior ou menor abundancia, e a uma infinidade de circumstancias que faziam mais ou menos difficil a sua maior ou menor procura, não era possível que fosse ignorado em alguma parte, que de todo o ponto não se tornasse inacessivel ao ousado aventurar-se dos que d'este genero careciam para o seu mercadejar. Á parte esta excepção sobre modo rara, e que só muito difficilmente poderá verificar-se, não pôde ter-se em nenhuma conta a asserção de que o valor do marfim fosse em algum recanto d'África ignorado pelos indigenas. O dr. Livingstone parece querer tirar argumento de ser empregado marfim, em grande quantidade, no adorno das sepulturas de alguns chefes, ficando perdido para o commercio; porém não é argumento este para tomar-se em consideração; nada prova. Em toda a parte é grande, mas de modo muito especial na Africa, a veneração pelos finados e pelas suas sepulturas; é, se posso assim explicar-me, o dogma principal da sua religião: que maravilha pois que sejam, em tal caso, havidas em menos as vantagens commerciaes do que a satisfação do dever religioso? Longe de que deva ser de maravilha o grande consumo feito de marfim com aquellas sepulturas, só que assim não fosse é que devia maravilhar-nos. Se o argumento prova alguma cousa, não prova senão a muita valia em que tinham o marfim, pois que se assim não fosse, o não dedicariam tão religiosamente. E vem d'ahi o tornar-se muito estranho que não duvide escrever Livingstone que o marfim das sepulturas dos chefes não estaria seguro se o seu valor fosse conhecido, e perto houvesse mercados onde podesse ser resgatado: devia escrever o contrario, porque os povos, até os mais rudes e selvagens, consagram de preferencia á religião o que mais prezam; e entre todos elles o pôr a mão em objectos consagrados aos mortos é profanação a tal ponto criminosa, que ninguem a ella se atreveria,

nem, atrevendo-se, por nenhum modo ficaria impune. O que sabemos da historia particular dos usos e costumes africanos o demonstra com evidencia; e o proprio dr. Livingstone o confirma, pois que de si mesmo refere que, pretendendo obter um famoso dente de hippopotaino dos que serviam de adorno a uma sepultura, por serem mais grossos do que nunca tinha visto, apesar das maiores diligencias o não pudera conseguir, porque se considerava como uma grave profanação¹. Nenhuma das asserções portanto do dr. Livingstone, contidas no famoso periodo que deixei transcripto, pôde manter-se; todas são aventuradas, faltando-lhes base sobre que possam assentar com alguma, embora pouco firme, segurança.

Invariavel no pensamento de que lhe seja acceito, como facto averiguado e inteiramente fóra de duvida, que os povos, por onde continuava a transitar, não tinham visto nunca nenhum outro homem branco, o dr. Livingstone affirma que Monza, chefe dos Batocas, cujos territorios atravessava, apenas tinha ouvido fallar dos brancos, e dizer que tinham passado a muita distancia da sua residencia, dirigindo-se para o Cazembe. O dr. Livingstone suppõe que Monza se referia á expedição do dr. Lacerda, e á anterior passagem, com igual destino, do commerciante Pereira e da sua comitiva². Por vezes tenho dado a razão de ser aquella a idéa fixa do dr. Livingstone; não devo, porque não é necessario aqui repetir-me, porém devo lembrar que, se é possível que Monza não tivesse visto homens brancos, nem por isso todavia se segue que não tivesse conhecimento dos portuguezes, antes o contrario deve inferir-se da sua declaração, relativa aos commerciantes nativos³, com os quaes disse que tratava. Em todo o caso é certo, como tenho feito ver, que os territorios dos Batocas eram desde muito tempo conhecidos e frequentados dos portuguezes; e não podia deixar de ser, porque se estendem pelas margens do Zambeze até á confluencia do Aruãgoa, e d'ahi para cima até proximo da catadupa Mosioatunya. Não só pelo testemunho dos viajantes e escriptores portuguezes, e pelo que de facto consta, senão pelo que se deduz necessariamente

¹ Chap. xvi, pag. 518.

² Chap. xxvii, pag. 555 e 556.

³ Chamam-se *nativos* os descendentes de europeos, asiaticos e indigenas, ainda em grão remoto, e os filhos de europeos nascidos no paiz.

do contexto da narração do próprio dr. Livingstone, não é possível que seja a minha conclusão de nenhuma sorte recusada.

São sem fundamento, como as pretensões de Livingstone, as suas asserções tendentes a deslustrar a gloria do nome portuguez; mas não o são menos as arguições de não terem os portuguezes tentado descobrir a direcção do Zambeze no interior das terras africanas, nem terem proseguido a navegação nos pontos, onde praticamente fosse possível. Os portuguezes tinham devassado toda a Africa, até aos mais intimos sertões, por via de expedições militares, politicas e commerciaes, por via das missões, e por via do trafico particular, exercido por negociantes europeos ou nativos, ou pelos propostos e commissionados, a quem estes confiavam a sua fazenda e poderes; porém sendo as causas motivas das viagens e perigrinações, n'esta conformidade comprehendidas, a prègação evangelica e o resgate dos productos naturaes e dos escravos, não lhes sobejavam nem o tempo, nem os meios para se entregarem a investigações de differente natureza. Alem de que tantos e tão varios obstaculos a estas se oppunham, que, não estando para ellas expressa e devidamente preparados, tinha de tornar-se em pura perda o tempo e fadigas que lhes dedicassem. Correndo e cortando o interior sem termo na direcção, nem limite no espaço a percorrer, porque se dispersavam por toda a parte como se prova pelos documentos existentes, e pelos vestigios que em toda a parte dos portuguezes se têm encontrado, não podiam deixar de ter mais ou menos particularizado conhecimento do Zambeze interior, da catadupa Mosioatunya, e de um sem conto de objectos dignos de attenção, existentes nos territorios visitados pelo dr. Livingstone em uma e outra Africa, e nos que por elle não foram conhecidos; porém não se compadecia nos itinerarios adoptados, nem na variedade e momento da labutação, que lhes prendia inteiramente os cuidados e a attenção, dividi-la proveitosamente para investigações que reputavam de importancia acaso secundaria, para as quaes não se achavam prevenidos, por carecerem geralmente dos meios indispensaveis de a ellas se darem de modo proveitoso, e que não se podiam realizar senão á custa de muitos sacrificios e de fadigosos trabalhos, que tinham de lhes inutilisar o fim, que principalmente os preoccupava.

A semrazão do dr. Livingstone tornar-se-ha mais manifesta quando se reflectir, que elle mesmo, que tinha por objecto exclusivo o

que para os viajantes portuguezes só o podia ser accidental, não pôde satisfazer ao seu encargo, e vio-se obrigado a renunciar ao intento, aliás obrigatorio, por isso que de honra, e, se posso assim dizer, de timbre e gloria, e navegando apenas alguns tractos do Zambeze, teve de confessar-se forçado a cessar de seguir-lhe a corrente, e de tomar d'elle o conhecimento especial, que lhe incumbia, e donde só pôde provir utilidade real e positiva da descoberta, de que veio ao depois fazer tão grande alardo. Como é que o dr. Livingstone argúe os portuguezes de não terem feito, não estando a isso obrigados, o que elle deixou de fazer quando era este um dos principaes motivos por que então ia cortando o interior africano? Livingstone, que descobriu por mero acaso, e porque não podia deixar de descobri-lo, o Zambeze interior, pois que tinha de atravessar as terras por elle banhadas, não podendo superar difficuldades imprevistas, deixou de investiga-lo, sendo que taes investigações eram para elle impreteriveis, como razão de ser das suas arduas e arriscadas viagens, e todavia ousa arguir os portuguezes de o não terem pesquisado nem descripto, quando é certo que se conheciam a sua existencia, se por muitas vezes e em muitos e diversos pontos o tinham atravessado, e se tambem, como não podia deixar de ser, o tinham a espaços navegado, tão pouco igualmente deixa de ser certo que em tempos afastados o não investigaram, porque não era esse o seu proposito, antes muito o contrariava, e não o descreveram por isso mesmo que de Zumbo para cima o não tinham expressamente investigado.

Mais tarde, e ainda assim muito anteriormente ás viagens do dr. Livingstone, o governo portuguez ordenou que fossem feitas algumas viagens de investigação no interior do continente africano, e effectivamente tiveram logar as de José Maria de Lacerda em 1787, a do dr. Lacerda e Almeida em 1798, a do padre Pinto em 1798 e 1799, a de Barbosa e Vasconcellos em 1799, a dos majores Monteiro e Gamitto em 1831 e 1832, a do tenente Garcia em 1841, a de Joaquim R. Graça, começada em Abril de 1843 e terminada em Outubro de 1847, a de Silva Porto, começada em Setembro de 1853 e concluída em Abril de 1856, e outras; porém estes viajantes a quem fôra marcado destino especial e circumscripto, careciam dos recursos e da liberdade de acção que se lhes tornava necessaria para irem até aonde o seu bom querer porventura os incitava, e todavia o que de mais seguro e averiguado

se sabe ainda hoje ácerca do interior do continente africano a elles é devido. Não só como os factos demonstram, e julgo ter provado foram elles guia e luz que esclareceu e encaminhou Livingstone, senão que, depois das descripções ostentosas d'este illustre missionario, e de tudo quanto elle informou e escreveu, o resultado quasi que ficou de nullo effeito; as cousas estão como eram d'antes; as praticas não se alteraram, seguem-se os mesmos caminhos, e nem das suas observaões scientificas se tem tirado o proveito que deveria esperar-se, e tanto era de desejar. Qual foi d'estas effectivamente o resultado em relação ás situações menos conhecidas, e para que sem duvida se tornavam mais necessarias? Ou as observaões não chegaram a ser feitas, ou não inspiram inteira confiança, como parece que tão pouco a mereciam ao seu proprio auctor, segundo o que por mais de uma vez elle mesmo declara¹, ficando d'esta sorte dependentes de novas, e sem duvida indispensaveis, rectificações. Ninguem me tenha por severo em demasia; sou justo, e nada mais. O dr. Livingstone argúe a esmo, e sem se dar ao incommodo de justificar as arguições por elle feitas; porém eu pelo contrario tenho por bem accepto o pôr patentes os factos que de todo o ponto as desvanecem: queixe-se d'elles se pôde; pois que são os factos, e não eu, quem o condemna.

Assim que, tudo bem ponderado, contra Livingstone se voltam as arguições feitas por elle aos portuguezes. Estes, desprovidos dos meios proprios para prestarem as informações que lhes requer o dr. Livingstone com respeito ao Zambeze interior, e sem que por tanto podessem ser a isso obrigados; todavia, conhecedores dos factos, affirmaram que o Zambeze corria para alem do Cazembe, isto é, que seguia no interior por terras dos portuguezes não desconhecidas, e continuava, *sem se saber até aonde*, por ser de todos ignorada a sua origem; assim como já muito d'antes haviam asseverado, pelo saberem por experiencia propria, que era navegavel desde a foz até ao reino de Sacumbé, e que, interrompida alli a navegação por causa da muita penedia que n'elle ha, tornava, do Zumbo por diante, a poder ser navegado. E que fez Livingstone? Confirmou a exactidão das informações havidas dos portuguezes, acrescentando sómente as da direcção de parte do curso do Zambeze

¹ Chap. iv, pag. 93, etc.

interior. Note-se porém que são estas mesmas especializadas só em parte, como fica indicado; porque, não tendo seguido o dr. Livingstone senão a traetos aquelle curso interior, as que respeitam aos espaços por elle não examinados, foram devidos á noticia communicada por estranhos, e á propria conjectura. E tambem deve notar-se que são muito para que se tenham em grande conta as informações dadas pelos portuguezes, por quanto é fóra de duvida que não foi este por muito tempo, como fica observado, o objecto particular das suas viagens ao interior, sendo que para Livingstone aquellas averiguações eram encargo muito principal. Resulta pois que foi bom o serviço prestado pelo dr. Livingstone, mas que está longe de ser tanto e tal como elle pretende representa-lo, e mais longe ainda está do que podia e devia ser. Póde tambem tirar-se ainda outra inferencia, de certo não menos rigorosa, a qual é que, sem as precedentes informações dos portuguezes, das quaes o dr. Livingstone parece querer mostrar-se por vezes muito desdenhoso, porém que se deprehende facilmente serem d'elle perfeitamente conhecidas, não teriamos de agradecer-lhe as que por elle hão sido áquellas accrescentadas. Do que tenho a dizer ao tratar da communicação entre as costas oriental e occidental d'Africa, apparecerá de modo irrecusavel a exactidão d'esta inferencia aqui apenas indicada.

Antes que passe a differente assumpto convem observar que o dr. Livingstone usa muito firmar-se em declarações dos indigenas de que *nunca viram* homem branco. Alem de que, em geral, as informações dos indigenas são pouco dignas de fê, como tem sido advertido, e nos prevenio o mesmo Livingstone, ha aqui a notar de modo muito especial que, quando os indigenas assim se expressam, não significam, senão muito por acaso, uma negativa absoluta; porém sim que *poucas* ou sómente *raras vezes* succedeu o que pareceria haver de intender-se como não tendo nunca jamais acontecido. A leitura attenta dos *Diarios* do dr. Lacerda, do padre F. J. Pinto, de Pedro João Baptista, do sr. Gamitto, e das mesmas viagens do dr. Livingstone forçam a acceitar, como de rigor indispensavel, esta explicação. Se assim não fosse, alguns logares dos citados documentos ou não poderiam ser comprehendidos, ou teriam de ser julgados vergonhosamente contradictorios. É modo de dizer peculiar e commum aos indigenas africanos, de quem o tomaram em parte, como se vê em Cardonega e outros, al-

guns dos nossos escriptores que fizeram mais longa residencia em Africa.

Ainda terá logar aqui outra observação. O dr. Livingstone faz por vezes referencia ás informações que Manuel Caetano Pereira deu ao dr. Lacerda, e tambem directamente ao mesmo dr. Lacerda; porém não faz menção especial dos Diarios muito para apreciar-se, da sua marcha de Tete ao Cazembe, nem da volta da expedição sob a direcção do padre Pinto, do Cazembe a Tete, comquanto um e outro fossem publicados em 1844 e 1845. Tão pouco se dá Livingstone por conhecedor dos *Roteiros e Lembrança* da viagem de ida e volta de Angola pelo Cazembe a Tete, e de Tete pelo mesmo caminho a Angola ultimada em 1811 por Pedro João Baptista. Não allude em fim senão uma vez sómente á expedição dos majores Monteiro e Gamitto, cuja marcha e muito valiosas investigações, que se concluíram de ida e volta de Tete ao Cazembe, e do Cazembe a Tete, sendo que foi coordenado o *Diario* d'esta muito importante expedição pelo major Gamitto. Ora esta viagem descripta com tanta particularidade debaixo do titulo «*O Muata Cazembe*» verificou-se entre os annos de 1831 e 1832, e a do dr. Livingstone em 1855 e 1856, e ninguem dirá que o espaço de vinte e quatro ou vinte e cinco annos, ou fosse em demasia largo para justificar o esquecimento, ou em demasia curto, para não poder estar d'ella informado o dr. Livingstone, que devia aliás ter-se preparado, como na verdade mostra haver feito, com todos os esclarecimentos que podessem dar mais ou menos luz, e d'algum modo ser-lhe guia na sua intentada peregrinação pelo interior das terras africanas. É verdade que o *Diario* do sr. Gamitto só foi publicado pela imprensa em 1854; mas tambem é certo que, não só o resultado, senão muitos dos pormenores e circumstancias mais notaveis da viagem eram largamente conhecidas, assim como o tinham sido desde alguns annos as noticias communicadas ao governador geral d'Angola pelos chefes da expedição, no officio escripto em Lunda, côrte do Cazembe, aos 12 de maio de 1832¹. Qual a rasão do silencio do dr. Livingstone? Acaso seria o não excitar a attenção d'algum leitor, dos que desejam obter maior copia de informações, chamando-a para as obras que lhes indicasse, nas quaes poderiam ser procuradas, evitando d'esta arte o verificar-se

¹ V. a *Nota* 15.^a

que pouco foi de utilidade pratica e positiva o que elle accrescentou ao que fôra já sabido? Pelo menos parece que, sem temeridade, pôde e deve assim suspeitar-se.

É sem duvida pouco agradavel o ter de achar-me em continuada contradicção com o celebre missionario, cujas viagens vou examinando; mas cegou-o a tal ponto o espirito de parcialidade, e o desejo immoderado de gloria pessoal, que só por excepção faz algum enunciado que não careça de correctivo; e é rara a sua asserção que não haja de ser merecidamente taxada de inexacta. Por boa fortuna, á mingoa, se a houvesse, de fundamentos em que assentasse a minha censura, o proprio Livingstone os suggeriria em abundancia. pois escreve, não direi tão falto de convencimento, mas tanto a descuido, que fica sendo obra assás difficil o pô-lo acorde com-sigo mesmo. É empenho, que de prompto se depreheende, do dr. Livingstone fazer acreditar que os portuguezes em nenhuma parte do interior d' Africa, por onde elle transitou, eram conhecidos; e contudo, sobre as demais provas que de modo manifesto o contradizem, é elle que nos facilita a convence-lo de que não estão as suas asserções em harmonia com os factos por elle mesmo lembrados, e que portanto carecem da auctoridade, que devia torna-las accetaveis. A minha tarefa é penosa, mas incumbe-me desempe-tilha-la.

O dr. Livingstone nota que na região do Zambeze a palavra *Reza*, para designar a divindade, é perfeitamente comprehendida, e accrescenta que são aquelles povos muito propensos ao culto religioso; e ao mesmo tempo affirma, como de costume, o terror causado pela presença do homem branco entre as mulheres, que de varias partes acudiam de tropel a fim de o verem, terror que muito a custo pôde diminuir-lhes¹.

Eis-ahi mais uma das asserções de Livingstone, para refutar a qual não é preciso senão o seu proprio testemunho. A região do Zambeze, agora transitada pelo dr. Livingstone, assim como todas as demais, que, de uma e outra margem, vizinham ou confinam com o Zambeze, tinham sido visitadas desde tempos remotos pelos portuguezes. Os missionarios e os commerciantes, movidos aquelles pelo ardor religioso, e estes pela sêde das riquezas, a

¹ Chap. xxviii, pag. 567.

tudo se tinham atrevido, e, como fazem fé os nossos escriptores¹, devassaram a esmo os intimos sertões, e por toda a parte deixaram vestigios, que nunca mais poderam apagar-se. No mais interior da Africa occidental a palavra «*Averie* ou *Averié*» de origem puramente catholica, por propria confissão do dr. Livingstone, como já observámos, denuncia o antigo conhecimento, mais ou menos amplamente alli havido da doutrina catholica, e por conseguinte dos missionarios, que, sabindo dos dominios da corôa de Portugal, foram levar a luz evangelica por tanta parte até aos derradeiros sertões; pelo mesmo theor na Africa oriental, a palavra «*Reza*» tão largamente divulgada e de origem não só da mesma sorte catholica, senão de mais a mais de todo o ponto portugueza, significando de modo collectivo as preces e toda a sorte de culto religioso prestado á divindade, faz ver que não foram os missionarios aqui menos zelosos, antes com outro tanto fervor cumpriram os deveres que lhes estavam impostos. Porventura, e é bem que se note, a esse zêlo e fervor deve tambem com segurança attribuir-se a propensão religiosa, de que Livingstone julgou não poder deixar de fazer menção especial com referencia a muitos dos povos d' Africa oriental, propensão que todavia não é de certo qualidade caracteristica da raça cafre, como nos força a crer o que nos informam d' ella os nossos já citados escriptores, e confirma repetidas vezes o mesmo Livingstone. Se faltassem outras provas e argumentos, estas e estes seriam sufficientes para demonstrar que, por onde andou o dr. Livingstone, lhe foram obvios por toda a parte vestigios irrecusaveis de o terem alli precedido os portuguezes, e os infatigaveis pregoeiros da doutrina catholica: no que se tivera melhor advertido, bem lhe estava mostrar-se mais reservado na mal cabida ufania com que a si mesmo se acclama primeiro visitador branco de terras, que, pelo mesmo testemunho d' elle, o haviam sido, e desde tanto tempo por outros brancos, e com tanta diligencia e cuidado, que de si tinham lá deixado rastos indeleveis.

Parece incrível que o dr. Livingstone, já nas proximidades do

¹ O padre João dos Santos, *Ethiopia Oriental*. Fr. Lucas de Santa Catharina. *Quarta parte da Historia de S. Domingos*, cap. 12, 13 e 14. Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental. etc., etc.*

Zambeze, e ainda depois de passado o Aruângoa, pretenda insinuar que os portuguezes eram desconhecidos d'alli a poucos dias de distancia. Depois do que tenho dito, e do que terei a dizer dentro em breve, por occasião de mostrar, que, muito anteriormente a ter o missionario inglez atravessado desde a costa occidental á contra-costa o interior africano, o haviam atravessado, e não por só uma vez, de ida e volta os portuguezes, seria absolutamente por demais deter-me com a refutação, aliás facillima, d'esta pretenção absurda. Contra o que Livingstone procura a todo o trance tornar acreditavel, está o testimonho irrecusavel de escriptores de maior excepção, estão os factos, está a propria auctoridade d'elle dr. Livingstone, que, mal advertido, se denuncia a cada passo pouco, direi melhor, nada coerente consigo mesmo, como acontece de commum a quem não escreve ao abrigo do influxo damnoso de toda a sorte de affeições. O amor da propria gloria não transviou menos o ver e intender de Livingstone, do que a sua reservada e tençoeira predisposição contra o credito, vantagens e direitos inalienaveis dos portuguezes. É para muita lastima sem duvida esta enferma disposição do espirito do missionario inglez, porém quasi que não ha capitulo na obra das suas viagens, que, sem incorrer-mos a censura de temerarios, não nos auctorise a assentar este juizo, que de todo ponto veio justificar o famoso relatorio de 1864, já alludido e refutado¹.

Tenho indicado já varios passos da obra do dr. Livingstone que dão inteiro fundamento ás arguições, que, máo grado meu, sou forçado a fazer á sua não desculpavel injustiça; mas não é possível não citar ainda um outro, por onde se põe manifestamente em relevo aquella sua deploravel e infesta prevenção.

Refere o dr. Livingstone que, na sua passagem pela aldêa de Mburuma para a confluencia do Zambeze e antiga povoação portugueza do Zumbo, se considerara em tão grave risco de ser com desvantagem sua aggreddido pelos indigenas, queixosos dos procedimentos para com elles havidos pelos portuguezes, que teve todo o cuidado de lhes explicar que era inglez e não portuguez, a fim de por este modo se collocar ao abrigo do mal que receava impendente, e que no seu intender, era com razão para temido².

¹ V. a Nota 5.^a

² Chap. xxviii, pag. 583.

N'outro logar¹ conta Livingstone que, achando-se na tribu de Mpende, cujo chefe lhe difficultava o passo, dous velhos vieram, de ordem d'este, perguntar-lhe quem era? E que lhes respondeu: «Sou inglez». A isto replicaram os velhos que não conheciam aquella tribu, e que suppunham que elle e os seus eram Muzungos (portuguezes) com os quaes n'outro tempo haviam combatido. «Então (acrescenta Livingstone) como eu ainda não sabia que a palavra Muzungo era applicada aos portuguezes, e pensei que queriam com ella designar os mulatos, mostrei-lhes o meu cabello e a pelle do meu peito, e perguntei se os Muzungos tinham o cabello e a pelle como eu²? Como os portuguezes costumam cortar o cabello rente, e são alem d'isso menos claros do que nós, os velhos responderam: «Não, nós nunca vimos pelle como essa tão branca». E continuaram: «Ah! Vós de certo pertenceis á tribu que tem coração para os homens pretos». Eu com satisfação lhes respondi que sim, etc.»

Vê-se obviamente dos logares que deixo transcriptos, quer devam tomar-se quer não como significando factos realmente existentes, que o dr. Livingstone não só não perdia occasião de fazer conhecido o nome inglez, mas tambem que procurava fazer acredita-lo como antithese do nome portuguez, a fim de que os indigenas, confirmando-se no juizo de que os portuguezes estavam com elles em hostilidade permanente, considerassem os inglezes como seus amigos e protectores dedicados. Esta ruim tenção do missionario inglez de certo não passará desaperecebida de quem quer que seja, que tomar em conta com alguma attenção as suas palavras, pois que não devia de nenhuma sorte esperar-se da parte de um homem, que tinha, como o dr. Livingstone, por tantos titulos penhorada a sua gratidão aos portuguezes, e a estes não só como individuos, senão collectivamente como nação, o que demonstram os documentos já produzidos³, quando a elles de prin-

³ Chap. xxix, pag. 593.

¹ Ib. «*I showed them my hair, and the skin of my bosom and asked if the Bazungu had hair like mine. As the Portuguese have the custom of cutting the hair close and are also somewhat darker than we are, they answered*». No, we never saw skin so white as that; and added «*Ah! You must be one of that tribe that loves (literaly, has heart to) the black men.*»

² V. a Nota 1.^a

cipio fiz referencia. Estavam á mão ao dr. Livingstone outros meios de cortar as duvidas de Mpende, e de tranquillisar os seus receios, sem procurar accender em fogo mais violento as mal extinctas iras do chefe cafre contra uma nação, á qual o mesmo Livingstone não podia de nenhum modo deixar de confessar-se sobremaneira devedor. Tanto mais é isto para ter em consideração quanto é fóra de duvida, que da narração de Livingstone se deprehende serem exaggerados os temores que patentêa, pois que não lhe faltavam meios de fazer-se respeitar, nem Mpende era tão intratavel que cerrasse ouvidos ás razões faceis de achar, para persuadi-lo a que devia deixar livre o passo ao viajante inglez e á sua comitiva. E porque não? Muito facilmente elle acreditara, e houvera como certo quanto por parte de Livingstone lhe fóra dito e asseverado, embora pertencesse Livingstone á tribu até então de Mpende desconhecida, como declararam os velhos que o tinham representado; e embora não pudesse occultar-se-lhe que estava Livingstone em boa harmonia com os Muzungos, e tão boa harmonia, que seguro e confiado ia com elles ver-se e achar-se, os quaes aliás Mpende temia, e por isso odiava.

Ha porém ainda mais em que fazer reparo. O dr. Livingstone, que não quer que os portuguezes tenham conhecimento senão sómente dos indigenas que demoram nos territorios limitrophes dos dominios da corôa de Portugal, consentindo apenas que os mulatos, aos quaes de sua propria privada auctoridade nega os fóros de portuguezes, tenham penetrado no interior; e que, quando já na aldêa de Mburuma, ainda parece pôr em duvida que os portuguezes sejam alli conhecidos, a ponto de confessar que, ao fallarem-lhe dos Muzungos, acreditara que se tratava dos mulatos sómente, afouta-se a afirmar que declarara assim á tribu Mburuma como á tribu Mpende que era inglez, e não Mzungo. Que razão de ser podia imaginar-se para tal declaração? Pois se os portuguezes, estabelecidos depois de seculos nas margens do Zambeze, e que por si, e por seus propostos visitavam e corriam por uma e outra parte as terras africanas, ou lá não eram ou eram sómente mal conhecidos, segundo Livingstone; como o haviam de ser os inglezes, que não só nunca tinham alli residido, senão nunca d'autes alli foram vistos? Assim tambem a resposta dos dous velhos, foi, como nos contou o mesmo Livingstone, a que não podia deixar de ser, isto é, que nunca tinham ouvido fallar d'aquella tribu.

A incoherencia da narração do dr. Livingstone é verdadeiramente para causar maravilha; não ha logica, por mais que muito subtil, em cujo alcance caiba reconciliar com o senso commum tão singular desarreosoamento. Se por acaso é obra de mera imaginação, devemos confessar que estava gravemente inferma.

Comtudo o dr. Livingstone, ainda não contente de procurar fazer conhecido e recommendado o nome inglez á custa do credito do nome portuguez, affirma com desassombro que os homens de maior monta da tribu Mpende o trataram com grande deferencia por saberem que elle pertencia á nação que tinha coração, isto é, que se mostrava benevola para com os homens de côr. D'onde veio aos velhos de Mpende este conhecimento? De quem tinham podido colher noticias que os auctorisassem a asseverar o que pelo dr. Livingstone d'elles é contado? Nunca tinham visto, nem tratado, nem podido tratar com gente ingleza, e nem sequer sabiam da sua existencia: d'onde pois lhes veio de subito essa cabal informação, que lhes inspirava tanta confiança, que podiam sem hesitação qualificar os inglezes como nação por excellencia amiga das tribus negras? Tão poderosa e efficaz foi a palavra de Livingstone, o primeiro homem d'aquella nação a quem viam e fallavam, que bastou a operar tão grande prodigio? Parece que o dr. Livingstone, ou se tem a si em menos conta, ou tem em menos conta os seus leitores; se assim não fosse, não faltariam á sua narração as condições essenciaes do senso commum e da verosimilhança, carecendo das quaes deve ter-se antes por mera poesia do que por informação digna de ser considerada, e tida por homens serios como d'alguma valia.

Sem duvida: pois não foi o proprio dr. Livingstone que escreveu, repito, e affirmou, que nenhuma nação nutria contra os negros menos preocupações, do que a portugueza? Não foi elle que offereceu, para as arguir, e confundi-las, ás auctoridades inglezas do Cabo o exemplo da benignidade e bemquerença com que os escravos eram tratados pelos portuguezes, e até o cuidado que lhes merecia a sua educação? Não é elle que exprobrou a essas mesmas auctoridades o haverem-se tão parcial e injustamente contra os cafres, auctorisando contra elles insolencias, que tornavam da parte d'estes inevitaveis outras insolencias, d'onde provinham os mais funestos resultados? E não foi elle que fez sobresahir a benevolencia conciliadora dos portuguezes, e as suas providencias

esclarecidas e cautelosas, para obstar a abusos de similhante natureza, e ás suas forçosas e deploraveis consequencias? Como ou-sava pois o dr. Livingstone insinuar nos animos das tribus zam-bezianas que os inglezes, e não os portuguezes, eram por excel-lencia os amigos dos negros¹? E, ousando-o, como podia confiar na efficacia de palavras, ás quaes necessariamente ella havia de fal-tar, por isso que proferidas não só sem convencimento, senão em manifesta contradicção com o que elle mesmo sentia e proclama-va? Assim pois as palavras de Livingstone careciam da fé, sem a qual a ninguem é dado operar os prodigios, com que pretendeu entreter e acalantar a imaginação de grande numero de seus lei-tores, mais avida de novidades, do que porventura capaz de ava-liar narrações, que ou por sua gravidade e congruencia, ou pela falta de senso commum e de verosimilhança, podem merecer, ou não, ser consideradas dignas de reflectida attenção e assentimento. A de que me tenho occupado, sem rodeios o direi ao dr. Living-stone, deve ser incluída n'esta ultima hypothese.

E não deverá ser incluído tambem n'esta parte da disjunctiva o romance que nos compoz e relatou Livingstone, segundo agora acabo de fazer advertir? Tanto mais me parece que sim, quanto é certo que longe de ser odiado pelos chefes d'aquellas tribus o com-mercio da escravatura, por elles era solicitado e favorecido por es-tarem a elle avezados desde remotas épocas, pois achavam n'elle demais da conveniencia do resgate, a de terem d'esta sorte a faci-lidade de se verem desaffrontados de grande numero de crimino-sos e de prisioneiros de guerra, que lhes causavam penoso peja-mento e estorvo; e igualmente é certo que, faltando-lhes este meio, se veriam forçados a desfazer-se d'elles mais cruamente. São n'isto conformes as informações escriptas, havidas official e extra-official-mente, e as informações não escriptas, que tem sido transmittidas por homens intimamente conhecedores das cousas d'Africa, dos quaes o testemunho não póde ser de nenhum modo suspeito, por isso que uniforme, apesar da diversidade da posição e circum-stancias especiaes dos informadores, e por isso que não preju-dicadas pelo intuito de lucros ou especulações, de que não cu-raram, e a que são já de todo o ponto estranhos. A verdade antes de tudo.

² Chap. xxix, pag. 593 e 594.

Estas informações, e os reparos que naturalmente nos suggerem são para ter na maior conta, pois que o dr. Livingstone suppõe, sem nunca se ter dado ao incommodo de o provar, que os chefes indigenas de uma e outra Africa, são geralmente inimigos do trafico da escravatura, e que só por excepção algum d'elles a favorece; e parte d'esta supposição para a si se nos inculcar, como por excellencia amigo da liberdade dos negros, e adversario dos que, tendo aquelles como cousas e não como pessoas, os reputam mera mercadoria, e com ella traficam desassombrados; e para levantar, como pendão contra esta sorte de repugnante commercio, o nome da nação a que pertence. Livingstone vai em demasia longe, porquanto é certo que nenhuma vantagem obvia e palpavel pôde apresentar-se aos chefes indigenas, que valha a compensar-lhes as que lhes proporciona o resgate dos escravos, e que para elles tem pouco ou nenhum peso razões philosophicas e moraes, cujo alcance não estão no caso de poder apreciar. O proprio dr. Livingstone achou-se por vezes forçado¹ a reconhecer-lo assim, vendo frustradas, e acaso quando o não presumia, as zelosas fadigas da sua dedicação philanthropica. É verdade que lida o missionario inglez para achar modo de attenuar a responsabilidade, da qual não pôde absolutamente eximir alguns dos chefes culpados n'aquelle odioso trafico; e tambem é verdade que leva a condescendencia a ponto de chegar a parecer menos desafectado á escravatura do que tão cuidadosamente se annuncia, e a todo o instante a si mesmo se aclama²; e porventura haverá quem queira ver já aqui alguma especie de explicação do seu subsequente proceder n'África oriental. A exaggeração gera a suspeita, e ensina a experiencia a não pôr confiança n'aquelle, que recomenda nimiamente e em alto brado a sua propria probidade. Seja porèm como for, fica em todo o caso fóra de duvida que está na indole cafre, naturalmente cubiçosa e interesseira, a propensão para effeituvar toda a sorte de veniaga, sendo que, para a dos escravos, como que a tornam para os chefes indigenas quasi irresistivel necessidade as condições especiaes acima já indicadas.

¹ Chap. ix, pag. 180 e 181, Chap. xv, pag. 277, Chap. xvi, pag. 297 e 298, e principalmente Chap. xxvi, pag. 526.

² Chap. xxv, pag. 503.

Mas, pois que entrei mais dentro do que fôra minha tenção n'este assumpto de grave transcendencia, permitta-se-me, antes de tirar a ultima conclusão, que pondere franca e singelamente que, não direi para catholicos sómente, senão para todos os christãos, não pôde haver senão uma opinião com respeito ao trafico da escravatura, e é esta, que a ninguem é licito approva-lo, pois que sem restricção o condemna a doutrina de Jesus Christo.

O Evangelho foi a carta de alforria do genero humano, ao qual restituiu todos os direitos, sem distincção de raça, nem de côres; e, libertando as almas, não podia querer os corpos algemados. Esta a doutrina; mas a sua applicação pratica, com respeito á omnimoda liberdade do homem, que nasce obrigado a condições sociaes constituidas independentemente da sua vontade, está sujeita necessariamente a modificações de não leve momento, e seria tão absurdo admittir como licita, depois de promulgada a lei de Jesus Christo, a creação de uma ordem de cousas, em que aquelle seu preceito sacrosanto houvesse de ser postergado, como o fôra suppor que, em virtude d'elle, ficaram rotos desde logo os vinculos preexistentes dos estatutos e convenções humanas, ás quaes, na sua formação, era desconhecido. O preceito vive: pertence-lhe progredir e triumphar, porque lhe pertence o effectivo aperfeiçoamento da humanidade; mas, e note-se bem, por isso mesmo, não pôde derivar-se d'elle a perturbação, a ruina, a morte da sociedade. Não de salto, sim passo e passo, e sem nunca cessar, a emancipação universal deve realizar-se, cumprindo-nos a nós, discipulos da doutrina evangelica, empenhar as posses todas, a fim de que lhe seja certo e inevitavel o triumpho, e que seja esse triumpho sincero; legitimo, verdadeiro, e não supposto, e não doloso, e não destinado a cobrir trato viciado, e machinações hypocritas e iniquas, não menos condemnaveis do que o proprio abuso com que mentidamente se alardeava de querer acabar.

Se porventura motivos muito outros dos que o dr. Livingstone põe a claro não fossem a verdadeira razão do seu procedimento, não havia de aventurar-se a affirmar tão afouto, e com o tom decisivo de que se serve, que a escravatura é tida em aversão por todos os potentados e chefes das tribus indigenas. Não é assim, como temos visto, e como attesta o facto em contrario, practicado sem interrupção por tão longa serie de annos; facto que não pôde considerar-se de nenhum modo o mero effeito da provocação dos

traficantes europêos, pois que, se lhe resistisse uniforme a vontade resoluta dos chefes das tribus africanas, esta áquella opporia barreira incontrastavel. A conveniencia, e não raro a necessidade, impelle-os, e acaso obriga-os a não aguardarem que os incitem; em vez de sollicitados, tornam-se em offerentes. É isto, conforme ao já por mim observado, o que se prova acima de toda a duvida com o testemunho dos escriptores das cousas d'Africa, nacionaes e estrangeiros, com os quaes, apesar da sua reluctancia e prevenções, o dr. Livingstone se vê constringido a concordar em grande parte. É isto o que de modo muito para advertir se tem notado depois de abolido o trafico da escravatura, vendo-se os proprietarios e fazendeiros portuguezes, instados da maneira mais importuna, e até vexatoria, ao resgate de homens, mulheres e creanças, que, se não forem acceitos, cahirão victimas da desesperação barbara dos que são vindos de longes sertões com o duplo intuito de se verem desassombrados dos seus prisioneiros ou criminosos, e, permutando-os, haverem os objectos, que necessidades incessantes lhes tornam de dia a dia cada vez menos dispensaveis. É isto em fim o que está na propria natureza das cousas, havida em conta a indole, habitos, proveito e precisões inexoraveis dos povos africanos.

E poderiam escapar estas obvias considerações á penetração do dr. Livingstone? Custa a acreditar. Qual a razão pois da sua insistencia? Queria deixar pretextos preparados para cobrir com as palavras de hoje as obras de amanhã? O que pertence ao futuro, o futuro o revelará.

Assim que, longe de fazer cair sobre os portuguezes de modo exclusivo o odioso do commercio da escravatura, como o dr. Livingstone adrede e acintosamente pretende, nós, condemnando sem reserva aquelle trafico abominoso, mas formando juizo imparcial, baseado nas apreciações incontestaveis, que ficam expendidas, devemos ter para nós que, se não podemos não haver por criminosos e dignos de severissima animadversão os nossos traficantes, quer quando provocavam, quer quando sómente annuiam á offerta que lhes era feita, não podemos tão pouco absolver os indigenas, como parece desejar o dr. Livingstone. O que para os traficantes portuguezes era amor, não era odio para os chefes indigenas; e, approximados pelo mutuo ardor de verem satisfeitos seus respectivos intentos, uns e outros concorriam d'igual bom

grado para se realizar e manter essa enorme injustiça, que por seculos infamou as praias africanas. Oxalá que, fielmente observadas as disposições ora em vigor, que aboliram a escravatura, esta fique para sempre extincta, sem que miras iniquas medrem á sombra de ostentosa hypocrisia; e que triunphe a razão e a justiça, sem que tenha de gemer e carpir-se a humanidade.

CAPITULO X

As noticias do dr. Livingstone sem novidade que maravilhe — Não pôde pôr-se firmeza nas suas asserções — Chicova é reino? Diz que não o dr. Livingstone, mas dizem que sim com o padre Santos, na *Ethiopia Oriental*, todos os escriptores portuguezes — Francisco Barreto, e a sua expedição ao reino de Chicova — Sebastião Xavier Botelho — D. Francisco de S. Luiz — Bordallo — A quêda de Cansala — Os portuguezes, segundo Livingstone, a ignoravam — Pouca segurança da affirmação do missionario inglez — Não é possível que os portuguezes não conhecessem a quêda Cansala — Reino de Abútua — Commerciaes e missionarios portuguezes — O padre Santos e frei Lucas de Santa Catharina — Errada interpretação, ou menos boa fé do dr. Livingstone — A serra Fura — Os portuguezes em intimas relações commerciaes com as terras onde entesta a quêda Cansala — Testimúnho explicito do padre Santos — Illações — O reino ou imperio do Monomotapa — Cafres mercadores de Abútua — Objectos trazidos por elles de Angola a Manica — Zumbo — Os mossambazes no territorio de Xingamira — Qual o estado das cousas no tempo do padre Santos, de Botelho, e do dr. Livingstone — Conclusão — A caxoeira Cabrabaça — Deficiencia da noticia do dr. Livingstone — Informação dada pelo padre Santos — Por Sebastião Xavier Botelho — Por Bordallo — Fontes d'agua quente no districto de Tete — Descripção do dr. Livingstone — O padre Santos — Virtude de fazer chover — Crenga dos indigenas d'Africa — O dr. Livingstone e os Bakwains — O tenente Garcia e o Sova Hompata — Gafanhotos — Praga ou soccorro providencial — O dr. Livingstone — O padre Jeronymo Lobo — O padre Francisco Alvares — O sr. Gamitto — Minas de ouro — Prata — Ferro — Cobre — Pedras preciosas — Azougue — Almagre — Salitre — Sal — Enxofre — Petroleo — Estanho — José Maria de Lacerda — Sebastião Xavier Botelho — Lopes de Lima — Fêo Cardoso — Fortunato de Mello — Manuel Cerveira Pereira e as minas de cobre de Benguella — O dr. Livingstone quer fazer acreditar que os portuguezes só se tem dedicado á escrava-

tura, e que ignoram as riquezas e vantagens a tirar do opulento solo africano — Com qual intento? — Falsa supposição — Meios tortuosos do dr. Livingstone — Os factos em contradicção com as asserções do missionario inglez — O governo portuguez não pôde ser arguido por falta de sollicitude no tocante ás maiores vantagens dos povos africanos, do commercio, e em geral da sociedade — Ignorancia ou má fé do dr. Livingstone.

Proseguirei no exame d'algumas asserções do dr. Livingstone, e d'algumas noticias por elle dañas; e d'este modo continuaremos a verificar não ser n'aquellas mais seguro do que geralmente o havemos achado, nem n'estas mais para exalçar e encarecer pela novidade das informações com que parece haver-se persuadido tomar-nos de subito, ou causar-nos maravilha. Não parecerão acaso de maior monta os assumptos ácerca de que versam umas e outras; porém a averiguação da pouca firmeza que pôde pôr-se nas asserções do celebre missionario, e de que só para elle as suas novidades podem ser novas, sendo confirmada por longa serie de factos incontroversos, nos facilitará aferir de modo exacto e cabal a medida da confiança que pôde ser depositada na rectidão e imparcialidade das suas informações e dos seus juizos. Porventura virão a ponto algumas observações, que não desmereçam de ser attentamente consideradas.

O dr. Livingstone, fallando do reino de Chicova, escreve¹: «Chicova não é reino, como se tem affirmado, mas sim um longo tracto de terra chã, parte do qual annualmente é alagado pelo Zambeze: é terreno apropriado á cultura do arroz». Esta asserção é tão aventurada, como outras muitas do missionario inglez, e não tem fundamento senão na sua propria auctoridade, destituida de toda a sorte de provas ou argumentos. A asserção do dr. Livingstone é inadmissivel, como não me será difficil demonstrar.

O padre João dos Santos, cuja auctoridade, como temos notado, em pontos d'esta e similhante natureza é absolutamente excepcional, dedica á descripção do *Reyno* de Chicova, todo o cap. xiv do livro II da sua *Ethiopia oriental*, narrando extensa e curiosamente a expedição de Francisco Barreto aos rios de Cuama para conquistar as minas de prata d'aquelle já nomeado reino. Transcreverei

¹ Chap. xxix, pag. 604.

aqui apenas as primeiras palavras do capitulo citado; porque não podendo, por sua muita extensão, ter cabida n'este lugar, o dou em separado em outro mais opportuno¹. «Nas terras (escreve o padre Santos), que confinão com o reyno do Manamotapa pelo sertão dentro da parte do Noroeste, está o *Reyno da Chicova*, muy nomeado polas grossas minas que tem de fina prata, e corre ao longo do rio Zambeze, etc.»

Sebastião Xavier Botelho não é menos explicito: «Da Villa de Tete (observa elle²) até ao sitio, que vulgarmente se chama o emboque na entrada da terra Chicova, são as fazendas conduzidas por terra, no que se consomem cinco dias, e vão d'alli, rio acima, até Zumbo. Foi Chicova muito celebrada nos antigos tempos, de cujas preciosas minas de prata nossos historiadores das cousas da Africa, e mais largamente o chronista Diogo do Couto tanto fabularão. Alguns portuguezes, que mais averiguarão aquelle territorio, não descobrirão memoria, nem vestigios dellas: conta-se todavia de uma lage de prata, que naquelle sitio descobrira, haverá quarenta annos, o padre Serra, religioso dominico, da qual ainda ha pouco vivião pessoas em Moçambique e rios de Sena, que asseveravão haver visto varias obras fabricadas; se assim he, foi aquella a unica prata que até áquelle tempo, e depois d'elle, se tem ali descoberto. Ha porém muito ouro naquellas terras, que o Regulo d'ellas não deixa minerar com receio de que os Regulos vizinhos lhe declarem guerra, principalmente o imperador do Monomotapa, cuja côrte dista d'alli tres legoas de distancia...»

Em outro lugar escreve o mesmo auctor³: «Este imperio (do Monomotapa), divide-se em occidental e oriental, a parte occidental he a mais extensa, e nomêa-se Mocaranga. O nosso doutissimo portuguez José Corrêa da Serra pretende que Mocaranga seja nome privativo, que compete a um vastissimo paiz ao norte do *reino de Chicova*, o que pouco importa, como faça parte do grande imperio do Monomotapa».

Pouco depois acrescenta⁴: «Nossos historiadores, tão resumidos nas cousas d' Africa oriental, forão hum tanto mais largos ácerca des-

¹ V. a Nota 16.*

² *Memoria Estatística*, cap. xv, pag. 301.

³ *Ibid.*, cap. xvii, pag. 311.

⁴ *Ibid.*, pag. 315.

te imperio. Bastante escreveu d'elle Diogo do Couto na sua oitava decada, se bem que fabulou ás vezes asseverando cousas mal averiguadas. Verdade é que em chegando ao *reino de Chicova*, no heroico tempo de nossas descobertas e triumphos n'esta parte do mundo, topámos o imperio do Monomotapa já poderosissimo, e senhor de todos os reinos que o ladêam; concertámos paz e amizade com o Imperador que se alliou com a corôa portugueza, e lhe cedeu o reino de Sofala e muitas das terras que partem com rios de Sena, nas quaes temos feitorias, a saber a de Manica e Zumbo».

D. Francisco de S. Luiz¹ observa que: «Tendo El-Rei D. Sebastião dividido o imperio lusitano-oriental em tres governos, o 1.º desde o cabo das Correntes até ao de Guardafui; o 2.º desde Guardafui até Ceilão; e o 3.º desde Ceilão até á China; deu o governo da primeira divisão a Francisco Barreto, que n'este anno partiu para a costa oriental d'Africa. D'ahi capitaneou a expedição ao Monomotapa, e minas de Sofala; ajustou pazes com os reis de Chinganga e Quiteve, passou o Sena, capital das possessões portuguezas na Cafraria, e mandando embaixadores a Simbaioé, obteve do imperador as minas de prata de Chicova, de Rutroque e de Mocarás. Foi a *Chicova*, e, vindo a Tete, estabelecimento portuguez, ali falleceu em 1573».

Bordallo escreve²: «O grande rio, principal arteria da Africa meridional, de que se contam fabulas como do Nilo, e cuja origem, desconhecida até hoje, se suppõe comtudo ser a mesma, tomou o nome de Zambeze de uma povoação de cafres, assim chamada no *reino de Chicova*, alem das cataratas de Chicoronga, aonde elle é tambem navegavel». Logo adiante observa que³: «Das afamadas minas de Chicova, aonde tivemos um forte com a invocação de S. Miguel, só em 1696 veiu a primeira amostra de prata, de que se mandou lavrar uma lua para a custodia da igreja matriz de Sena, mais de cem annos depois que Francisco Barreto perdêra a vida, diligenciando descobrir aquelles jazigos do precioso metal».

Julgo que está demonstrado o que me tinha proposto, e que por tanto a asserção do dr. Livingstone, contraria á auctoridade da his-

¹ *Indice Chronologico*, anno de 1569.

² *Ensaio*s, cap. XIII, pag. 202.

³ *Ibid.*, pag. 207.

toria, e inteiramente falta de base, não póde deixar de ser tida na conta que merece.

Ha, sobre assumpto diverso, uma outra asserção do dr. Livingstone, que não é bem que passe desaperecebida; e que, todavia, espero mostrar que tambem carece de fundamento para ser tomada em consideração.

Descrevendo a povoação do chefe Monza, diz Livingstone¹: «Em distancia vimos cordilheiras de sombrias montanhas ao longo das margens do Zambeze, e nos informaram haver alli uma quéda chamada Cansala, e que impede a navegação... Cansala é a quéda unica existente no rio até chegar a Quebrabaça, vinte ou trinta milhas acima de Tete». Adiante accrescenta²: «No dia da minha chegada a Tete fui visitado por todos os cavalheiros da villa, brancos e de côr, incluindo o ecclesiastico. Nenhum d'elles tinha idéa alguma do territorio onde se encontra a nascente do Zambeze. Mandaram chamar os nativos que mais tinham viajado, porém nenhum d'elles conhecia o rio, nem até Cansala».

Confesso com franqueza ser para mim penoso achar-me forçado a ter por de menos conta a auctoridade do testemunho do dr. Livingstone quando tão expressamente declarado, mas tenho que não é possivel acceitar-lhe o facto como elle o narra. Porventura, e é o mais provavel, a ignorancia da lingua portugueza, da qual Livingstone só podia ter levissimo conhecimento, e a precipitação com que, segundo se depreheende da mesma narração, as informações alludidas lhe foram dadas, hão sido causa da equivocação do missionario inglez: se assim não fosse, ficaria indisculpavel.

Não é possivel que os portuguezes não conhecessem a quéda ou salto de Cansala. Este salto ou quéda fica na parte do Zambeze, que banha o reino de Abûtua, como é facil de verificar pela simples inspecção dos mappas quer do sr. Visconde de Sá, quer do mesmo dr. Livingstone³, e o reino de Abûtua, e os reinos dependentes do Monomotapa ou a elle subjeitos, e toda a terra marave, foi desde tempos remotos mais que muito frequentada pelos portuguezes, e não só pelos commerciantes, senão pelos missionarios, que tendo levado a luz da doutrina evangelica até á côrte d'aquelle

¹ Chap. xxvii, pag. 554.

² Chap. xxxi, pag. 640.

³ V. os citados mappas no fim do vol.

poderoso potentado, percorrendo pelos reinos vizinhos, em muitas partes estabeleceram templos e ergueram altares: também alli tivemos feiras, subsistindo em amigas relações o pacto de principio feito com aquelle imperador por Francisco Barreto. O padre João dos Santos¹, e fr. Lucas de Santa Catharina² dão a este respeito tão largas informações que não deixam nada a desejar³. Como era possível pois que tão depressa tivessem passado do conhecimento e da memoria de todos os portuguezes e moradores de Tete relações tão antigas, tão variadas, e que se tinham mantido e prolongado por tantos tempos? Não o era de nenhuma sorte. Acaso dos individuos, presentes na reunião mencionada pelo dr. Livingstone, nenhum tinha conhecimento por si proprio da quèda Cansala, e sem duvida foi esta a resposta que lhe foi dada, a qual tão erradamente elle interpretou; mas tirar argumento da ignorancia casual d'alguns individuos, e generalisa-la n'uma proposição absoluta, não honra de certo o character do missionario inglez, porque de alguma sorte nos move, e quasi obriga, a duvidar da sua lealdade e boa fé.

Alem d'isto, no reino de Abùtua, e não a larga distancia da quèda Cansala está a serra Fura, conhecida e com frequencia visitada pelos portuguezes por causa do resgate do muito e fino ouro de que superabunda, e d'ahi pelos rios de Cuama o transportam os portuguezes, como detidamente informa o padre Santos⁴, disputando se Fura ou Afura é a terra de Ophir, d'onde, como referem os livros sagrados, ia ouro para o templo de Salomão. E note-se que o padre Santos de sorte se exprime, que não deixa duvida nenhuma de que no seu tempo os portuguezes não só estavam em intimas relações commerciaes com as terras, nas quaes a quèda Cansala entesta, senão que, sem terem nunca interrompido o commercio do ouro, continuavam a faze-lo pelos rios de Cuama, isto é, com os olhos, ainda mesmo que não quizessem, postos na Cansala: eis-ahi as palavras do padre Santos⁵: «Dizem mais que o ouro de Ophir, que levãõ a Salomão era desta terra, a que chamãõ Fura ou Afura,

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. x, xi, xii, xiii e xiv.

² Quarta parte da *Historia de S. Domingos*, liv. IV, cap. xii, xiii e xiv.

³ V. a Nota 17.^a

⁴ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. xi. V. a Nota 18.^a

⁵ *Ubi supra*.

e que pouca differença vay de Afura a Ophir, o qual nome andarã já corrupto pola mudança dos tempos e idades que de então até agora correrão. Eu não sey com que fundamento estes dizem uma cousa e outra, e sómente sey dizer que ao redor desta serra ha muito e fino ouro, e que daqui *podia ir por estes rios abaixo n'estes tempos, como agora vay por via dos portuguezes*, e antigamente hia por via dos mouros de Moçambique e de Quiloa, *antes que os portuguezes conquistassem estas terras.*»

Como pois fôra possível que os portuguezes, que *tinham conquistado aquellas terras*, ignorassem a caxoeira Cansala, que de tanto estorvo lhes era, interceptando a navegação do rio, que sendo-lhes barreira natural, era ao mesmo tempo meio prompto e seguro de facilitar os resgates, de que seus moradores se mostraram sempre tão cubiçosos? E como é possível que não houvesse d'ella conhecimento em Tete, cujos commerciantes, bem como os de toda a Zambezia, quer por si, quer por seus propostos, haviam corrido e devassado todos aquelles reinos e territorios, largando de Zumbo, e seguindo, com differentes direcções, até ao intimo sertão de uma e outra margem do Zambeze? É inacreditavel.

E digo que é inacreditavel, porque para quem é lido nos nossos escriptores, que trataram não perfunctoriamente das cousas d'Africa oriental, torna-se de todo o ponto estranho o alguém lembrar-se de suppor ignorantes os portuguezes de cousa alguma, de mais ou menos momento, em terras d'elles tão frequentadas; e que o eram o demonstraria ainda a ser preciso, sobre o que tenho dito, aliás de sobejo para evidencia-lo, o que julgo vir agora muito a ponto recordar, e nos referem o padre Santos e Botelho. Tratando do Monomotapa, escreve o padre Santos¹: «Este grande reyno do Monomotapa tem de comprimento mais de duzentas legoas, e de largo quasi outro tanto. Da banda do Noroeste confina com outro Rey muito grande, com que tem muitas vezes guerra, ao qual chamam Abútua, cujo reino tem o mesmo nome, e dizem que chega pelo meyo da terra firme até os confins do reyno de Angola, com cujos cafres tem commercio, e estes com os portuguezes que vão de Angola; no que eu não ponho duvida, porque os cafres mercatores de Abútua trouxerão já a vender ao reino de Manica hum cobertor de papa, que veyo pela via de Angola, o qual mercou um portu-

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. X.

guez que estava em Manica, e eu o vi em Sofala. N'este reyno de Abûtua tambem ha muyto e fino ouro, etc.»

Vejamos agora o que escreve Botelho: «Os mercadores (diz elle¹), como embarquem as fazendas vão caminho de terra pela outra margem do rio até defronte de Zumbo, onde transpõem segunda vez o rio, e esperam as carregações de que abi deixão parte em mãos de homens que as feitorisão até serem permutadas por ouro e marfim: e a outra parte mandão pelo sertão dentro entregue a mossambazes, os quaes vão resgatar aquelles mesmos generos por todo o vasto territorio de Xingamira; e o ouro com especialidade em Abûtua capital do reino, onde ha o mais subido, e em maior quantidade. Aqui é só o rei quem permuta ouro, por ser vedado a todos os vassallos, sob pena de morte, haverem ouro que não seja do mais inferior, de que annualmente lhe é dado usar em troca de mantimento; e todo que he de lasca, raiz ou folheta, he propriedade exclusiva do rei. De donde vem favorecer elle sobremaneira o commercio com os portuguezes, a quem convida, regala e faz boa hospedagem, para alli hirem resgatar.»

E era possivel que, tendo-se tornado o commercio do Monomotapa, e em especial o commercio do ouro do reino de Abûtua, por assim dizer commercio portuguez, não só com respeito ás nossas possessões orientaes, senão tambem ás occidentaes, como fica já manifesto; e que tendo-se enraizado a tal ponto aquellas relações de commercio que se mantiveram florescentes por espaço de dous seculos, achando-se nos tempos de Botelho as mesmas que porventura tinham sido no tempo do padre Santos; era possivel, digo eu, que no brevissimo intervallo de menos de trinta annos, que mais não medêam entre Botelho e Livingstone, de todo se tivessem desvanecido, e de tal sorte que não houvesse nem um só portuguez, nem um só morador de Tete, que não fosse actualmente, ou pelo menos não tivesse sido parte n'ellas, e nem sequer d'ellas possuisse algum conhecimento? Se o havia, não era possivel não have-lo tambem que não conhecesse a famosa caxoeira, baliza ou milliarior indicador das terras em que se fazia aquelle commercio; e não é possivel não have-lo, porque o não é que os factos se aniquilassem, e que nem restasse d'elles a memoria.

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 302 e 303.

Agora vamos tomar nota da pouca ou nenhuma conta em que foi tida pelo dr. Livingstone a caxoeira Cabrabaça; pois confesso que não tenho por facilmente acreditavel que tão de leve lhe prendesse a attenção este grande obstaculo, de si mesmo tão notavel e tão arduo de ser superado, que tolhe por muito espaço a desimpedida navegação do Zambeze; não é elle sem duvida menos digno de ser advertido que o salto ou caxoeira de Cansala; e todavia merecendo aquelle ao missionario inglez especial menção, tão pouca este lhe mereceu que foi apenas d'elle brevemente alludido. Seria acaso, porque, ignorante da historia particular da nossa Africa oriental, pensou que podia tirar impunemente vantagem da distancia onde se encontra o salto de Cansala em desabono dos portuguezes, o que não lhe consentia a proximidade de Cabrabaça? Poderá ser havida esta suspeita por temeraria, ou haver-lhe-ha dado motivo de algum modo justificado a irregularidade que temos observado no proceder de Livingstone para com os portuguezes? Deixando esta interrogação por agora sem resposta, ouçamos Livingstone, e supramos nós a deficiencia da informação que por elle nos foi dada: «Chegando a Tete (escreve Livingstone) fui informado da existencia de uma pequena caxoeira no rio, proximo a Chicova. Se eu tivesse previamente conhecimento d'isto, não teria deixado o rio sem ir examina-la¹».

E que diz a este respeito o padre Santos? Ouçamo-lo. «Por este rio acima (indo sempre a lesnoroeite) se navega obra de duzentas legoas, até ao reino de Sacumbé, que está muito arriba do forte de Tete, no qual logar faz o rio uma grande quèda de huns rochedos abayxo, e d'alli para cima vay ainda continuando muita penedia polo meyo do rio por espaço de vinte legoas, até ao reino de Chicova, por causa da grande corrente com que as agoas vem quebrando de penedo em penedo polo rio abayxo; mas do reyno de Chicova pera cima he navegavel, porém não se sabe até onde²» É portanto manifesto que de nenhuma sorte pôde considerar-se pequena caxoeira (*small rapid*) como lhe chama o dr. Livingstone, a do Zambeze junto de Chicova; mas que fundadamente o padre João dos Santos, que tantas facilidades tivera de bem a conhecer e apreciar, qualifica de *grande quèda*. E como considera-la de di-

¹ Chap. xix, pag. 604.

² *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. II, fl. 45.

verso modo? Não era possível, pois que, extensamente continuada, impede a navegação por espaço de vinte legoas¹.

Com o padre Santos conforma inteiramente o que diz Sebastião Xavier Botelho, cujas são as seguintes palavras: «De Tete he o rio navegavel athé ao reino de Sacumbé, donde por espaço de vinte e quatro leguas, athé entrar no reino de Chicova, se deixa de navegar pela muita penedia que n'elle ha, por onde vai quebrando com grandes correntes e susurro; d'aqui por diante he navegavel, posto que se não sabe athé onde².»

De todo o ponto acorde com o que acaba de ler-se nota Bordallo que: «Seria o (Zambeze) navegavel mais cem legoas para cima (de Tete) se se destruísse o unico obstaculo, não invencivel, que se oppõe a esse transito: alguns rochedos que obrigam o rio a outro salto no sitio chamado Quebrabaça ou Cabrabaça. E assim teriamos livre a comunicação fluvial com o Zumbo³.»

Não tenho que seja necessario accrescentar cousa alguma ao que fica exposto, para fazer ver que não carece de razão sufficiente a censura feita ao dr. Livingstone.

Não será lida com desprazer a descripção que nos dá o dr. Livingstone de uma fonte de agua quente, a qual foi visitar na companhia do governador do districto o major Sicard. Em seguida achar-se-ha a noticia, que tantos annos antes nos dera o padre Santos de fontes alli existentes de similhante natureza. D'esta sorte se confirmará o que todavia não admite duvida nenhuma, isto é, que não alcançam para nós as informações do missionario inglez a mais do que pelos nossos já sabiamos.

Eis-ahi a descripção de Livingstone⁴: «Subi o Zambeze e visitei uma fonte de agua quente chamada Nyaniboronda, situada no leito de um riacho a que dão o nome de Nyaondo, o que demonstra que a acção ignea não está alli extincta. Abicámos á terra, entrando em um arroio a que chamam Mokorosi, donde caminhámos uma ou duas milhas para o nascente, onde achámos a fonte de agua quente no

¹ O dr. Livingstone na descripção que faz da quéda de Cabrabaça no cap. xvi da sua *Narrative of an expedition to the Zambese, etc.*, mostra claramente haver formado com demasiada precipitação o juizo enunciado no logar a que faço aqui allusão, e justifica de todo o ponto o meu reparo.

² *Memoria Estatística*, cap. xiv, pag. 246.

³ *Ensaio sobre a Estatística de Angola e Benguella*, cap. xiii, pag. 202.

⁴ Chap. xxxi, pag. 634.

seio de um elevado outeiro. Uma pequena fonte rebenta fervendo a um lado do riacho Nyaondo, e grande quantidade de vapor corrosivo se eleva da terra adjacente no espaço de doze pés quadrados, e está tão quente que os meus companheiros não podiam pôr sobre ella os pés descalços. Ha pequenas aberturas por onde a agua borbulha; porém a fonte principal nasce de uma que mede obra de um pé de diametro e quasi outro tanto de profundidade. A todo o instante se estão levantando muitas bôlhas. O vapor é acre, e opprime a respiração, mas não é inflammavel, nem queimou um leve molho de relva que lancei sobre os borbulhões. O mercurio elevou-se a 158° quando o thermometro estava dentro da agua na cavidade, porém depois de alguns segundos ficou firme em 160°. A agua conserva tanto calor quando corre sobre as pedras, que não pôde a mão supporta-lo. Muitas vezes pequenos peixes saltam do arroio, em cujo leito a fonte nasce, para dentro da agua quente, e escaldam-se a ponto de para logo morrerem. Vimos uma rã que fez aquella experiencia, e ficou cozida. As pedras sobre as quaes a agua corre, estão cobertas de certa crôsta de sal branco, e a agua sabe a sal. A terra ha sido excavada perto da fonte pelos indigenas com o fim de extrahirem o sal que contém. A fonte está situada entre rochedos de porphyro syenetico em largas cortaduras com direcção ao NE.»

O padre Santos, noticiando a existencia de algumas fontes de agua quente no districto de Tete, assim se exprime¹: «Perto d'esta lagoa (Rufumba²) está huma fontê, a que os cafres chamão Maembe, na qual nascem cinco olhos de agoa afastados huns dos outros pouco mais de huma braça: esta agoa he toda quente, convem a saber, dous olhos de agua morna, e dous de muyto quente, e o quinto de agoa tão quente, como se estivera fervendo com grande fogo, na qual ninguem pôde meter a mão, antes podem cozer n'ella ovos, e pellar leitões, como já fizerão alguns Portuguezes, que ali forão ter de proposito a ver as maravilhas d'esta lagoa. Estas fontes correm todo o anno, e suas agoas se recolhem na lagoa Rufumba.

«Arriba do forte de Tete está hum lugar chamado Empongo,

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. VI, fl. 51.

² O dr. Livingstone chama-lhe rio Lofubo, sendo para advertir que os indigenas não pronunciam o R inicial, mas trocam-no em L.

no qual nascem tres olhos de agoa quente, á borda do rio Zambeze, e apparecem quando vay vasio, mas como enche, cobre as fontes e não se vem. Hum d'estes olhos dizem que he de agoa quentissima, onde ninguem póde meter a mão.»

Ouçamos outra noticia que nos dá o dr. Livingstone, a qual para todos póde ter novidade, menos para os portuguezes, porque no-la tinham communicado, não poucos annos antes, alguns escriptores nossos.

Descrevendo os lastimosos effeitos da secca tão prolongada, que affligio o territorio dos Bakwains, quando alli residia, refere o missionario inglez que a crença na virtude ou poder, que tem certos homens de *fazer chover* ou *tolher que chova*, é um dos artigos de fé mais arreigados entre aquelles povos; e declara que elle mesmo, alli e em outras partes, fôra pedido e rogado que fizesse chover. O esclarecido missionario empregou, segundo nos informa, os meios ao seu alcance, para combater com resultado aquella absurda abusão, mas não lhe foi possivel conseguir que, ainda mesmo entre os recém-convertidos, perdesse totalmente os créditos de que estava no gozo e antiga posse. É muito para notar a varia sorte de encantamentos, suggeridos aos cafres attribulados, a fim de obterem a chuva desejada, e a cega confiança com que certos impostores, arrogando-se aquella virtude sobrehumana, e aproveitando-se d'esta persuasão estulta, para haverem preponderancia *proveitosa*, arrostavam afoutos as sensatas e irrespondiveis observações do missionario inglez, e pareciam acreditar de boa fé terem as nuvens sujeitas ao seu querer e mandar, e que não tinham ellas senão obedecer aos seus conjuros.

A crença n'esta sorte de encantamentos não é particular dos Bakwains, póde-se dizer geral de todos os povos africanos, pois que assim como a achamos na Africa occidental, nos territorios onde costumam fallecer as chuvas, por igual vamos encontra-la na Africa oriental, onde com maior frequencia as chuvas faltam durante dilatados periodos, com enorme prejuizo dos homens e dos animaes. Em geral os nossos escriptores não fazem menção á parte d'esta especie de superstição, incluindo-a nas muitas de que nos contam ser achacada toda a cafraria; e assim tambem incluem os encantamentos, destinados a fazer chover, nas feiticerias tão varias e tão communs entre os indigenas de todas aquellas regiões, e das quaes os nossos portuguezes d'Africa tem e dão larga noticia.

Entretanto vem descripta esta superstição, com certa concisão, porém de modo que nos é permittido formar d'ella cabal idéa, no *Itinerario ou Derrota do Tenente de Artilharia João Francisco Garcia da Bahia de Mossâmedes ao presidio de Caconda, na Provincia de Benguella, em 1841*. Transcreverei as palavras do Tenente Garcia sem commentario, porque de si são de sobejo para demonstrar o que deixei asseverado.

«Dia 13 de setembro, 10.º dia de marcha¹. Sahi do sitio de Xella, e depois de ter montado a eminencia da montanha, em que gastei duas horas boas, me achei em uma grande planicie de terra vegetal a perder-se-me de vista por todos os lados; por ella marchei o espaço de tres legoas, encontrando, ora aqui ora alli, diversas habitações de pretos gentios, a que dão o nome de Munhanecas, cuja nação é diferente em linguagem, em trage e em armas, usando a maior parte d'elles de armas de fogo, o que até alli não encontrei, e sem arcos, frechas e azaçaias. Por todas estas habitações observei que, em tempo de chuvas se cultivava milho, massábala, e massango de que se sustentam. Ao fim das tres legoas cheguei pelas quatro horas da tarde á libata do Sova Honpata, nome que dão ao logar descripto. Este Sova me obsequiou com as suas melhores casas, e com um grande boi, a cujo obsequio retribui com primor. Aqui observei os maiores estragos da mais devoradora fome por falta das chuvas em quatro annos successivos, sustentando-se o Sova, e a pouca gente que com elle estava, de raizes e fructas silvestres, e de carnes de gado e caça, que lhe mandava do matto a maior parte da gente d'esta terra, que se achava espalhada em busca d'estes recursos. Admirei a instancia com que me pediu o Sova fizesse eu chover nas suas terras, reduzidas á maior miseria por falta das chuvas, que dizia elle se achavam apresadas pelos feiticeiros e malfazejos. É de notar que todo o gentio em geral, e mesmo os povos civis descendentes d'este, acreditam que ha certos homens, e mesmo mulheres, que por milagre podem suster a chuva ou fazer chover², e que tambem entre os brancos se pratica o mesmo.»

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 240 (1844).

² Entre nós, em geral nas provincias do norte, e notadamente nas provincias da Beira-Baixa e da Beira-Alta, ha uma abusão, que não deixa de ter com esta uma certa affinidade. É alli opinião popular que ha certos

Não quero deixar de fazer menção de um objecto, que, se pôde ser considerado debaixo de certas relações como terrível praga, debaixo de outras o não pôde deixar de ser senão como providencia, fallo dos gafanhotos africanos, de que nos dá Livingstone muito diminuta informação. Entretanto, seja qual for o modo por que a sua apparição haja de ser avaliada, ou como flagello ou como soccorro providencial, é certo que merece este assumpto chamar a nossa attenção, e por isso tenho para mim que me não será tida em menos boa conta a informação, que, firmada em testemunhos competentes, vai agora ler-se.

Narrando a difficuldade em que se achara de obter conveniente e abundante alimentação, escreve o dr. Livingstone¹: «Nós carecíamos muito de alimento animal, que parece ser mais necessario á vida do que imaginam os partidistas dos vegetaes. Sechele nos enviava quinhão liberal da carne, que na qualidade de chefe lhe pertencia; porém estes soccorros eram necessariamente irregulares, de sorte que fomos constringidos algumas vezes a aceitar um prato de gafanhotos. São estes uma benção para o paiz, e tanto assim que os charlatães promettedores de chuva, tambem promettem ás vezes attrahi-los com os seus encantamentos. Os gafanhotos têm sabor de vegetaes, o qual por consequente varia segundo a qualidade dos de que se nutrem. Ha uma razão physiologica, para se deverem comer com mel os gafanhotos. Sendo torrados, reduzidos a pó, e misturados com mel, não são desagradaveis, temperando-os com algum sal. Podem-se conservar por mezes assim preparados. Cozidos são repugnantes, porém torrados, pela minha parte os prefiro aos lagostins, posto que evitarei, quanto me for possível, comer d'uns e de outros».

O nosso padre Lobo, na sua *Relação Historica da Abissinia*, memóra, como não podia deixar de fazer, os gafanhotos, e o uso para alimentação, que alli se faz d'elles; porém é ainda mais conciso que o missionario inglez, acaso porque suppunha o assumpto de sobejo conhecido. Eis-ahi a noticia dada por aquelle celebre

homens com o dom de descobrir nascentes e poços d'agua, e até a altura em que se acha, pela simples inspecção ocular. A taes homens chamam *vedores*. Com tudo este facto, á parte a impostura de que de ordinario taes homens fazem uso para ganhar respeito e nomeada, tem explicação natural e satisfactoria.

¹ Chap. II, pag. 42.

jesuita¹: «Os mouros, depois de terem seccado ao sol os gafanhotos, pizam-nos, e fazem caldo, que para elles é grande regalo. Eu quiz algumas vezes tomar d'este caldo, mas achei-lhe máo gosto e máo cheiro. Alguns mouros dizem que fazem uso d'elle por devoção a S. João, que se sustentou muito tempo de gafanhotos».

Mas, se o padre Jeronymo Lobo foi em demasia conciso, não se houve da mesma sorte o padre Francisco Alvares, que nos dá d'este objecto mais larga noticia, a qual não transcreverei n'este logar por causa da sua maior extensão. Entretanto é digna, como se verá, de que se tome d'ella conhecimento, e por esse motivo a encontrarão os leitores, a quem haja de merecer attenção, no fim do volume na respectiva *Nota*².

O sr. Gamitto tambem nos dá informação, que de certo os leitores hão de folgar de que n'este logar lhes seja transmittida. «Hoje appareceu (escreve elle³) uma nuvem de gafanhotos, a que os cafres chamam Zomba: estes insectos têm infestado estas partes da Africa ha sete annos, destruindo totalmente as searas emquanto verdes, e quando sasonadas comem-lhes a semente, e, na falta de outras plantas, tornam-se ás arvores, roendo-as até ao lenho: semelhante praga com a falta das chuvas ha causado grandes fomes; ultimamente, porém, esta mesma praga tem servido de recurso aos povos; porque os apanham, seccam e fazem d'elles provimento em grande quantidade, de que se vão alimentando, ou reduzidos a farinha e cozidos como papas, ou mesmo inteiros e torrados».

N'outro logar refere o seguinte⁴: «Pelas oito horas da noite começou a passar muita gente da Mui, d'ambos os sexos e de todas as idades, e todos levavam cestos, panellas, e iam apanhar gafanhotos, que tinham pernoitado a pouca distancia. Os negros da expedição pediram licença ao commandante para irem tambem, ao que annuo, attenta a falta de viveres que ha; e deixou ir toda a gente que se podia dispensar».

Adiante accrescenta⁵: «Ás oito horas da manhã chegaram os negros que foram apanhar gafanhotos, e trouxeram uma quantidade

¹ Pag. 86, Paris 1728.

² V. *Nota* 48.^a

³ *Muata Cazembe*, cap. 1, pag. 16.

⁴ *Ibid.*, cap. v, pag. 182.

⁵ *Ibid.* pag. 186.

extraordinaria d'elles, de fôrma que, lançados no chão, ficaram em montes como cereaes nas eiras: foram logo torrados para enfardar, e foi este principal fornecimento que podemos fazer para o caminho. Camarões do campo, foi o nome que lhes demos.

«Os gafanhotos são uma praga que tem flagellado a Africa oriental desde 1827, e apparecem em tal quantidade que formam nuvens que escurecem o sol. O terreno ou arvoredos, onde pousam, fica sem verdura alguma; commummente o espaço que tomam abrange mais de uma legoa de extensão.

«Nos annos de sêcca este mesmo mal é um recurso para estes povos, que observando onde pernoitam, auxiliados por fachos, os apanham facilmente por estarem entorpecidos com o fresco da noite, e os recolhem em cestos, panellas, etc., e depois os torram ou seccam ao sol, e assim os guardam, e d'elles vão fazendo uso para seu sustento, comendo-os moidos e feitos em papas, ou assados. Eu quiz ver se nos era possivel fazer uso d'esta comida: mandei torrar alguns com sal, e n'este estado tinhã uma vista agradável, mas o gosto era pessimo e nauseabando.»

Direi agora alguma cousa ácerca das minas de carvão, ferro, ouro, prata, cobre, etc., e das diversas qualidades de pedras preciosas de que se opulentam uma e outra Arica, e das quaes o dr. Livingstone, de certo por motivo reservado, pois que não é facil de presumir que fosse por ignorancia, falla menos explicitamente do que parecia requerer d'elle o assumpto, de si de sobejo importante debaixo de mais de uma consideração. Direi o que julgo para aqui sufficiente, e n'outro logar accrescentarei o que, para mais amplo esclarecimento, os leitores porventura houvessem de desejar¹.

O dr. Livingstone menciona a abundancia do ouro que se encontra na Africa oriental²; duvida da existencia de minas de prata em Chicova, ou em alguma outra parte conhecida, observando que se em algum tempo existiram, a lembrança e vestigios d'ellas se perderam totalmente³; declara ser muito e de excellente qualidade o ferro em uma e outra Africa, e com especialidade na Africa orien-

¹ V. Nota 19.^a

² Chap. XIX, pag. 595, 597, 603, etc.

³ Ibid., pag. 587, 603 e 604.

tal¹; apenas menciona o cobre, como sendo objecto de resgate no Cazembe, onde é obrado em anneis e manilhas²; mas detem-se com a noticia das minas de carvão encontradas no territorio de Tete, ácerca das quaes relata que, tendo indicado ao commandante d'aquelle districto que descobrira uma pequena vêa de carvão, este lhe declarára que os portuguezes tinham já conhecimento de nove, cinco das quaes estavam no lado opposto do rio³. Accrescenta Livingstone que fôra visitar estas minas, e que navegara n'um bote até á foz do Lofubo ou Revúbo (Rovué), quasi duas milhas abaixo de Tete na margem do norte; que subira perto de quatro milhas contra a corrente, e desembarcára proximo de uma pequena ca-xoeira, donde, caminhando o espaço de quasi duas milhas por meio de hortas formosas, achára a vêa ou bêta em um dos afluentes do Lofubo, chamado Muatiza ou Motizo. A vêa corre perpendicular á margem, e profunda no regato, continuando na direcção norte. Esta primeira vêa tem dez pollegadas de diametro, e debaixo da camada calcarea, que se lhe segue, está outra vêa, da qual se vêem obra de 58 pollegadas, ficando o centro por debaixo da agua do Motizo. Esta parte da vêa mede umas trinta jardas de extensão. Quasi cem jardas para cima (no subir da corrente) acha-se trap⁴ negro, que penetra em vêas delgadas a camada calcarea de que vai coberto o solo, e a converte em porcellanita, e crystalliza parcialmente o carvão com que fica em contacto. Na margem direita do Lofubo ha outro affluente, que entra no rio na proximidade da sua confluencia com o Motizo, e se chama Morongozi, no qual se encontra outro mais extenso leito de carvão. Um tanto acima, no Lofubo, ha outras vêas nos riachos Inyavu e Makare; e em alguns logares, no territorio Marave, ha carvão á superficie da terra. Feita esta descripção, declara Livingstone que não visitara outras minas, mas que fôra informado de que existem em territorio independente, bem como no que está sujeito aos portuguezes; e que não duvida de que todo o territorio entre Zumbo e Lupata seja um vasto ja-

¹ Chap. xx, pag. 402 e 403, chap. xxvii, pag. 530, etc.

² Chap. xvii, pag. 305.

³ Chap. xxxi, pag. 633.

⁴ *Trap* ou antes *trapp* (na lingua sueca *escada*) é uma especie de basalto, formado por aggregações de apparencia homogenea, de côr verde muito escura. Deu-se-lhe aquelle nome, porque as massas d'este mineral estão dispostas de modo que parecem afeiçoar uma escada.

zigo de carvão de dous e meio grãos, pelo menos, de latitude na largura, com muitos interstícios¹.

Em outro lugar diz Livingstone: «O outro unico metal, alem do ouro, que temos em abundancia n'esta região (Zambezia) é o ferro, e este de excellente qualidade. Tanto quanto pude averiguar não ha cobre nem prata. A malachites é posta em obra pelo povo Cazembe, porém como eu não a vi, nem algum outro metal, nada posso dizer a este respeito. Acham-se algumas pedras preciosas, e ha logares totalmente cobertos de agathas. A mineralogia do paiz comtudo não tem sido explorada por pessoa competente²».

São escassas as noticias que nos dá o dr. Livingstone ácerca d'este ramo aliás tão importante das nossas riquezas africanas, e todavia aquellas mesmas foram havidas dos escriptores portuguezes que no-las subministram muito amplas e curiosas. Não as transcreverei aqui, mas tenho para mim que será lida com prazer e utilidade a informação que passo a dar, embora abreviada³.

José Maria de Lacerda na *Memoria* ou *Observações* com respeito á *Viagem da costa de Angola á costa de Moçambique*, fallando das vantagens commerciaes a tirar das nossas possessões africanas, escreve: «O ferro, de que eu já disse abundava este sertão, é um artigo não pouco interessante... Na qualidade não cede ao sueco e biscainho, e os negros fabricão varias obras que vendem por preços moderados. Não menos deve ser digno de attenção o excellente cobre, de que ha minas já descobertas. Os negros o fabricão e fazem d'elle uso para os seus ornatos e enfeites, como collares, manilhas, e as chamadas vergas com que rodeiam as pernas. Ha igualmente enxofre em grande copia, e eu mesmo vi uma larga mina d'elle no Dambe da Guinzamba, cinco legoas de Benguella para o sul, e legoa e meia da bahia Farta á beira do mar⁴.

Demos agora attenção ao que nos refere Sebastião Xavier Botelho⁵: «O territorio do Quiteve he o mais copioso em minas de ouro, ferro e cobre, de quantas ha por estas partes da Africa oriental... He tanta a abundancia de ouro, cobre e ferro, que ha por estas ter-

¹ Chap. xxxi, pag. 634.

² Ibid., pag. 651.

³ V. a *Nota* 20.^a

⁴ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.^a serie (1844).

⁵ *Memoria Estatistica*, cap. ix, pag. 146.

ras, que os cafres colhem estes metaes quasi sem os minerar... Ha tambem minas de crystal e de topazios, e não poucos signaes de as haver de pedras mais preciosas.

«O alto Quiteve no territorio de Bandirre¹, e nos rios Muchinga, Java e Mussapa, he riquissimo de minas de ouro do maior quilate, assim como em todo o territorio Inhamili, aonde a abundancia é a mesma, sem differença na qualidade, e só diverso na côr, tirando mais para verde que para amarello gemado. Em Inhamanga, aonde bem se pôde dizer que se passêa por arêas de ouro, he de inferior qualidade e mui desbotado.» — «Pelas margens dos rios Rovué e Mapura topaõ-se topazios, esmeraldas e rubins; e nas montanhas de Anganhe ha uma pedra que, partida ella, se acha cravejada por dentro com muitas pedrinhas salientes de varias côres, cristalinas abrilhantadas com as pontas faceadas sobre o comprido, semelhando a purpurina que usão os nossos pintores. Ha tambem alli a celebrada pedra malaquita, que he verde côr de esmeralda, sem nenhuma transparencia, á maneira das agathas e coralinas, parecendo-se com ellas depois de lapidadas... Estas montanhas conservão signaes de ali existirem diamantes e outras pedras preciosas, e por dentro estão forradas de cristaes de diversos tamanhos, e de laminas de talco de palmo quadrado, humas brancas e outras amarellas: explora-las, vale o trabalho.

«Ha minas de ferro e azougue, e outras de diversas sortes de barro branco, semelhando o gesso, porém mais alvo, a que os cafres chamão *sueco*; ha muitas de almagre, e não poucas de huma terra, tirante para anilada, da qual, argamassada com barro branco, fazem louça de que se servem².

«No reino de Quissanga ha copiosas minas de cobre, e junto d'ellas, na profundidade de duas braças, topa-se com uns morros de terra combustivel, que em lhe chegando o fogo arde, até-se, inflamma-se, e vai-se consumindo lentamente até se converter em cinza, deitando para azul ferrete, o que faz suspeitar que mais no fundo, ou pouco arredado d'elles, haja minas de enxofre.

«Em todas estas terras ha grande copia de optimo anil, mórmente no prazo da corôa, intitulado *Mambone*. Este arbusto é indigena.

¹ *Memoria Estatica*, pag. 180 a 182.

² *Ibid.*, pag. 182.

«As praias de outro prazo da corôa, igualmente situado n'este territorio, o qual prazo se nomêa *Nukoca*, como fação rosto ás de Bazaruto, são fertilissimas em perolas, aljofares, e ambar de diversas sortes; e toda a costa, que se estende até á barra de Mambane, he povoada de arvores de maná da melhor qualidade. Brotão de mistura com ellas muitas arvores cobertas de huma rezina consistente, de côr leonada, com todos os caracteres de breu, e que os cafres, posto que imperfeitamente, reduzem a esta fórma, e chamam-lhe *Mufingi*, em sua linguagem.»

O padre Santos que na sua *Ethiopia Oriental*, dá noticia tão avantajada das nossas riquezas africanas, como se vê de varios logares por mim em differentes partes já lembrados, e cuja citação e transcripção não levo mais longe, porque, para tudo apontar, me veria forçado a quasi trasladar a obra inteira, menciona tambem a abundancia do aljofar e das perolas, aqui notada por Botelho. Citarei sómente as seguintes poucas palavras do cap. xxvii do livro 1: «Quinze legoas de Sofala (escrevê o padre Santos) estão as ilhas das Bocicas ao longo da costa, para a parte do sul. . . No mar d'estas ilhas ha muito aljofar e perolas, as quaes se crião dentro em umas ostras mui grandes, a que chamão madre perola, que andão no fundo do mar em terra de arêa. Os naturaes as pescão de mergulho, etc.» Todo o capitulo merece ler-se. — Mas continuemos a ouvir Botelho.

«Na Butanga, que jaz entre Mambone e Madanda, ha muitas minas de almagre e salitre. Dilatam-se estas minas costa abaixo, e vão morrer em Maxanga e Empara. Aqui ha salinas extensas, e o sal he tão fino e puro, que parece refinado. Extrahe-se não de minas, mas das langoas. . . Langoas chamam elles a huma planicie que desde as praias se vae extendendo pelo sertão dentro, pelas quaes as marês entrão e alastram até irem topar com terras altas, que lhes embargão a passagem. Estas agoas alli estagnadas formam huma alagôa que se conserva por bastantes mezes, até seccar de todo. Estancadas as agoas, convertem-se as lagoas em campos ferteis e apraziveis; mas estas da Maxanga e Empara (isto não acontece em nenhuma das outras) esgotadas que sejam, ficão cobertas de hum lodo salitroso de mais de vara de altura, que depois, calcinado pelo sol, torna-se o mais apurado sal, de que se provêem os cafres, e fazem venda pelo sertão dentro.

«O reino mineral¹ (nos territorios de Sena e Tete, etc.) produz ouro em pó, que pela maior parte é minerado pelos vastissimos sertões do Quiteve, Manica, Muzuzuro, Abûtua, Zumbo, Mexonque e Mano, por estarem esgotadas as nossas terras, que outr'ora forão fertilissimas; mas que todo vem a nosso poder, sabendo-o attrahir por via de bom commercio. Não ha poucas minas de ferro no territorio de Tete, assim como nas terras dos cafres maraves, seus confinantes, do qual fazem diversas obras. Nos sertões de Zumbo, Muizas e Cazembe ha muitas minas de cobre; e em todas as terras da Corôa he tanta a quantidade do salitre, que se o soubessem aproveitar, não haveria esgota-lo.»

Lopes de Lima² dá noticia assás circumstanciada da existencia dos metaes preciosos nas provincias de Angola e Benguella. Resumirei a sua curiosa informação.

No tempo do governador M. Vieira Tovar descobriram-se duas minas de ouro, uma no districto de Golungo, e outra no Bailundo, no sertão de Benguella. Estas minas nunca foram exploradas, mas no mesmo districto de Golungo fez o governador N. de Abreu Castello Branco extrahir, por meio de lavagem, algum ouro de alluvião das margens do rio Lambiji, proximo á missão dos carmelitas. Ha evidentes signaes da existencia de minas de ouro em outros logares, e F. de Mello cita na sua *Memoria* os nomes de dous moradores de Angola que tinham enriquecido grangeando-as. Os avisos regios de 22 de outubro de 1754 e de 24 de dezembro de 1755 provam de sobejo o conhecimento havido das *minas de ouro junto ao rio Lambiji*.

Ha tambem, e são conhecidas, minas de ferro, enxofre, sal, salitre, cobre, carvão de pedra e petroleo.

Fêo Cardoso diz na sua *Memoria* que o ferro é tão frequente, que os negros, sem machinas, usando de processos imperfeitos, o extrahem, preparam e trabalham com summa facilidade, enviando regularmente muitas barras á Junta da Fazenda. Fortunato de Mello, na *Memoria* já alludida, assim se explica: «Nas jurisdicções de Massangano, e do districto de Golungo, ha não só minas de ferro, porém serras de ferro, isto é, serras cujas pedras contêm de ferro mais de metade do seu volume. Os pretos sabem forja-lo: elle he

¹ *Memoria Estatistica*, cap. xvi, pag. 275.

² *Ensaio sobre a Estatistica d'Angola e Benguella*, cap. III, pag. 22 a 30.

de boa qualidade, muito maleavel e macio. D'elle poderia fazer-se um objecto de commercio tanto ou mais extenso do que na Suecia, onde se utilisão todos os meios e nada se desperdiça.»

É sabido que durante o governo de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho (desde 1764 até 1772) se levantou, no sitio chamado Oeiras, um sumptuoso edificio para servir de fabrica de fundição de ferro¹. Esta fabrica acha-se fechada em consequencia de terem fallecido os mestres fundidores e o engenheiro, que tinham sido encarregados da sua direcção.

O *sal mineral* abunda prodigiosamente em Angola. Eis-ahi como Balthazar Rebello de Aragão descreve as famosas minas que o produzem²: «Em a provincia da Quissama da parte do sul do rio Coanza estão humas minas de sal, aonde chamão *Adenda*³, e se os governadores quizessem pôr hum presidio sobre ellas, como já esteve em tempo de Dom Jeronimo de Almeida, foram de muito proveito á fazenda de Sua Magestade, porque sómente com os quintos do sal, que os naturaes da terra tiram, se podiam pagar todos os gastos da conquista: é o melhor dinheiro d'aquelle reino: val cada pedra de sal dois tostões, o qual se tira debaixo do chão em estado (quasi a altura de uma braça) em pedreiras que d'elle ha no dito sitio, que he mais de dez legoas, e todo se lavra ao picão, e corre por diversos reinos por moeda corrente: está afastado este logar doze legoas da costa do mar, e outras tantas do rio Coanza pelo qual se leva aos presidios.»

Fêo Cardoso⁴, fallando da viagem por terra de Angola a Novo Redondo diz: «... n'esta viagem e direcção, se encontrão as celebres salinas de huma qualidade de sal, cujas pedras passão como moeda em todas estas possessões». Ao depois, louvando a utilidade do presidio junto ás minas do sal, accrescenta: «D'este plano resultarão dous beneficios: 1.º Haver n'aquella provincia hum ponto de apoio para facilitar a sua conquista: 2.º Dominarem os nossos a extracção do sal, genero que em todo o paiz é moeda corrente, valendo cada pedra uma macuta, ou 50 réis».

Não é menos abundante o *enxofre*, pois que as minas, desco-

¹ V. a *Memoria* de Fernando da F. M. e Solla, que foi publicada no *Diario do Governo* n.º 463 de 12 de julho de 1838.

² V. o Codice da Real Bibliotheca da Ajuda, de fl. 42 a fl. 45.

³ Paulo M. Pinheiro de Lacerda chama-lhe *Demba*.

⁴ *Memoria*, impressa em Paris em 1825.

bertas no Dombe grande da Quinzamba, terras de Benguella, no governo de A. de Saldanha da Gama (ao depois Conde de Porto Santo) são tão copiosas, que diz Fêo Cardoso que «podem abastar toda a Monarquia Lusitana», e, especializando uma d'essas minas, observa que «o pouco que ha sido examinada é sufficiente para provar ser uma das mais consideraveis e ricas que se conhecem, e de uma simplicidade tal de trabalho, que se achão veios de enxofre puro, de grande extensão e largura, sem ganga, proprio para a maior parte dos usos ordinarios, sem preparação prévia: a grande porção que se tem d'alli extrahido he por meio de excavações feitas á superficie».

Fortunato de Mello confirma esta noticia. «No Dombe grande de Benguella (escreve elle¹) tira-se enxofre puro em grande quantidade: he huma das mais ricas minas d'elle conhecidas. Ainda quando se julgue preciso refina-lo, como elle sahe quasi puro, o abatimento he muito insignificante. Sabe-se quanto pôde render este ramo de commercio, que por si só faria um objecto remarcavel d'exportação para este reino».

Tambem o *cobre* é muito commum em toda esta região, principalmente nos sertões de Encoge e Bailundo, e na costa ao norte de Benguella. Em 1808 o capitão ajudante d'ordens, Luiz Antonio d'Abreu e Lima (hoje Conde da Carreira) enviado pelo governador A. de Saldanha da Gama, a complimentar S. A. R. pela sua feliz chegada ao Rio de Janeiro, entre outros objectos, que foi encarregado de apresentar ao Soberano, levou 55 *barras* de cobre havidas do interior.

Já no tempo da primeira conquista de Angola eram conhecidas as minas de cobre das montanhas de Pemba na margem do Ambriz. Estas minas haviam sido offerecidas por el-rei do Congo á corôa de Portugal nos fins do seculo xvi, como relata Balthazar Rebello de Aragão².

Outras minas de cobre foram descobertas por Manuel Cerveira Pereira, em 1620, em territorio portuguez, umas trinta leguas ao norte de Benguella, á margem do rio Cubo, cinco leguas acima

¹ *Memoria*, escripta em julho de 1837, e publicada no *Periodico dos Pobres de Lisboa*, n.º 193, de 1838.

² V. a Collecção ms. já citada da Real Bibliotheca da Ajuda, de fl. 15 a fl. 16 v.

da sua foz. Na relação ms. de 1622 em que se narra a conquista de Benguella, e que se conserva na collecção da Real Bibliotheca da Ajuda de fl. 33 a 39 v. acham-se os pormenores d'esta descoberta. Ahí se diz que: «Manuel Cerveira, chegando ás minas, allí mandara cavar por uns negros seus que não erão muitos, e tirou a frol da terra tres quintaes de pedra de metal, que tem mandado a Sua Magestade».

Tão pouco allí falta o *salitre*. Balthazar Rebello de Aragão, na já mencionada relação das cousas de Angola, onde dá noticia das minas de sal da Quissama, descrevendo o Coanza, diz: «Pello meio d'este reino (de Angola) desce o rio Coanza, rio mui caudaloso e que todo o anno se navega até á fortaleza de Cambambe que está no fim d'elle, não que até agora lhe saibamos ter fim, mas porque d'aqui para cima não se pôde passar por respeito da grande cahida que faz a agoa, a qual he tão grande que do fumo e vapor que faz a agoa, e de si lança para o ar, se faz n'elle huma espessa nuve de nebrina, a qual tornando a descer, sendo a agoa do rio excellente, esta se converte *em fino salitre* pellos penhascos do dito rio.»

Fortunato de Mello escreve na *Memoria*, já por vezes citada: «*Salitre*. — No districto de Golungo ha terra salitrosa, de que pela simples lavagem, methodicamente feita, se tem tirado centos de arrobas de muito bom salitre. Este ramo é de consideração, e pôde render muito com pouca despeza, com certeza de que não é preciso irem d'aqui as tinas de fundo falso de crivo: as de que allí se usa são muito boas para o effeito que se deseja que produzam».

O governador Nicolau d'Abreu Castello Branco, durante o seu governo (de 1824 a 1829) remetteu para Lisboa varias porções de salitre, e tem continuado a ser tambem remettido por conta de particulares. Em fim, junto ao porto de Quicombo, ao sul do presidio de Novo Redondo, descobriu-se nos ultimos tempos uma nitreira sobremodo productiva.

Ha não menos o *petroleo*, cujas fontes são desde muitos annos, conhecidas nos môrros de Libongo sobre o Dande. Chamavam-lhe *breu*, e n'esta qualidade tem sido empregado ha largo tempo na querena dos navios. Vieram amostras por vezes para a metropole, e já em 1767 enviou 49 barris o governador D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho. Em 1820 o governador Manuel Vieira d'Albuquerque Tovar remetteu 34 tinas de petroleo para o Rio de

Janeiro. Ora o petroleo suppõem o carvão de pedra, e o dr. Lang, que foi mandado explorar (em 1839) as indicadas fontes, reconheceu a existencia de varias minas de carvão de pedra «ainda que, diz elle na sua *Memoria* ou *Relatorio*, he raro o carvão de pedra apparecer á luz, e se não me engano, conhece-se um só lugar onde por qualquer movimento de terra huma camada de giz foi levantada, e se apresenta á vista com o carvão que fica debaixo d'ella.» Não é preciso encarecer de quanto valor tem de ser para Loanda a mineração d'este precioso combustivel, notando-se particularmente a facilidade do transporte do famoso mineral para os depositos da cidade de S. Paulo, escala natural de larguissima navegação.

Tambem o dr. Lang declara ter achado a *pedra calcarea*, propria para a calcinação, de que se fabricava em Angola, desde 1761, cal mineral. E igualmente achou *pedra lioz* fina, e em grande quantidade. O *gesso* vindo de Mossamedes é apreciado em Lisboa como de superior qualidade.

Ácerca das minas de *estanho* não póde ser de nenhum modo duvidosa a sua existencia, pois que se vê com frequencia nas mãos dos indigenas do sertão.

De proposito me tenho detido com este assumpto, porque o dr. Livingstone parece empenhado em fazer acreditar que os portuguezes, tendo-se limitado ao trafico da escravatura, pouco ou nenhum conhecimento possuem das riquezas naturaes do opulentissimo solo de uma e outra Africa: e é por esta mesma razão que, não contente dos esclarecimentos aqui dados, em nota accrescentarei outros, para os quaes chamo a attenção dos leitores, que sem duvida folgarão de poder alli acha-los¹.

O dr. Livingstone demasiadamente ha manifestado não só o pensamento a que obedece, mas tambem os secretos intentos de que ou é auctor, como ás vezes parece gloriar-se, ou é de bom grado efficaz instrumento. O famoso viajante inglez diligencêa fazer acreditar que os portuguezes nada tem trabalhado, nem na Africa occidental, nem na Africa oriental, a bem da humanidade, nem no proveito commum dos povos civilizados. Vai mais longe, pois que nos representa como descurando inteiramente a agricultura, a industria, as artes e as sciencias, e como que poderia até dizer-se,

¹ V. a Nota 21.^a

a religião, a justiça e a honestidade, e só cuidadosos de fazer de rapido grandes e avultados lucros, mediante quasi exclusivamente o abominoso trafico da escravatura. E a que fim? Já não póde haver perigo de arriscar na resposta algum juizo, que possa com razão ser taxado de temerario. O fim do dr. Livingstone é caminhar por estas veredas tortuosas á realisação do pensamento que o obriga, a usurpação de todo ou pelo menos de parte do territorio sujeito ao dominio portuguez em uma ou outra Africa.

É este o fim do dr. Livingstone, e são aquelles os meios por elle empregados. Porém um falta a mencionar, que para aqui reservei por ser com elle que por ultimo tem o missionario inglez pretendido reforçar todos os demais, e é dar por fóra de duvida, e sem hesitação assentado, que o governo portuguez e os seus delegados, quer superiores quer subalternos, carecem da necessaria auctoridade e força para haverem de manter a cada qual o seu direito, para se fazerem obedecer, e para conseguirem que as leis e ordens da metropole hajam inteiro cumprimento. Quem é que póde equivocar-se com a verdadeira significação de phrases, que não podem traduzir-se de outra sorte logicamente? Ninguem de certo. Eis-ahi a razão por que Livingstone, que não deixa intentado nenhum recurso de que se lembra de lançar mão para enfraquecer, e, se for possivel, acabar com a nossa força moral entre os indigenas, que, por este modo animados, acaso se tornarão instrumentos doces de alguma empreza de maior atrevimento e alcance, procura ao mesmo passo persuadir na Europa que, não é senão nominal o dominio portuguez em uma e outra Africa. N'este caso a conclusão é obvia: Faltos de força moral, e faltos de força material, os portuguezes só podem ser em Africa estorvo a que se transformem, como é tanto de desejar e desejado, aquellas regiões tão ricas e tão vastas, e obtenha d'ellas a Europa e o mundo as vantagens que lhes devem proporcionar; e portanto é de rasão, é justo, é necessario que outro poder mais alto se levante, o qual realise o que não só não fazem, senão tolhem que se faça os portuguezes. É este o raciocinio do dr. Livingstone, que, se não apparece com esta clareza formulado nas suas paginas, alli está comtudo logica e inevitavelmente.

É verdade que os factos contradizem do modo mais cabal o missionario inglez, e que são contra elle, e contra a sua ousada e injusta pretenção, barreira insuperavel; porque representam a som-

ma accumulada dos longos, perseverantes e arduos trabalhos da conquista, da evangelisação, das investigações aventurosas, do trato e correspondencia para vantagem reciproca, e das particularisadas informações ácerca de tudo em que mais podem interessar as emprezas de commercio, não dos portuguezes sómente, senão de todos os povos. E não foi o proprio Livingstone, que, n'um momento em que não poderam ruins paixões abafar-lhe o brado da consciencia, ergueu alto a voz, e prestou rendida homenagem aos serviços feitos pelos portuguezes a bem da instrucção dos povos e da agricultura, e de muitos outros aperfeiçoamentos sociaes? Não se confessou maravilhado, e não proclamou os missionarios jesuitas e capuchinhos benemeritos, dignos da boa memoria, que de si deixaram, e lhes sobreviveu gloriosa? Entretanto se não padece duvida o haverem de ser tidas effectivamente por vãs e traiçoeriras as insinuações de Livingstone, e absolutamente destituídos de fundamento os seus intentos ambiciosos, comtudo nem por isso deixa de ser certa a enormidade da injustiça por elle praticada; injustiça tanto mais indesculpavel quanto menos pôde hesitar-se em reconhecer que foi preciso ao missionario inglez, para lhe dar alguns longes sequer de congruencia, fazer força a si mesmo, contradizer-se de modo vergonhoso, falsear os factos, e mentir á verdade.

Não negarei eu por certo, absolutamente fallando, que mais podesse ter feito, no decurso dos tempos, o governo de Portugal em proveito e maior vantagem dos povos africanos e da metropole; porém tambem não occultarei que, tendo feito muito anteriormente ao dominio castelhano, talvez nenhuma outra nação fizesse ao depois mais ou melhor, tendo-se em conta as repetidas e difficeis vicissitudes por que havemos passado. Só profunda ignorancia das cousas das nossas possessões em uma e outra Africa pôde affirmar o contrario. Se de perto se averiguar, ha de achar-se necessariamente que nos são conhecidos todos os productos naturaes de maior valia, que nos seus vastos e variados territorios encerram as differentes regiões em uma e outra Africa; nem Livingstone, ou algum dos derradeiros viajantes, comquanto destinando-se quasi exclusivamente a investigar as riquezas d'aquelle opulento solo nos seus diversos ramos, ha feito descobertas que, n'este ponto, sejam para ter em maior conta do que as dos portuguezes.

Note-se porém que não foi só ao mero acaso, nem só tão pouco á simples curiosidade dos commerciantes, quando corriam e cru-

zavam o interior e os sertões d'Africa, ou á cubiça dos naturaes no empenho de haverem objectos de permutação e resgate, que se deve a copia das noticias havidas pelos portuguezes; senão e muito particularmente ao governo da metropole, que se mostrou sempre cuidadoso de dar a este respeito recommendadas instrucções aos seus delegados, e alli enviou por vezes mineralogistas, botanicos e outros homens especiaes, com o expresso e declarado fim de tornar conhecidas em toda a parte as tão variadas riquezas africanas, e de proporcionar ao commercio copiosa materia resgatavel. Se a authenticidade d'estes factos não pôde ser contestada, que valor hão de ter aos olhos do homem esclarecido as declamações insustentaveis do dr. Livingstone? Servem tão só para manifestar ou a sua ignorancia, ou a sua má fê, por accusar os portuguezes do que não existe razão fundada para que ninguem possa argui-los.

Terei sem duvida de repellir ainda outras arguições não menos ou antes por acaso mais graves, que são feitas aos portuguezes pelo dr. Livingstone; mas, reservando-me para responder, como tenho feito, em logar proprio e opportuno, posso desde já affirmar que nenhuma tem mais solida base do que todas quantas até agora por elle foram apresentadas, e das quaes não tenho nunca deixado de fazer-me cargo, nem de as apreciar condignamente. Por esse motivo, e pelas julgar em outra parte melhor cabidas, omittirei as considerações respectivas ao argumento a que tenho alludido, e que serve de alicerce a toda a trabalhosa fabrica architectada pelo dr. Livingstone, para justificar a usurpação, que tanto parece ter a peito, do dominio exercido pelos portuguezes desde tantos annos na Africa oriental.

CAPITULO XI

A injustiça das pretensões do dr. Livingstone confirmada — Os portuguezes tinham realisado, anteriormente ao dr. Livingstone, a viagem pelo interior d'Africa de uma á outra costa — O governo portuguez promoveu toda a sorte de investigações em proveito commum da sociedade — Reparos do dr. Livingstone — Existencia do Zambeze no interior do continente africano — Nascente do Zambeze segundo os antigos mappas portuguezes — Improcedencia das razões do missionario inglez — Vinda de Caetano Pereira e de Lacerda á cidade do Cazembe — Averiguação do dr. Livingstone — Consequencia illogica por elle deduzida — Logar notavel das viagens do missionario inglez — Pedro João Baptista e Anastacio José — Nenhum europeu, segundo o dr. Livingstone, completou antes d'elle a viagem de costa a costa — Pedro João Baptista e Anastacio José eram portuguezes — Graça e outros portuguezes no Matiamvo — Ambiguidade suspeita de Livingstone — Insistencia desarrazoada — As suas conclusões não podem ser acceitas — Contradições do dr. Livingstone com os factos, e com o que elle proprio dá por sabido e sem duvida — Mais dois logares da obra do dr. Livingstone — O chefe Monza — A reunião das pessoas principaes de Tete, e declarações alli feitas — Observação — Conclusão geral do dr. Livingstone, que os portuguezes nada conheciam do interior do continente africano — Falsidade d'esta proposição demonstrada pelas informações dos nossos escriptores e viajantes — E pelos documentos historicos e documentos officiaes — E pelo mesmo dr. Livingstone — Cardonega, logar extrahido da *Historia das Guerras Angolanas* — *Memoria* sobre a viagem da Costa d'Angola á costa de Moçambique, por José Maria de Lacerda, preliminar á relação da viagem do dr. Lacerda — Projecto de descobrimento — Breve descripção geographica do sertão de Benguella — Noticia dos usos e costumes, religião, productos do paiz — Vantagens de realisar-se a communicação interna — Opinião de ser o Zambeze o mesmo rio que o Cuenene — Paiz comprehendido entre Caconda-Nova para o N. até ao rio

Aco — O que provam as informações dadas por J. M. de Lacerda — O dr. F. J. de Lacerda e Almeida encarregado do descobrimento da communicação entre as duas costas — Esclarecimentos por elle sollicitados e obtidos — Resumo d'estes esclarecimentos ou noticias — Officio ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho com informações ácerca do interior da Africa — Gonçalo Caetano Pereira — Noticias dadas por Manuel Caetano Pereira, commerciante, que se entranhou pelo interior d'África — As terras do rei Cazembe — O rei Cazembe — Tratamento e estado do Cazembe — Propostas do rei Cazembe — Depoimento do Bendasio do Cazembe — Depoimento d'um cafre Muiza — Conclusões — Instrucções dadas pelo dr. Lacerda para o caso de fallecer durante a viagem — O dr. Livingstone, segundo parece, ignorava estes e outros documentos — A ignorancia não auctorisa — O *Diario* da viagem do dr. Lacerda ao interior d'África — Quadro sobre modo curioso traçado pelo dr. Lacerda — *Diario* do padre Francisco João Pinto, que depois da morte de Lacerda commandou a expedição — Não de tanta curiosidade este *Diario*, mas não de menos valia que o do dr. Lacerda — Observações — A carta do governador dos Rios de Sena C. P. de Azevedo ao Conde das Galvêas — Este documento é digno de ser tido em muita conta — O *Diario* de Pedro João Baptista das terras de Angola ao Cazembe — Informações — Breve extracto de um logar do *Diario* — Segunda parte do *Diario*, ou *Roteiro* de Pedro João Baptista do Cazembe a Tete — Perguntas do governador de Tete a Pedro João Baptista — Respostas — Carta do Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa entregue por P. J. Baptista ao Governador de Tete — *Roteiro* da viagem de P. J. Baptista de Muatahianvo ao Rei Cazembe Caquinhata — *Lembrança* de P. J. Baptista de varios successos das suas viagens — Noticias e observações — Injustiça do dr. Livingstone com respeito a P. J. Baptista — Considerações de momento — Escolha das auctoridades superiores e demais empregados officiaes do ultramar — Censura do dr. Livingstone — Brioso proceder de P. J. Baptista — O descobrimento da communicação pelo interior entre costa e costa, foi serviço havido em muita consideração — Recompensas concedidas pelo Soberano de Portugal — Excessiva precipitação do injurioso ajuizar do dr. Livingstone — O dr. Livingstone medindo pela côr o merecimento de P. J. Baptista, e não querendo que se tenham em conta de homens, que elle quer considerar, e appellida escravos — Documentos que attestam o muito apreço em que foi tido o descobrimento feito por P. J. Baptista.

Quando se lê e reflecte com madureza no que escreveu o dr. Livingstone, quasi que não é possível não formar conceito de ter sido seu especial empenho o fazer acreditar que, precedentemente á sua viagem no interior do continente africano, pouco ou nada d'elle se sabia, e que os portuguezes ignoravam acaso de todo o ponto os povos e territorios percorridos pelo notavel missionario. Esta pre-

tenção de Livingstone sobre ser em demasia ambiciosa, está longe de poder considerar-se de modo algum assás fundamentada. Acabo de ter occasião de assim o advertir e demonstrar; e agora espero leva-lo á evidencia não só em geral com respeito áquella pretensão desarrazoada, senão em particular com respeito á asserção de que não tinham os portuguezes realisado a viagem e communicação pelo interior d'África de uma á outra costa, e não menos á arguição de que descurára o governo portuguez mandar fazer no interior de Africa as investigações, d'onde tão grandes vantagens haviam de provir a bem das sciencias, do commercio, e geralmente da sociedade. Do que por vezes tenho observado ao tratar algumas questões suscitadas pela inexactidão pouco benevola de Livingstone, quasi que podéra reputar preenchido o meu empenho; porém é de tanto momento este ponto por interessar n'elle a verdade historica e a gloria do nome portuguez, que não será de certo estranho para ninguem o dar eu a esta averiguação maior largueza.

Antes de tudo tomemos nota dos reparos do dr. Livingstone. N'estes debates o methodo é tão essencial, como a ordem na exposição dos factos, ou o rigor na deducção dos argumentos.

O dr. Livingstone, fallando do descobrimento por elle feito do Zambeze no centro do continente africano, accrescenta: «Este ponto era importante, porque *não se sabia anteriormente* que existisse alli aquelle rio. Os mappas portuguezes representam a sua nascente muito mais para leste do que nós nos achavamos; e, se houvesse existido outr'ora cousa que similhasse uma serie de postos commerciaes ao través do paiz entre as latitudes 12° e 18° S., esta magnifica porção d'aquelle rio (Zambeze) deveria ter sido conhecida ha muito tempo¹.» — Já fiz ver a improcedencia das duas razões em que Livingstone basêa o seu asserto²: por demais fôra sem duvida o aqui repetir-me.

Em outra parte³ declara Livingstone que inquirira alguns velhos ácerca da vinda de Pereira e de Lacerda á cidade do Cazembe, e que lhes dissera um d'elles — que tinha ouvido fallar muitas vezes dos homens brancos, porém que nunca os tinha visto; que um branco, que viera ao Cazembe, sendo elle ainda moço, não entrara

¹ Chap. iv, pag. 90 e 91.

² V. no Cap. ix.

³ Chap. xvii, pag. 305.

nas terras onde agora Livingstone se achava. Também já, como se recordarão os leitores, fiz referencia a este lugar, e não tenho por necessario notar que facilmente se haverá por excessiva a exigencia de que o viajante haja estado presente, e tenha por conseguinte sido visto em todos os districtos, e em todas as povoações de cada um dos districtos de que se compõem os territorios por elle visitados. A haver de manter-se, como parece requerer o dr. Livingstone, exigencia tão desarrazoada, teriamos bom fundamento para negar o ter elle mesmo atravessado o continente africano.

O seguinte logar de Livingstone o trasladarei integralmente, porque o seu assumpto entra de modo especial no debate agora encetado: «Os negociantes de Cassange (escreve o dr. Livingstone¹) fazem consideravel commercio com todos os territorios convizinhos por via dos traficantes nativos aos quaes dão o nome de «Pombeiros». Dous d'estes, chamados na historia d'Angola «mercadores pretos» (os feirantes pretos), Pedro João Baptista e Anastacio José, tendo sido enviados pelo principal negociante portuguez que vivia em Cassange, voltaram de algumas possessões portuguezas na costa oriental com cartas do governador de Moçambique no anno de 1815, provando, como se observa, «a possibilidade da tão importante communicação entre Moçambique e Loanda». Este é o unico exemplo de naturaes subditos portuguezes que atravessassem o continente. Nunca nenhum europeu completou esta viagem, comquanto este facto tenha sido ultimamente citado como sendo aquelles homens «Portuguezes». Adiante accrescenta²: «O sr. Graça e alguns outros portuguezes visitaram este chefe (Matiamvo) por varias vezes; porém nenhum europeu reside alem do Quango: é contrario á politica do governo de Angola consentir que os seus subditos penetrem pelo interior das terras dentro». Peço que se tome nota da ambiguidade da phrase, a fim de não se inferir, como acaso quiz Livingstone, que o governo portuguez pretende que o interior do continente africano perdue sem fim mysterio impenetravel.

Como vimos³, quando foram feitas algumas observações á pomposa descripção que nos dá Livingstone da catarata Mosioatunya, alli elle afirma, e repete intencionalmente, que elle e Mr. Os-

¹ Chap. xxii, pag. 435.

² Chap. xxii, pag. 436.

³ V. no Cap. ix.

swel *estavam persuadidos* de serem os primeiros europêos que visitavam o Zambeze no centro das terras. Tenho para mim que, o que fica dito no logar alludido, de sobejo esclarece este ponto, e rebate a instancia maliciosa do missionario inglez.

Sempre com o pensamento fixo na mesma idéa, não cessa o dr. Livingstone de tornar ás suas injustas pretensões, escrevendo¹: «Se, como se tem affirmado, os portuguezes tivessem tido em algum tempo uma serie de postos commerciaes através do interior de Caconda a Tete, deveriam ter passado por estes povos; mas a total ignorancia de correr o Zambeze do N. ao S. no interior das terras, a falta de conhecimento das admiraveis cataratas de Victória (Mosioatunya), que movem a espanto os mesmos naturaes, e a carencia de tradição da serie dos alludidos postos commerciaes, faz-me acreditar que estes existiram no papel sómente. Este convencimento é reforçado pelo facto, pois que, quando ultimamente se tentou reclamar a honra de ter sido atravessado o continente pelos portuguezes, a unica prova apresentada foi a viagem de dous commerciantes negros, já mencionados, que se enfeitaram com o nome de «portuguezes». Se tivesse existido uma serie de postos commerciaes, alguns centos de nomes poderiam ter sido similhantemente apresentados; e é tal o amor do ganho entre todos os africanos centraes, que a ter existido um mercado para o marfim, ter-se-ia tornado conhecido o valor d'este, e até o das sepulturas dos chefes não teria escapado».

Tive occasião de citar n'outra parte, como se vio, este logar de Livingstone, de explana-lo, e de demonstrar que não podem ser acceitas as conclusões do celebre missionario, porque, dando por assentado o que se debate, affirma o que suppõem; e ainda não contente, reforça a supposição que quer lhe accitem como argumento, contradizendo não só os factos geralmente conhecidos, senão o que elle mesmo tinha dito e asseverado ácerca da veneração guardada em toda a cafraria ás sepulturas. Entretanto reproduzi este e outros logares já conhecidos, por me parecer assim conveniente, como em breve se conhecerá; mas antes d'isso recordemos ainda outros dous logares de Livingstone, ambos os quaes todavia já foram apreciados.

¹ Chap. xxvi, pag. 518.

Eis-ahi o primeiro :

«Passámos o dia na aldêa de Monza, que é considerado chefe de todos os Batokas. . . A distancia (S.E.) vimos cordilheiras de sombrias montanhas ao longo das margens do Zambeze, e nos disseram que havia alli um salto chamado Cansala, o qual affirmam impedir a navegação. . . Cansala é o unico salto até chegarmos a Quebrabaça, vinte a trinta milhas acima de Tete. Ao norte appareciam montanhas no horisonte, as quaes se nos disse estarem imminentes ás margens do Cafue. . . Monza nunca fôra visitado por nenhum homem branco, mas tinha visto commerciantes nativos¹ pretos, que, disse elle, vinham buscar marfim, e não escravos. Ouvira fallar de homens brancos, que passavam em distancia, ao nascente da sua aldêa, para Cazembe, fazendo sem duvida referencia a Pereira, Lacerda e outros, que tinham visitado aquelle chefe.»

Eis-ahi o segundo²:

«No dia da minha chegada (a Tete) fui visitado por todos os cavalheiros da terra, brancos e de côr, incluindo o ecclesiastico. Nenhum d'elles tinha idéa alguma do logar onde se encontra a nascente do Zambeze. Mandaram chamar os nativos que mais tinham viajado, mas nenhum d'elles conhecia o rio (Zambeze) nem até Cansala. O pae de um dos rebeldes, que tinham combatido contra elles (moradores de Tete), viajara largamente para o sudoeste, e ouvira fallar da nossa visita ao lago Ngami: porém, como todos os outros, ignorava igualmente que o Zambeze corresse no centro do paiz. Comtudo tinham mais conhecimento do que eu das terras ao norte de Tete. Um homem que tinha ido ao Cazembe com o major Monteiro, declarou que vira o Luapura ou Loapula, correndo da outra parte da cidade para o Luameje ou Leembye; porém julgava que este corria, por qualquer parte que fosse, para Angola. O facto de serem vistos alguns rios, como este, correndo para o centro do paiz, levou os geographos a suppor que o interior da Africa era composto de consideraveis planicies de arêas, para as quaes os rios correm, e onde se perdem.»

Não me detenho com as observações, que suscitam ambos estes

¹ Nas nossas possessões d' Africa chamam-se *nativos* os descendentes de europeos, asiaticos e indigenas, ainda em grão muito affastado; e igualmente os filhos de europeos nascidos no paiz.

² Chap. xxxi, pag. 640.

logares, porque se comprehendem nas que estão já feitas e acaso repetidas. Comtudo não deixarei de notar que quem ler com reflectida attenção todo o logar d'onde é tirado o breve trecho que transcrevi antes d'este que acaba de ler-se, recordando-se ao mesmo tempo do que fica observado com referencia á catarata Mosioatunya, não pôde deixar de deduzir uma inferencia inteiramente contraria á que pretende Livingstone. Não padece isto duvida nenhuma, porque não pôde deixar de offerecer-se-lhe para logo o argumento de que navegando os portuguezes desde muitos annos o Zambeze até Zumbo, e conhecendo pelo interior os territorios, que d'ahi para cima elle vai atravessando, e não só até Cansala, porém ainda para alem de Cansala, o que se demonstra á evidencia pelo que d'esses territorios escreveram com o padre Santos, na sua *Ethiopia Oriental*, todos os demais auctores portuguezes, que se occuparam das cousas d'Africa, era consequencia forçosa o terem conhecimento do curso e direcção do Zambeze até á catadupa Mosioatunya, ou catarata Victoria, como a denominou Livingstone, e ainda porventura d'ahi para diante.

Deixando porém esta e outras observações, que podiam ser acrescentadas ás que tem sido feitas, venhamos á conclusão geral, que temos a inferir das pretensões do dr. Livingstone, insinuadas nos logares que deixo indicados e transcriptos, e de outros, d'onde me seria facil tirar excerptos semelhantes. E qual é essa conclusão? É, e não pôde ser outra senão que, se houvessemos de acreditar o viajante inglez, os portuguezes pouco mais teriam sabido do continente africano até á viagem por elle executada a titulo de missionario, mas sem duvida nenhuma no interesse de considerações muito outras, do que tinham sabido poucas semanas depois que, pela primeira vez, percorreram a costa maritima de uma e outra Africa. Terá razão o viajante inglez? Quasi é inutil o dizer — não; mas, para acabar com hesitações, repetirei — não, mil vezes não. Demonstrarei o meu enunciado, e, a fim de que a demonstração haja de sahir acabada, consultemos os nossos escriptores e viajantes, que nos deram noticia das cousas relativas ao interior d'Africa antecedentemente ao conhecimento d'esta famosa região havido pelo dr. Livingstone; consultemos os monumentos historicos, e

¹ Part. I, cap. v, pag. 36.

os documentos officiaes; e não nos esqueçamos de comparar com-sigo mesmo o dr. Livingstone.

Antonio de Oliveira Cardonega assim se explica na *Historia das guerras angolanas*¹: «Foi tambem dando ordem o governador (Manuel Cerveira Pereira) á boa direcção do seu governo, attendendo assim ao da guerra como ao politico. Como tão experimentado em todas as materias, determinou de fazer maiores empresas, conformes ao seu animo, para o que resolveu fazer a conquista do reino de Benguella, ou tambem por ordem que para isso traria ou lhe viesse do nosso reino de Portugal, e tratou de se aviar de tudo que lhe era necessario para aquella nova conquista, alistando muita gente portugueza... Estando prestes, e deixando por seu logar-tenente em a Villa de S. Paulo de Loanda a João de Veloria... Com cabos e guarnição bastante de infantaria partio com o poder necessario para a conquista d'aquelle reino de Benguella, onde teve grandes batalhas e recontros com sovas muito poderosos de gentio muito bellicoso... sabindo de tudo com feliz successo; e vendo ser necessario fazer fortaleza, para conservação d'aquelle reino, o pôz por obra...» E quaes eram as *maiores empresas* de Manuel Cerveira Pereira, de que falla Cardonega, para realizar as quaes determinou fazer a conquista do reino de Benguella, e levar a guerra até ao interior do sertão? Era o descobrimento da communicação com a contra-costa: e é por isso que Balthazar Rebello de Aragão, um dos mais esforçados capitães de Manuel Cerveira Pereira, que tomara com elle parte na conquista de Benguella, renovou a tentativa, sendo governador d'Angola D. Manuel Pereira, penetrando com força respeitavel no sertão dos Moluas, d'onde teve de retroceder, menos por causa dos obstaculos que se lhe oppunham, do que por haver de acudir á fortaleza de Cambambe, que, sobresaltada pelo gentio inimigo, corria então grave risco².

Na *Memoria*, a que por vezes tenho alludido, *sobre a viagem da costa d'Angola á costa de Moçambique*, por José Maria de Lacerda³, e por elle dirigida ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, *Memoria* que o sr. Marquez de Sá da Bandeira, nas *Notas* que lhe addicionou, considera como um preliminar á relação da viagem

¹ Parte 1, cap. v, pag. 36.

² *Ensaio sobre a Statistica d'Angola*, por L. de Lima, introd., pag. 32.

³ Esta *Memoria* não tem data, mas parece ter sido escripta em 1794 ou 1795.

feita pelo dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, de Tete ao Cazembe, em 1797, e que mereceu áquelle ministro a maior consideração, como provaram os factos subseqüentes, lemos os seguintes periodos, que vem frisantemente ao nosso ponto¹: «Estas reflexões, que ha muito se revolviam no meu acanhado espirito, agora se avivaram com a noticia, para mim agradável e gostosa, de que v. ex.^a animado de um verdadeiro patriotismo, projectava o descobrimento do resto do grande sertão, e do paiz desconhecido de Benguella, e a communicação por terra das duas costas oriental e occidental dos vastissimos dominios do reino de Angola... *Eu sei que esta empreza já tem sido intentada* por differentes generaes e governadores... É necessario dar uma breve descripção geographica do sertão, e uma geral noção dos seus habitadores, dos seus costumes, do seu character, do seu governo, e dos sentimentos de que se acham animados geralmente a respeito dos brancos, de quem sempre desconfiam; dizer alguma coisa das suas copiosas e excellentes producções, da sua religião, das notaveis consequencias e vantagens para o commercio e para a corôa, d'este descobrimento, e ultimamente dos meios praticos e faccis de elle poder effectuar-se.

«Confina o vasto e fertil sertão de Benguella pelo N. com o de Angola, e é dividido pelo rio Aco, perto do presidio das Pedras de Pungo Andongo, e pelo S. limita no paiz dos Hottentotes, muito alem de Cabo Negro. Para L. elle se estende até ao de Moçambique e rio de Sena, com perto de quinhentas leguas, havendo n'uma e n'outra costa boa porção de terreno conhecido e tratavel, de que depois hei de fallar.»

Continua a curiosa noticia promettida dos usos e costumes, religião, productos do paiz, e das vantagens de realizar-se a communicação intentada; e, depois de fallar da necessidade de investigar até á nascente o rio Zambeze, que o auctor chama Sena, e que sustenta ser o mesmo que o Cúene, não sendo este senão a continuação d'aquelle, assim prosegue: «Como o fim d'esta empreza é a communicação das duas costas, e facilitar por terra o commercio de Benguella e sertão occidental com Moçambique e sertão oriental, parecia conveniente e acertado pôr diante dos olhos o terreno

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.^a serie, pag. 488, e Nota A, pag. 205.

conhecido, a fim de se perceber com evidencia o que resta para o descobrimento projectado.

«Em todo o Nano, que vem a ser todo o paiz comprehendido entre Caconda Nova para o N. até ao rio Aco, os sovas principaes são: os de Bailundo, de Ambo, de Quiaca, de Quitata e o de Galangue, alem de uma infinidade de sovetas seus subordinados. No sertão inferior e para o S., estão os poderosos sovas de Quilengues, de Quipungo, de Gambos e de Avila, ou o formidavel Canina, que estende os seus dominios pelo vasto continente dos Cobaes, Mocoanhocas e Mocorocas, habitantes do Cabo Negro, até aos Hottentotes, que já foram seus vassallos, e que por negligencia dos seus ambas (ou sovas) sacudiram o jugo do Canina. Muitos outros sovetas e potentados ha tambem n'este sertão, sujeitos aos quatro mencionados. De Benguella para o N., pelo caminho de Quissanga, atravessando Bailundo até ao rio Aco, contamos oitenta legoas, pouco mais ou menos, de sertão conhecido e vassallo da corôa portugueza. De Benguella para o S., pelo caminho de Quilomata, Lom-bimbe, Quilengues, Bemby, Quipungo e Gambos, até ao Humbe, dividido pelo grande Cunene, temos cem legoas seguras, e tambem *vassallas*. De Benguella, atravessando pelo meio d'estes dous sertões, e andando para L. pelo caminho de Sâpa Janjâla, Caconda Nova, Monhembas, Galangue e Obiê, paiz regado todo pelo util e bem conhecido rio Coanza, temos cem legoas, e d'este rio até ao sova de Levar¹ ha de haver oitenta legoas, de paiz pacifico e bem trilhado por alguns dos sertanejos, a quem os habitantes tratam bem, e com os quaes fazem commercio interessante. É moderna esta descoberta, e devida inteiramente á diligencia dos moradores do sertão, que tiveram talvez adiantado o seu commercio e o seu descobrimento, se tivessem sido auxiliados. Temos pois de Benguella

¹ «O paiz, a que o auctor chama Levar, é o mesmo a que Botelho de Vasconcellos dá o nome de Loval. Segundo ambos, o caminho para elle passa pelos seguintes logares—Balundo—Bihé—e rio Coanza: differem porém muito quanto ás distancias. José Maria de Lacerda conta de Benguella ao Coanza 100 legoas, d'este rio a Levar 80, somma 180. Botelho diz que ha de Benguella ao Coanza 148, d'este rio a Quinhama, residencia do Sova do Loval, 191, somma 339. Addicionando estas duas contas, e dividindo por dois, seria a distancia media de Benguella ao Coanza 124, d'este rio ao Loval 135, total 260. Este paiz, que Botelho diz estar situado ao sul dos Moluas, parece dever achar-se a sudoeste do Cazembe.»

(Nota do sr. Marquez de Sá da Bandeira.)

para dentro, ou caminhando para leste, boas cento e oitenta legoas e sertão trilhado e conhecido, e da parte de Moçambique, e da costa oriental, se acham descobertas cincoenta legoas com pouca differença; e sendo quinhentas o total, restam apenas duzentas e setenta a descobrir.

«É portanto mais facil, do que talvez se julga, este descobrimento, não só pelo que pertence ao sertão desconhecido, mas tambem pelo que respeita ás despezas e aprestos necessarios. Porque alguns instrumentos mathematicos, e quem saiba usar d'elles, para se tomarem as dimensões e altura da derrota; quatrocentos homens (talvez menos) resolutos, valentes, sujeitos, e bem armados, e suas peças de campanha com as devidas munições de guerra, é quanto basta para se obstar a qualquer intentado insulto. Porque deve ser maxima inalteravel d'estes gloriosos campeões, que o nome da oliveira é só quem ha de apparecer na sua frente, sem jamais fazerem luzir a espada senão no ultimo extremo, e depois de exauridos todos os meios de mansidão, de bom modo, de dissimulação e de paciencia em algum encontro menos attencioso ou descortez. A experiencia me ensinou que se lucra mais com estes barbaros, fazendo-se-lhes alguns presentes ou mimos diminutos (de que a seu tempo tratarei), soffrendo e disfarçando ao principio alguns insultos leves, com as mais reiteradas protestações de amizade do augusto soberano que lá os manda a este fim, e que bem poderá castigar qualquer atrevimento, do que vindo logo ás do cabo, como dizem, rompendo com elles, e frustrando assim de certo a empresa começada, pondo o sertão em desconfiança de conquista e captiveiro, e por consequente todo em armas.»

Estas informações, dadas por J. M. de Lacerda ha setenta annos ou mais, provam, sem que fique logar a nenhuma hesitação, a pouca solidez do juizo assentado pelo dr. Livingstone ácerca da ignorancia do interior e sertão d'África em que tanto a capricho suppõem, em 1856, acharem-se os portuguezes. Provam mais, porque provam que não foi o exemplo do missionario inglez que excitou os portuguezes a procurar caminho pelo interior da costa oriental para a occidental, mas que desde muitos annos, anteriormente ao mesmo J. M. de Lacerda, procuravam os portuguezes aquella communicação, a qual tinham descoberto em parte, não lhes faltando senão o realisar de facto a passagem, cujo rumo, e cuja facilidade eram para elles cousa averiguada.

Entretanto não é só pelas informações de J. M. de Lacerda que se evidencêa a injustiça do dr. Livingstone, evidencêam-na igualmente as que tínhamos dado já precedentemente, e agora continuamos a dar em seguida.

Francisco José de Lacerda e Almeida, doutor em mathematica; não menos illustre por sua nobre linhagem, do que por sua instrução e intelligencia não vulgar, tendo sido expressamente nomeado governador dos Rios de Sena, pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que muito confiava nos seus conhecimentos scientificos, e na energia e resolução do seu character, a fim de pôr por obra o plano do effectivo descobrimento da comunicação pelo interior entre as duas costas d'Africa oriental e occidental, preparou-se com as notícias e informações que lhe foi dado obter no pouco tempo de que podia dispor, e fez dar conveniente authenticidade aos depoimentos importantes de *testimunhas de facto*, que, sendo practicamente conhecedoras do de que tinham a informar, lhes servissem, até certo ponto, de fiadores da maior segurança que por aquellas informações pretendia alcançar, para poder aventurar-se menos incerto no transitio intentado pelas terras do interior. Darei o resumo d'estas informações, extrahido fielmente dos documentos officiaes¹; e por esta occasião advertirei de passo a notavel inexactidão do dr. Livingstone, quando affirma tão afoutamente que se perderam todos os papeis do dr. Lacerda².

No seu officio datado de Tete em 21 de março de 1798, e dirigido ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho³, diz o dr. Lacerda, que, pretendendo dar prompta execução ás determinações de Sua Magestade, achando-se perplexo por ignorar os caminhos por onde devia transitar com alguma segurança, vio chegar a Tete um homem antigo d'aquelles sertões, por nome Gonçalo Caetano Pereira, o qual, já no tempo do antecessor d'elle governador Lacerda, *explorara* a situação do reino do Cazembe, vizinho ás terras d'Angola, e que, tendo vindo com o dito Gonçalo Caetano Pereira dois enviados a visita-lo (a elle governador) da parte d'aquelle rei,

¹ V. *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.^a serie, pag. 286 e seguintes (1814).

² Chap. XXIX, pag. 587.

³ V. a *Nota* 22.^a

obtivera de todos elles as boas noticias que desejava, das quaes formou o depoimento que com o seu officio remetia ao mesmo ministro.

Eis-aqui, por extracto, o depoimento de Pereira, e os demais a que se faz referencia.

O depoimento de Pereira tem a seguinte inscripção: *Noticias dadas por Manuel Caetano Pereira¹, commerciante, que se en-tranhou pelo interior d' Africa até á povoação ou cidade do rei Cazembe, subordinado a seu pae, cujo rei nos fica mais proximo á costa occidental d' Africa.*

Declara o dr. Lacerda que Manuel Caetano Pereira era filho de Gonçalo Caetano Pereira, que 40 annos antes viera de Goa estabelecer-se em Rios de Sena, onde vivia do ouro extrahido das minas, e do seu commercio com os cafres dos sertões; que este homem descarnado, mas de grande espirito, era amado e temido dos regulos circumvizinhos, pela sua liberalidade e pelo seu valor, e por isso lhe haviam posto a alcunha — *Dombo dombo* — isto é — *terror*.

Da continuação do depoimento se vê, que, negociando ha muito os cafres Muizas com os Mujãos, tiveram noticia de que Gonçalo Caetano Pereira morava na Java, onde minerava, logar alem do Zambeze, a cinco dias de jornada de Tete, e que vieram ter com elle, no anno de 1793, para que lhes comprasse o seu marfim, certificando-o de que seu amo Cazembe estimaria muito a sua correspondencia, se elle a quizesse. Pereira annuo, fiado na palavra dos Muizas; foi bem succedido no resgate, e segundo vez mandou com fato os seus Mussambazes (cafres captivos), e teve igual fortuna e boa acceitação do rei do Cazembe.

Pereira communicou a outros moradores dos Rios de Sena o descobrimento d'este commercio, e alguns d'elles resolveram-se a mandar os seus Mussambazes na companhia de Manuel Caetano Pereira, filho do mencionado Gonçalo Caetano Pereira, o qual pela primeira vez empreendeu esta viagem, encarregado por seu pae de dirigir aquella terceira excursão commercial ao Cazembe.

Em maio de 1796 se poz em marcha este Pereira, sahindo do

¹ Manuel Caetano Pereira era filho de Gonçalo Caetano Pereira, e fizera pela primeira vez, em 1796, a viagem ao Cazembe, como enviado de seu pae, que pela terceira vez alli mandava fato para resgate.

sítio da Marenga, distante de Tete tres dias de jornada, indo acompanhado dos seus escravos, e dos Muizas que tinham vindo no anno antecedente com o marfim mandado pelo Cazembe; atravessou as terras dos regulos Maraves, chamados Bive, Vinde, Mocanda, Mary, Maravamba, os principaes a quem brindou com algum fato para poder atravessar livremente os seus dominios; e gastou quarenta e cinco dias até chegar ao rio Aruángo a qual cabe no Zambeze junto á villa de Zumbo. Não achou obstaculos, nem os Maraves, ladrões de profissão, o inquietaram com os seus milandos, deixando-o passar livremente, mediante pequenos presentes. Por todas as terras dos Maraves encontrou muito milho, feijão, cannas de differentes especies e algumas vaccas. Não vio carneiros, nem cabras, nem porcos. O Cazembe tivera porcos de que lhe fizera presente Gonçalo Pereira, e mandava pedir alguns casaes.

Manuel Caetano Pereira deixou alguns escravos alem do rio Aruángo, para tratarem com os cafres vizinhos, e continuou a marcha pela terra dos Muizas, que principiam alem d'este rio, tendo-o atravessado em canôas. Caminhando quatro ou cinco horas por dia, chegou em vinte dias a outro rio *que os Muizas chamam Zambeze*. Gastou na passagem das terras dos Muizas, gente agradável e commerciante, algum fato com differentes regulos, que pagam tributo em fato ao Cazembe, a quem são sujeitos, e este de ordinario lhes recompensa com marfim. O Cazembe não quer fato d'estes regulos, porque lh'o levam cortado, e fica-lhe caro, e por isso pretende havê-lo dos portuguezes que quizerem ir negociar ás suas terras.

Para alem dos rios que correm para o Zambeze começam as terras do Cazembe, conquistadas por seu pae Muropoé. D'este rio até chegar á povoação ou cidade, em que reside o rei Cazembe, gastou trinta dias; e n'esta travessa passou por alguns desertos, onde encontrou animaes ferozes, e uma lagôa de consideravel grandeza, e pouca profundidade, pois gastou um dia inteiro em a vadear com agua pela cintura: «Esta lagôa (copio textualmente) despeja as suas aguas por dous differentes canaes; um d'elles vai ter ao *denominado rio Zambeze*, e o outro ao rio Murusura, em cuja margem tem seu assento o referido rei. Este rio Murusura passa por detrás da serra Murimbala que fica perto do Sena, e na margem opposta, ao qual alguns dos nossos chamam Nanjaeja-matope, e outros Chire, e gastam tres dias em o atravessar na refe-

rida cidade do Cazembe, pernoitando-se em ilhas. Dizem tambem que o seu *Zambeze* conflue n'este rio muito abaixo da povoação¹».

O rei Cazembe desejava com ardor a correspondencia dos portuguezes. Custou-lhe muito a conceder licença a Manuel Caetano Pereira para sahir do seu reino, e só lh'a concedeu debaixo da promessa de voltar, com a ameaça de haver-se hostilmente contra todos os portuguezes se a promessa não fosse preenchida. Em seis mezes, que Manuel Caetano Pereira alli se demorou, deu-lhe o Cazembe uma grande terra cheia de mandioca, para sustentar-se a si e á sua gente; repetidas vezes o mimoseou com outros regalos; exceptuou a gente, que formava a sua comitiva, dos castigos a que os seus vassallos estão sujeitos, etc., etc.

O rei Cazembe enviou por embaixador ao governador Lacerda um principe filho de um rei dos Muizas que vencêra e matara. Veio com o principe um grande do reino de Cazembe por nome Catára, e um rapaz de dezeseis ou dezoito annos, escravo estimado do Cazembe, como espia, para dizer-lhe se o principe embaixador enganava o governador Lacerda, ou se o ia enganar a elle Cazembe, alterando a resposta de Lacerda. «Este principe (textual) e o grande Catára dizem que o Cazembe ou os seus ascendentes, vindo das partes d'Angola, conquistou o reino que presentemente occupa; e que do Cazembe se pôde ir a Moropóe em sessenta dias, porém os *brancos* em menos tempo; e finalmente que ao reino Moropóe vem canôas d'Angola, ou das suas vizinhanças, conduzir escravos, mas que o reino é pequeno. Do reino de Moropóe para o de Cazembe passam fazendas e trastes, que vem das costas occidentaes d'Africa, como espelhos, apparelhos de chá, que conservam para ostentação e grandeza, pratos, copos, vellorio, mis-sanga, cauri e fazendas de lã».

Na passagem do reino do Cazembe para o de Moropóe atravessam-se quatro rios que correm para a mão esquerda, e por consequencia vão ter á costa occidental: um é tão largo que se gasta

¹ É muito para ter-se em conta esta informação, porque d'ella se depreheende manifestamente que, apesar das pretensões de Livingstone, tiveram os portuguezes muito primeiro do que elle noticia do Zambeze inferior, e de varios seus afluentes: embora o dr. Lacerda, que não poderá ainda proceder ás necessarias investigações, se mostre incerto, e como que difficil em admittir o facto annunciado, que todavia não rejeita.

um dia em o atravessar. O dr. Lacerda lembra-se de que poderia ser o Cunene, e se propunha verificar qual rio fosse.

Os escravos, feitos pelo Cazembe, são enviados ao pae, e d'alli a Angola, que pronunciam Gora, e em troca recebem feto de lã, como baeta, durante, sarafina, etc. Os escravos do Cazembe não fazem conta nos Rios de Sena, mas o marfim faz muita conta, sendo possível achar-se a navegação para os ditos rios. As terras do Cazembe são abundantes de viveres, como mandioca, legumes, aboboras, amendoim, etc. Entre o Cazembe e o Moropóe ha muitos desertos, e faltas de mantimentos. Nas terras dos Muizas experimentou Manuel Caetano Pereira falta d'elles no seu regresso.

Passa a fallar do tratamento e estado do Cazembe, porém ouviremos esta descripção, quando ouvirmos tambem a do sr. major Gamitto, para fazer justiça da observação do dr. Livingstone, que julga haver muita exaggeração no que sobre este ponto informou Pereira¹.

Segue a descripção de varias praticas e usos dos Muizas, do seu penteado, etc.

O Catára e um seu escravo ou companheiro, vendo a bussola, disseram que tinham visto uma cousa como aquella em Gora (Angola); e advertiram que se podia ir do Cazembe para Angola em menos de tres mezes, e tambem fallaram no rio Lucuala, que, segundo alguns geographos, conflue no Coanza. Gonçalo Caetano Pereira offereceu-se para acompanhar o dr. Lacerda.

Depois das informações de Pereira, convem tomar conhecimento das propostas do rei do Cazembe. Do auto da recepção dos embaixadores d'este poderoso Mambo se vê que, tendo sido ouvidos com solemnidade, disseram que o Cazembe queria amizade com os portuguezes, e que mandassem tratar com elle; que propozeram o modo de limpar o caminho de cafres ladrões, e requereram que os portuguezes fizessem povoações no Aruângoa, que plantassem mandioca, e que os moradores não mandassem os seus generos cada um por sua vez, mas sim tudo junto.

Ouçãos agora o depoimento de outro informador do dr. Lacerda. Este documento tem o seguinte titulo: *Depoimento do Bandasio do Cazembe, que se achava em casa de Dionizio Rebello Curvo, de visita, mandado pelo dito seu Mambo Cazembe.*

¹ Chap. xxix, pag. 587.

Declarou que, indo por embaixador do Cazembe ao regulo Moropõe gastara tres mezes na viagem, e n'este caminho passara quatro rios como o Zambeze, a saber: Roapura¹, Mulira, Guarava e Rofoi, que todos se passam em almadias pequenas, e que não ha senão quatro povoações, uma em cada um dos rios; que a comida é mandioca e milho burro, e a nação por toda a distancia é Varunda; que d'esta povoação do Moropõe vai, com um mez de jornada ao Mueneputo d'esta banda, e da outra banda Angola, a fazer negocio; que áquelle sitio do Mueneputo vem d'Angola fazer negocio os Muzungos (brancos) com os seus escravos, e comprar marfim e escravos; que alli é mar largo e salgado, e d'aquelle sitio levam sal para o seu Mambo; que da outra banda do rio fica o regulo Congo, vizinho dos Muzungos, e que do fato annual, que recebe dos Muzungos, o dito regulo Congo reparte com Mueneputo e com Moropõe.

Declarou mais: que, recolhendo-se ao seu Mambo Cazembe, e vindo a esta villa (Tete), pernoitara na povoação de Muenepanda no primeiro dia de viagem; que nos tres seguintes não encontrara povoação alguma, e, chegando á margem do rio Ruena, o passara em almadias, e viera n'um dia dormir á povoação de Caunda, no seguinte á casa de Maruvo, no outro á casa de Capangára, no seguinte ao pé do riacho Mamuquendaxinto, no outro á casa de Chydeira Mujepo, no outro á casa de Chipaco, no outro á casa de Chihemcapes, no outro á margem d'um grande rio por nome Roarogrande, que se passa em almadias. Com outro dia veio ao Zambeze grande, que se passa em almadias; no seguinte ao Mugrave, no outro á casa de Camango, no outro ao Xiará, no outro a casa de Caramuga, no outro á de Macatupa, no outro a Parusoca, e no outro ao pé do rio Ruanga, que se passa em almadias. Em todo este caminho não ha para comer senão feijão e milho cru. Acaba aqui a nação Vavira, e principia a Marave. D'aqui veio á casa Capangára, e com um dia de jornada a Ruminda, e com outro a Maramba, e seguidamente com jornadas de um dia entre pouso e pouso veio dormir ao matto, á povoação de Chinene, a Inharuanga, á casa de Caperimera, ao matto, ao rio Sansa, á casa de Mucanda, a Pasmicheiro, ao riacho Bua, que se atravessa em jangadas de páos,

¹ Note-se que as palavras escriptas com *R* são por outros pronunciadas como se estivessem escriptas com *L*, e assim as escrevem.

á povoação Caraore, ao rio Roveu, á Java, que é do Marave, e é Bar¹, em que unga ou minera a nossa gente.

O depoimento d'um cafre Muiza, que é o ultimo documento de que faz menção o dr. Lacerda, versa ácerca dos caminhos para Angola. Por elle se vê que informara o referido cafre, que: da villa de Tete até ao rio Aruángo os habitantes são Maraves; d'aquelle rio ao Cazembe são terras de Muizas, sujeitos ao Cazembe; d'este a Moropóe (pae do Cazembe) gastam-se dous mezes, pouco mais ou menos, e a terra é deserta, não se encontrando povoado senão á borda de quatro rios distantes uns dos outros, os quaes se passam em canôas que para esse fim alli ha. Do Muropóe a Angola poder-se-ha gastar mez e meio até uma enseada ou bahia, onde ficam ancorados os navios, que elles dizem que são maiores que as casas dos brancos. A nação Cabinda é nação que fica mais entranhada no sertão, e faz limites com o Muropóe e Cazembe, e quando estes necessitam de escravos, lhe dão guerra, e os mandam vender a Angola.

Pelas informações colhidas dos depoimentos, que ficam extractados com escrupulosa diligencia, torna-se evidente, que, muito antes do dr. Livingstone, conheciam os portuguezes os caminhos pelo interior de Angola ao Matyamvo e ao Cazembe, em cujos territorios resgatavam marfim e escravos, e do mesmo Cazembe a Tete, e portanto de costa a costa. E será porventura duvidoso que fossem subditos portuguezes Gonçalo Caetano Pereira e seu filho Manuel Caetano Pereira? E será duvidoso que o fossem igualmente os Muzungos, e em geral todos esses commerciantes, que de Angola iam ao sitio do Mueneputo com os seus escravos *fazer negocio, e comprar marfim e escravos?* E será duvidoso que o fossem os que traficavam com o Moropóe e o Cazembe, comprando-lhe os *escravos, que faziam nas guerras que davam á nação cabinda?* E será enfim duvidoso que devam considerar-se como verdadeiros portuguezes Pedro João Baptista e Anastacio José, commissionados do director da feira do Cassange, o Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, os quaes do Cassange atraves-

¹ Na Zambezia chamam *Bar* o sitio ou districto onde se tira ouro, e é sempre na proximidade das povoações dos escravos empregados n'aquella mineração. O nome de *Bar* é extensivo a todos os logares, onde ha escravos de portuguezes a minerar.

saram ao Cazembe e a Tete, e de Tete, pelo mesmo caminho interior, regressaram a Angola, como logo veremos? Nada d'isto admitte duvida, e a injustiça do dr. Livingstone, para com os portuguezes, é por conseguinte de todo o ponto indisculpavel.

Mas não é só isto. As instrucções dadas pelo dr. Lacerda aos principaes da comitiva, que o acompanhou na sua viagem ao Cazembe, para o caso de fallecer durante a mesma viagem, e o *Diario* ou *Roteiro* por elle mesmo escripto, e o complemento d'este *Diario* feito pelo padre Francisco João Pinto, que succedeu a Lacerda, por sua designação expressa, no commando da expedição, demonstram de modo inteiramente incontestavel, que o conhecimento do interior d'Africa, havido n'aquelles tempos, muito se avantajava ao que pretende fazer acreditar o dr. Livingstone.

É certo que o dr. Livingstone insinua não ter tido conhecimento dos documentos mencionados, nem do *Diario* do dr. Lacerda¹, nem da sua continuação pelo padre Pinto²; mas tambem é certo que aquelles documentos, como se tem visto, eram do dominio publico, desde 1844 e 1845. Comtudo, se não pôde haver-se como boa desculpa a ignorancia alludida, porquanto quem ignora não está de nenhum modo no caso de afirmar, peor seria ainda o pretender nega-la, pois que nos veriamos forçados a suppor que Livingstone obrava acintemente de má fê, por isso que, tendo escripto que *se perderam todos os papeis* do dr. Lacerda, sabia o contrario. Fallando do padre Pinto, contenta-se Livingstone de asseverar em geral, sem entrar em nenhuma averiguação, que Lacerda lhe confiara todos os seus papeis, e que sem duvida o padre lhes teria dado publicidade, mas que, fallecendo pouco depois de regressar a Tete, os papeis haviam desaparecido³. O proceder de Livingstone é difficil de qualificar de modo que não haja de ser-lhe de desaire.

Entretanto não são sómente os documentos indicados, com quanto sobre maneira valiosos, que se encarregam de justificar plenamente, e fazer honra de modo cabal áquelles, que tão pouco bem tratados hão sido pelo dr. Livingstone. Outros, e não menos importantes, existem ainda, e de todos daremos agora a necessa-

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 303 (1844).

² *Ibid*, 5.ª serie, pag. 149, etc. (1845).

³ Chap. xxxix, pag. 587.

ria, mas resumida noticia, convidando os leitores, que desejarem mais ampla informação, a que procurem obter as collecções, já por nós citadas, onde poderão consulta-los com maior largueza e vagar.

Deixando de parte as *instrucções*, a que me referi, porque têm por objecto o que se havia de fazer, e não o que se fizera, será o primeiro documento, de que temos a tomar noticia, o *Diario* do dr. Lacerda, que o dr. Livingstone, como acabamos de ver, tão arbitrariamente suppoz perdido.

O *Diario* de Lacerda tem a seguinte inscripção: *Diario da viagem da villa de Tette, capital dos Rios de Senna, para o interior d'Africa, feita por ordem de Sua Magestade, que Deus guarde, etc., pelo governador dos mesmos rios, o Doutor Francisco José de Lacerda e Almeida, no anno de 1798.*

O dr. Lacerda começa expondo as difficuldades, que teve de vencer, a fim de poder preparar-se mal, por falta de tempo, para empreza de tanta monta. É digna de ler-se esta breve introducção, porque nos leva a formar avantajado conceito da grande capacidade do dr. Lacerda, obrigando-nos ao mesmo tempo a lastimar que não podesse elle emprehender o arduo commettimento, que lhe fôra incumbido, e ao qual longe estava de ser inferior, prevenindo-se como pretendia e convinha, e em condições de assegurar resultados de maior alcance, fossem aliás quaes fôsssem as eventualidades receadas.

No dia 3 de julho de 1798 se poz Lacerda em marcha da terra Nhaufa, distante de Tete 3 quartos de legua, na margem opposta da dita villa. Descreve a terra que andou, e, tomando nota da perguiceira dos cafres, e da sua superstição com respeito aos finados, dá a razão porque, para elles, não ha anno que não seja de fome.

Prosegue Lacerda relatando as contrariedades de toda a casta, que lhe sobrevinham a cada instante, mas ao mesmo passo vai dando conta das providencias que tomava para superar os obstaculos imprevistos, sem deixar de nos informar de tudo o que vira, e julgara merecedor de ser observado, quer em relação ás condições das terras, cultura, producções, etc., quer em relação ao estado social, e aos habitos moraes, e indole dos povos. As observações de que o dr. Lacerda acompanha a sua narração, sem duvida são dignas de ter-se em muita conta, e algumas porventura seriam ainda hoje muito aproveitaveis.

As febres sobressaltaram o dr. Lacerda logo a poucos dias de começada a viagem, mas continuou-a todavia, e a foi proseguindo até ao Cazembe, sem que nunca mais cessassem de o avexar e opprimir. O dr. Lacerda dá cuidadosa noticia de tudo que é digno de attenção, e traça um quadro sobremodo curioso dos territorios que atravessou, das qualidades dos terrenos, das vantagens que podem proporcionar, da cultura, da industria, do commercio, dos usos, costumes e praticas dos habitantes, dos varios melhoramentos a introduzir com proveito geral da sociedade, e dos indigenas em particular. Em uma palavra nada lhe esqueceu do que podia tornar util o seu *Diario* pratica e scientificamente. O juizo de Lacerda é maduro; e são os traços da sua penna de mão segura. Foi de grande lastima que as terriveis febres, a cuja acção maligna succumbio o illustre investigador, não lhe consentissem se não esboçar apenas o seu *Diario*, e fazer só poucas observações astronomicas, das quaes tanto presumia, desejando com ardor que tivessem logar com a possivel frequencia, e a maior exactidão, pelas considerar, como elle mesmo se explica «verdadeiros praticos das estradas e dos caminhos mais breves». As observações astronomicas do dr. Lacerda consideram-se ainda hoje como as mais exactas, e o proprio dr. Livingstone, que se atrevêra a pôr em duvida a exactidão d'algumas d'ellas, vio-se forçado ao depois a fazer justiça e a cantar a palinodia.

Na viagem de Tete ao Cazembe gastou o governador Lacerda noventa e quatro dias, a contar de 3 de julho, em que, segundo já se disse, a começou, até ao dia 4 de outubro, que foi o da chegada á côrte do Cazembe.

Passemos ao *Diario* do padre Francisco João Pinto, que, por morte do dr. Lacerda, e por disposição d'este, commandou a expedição durante o tempo que teve de se demorar no Cazembe, e no regresso a Tete. Não move este *Diario*, sob uma e outra das considerações indicadas, a tanta curiosidade como o do dr. Lacerda, comtudo é de muita valia, e digno de apreciar-se, porque em parte ratifica o itinerario seguido por Lacerda, e em parte accrescenta novas informações ás que por aquelle nos foram dadas, pois que não foi seguido sempre na volta o caminho, que na ida tomara o dr. Lacerda. Alem de que, tendo sido acompanhada a residencia em Lunda, e esta viagem do regresso a Tete, de circumstancias e occorrencias muito diversas das da viagem de Lacerda, provém

d'ahi variedade e accrescentamento de noticias, em proveito da sciencia, assim como em relação á índole, costumes e tendencias dos habitantes, que nas diversas situações se manifestam diversamente, e d'este modo nos facilitam mais segura apreciação do seu character, habitos, recursos e estado de civilisação.

O *Diario* comprehende o espaço de trezentos e oitenta dias, que tantos se contam desde 6 de novembro de 1798, em que o padre Pinto tomou o commando da expedição, até 22 de novembro de 1799, em que a mesma expedição deu entrada em Tete. D'estes foram empregados cento e vinte na viagem da volta, por quanto a expedição, tendo sahido da côrte do Cazembe no dia 25 d'agosto de 1799, entrou em Tete no dia 22 de novembro do mesmo anno.

Lêa-se com a merecida attenção o *Diario* do padre Francisco João Pinto, e com igual diligencia e cuidado se compare com o *Diario* do dr. Lacerda; e, tido em conta ao mesmo tempo o de que nos informou o dr. Livingstone, concluir-se-ha necessariamente, que, posto sejam dignas de agradecimento e louvor as fadigas do celebre missionário inglez, não é todavia tão abastado, como parece querer fazer-se acreditar, o cabedal de nova e proveitosa instrucção, que nos tem proporcionado, não só em geral, senão e mórmente com respeito aos territorios que medeão entre uma e outra costa. Em relação á sciencia geographica, propriamente dita, é pouco, e, por confissão do mesmo dr. Livingstone, sem nenhuma culpa sua, não sempre assás seguro o que nos foi por elle revelado. Em relação ás condições geologicas dos terrenos percorridos, salva a terminologia, quasi que não levam communmente vantagem essencial as informações de Livingstone ás que possuíamos, havidas e communicadas por Lacerda, Pinto, e outros illustres viajantes e escriptores portuguezes; e em relação aos usos, costumes e estado social das populações africanas entre Angola e Moçambique, longe de ir alem, fica Livingstone sem nenhuma duvida muito áquem do que de nós, e pelos nossos, anteriormente era sabido. Confirmou Livingstone o que nos elles disseram: porventura alguma vez o precisou com maior clareza; mas deixou fundado motivo de suspeitar-se que lhe foram norma e guia os investigadores portuguezes, sem conseguir tomar-lhes nunca o passo. Assim o temos visto, e assim o veremos.

Mas cumpre atar o fio do discurso, e proseguir na especialidade da materia encetada.

Na carta, que o governador dos Rios de Sena, Constantino Pereira de Azevedo, dirigio ao conde das Galveas, ministro dos negocios ultramarinos, em maio de 1811¹, depois de feita referencia á morte do dr. Lacerda no sitio do Cazembe, diz elle, que os descobridores, enviados pelo tenente coronel, director da feira do Mucary ou Cassange, Francisco Honorato da Costa, em virtude das especiaes recommendações do capitão general de Angola D. Fernando de Noronha, conseguiram abrir o caminho de Angola até ao Cazembe, onde foram detidos por espaço de quatro annos; mas que, tendo tratado com Gonçalo Caetano Pereira, para mandar enviados ao rei Cazembe, a fim de renovar o resgate *antigamente praticado* entre os vassallos do dito rei e os moradores de Tete, o qual resgate se interrompêra por causa da guerra d'aquelle rei com os Muizas, etc., em chegando ao Cazembe estes enviados, o rei mandara uma embaixada, composta de um grande e cincoenta homens seus vassallos, na qual dizia que no seu reino existiam ha quatro annos aquelles dous homens, que tinham vindo da parte de Angola, os quaes mandava entregar; que os dous alludidos descobridores chegaram a Tete no dia 2 de fevereiro do presente anno, trazendo uma carta do tenente coronel Honorato Ferreira, da qual o governador manda copia ao ministro; que lhes perguntara se queriam *voltar pelo mesmo caminho por onde tinham vindo*, e responderam que *sim*, com tanto que fossem convenientemente soccorridos, o que elle governador fizera. Accrescenta o governador que, supposto não achasse nos mencionados descobridores a maior intelligencia, comtudo reconhecia que *fizeram muito*; e que, *como tornavam pelo mesmo caminho*, lhes dera instrucções ácerca do modo de *fazer a sua derrota, e do que deviam averiguar*. Remata o governador declarando, que remette a *Derrota* ou *Roteiro*, que lhe apresentaram os descobridores, uma relação escripta das perguntas que lhes elle governador fizera, e da resposta por aquelles dada, e a carta do tenente coronel Honorato Ferreira».

Este documento só de si é sufficiente para pôr na maior evi-

¹ V. *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.ª serie, parte não official, pag. 162 (1843).

dencia o nenhum fundamento com que o dr. Livingstone a si se exalta como tendo sido *o primeiro*, que effeituou atravessar pelo interior o continente africano de uma à outra costa, e a semrazão com que censura os portuguezes de não terem diligenciado achar aquelle caminho, de pouco e mal conhecerem o sertão, e de que não é para ser tida em conta a viagem de que venho fallando, por que foram escravos que a levaram ao cabo. Parece incrível que um homem como Livingstone, que pretende que o considerem, não se acovardasse de fazer tão inepta observação. Os descobridores portuguezes não só não eram escravos, tomada esta palavra na accepção que parece aqui ligar-lhe o dr. Livingstone, senão que seria grande ingratidão recusar-lhes o merecido louvor pelo seu tão valioso e optimo serviço. Lêa-se na integra o *Roteiro* ou *Diario*, que digno é de certo de ser lido, pois que me não é possível a mim dar aqui d'elle senão abreviada noticia.

O *Diario* de Pedro João Baptista, com quanto muito succinto e absolutamente desprovido de observações philosophicas e scientificas, marca todavia o itinerario de modo facil de ser comprehendido pelos moradores das nossas provincias africanas, e em particular pelos das terras sertanejas, assim como pelos homens habituados a viajar mais ou menos largamente pelo interior d'aquelle continente. Um d'esses, que se achava n'este caso, e a quem o resgate da cera e do marfim, e tambem o trafico dos escravos, por elle feito pessoalmente, quando era permittido, enriqueceu e opulentou, e com quem por vezes tratei a vagar das cousas d'Africa, assim o affirmava do modo mais explicito e terminante. Pedro João Baptista designa o dia 22 de maio de 1806 como o primeiro da sua viagem e partida do sitio de Moropôe, e prosegue declarando a jornada de cada dia — os rios que passou, e aonde vão desembocar — os riachos, e aonde vão desaguar — a sua largura e profundidade, e bem assim algumas circumstancias dignas de maior reparo; não se esquecendo nunca de lhes dar os nomes, pelos quaes eram chamados ou conhecidos dos habitantes, por cujos territorios vão correndo. Nota mais as povoações — os logares desertos — as pousadas — a abundancia ou falta de mantimentos — a distancia dos *pousos*, como lhes elle chama — e a direcção dos caminhos tomada desde o principio, e ao depois variamente seguida, mas sempre regulada pelo aspecto solar, e de tal sorte, que, dizendo, com relação a si, ao seu companheiro Amaro ou Anastacio

José¹, e á sua comitiva, com referencia ao primeiro dia de viagem «*andámos com o sol ás costas*», e de ter declarado no segundo «*andámos com o sol da mesma fórma*» já no terceiro dia adverte «*andámos com o sol lado esquerdo*». Assim continua sempre, não omittindo nunca jamais o indicar-nos a variação que teve logar.

É manifesto pois que taes informações, com quanto estejam longe de ser as que mais fôra de desejar, comtudo mais longe estão ainda de merecer o tão pouco apreço, que parece querer inculcar o dr. Livingstone que fazia d'ellas. Ao homem competente para decifra-las, não é impossivel achar mais de um fio, senão para o conduzir sem hesitação, e como que para o forçar a ir por onde é bem que vá, sem nenhuma duvida tambem para o encaminhar de tal arte, que, estudando-as com diligencia experimentada e esclarecida madureza, esta viagem de exploração, em vez de feita em pura perda, não haja de deixar de ter por certo resultado seguras e avantajadas consequencias, debaixo não menos da consideração scientifica, do que da commercial.

Não é preciso deter-me em analyse mais especificada do *Roteiro* do descobridor Baptista, porém tenho por importante advertir que não deixa o nosso viajante de fazer aqui e acolá observações, que parecem cabidas a descuido, e que no entretanto são de valia pela singeleza, e quasi diria originalidade do estylo, que as faz aceitar como verdadeiras, e pela propria natureza da materia sobre que versam. Para exemplo darei o extracto por menor, e aproveitando-me, com rara excepção, das proprias palavras do mesmo descobridor na sua *nota* ao dia 30 d'outubro, que foi o da chegada ao Cazembe, e serve como de resenha do que alli passou até á sua partida para Tete. Faço esta citação de preferencia, porque servirá tambem para rebater duas asserções inexactas do dr. Livingstone com respeito aos mesmos descobridores, que elle trata com tanto desfavor², e com respeito ao rei Cazembe³, a quem da mesma sorte parece folgar de abater e deprimir. Julgo opportuno lembrar que as observações de P. J. Baptista se acham inteiramente

¹ De ambos estes modos se lê escripto em differentes documentos o nome d'este companheiro de Pedro João Baptista.

² Chap. xxii, pag. 435.

³ Chap. xxix, pag. 587.

confirmadas, como temos visto¹, por outros indubitaveis documentos.

No seu roteiro² nota P. J. Baptista que: «no dia 30 de outubro sahira do sitio do preto Campungue, não passara nenhum rio, e viera ao sitio do preto Luiagamára do Cazembe, onde entrara ás 4 da tarde, tendo começado a marcha ás 7 da manhã; que as habitações do dito preto são ao pé de um rio chamado Canenga, de pouca largura, o qual vai desembocar no rio chamado Mouva; que, feita alli paragem, dera parte da sua chegada ao rei, que o mandara fazer alto; que, decorrido algum tempo, viera um portador do rei Cazembe, trazendo de hospedagem quatro murondos da bebida chamada pombe, e cem postas de carne fresca juntamente com farinha de mandioca. No dia seguinte ás duas horas da manhã o rei mandou chamar o descobridor e a sua comitiva, com ordem de que, em chegando ao pé dos muros dos seus maiores, disparassem muitos tiros para signal dos viajantes serem chegados á sua côrte; e os mandou agasalhar em casa do seu porteiro, chamado Fumo Aquibery. N'este dia não se tratou nada ácerca da viagem. O rei Cazembe deu farinha, peixe, carne fresca, pombes e cabras, e comer já preparado, mostrando muita alegria de ver os viajantes».

No outro dia quiz o rei saber que motivo levava alli os descobridores: «e o achámos assentado (escreve P. J. Baptista) na sua rua publica, onde costuma dar as suas sentenças aos seus povos, e com todos os seus potentados maiores dos seus conselhos; elle todo vestido dos seus pannos de seda, velludo, missanga de varias qualidades nos braços e nos pés, rodeado do seu povo, e com todos os seus instrumentos de grandeza e barbaridade».

O rei mandou que fallasse o guia, que de ordem de Murope os acompanhava. O guia disse: «ahi trago *brancos* de el-rei que elles chamão Mueneputo», e accrescentou: «que vinham commu- nicar com o rei Cazembe; que deviam ser tratados sem malicia; e que, satisfeito o de que vinham encarregados, e desejavam concluir, o rei Cazembe lhes concedesse licença, e um protector capaz de os levar á villa de Tete a entregar ao governador da dita villa uma carta que traziam de Angola; e que o Murope muito

¹ V. o cap. vi.

² *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.^a serie, parte não official, pag. 188 (1843).

recommendaava ao rei Cazembe o despachar os viajantes para onde pretendiam ir, e o tornar a restituir-lhos, a fim de elle os mandar pôr nas terras donde vieram. O rei Cazembe respondeu: «Que estimava muito que o seu Muropue lhe mandasse viajantes, que vieram de longe; que tambem elle andava na diligencia de abrir o caminho de Sena; que ha de fazer tudo que lhe for possivel; que não só ha de dar guia, senão que elle mesmo ha de levantar arraial de guerra, e ir combater os salteadores e ladrões, que impedem o caminho aos viajantes que querem communicar com o rei Cazembe; que partirão com o mesmo rei Cazembe».

Continúa P. J. Baptista a refêrir que tinham partido com o rei Cazembe até um sitio, que ficava obra de meia legoa de distancia, com bastante guerra (gente de peleja) para lhes segurar o caminho; porém que, tendo tido logar perturbações entre os seus povos, que não queriam guerrear, ficou a diligencia frustrada, e tiveram de voltar, contra vontade do rei, na companhia d'elle para o logar donde haviam partido; que o Cazembe, em consequencia d'isto, castigara varios potentados, e mandara cortar muitas cabeças; e, passado um mez, entregara os viajantes a um dos seus principaes potentados, por nome Muenepanda, para os guardar e conduzir; que Muenepanda, depois de ter chegado a um pouso deserto, chamado Quimpire, voltou para trás, dizendo que a villa de Tete ficava muito longe, e era pouca a guerra que levava para combater os potentados, que se encontravam no caminho, e não queria metter-se em risco, e que portanto tiveram de voltar com elle; que, passados dias, lhes appareceu o preto de Gonçalo Caetano Pereira, por nome Nharugue, e na companhia d'elle se pozeram a caminho até chegarem à villa de Tete.

«O dito rei Cazembe (acrescenta P. J. Baptista) é um preto muito tincto, e rapagão; barba nazarena, olhos vermelhos, muito conversador com os brancos que vão á sua côrte negociar sementes, farinha de mandioca, milho saburro, milho moido, feijão, canna, peixe, que os seus povos pescam no rio, que ao pé d'elle (Cazembe) está, chamado Mouva, pontas de marfim, que vem da outra banda do rio Loapula, as quaes os povos lhe pagam de tributo, e as pedras verdes, que vem na terra chamada Catanga. Os negociantes vão comprar á nação Muiza marfim a troco de fazenda; e outra nação, chamada dos Tungalázagas, traz captivos e manilhas de latão, cauris e azeite de palma. Alguma fazenda que tem o rei Ca-

zembe, vem de Muropue, e missanga vistosa e grossa. Ha no territorio de Muropue bastante sal, que tiram da terra; e ha tambem outra qualidade de sal em pedras, que vem de tributo da salina, que está no caminho da terra do Muropue, chamada Quigila, onde se acha um potentado e parente, chamado Quibery, encarregado de guardar a dita salina, assim como de mandar tributos do mesmo sal ao seu Muropue. Não assentei os dias que fiquei detido no caminho por causa do inverno e das molestias; e não vi mais nada na côrte do rei Cazembe, que me esquecesse de escrever, senão o que está declarado¹.

Tomemos agora com rapidez noticia por maior da segunda parte do *Roteiro* ou *Diario* de P. J. Baptista. Comprehende a viagem do Cazembe á villa de Tete.

O descobridor segue o methodo já de nós conhecido, pelo ter adoptado na primeira parte do seu roteiro, do qual acabamos de fazer a succinta analyse. P. J. Baptista começa por dizer que, sahindo do Cazembe, passara o rio Lunde, de pouca largura, que vai desembocar no Mouva, junto do qual está situada a cidade e côrte do Cazembe; e que, tendo andado *com o sol á cara*, não tivera nenhum encontro. Prosegue mencionando por seus nomes, e com declaração da largura, altura e curso, todos os rios e riachos que passou; a direcção dos caminhos, e sua alteração ou mudança, que só teve logar no 31.º pouso ou descanso, no rio Aruângoa, donde, desceu até ao sitio chamado Capangara, *andando já com o sol lado esquerdo*, e enfim termina dando conta de que, tendo atravessado o rio Zambeze em canoas, chegára á villa de Tete em um sabbado, 2 de fevereiro de 1814.

Repito: um diario, abreviado sim, e sem nenhuma elegancia litteraria, mas em que se fazem, com todos os caracteres da verdade, indicações tão particularisadas, não póde, em boa fê, deixar de ser apreciado. Ignorava Livingstone estes *Roteiros*? E não tiraria d'elles nenhuma vantagem? Quem se atreveria a affirma-lo?

Não deixarei de fazer aqui menção das perguntas feitas pelo governador de Tete a P. J. Baptista, e das respostas por este dadas; porque servem para confirmar, contra o que escreveu o dr. Li-

¹ Para mais facil intelligencia de quem ler, fiz algumas alterações de redacção, mas nenhuma senão meramente accidental, como poderá verificar com facilidade quem for escrupuloso.

vingstone, que o descobrimento da comunicação entre as duas costas, mereceu em todo o tempo o maior cuidado aos portuguezes.

Da resposta á primeira vê-se que a viagem foi emprehendida de ordem do capitão general de Angola D. Fernando de Noronha, e por commissão do tenente coronel Francisco Honorato da Costa, commandante do Cassange, dada a Pedro João Baptista e ao seu companheiro para o *descobrimento do caminho pelo interior desde aquelle ponto até á costa oriental*.

Vê-se mais das seguintes respostas, que os descobridores sahiram do Cassange nos ultimos dias de novembro de 1802; porém que, impedindo-lhe a passagem o potentado Bomba, alli se demoraram até 1805, sem terem meio de avisar o tenente coronel Honorato da Costa, o que fizeram logo que se lhes offereceu occasião, e sendo por elle soccorridos com fazendas com que se resgatassem, os deixaram passar. Que, tendo continuado então a viagem, entraram nas terras do potentado Mochico. N'esta digressão gastaram vinte dias. Aqui pretendeu o regulo tomar-lhes as fazendas, para se pagar do que ficara devendo um negociante, que fôra resgatar alli cera e escravos, e não fizera inteiro pagamento. Satisfizeram ao regulo com certa porção de fato, e então este os deixou seguir viagem para as terras do Catende¹, pequeno regulo vassallo do grande Muropo, e n'ella gastaram oito dias. Do Catende ao Chambeje empregaram tres dias, quatro a Luibaica, a Banga-Banga dous, ao sitio de Loconquina outros dous, e que d'ahi foram á côrte do grande Muropo². D'aqui começa o *Roteiro* ou *Derrota* de que fez entrega, a qual proseguio até á villa de Tete.

Vê-se mais que, desde os sertões d'Angola até á côrte de Muropue, nunca faltou aos viajantes agua, nem mantimentos, pagando-os com fato, segundo o costume; e que, desde o Mochico até Muropue, e d'ahi até ao Cazembe não só não encontraram salteadores, senão que, pelo contrario, tiveram geralmente bom gasa-

¹ Livingstone nos dá informações do Catende (Katende) no cap. XVIII pag. 333.

² Por occasião d'esta palavra nota Livingstone a facilidade dos equívocos e erros nascidos dos nomes semelhantes. Parece-me desnecessario advertir, que, não pôde pôr-se confiança na exactidão com que são denominadas estas diversas terras. Muropo é Muropõe, ou, como outros pronunciam, e escrevem, Muropue, etc.

lhado; o que parece não ter succedido ao depois ao dr. Livingstone, segundo se depreheende do que nos elle refere.

Vê-se tambem que foram os descobridores constrangidos a deter-se no Cazembe desde 1806 até 1810, em consequencia de andarem revoltas as terras e a guerra ateada entre os Cazembes e os Muizas; e que, durante aquelles quatro annos, o rei os tinha assistido com tudo o necessario.

Emfim, offerecendo o governador aos descobridores o regressarem por via do mar a Angola, não acceitaram, declarando que voltariam pelo mesmo caminho, a fim de fazerem derrota seguida, e mais averiguada do que a que tinham podido fazer e apresentar.

E agora tomaremos nota de outro documento, que tem com o que o antecede intima connexão: é a carta do tenente coronel Francisco Honorato da Costa, da qual P. J. Baptista fez entrega ao governador na sua chegada a Tete. Mais uma prova é este documento da diligencia, empregada desde longo tempo pelo governo e auctoridades portuguezas, de conhecerem tão extensamente quanto possivel as terras do interior entre as duas costas oriental e occidental de Africa, e tambem de acharem facil e segura communicação d'uma para a outra; e é prova ao mesmo tempo de que o tenente coronel Honorato da Costa não tratara debalde com os differentes potentados e regulos do interior, pois que mostra haver comprehendido os motivos que podiam n'elles actuar em vantagem ou desvantagem nossa.

Honorato da Costa declara¹ ao governador de Rios de Sena, que, em obediencia ao que lhe ordenara o capitão general de Angola, trabalhara para fazer penetrar até ao Cazembe, onde morrêra o dr. Lacerda, e que, para realisar este intento, despachara toda a sua gente, fazendo as despesas necessarias; que, desde 1797, diligenciava predispor e ganhar a boa vontade de varios regulos, mediante a cooperação do potentado senhor de todo o Songo, encobrindo áquelles e a este as verdadeiras razões do seu obrar, e que por via do mesmo potentado obtivera passagem para dentro do sertão. Observa que o potentado do Songo era muito preponderante, e genro do Luinhouse, senhor do territorio de Luvar, residente áquelle tempo na parte occidental do rio Lambeje, e

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.ª serie, parte não official, pag. 238 (1843).

conseguiu que se encarregasse de fazer acompanhar dos seus povos os descobridores até á cidade do Cazembe, mandando a este uma carta a rogar-lhe o conceder passagem livre e segura aos nossos descobridores até aos rios de Sena. Francisco Honorato da Costa nota a prevenção dos pretos contra os brancos, e que estão aquelles na persuasão de que não obram estes nunca senão em proveito proprio seu, e em prejuizo dos pretos; e nota mais a competência e ciume das nações pretas, que se avantajam em numero ou em outras circumstancias, as quaes não querem que as que lhes são inferiores se subtraham ao jugo, que lhes ellas impõem, nem que obtenham commercialmente nenhuma vantagem senão mediante a sua exclusiva e directa intervenção. Honorato da Costa remata pedindo ao governador dos rios de Sena que lhe communique a chegada dos seus enviados, e se corresponda com elle, para se verificar o *cubiçado descobrimento* em desempenho das reaes ordens.

Ha ainda outros dous documentos que devem merecer attento exame, e são o *Roteiro* de P. J. Baptista, na viagem do Muatayanvo, como elle escreve, para o rei Cazembe Caquinhata, e a sua *Lembrança*, de varios acontecimentos das differentes viagens por elle effectuadas. Estes documentos são dignos, como indiquei, de ser lidos na sua integra¹, e portanto limitar-me-hei a tomar algumas notas da alludida *Lembrança*, conforme ao em que mais interessa o meu intento. Lêam-se com reflexão.

«Tendo passado o rio Luarula (Luapula), na outra banda de lá, chegámos a um sitio da irmã do Cazembe, de nome Semba, que nos recebeu com muita estimação e com grande admiração de nos ver, e da vontade do Muatayanvo mandar *brancos*, que elles chamam inuzungos, ter com seu irmão Cazembe, o que fizeram os *antepassados* Muatayanvos, e era isto grande fortuna do herdeiro do Cazembe seu irmão; e que nunca tiveram noticia de ver *brancos*, que vem do Muatayanvo para a terra do Cazembe.

«No dia quarta feira 15 de dezembro nos mandou chamar, e nos deu noticia de que, estando vivo seu pae Cazembe-Hunga vinha *grande numero de brancos* com muita fazenda na companhia do sr. governador, e pedia ao Cazembe licença de o deixar passar

¹ *Annaes Marítimos e Coloniaes*, 3.ª serie, parte não official, pag. 279, 423, 426, etc. (1843).

para o Muatayanvo, e do Muatayanvo para a Feira do Cassange, e o Cazembe fallecido não lhe concedeu licença; e foi Deus servido morrer (o governador) na mesma terra do Cazembe, e voltaram os moradores e soldados, que na companhia d'elle dito governador vinham; e que na mesma mussumba se achava um soldado com cartas para ir para Angola. Logo mandou parte da nossa chegada, por ser sua obrigação dar parte de qualquer viajante que vai ter com o Cazembe... Estivemos alli parados cinco dias a esperar os portadores do Cazembe a vir buscar-nos, trazendo para nosso alimento... com recado de que estimava muito a nossa chegada, e nós offerencia uma preta em signal de amor, e da alegria do seu senhor Muatayanvo lhe mandar *brancos* do Mueneputo, *que nunca vieram na sua terra*¹.

Prosegue P. J. Baptista, referindo que no dia 31 de dezembro de 1806 chegára com a sua comitiva á massumba do rei Cazembe ás seis horas da tarde, mas que só avistaram o rei no seguinte dia, 1 de janeiro de 1807, sem comtudo tratarem da sua pretensão. Fallou o guia sómente, conforme as instrucções que trazia. No dia seguinte tornou a estar com elles o Cazembe, e lhes pediu que atirassem tiros em signal de alegria. Atiraram tres tiros, e *elle tambem dentro dos seus muros mandou atirar um tiro*.

P. J. Baptista continúa relatando os enganões com elle praticados, e as causas de não o deixarem sabir, até que lhe appareceu o pombeiro do capitão mór Gonçalo Caetano Pereira com fazendas para comprar marfim, e com uma carta para o soldado Paulo de S. Thiago². Então levantou Baptista e a sua comitiva com este pombeiro para a villa de Tete, e com o Cacoata do Cazembe, catara

¹ Escrevi em *italico* estas palavras, porque não significam o que representam, como aqui é manifesto, devendo intender-se que poucas ou raras vezes tinham alli ido brancos. Este modo de fallar é commum até entre os portuguezes de longa data residentes em uma e outra Africa, do que se acham exemplos frequentes em Cardonega, etc. O dr. Livingstone toma á letra estas e similhantes expressões por assim lhe convir, tirando d'ahi argumento de ter sido elle o primeiro branco visto n'aquellas terras; porém devia advertir na contradicção em que põem os indigenas não raras vezes consigo mesmos, e com os factos.

² Este soldado parece ser o mesmo, a quem, no *Diario* do padre Pinto, se dá o nome de Paulo da Silva, e fôra alli deixado a fim de seguir viagem para Angola.

Mirimba, levando marfim, cabeças, pedras verdes e barras de cobre para o resgate das fazendas.

P. J. Baptista dá seguidamente noticia dos objectos de resgate com o Cazembe, e declara serem marfim, escravos, pedras verdes e barras de cobre, que vendem para Tete e Sena, e aos pretos de nação Huiza (Muiza?), que são os que anteriormente negociavam com o Cazembe.

Adverte alem d'isso que o rei do Cazembe tem bules de chá, bicaras, tigellas, garrações, colheres e garfos de prata, e pratos de loiça de Lisboa; chapéus finos, fivelas de sapatos, dinheiro de ouro em doblas inteiras e meias doblas; que tem todos os trastes de homem branco, por terem ficado alli do fallecido governador Lacerda, e de outros mais brancos moradores da villa de Tete, que acompanhavam o dito governador, e os venderam; que trata com muita cortezia, e dá bons dias, boas tardes e boas noites, etc.

Tambem Baptista informa ácerca do poder do rei Cazembe, que avalia como pouco inferior ao do Muatayanvo, seu suzerano; das artes e violencias de que se serve para dar pasto á sua cobiça e ambição; do ascendente que exerce em grande numero de potentados; e, se pôde assim dizer-se, da politica por elle empregada para os dominar, e manter com relação a elles e aos povos a sua propria auctoridade.

Finalmente Baptista descreve a terra do Cazembe, e declara ser *baixa, fria e sujeita a molestias e dores dos olhos*. Acrescenta que é farta; porque «todos os mezes do anno tem mantimentos, farinha, milho miudo, milho grosso, feijão fradinho, feijão redondo, chamado *misso-a-cabandi*, massango, que chamam *impondo*, e *carai* chamado *lucu*, fructas, como bananas, cannas, batatas, inhames, aboboras, anendoim, e muito peixe nos rios Loapula e Mouva, que ao pé d'elle está. Tem tres salinas: sal de Cabombo, sal de Muagi e sal de Carucuge, alem da salina Quigila, que está para cá do Muatayanvo: viveres, bois e cabras, e não tem ovelhas, nem porcos; e tem no tempo presente porcos vindos da terra tanga, e tambem os pedio á sr.^a D. Francisca e ao sr. capitão mór Gonçalo Caetano, que lh'os mandaram na nossa companhia na volta de Tete».

Bastarão as notas e excerptos que deixo transcriptos para fazer sobresalir a injustiça de Livingstone na apreciação que faz do descobridor P. J. Baptista; e para pôr na luz da evidencia que não

eram tão insufficientes, como quer inculcar o viajante inglez, as informações, havidas muito anteriormente á sua viagem, das terras que percorreu desde os sertões de Angola até Loanda, e de Loanda pelo Cassange á costa oriental.

Não transcreverei, nem mesmo resumirei a *Lembrança*, do que P. J. Baptista e o seu camarada passaram em Tete com o governador dos rios de Sena. A alludida *Lembrança*, que sobremaneira honra a P. J. Baptista, abonando a sua boa fê, modestia, candura e coragem, é documento valioso para demonstrar que a menos acertada escolha que tem sido feita por vezes dos funcionarios do ultramar, e não só dos superiores, senão de modo muito especial dos que são a estes immediatamente subordinados, ha sido uma das causas principaes do atraso, em todo o sentido, d'aquellas nossas possessões, e da pouca utilidade, que debaixo das differentes relações commercial e scientifica, tem para si tirado a metropole, com particularidade em certas e determinadas épocas. Não foram procurados os homens que, no intuito do bem entendido proveito publico, deviam ser para alli mandados; enviaram-se affilhados, a quem se pretendeu gratificar. E que succede? que taes homens, como não são os que deviam ser, em vez de terem por fito alargar, e, quando preciso, rectificar as informações relativas ao interior do paiz, dando materia e occasião a que a sciencia geographica se torne rica de abundantes fructos nas suas differentes provincias, e favoreça a causa commum, proporcionando-lhe novas mananciaes de prosperidade; em vez de se dedicarem ao estudo e aperfeiçoamento da agricultura, e de toda a sorte de industrias: em vez de facilitarem os resgates no sertão, animando-os e protegendo-os, a fim de crescer por este modo o trato mais intimo com os indigenas, augmentar-se o credito, e medrar com largueza o commercio, assegurando ás mesmas possessões, e por ellas á metropole, os avultados lucros, donde ha de provir seu certo e progressivo engrandecimento: n'uma palavra, em vez de cumprirem o seu dever, curaram sómente de dar illimitada satisfação á cubiça que os levou a arriscar a vida, indo por annos vivê-la em regiões, cujo clima é origem de fundados arreceios: parecia-lhes desculpavel a compensação, que, por injusta, era criminosa. As excepções, ainda que muitas e muito honrosas, não invalidam a auctoridade d'estas observações tão singelas como justas.

Não em um só, mas sim em muitos logares da sua obra censura

Livingstone os empregados portuguezes de uma e outra Africa, lamentando as funestas consequencias da irregularidade do seu procedimento, e não se esquece de lançar, com tal motivo, sobre o governo muito grave responsabilidade. Quizera eu, como em tantas outras, tambem não achar n'esta censura nem sombra de razão ao missionario inglez. Mas como, se por infortunio os factos não se prestam a auxiliar o meu ardente querer? Oxalá que a melhor escolha já d'alguns tempos começada, se torne de futuro empenho permanente, mantendo-se inalteravel com incessante escrupulo! E todavia é muito para notar que, tendo o governo portuguez dado provas não equivocas, em todos os tempos, de desejar com ardor o adiantamento das colonias, por ir n'elle interessada manifestamente com a utilidade geral a sua propria maior utilidade, não reflectisse durante largo periodo, que, da escolha a fazer dos empregados que para ali mandava, dependia essencialmente a realisação dos seus tão approvados intentos. Se o honrado P. J. Baptista similhasse, de longe que fosse, o governador dos rios de Sena, que de modo tão pouco digno o hospedou em Tete, e tão desleixada e ineptamente se desempenhou dos deveres que lhe incumbiam, não o auxiliando com a efficacia que lhe cumpria, para que o seu regresso pelo sertão a Angola fosse de tanta maior vantagem quanta porventura podia ser, ainda por muito tempo houveramos de estar privados das informações de tão grande valia, de que somos devedores á confiança resignada e corajosa d'aquelle brioso descobridor, cujos serviços, prestados não a bem de Portugal sòmente, senão de todos os povos, se pôde acaso alardear desconhece-los ingratição estrangeira, de certo os não desagradece o pundonor dos portuguezes.

Não de certo; e para o provar, e ao mesmo passo fazer manifesto de quão grande valia foi reputado o descobrimento da communição pelo interior entre a costa occidental e oriental d' Africa, darei aqui por extracto (e por extenso em *Nota*¹) os diplomas das recompensas com que o soberano de Portugal, reconhecendo e proclamando a importancia do serviço prestado, gratificou e honrou o tenente coronel Honorato da Costa e o descobridor por elle commissionedo P. J. Baptista. O dr. Livingstone, que sem duvida ignorava a existencia d'estes, e talvez tambem a dos demais docu-

¹ V. a *Nota* 23.

mentos que deixo citados e transcriptos, agora conhecerá o ter-se havido com excessiva precipitação, por outra cousa não dizer, quando poz tão baixo o preço do subido merecimento de P. J. Baptista, pretendendo que o tivessem como escravo, e por isso desprezível, como um preto indigno de consideração e d'alguma conta! Chegou ainda a mais o excesso de Livingstone, porque chegou a negar a P. J. Baptista a qualidade de subdito portuguez¹. Como se, ainda quando assim fosse, o que por mero acaso nasceu escravo, deixasse por tal motivo de ser homem, e ficasse inhabilitado de pôr-se hombro com hombro, e ainda porventura avantajarse a muitos esclarecidos e livres cidadãos de nações famosas; e como se o que, tornando-se portuguez por sorte ou escolha, adopção e crenças, podesse deixar de ser considerado membro da familia portugueza; e como se o mero accidente de ser mais ou menos escura ou clara a côr, podesse acrescentar ou diminuir o merito real do homem escuro ou do homem claro, do homem branco ou do homem preto! E é um missionario inglez, que se diz christão, e alardêa de *sincero* e strenuo advogado da emancipação dos escravos, que d'aquella sorte falla e se exprime!

O primeiro dos documentos a que me refiro é a carta regia dirigida a José d'Oliveira Barbosa, governador e capitão general do reino de Angola, datada no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 1815, na qual o principe regente, louvando os serviços de Francisco Honorato da Costa, director da feira de Mucari, mediante os quaes se havia conseguido verificar a correspondencia entre as duas costas occidental e oriental d'Africa, alludindo a algumas mercês que por este motivo lhe fizera, lhe concede uma pensão vitalicia de oitocentos mil réis annuaes, pagos pela junta da fazenda do reino de Angola; ordena que o mesmo Francisco Honorato da Costa haja de permanecer na direcção da feira de Mucari, para *continuar as viagens que devem annualmente repetir-se d'aquelle ponto até Rios de Sena*, manda crear uma companhia de *pedestres*, que deverão effectuar as subseqüentes viagens, e declara que o *posto de capitão* da referida companhia se acha provido em Pedro João Baptista, *em attenção aos serviços que fez na primeira expedição, e aos conhecimentos que n'ella adquirio*; determinando

¹ Chap. xvi, pag. 531.

a final que as despesas a fazer nas subsequentes viagens corram por conta da real fazenda.

O segundo documento é o aviso regio, assignado pelo marquez de Aguiar, em 31 de agosto de 1815, para o governador d'Angola, no qual o previne de que, tendo sido conferido ao tenente coronel Francisco Honorato da Costa o posto de brigadeiro de milicias, *em attenção aos relevantes serviços por elle prestados na exploração de que havia sido encarregado da correspondencia das duas costas oriental e occidental d'Africa*, não obstante a falta da sua patente, lhe facilite todas as vantagens que em virtude d'esta mercê lhe competem.

O terceiro documento é o aviso regio, assignado na mesma data pelo sobredito marquez de Aguiar, remettendo ao governador e capitão general de Angola copia do decreto, pelo qual *Pedro João Baptista é nomeado capitão da companhia de pedestres*, mandando-o considerar desde logo com todas as vantagens do dito posto, soldo de 10\$000 réis por mez, e uso do respectivo uniforme.

Em fim, o quarto documento é a carta regia, que confere ao tenente coronel Francisco Honorato da Costa a graduação de brigadeiro de milicias; e o quinto é o decreto que confere a Pedro João Baptista o posto de capitão de pedestres com o soldo acima já mencionado¹.

¹ *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 3.^a serie, pag. 503 (1813).

CAPITULO XII

Ainda outros e importantes documentos — A expedição commandada pelo Major Monteiro — Brevissima noticia do *Diario* da expedição, escripto pelo segundo commandante o sr. Major Gamitto — Este *Diario* é sobremodo importante — Ê de desejar que se torne conhecido, para que seja devidamente avaliado — Alexandre José Botelho de Vasconcellos, governador de Benguella — Viagem ás terras do Loval por José d'Assumpção e Mello e Alexandre da Silva Teixeira — Informações varias — O que se sabe do interior dos reinos de Chingamira — Quiteve — Quissanga e Madanda — O fundador do reino de Chingamira — Origem dos reinos de Quiteve e de Quissanga — Territorio Bandirre — O reino de Inhamesunda ou Madanda — Antigos tractados dos reis do Quiteve com os portuguezes — Todos estes reinos frequentados pelos portuguezes desde tempos remotos — O zelo dos missionarios — Aventureiros diligentes e corajosos — Documentos e testemunhas — Noticia dos portuguezes achada nos sertões mais invios e desencontrados — Resumido quadro das tentativas feitas em todos os tempos pelos portuguezes para conhecer e investigar o interior das terras africanas — Gregorio de Quadra (1521) — O padre Gonçalo da Silveira (1560) — Francisco Barreto (1570) — Vasco Fernandes (1574) — Balthazar Rebello d'Aragão (1606) — D. Estevão de Athaide (1608) — O padre Manuel Godinho (1663) — Ayres de Saldanha (1676-1680) — Manuel Galvão da Silva (1783) — José Maria de Lacerda (1787) — José d'Assumpção e Mello e Alexandre da Silva Teixeira (1793-1799) — O dr. Lacerda (1798) — O padre Francisco João Pinto (1799) — Pedro João Baptista e Anastacio José (1806-1814) — O major Monteiro (1831 e 1832) — Joaquim Rodrigues Graça (1843-1847) — A. F. F. da Silva Porto (1852 e 1853) — Negociantes mouros de Zanzibar em Benguella — O continente africano atravessado de L. a O. — O major Francisco José Coim-

bra — Informações e incentivos — Memoria de Francisco de Salles Ferreira — Carta de Ladislau Amerigo Magyar — As arguições de Livingstone contra o governo de Portugal e contra os portuguezes como devem ser avaliadas — As pretensões do missionario inglez só têm por base o orgulho e a vaidade — Conclusão.

Por não interromper a serie de documentos, que tem por objecto as tentativas feitas de ordem do governo portuguez, para o descobrimento da communicação e correspondencia entre uma e outra costa d'Africa oriental e Africa occidental, dei seguidamente noticia d'elles, fazendo a ponto algumas observações breves, mas bastantes ao que devia ser, e era meu principal intento. Comtudo não são aquelles sómente os documentos que eu poderia apresentar; assim como não são as informações que tenho produzido as sós com que podia aclarar o debate para mais ampla e segura instrução dos leitores. Entretanto, sendo, como é, de tanto momento o não deixar motivo nem para a mais leve hesitação ácerca da materia disputada, ainda transcreverei um outro documento, d'onde para ella nos virá luz sobremodo opportuna, e proseguirei na investigação de algumas outras informações, que completarão a demonstração a que me tenho obrigado. Antes d'isso porém cumpreme dar noticia, comquanto muito resumida, do *Diario* do sr. major Gamitto, que, por digno da maior attenção, é de desejar que se torne largamente conhecido.

A expedição, da qual era primeiro commandante o major José Manuel Corrêa Monteiro, e segundo commandante o auctor do *Diario*, o capitão Antonio Candido Pedroso Gamitto, começou a sua marcha no 1.º de junho de 1831, e tendo caminhado por terras dos prazos, e pelas dos Maraves, Zimbas ou Muzimbas, e dos Chevass e Tumbucas, entrou nas terras dos Muizas, pertencentes hoje aos Muembas ou Moluanes. A expedição chegou a Lunda, côrte do Cazembe, no dia 19 de novembro, percorridas, segundo as notas e opinião do sr. Gamitto, trezentas legoas de dezoito ao grão.

Permaneceu a expedição em Lunda até ao dia 20 de maio de 1832, que foi o primeiro da marcha de retirada para Tete. Durante aquelle tempo o primeiro e o segundo commandantes, acompanhados de algumas outras pessoas da expedição, fizeram uma digressão ao rio Lunde a NNE. de Lunda, não podendo conseguir achar-se no rio Guapula e investigar a serra Cundelungo, como preten-

diam, por haver-lh'o tolhido o Cazembe. A expedição deu entrada em Tete no dia 16 d'outubro, tendo empregado setenta e seis dias de marcha em caminhar trezentas e tres legoas.

É para notar que a expedição Monteiro, quer na ida ao Cazembe, quer no regresso para Tete, seguiu caminho differente da expedição Lacerda, e só por excepção, fôra do territorio portuguez, tocou em pontos onde esta houvesse estado. Os rios principaes que passou a expedição foram o Zambeze, em terras portuguezas; o Mavuz, nas dos Maraves; o Aruángo do Norte, nas dos Chevas e Muizas, e o Chambeze e Ruanceze no territorio outr'ora Muiza: vio os lagos Luêna e Môfo ambos nos dominios do Cazembe; e transitou os territorios dos potentados Unde, imperador dos Maraves; Mucanda, rei dos Chêvas; Chiti-Muculo, rei dos Muembas, e do Muata-Cazembe, imperador dos Lundas ou Cazembes, e o mais poderoso de todos aquelles potentados.

O sr. Gamitto, depois de dar conta muito por menor de como a expedição foi recebida e tratada pelo Cazembe, e das occurrencias que tiveram logar em Lunda¹, descreve circumstanciadamente os usos e costumes dos povos Maraves, Chêvas, Tumbucas, Muizas, Cazembes, Muembas e Auembas ou Moluanes, e bem assim os varios territorios, e suas differentes producções. A descripção, tanto das terras como dos habitantes, vem sempre acompanhada de apreciações que são para ter em muita conta, assim como são sempre judiciosas as observações que não deixa de fazer opportunamente com respeito á agricultura, ao commercio, á civilisação, ou á conveniencia politica. Não direi nada mais sobre este objecto, mas concluirei repetindo que seria muito de desejar que o *Diario* do sr. Gamitto se tornasse conhecido, para ser, como é digno, devidamente avaliado. Isto mesmo se deve ter inferido da leitura dos excerptos do alludido *Diario*, de que me servi por vezes para esclarecer alguns logares, ou confirmar algumas observações que devem ter-se encontrado no decurso d'este exame.

Passemos a tomar conhecimento do documento, e das informações a que ha pouco fiz referencia.

Alexandre José Botelho de Vasconcellos, governador de Benguella, no 1.º d'agosto de 1799 dá noticia² da viagem commercial

¹ V. a Nota 15.ª

² *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 159 e 160.

às terras do Loval, feita por José da Assumpção e Mello, natural da Bahia, e residente em Benguella, com quem, na terceira vez que alli voltou, foi de companhia Alexandre da Silva Teixeira, natural de Santarem. Esta viagem prova mais uma vez, contrariamente às asserções de Livingstone, que os *brancos* (portuguezes) haviam sido vistos, e não podiam deixar de ter, até remotas distancias no interior, mais que sufficiente conhecimento dos territorios africanos. Eis-ahi resumida em curtas clausulas aquella notavel excursão.

Os dous associados Mello e Teixeira sahiram da cidade de Benguella a 22 de setembro de 1795, e correram aquella capitania em todo o seu comprimento, por espaço de cento quarenta e oito leguas. Foram pernoitar a Catumbella quatro leguas, e seguiram a Quissange vinte leguas, a Quiballa vinte e quatro leguas, a Ballundo trinta e cinco leguas, ao Bihê trinta e cinco leguas, ao Coanza trinta leguas. D'alli, tendo atravessado o Coanza para as terras do Sova Anguruca, proseguiram até Angullo trinta e seis leguas. Então se embrenharam pelos matos, a fim de se desviarem de alguns Sovas que, sobre crueis, tinham razão os nossos viajantes de temer que lhes embargassem o passo, obrigados do ciúme do commercio que não queriam que fizessem com outros nenhuns povos. Alcançado o rio Cutia, a seis leguas de Angullo, continuaram para o rio Cice seis leguas, e para a nascente do mesmo Cice dezeseite leguas. D'ahi seguiram ao rio Munhango treze leguas, á cabeceira do rio Luena vinte e oito leguas, ás portas do Loval, Sovetado Cacinga, trinta e cinco leguas, á Libata grande do Sova Quinhança, já nas extremas da provincia, cincoenta leguas; completando, a contar do rio Coanza, cento noventa e uma leguas, e a contar da cidade de S. Filippe de Benguella trezentas trinta e nove leguas.

A provincia do Loval tem sessenta leguas de comprimento sobre dez de largo, pouco mais ou menos; é muito povoada, e demarca pela frente com o Sova do Luy e Ambuellas, pelo lado direito com os poderosos Sovas Ambuellas, Bunda e Caminga; pelo esquerdo com os Sovas vassallos do grande Sova dos Molluas, e pela retaguarda com os Sovas Quiboques e Bunda. O Sova do Loval, e todos os seus povos, são mansos e trataveis, e fizeram boa hospedagem aos dous sertanejos, havendo-se com lizura no commercio, e não consentindo ladroeiras. Disseram que desejavam que fossem muitos negociantes mercadejar ás suas terras, as quaes, segundo as indicações por elles dadas, não ficam muito distantes dos rios de Sena.

Agora, demais do documento que temos acabado de ler, e que prova o largo conhecimento havido pelos portuguezes das terras sertanejas, e consequentemente das suas produções, e dos usos e costumes dos seus habitantes, pois que não cessavam de as investigar a todo o custo, sem que se lhes pozessem por diante nenhuns obstaculos ou difficuldades, temos a tomar nota d'outras informações, d'onde é forçoso deduzir igual consequencia. E não provirá ella espontanea e segura do que se sabe com respeito ao imperio do Monomotapa em geral, e em particular aos reinos de Chingamira, Quiteve, Quissanga e Madanda? Estes reinos limitando as terras, em que são senhores os portuguezes, e estendendo-se do oriente ao occidente, punham em contacto, mais ou menos intimo e frequente os portuguezes com todos aquelles povos por espaço de legoas innumeraveis, e para o demonstrar será bastante a succinta noticia d'esses reinos que ficam nomeados¹.

Segundo é certo para os cafres, e passou d'elles para os portuguezes, entre os quaes é tradição immemorial, um antigo imperador do Monomotapa teve differentes filhos, um dos quaes, por nome Chingamira, era tido em pouco por seus irmãos por ser havido d'uma escrava. Magoado das affrontas domesticas deixou a casa paterna, e, capitaneando um troço de gente sua affeição, atravessou varios sertões, e foi fundar um reino em terras que distam das nossas cento e oitenta leguas pouco mais ou menos, ao qual poz nome Chingamira. Accrescentam os cafres que os Chingamiras commerceavam com homens brancos; e não pôde deixar de ter-se por fóra de duvida que taes brancos eram moradores da costa do occidente, reino d'Angola, cujas terras por aquelles sertões dentro vem pegar com as da parte oriental².

Tiveram similhante origem os reinos de Quiteve e de Quissanga fundados ambos por dous irmãos de Chingamira, com auxilio d'este, depois da morte do pae commum. O reino de Quiteve confina ao N. com o de Chicanga, ao S. com o de Madanda, ao L. com Macaia, Rios de Sena e Sofala, a O. com o reino de Quissanga: estende-se N. S. obra de cento e vinte leguas, e doze de nascente a poente, abrangendo diversas provincias. O territorio do Quiteve

¹ V. a Nota 17.^a

² V. Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. ix, pag. 143. V. a Nota 7.^a

é muito rico de minas de ouro, ferro e cobre, e sobretudo é copiosissimo de ouro o sitio chamado Bandirre.

Este territorio Bandirre, que dista de Sofala cousa de trinta legoas, foi dado pelos reis do Quiteve á corôa de Portugal em 1580, para os portuguezes alli se estabelecerem, e feitorisarem. Os naturaes indigenas chamam a este lugar Mucara do Muzungo, que em linguagem quer dizer «a terra do homem branco». O reino de Quiteve dilata-se por mais de duzentas leguas em circumferencia, e todos estes terrenos são muito povoados de elephantes, excepto no alto Quiteve por falta de pastos.

O reino de Quissanga é menos fertil que o de Quiteve, nem alli ha minas de ouro, senão de ferro e de cobre. O marfim abunda, e é de superior qualidade. Este reino dista de Sofala umas cem leguas, endireitando para o Nascente, e pega ao Norte com o rio Save, que o separa das terras de Chingamira.

O reino de Inhamesunda ou Madanda na extensão do territorio é igual ao de Quiteve, com o qual confina pelo Norte e Nascente. Pelo Poente pega com o de Quissanga, e pelo Sul serve-lhe de limite o rio Save, e o territorio de Bandirre.

É de notar que os reis de Quiteve, por antigos tratados feitos com os portuguezes, não subiam ao throno sem que primeiro dessem parte aos governadores de Sofala, enviando-lhe um brinde, ou *bindo* como elles lhe chamam, em signal de preito e menagem, ao que os governadores respondiam com outro, no qual entrava sempre uma *fumba*, isto é, um fardo de samater (panno branco que vem da Asia), por ser practica religiosa d'aquelles reis descerem á sepultura amortalhados n'este panno, mas trazido de Sofala, e não de outra parte. O reino de Quissanga avantajase na abundancia dos gados, e do marfim. Em outro tempo proviam-se d'elle n'aquellas terras os moradores de Sofala, resgatando annualmente para cima de oitenta bares (cada bar tem vinte arrobas), mas hoje resgatam muito menos, porque as incessantes desavenças em que andam aquelles cafres uns com os outros, que não os deixam largar as armas, são parte para que os portuguezes não possam ir tão facilmente mercadejar pelo sertão dentro¹.

Ora estes reinos, opulentos de tudo em que pôde interessar o commercio, como vizinhos dos nossos dominios, são desde longes

¹ Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica*, cap. ix, pag. 450.

tempos frequentados pelos portuguezes, que por esse motivo, e em consequencia dos resgates annuaes das feiras do Zumbo e Manica, e da correspondencia com os indigenas, seguida quasi de dia a dia, tinham d'elles e dos seus territorios cabal conhecimento.

O zêlo dos missionarios lhes deu força e coragem para abrir passo por todos estes e outros reinos, e em muita parte erigir templos e exaltar a cruz¹; e a sêde das riquezas lá tambem levou ousados aventureiros, que diligentes as correram e investigaram. A copia e variedade de materia commerciavel, obtida pelos que se dedicavam, sem de nada se arrecearem, ao resgate, não do ouro ou do marfim sómente, senão de toda a sorte de objectos para trato e mercancia, assim o provam com evidencia, e o prova não menos a noticia, que dos brancos (e outros não podiam ser senão os portuguezes) havia desde tempos afastados até no mais escondido sertão. Quereis documentos e testemunhas? Em toda a Africa achareis excepcionalmente para o attestar a tradição uniforme, não interrompida, ainda hoje subsistente, e sem alteração confirmada pelos indigenas e pelos portuguezes; e achareis que, reproduzida e continuada sem discrepância até agora em os nossos escriptores antigos e modernos, essa tradição de modo inabalavel assim o estabelece. Ha mais ainda, porque não raros, antes muitos, ou porventura todos os viajantes e escriptores estrangeiros, que mais ou menos detidamente percorreram alguma parte da Africa oriental ou occidental, ou d'ella trataram ou escreveram, conformam-se em confessar, até involuntariamente, não haver terra nem sertão, por invio ou desconhecido que seja, que lhes não deparasse noticia e vestigios dos portuguezes, ou lhes chamem Muzungos, ou seja qual for a denominação com que nas differentes linguas, e tão varios dialectos, a elles alludem, e os designam.

Agora porém julgo opportuno dar aqui noticia, em resumido quadro, das tentativas, feitas em todos os tempos pelos portuguezes, para investigar o interior das terras africanas. Se parecer a alguem que desando caminho, e volto para trás, a consequencia a inferir ha de mostrar-lhe, se não me illudo, que marchei com vantagem para diante.

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. I e II, etc.

Em 1521, segundo Goes afirma¹, El-Rei D. Manuel, querendo dar á execução um desenho, muito d'antes meditado, mandou ao Congo Gregorio de Quadra com ordem de investigar o caminho desde o Congo para a Abyssinia atravessando a Africa. Effectivamente Quadra esteve no Congo, porém tendo de voltar a Portugal para remover alguns embarços, e achando morto El-Rei D. Manuel, o desenho d'este se desvaneceu.

O padre Gonçalo da Silveira achava-se missionando no interior da Cafraria em 1560; e, seguindo de Inhambane á côrte de Otongue, veio aos rios de Cuama, entrou por Quilimane até Gilôa, e continuou pela bocca do Zambeze, Inhamoi, etc., até muito no interior. No anno seguinte foi morto pelos cáfres.

Francisco Barreto, que governou na Africa oriental reinando El-Rei D. Sebastião, preparou e capitaneou uma expedição ao Monomotapa e minas de Sofala, por cuja causa teve a sustentar guerra trabalhosa e arriscada²; e, tendo ajustado paz com os reis de Chicanga e Quiteve, passou a Sena. Barreto enviou embaixadores ao imperador e obteve d'elle as minas de prata de Chicova, falleceu, na volta, em Tete no anno de 1573; porém Vasco Fernandes, que lhe succedeu no commando da expedição, penetrou até ás minas de Chicanga, de Manica, e outras.

Em 1606 encarregou o governador d'Angola D. Miguel Pereira Forjaz a Balthazar Rebello d'Aragão do descobrimento da comunicação interior com a contra-costa. Não podia ser escolhido homem mais a ponto para fazer viugar o resolvido intento; porém vio-se constrangido a levantar mão da empresa já começada, para acudir á fortaleza de Cambambe, de que era governador, e que, na sua ausencia, fôra sobresalteada por alguns sovas convizinhos.

Pouco tempo depois, em 1608, D. Estevão d'Athaide visitou alguns dos territorios sujeitos ao Monomotapa, indo tomar posse das minas de ouro, prata e cobre, de que fizera aquelle imperador doação ao rei de Portugal, sendo governador de Tete Diogo Simões Madeira, que a acceitou. D. Estevão escreveu a relação do desempenho que dera ao encargo que lhe fôra commettido. Por esta

¹ *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, part. 4.ª, cap. 5½.

² V. a *Nota* 16.ª

ocasião fundaram-se em 1614 as fortalezas de Massapa e Chivova¹.

Em 1663 o padre Manuel Godinho da companhia de Jesus, na *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, dá notavel testemunho de como o interior do continente africano era investigado pelos portuguezes, e, por notavel, aqui o transcreverei textualmente²: «O caminho de Angola por terra á India não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo quinze legoas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de duzentas e cincoenta legoas. Esta lagoa põem os cosmographos em quinze grãos e cincoenta minutos; e *segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros d'aquella Cafraria*, fica esta lagôa não muito longe do Zimbavé, quer dizer côrte de Mesura ou Marabia. Sahe d'ella o rio Aravi, que por cima do nosso forte de Tete se mette no rio Zambeze. E tambem o rio Chire que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com as do rio de Cuama para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita lagôa Zachaf, e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Tete e Sena: d'estes á barra de Quilimane: de Quilimane se vai por terra e por mar a Moçambique: de Moçambique em um mez a Goa. Que haja a tal lagôa dizem-no não só os Cafres, *senão portuguezes que já lá chegaram. navegando pelos rios acima*, e por falta de premio se não tem descoberto atégora este caminho».

Ayres de Saldanha, governador d'Angola, pretendeu, de 1676 a 1680, abrir communicacão pelo interior para Benguella e d'ahi á contra-costa, porém baldou-se aquella tentativa em consequencia das difficuldades que sobrevieram e obstaram a que chegasse a realisar-se³.

¹ *Indice Chronologico das Novas Viagens e Descobrimentos dos Portuguezes*, pag. 196.

² Cap. xxiv, pag. 199 e 200.

³ *Indice Chronologico das Novas Viagens e Descobrimentos dos Portuguezes*, pag. 213.

Já vimos no cap. iv que José Maria de Lacerda foi nomeado em 1787 para acompanhar a expedição que fôra enviada com instrucções para descobrir o curso do rio Cunene até à sua foz; e tambem tomámos conhecimento da muito importante *Memoria* por elle dirigida ao ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na qual dá tantas e tão curiosas noticias relativas aos sertões e interior do continente africano.

Como se lê nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*¹, foi mandado no anno de 1783 para Moçambique de ordem da Rainha a Senhora D. Maria I o naturalista Manuel Galvão da Silva, acompanhado do desenhador Antonio Gomes, a fim de colligirem noticias dos varios productos da natureza nos sertões d'África oriental. Gomes foi encarregado especialmente de desenharem as respectivas estampas.

Em 1798 teve logar a expedição do dr. Lacerda, governador dos rios de Sena, que, sahindo de Tete e atravessando pelo interior do territorio africano, chegou á côrte do Cazembe, onde falleceu. Já dei noticia, com a conveniente largueza, d'esta viagem do dr. Lacerda, assim como do muito valioso *Diario* da sua expedição por elle mesmo escripto; e bem assim do *Diario*, tambem muito importante, do padre Francisco João Pinto, que por morte do dr. Lacerda o substituiu no commando da expedição, e a caudilhou até regressar a Tete em novembro de 1799.

Da mesma sorte fallei da viagem que José da Assumpção e Mello e Alexandre da Silva Teixeira, moradores de Benguella, fizeram em 1795 ás terras do Loval; e de como o governador de Benguella, Botelho de Vasconcellos, deu d'ella conhecimento, depois de concluida em 1799.

Dei noticia igualmente da viagem dos propostos do commandante e director da feira de Mucary, o tenente coronel Francisco Honorato da Costa, começada em maio de 1806, e terminada em Tete em 2 de fevereiro de 1811; e da volta dos mesmos propostos, Pedro João Baptista e Anastacio José, tambem pelo interior de Tete ao Cassange, bem como dos seus *Roteiros*, e muito curiosa *Lembrança*.

Tambem nos é muito conhecida a expedição capitaneada pelo major Monteiro, que foi tão cuidadosamente relatada pelo segundo

¹ Tom. v, pag. 63.

commandante da mesma expedição, o sr. major Gamitto, no seu *Diário* publicado sob o título *O Muata Cazembe*. A viagem da expedição Monteiro verificou-se de ida e volta de Tete ao Cazembe e do Cazembe a Tete nos annos de 1831 e 1832. Emquanto ao *Diário* os leitores já o conhecem, porque, demais de lhes ter dado d'elle informação bastante, com alguns excerptos esclareci mais de um assumpto por mim tratado.

E tambem não nos é desconhecida a *viagem de Loanda com destino ás cabeceiras do rio Sena*, por Joaquim Rodrigues Graça, apprehendida em 18 de março de 1843 e terminada em setembro de 1847; porém a noticia que dei foi extremamente succinta, e, tão ampla como convinha, não pôde aqui ter cabimento. Comtudo o *Diário* d'esta viagem é digno de ser lido, porque se encontra n'elle boa copia de informações que merecem ter-se em conta. Joaquim Rodrigues Graça não traçou um simples roteiro, porém acompanhou-o de observações valiosas ácerca dos costumes, religião, fórma do governo, agricultura e industria dos varios povos por onde transitou; e não são menos para apreciar-se as particularizadas descripções das provincias do Bihé e do Matiamvo, que nos depara o seu *Diário*. Como obrigaría a muito larga escriptura o amiudar esta noticia quanto sem duvida os leitores desejaríam, os convidamos a que lêam na sua integra aquelle curioso documento¹.

Em 1852 (novembro, dia 20) começou uma viagem de exploração á contra-costa Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto, já do conhecimento dos nossos leitores², que sabem, como opportunamente foi notado, que Silva Porto se encontrou com o dr. Livingstone na povoação do chefe Sekeletu, no paiz dos Barotse. Silva Porto não pôde completar pessoalmente esta viagem, ficando em Cutonge depois de cento e sete dias de jornada³, mas encarregou d'ella uns seus enviados que a levaram a effeito⁴. Estes chegaram ao Ibo no dia 23 de agosto de 1853, residencia do governador portuguez de Cabo

¹ *Annaes do Conselho Ultramarino*, n.ºs 9, 10 e 11, de fevereiro, março e abril de 1855.

² V. *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, outubro de 1856, pag. 281, etc.

³ V. *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China*, Bordallo, Append. pag. 306.

⁴ V. *Annaes do Conselho Ultramarino*, n.ºs 29 a 31 inclus. Outubro de 1856 a fevereiro de 1857, e maio de 1858.

Delgado, sendo aquelle o ponto do littoral em que teve termo a sua viagem por terra. D'alli partiram para Moçambique, onde embarcaram no dia 8 de setembro, e n'este porto os tomou a fragata *D. Fernando*, que os reconduzio a Benguella. O *Diario* foi redigido por Silva Porto sobre as notas e informações dos seus enviados; e com quanto não possa haver a consideração que sem nenhuma duvida obteria se Silva Porto tivesse por si mesmo capitaneado a expedição, comtudo ainda assim é de certo para ter por de muita valia. Não póde a este respeito haver minima hesitação; porquanto Silva Porto, conhecido pelo animo aventureiro, e por varias excursões que havia feito a sertões mui internados para fins do seu commercio, possuia roteiros que continham noticias de momento em relação a grande numero de variados objectos. Estava portanto Silva Porto em circumstancias especiaes para inquirir competente e proveitosamente os seus enviados, sem correr o perigo de ser por elles illudido por inepcia ou por malicia. Demais parece dever ter-se por seguro que Silva Porto, desejoso de manter o credito adquirido, e não menos de prestar serviço ao governo e ao paiz, havia de ter sabido escolher os enviados, aos quaes incumbira esta não facil empreza.

Não nos depara o *Diario* de Silva Porto as informações, que muito se desejam e carecem com respeito á geographia, ás riquezas naturaes dos differentes territorios, e á possibilidade de estabelecer com elles relações commerciaes, ou dar maior extensão ás existentes; comtudo algumas nos subministra aproveitaveis, e que são muito dignas de attenção. Alem de que prova esta nova tentativa, a qual não ficou em mero intento, nem se realisou sómente em parte, mas foi levada a cabo inteiramente, que as difficuldades, com quanto grahdes, de taes viagens, longe estão de ser insuperaveis, e que por consequinte podemos esperar com razão fundada que de mais de um modo esta communicação, ou correspondencia, ha de ser emprehendida e ultimada com inteira vantagem da sciencia, da civilisação e da humanidade.

N'este mesmo anno, e poucos mezes antes de Silva Porto ter começado a viagem de que acima acabamos de fallar, chegaram a Benguella tres negociantes mouros de Zanzibar, que tinham atravessado o continente africano de leste a oeste. Acompanhavam os negociantes de Zanzibar uns quarenta carregadores. Aquelles negociantes, tendo-se internado pelo sertão, resgatavam escravos e

marfim a troca das mercadorias, que para este fim lhes levavam os seus carregadores: mas chegando estas a faltar-lhes para as despesas da volta, proseguiram ávante com o intento de as acharem. Então lhes deparou felizmente a sorte o major do Bihé Francisco José Coimbra, que os persuadio a seguirem-no a Benguella. Os aventureiros commerciantes realisaram pois d'este modo a viagem de costa a costa, do oceano indico ao oceano atlantico. É certo que, puramente commercial, esta viagem pouco adiantou, debaixo das considerações scientificas, a solução das questões relativas á correspondencia entre as duas costas; comtudo não é menos certo que os conhecimentos praticamente adquiridos por aquelles commerciantes, e as observações por elles feitas, conhecimentos e observações de que não podiam deixar de dar noticia ao major Coimbra e a outros moradores de Benguella, durante os mezes que alli se detiveram, deviam necessariamente não só engrossar a somma das informações já havidas, senão accrescentar os incentivos ao brio dos que, por mero proveito commercial, ou por acudir aos repetidos convites das auctoridades superiores, estivessem dispostos, ou sequer abalados, a aventurar-se a tentar igual empreza. Assim aconteceu effectivamente com Silva Porto, que movido do exemplo que tinha aos olhos, e da proposta do governador d'Angola, encetou a viagem, de que démos conhecimento, de companhia com os commerciantes mouros na volta d'estes para Zanzibar.

Sem me deter a dar especializada noticia da *Memoria sobre o presidio de Pungo Andongo*, por Francisco de Salles Ferreira, que o governou de 1839 a 1842, e que dá larga e curiosa noticia não só d'aquelle presidio, e da sua população, usos e costumes, senão tambem das relações de commercio e amizade com varios potentados independentes, fecharei esta inserindo aqui um extracto da importante carta, escripta ao governador de Benguella ácerca do interior da Africa Austral, em 21 de março de 1853, por Ladislau Amerigo Magyar. Em *Nota*, no fim do volume, se encontrará por extenso a carta, da qual dou aqui sómente amostra¹.

Magyar declara que, para coadjuvar o empenho do governo da metropole em descobrir o interior do vasto continente africano, abrindo communicação do littoral occidental até ao oriental, vai fazer um curto esboço das suas descobertas, pedindo que se lhe dê

¹ V. *Nota 24.*

publicidade, e seja levado ao conhecimento do governo de Sua Magestade.

Diz Magyar que, tendo sahido de Benguella com a direcção E., passára o Amba e Bailundo, e chegara ao Bihé, descrevendo a geographia physica dos ditos territorios, e determinando o curso e manancial d'alguns dos rios que entram no mar entre os grãos 9 e 12. latitude S., como os rios Longa, Cuvò, Novó Redondo, Qui-combo, Egypto, Rio Tapado e Anha. Acrescenta que observara estes territorios em sentido geognostico, botanico e metallurgico.

Magyar levantou do Bihé, tendo-se demorado por alli alguns mezes, e continuando na mesma direcção, passou o Coanza, determinou, segundo affirma, o manancial d'este rio, e fazendo uma diagonal na direcção ENE., atravessou os reinos de Lu-chasi e Bunda, notou o curso de varios rios navegaveis, como o Vindica, Carima, Cuima, Cambale, todos tributarios do Coanza. No reino de Cariongo, mudando a direcção para E., nos mattos de Quiboque, alcançou o ponto culminante do continente africano em o hemispherio do sul. Declara que achou este ponto, com calculo barometrico, debaixo do 10° 6' latitude S., e 21° 19' longitude E.

Observa que se pôde chamar o reino de Quiboque a mãe das aguas africanas no hemispherio do sul. Aqui tomam origem os rios já mencionados, e o volumoso Cassabi, o qual no seu curso para E. divide os reinos de Lobar e Catema-Cabita do extenso imperio de Lunda, onde, depois de se unir com o rio Luloa, muda a direcção NE., indo entregar as aguas ao oceano indico: e a tomam igualmente os rios Lu-gebungo, Lu-tembo, Lumegi, Lume, Luena, Quifumage, que são afluentes do grande Diambege, que Magyar suppõe ser o Zambeze ou Sena.

Affirma que penetrara nos sertões d'África até 4° 41' latitude S., e 25° 45' longitude E. nas cabeceiras do grande rio Diambege, e que procurara obter amplas informações sobre a geographia d'alguns dilatados reinos hoje desconhecidos, estatistica e politica dos povos, botanica e historia natural, e ter em ordem as observações meteorologicas, a fim de poder esclarecer a geographia d'aquellas regiões.

Conta que em maio de 1851 lhe apparecêra em Chaquilembe, no reino de Lunda, uma carta escripta em arabe, que lhe levara a sua gente que tinha passado á outra banda do Diambege, á qual a tinham entregado uns mouros com os quaes lá se encontrara: que

por ignorar o arabe, não podera responder á carta, mas soubera ao depois que os ditos mouros se tinham unido á gente do major Coimbra, e a acompanharam até Quissembe, no reino de Dunda, onde o major estava negociando, e d'alli foram com elle para Benguella.

Accrescenta que fizera segunda expedição, sahindo de Benguella com rumo ESE., passando por Quilengues, Gambos, Humbe, Camba, Canhama, até 20° 5' latitude S., e 22° 40' longitude. Nota que a historia natural dos territorios do sul apresenta grande variação comparativamente com a dos sertões do norte, que a indole dos povos é feroz, e o transito por entre elles perigoso em consequencia das guerras em que vivem; que, no paiz de Camba, atravessou o rio Cunene; e que, tendo permanecido nove mezes no reino de Quanhama, protegido pelo regulo Aimbiri, descobrira muitos territorios extensos e bem povoados, dos quaes a geographia ignora os nomes, e communicara com os seus habitantes, nunca d'antes vistos de nenhum europeu.

Prosegue dizendo que fizera a hydrographia de muitos paizes, até então desconhecidos, que, a SE. e S. de Quanhama, se estendem até ás possessões inglezas do Cabo de Boa Esperança. Nota o rio Cubango, que tem o manancial nas serras de Galangue, e percorre em parte estes paizes, e unindo-se ao rio Cuito, no territorio Indirico, vai misturar as aguas com as do Riambege no dos Mococotas.

Refere que no mez de outubro do anno antecedente (1853) tinham ido acha-lo em Quanhama tres portadores, naturaes de Hai Donga, paiz situado a SSE. de Quanhama, dizendo-lhe que tinham apparecido lá tres brancos, dous montados em cavallos, e um em boi, vindos do sul pelo paiz dos Mucimbas; que um pombeiro que fallava portuguez, não os podera intender, e só chegara a saber que eram inglezes. Magyar, ao saber isto, os avisou que o esperassem ou viessem ter com elle, pois a distancia era só de tres dias; porém soube que n'esse intervallo tinham abalado, porque os naturaes tencionavam assassina-los por não quererem comprar marfim, e por terem ido visitar sem licença as minas de prata e cobre que possuem com o nome Cimana Holomunda. Declara Magyar que soubera de Aimbiri que os ditos brancos vinham do sul, que pertenciam a uma grande comitiva de brancos, quasi todos montados em cavallos, que invadiram o paiz dos Mucimbas e Mungangelas, tomando áquelles parte das minas, e a estes muito gado

vaccum. Adverte que, segundo as observações que obtivera, o recontro com os brancos devia ter tido logar entre 25 e 26 grãos latitude S. Magyar não tinha podido averiguar se aquella expedição armada teria sahido da colonia do Cabo da Boa Esperança ou de Algoa Bay (Bahia de Lourenço Marques) por auctoridade do respectivo governo, ou se era composta meramente de aventureiros.

Magyar declara que está prompto a pôr em ordem e publicar as suas viagens, logo que seja d'isso encarregado, promettendo rectificar na sua relação muitos erros dos geographos mais acreditados, com respeito ao continente interior; bem como tratar com largueza e diligente cuidado a parte hydrographica, sobremaneira importante e totalmente ignorada.

Na presença d'este quadro geral, a fim de que possa abranger-lo n'um simples relancear, será facil ao leitor sizudo e reflectido. formar de prompto cabal conceito da sollicitude com que, desde os tempos immediatamente proximos ás primeiras descobertas e conquistas feitas n'Africa, os reis de Portugal trataram de fazer investigar com o maior cuidado e diligencia o interior do continente africano, abrir communição entre as costas oriental e occidental, tomar conhecimento dos usos e costumes dos varios povos, alumia-los com a luz do Evangelho, e, chamando-os a trato amigo, promover para vantagem commum tudo o que persuade a razão esclarecida, e guiada, não por mero e odiento egoismo, mas sim pelo generoso sentimento de alargar os horisontes da civilização, e fazer progredir a obra da humanidade.

E que ficam valendo depois d'isto as arguições do dr. Livingstone contra a supposta incuria do governo de Portugal, e dos portuguezes, a bem da melhor sorte dos povos africanos, e com respeito á mais certa e maior vantagem da sciencia, do commercio e do aperfeiçoamento social? Não podem ser tidas senão em conta de declamações vans, e só para desprezadas; assim como não pôde deixar de ser apontada ao dedo, e severamente censurada a vaidosa e audaz pretensão, que se escora no orgulho, que a suggere e alenta, com que o famoso missionario para si reclama as honras de primeiro descobridor do que desde muito tempo antes, como ficou já de sobejo manifesto, fôra pelos portuguezes descoberto, conhecido e frequentado.

CONCLUSAO

Toquei a meta. O caminho, que tinha para andar, é longo ; mas tive de abrevia-lo mais do que fôra minha tenção, mais do que talvez convinha : obrigaram-me rasões que não são para trazer agora á praça, e que por isso espero se me consinta passar em silencio. Entretanto tenho que não muito perderam os leitores ; porque dos factos não mencionados, e das observações omittidas, se podia porventura vir accrescentamento de informações, comtudo, como tendiam todas conformes a reforçar a demonstração já feita, e esta a julgo posta acima de toda a duvida, e no caso de concluir sem minima hesitação, talvez não ha a lamentar, como da maior monta, o que fica supprimido, pois que por alguém houvera acaso de ser tido por superabundante.

E certo segui o dr. Livingstone por toda a parte, por onde elle viajou mais aventureado e vanglorioso, sem que me acovardasse nem a sua afouteza, nem a sua presumpção ; e, se não erro muito lastimosamente, parece-me ter mostrado que o celebre missionario, digno sem duvida de elogio por sua coragem, perseverança e tenacidade, e digno de agradecimento pelo que fez em obsequio das sciencias geographicas e naturaes, e em serviço da sociedade, comtudo para a pretensão ambiciosa, que, longe de dissimular, inculca desassombrado, e põe como rotulo obrigado de todas quantas lhe lembrou chamar suas descobertas, carece de fundamento assás justificado, e não menos portanto para que lhe seja adjudicada a corôa sobre que não se arreceou de estender mão temeraria. O dr. Livingstone é descobridor do que não estava ignorado, revelou o que fôra de muitos, até sem gloria, sabido, porque não podia ter-lhes ficado occulto ; particularizou, descreveu, e ás vezes poetou ; appropriou as tintas, aformoseou quadros, e, trocados nomes, alteradas vistas, arriscados traços, que, se não tinham motivo na mesma natureza das cousas, nem por isso ou-

sada phantasia os rejeitava por incongruentes e mal cabidos, fez com que, se não todos, nem muitos, alguns ao menos d'esses quadros se afigurassem novos, e nunca d'antes vistos, aos que por menos diligentes em esclarecer-se, ou por mais dispostos a admittir facilmente as palavras do celebre missionario, tudo lhe aceitaram como por elle era offerecido.

Entretanto, por muitas liberdades que tomasse, por muito largo uso que fizesse do antigo e conhecido privilegio dos viajantes em terras pouco ou mal sabidas, e por mais que lhe estivesse a peito subordinar, ou pôr sequer em harmonia com a traça imaginada, para propria gloria e louvor, a fôrma a dar á materia que disputava, não pôde nunca o dr. Livingstone chegar até aonde pretendia ir, porque nunca pôde dizer com verdade: «Primeiro que nenhum outro, antes de todos *achei*».

Não achou: e que não achou cuido que fica n'este exame, como sua consequencia inevitavel, com amplidão demonstrado. O lago Ngami, o Zambeze interior, a catarata Mosioatunya, a viagem pelo interior d'Africa de uma á outra costa, são os titulos com que principalmente o dr. Livingstone se arrêa, e julga auctorizado a reclamar as honras de primeiro descobridor; e comtudo nenhum d'aquelles titulos se nos apresenta em boa e devida fôrma, nenhum está acima de duvidas, que, sufficientemente justificadas, os tornam improcedentes, e, por menos legitimos, incapazes de produzir os effeitos, que tão ambiciosamente pretende o dr. Livingstone.

Mais e muito mais longe leva ainda o famoso missionario o seu não vulgar ardimento no pretender do que lhe não compete, e em defraudar os direitos indisputaveis d'aquelles a quem os assella justiça rigorosa. Se dermos ouvidos ao celebrado viajante, quasi que não poz o pé em terra, que não fosse por elle pela primeira vez pisada, sem que nunca jámais os portuguezes a tivessem visto ou trilhado. Porém se os titulos, que se destinam a firmar-lhe na cabeça aventureosa a corôa da cobiçada gloria, foram achados menos valiosos, não é possivel o haverem de reputar-se em condição mais avantajada as rasões de pequeno momento, em que presume estabelecer as desarrazoadas aspirações do seu orgulho insoffrido.

Nem podem considerar-se como dignas de ser tidas em melhor conta as censuras, e semrazões de Livingstone com respeito ao que pelos portuguezes foi obrado e concluido em uma e outra Africa. A injustiça é flagrante, porque provam os factos, contrariamente

ao que o missionario inglez intenta persuadir, e deseja fazer acreditar, que, não só, sem as precedentes noticias alcançadas por diligencia e fadigas dos portuguezes, não teria elle ousado, nem podido ultimar a sua memoravel perigrinação, mas nem esta acharíamos acompanhada de particularidades e informações, que manifestamente aos trabalhos d'aquelles são devidas.

E tambem os factos provam que, feita excepção d'alguns esclarecimentos attinentes ás sciencias naturaes e geographicas, pelo dr. Livingstone consignados de modo mais amplo e definido, pouco, se alguma cousa mais porventura, se avantajam aos que possuíamos já, assim em relação aos usos, costumes, crenças, trato negocioso, e constituição social dos povos do interior, bem como em relação ás riquezas do solo, e á variedade e abundancia de productos de toda a sorte, que tão admiravelmente o opulentam, e que, tornados accessiveis á acção commum do trafego e commercio das nações civilisadas, podem e devem concorrer de modo effectivo, e infallivel, para a progressiva transformação do seu bem estar e melhor viver.

E note-se todavia que não pôde aquella mesma excepção admittir-se com inteira independencia de quaesquer restricções, por quanto não são para acceitar-se a esmo, e com fê implicita as observações scientificas, e as informações de varia natureza, que nos são communicadas pelo dr. Livingstone. Não é dito isto com intenção ruim, nem para affronta ou em desabono do illustre viajante, mas porque não pôde ser de outra sorte. Assim é obvio, attendendo-se a que não lhe consentia a pouca demora em territorios sobremaneira importantes d'aquellas differentes regiões, que fosse tão pausado e reflectido o conhecimento a tomar dos muitos e differentes objectos pelos quaes tinha de dividir a attenção, como fôra absolutamente indispensavel, para que nos houvessem de inspirar inteira confiança as suas aliás diligentes averiguações. Demais é o proprio dr. Livingstone que mais de uma vez, pouco seguro de si, deixa em duvida a exactidão das suas observações astronomicas, e de outras, que, tendo por assumpto materia no parecer d'algum acaso de menor monta, nem por isso eram menos para considerar-se. É certo que o dr. Livingstone parece querer prevenir estes reparos, afirmando que foram todas ou grande parte d'aquellas observações rectificadas por um habil astronomo do Cabo: mas, onde existe, para ser consultada, essa

abonação? E todavia desde já é certo que o mesmo dr. Livingstone, que em virtude das suas observações taxara de menos rigorosas algumas do dr. Lacerda, ao depois se vio forçado a confessar, que não fôra justa a censura que fizera: e pelo demais quem ignora que taes rectificações, não feitas em tempo e lugar competente, não podem supprir de modo cabal a inexactidão ou deficiencia, embora, se quizerem, não culpavel, das observações primitivas? Como, a quem rectifica, não é possível senão operar sobre os elementos dados, para, quando algum fallece do qual por sorte carecia, não haver de socorrer-se á conjectura, não pôde a rectificação, em casos taes, fazer-nos maior força do que a propria primitiva observação, a fim de que fiquemos seguros e tranquillos.

Declara tambem o dr. Livingstone que muitas das suas outras observações, feitas acaso menos a vagar do que elle mesmo desejava, sem duvida as rectificarão os viajantes que depois d'elle hão de seguir-se; porém no tocante a estas rectificações, recommendadas ou promettidas, temos a notar, o que de certo não deixará de fazer de si proprio o leitor menos escrupuloso, que a incerteza caracteriza o que se annuncia como havendo necessidade de que seja rectificado.

Por ultimo é importante advertir que o dr. Livingstone, comquanto confesse por vezes ser devedor de muitas atenções pessoais não só ás auctoridades portuguezas, que em toda a parte, n'uma e n'outra Africa, lhe facilitaram quantos auxilios e esclarecimentos pedio ou precisou, senão a grande numero de cavalheiros particulares, que para com elle se houveram sempre do modo mais liberal, fazendo-lhe gazalhado sobremaneira obsequioso, e levando até ao extremo os termos da mais franca e mais cordeal hospitalidade; comtudo revela a espaços, e com frequencia, não sei que mesquinhos sentimentos de magoado despeito e invejoso orgulho, que facilmente deixam suppor que, por mera contemplação com as praticas de usual cortezia, antes do que por sentido impulso de sincera gratidão, assim se exprime. No que tem referencia pessoal aos individuos, não é o dr. Livingstone parco de palavras brandas e suaves, para que o tenham por agradecido: mas, quando se trata dos portuguezes como nação, o seu tom é outro. É certo que, forçado da verdade, não pôde alguma vez deixar de ser justo para com elles; mas como que, se presente e adivi-

na que só constrangido é justo. Lobriga-se por entre os termos de expansivo agradecimento e louvor, bem como por entre os que fundamentam censuras mais ou menos exaggeradas, ou manifestam de modo um tanto nebuloso pretensões de cubiçosa audacia, a reservada intenção de não prejudicar de nenhuma sorte os intuitos ambiciosos a que obedece exclusivamente. Vingarem taes intuitos, ou antes obterem triumpho completo, sem que os direitos dos portuguezes sejam tomados em nenhuma conta, senão para serem offendidos no que são áquelles oppostos, não se adivinha sómente, quasi que se vê e apalpa ser a linha d'antemão traçada para o invariavel caminhar do dr. Livingstone.

Se parecesse a alguém que levo muito longe as minhas suspeitas, ou que não tenho para ellas fundamento assás firme nas varias pretensões quer sem rodeios definidas, quer meramente aventadas pelo famoso missionario, a esse pediria eu que se recordasse do celebre discurso por este pronunciado em Bath na «Associação para o adiantamento das sciencias, etc.»; ao depois o meu juizo não será julgado temerario, nem de certo serei tido por nimiamente suspeito¹. O tempo, não me illudo, ha de encarregar-se de patentear que vi claro e seguro.

Antes da derradeira palavra não deixarei de observar que não tenho considerado, porque não podia assim considera-lo, o dr. Livingstone, como missionario, na accepção em que nós portuguezes catholicos estamos acostumados a tomar esta palavra. Não tive no animo avalia-lo como annunciador evangelico, nem elle a isso me dava logar, pois que do Evangelho é do que menos cuidou de occupar-se. O dr. Livingstone é um viajante diligente, é um observador scientifico, é um pesquisador commerciante e politico, não é um prégador do Evangelho. Os homens e as cousas em relação ao reino de Deus não tolheram muito tempo ao dr. Livingstone, que por essa razão, pouco e só fugitivamente nos falla d'ellas; em relação aos reinos da terra, e com particularidade ao reino que naturalmente mais tem no coração, a Inglaterra, absorviam-lhe todo o tempo e cuidares, e por essa razão as contempla de modo quasi exclusivo.

Emfim, se o que fez o dr. Livingstone não é tanto como elle pretende, porque não têm mudado as cousas do seu já sabido

¹ V. a Nota 5.ª

ser por virtude das pessoas peregrinações e fadigas do illustre viajante, nem a estas se devem melhoramentos de vantagem incontestavel; antes, o que foi, ainda é hoje: comtudo tambem é innegavel que fez muito e de grande valia, porque, sobre o ter accrescentado a somma geral dos conhecimentos havidos ácerca do interior do continente africano, tambem aclarou em parte, e melhor definiu muito do que mais ou menos já era conhecido. Fez mais ainda, porque preparou e dispoz elementos que, sendo com diligencia e opportunamente aproveitados, não só podem, senão devem facilitar ulteriores investigações, e mais amplas e mais positivas para o largo progredir das sciencias, do commercio, e dos fóros da humanidade.

CAPITULO XIII

(COMPLEMENTAR)

A nova obra do dr. Livingstone ou *Narrative of an Expedition to the Zambesi* — É ampliação ou antes commentario de materia velha — O meu silencio acerca d'esta obra podia ser mal interpretado — Revelações do dr. Livingstone — O seu *Postscript* — Observações de Livingstone — Observações ás observações — Replica de Livingstone — Exame da replica — A argumentação do dr. Livingstone — Mappas novos — As provas do dr. Livingstone — Exame, e resposta — O testemunho do padre Santos, do padre Godinho, do dr. Lacerda e de outros escriptores, e viajantes auctorizados — O dr. Livingstone ferido com as suas mesmas armas — Doutrina de Livingstone acerca da auctoridade dos antigos escriptores — A difficuldade opposta pelo dr. Livingstone á existencia de factos provados — Zenon e Diogenes e a impossibilidade do movimento dos corpos — A injuria não substitue a razão, nem o direito — Apanagio cobiçado por Livingstone para a corôa d'Inglaterra — Quadro traçado por Livingstone da Africa oriental do dominio portuguez — Quadro verdadeiro — Lourenço Marques — Inhambane — Sofalla — O archipelago de Bazaruto — Quilimane — Sena — Tete — Zumbo e Manica — Moçambique — Falta de exactidão do dr. Livingstone — A villa de Ibo e a colonia de Pemba — Cabo Delgado — Brado injusto e atrevido do dr. Livingstone contra o dominio portuguez na Africa oriental — Franquias commerciaes — Os portuguezes da esquerda do Zambeze não pagam tributo aos Zulus — O vapor *Lyra* — Theoria da força — direito do dr. Livingstone — Esta doutrina reprovada pelo governo inglez — Defeza do dr. Livingstone commoda, mas inconcludente — D'onde as iras do dr. Livingstone — A pequenez da defeza demonstra a ruindade da causa defendida — Introducção — Noções inexactas da nossa historia da Africa oriental — Ainda mais do que os factos o dr. Livingstone resiste a si mesmo — A missão do dr. Livingstone antes politica do que religiosa — Louvores dos missionarios portuguezes pelo dr. Livingstone — Instrucções dadas aos missionarios

protestantes — Plano e fins das missões protestantes — Traças com que se pretende usurpar um dos mais bellos florões da corôa de Portugal — Exame de alguns topicos da *Relação* do dr. Livingstone — O porto de Cangue ou Nhamissengo — A carta de Tito A. Sicard ao cavalheiro Duprat — Parker e Hoskins — Livingstone ás mãos consigo mesmo — O lago Nyassa — Os mesmos quadros pintados com côres diversas — Observações ácerca da presumida descoberta pelo dr. Livingstone do lago Nyassa — Insistencia do dr. Livingstone — Testimunho dos factos contrario ao dr. Livingstone — Desaccordo do dr. Livingstone com o seu proprio testimonho — Falta de boa fé nas arguições do dr. Livingstone — Os commerciantes portuguezes não pagam nenhum tributo excepcional aos chefes das tribus indigenas — Supposta ignorancia das auctoridades portuguezas da verdadeira posição do porto de Cangue — Sicard fascinado pelo dr. Livingstone — As palavras de Sicard não podem ter a significação que Livingstone quer attribuir-lhes — Insinuação atroz do dr. Livingstone contra a honra e lealdade do governo portuguez — Como deve ser avaliada — O rio Rovuma — Designio attribuido sem provas ao governador geral de Moçambique — Recordação da viagem de Pedro João Baptista — Assumptos já tratados — Desastrado fim da missão do bispo Mackensie — A missão-Mackensie era instrumento das traças meditadas pelo dr. Livingstone — A imprudencia perdeu o mestre e o discipulo — O bispo Tozer, successor de Mackensie — O dr. Livingstone louva Mackensie e censura Tozer — O rev. Henry Rowley — A carta do rev. Rowley escripta por exigencia do dr. Livingstone — Deploravel situação a que Livingstone fez descer o seu confrade Rowley — Sensatas observações de um jornalista inglez do Cabo — As cartas a mr. Glover — A situação do dr. Livingstone não se avanta a em que se collocou o rev. Rowley — Odio condicional do dr. Livingstone á escravatura — Razões de eu não dar maior largueza aos meus reparos — As injustiças do dr. Livingstone são d'elle, e não da nação ingleza, nem do seu governo — A *Relação* do dr. Livingstone só notavel pelo desabrimto com que está escripta — Remate.

Escripto já, e não só escripto, senão impresso em parte o «Exame das Viagens do dr. Livingstone» chegou-me á noticia o ter acabado de ser publicada em Londres a «*Narrative of an Expedition to the Zambesi etc.*» do mesmo celebre viajante. Não encontrando esta obra á venda em Lisboa, foi-me preciso encomendá-la, e esperar que viesse de Londres. Não era já tempo de tomar em conta a sua materia conjunctamente com a de que me occupara. Deixei continuar a impressão começada, reservando-me para acrescentar á parte, findo o exame, as observações, que, lida com a reflexão conveniente a «*Relação da Expedição ao Zambeze, etc.*» me parecessem de momento por necessarias ou opportunas.

É este o motivo, e ao mesmo tempo o assumpto, do presente capitulo, que serve de complemento do «Exame» que tenho feito das «Viagens do dr. Livingstone».

Em geral notarei que não traz a nova obra do dr. Livingstone materia nova ao conhecimento dos leitores. O dr. Livingstone amplia, tratando com maior particularidade, assumptos já por elle encetados, quer nas suas «Viagens», quer no discurso por elle proferido em Bath na «Associação britannica para o adiantamento das sciencias»; e porventura póde a sua recente obra ser qualificada, sem erro, como o commentario d'aquelle discurso. Este meu juizo não é puramente arbitrario; é o mesmo dr. Livingstone que o fundamenta, declarando que a sua obra contém a confirmação do que por elle fôra affirmado na occasião recordada¹.

Assim pois a alguém pareceria que, rigorosamente fallando, quasi que podia eu dispensar-me de me deter com o exame da nova publicação do dr. Livingstone, porque no «Exame das Viagens» que no momento acaba de ler-se, e no que fiz do alludido discurso, e foi á parte publicado, fica tratada toda a materia da recente publicação². E tanto mais facilmente pareceria que podia d'elle dispensar-me, quanto é certo que o dr. Livingstone não só não destrue, senão que nem sequer abala ou infirma a força dos meus raciocinios ou das minhas observações. Entretanto o meu silencio com razão seria interpretado não só em desabono meu, senão, o que peor é, da causa que tenho sustentado. É verdade que o dr. Livingstone, mencionando o meu nome, explica-se, com referencia ás considerações por mim feitas ao seu memoravel discurso de Bath, de tal modo, que me dá manifesto ganho de causa; e, demais a mais, pretendendo esclarecer e confirmar alguns dos seus anteriores assertos, quasi que não faz senão renovar as antigas infundadas accusações; porém sobre isto Livingstone, depondo inteiramente a mascara, que só até agora havia em parte alevantado,

¹ •The following work contains abundant confirmation of all that was advanced by me at the Bath meeting of the British Association. *Narrative, etc.*, pag. viii.

² Vejam-se os artigos insertos no *Diario de Lisboa*, de 15, 17 e 19 de dezembro de 1864, que se encontram na *Nota 5.^a*; e que foram reproduzidos em inglez n'um opusculo avulso com o seguinte titulo: «Portuguese African Territories. Reply to Dr. Livingstone's accusations and misrepresentations. By D J. de Lacerda. London: 1865».

nos patentéa em toda a sua feia nudez a ruim predisposição, ou antes os intuitos arriscados e cubicosos, e as aspirações injustas, que são o conselheiro e impulsor principal, senão exclusivo, de todos os seus passos, juizos e acções. O silencio era portanto impossivel, porque não sei, nem a ninguem que se preza é permitido faltar a si e á causa publica. É tempo de pôr mãos á obra, e começarei por onde o dr. Livingstone pretende que se crêa haver-lhe posto elle remate.

N'um *Postscript*, que o dr. Livingstone acrescenta ao prefacio, diz³: que o governo portuguez incumbio a Mons. Lacerda a tentativa de aniquilar os factos por elle dr. Livingstone apresentados, em Bath, na sessão da «Associação britannica para o adiantamento das sciencias». Não escrevi para tentar a aniquilação dos factos alli mencionados pelo dr. Livingstone, escrevi para os repor e rectificar, evidenciando que o dr. Livingstone os desfigurara completamente, e que não podia a alteração provada considerar-se casual ou mero effeito de não culposo descuido ou menos averiguada informação. Ah! estão os artigos a que se refere o dr. Livingstone, os quaes são a demonstração cabal de que, se elle é pouco escrupuloso na exactidão com que narra e aprecia os factos, de muito diverso modo eu costumo haver-me: estabelecido o facto, a analyse a que o sujeito é rigorosamente logica, e, na sua avaliação politica ou moral, quasi que me tem servido só de guia ou as circumstancias que o determinam, ou as exclusivas indicações do mesmo dr. Livingstone. Aniquilar os factos! Sobre impossivel, era inutil, porque sem cessar se reproduziriam: e para que? Não é meu intento illudir ou extraviar o leitor, mas sim facilitar-lhe o poder elle proprio com segurança julga-los, sem que tenha de padecer, por menos esclarecida, a verdade e a justiça. O dr. Livingstone, suppondo que podia ser meu intento falsear, fosse porque motivo fosse, a verdade, auctorisa-me a crê-lo achacado d'essa lastimosa enfermidade. Não occulto o rosto sob nenhuma sorte de disfarce; desço á estacada com a frente erguida e descoberta; a minha linguagem é franca, precisa, e sem ambages; o meu raciocinio não titubêa nem vacilla, procede espontaneo, e colhe sem hesitação. Felizmente, d'esta vez não pôde Li-

¹ «To try to extinguish the facts adduced by me... etc.» *Narrative, etc.* pag. vii.

Livingstone desvairar os seus conterraneos, porque não têm elles de acredita-lo sobre a sua palavra; no proprio idioma tem ver-tidas com fidelidade as minhas observações e reparos; por si proprios podem desenganar-se, e acharão que, sem haver de mister lançar contra o meu adversario nenhuma suspeita injuriosa, me não foi difficil refuta-lo e confundi-lo. Que falta? Lêam-me, e isso me basta. Se não me quizerem ler, é porque querem ser transviados; e, n'esse caso, o erro com que se abraçam, se lhes tornar-á merecida punição da sua pertinacia obcecada.

Comtudo note-se que o dr. Livingstone, comquanto não duvide arrojear-me uma insinuação perfida e insultuosa, não ousa comtudo contestar nem os factos por mim allegados, nem as fundadas observações com que demonstrei a fraqueza e improcedencia da sua argumentação. Este silencio forçado equivale á solemne confissão de que, se porventura póde ainda barafustar, não póde já combater, porque nas mãos lhe foram quebradas as armas com que pe-lejava.

Que diz, e oppõe o dr. Livingstone em defeza das suas asserções, e para repellir as que foram por mim em contrario estabe-lecidas? Ouvi e maravilhai-vos.

O dr. Livingstone como resposta cabal a quanto reflecti e demonstrei nos alludidos artigos, limita-se a escrever¹: «que aquelle documento mostra grande ignorancia da geographia d'esse mes-mo paiz do qual o governo portuguez pretende possuir não só o conhecimento, senão o dominio; 2.º, que vaga fama, lembrada por algum velho author, ácerca das duas lagôas proximas das cataratas Murchison's, é reputada como argumento conclusivo de que os antigos habitantes de Sena, aldêa sobre o Zambeze, não acharam difficuldade em navegar o Chire até ao lago Nyassa, que os modernos viajantes acham ser uma subida de 1:200 pés sobre 35 milhas de latitude; e 3.º, que um lago largo e pouco profundo, com forte corrente, o qual o sr. Candido declarou ter visitado a N. W. de Tete, é considerado como se fosse o profundo e estreito lago Nyassa, falto de corrente, e quasi a NNE. do mesmo ponto». Não me farei agora cargo da sua ultima observação, que não vem nada a ponto², a saber, que os portuguezes se davam por muito

¹ *Narrative, etc.*, pag. VII e VIII.

² Veja-se no fim do volume o *Appendice «Das origens ou nascentes do Nilo»*.

offendidos de elle ter attribuido a descoberta de uma das principaes fontes do Nilo a Speke e Grant, e não a Ptolomeu e ao padre Jeronymo Lobo.

Examinemos estas replicas, tão pequenas e acanhadas, e que, se bem se advertir, significam de plano que não tem o dr. Livingstone nada serio a contrapôr ao que lhe foi contestado.

Se o dr. Livingstone pretendia que a sua replica houvesse de formar argumento, d'onde pudesse deduzir-se inferencia conclusiva, por certo que devia ter precisado as suas idéas, definindo-as determinadamente; mas, longe d'isso, argue-nos de ignorancia, guardando para si as provas que deviam demonstrar ser a sua arguição cabida. É verdade que nós não inventamos um novo mappa cada vez que temos de fallar quer da Africa austral, quer da oriental, como faz o dr. Livingstone, para fazer passar mais desapercbidamente, ou antes debaixo de bandeira que lhe assegure abrigo ao contrabando das suas invenções, e para dar certa plausibilidade a algumas das suas asserções tão temerarias como ambiciosas. Nós adoptamos os mappas conhecidos, mappas não recusados pelo proprio missionario inglez, e os auxiliamos com as informações fidedignas, que sem grande arrojio não podem ser postas em duvida; e até não hesitamos em aceitar muitos dos esclarecimentos, que nos são suggeridos pelo mesmo dr. Livingstone. Lêa-se com reflexão o que temos escripto, e achar-se-ha que somos com tanto escrupulo exactos no que dizemos, como é leve e aventureado o dr. Livingstone em lançar contra nós uma arguição, que não pôde provar, enquanto nós podemos reconvir-lhe tão certamente, que terá elle de confessar ou que são mal seguras as informações geographicas de que teve de servir-se, ou que foi sem razão comnosco injusto. Em uma palavra, lemos pelas cartas geographicas por onde o dr. Livingstone até agora tinha lido, as quaes abona a auctoridade de informadores de maior excepção; aceitámos os esclarecimentos que nos foram offerecidos pelo mesmo Livingstone, e deduzimos as consequencias, que n'aquellas e n'estes se contém. Estas consequencias incommodam o viajante inglez, bem o vemos, porém não contra nós, mas contra si, e contra a logica, deve alevantar-se. Entretanto isto não é tudo; e, do que temos para dizer, se tornará ainda mais flagrante a injustiça do famoso missionario.

Como prova da ignorancia da geographia da Africa oriental, diz

o dr. Livingstone que me fundei no *rumor vago de algum velho auctor*¹, para asseverar que os portuguezes navegavam o Chire e chegavam ao Nyassa: «que, acrescenta elle, na opinião de alguns viajantes modernos, é um trajecto de 1:200 pés ao subir do rio²».

Não é em *rumor vago*, citado por um velho auctor, que me fundei, mas sim no testemunho muito positivo, e muito explicito do padre João dos Santos, escriptor-viajante de maior excepção, cuja auctoridade não só nunca foi contestada, senão pelo contrario ha recebido em todos os tempos a homenagem dos escriptores de critica mais severa, e ainda ultimamente a do celebre allemão Ritter³, como reunindo os caracteres, aliás não communs, de escriptor diligente, e digno de fé e de veneração. Assim devia ser, porque para isto o habilitou de modo muito singular, sobre as suas excellentes qualidades moraes, de que nos dá a sua obra «*Ethiopia Oriental*» inteira abonação, o ter visto com os seus olhos o de que falla, havendo frequentes vezes atravessado aquelles varios territorios, e navegado aquelles rios, como conta, por haver n'elles residido, e desempenhado os deveres de zeloso missionario por espaço de mais de onze annos.

Nem me auctorisei sómente com o testemunho do missionario João dos Santos, que todavia tão explicitamente falla do rio Chire, e do lago Chirua; mas tambem com o testemunho do padre Manuel Godinho, aquelle tão intelligente, ousado e esclarecido investigador de tantas terras que peregrinou.

E não foram só os testemunhos d'estes illustres viajantes e escriptores que serviram de fundamento á minha argumentação, porque tambem me servio o testemunho do illustre dr. Lacerda, a quem tributa louvor o mesmo dr. Livingstone, e do commerciante Manuel Caetano Pereira, que tanto viajara pelo interior da Africa, e o do auctor do *Diario* da expedição Monteiro ao Cazembe, o sr. major Gamitto; e servio-me por ultimo o proprio expresso testemunho do dr. Livingstone.

E que diz o padre Santos? Depois de descrever a serra Chiri, que fica do outro lado do rio em frente de Sena, e de notar que

¹ *A vague rumour, cited by some old author. Narrative, etc., pag. vii.*

² *What modern travellers find to be an ascent of 1:200 feet in 35 miles of latitude. Ibid. pag. viii.*

³ *Kark Ritter, na sua Geographia geral comparada.*

pelo pé d'aquella montanha corre uma formosa e grande ribeira, que dizem ser braço do celebre rio Suabo, e toma d'ella o nome, a qual vem entrar no rio Zambeze dez leguas a baixo de Sena, accrescenta¹: «E por ella navegam os cafres, e os moradores de Sena, e tem seu commercio de uma parte para a outra».

E que diz o padre Godinho? Diz-nos que o *lago Zachaf* (o Shirwa do dr. Livingstone) fica a menos de 250 leguas de Angola, e que os cosmographos o collocam em 15° 50' S.; e que, segundo o *mappa de um portuguez, que por muitos annos viajara todos aquelles territorios*, o lago não fica distante do Zimbavé de Mesura ou Marabia. Diz mais que: «do dito lago sahe o rio Aruvia (Aruángo) que por cima do forte de Tete se mette no rio Zambeze, e tambem o rio Chire, que, cortando por muitas terras, e ultimamente pelas de Rondo, se vae ajuntar com o rio Cuama, para baixo de Sena; e que *não só os cafres contavam d'este lago, senão os portuguezes, que já lá chegaram, navegando pelos rios acima*».

E que diz o dr. Lacerda? Referindo-se á informação de Manuel Caetano Pereira, e tendo dito que o rio Marasura passa por detrás da serra Murimballa (a serra Chire do padre Santos) continúa observando, que são precisos tres dias para atravessar o Chire, passando as noites nas ilhas; e que as tribus Massucumba avizinham ao norte com as margens do Chire, ou Nhanja, emquanto que ao sul habitam os povos Arambas e Ambos, *que mercadejam com os moradores de Zumbo*².

E que diz o sr. Gamitto? Expressamente affirma que para atravessar o Nhanja-Macuvo, isto é, o Grande-Nhanja é necessario dormir duas noites nas ilhas, a fim de chegar na tarde do terceiro dia á margem opposta; que a corrente é forte para a nascente, e que ha outro rio, a que os cafres dão o nome de Nhanja-Pangono, isto é, pequeno rio, que os portuguezes chamam Nhanja-Pequeno.

E diz differentemente o dr. Livingstone? Não diz por certo, porque não só adopta inteiramente, como vimos³, as informações que lhe foram dadas ácerca do rio Chire e do lago Nyassa por Candido

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. II, cap. VIII.

² *Officio* do dr. F. J. de Lacerda e Almeida ao ministro d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, *Annaes Maritimos e Coloniaes*, 4.ª serie, pag. 286.

³ *Mission. Trav.*, chap. XXXI, pag. 640.

da Costa Cardoso, senão as faz suas, confirmando-as de facto proprio, como da mesma sorte vimos no lugar citado.

Entretanto é muito para notar a semcerimonia com que o missionario inglez quer lançar á conta de culpa nossa o que, se de alguém o fosse, não era senão culpa sua. O dr. Livingstone escreve que: «um lago vasto e pouco profundo, com uma forte corrente, que o sr. Candido visitara a N. W. de Tete, foi considerado como sendo o estreito e profundo lago Nyassa, que demora quasi a NNE. de Tete». Pois o dr. Livingstone aceita a informação do sr. Candido, e não só a aceita em todas e cada uma das suas partes, senão a confirma depois de ter navegado o Chire, e acha agora estranho que tambem, como elle, nós a aceitássemos? Se o ferimos, ferimo-lo com as armas que elle proprio nos subministrou. É certo que o dr. Livingstone tarde e a destempo vem pôr em duvida a situação geographica do lago, designando-a um tanto diversamente do que o sr. Candido, e discrepando á ultima hora do que anteriormente dera por assentado; porém esta alteração no dizer e asseverar do dr. Livingstone pouca força pôde fazer a quem advertir que variam entre si os dois mappas, que acompanham as suas duas obras *Missionary Travels* e *Narrative of an Expedition, etc.* Quem é que nos assegura, que não publicará em breve o celebre viajante um outro mappa, contendo alterações ainda em maior numero e mais essenciaes? Pelo que respeita á largura, profundidade e força da corrente dos dois lagos nada asseverámos nem negámos, como tão pouco agora negamos ou asseveramos; nem pôde deduzir-se d'ahi argumento nenhum de valia, pois que segundo a diversidade das circumstancias em que tiver sido feita, assim tem de ser mais ou menos exacta a differente apreciação. Pelo demais fica desde já advertido que o dr. Livingstone ha de dar-me oportunidade de voltar ainda sobre este ponto a outras observações, não indignas talvez de que se tenham em alguma conta. Importa acabar com subterfugios, a que se acoute a dobreza.

Entretanto convém notar que o dr. Livingstone seria o primeiro a protestar em voz muito alta e soada contra a sua singular e originalissima doutrina de que os auctores por antigos devem ser tidos em menos consideração, se porventura podesse elle sobreviver a si mesmo: por quanto, condemnado pela sentença que proferira, tinha de ver abatida e desprezada no volver de breves annos a sua auctoridade de historiador, sem que lhe fosse permit-

tido soltar nenhum legitimo queixume. Todavia se a auctoridade do missionario Santos e do padre Godinho ha de ser havida em pouco, por serem, com referencia a hoje, escriptores antigos, não nos fará mercê o dr. Livingstone de marcar os limites da duração da auctoridade dos escriptores, para sabermos quando, por expresso consentimento seu, ha de haver termo a sua propria auctoridade? Sobremodo tinhamos a peito ouvir a resposta do dr. Livingstone, porque muito haviamos de folgar de ser por elle instruidos ácerca do tempo e momento em que a verdade perde os fóros de verdade, e com elles o direito, que tivera até então, de ser de nós attendida e acatada. Esta seria talvez a primeira novidade, verdadeiramente nova, que pelo dr. Livingstone nos houvera sido annunciada.

Ha um ultimo reparo do dr. Livingstone, que bem podia ficar sem resposta, porque bem pouco a precisa, e é a grande difficuldade, ou, que sei eu? acaso, na sua opinião, a impossibilidade de terem os portuguezes desde tão afastados tempos subido, navegando, 4:200 pés sobre 35 milhas de latitude sobre o Chire até ao lago Nyassa. Este reparo é na verdade curioso, pois que tende nada menos que a pôr em duvida a possibilidade de um facto, cuja existencia está averiguada! As provas acabam de ser postas em lembrança, e são incontestaveis; e o dr. Livingstone, que confirmou a exactidão das informações que do rio e do lago lhe dera Candido da Costa Cardoso, pelos ter elle mesmo navegado e visto, e que tambem lá se encontrara com o tenente F. Alves do Valle, e com outros portuguezes, parece que não podia nunca de modo nenhum dar entrada no pensamento, e menos ainda exprimir, escrevendo, tão ridiculo reparo, se é certo que trata, como cremos, estes assumptos com alguma seriedade. Acaso, porque não pôde comprehender como a tanto outr'ora os portuguezes se abalançaram, pretenderá negar que fizessem o que fizeram, á imitação do celebre Zenon, que, por não querer confessar que não o comprehendia, ou por fazer alarde de subtilidade, negava com grande copia de argumentos que os corpos se movessem? Como solerte e victorioso Diogenes respondeu ao sophista grego, pondo-se a passear em silencio, e a sabor, de uma banda para a outra; assim á hesitação affectada e caprichosa de Livingstone repetem os portuguezes de hoje a resposta desde muito dada pelos portuguezes de outros tempos, continuando a navegar os rios de Cuama, e todos seus

tão varios afluentes, a subir o rio Chire, a entrar o lago Nyassa, e a encontrar-se lá e em toda a parte com o famoso missionario, constrangendo-o a aceitar por incontestavel, o que lastimosa vaidade o persuadia a recusar por impossivel. Não pôde o vão querer do orgulho do homem aniquilar os factos: são e sempre serão pedras com que tem de ser lapidado o que por acinte fecha os olhos para negar a luz ao dia.

Eis-ahi em que se cifra a resposta dada pelo dr. Livingstone ás observações por mim feitas ao seu memoravel discurso de Bath. E não tinha eu razão de dizer que o missionario inglez me dava inteiro e não difficil ganho de causa? O dr. Livingstone não ousa nem sustentar o que affirmou, e lhe foi contestado, nem repellir ou sequer attenuar as arguições que muito fundadamente lhe foram feitas. Esquiva-se ao debate; não porque lhe faltasse tempo ou logar, como veremos; porém porque sendo sobremaneira facil o lançar a esmo asserções aventuradas, temerarias e até absurdas, o não é de nenhuma sorte mantê-las e demonstra-las com factos inconcussos, e com raciocinios logicos. O dr. Livingstone não podia dar, que não a tinha, boa resposta: Que fazer? o que, não lhe consentindo má vergonha confessar-se convicto, lhe ficava a fazer; soccorreu-se aos meios, de que têm por uso tirar partido os que, baldos no direito e na razão, lhes substituem a injuria e a violencia. Nem replica, nem profere uma palavra que o defenda ou justifique, porque não é justificação nem replica a de que breve mas substancialmente acabámos de fazer analyse justiceira; e tomando a offensiva, derrama-se em invectivas contra o governo portuguez. Não pára aqui: varia o ataque, e descreve em tom de mofa a importancia das nossas possessões na Africa oriental, acanhando-as quanto e o mais que pôde, para concluir que deve ter alli termo o dominio portuguez, a fim sem duvida de que passem de senhorio, e hajam de transformar-se no cubiçado apanagio da corôa de Inglaterra. Parece incrível tanta ousadia; porém deprehende-se com clareza das expressões do famoso missionario que não o acovarda a injustiça, quando lhe pôde ser a si e aos seus de maior proveito; assim como se vê, que, sem lhe dar lidado afan cohonestar os seus atrevidos intentos, lhe são bons quaesquer pretextos, com tanto que possa presumir que vai certo ao fim, a que destinou caminhar. D'est'arte, desviada a attenção do leitor, tem para si o dr. Livingstone, que não ha de lembrar-se aquelle de nada mais lhe requerer.

O estratagema de Livingstone não pôde senão enfiçar os imbecis, ou quem de boa vontade queira deixar n'elle prender-se. A logica zomba de tão pueris artificios. Examinemos o quadro, que do nosso dominio e possessões na Africa oriental traçou por escarneo Livingstone, e apresenta aos seus leitores como fiel expressão da verdade; e tomemos ao depois na devida conta a injustiça das suas pretensões. Não responderão injurias a injurias; porém os factos, como inalteravelmente ha sido por mim observado, responderão ás calumnias, o raciocinio á declamação, á injustiça o direito.

Eis-aqui o quadro ironico do dr. Livingstone¹:

«Delagoa Bay tem um pequeno forte chamado Lourenço Marques, porém que não é senão muralhas.

«Em Inhambane possuem uma tira de terra por consentimento dos nativos.

«Sofala está em ruinas.

«De Quilimane para o norte, por espaço de 690 milhas, possuem sómente uma pequena estacada, protegida por uma lancha armada na bôca do rio Angoxe, para evitar que os navios estrangeiros vão alli commerciar.

«Em Moçambique é sua a pequena ilha, onde está o forte, e uma nesga de quasi 3 milhas ao longo da terra firme, e alli tem algumas hortas e terras agricultadas, que são protegidas contra as hostilidades, pagando os moradores um tributo annual, ao que chamam «ter os pretos ao seu soldo». O estabelecimento tem ido em decadencia no commercio e na importancia. Está guarnecido por alguns centos de soldados doentes, que estão encerrados na fortaleza; e comquanto lhe esteja ao pé uma pequena ilha de coral, não se pôde reputar segura.

«Na ilha de Oibo ou Iboe (Ibo) acham-se reunidos muitos escravos, mas o commercio, seja de que natureza for, é pouco.

«Em Pomba-Bay foi construido um pequeno forte: comtudo é muito duvidoso se ainda existe, e fallhou inteiramente a tentativa de formar alli um estabelecimento.

«Pagam tributo aos Zulus (Landins) pelas terras que cultivam na margem direita do Zambeze.»

Acaba de ler-se a *mui veridica* descripção, que *muito lealmente* ha feito o *escrupuloso* missionario inglez do que possuimos na Afri-

¹ *Narrative, etc. Postscript to Preface, pag. viii e ix.*

ca oriental. Averiguemos agora, posta de lado toda a sorte de exaggeração, qual a *exacta verdade* conforme á noticia que nos dão os nossos escriptores mais modernos¹, ás informações particulares mais veridicas, e aos documentos officiaes.

Lourenço Marques. — A bahia de Lourenço Marques (ou bahia da Alagoa, ou bahia Formosa, que por todos estes nomes é conhecida) corre de leste-nord-este para oeste-sud-este até á embocadura do rio do Espirito Santo, e entrando 14 leguas, rumo de oeste, fica o surgidouro onde fundêam os navios defronte da fortaleza, que temos allí á beira do rio. Jaz este presidio em 28° 58' de latitude S. e 41° 35' de longitude L. do meridiano de Lisboa.

Os campos que vizinham com esta bahia são muito ferteis. Colhe-se em abundancia arroz, milho, e toda a sorte de legumes. As plantas hortenses medram muito, e em breve, e têm optimo sabor. Ha copia de bois, carneiros e de toda a casta de aves domesticas e do matto; e tambem de excellente marfim, cêra, ambar e cobre.

Esta bahia foi descoberta em 1544, e em 1546, de ordem d'El-Rei D. João III, se tratou de concluir o reconhecimento dos rios e de assentar fortaleza e feitoria². Em 1780 El-Rei D. José mandou levantar nova fortaleza, por estar a antiga arruinada, e nova feitoria; e determinou que houvesse allí presidio para proteger e dilatar o commercio. O presidio foi composto de uma companhia de soldados com os respectivos officiaes; e a feitoria de um feitor e de um escrivão, e mais empregados indispensaveis. Em 1815 foi melhorado o presidio, e em 1818 foi novamente reforçada a guarnição da fortaleza. Depois da invasão dos cafres em 1833, e ultimada a guerra em 1845, concluiu-se em 1856 uma linha de defeza com 16 peças de artilheria, que fecha e protege toda a povoação.

Segundo a ultima estatistica do presidio de Lourenço Marques, publicada no *Boletim official* da provincia de Moçambique, n.º 15, de 13 de maio de 1855, consta que n'aquelle presidio ha 66 casas

¹ V. Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa oriental*. — F. M. Bordallo, *Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas no ultramar*, liv. iv. Os *Relatorios, Boletins* e mais documentos officiaes dos ultimos annos, etc., etc.

² Horsburg, no seu *Roteiro*, menciona as ruinas d'esta primitiva fortaleza, que, no principio d'este seculo, se viam ainda em Lourenço Marques.

de alvenaria, 40 de palha e terra, e 29 cabanas. O numero de habitantes é o seguinte: 82 europeos, sendo d'estes 10 mulheres, 10 christãos asiaticos, 18 mouros, 22 banianes, 4 gentios, 195 escravos homens e 70 mulheres, 205 libertos de um e outro sexo: o que tudo produz a somma de 1:094 habitantes dentro do referido presidio. Este é limitado, como deixo dito, por uma linha de defeza, que o separa das terras occupadas pelos indigenas, os quaes todavia estão sujeitos ao nosso dominio. São em grande numero, occupam vasta extensão de territorio, e prestam-nos auxilio por occasião de guerra com os potentados do interior. Assim o tem feito sempre, e acabam de fazer com muita decisão e efficacia contra o regulo Maneda, filho do celebre Manicussi, muito conhecido pela extensão dos seus dominios, e força de gente armada de que dispoz por longos annos, e com a qual subjugou os vastos sertões do interior até aos limites dos Trans-vaal-Boers.

O presidio de Lourenço Marques, alem de uma fortaleza pequena e irregular, que se acha em mão estado, e da linha de defeza já alludida, tem uma companhia de soldados pela maior parte europeos, em numero superior sempre a 80 praças, com os correspondentes officiaes. Demais da artilheria de praça, ha 6 peças de campanha, e armamento e munições de guerra em abundancia.

O presidio tem um governador militar, que tambem o é de todo o districto. Este comprehende as terras de Maputo e Mafumo, e varios regulos que podem pôr em armas 12:000 homens, dos quaes grande numero sabe manejar as armas de fogo, que lhes são confiadas quando o estado carece do seu auxilio. A zagaia e a rodella são as suas armas ordinarias, de que se servem com muita dexterdade.

Ha alli uma alfandega com os respectivos empregados, e n'ella tem despacho de entrada e sahida os generos de producção nacional e estrangeira. A pauta é favoravel. No porto são admittidos os navios de todas as nações, que queiram a elle ir por motivo de negocio ou para refrescar. Quando o commercio dos colonos hollandezes do interior (Trans-vaal-boers) vier a este presidio, como não é difficil de conseguir-se, a importancia d'este ponto ha de crescer a olhos vistos, e entrar em competencia com os proximos estabelecimentos inglezes, cujo trafego de exportação é alimentado em grande parte com os productos, que para lá enviam aquelles colonos, avultando de modo consideravel o marfim, obtido por meio

das caçadas feitas nos profundos sertões do interior, onde os mesmos colonos souberam fazer-se temer e respeitar.

Occupamos tambem n'esta bahia a ilha de Benguelem com um destacamento, e artilheria, desde 1863.

O presidio tem communições regulares com Inhambane ao norte, e os Trans-vaal-boers ou republica hollandeza a Oeste. Aqui temos um vice-consul portuguez desde 1860.

Eis-ahi o estado actual do presidio de Lourenço Marques; e, se não é ainda tão florescente, como póde e deve esperar-se que se torne, sendo as providencias da metropole, e o zêlo dos governadores geraes, o que sempre se precisa que sejam; comtudo fica manifesto que de nenhum modo merece o desdem supercilioso com que foi tratado pelo dr. Livingstone, e que de todo o ponto ha sido este sobremodo inexacto na noticia que deu aos seus leitores.

Inhambane. — Quando os portuguezes surgiram na costa da Africa oriental em 1497, no porto de Inhambane, já encontraram povoação formada, que era a capital do reino de Tongue, do qual hoje só ficou a memoria. A villa portugueza de Inhambane começou, como as demais ao longo da costa, por uma feitoria. Jaz em 23° 50' de latitude austral e 44° 30' de longitude ao oriente de Lisboa.

De um mappa official de 25 de abril de 1865, assignado pelo capitão mór das terras da corôa do districto de Inhambane, se mostra que são trinta e tres os regulos que as rodêam, e estão sujeitos ao nosso dominio, occupando um raio de mais de quarenta e oito horas de caminho. Alem d'estes regulos ha um grande numero de *cabos* e todos governam uma população approximadamente de 106:000 almas em 33:383 fogos. Estes regulos e cabos, que são uns nomeados outros confirmados pelo governo, podem apresentar em campo 27:400 homens armados de arco e frechas, de zagaia e rodellas; sendo que muitos sabem fazer uso das armas de fogo. Ha um corpo, sujeito immediatamente ao capitão mór das terras, que póde reunir até 800 homens armados de espingardas, os quaes são em parte promptificados pelos moradores. Este corpo denomina-se de *caçadores das terras*, e tem por vezes prestado muito bom serviço.

Os valles, os montes, os rios, tudo é riquissimo n'este districto. As plantas, cereaes e fructas da Europa, produzem quasi sem amanho; e não menos as do Brazil. Ha tambem grande copia de plan-

tas medicinaes. É indigena de Inhambane a planta *mafurra*, ou sebo vegetal, que só de ha pouco foi conhecida na Europa. O sebo da *mafurra*, segundo a opinião dos chimicos que a analysaram, é producto mais rico do que o oleo de palma. Outro producto, que por igual deve tornar-se objecto valioso do commercio, é a *castanha de Inhambane*, por causa do acido solido, branco e crystallizavel que em grande quantidade em si contém. Abundam e são principal objecto do commercio o ambar, cera, cobre, marfim, dentes de cavallo marinho, mel de abelhas, arroz, amendoim, esteiras, imputes ou panno feito de casca de arvore, e gamelas de páo.

Do relatorio official do governador do districto em 2 de janeiro de 1865, se manifesta que o proprietario João Loforte fizera no anno anterior 120 barris de aguardente de canna de boa qualidade, não inferior á chamada *Paraty*, do Brazil. Foi aquella aguardente vendida a 20 pesos o barril para consumo do districto, e alguns barris foram exportados para a bahia de Lourenço Marques.

A colheita do algodão, que se começou a cultivar, foi escassa por causa do gafanhoto, conhecido no paiz com o nome de mucaba, que destruiu tres sementeiras. O gafanhoto, algumas vezes providencia, como já vimos, outras muitas, como agora, é terrivel praga, porque fere e destrue toda a sorte de plantas, quando as chuvas na estação propria não são copiosas.

A cultura do café continua, e promete; mas por ora é ainda limitada. As terras da corôa produzem 2:500 a 3:000 arrobas de cera amarella de boa qualidade, gomma copal, anil, urzella, gomma elastica e salsa parrilha. Apanha-se algum cauril. O amendoim produzido calcula-se em 200:000 panjas¹. Tambem se dá em Inhambane a purgueira (*jatropha curcas*) que toma grandes proporções, e se torna de arbusto, como é em outras partes, em arvore frondosa, que resiste á intemperie das estações. A *palma christi*, ou carrapateiro, cresce e medra espontaneamente. Emfim as terras da corôa são ricas de madeiras proprias para construcções navaes e civis.

A população d'este districto era no anno de 1864, segundo os mappas officiaes, a seguinte: Na villa de Inhambane, Macucune, e forte de S. João Baptista 647 fogos com 6:476 habitantes; d'estes

¹ A *panja* é uma medida de capacidade, usada na provincia, equivalente a sete quartas de alqueire.

são europeus 27, asiaticos christãos 41, parses, banianes e gentios 20, mouros (naturaes e asiaticos) 260; indigenas christãos 737; escravos 3:000, libertos 200, e o resto indigenas de ambos os sexos. Nas terras da corôa, como já adverti, vem a população computada em 106:000 almas.

Ha ao presente em Inhambane 26 casas de pedra e cal, 33 de madeira, 89 sombreiros¹, 1:369 palhotas², e estão registadas 43 lanchas, 44 botes, e 2 canoas.

No mencionado anno de 1864 exportaram-se d'este districto 2:209 panjas de arroz, 1:493 de mandioca, 826 de mexueira, 297 de amendoim, e outros productos agricolas de menor importancia. Exportaram-se tambem 964 arrobas de marfim, 8 arrobas e 20 arrateis de ponta de abada, 16 arrobas de dente de cavallo marinho, 1:129 arrobas e 31 arrateis de cera virgem, 73 arrobas de algodão em rama, 16 arrobas de mel, 104 almudes de aguardente de canna do paiz, etc., etc.

A producção annual agricola calcula-se em 7:000 panjas de arroz, 100:000 de mexueira, 30:000 de milho grosso, outro tanto de milho fino, 4:000 de feijão, 19:000 de mandioca em farinha, 200:000 de amendoim, 60 arrobas de café, 600 almudes de aguardente de canna, 50:000 côcos, e muitos outros productos que se consomem no paiz.

A guarnição consta de uma companhia de infantaria de linha de mais de 200 praças, que dá destacamentos para as ilhas de Bazarruto, as quaes occupamos effectivamente desde 1855. A villa é defendida por duas fortalezas bem artilhadas, quartéis, casa para o governador, etc.

Ha em Inhambane alfandega de despacho geral, como nos demais portos da provincia. Podem estabelecer-se relações commerciaes com os colonos hollandezes de Sutpansberg, o que havia de concorrer muito para o progressivo desenvolvimento do districto. Já para isto se tem feito algumas tentativas, e alguns hollandezes tem vindo em commissão do governo da republica austral, como se denominam os boers, que, subtrahindo-se pela emigração ao dominio inglez, foram estabelecer-se nos terrenos elevados do in-

¹ *Sombreiros*, são casas de madeira, forradas de pedra e cal, e de forma redonda.

² *Palhota*, é uma barraca de palha.

terior da Africa austral, onde constituíram governo sob a fôrma republicana.

O porto é difficil, e por isso pouco frequentado de navios estrangeiros, o que prejudica muito o commercio de exportação que poderia fazer-se. O governo deseja e protege este commercio, mas não lhe pôde dar o competente desenvolvimento por falta de concorrência da navegação estrangeira, que auxilie a nacional, que está limitada ao pequeno commercio de cabotagem da provincia, e ao que podem effectuar alguns poucos navios portuguezes da metropole, que vão alli concluir transacções, d'onde tiram sempre largos proveitos.

Ha na villa uma parochia com o respectivo vigario; e ha tambem aula regia de instrucção primaria para o sexo masculino, e escola de meninas com mestra europêa. Ambos estes estabelecimentos são regularmente frequentados.

Inhambane tendo boas auctoridades, que sejam devidamente auxiliadas, deve prosperar muito em pouco tempo.

Recorde-se o que de Inhambane diz o dr. Livingstone, e forme-se juizo da exactidão e lealdade com que falla das nossas cousas.

Sofalla. — A villa de Sofalla jaz na altura de 20° 11' de latitude S. e 43° 44' de longitude a L. de Lisboa, entre dois pequenos rios, que tem uma só bôca no sitio denominado Quissanga, que é o porto da villa. Antigamente Sofalla foi terra populosa e rica, hoje é considerada como um dos pontos menos importantes da provincia. O territorio de Sofalla era tido pelo mais opulento em minas de ouro de toda a Africa oriental.

O districto de Sofalla ao norte limita com o de Quilimane, e ao sul com o de Inhambane: da parte do sertão, a oeste, pega com terras do reino de Manica, mas não podem os limites ser designados precisamente por causa das invasões dos cafres: a leste é lavado pelas aguas do canal de Moçambique.

O porto de Sofalla não é bom, e a barra é de trabalhosa entrada. A villa está dividida pelo rio Cavone em duas partes desiguaes, que ficam á falla, e se passa a vau de uma para a outra na baixamar das pequenas marés.

O edificio mais notavel de Sofalla é a fortaleza, dentro de cujo recinto estão a habitação do governador, os armazens das munições e mantimentos, e os quartéis da guarnição: por baixo ha uma

magnifica cisterna. Fecha todo o edificio um forte de fórma quadrada, que sustenta o mastro e bandeira, que servem de baliza aos navegantes. A fortaleza da parte do mar está muito desbaratada, porque as aguas de continuo a vão minando.

Quasi no centro da fortaleza está uma torre de dois andares, que foi construida com boa cantaria, que se diz ter ido lavrada de Portugal, e se denominava *Torre da Homenagem*. Ergue-se do lado do sul, e fica sobranceira quanto basta para guardar a bôca do rio. Foi fabricada por Pedro de Anaya em 1505, reinando El-Rei D. Manuel.

Esta torre acha-se em bom estado, e é por baixo d'ella que existe a grande cisterna, da qual se abastece a guarnição da praça, e parte dos habitantes da villa. As muralhas da praça estão em grande parte ameaçando ruina, porque n'outro tempo se permittia fazer junto d'ellas excavações para extrahir terras auríferas, sobre as quaes a fortaleza assenta; e accresce a acção das grandes marés, que de continuo atacam o terreno de sua natureza pouco solido e mal consistente. A consequencia é o alluirem sem cessar os alicerces.

A fórma da fortaleza é, como já disse, quadrada, tendo em cada angulo um baluarte, ligados por uma cortina. Esta e aquelles estão guarnecidos de artilheria. O terraplano das cortinas cobre os quarteis, e as officinas de arrecadação da praça.

Ha alli uma igreja com freguezia, e um vigario, e tambem ha camara municipal, eschola de instrucção primaria e delegação da alfandega. O porto, ou antes a bahia ou grande enseada que lhe está proxima, é frequentada sómente pelos navios da provincia, que levam os generos necessarios ao commercio. Os negociantes da cidade de Moçambique mandam para Sofalla regularmente em todas as monções varios objectos, para permutar quasi exclusivamente com marfim, que, bem como o de Lourenço Marques, é o mais grosso que se apresenta no mercado de Moçambique.

Sofalla tem governador, que tambem o é do districto, o qual comprehende as ilhas de Bazaruto. A guarnição é feita por uma companhia de infantaria de linha.

Os Vatuás nos ultimos tempos invadiram este districto, e arruinaram a pequena agricultura, a que os moradores, quasi exclusivamente dedicados ao commercio do marfim, ainda se entrega-

vam, amanhando alguns terrenos fertilísimos a pouca distancia da villa.

O ouro abunda em todo o districto, e particularmente nas margens dos rios; e poderia ser explorado facilmente, se nos moradores da villa houvesse mais disposição para tentar emprezas, e se houvesse mais segurança nos pontos, onde teriam de estabelecer-se os exploradores e as lavagens. Inhaòxe, a distancia de poucos dias de jornada, é um dos pontos conhecidos, em que parece mais abundar o ouro. Chegou a formar-se uma pequena companhia, para a exploração do ouro de Inhaòxe, e publicaram-se os seus estatutos, em 1858, no *Boletim Official*; porém a companhia não se formou por incuria dos que assumiram a direcção da empresa.

Os habitantes de Sofalla pediram licença de mudar os seus estabelecimentos para a ilha de Chiloane, que fica pouco distante do continente. Esta ilha offerece-lhes a vantagem de os pôr ao abrigo das vexações e roubos dos Vatuás, que têm invadido esta parte do territorio da provincia; pois que não têm por agora os habitantes outro modo de defender-se, vivendo solitarios nos seus estabelecimentos ruraes, espalhados sobre uma grande área, confiante com povos selvagens e guerreiros.

A trasladação para Chiloane vai-se effectuando a pouco e pouco, e já em 1862 foi mandado para lá um destacamento, commandado por um official, e duas peças de artilheria, a fim de proteger os habitantes. Mandou-se proceder á escolha do terreno onde haverá de existir a povoação, e assignalar os logares para a fortaleza, quartel, edificios publicos, largos, praças, ruas alinhadas, etc. Deu-se começo, como disse, á trasladação desejada, mas não obstante as vantagens que a ilha offerece, como salubridade do clima, boa agua, excellentes e abundantes madeiras, terrenos proprios para cultura, e um bom porto, não pôde o novo estabelecimento medrar com rapidez, porque depende da efficaz vontade dos habitantes, que não são ricos de tal sorte, que sem pezar desamparem as antigas residencias e propriedades do continente, e de novo as vão formar na ilha em pouco tempo. Pela sua parte para o governo é arduo ter á mão os meios, que requerem indispensavelmente as obras que tem a emprender, pois que tudo é preciso alli criar. Entretanto, como a trasladação está principiada, tem bom fundamento as esperanças de que sem falta com o tempo ha de ser levada a cabo.

Pelo demais é sabido que o torrão de Sofalla é muito productivo, e que se encontra n'elle urzella, ambar, gado em abundancia, aves, fructas, hortaliças, trigo excellente, marfim, pontas de cavallo marinho e de abada. As florestas são fartas de cedro, ébano, páo ferro, buxo, e *muquigite*, que é uma especie de sandalo bravo. Ha muito peixe, e toda a costa é riquissima de pérolas e aljofares.

Estas noticias, de character official, são as ultimamente obtidas, e se acham confirmadas pelos relatorios do governador do districto.

O genero principal de exportação é o marfim, e o podem e devem ser as perolas e aljofares, logo que se estabeleça a respectiva pescaria, o que de certo não ha de ser difficiloso.

A população de Sofalla era de 2:000 individuos, pouco mais ou menos, á data das ultimas informações, sendo d'estes 260 christãos, e noventa e tantos mouros.

Deve porém notar-se que o presidio de Bazaruto, é dependencia de Sofalla, a cujo governador o do presidio está subordinado, e temos portanto de considerar conjunctamente com aquella a população d'este. Assim o faremos, porém depois de dar brevissima noticia das terras de Uhoca e do archipelago de Bazaruto, que constituem este novo presidio.

As terras de Uhoca, doadas a Portugal em 1722 pelo regulo Micissa, correm de N. a S. desde o rio Guvuro em 21° 10' de latitude meridional até ao cabo de S. Sebastião em 22° 6' de latitude austral.

O archipelago compõe-se das ilhas de Bazaruto, Benguerua, Xegine, Bango e Santa Carolina. O novo presidio foi estabelecido na ilha de Santa Carolina (nos mappas inglezes *Marsh*), que foi preferido, em 1855, por ser de facil defeza, e ter bom ancoradouro. As ilhas de Bazaruto e Benguerua tambem foram em breve guarnecidas. Foi em seguida occupado um ponto da costa, fronteiro á ilha de Santa Carolina, que serve de interposto para o commercio do sertão. Os regulos senhores do continente reconheceram o nosso dominio sobre as suas terras. O continente e as ilhas são ferteis, e podem n'aquellas aguas pescar-se pérolas e aljofares em abundancia. Nas praias apanha-se em grande copia o bicho do mar, de boa qualidade para o commercio da China, o cauril, a madreperola e outros mariscos.

A povoação da ilha de Santa Carolina ($21^{\circ} 37'$ de latitude S. e $44^{\circ} 4'$ de longitude a L. de Lisboa), capital do presidio, pelas ultimas informações era de 180 habitantes, entre livres e escravos; a de Bazaruto e a de Benguerua ($21^{\circ} 51'$ de latitude S. e $44^{\circ} 24'$ de longitude a L. de Lisboa), 260 habitantes, e um destacamento de 15 praças com 1 peça de artilheria.

Em 1863 este destacamento era composto de 43 praças, sem contar o commandante militar e 1 almoxarife de fazenda, encarregado da guarda dos objectos que pertencem ao estado. N'aquelle anno achava-se já feito de pedra e cal o quartel dos soldados, e tambem as arrecadações. O quartel para o commandante ia começar-se. A bateria da ilha de Santa Carolina (*Marsh*) achava-se concluída, artilhada e abastecida com as competentes munições, petrechos, etc.

Na pequena ilha de Xegine, ainda não occupada pelos portuguezes, ha uma povoação de cafres chamados Barongas, que são cultivadores, que estão de continuo expostos ás depredações dos Vatuás, aos quaes aqui dão o nome de Matáos. É provavel que os pobres e laboriosos Barongas procurem o nosso abrigo. A de Bango, é um pequeno ilhote deserto.

No ponto do continente, fronteiro á ilha de Santa Carolina, que foi occupado em março de 1856, e onde se fez uma consideravel plantação de palmeiras, está um destacamento cujos soldados viviam abarracados.

Parece-me, e sem duvida serão d'esta opinião todos os leitores imparciaes, que Sofalla, que, sobre as demais considerações, conta approximadamente 2:640 habitantes, merecia ser tratada com mais alguma attenção pelo dr. Livingstone, e que não póde achar-se desculpa para a sua deslealdade; pois que ninguem ha que possa persuadir-se de que por mera ignorancia d'esta sorte praticasse.

Quelimane.—Esta villa, que se denomina de S. Martinho, está assentada á beira-mar, a 4 leguas da barra em $17^{\circ} 52'$ de latitude S. e $45^{\circ} 56'$ de longitude a L. de Lisboa, é capital de um governo militar, que abrange Sena e o seu districto. Não ha fortaleza em Quelimane.

A villa de Quelimane começou, como todas as outras, por uma feitoria, que foi alli estabelecida em 1544. Na praia ha um forte com 6 peças de artilheria, e um destacamento de caçadores n.º 2, cujo quartel é em Tete, faz a sua guarnição.

O torrão de Quelimane é fértil em arroz, milho miúdo e grosso, trigo, gergelim, vinho de palmeira, e *olanga*, que é a farinha de mandioca reduzida a pó finissimo. Esta farinha é muito forte e nutritiva, e também serve para gomma.

A canna de assucar nasce alli, e principalmente no Luabo, espontanea, isto é, propaga sem cultura. Também ha canna cultivada, porém não em tanta extensão como convinha que fosse. D'esta fabrica-se optima agua ardente, cujas amostras já foram vistas nas exposições de Londres e do Porto.

Longe de haver falta abundam os legumes, e as fructas de espinho; e também o linho, o algodão e a nicociana. São em grande copia, e de excellente qualidade, as madeiras de construcção.

O porto de Quelimane foi aberto ao commercio de todas as nações em 1853. Já se experimentam os effeitos beneficos d'esta providencia, a qual todavia carece de ser ampliada, e de que se realizem as demais, sem cuja adopção não póde esta produzir os vantajosos resultados, que são sua necessaria consequencia. E que o hão de ser indispensavelmente o demonstra o facto de que, quando em virtude das ordens expedidas em junho de 1814, este porto foi aberto aos navios estrangeiros, cresceu de rapido o movimento da industria e do commercio, e em breve se construíram alli cinco navios de consideravel medição, o saber: a galera *Philomela*, e os brigues *Bom Desejo*, *Constitucional Africano*, *Nossa Senhora da Guia* e *S. Marcos*.

O porto é de acesso trabalhoso por causa do banco de arêa que o atravessa; tem pouco fundo, sendo em alguns pontos de 2 $\frac{1}{2}$ a 3 braças, e o tornam um tanto variavel os temporaes, e as correntes do canal de Moçambique.

A alfandega rendeu antes da guerra da America mais de 20:000\$000 em um anno. Os navios estrangeiros, que têm frequentado este porto, são, quasi sem excepção, americanos do norte. Alem da alfandega do despacho geral, ha uma delegação no Luabo ou Inhamissengo, ponto a que o dr. Livingstone chama Congune, do nome de um pequeno regulo que reside perto. Este porto de Luabo, Inhamissengo ou Congune, é aquelle mesmo porto do qual Livingstone diz, porque quer dize-lo, que foi elle o primeiro descobridor, como sendo o primeiro que o atravessou no pequeno vapor *Ma-Robert*, destinado à exploração do Zambeze em 1858. Entretanto, segundo consta, e terei occasião de observar, era desde

muito conhecido, e frequentado, dos negreiros ou traficantes de escravatura.

Em Quelimane ha professor regio de instrucção primaria, e mestra, tambem regia, para as creanças do sexo fêmeino.

A população livre de Quelimane era proximamente de trezentos e tantos christãos de ambos os sexos, 120 mahometanos parses e baneanes, e 17 pretos livres: total 400. O registo dos servos designa 9:254 escravos e 59 libertos. Entretanto informações particulares, modernas e fidedignas, fazem subir o numero total dos individuos de todas as classes mencionadas de 9:785, que é a cifra official, a mais de 10:000.

Sena.—A villa de S. Marçal de Sena, que foi muito rica e populosa, e é hoje dependencia de Quelimane, jaz na latitude de 17° 27' S. e na longitude de 44° 0' a L. de Lisboa.

Houve quatro egrejas em Sena, e hoje ha uma só, porém estão edificando outra de novo. Alem do parcho ha um professor regio. A decadencia de Sena tem causas conhecidas, algumas das quaes não é impossivel, antes pôde e deve esperar-se que hajam de cessar. O territorio é fertilissimo, e os fructos de todo o genero são de boa qualidade. No districto d'esté commando militar acham-se muitas minas, cuja relação fica dada em outro lugar¹.

As informações que podêmos obter elevam a população livre de Sena a 40 almas, os escravos registados a 3:070, e os libertos a 41, sommando o total 3:151 individuos.

Tete.—A villa de S. Thiago Maior de Tete está assentada em terreno elevado e fragoso, na margem sul do Zambeze (16° 05' de latitude austral, e 42° 31' de longitude oriental de Lisboa). Ou-tr'ora esta villa foi muito populosa e rica.

Tete é cabeça de districto, o qual termina a L. ao pé de Sena, e a O. no Zumbo, e tem por limites ao N. e ao S. varios territorios, antigamente prazos da corôa, e que depois da extincção d'estes, andam na maxima parte arrendados por infimo preço. O governador do districto reside em Tete, e está alli o quartel do batalhão de caçadores n.º 2, que dá destacamentos para Quelimane, Sena, Zumbo, e outros pontos fortificados na confluencia do Chire com o Zambeze.

¹ V. a Nota 49.ª

O territorio de Tete, como os de Quelimane e Sena, é productivo de tudo que lhe queiram semear, avantajando-se áquelles no trigo, tabaco e algodão, assim como se lhes avanta em ser muito mais sadio. N'este districto ha minas de ouro, ferro e carvão de pedra¹.

O total da população, conforme ao recenseamento official de 1856, era de 6:408 individuos, em cujo numero se contavam 550 christãos. Conforme porém as mais recentes informações o total da população tem diminuido, comquanto não de modo em demasia consideravel.

Zumbo e Manica. — A villa de Zumbo (15° 37' de latitude S. e 39° 31' de longitude a L. de Lisboa), tendo decahido successivamente, achava-se em ruinas, mas foi mandada restaurar, bem como a feira que ainda alli ha. Em consequencia foi de novo occupada em 1862. Tem capitão-mór e um destacamento de 20 praças do batalhão de caçadores n.º 2. Segundo as ultimas noticias começa a repovoar-se, e tem estado o mercado abundantemente abastecido de marfim, que se obtem por preço muito mais favoravel do que em outros pontos do interior. Ha sido regular e frequente a concorrencia de caravanas de Tete. Estas caravanas ou *xpedições*, como alli se chamam, demoram-se de ordinario na viagem, que é longa e penosa, e no Zumbo, para realisarem as suas transacções, de seis a oito mezes até um anno.

Entre o Zumbo e Sena estão os *bares* (terrenos auriferos) onde se colhe ainda hoje algum ouro, comquanto sejam muito grosseiros e morosos os processos empregados, e incumba o pratica-los a escravos quasi inuteis para algum outro serviço.

A feira de Manica tambem o governo deu ordem para ser restaurada.

O territorio de Zumbo é rico pela abundancia e excellencia das drogas medicinaes que produz, etc.

Em Zumbo existiam, em 1824, 20 christãos, e este numero pouco tem variado.

Em Manica os christãos eram 6, em 1857, e não consta de alteração notavel.

E que vos parece do fidelissimo quadro historico do dr. Livingstone? Disse-nos uma palavra de Quelimane, fazendo uma asser-

¹ V. a Nota 19.^a

ção, na qual nem sequer expressou toda a verdade, mas passou em silencio profundo Sena e Tete, e, riscando assim do mappa tres districtos não menos ricos do que vastos, usurpou-nos com a vontade, já que não pôde, como sem duvida quizera, de outra sorte, uma população de subditos da corôa portugueza, em numero superior talvez ás cifras que deixo designadas, e portanto não inferior a 19:000 almas pelo menos! Continuemos.

Moçambique.—A ilha e cidade de Moçambique jaz em 15° 1' de latitude e 49° 45' de longitude a L. de Lisboa.

Moçambique já era, quando ainda em poder dos arabes, centro do commercio africano, e, depois de passar ao poder dos portuguezes, ficou sendo escala certa dos navios que de Portugal faziam viagem para a India.

O porto de Moçambique é o melhor de toda a costa da Africa oriental, e, por ser abrigado dos temporaes, offerece muita commodidade á carga e descarga das embarcações. O canal pôde conter, seguros de todos os ventos, grande numero de navios.

A bôca do canal é defendida por uma fortaleza de boa cantaria, lavrada em Portugal, que, protegendo as duas barras, grande e pequena, domina ao mesmo tempo toda a cidade. A fortaleza com o nome de S. Sebastião, está edificada em penha viva, e tem muralhas dobradas, com quatro baluartes, dos quaes dois olham ao mar e dois á terra. Está bem artilhada e tem baterias que jogam ao lume de agua. No interior da fortaleza ha quarteis para 600 soldados, casas de arrecadação e trem de guerra, armazens de viveres, quartel do commandante e dos officiaes da guarnição, etc. Ha tambem tres cisternas, que comunicam entre si, e todas com um cano geral, que leva a agua fóra das muralhas, d'onde é conduzida em mangueiras á beira-mar.

Na ponta da ilha, tirando para oeste, ha outra pequena fortaleza, denominada de S. Lourenço, de cantaria como a principal, e igualmente artilhada; cruza com a de S. Sebastião, e defende a barra do sul, e toda a costa da ilha por este lado. Quasi a meia ilha, na beira-mar, está outra fortaleza (de Santo Antonio) guarnecida da mesma sorte de sufficiente artilheria, e cruza com as duas fortalezas de S. Sebastião e S. Lourenço.

Na costa da banda do sul havia dois reductos ao lume de agua, e tres da banda do norte, mas hoje só existem os vestigios.

O aspecto da cidade de Moçambique não é agradável, porque

a terra é baixa e arida, as ruas estreitas, e os edificios, em geral, carecem de elegancia. Entre estes distinguem-se a igreja matriz, o convento de S. Domingos, hoje em ruinas, a igreja da misericordia, o hospital estabelecido no antigo convento de S. João de Deus, o palacio do governo, a casa da alfandega, a da camara, e a casa da junta da fazenda, que tem vastas accomodações, e uma grande cisterna, para abastecer os navios de guerra portuguezes, e tambem, quando abunda, os navios estrangeiros. Merece igualmente haver-se em consideração o arsenal de marinha, menos pela grandeza do edificio, do que pelas obras de valia, que têm sido n'elle feitas, em reparo e concerto de embarcações, algumas de grande lotação, e na construcção de outras do serviço da provincia, assim como em concertos de armamento, e no fabrico de coronhas para espingardas, e em varias obras de ferreiro e de seralheria. Em outro logar fallo dos estabelecimentos de instrucção e de beneficencia, etc.

Ha na ilha de S. Jorge ou de Goa, entre os canaes norte e sul do porto de Moçambique, uma torre para pharol, achando-se o edificio em construcção. Está prompta a lanterna, que é de pharol de 3.^a classe do systema official francez, e porventura já hoje estará competentemente collocada. É este um bom serviço feito á navegação e ao commercio, pois que deve resultar d'elle muita utilidade, tendo-se em conta o ser muito extensa a costa, quasi toda baixa, e difficil de reconhecer mesmo de dia.

A cidade está dividida em bairros, e nos ultimos tempos têm-se adoptado differentes providencias hygienicas e policiaes, que sem duvida concorrem efficazmente para que se tenha tornado aquella residencia muito mais commoda. O clima, sem poder dizer-se bom, está longe de dever causar o terror, que geralmente inspirava, e que pouco a pouco se vai desvanecendo.

O districto da capital comprehende, alem da ilha de Moçambique, a peninsula de Mossuril, no continente, com as aldéas portuguezas de Mossuril, Cabaceira Grande e Cabaceira Pequena.

A aldéa do Mossuril, a mais consideravel da terra firme, é composta de palmares e casaes rendosos, que pertencem aos moradores de Moçambique. Cultivam-se n'elles excellentes hortaliças, e toda a sorte de mantimentos. Os pomares, posto que mal grangeados, são muito productivos. Em Mossuril prepara-se, nos ingenhos a esse fim destinados, optima farinha de mandioca. Ha tambem no

Mossuril uma residencia de recreio dos governadores, muito aprazível e bem situada. Junto a esta residencia está a igreja da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que é um templo magnifico, e possui alfaias de muito gosto e de grande riqueza. -

Na Cabaceira Grande houve bons edificios, porém a aldêa só consta de palmares e casas dispersas. Tem esta aldêa uma freguezia da invocação da Senhora dos Remedios.

A Cabaceira Pequena prende com a grande, e vem alli desaguar o rio de Quitangonha, que nasce no sertão. É mais povoada do que a Cabaceira Grande. O rio de Quitangonha é braço do de Fernão Velloso, e as terras que medêam entre ambos, são propriedade da nação portugueza.

No seguimento da costa acha-se a aldêa de Lumbo, povoação de mouros, na qual ha excellentes pomares e hortas, pertencentes aos baneanes, e a aldêa de Sancul, onde reside o Xeque. Este e o de Quitangonha ou Matibana são vassallos da corôa de Portugal, e estão como atalaias, para vigiar e impedir as invasões dos cafres, e os desembarques hostis de quaesquer inimigos.

Estes xeques vivem independentes. Succedem-se de tio a sobrinho pela linha feminina. O futuro successor é como ajudante do xeque actual. Recebem do governador geral patente e soldo, este de capitão e aquelle de tenente, como se vê do orçamento da provincia. São descendentes dos que possuíam aquellas terras, quando aportaram n'ellas os portuguezes. Reconheceram logo o nosso dominio, sujeitando-se, e entregando-as, e por isso lhes foram concedidas as ditas patentes e soldos, e o dominio util das terras em perpetuidade, com a condição de ajudarem os portuguezes contra os inimigos do interior do sertão, ou que venham de fóra acommetter-nos ao longo da costa¹. Eis-ahi ao que o dr. Livingstone, com a sua já notada *admiravel boa fé*, chama pagar *tributo annual* aos cafres, sob o pretexto especioso *de os ter a soldo!* Carecerá de commentario este proceder inqualificavel do missionario inglez? Creio que não.

É difficil dar noticia exacta da população livre de Moçambique, e sobretudo com respeito aos europêos, porque varia com frequencia, e de modo muito notavel. Entretanto darei a mais approxi-

¹ V. Sebastião Xavier Botelho, *Memoria Estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental*, cap. xix, pag. 340.

mada da verdade, e de modo que possa assentar-se juizo, que não fique d'ella muito arredado.

Alem do governador geral, e das demais auctoridades, ha a guarnição, composta de um batalhão de infantaria, e uma companhia de artilheria, força que de ordinario não é inferior a 200 homens, comprehendendo os officiaes e commandantes. Demais d'esta força deve ter-se em conta a gente com que os Xeques acodem ao chamamento do governador. Esta força pôde calcular-se de 3:000 a 4:000 homens.

Compõe-se a população branca dos descendentes dos individuos, que por má fortuna, ou para a fazerem boa, foram alli estabelecer-se, e casaram com as filhas dos naturaes de Goa, Dio e Damão, que por iguaes motivos alli se achavam. Os mestiços, os negros creoulos e os cafres, constituem o grosso da povoação. Portuguezes, idos directamente da Europa, são em numero limitado, e é muito mais crescido o dos mouros, que nasceram na terra, e n'ella estão domiciliados. O restante da povoação é gente avulsa, e são baneanes, gentios de Dio e Damão, adventicios de Guzarate e de Cambaia, e arabes de Mascate, Zanzibar, Quilôa, Mombaça, Madagascar, etc. É avultado o numero d'estes individuos, dos quaes uns possuem predios dentro e fóra da cidade, outros não têm de seu senão a sua industria, alguns vivem exclusivamente do trafego mercantil; mas de todos estes a residencia é tão sómente temporaria, com mais ou menos detenção em Moçambique.

Vê-se bem quanta a difficuldade de calcular sem erro uma população de tal sorte contingente. Comtudo, segundo averiguadas informações, a população da cidade pôde avaliar-se entre 6:500 a 7:000 habitantes. A população do districto, posto que não seja facil de ser calculada de modo seguro, entretanto, sem grande erro, deve ter-se por superior a 30:000 almas.

Eis-aqui o resultado das averiguações feitas com o maior escrupulo, tendo presentes os documentos officiaes, e as communicações de pessoas alli por annos residentes, e que estavam no caso de nos informarem com inteiro conhecimento de causa. Desejavamos ouvir a contestação do dr. Livingstone, porém não contestará, que não pôde: e como deve então ser avaliado o desdem com que nos falla de Moçambique, e a acintosa inexactidão das informações que dá aos seus leitores?

Não contente da falta de exactidão, com que scientemente, e para prevenir o animo dos leitores de modo desfavoravel aos portuguezes, traça o quadro das nossas possessões na Africa oriental, o dr. Livingstone deixa de mencionar algumas como já vimos, e agora sou forçado outra vez a advertir, pois que termina aquelle seu quadro mencionando a ilha e villa de Ibo e a colonia de Pemba, omittindo fallar de Cabo Delgado, Querimba, Fumbo e Matemo, Arimba, Quissanga e Montepes. Entretanto eu, que não quero desvairar, mas sim esclarecer quem lê, para que possa interpor juizo seguro, suprirei brevemente, porém com exactidão aquella falta, e completarei o quadro.

Cabo Delgado. — Ao norte de Moçambique, em 12° 20' de latitude austral e 49° 36' de longitude a L. de Lisboa, jazem as ilhas chamadas de Querimba ou Cabo Delgado, que constituem o districto, que assim se denomina. São vinte e oito as ilhas, que formam este archipelago, mas só quatro são actualmente habitadas. Cria-se n'estas ilhas muito gado, e aves domesticas. Abundam em excellente madeira de mangue, e produzem espontaneamente anil de superior qualidade. A urzella é inferior, e são escassas as colheitas de pimenta, café, algodão, milho grosso e miudo, feijão, mandioca e maná, menos pela qualidade do terreno, do que por falta de braços e de cultura. O clima é sadio.

Em geral todas ou quasi todas estas ilhas foram povoadas em outro tempo, e ainda em 1853 o eram onze, e algumas, agora desertas, ainda hoje nos deparam vestigios de edificios consideraveis, de poços, cisternas, etc. A proximidade de Quilôa, Zanzibar e Mombaça, e das ilhas adjacentes, e as promptas commodidades que offereciam, mais talvez do que a falta de chuvas, foi a causa principal da despovoação que lamentamos.

As ilhas habitadas são: Ibo, Querimba, Fumbo e Matemo. Estas ilhas são propriedade do estado, e se arrendam, exceptuando Ibo, de tres em tres annos, por prestações annuaes. Os rendeiros arrematam o exclusivo da pesca da tartaruga, alli muito abundante, a apanha da urzella, e, nas tres ilhas habitadas, tambem o dizimo.

Entre Cabo Delgado e a ponta de Sanga jaz a bahia de Tungue, abrigada e segura em todas as estações. Desemboca n'ella o Meninquene, rio de agua doce. É territorio portuguez.

A ilha de *Ibo* tem 5 milhas de comprimento sobre 3½ de largura: é habitada por 2:422 individuos de ambos os sexos, de to-

das as religiões, idades e condições. Ha n'esta ilha uma escola de instrucção primaria para alumnos de ambos os sexos.

A fortaleza (de S. João), que defende a ilha do lado do norte, está artilhada com 15 peças de ferro e 2 de bronze. Dentro está a ermida de S. João, que foi reedificada em 1861; e tem alem d'isso quartel para 300 homens, com quanto a guarnição seja uma companhia de infantaria. A fortaleza tem bons armazens para os bastecimentos de guerra e bôca.

Na villa ha a igreja parochial, e a residencia do governador, que é um edificio commodo e bem situado. A casa da alfandega foi acrescentada com muitos melhoramentos em 1863. Começaram-se varias obras, e, alem das que existiam já, têm-se construido de novo muitas casas de pedra e cal. A alfandega, que no anno de 1857-1858 rendêra 4:632,5765 réis¹, rendeu no anno de 1861-1862 réis 12:000,5000, e tem continuado nos annos seguintes a realizar approximadamente esta somma. O commercio de exportação do cauril, e do gergelim tem crescido consideravelmente, e já vão alli á procura d'estes objectos seis a oito navios de Marselha. Tudo parece annunciar futuro de muita prosperidade a este districto.

A ilha de *Querimba* jaz ao sul de Ibo, em distancia de $\frac{1}{4}$ de milha, e tem de comprimento $3\frac{1}{4}$, e $1\frac{1}{2}$ de largo. Póde passar-se a vau de uma para a outra, quando está a maré vazia. De todo o archipelago é esta a ilha mais fertil, e que tem melhor agua. Foi capital do districto, e muito povoada, porém hoje não conta mais de 212 habitantes entre christãos e mouros, livres e escravos.

A ilha de *Fumbo*, a 4 milhas ao S. de Querimba, tem de comprimento $2\frac{1}{2}$ milhas sobre 2 de largura, e residem alli de 80 a 90 individuos em habitações volantes.

A ilha de *Matemo* jaz ao N. da ilha do Ibo, em distancia de $4\frac{1}{2}$ milhas, e tem de comprimento $4\frac{3}{4}$ milhas sobre $2\frac{1}{4}$ de largo. Contam-se em Matemo 110 moradores.

No continente ha seis povoações principaes, que estão dependentes do Ibo. Aquellas povoações denominam-se Mucimba, Pangane, Lambio, Quissanga, Montepes e Arima.

O total da população do districto é de 1:440 individuos livres, e 5:154 escravos.

Colonia de Pemba. — Esta colonia foi installada no dia 8 de dezem-

¹ V. a *Memoria* de J. Romero ácerca das ilhas de Cabo Delgado.

bro de 1857 no sitio chamado Muguete, a 4 legua do littoral da bahia de Pemba, tendo sido enviados colonos de Portugal expressamente para povoar aquelle ponto de gente branca.

A bahia jaz em $12^{\circ} 56'$ de latitude S. e $49^{\circ} 31'$ de longitude a L. de Lisboa, tem de extensão N.-S. 9 milhas, e 6 de L. a O. A entrada é livre a toda a hora, e em todo o tempo: é o mais seguro abrigo dos temporaes em toda aquella costa. A agua é boa, e os campos fertes, e vestidos de frondoso arvoredo. Ha alli duas povoações de negros, uma ao sul e a outra ao norte.

Os indigenas viviam em paz com os colonos, e parecia estarem contentes dos novos vizinhos, e vinham muitos cafres de longe vender aos europêos de Pemba toda a sorte de generos e productos do sertão. Entretanto as contrariedades originadas na grossa invernada do primeiro anno, e bem assim na ignorancia das epochas proprias das varias sementeiras, na falta de braços acostumados aos trabalhos da lavoura, nas doenças e falta de tratamento conveniente, foram causa de que a nova colonia não prosperasse: ha comtudo bem fundadas esperanças de poder levantar-se do abatimento em que por agora está cahida. Hoje acha-se alli apenas um posto militar portuguez.

Arimba, Quissanga e Montepes. — Alem da colonia de Pemba, ha na terra firme do districto de Cabo Delgado, como deixei notado, seis pontos, que reconhecem a auctoridade do governo portuguez. D'aquelles os tres primeiros, isto é, Lumbo, cuja povoação é de 615 habitantes na foz do rio Caramacoma em frente do Ibo; Pangane, aldêa de 320 habitantes ao norte do Lumbo; e Mucimba, ainda mais ao norte, com 400 moradores, estão de facto quasi fóra da auctoridade colonial, comquanto estejam subordinados a um capitão-mór portuguez. Os outros tres pontos, Arimba, Quissanga e Montepes podem considerar-se ligados mais intimamente com a colonia, e n'elles têm estabelecimentos agricolas varios moradores do Ibo.

Arimba, cujo porto é seguro ($12^{\circ} 37'$ de latitude austral e $49^{\circ} 35'$ de longitude oriental de Lisboa), conta 330 habitantes christãos e mouros.

Quissanga, defronte da ilha do Ibo ($12^{\circ} 24'$ de latitude e $49^{\circ} 34'$ de longitude), tem 150 casas de madeira, bem construidas, com 1:514 moradores, dos quaes 5 são christãos livres, e 287 escravos christãos, o resto são mouros. Ha n'esta ilha um

capitão dos mouros, cuja auctoridade está sujeita á do capitão-mór.

Montepes, é povoação de 600 moradores espalhados em palhotas, e está em 12° 29' S. e 49° 29' a leste de Lisboa.

Terminámos o nosso quadro, traçado, não me cançarei de repeti-lo, com diligencia escrupulosa sobre as informações mais authenticas e averiguadas que podêmos obter. Façam agora os leitores a comparação com o do dr. Livingstone, e vejam se podem achar desculpa razoavel para o affectado desdem, e manifesta má fé, com que por elle é tido em conta o estado das nossas possessões, e o nosso poder na Africa oriental.

E atreve-se o missionario inglez a erguer alto brado contra o dominio portuguez, como se fôra só para desprezado ou meramente nominal; e é por isso que procurou, falseando a verdade dos factos, empobrece-lo e desfigura-lo. Mas devia advertir que, ainda quando fossem, que não são, como fica evidenciado, as cousas como elle a capricho as transforma e descreve, nem assim mesmo ficava livre a ninguem o invadir, e usurpar-nos o territorio, calcando aos pés os nossos tão certos, e tão sabidos, e tão sagrados direitos. Ao direito do mais forte, para que appella o dr. Livingstone, temos nós a oppor a força do nosso direito indisputavel, direito que o governo inglez, como é proprio de um governo esclarecido que sabe a si nos outros considerar-se, não cessou nunca em nenhum tempo de nos reconhecer e respeitar.

Nem o dr. Livingstone, bradando tão alto contra o dominio portuguez na Africa oriental, apresenta razão alguma attendivel; porque as facilidades e franquias commerciaes, que pede para a sua e demais nações, e lhe servem de pretexto ás invectivas com que tão descomedidamente aggride o governo de Portugal, não podem de nenhum modo justificar a usurpação dos territorios portuguezes, que o mesmo dr. Livingstone proclama, sollicita, e tanto folgaria se visse realisada.

As facilidades e franquias commerciaes, a que se allude, têm sido em parte já concedidas e decretadas pelo governo portuguez, e progressivamente serão ampliadas, como não duvidamos concordar que têm de vir a ser de commum vantagem; porém é preciso ir a passo cauteloso e precatado, a fim de evitar que não se convertam em prejuizo certo, e acaso irremediavel, condescendencias mal cabidas, ou combinações calculadas com reflexão pouco

amadurecida. Queremos, e sinceramente desejamos que se facilite o commercio da Africa oriental em mutuo beneficio d'aquelles vastissimos territorios, e de todo o mundo civilisado; porém não queremos, nem de nenhum modo é necessario que, para se obter fim tão justo, hajam de ser offendidos os direitos imprescriptiveis da corôa portugueza. Antes de recolher, é preciso semear; e, antes de fazer a sementeira, torna-se necessario desbravar as moutas, arrotear as terras, e dispor os adubos. O que semêa sobre pedras, colhe espinhos; e o que não prepara e previne os effeitos, sem razão, e sem recurso talvez, se desata a destempo em queixumes inuteis contra as causas, que só na sua propria indiscricção e leveza tiveram origem, e d'onde aquelles derivam por força inevitavel.

Com respeito ao *tributo*, que diz o dr. Livingstone que os portuguezes da esquerda do Zambeze pagam aos Zulus pelas terras, que na margem direita do mesmo rio estão de presente cultivando, ha mais do que mero abuso de palavra, ha inexactidão no facto, e malicia na intenção. Examinemos.

As terras na margem direita do Zambeze, pertencentes aos antigos prazos da corôa, acham-se geralmente invadidas pelos cafres Landins ou Zulus, que, por assim dizer, aquartelam-se nas povoações, e cabanas dos colonos, e os vexam de todos os modos. Os senhores dos prazos, postos de accordo com os chefes Landins, em vez de protegerem os seus colonos, servem-se dos invasores, como de instrumento efficaz, para obrigar os colonos a tudo quanto julgam ter direito a requerer d'elles; por modo que o pobre colono, que é livre, e só deve ao senhor do prazo o pagamento de certos serviços pessoaes, e de uma especie de renda em milho ou arroz, etc., acha-se na realidade escravo de dois senhores, dos quaes não é para elle um mais benigno do que o outro. Este é o facto, que não póde contestar-se, e que de certo é facil de comprehender, e não menos de explicar; porém aqui não ha nenhuma sorte de *tributo* pago nem recebido, ha o accordo ou pacto, embora injusto, dos senhores dos prazos com os invasores, para proveito de ambos com injuria e offensa dos direitos dos colonos. De modo que, emquanto os colonos desejam ver-se livres a todo o custo dos vexames dos Landins, os senhores dos prazos consideram a ausencia d'estes como uma calamidade; porque têm por seguro que, emquanto os Landins alli persistirem, os colonos não só sa-

tisfarão ao que devem, senão a mais do que regularmente podia ser-lhes exigido. Assim pois fica desvanecida a inexactidão do facto lembrado e adduzido pelo dr. Livingstone, e posta em claro, e convencida de maliciosa a interpretação, que pretendia fazer acreditar de verdadeira.

Por ultimo, e não tendo já nenhum outro argumento a que socorrer-se, para sustentar a sua tão insolita como desarrazoada pretensão, recorda-se o dr. Livingstone do seguinte facto occorrido em novembro de 1864.

Dois marinheiros pertencentes ao escaler do vapor inglez *Lyra* foram maltratados pelos indigenas a 45 milhas ao S. W. de Moçambique, e o commandante da estação ingleza do canal de Moçambique, o capitão Gardner, da fragata a vapor *Orestes*, reclamou providencias ao governador geral, declarando no seu officio, que no caso, como elle suppunha, de que não estivessem debaixo da immediata obediencia d'elle governador os habitantes da costa, onde tivera lugar a offensa, e não podesse portanto contra elles proceder, estava resolvido a desaffrontar-se por seus proprios meios, impondo aos aggressores o devido castigo. O governador geral, tomando muita parte na offensa feita aos subditos britannicos, não se oppoz a que o capitão Gardner convertesse em obras as palavras. Que póde ser censurado por um inglez no comportamento d'aquelle governador geral? Podiam porventura portuguezes acha-lo acaso mais ou menos regular, em cuja averiguação era fóra de tempo e lugar deter-me agora; porém ao dr. Livingstone ou a qualquer outro subdito britannico, não ficou de certo motivo para nenhuma sorte de reparo. Entretanto, posto o facto, qual é a argumentação que sobre elle estabelece a logica do dr. Livingstone? Ei-la, e pasme a nossa admiração. O dr. Livingstone infere, e sustenta que, pois que não exerce o governador geral de Moçambique jurisdicção effectiva sobre toda a cafraria existente ao longo da costa, é permittido a qualquer nação apoderar-se dos pontos onde essa jurisdicção, seja qual for o motivo, não estiver em exercicio de facto permanente e actual, invadir o territorio, subjugar os habitantes, e tirar d'elles as vantagens com que possam concorrer para mais proveitoso trafego commercial da nação invasora. A theoria do missionario inglez é sem duvida admiravel! Conforme a ella os tratados nada valem, os protocollos mais explicitos e solemnes são materia de riso e jogo, a conveniencia é jus-

tiça, e a força direito. O dr. Livingstone não quer saber das estipulações do tratado de 3 de julho de 1842, nem do que foi acordado nos protocollos de 1844, e posteriormente, nem do direito alli consignado e reconhecido, nem da justiça manifesta que nos a nós assiste, e a elle o condemna; quer que seja só tido por valioso o que tem imaginado poder ser-lhe e aos seus de maior vantagem, e que, por conseguinte, a força consumma a usurpação. E carecerá de ser com seriedade refutada a doutrina de Livingstone? Tenho para mim, e não me engano, que basta ser conhecida, para ficar desde logo condignamente avaliada.

O governo inglez, ao qual Livingstone se endereça, teve como é proprio da sua esclarecida previdencia, e dos principios definidos de justiça e honestidade, unicos sobre que repousa firme a prosperidade dos estados, na devida conta as doutrinas inqualificaveis de Livingstone, e o seu zêlo, de sobejo suspeito por excessivo, ensurdecendo aos seus desentoados clamores, e condemnando-os com o desprezo mais formal, pela pratica em contrario do que pretende e proclama o despeitado missionario.

E ousa o dr. Livingstone invocar o precedente do *Charles et George!* Lastimamos que um homem, como Livingstone, a tal ponto se esqueça do que deve a si mesmo; e Napoleão III, a quem por tal motivo tece encomios, de certo lh'os rejeita com indignação merecida. Embora tarde, a razão consegue sempre ser ouvida; e, quando escutada, o homem que se apresenta a dar louvores pelo que foi por ella condemnado, longe de obter sorrisos, só alcança a reprovação que se deve a quem nos encarece os actos, que não quizeramos por nós, ou com a nossa annuencia praticados.

Remata o dr. Livingstone o seu famoso *Postscript* observando que, o ter eu advogado com tanta energia a causa do governo de Portugal nos artigos, que tanto desassocegaram o missionario inglez, revela, sem eu o querer, que os sentimentos do mesmo governo são favoraveis á escravatura. É tão commoda como facil esta argumentação; o peor porém para o dr. Livingstone é, não só o não ser de ninguem acceita, senão o ser de todo o ponto inconcludente. O dr. Livingstone com a maior espontaneidade, e repetidas vezes, deu franco e formal testemunho á lealdade e resoluta decisão com que o governo de Portugal, e não o governo sómente, senão toda a sorte de auctoridades portuguezas, em uma e outra

Africa, faziam executar as leis, que proscreveram o trafico da escravatura, e, sem produzir um unico facto certo e indisputavel que justifique de algum modo a sua mudança de pensar, retracta-se com admiravel semcerimonia, e só porque assim o despeito lh'o persuade! Affirma agora o contrario do que tão explicitamente havia ainda á pouco testemunhado! Quando é que havemos de acreditar o missionario inglez; quando affirma ou quando nega? Quando affirmou, referio-se aos factos por elle próprio allegados, sobre os quaes assentava o juizo que proferia; e quando nega, refere-se a observações, cujo fundamento guarda para si sómente, sem que nos dê aso de poder de alguma sorte aprecia-lo! Deixo aos leitores a apreciação condigna d'este pasmoso procedimento, e o tirarem as inferencias, que manda a boa razão que logicamente sejam deduzidas.

Não queria o dr. Livingstone que eu me houvesse com energia. É isto facil de acreditar-se, porque sem duvida lhe convinha não achar estorvo a que as pretensões arrojadas, e as asserções, sobre inexactas, injustas, que apregoava com tanta afouteza na reunião de Bath, podessem campear desassombradas: não lhe foi isto consentido, e d'ahi as iras. Ire-se embora, atreva-se ás intenções, e alevante clamoroso brado contra mim, e contra todos que não estão dispostos a confiar de leve nas suas palavras, nem a applaudir a sua famosa theoria da força-direito, quando os interesses por este representados são do mais forte. Embora, porque nunca jamais lhe será dado mostrar fundadas com solidez, e logicamente procedentes, nenhuma arguições contra os que de modo tão desabrido denuncia e invectiva, como o hão sido as accusações contra elle formuladas por muitos seus conterraneos, e mórmente pelo rev. Henri Rowley, de cuja nova carta hei de occupar-me em lugar proprio.

Não me era permittido não tomar na conta mais particularisada o *Postscript*, ao parecer tão innocente, com que o dr. Livingstone fecha o prefacio da sua «*Narrative of an expedition, etc.*»; por quanto resume n'elle o missionario inglez *tudo* que tinha a oppor ás observações que fiz ao seu memoravel discurso de Bath; e esse *tudo*, como temos visto, é bem pouco e de bem pequeno quilate. Para mim tenho que as pessoas, que, mesmo em Inglaterra, houveram em alguma consideração aquellas observações, hão de achalas de maior momento depois que tiverem conhecimento do modo

pelo qual o dr. Livingstone pretendeu subtrahir-se á censura que mercidamente lhe foi feita. Todas concluirão que Livingstone não fez melhor, porque melhor não podia fazer, e que, sendo tão resolutivo e solerte o patrono, a debilidade e enfezamento da defeza demonstram sem replica a ruindade da causa que pretendia sustentar.

Prosigamos.

Na *Introdução*, o dr. Livingstone parece querer dar noticia das primeiras expedições, que de Portugal foram mandadas á Africa oriental; porém de modo o faz, que só muito inexacta idéa poderia formar dos factos o que sem reserva acceitasse aquella sua narração¹.

Entretanto o dr. Livingstone, suppondo indisputaveis algumas informações mais que muito duvidosas, apressa-se, e era esse o seu fito, a chegar a uma conclusão, que muito affaga o seu amor proprio, da qual porém já os leitores, sem que se torne preciso abrir novo debate, estão no caso de formar cabal conceito. O dr. Livingstone, depois de ter affirmado que Francisco Barreto, e os portuguezes que o antecederam, viram mallogradas as suas tentativas com respeito ás terras de Ophir, e á exploração das minas do Monomotapa, acrescenta, que tão pouco poderam realisar a de descobrir caminho para a costa occidental, e que *até hoje só foi isto completado por um europeu, e esse inglez*². Quem ouvir o tom decidido com que se exprime o dr. Livingstone, quasi que não fica incerto se deve acredita-lo; mas quem, depois de o ter ouvido, a nós nos ouvir tambem, e pesar com sisudeza em balança imparcial as considerações por nós ponderadas, e os factos em que se baseam, para logo se verá desembaraçado de toda a sorte de duvida, e unido a nós dirá, como dissemos, que não é esta, como não são outras muitas asserções do missionario inglez, para que possa alguém depositar n'ella minima confiança. Em verdade, se os factos resistem ao dr. Livingstone, não menos a si proprio elle mesmo resiste, correndo de plano, como tenho para mim haver com segurança demonstrado, que muito antes que tivesse aquelle

¹ Do que vai consignado em algumas das *Notas* no fim do volume, vem a luz necessaria para esclarecimento do que deixo aqui observado.

² Eis-ahi as proprias palavras do dr. Livingstone, que, fallando de si de modo que ninguem possa deixar de reconhecê-lo, *modestamente* omittie o seu nome. *«To this day it has been accomplished by only one European, and that an Englishman.* *Introduct.*, pag. 3.

inglez, de que Livingstone com vangloria nos falla, conseguido achar o desejado caminho da occidental costa africana, até á costa oriental, já fôra sabido, e por mais de uma vez trilhado por pés de portuguezes.

Não me deterei na analyse particularisada da *Introdução*, porém não me permite o amor, que devo á minha terra e á minha gente, não chamar com prolongada e forte voz a attenção d'aquelles a quem cabe por dever especial velar pelas cousas publicas, para as revelações que nos são alli feitas de modo a não podermos equivocar-nos. As intenções do dr. Livingstone e de todos os missionarios, enviados pelas associações protestantes á Africa oriental, estão claramente manifestadas, porque não podem deixar de ser as proprias da indole peculiar d'aquellas missões. E não são ellas antes politicas e commerciaes do que religiosas? Sem duvida, e a tal ponto que a mesma parte religiosa, n'ellas admittida como bandeira de protecção e refugio, está de todo o ponto subordinada á intenção politica.

O dr. Livingstone exalça as fadigas evangelicas dos missionarios portuguezes, e não hesita em declarar que, na sua opinião, tem sido arguidos e calumniados injustamente; mas quer que os missionarios protestantes se desempenhem de modo mais particular do cumprimento das instrucções especiaes, que pelo seu respectivo governo lhes são transmittidas, e verdadeiramente impostas. E quaes são essas instrucções? O dr. Livingstone as expõe resumidamente nas seguintes clausulas¹: «Estender os conhecimentos geographicos, e accrescentar os effeitos mineraes e agricolas da Africa oriental e central; fortalecer os laços de união com os habitantes; e empregar meios opportunos para os persuadir a dedicar-se aos trabalhos da industria e da agricultura, tendo o fito no augmento da producção de materia bruta, a fim de ser exportada para Inglaterra em retorno das manufacturas britannicas». Entretanto para cohonestar de algum modo o teor das alludidas instrucções, tão pouco em harmonia com o espirito e até com a letra do evangelho, o dr. Livingstone observa²: «Que o governo da Rainha de Inglaterra liga a maior importancia á influencia moral que pôde ser exercida no animo dos indigenas pelo re-

¹ *Narrative, etc.* Introduct., pag. 9.

² *Ibid.*, pag. 11.

gular e bem ordenado procedimento de europeos, que dêem permanente exemplo de moralidade aos que têm de contempla-lo, tratando os habitantes com benevolencia, acudindo-lhes nas suas necessidades, ensinando-lhes a fazer tentativas na agricultura, explicando-lhes as artes fabris, distribuindo-lhes a instrucção religiosa compativel com a sua capacidade, e aconselhando-lhes a paz e bemquerença de uns para com os outros».

Aqui temos pois os missionarios protestantes caracterizados não só por quem não estava no caso de enganar-se, quando lançava esses traços tão cuidadosos, senão *officialmente*: e que significação devemos dar-lhes? São obreiros evangelicos, ou antes agenciadores politicos, e mera peonagem ao serviço de quem pretende estabelecer predominio seu proprio e independente nas terras da Africa oriental, sem curar da injuria e damno feito aos portuguezes? Não é preciso que seja eu quem dê a resposta, pois que todos desde logo a darão, e a ponto, e inequivoca. Este objecto é sobretudo serio, e reclama do governo de Portugal attenção muito grave e muito effectiva. Não bastam discursos e encarecimentos, é preciso mais alguma cousa, são necessarias obras. Ao plano, que se desdobrou aos nossos olhos, não pôde falhar o resultado, porque foi meditado com calculada previsão, e reflectida malicia, e ha sido posto em execução, e proseguido com a porfia e pertinacia de quem sabe ter vontade.

Emquanto por uma parte o dr. Livingstone levanta a voz e brada em Londres e em Bombaim, e em todo o logar, aonde o levam seus intuitos aventureiros, que o trafico da escravatura, esse terrivel inimigo da transformação moral dos povos africanos, é ainda hoje favorecido pelos portuguezes, e, não contente de o apregoar, o escreve desassombradamente; pela outra, falseando a historia, e alterando os factos, esforça-se para amesquinhar a importancia das nossas possessões da Africa Oriental, e dos meios de que dispomos, para nos fazermos respeitar e obedecer, e para darmos efficaz impulso ao movimento religioso, humanitario, commercial e civilizador, a cuja só acção é concedido realisar a regeneração social d'aquelles tão vastos territorios, e dos seus tão desamparados habitantes. Por este modo, enfraquecido, se não de todo o ponto abalado, o nosso credito como nação, pretendem, Livingstone e os de quem elle é arauto e cooperador, malquistar-nos com as populações entre as quaes temos exercido

influxo e preponderancia, crear-nos toda a sorte de difficuldades no interior, e com os povos, cuja frequencia amiga, industriosa e commerciante muito deve concorrer para o progressivo melhorar da situação actual; e pretendem não menos, postas em pratica, a occultas ou com despejada ousadia, traças desleaes e ardis perigosos, levar a cabo, sem que nos fique meio de oppor-lhe resistencia valiosa, e até sem podermos fundamentar justificado queixume, a usurpação desde tanto tempo intentada de um dos mais bellos florões da corôa de Portugal, preço do sangue dos nossos martyres, e dos feitos gloriosos dos nossos maiores. Não o conseguirão, que não o consentem a dignidade, nem a honra, nem os bem entendidos interesses dos portuguezes. O inimigo é conhecido, o seu plano e estratagemas estão aventados, cumpre ao governo portanto precaver-se, e prover de remedio. O governo sabe o que lhe cumpre, e não póde carecer dos meios de cumprir o que sabe. Confiamos no governo.

Percorrendo os differentes capitulos da *Relação* do dr. Livingstone, averiguemos rapidamente o que nos deparam com respeito ao que faz principal objecto das investigações de que me tenho occupado, que mereça, por algum motivo particular, ou de novo ou pela primeira vez agora prender a nossa attenção.

Depois de dar a explicação, que mais lhe convem, da que chama falsa bôca do rio Quelimane, e de sustentar, como fizera no discurso de Bath, que por ella faziam os portuguezes sahir tranquilamente os escravos, em quanto os cruzeiros inglezes, enganados, vigiavam inutilmente a principal e conhecida foz do Zambeze, o dr. Livingstone, a fim de confirmar a asserção de ter sido elle o primeiro descobridor do porto de Cangune ou Nhamissengo, que denomina Kongone, transcreve uma carta do governador do districto de Tete o fallecido *Tito A. d'A. Sicard*, dirigida ao cavalleiro Duprat, representante de Portugal na commissão mixta do Cabo, na qual se lêem as seguintes palavras: «Dizem que o nosso governo está resolvido a estabelecer um posto fiscal na foz do Luabo, e que seguirá d'alli a navegação directamente a este districto. Se assim for, grande vantagem virá para estes territorios, e para a gloria do dr. Livingstone, que foi o primeiro que do mar penetrou por esta via de communicacão¹».

¹ Chap. 1, pag. 41.

No tocante ao asserto do dr. Livingstone, julgo que não é necessario accrescentar nada ao que deixo dito n'outros logares, e mórmente nas minhas já alludidas observações ao citado discurso de Bath, as quaes se acham consignadas na *Nota 5.^a* que poderá ser consultada. Nem obsta o que reflecte o missionario inglez com referencia ao logar dos *Annaes do Conselho Ultramarino, 1844*, onde se lê que: «no porto de Cangune (Kongone), que diz o dr. Livingstone haver descoberto, tinham achado refugio da perseguição dos cruzeiros inglezes algumas embarcações negreiras». O dr. Livingstone torce e violenta manifestamente o sentido das palavras que cita, porque não significam ellas que seja aquella acolheita porto certo e estabelecido para alguma especie de trafico, e menos ainda para o da escravatura, mas sim que n'aquella abrigada se tem acolhido occasionalmente algumas embarcações, que transportavam escravos, para se livrarem da perseguição dos cruzeiros inglezes. Ora isto é cousa muito diversa do que Livingstone pretendia inculcar, porque não indica de nenhum modo a intervenção da acção quer directa quer indirecta, nem expressa ou tacita das auctoridades constituidas, limita-se a estabelecer o facto do anterior conhecimento d'aquella abrigada. Não descobrio pois Livingstone o que estava descoberto, e são vans as iras, em que se desencadêa contra o mappa do sr. Marquez de Sá, por não vir n'elle marcada a supposta nova bôca do Zambeze¹. Um canal, uma abrigada, a algumas milhas da foz de qualquer rio, não pôde ser de nenhum modo havida por differente bôca do mesmo rio. Não vem pois consignada no mappa tão injuriado, pela fórma que desejava o dr. Livingstone, porque não devia vir; mas vem designado no mappa o porto de Cangune ou antes Nhamissengo, não como bôca differente, porém como sabido ponto da foz do Luabo, antigo e mais notavel braço do Zambeze.

Na estação das aguas, como ninguem ignora, formam-se abrigadas e canaes, que podem occasionalmente servir de refugio, e dar passo de uns para outros ramos mais ou menos principaes do delta zambeziano, porém não pôde com alguma côr de razão chamar-se a um d'aquelles canaes ou acolheitas porto, e ainda menos porto differente do só porto sempre conhecido da principal bôca do Zambeze. Parker e Hoskins, que tão diligentemente, como lhes

¹ V. a *Nota 8.^a*

cumpria, estudaram toda a costa, tambem não marcaram o imaginado novo porto do dr. Livingstone; e porque? porque o não acharam, e não o acharam porque lá não está. Quereria o dr. Livingstone accusa-los de ignorantes, e não só a elles, senão a todos os seus camaradas, que, antes e depois, official e officiosamente, se dedicaram ás mesmas investigações? Pelo demais é certo que tudo se concilia e explica perfeitamente, logo que se tomem as cousas como são, e não se queira achar realidade no que não é senão imaginario. Emfim o dr. Livingstone devêra ter reflectido que, se pôde sobresaltar a boa fé do fallecido governador de Tete Tito A. d'A. Sicard, não é igualmente facil contrastar as conclusões da logica imparcial, e portanto devia advertir que, para ser elle o primeiro que subio ao porto de Cangune, as suas exclamações contra o trafico da escravatura alli consentido, e, como elle affirma, praticado, appareciam destituidas até da mais leve sombra de fundamento, pois que, se costumassem por alli descer embarcações negreiras, não fôra Livingstone o primeiro que para lá subira. A pretensão de Livingstone ás honras de descobridor do novo porto por elle imaginado, assim como a accusação por elle apresentada contra a lealdade portugueza, asserções uma das quaes destrue a outra, ambas cahem por absolutamente ineptas.

No capitulo II faz o dr. Livingstone a descripção da caxoeira de Cabrabaça, e no III detem-se a fallar do Nyanja grande e do Nyanja pequeno, e do lago Chirua; e, tendo tratado da serra Morumballa, nos dá conta da sua visita ao lago Nyassa. É para notar o tom da linguagem de Livingstone, que, sem negar o antecipado conhecimento, que, de tudo de quanto falla, haviam os portuguezes, entretanto exprime-se de modo a fazer persuadir, ou pelo menos deixar crer, que fôra elle o seu primeiro descobridor. Não tenho todavia a entreter-me com estes varios topicos da *Relação* do dr. Livingstone, por quanto do que fica advertido e demonstrado em differentes logares, é manifesto não se encetar aqui assumpto novo, sendo que pelo contrario ácerca d'elle, muito anteriormente á expedição do dr. Livingstone, os portuguezes haviam tido o conhecimento, que lhes davam, ainda mais do que as empresas militares, as peregrinações pacificas dos annunciadores evangelicos, e a ousadia incontrastavel d'aquelles a quem a sêde do ouro a tudo obriga.

É certo que por não terem sido consignadas por escripto, ou

pelo não terem sido com a conveniente publicidade, se perdeu a noticia particularisada de alguns descobrimentos feitos, e informações havidas pelos portuguezes, no interior do continente africano, em tempos mais remotos; comtudo não se extinguiu o rasto que nos ficára, o qual não é nunca impossivel de achar quando se annuncia, como de novo descoberto, o que fôra outr'ora averiguado. Assim o temos visto, e tambem que, se porventura os primitivos e verdadeiros descobridores não podem alardear copioso cabedal de letras e sciencia, abonam-se todavia na verdade, sempre verificada, das suas singelas palavras, quer escriptas, quer falladas, e na constante e notória tradição. Concorde n'isto, nunca nós o estaremos em que possa merecer nome, e honras de descobridor, o que presume sê-lo do que não prova não haver sido já por outrem descoberto.

Entretanto não devo omitir uma observação, que muito convem que tenha presente o leitor quer das *Viagens*, quer da *Relação da expedição ao Zambeze*, do dr. Livingstone, mas d'esta de modo muito particular. O dr. Livingstone quando trata assumptos menos geralmente sabidos, ou quando descreve terras, povos, usos e costumes, os quaes tem certeza que só dos portuguezes hão sido e são conhecidos; e dos quaes, se exceptuarmos algum nosso escriptor ou viajante, ninguem ha feito menção, ou, se a fez, foi muito levemente, e com referencia áquelles, tem por habito exprimir-se de maneira, que, faltando attenta consideração, a boa fé do leitor desprevenido, e menos ao alcance das materias que lhe são apresentadas, sem falta será sobresalteada. E a consequencia? Ficarâ na persuasão de que tudo é novo quanto agora observa; quando em verdade o dr. Livingstone nada mais faz do que pôr-lhe aos olhos quadros já vistos, nos quaes todavia soube metter a luz necessaria para produzirem estranho e variado effeito. A experiencia havida nas suas largas pergrinações africanas, e as facilidades, que lhe suggere á sciencia, e a inspecção pessoal, solerte e aguilhada por motivos poderosos de interesses de diversas naturezas, proporcionam ao dr. Livingstone, mais do que a muitos outros viajantes, meios certos e seguros de fazer representar, como inteiramente novo, o que o não é senão unicamente na parte que por elle foi esclarecida ou ampliada. Se for tida em conta, como julgo merece, esta minha observação, evitar-se-hão equívocos, ou adrede procurados ou meramente casuaes, d'onde, em todo o caso, não

podem deixar de provir consequencias desfavoraveis á causa da verdade.

A descoberta do lago Nyassa, que faz o objecto principal do capitulo v da *Relação* do dr. Livingstone, força-me a algumas observações, que de nenhuma sorte podem ser omittidas.

O dr. Livingstone insiste em fazer d'este lago outro diverso do Chirua ou alagamento do rio Chire; porém a sua insistencia não é sustentavel. Oppõem-se os factos, poisque não só as noticias havidas desde tempos mais antigos, senão as mais modernas e imparciaes informações, não se conformam á narração do dr. Livingstone. Ultimamente pude ver um mappa ms.¹ levantado por H. W. em 1862, no qual, vêm assignalados com toda a clareza e distincção os lagos Chirua, o estabelecimento da missão Makensie, e varios outros pontos de que fallou especificadamente o dr. Livingstone, e d'este se afasta de modo assás notavel, o que de prompto reconhece quem o examina a vagar, e faz cuidadosa comparação. O auctor não é suspeito, pois era confrade de Livingstone, como elle missionario, e como elle diligente investigador; e é tanto maior a sua auctoridade quanto é certo que trilhou com os seus pés centenares de milhas na visita e indagações que fez no rio Chire, nos lagos Chirua, e nos territorios com que, n'aquella direcção, avizinjava a frustrada missão Makensie, da qual foi um dos mais conspicuos membros.

Se nos faltassem os argumentos directos, que se deduzem rigorosamente dos factos, das informações, e do mappa ms. a que n'este momento acabo de alludir, e que deve ser consultado, sobrava ainda assim o testemunho, que dá contra si mesmo o dr. Livingstone, para demonstrar que o lago Nyassa era, nem podia deixar de ser, antigo conhecimento dos portuguezes. O dr. Livingstone confessa² que estivera em Cangune com individuos, que o tinham encontrado na confluencia do lago e rio Chire; que os arabes por alli

¹ O mappa a que me refiro, e do qual se achará o fiel traslado no fim do vol. foi-me communicado pelo ex-governador geral de Moçambique o sr. J. Tavares de Almeida. a cuja esclarecida curiosidade, e muito dedicado amor ás cousas da nossa terra, e amadurecido apreçamento de tudo que respeita ás nossas possessões de Africa oriental, sou devedor de muitas e mui valiosas noticias. Aproveito com prazer esta oportunidade de render a s. ex.^a publico testemunho da minha sincera gratidão.

² Chap. v, pag. 124.

faziam caminho com os escravos, e com as mercadorias resgatadas no Cazembe; e que toda a sorte de objectos de commercio do Cazembe, e de outras terras do interior atravessa o Nyassa, e o Chire, para passar a Quilôa, e aos portos portuguezes do Ibo e de Moçambique¹. E não vimos nós já, que os commissionados de Silva Porto, fizeram semelhante viagem pelo interior, acompanhando uma expedição arabe, e seguindo esta mesma estrada até ao Ibo e d'ahi a Moçambique? Pois se isto assim era desde tantos annos, como é que se lembrou agora o dr. Livingstone de querer dar-se por descobridor do que elle mesmo faz ver, e dá testemunho de que não era possível que fosse ignorado? É sem duvida para lastimar que a tal ponto se deixe transviar o dr. Livingstone pelos deslumbamentos do amor proprio, ou pelo despeito mal cabido de não poder offuscar a gloria alheia.

Para dar certa côr de probabilidade ás incessantes arguições, feitas aos portuguezes por se opporem a que sejam os territorios do dominio da corôa de Portugal usurpados por via de surdas traças e ruins artes, pelos europeos aventureiros (por isso que nenhum governo, que se preze, se arriscaria a offender de modo tão flagrante os direitos inalienaveis de algum outro governo, com quebra manifesta da justiça e da lealdade, que mutuamente os governos entre si se devem) affirma o dr. Livingstone que a auctoridade portugueza é tão circumscripta dentro da propria area da sua jurisdicção, que os commerciantes portuguezes são obrigados a pagar tributos onerosos aos chefes de varias tribus indigenas², para poderem fazer resgates, e transitar livremente por entre ellas com as suas mercadorias. A menos boa fé do missionario inglez revela-se de modo notavel n'esta sua observação. Tenho por impossivel que o dr. Livingstone ignorasse qual a origem e fundamento do tributo, se assim pôde chamar-se, a que faz allusão. D'aquelles chefes ha uns que, posto dependam, mais ou menos, da auctoridade portugueza, estão sobre si, governam-se como lhes é costume, e cabe-lhes impor direitos de transito, ou quaesquer outros, aos estrangeiros, e obriga-los a sujeitar-se aos usos e praticas alli estabelecidas. Outros chefes ha que são meros allia-dos da corôa de Portugal. Emfim alguns ha que se não podem

¹ Chap. v, pag. 128.

² Chap. vi, pag. 141.

considerar como legitimos senhores, por isso que invadiram os territorios que de presente occupam; entretanto, como os dominam de facto, não pôde disputar-se-lhes, nem a uns nem a outros, o direito de estatuirem os regulamentos que lhes parecerem bem. Se o dr. Livingstone folgasse de ser justo, como sem duvida lhe cumpria, as suas apreciações não se mostrariam eivadas da parcialidade acintosa, que lhes tira toda a significação e valia.

Não me alargarei nas considerações a fazer ácerca do que narra Livingstone com referencia ao porto de Cangune; e não me alargarei, porque, sobre o que tenho observado já em outro logar a este respeito, basta ler com alguma reflexão o que por Livingstone ha sido exposto, para ficarmos desde logo convencidos do nenhum fundamento das suas asserções. A ignorancia, em que Livingstone suppõe estar o governador de Quilimane ácerca do porto de Cangune, é inteiramente inadmissivel. Todos aquelles pontos deviam ser conhecidos das auctoridades mais proximas, o que não pôde deixar de crer-se muito facil, porque tinham á mão os meios de que para isso podiam carecer. Alem de que, em virtude das repetidas ordens do governo, incumbia ás mesmas auctoridades informa-lo de modo particular de tudo que de qualquer sorte é concernente ao seu districto. E de mais, o porto de Cangune ou Nhamissengo era ha muito conhecido, e estava consignado expressamente, desde o anno de 1864, no mappa do sr. Visconde (Marquez) de Sá da Bandeira. Em uma palavra o barafustar de Livingstone para tornar crível o que tão pomposamente annunciou do novo porto por elle achado, é tão visível, que nos dá pleno direito de duvidar pôr fê nas suas palavras.

Nem pôde valer ao dr. Livingstone o nome, que, segundo já vimos, tão afortadamente invoca do fallecido Tito A. de A. Sicard, o qual o mesmo Livingstone pretende ser-lhe a elle devedor do que n'este particular tinha sabido. Sicard deixara-se fascinar, se posso d'este modo explicar-me, das phrases promettedoras do missionario inglez; fizera-lhe impressão a coragem e tenacidade com que supportara tantas fadigas, e havia affrontado os perigos, inseparaveis de tão longa e aventureosa perigrinação, e, muito cavalheiro para suspeitar nos outros o de que não seria elle capaz nunca jamais, acreditou com demasiada facilidade tudo quanto o apregoado amigo da humanidade, da liberdade, e da maior utilidade commum dos pretos, e dos brancos, lhe suggerira ou indicara.

Mais de uma vez Sicard foi victima da sua nimia boa fé, e de certo não compensam os encomios, que lhe foram liberalisados intencionalmente por Livingstone, os erros e desvios a que o levou a confiança irreflectida com que deixara por elle captivar-se. Nos ultimos tempos, e mórmente depois que Livingstone, sob varios pretextos, e faltando a tudo que devia ás leis do paiz que tão benevolamente o acolhêra, e ás prescripções da auctoridade legal, as illudio astutamente, e fez embarcar e sahir ao mar um numero consideravel de pretos de ambos os sexos, menores de quatorze annos de idade, Sicard começara a abrir os olhos, e então empregou com efficacia louvaveis diligencias para evitar os excessos praticados pelo homem, que tão innocentemente elle crêra resolutamente campeão da lei, estrenuo defensor da justiça, e integerrimo apostolo da verdade¹. As declarações pois de Sicard, se foram quaes lh'as attribue o dr. Livingstone, nada provam; e, se alguma cousa provassem, era contra elle sómente, por se ter havido menos cauteloso e sollicito do que tinha a auctoridade superior direito a esperar. E vem aqui a ponto advertir, que a phrase laudatoria, escripta por Sicard na sua carta ao cavalheiro Duprat em obsequio de Livingstone, só pôde ser tida na conta de homenagem encomiastica, devida á preocupação a favor do homem que soubera transvia-lo. Se não se admittisse esta explicação, seriamos forçados a formar d'aquelle benemerito official juizo differente do que se lhe deve de justiça.

Não consumirei tempo em defender o governo portuguez da injuria atrocissima, que o dr. Livingstone se atreveu a irrogar-lhe, insinuando em termos não equívocos que, ao mesmo tempo que por elle tinham sido expedidas ordens ostensivas para Livingstone e a sua comitiva serem bem recebidos e coadjuvados, outras ordens foram enviadas secretamente com instrucções em contrario². Accusa-

¹ Tenho em meu poder provas do que deixo escripto. Quando Sicard soube que o dr. Livingstone pretendia, illudindo as reclamações das auctoridades locaes, fazer sahir pela barra do rio de Quilimane os moleques de que fiz menção, immediatamente providenciou na sua qualidade de commandante militar de Sena e postos fortificados do Zambeze, e, apesar de achar-se doente, marchou á pressa para a barra de Nhatmissengo, a fim de oppor-se ao irregular procedimento do mesmo Livingstone, contra elle protestar, etc. Ha um officio de Sicard, de Março de 1864, que serve de abonador ao que fica observado. V. a *Nota 25.*^a

² Chap. xi, pag. 244.

ções taes, depois do que foi praticado, em uma e outra Africa, em obsequio do missionario inglez, que excedeu a quanto elle mesmo tinha esperado, como se depreheende obviamente das proprias declarações, mais de uma vez repetidas, do dr. Livingstone, e do seu governo¹, só servem para evidenciar o despeito do mesmo Livingstone de não poder levar ávante os occultos planos que meditara, aos quaes não servia de base a lealdade, que sem duvida era devida ao governo e ás auctoridades, que para com elle se tinham ostentado benevolas e generosas até ao excesso. Basta, porque, se mais alguma cousa eu accrescentasse a esta breve observação, pareceria que a injuria do dr. Livingstone rasteava sequer longes de verdade.

No tocante ao que Livingstone, em seguida á insolencia arremeçada ás faces do governo e auctoridades portuguezas, refere da viagem a Zanzibar do governador geral J. Tavares de Almeida, asseverando ter ido alli de proposito para induzir o sultão a concordar em que o rio Revuma ficasse de futuro servindo de limites por aquella parte ás possessões portuguezas, demonstram obviamente os factos, e as datas, a inexactidão, para não chamar-lhe falsidade, de uma affirmativa que dá como certo o de que nenhuma certeza podia existir, porque não ha nem sombra de verdade no que o missionario inglez tão positivamente relata e assevera. Outras foram as razões que moveram a ir a Zanzibar o governador Tavares de Almeida; nem alli se tratou cousa alguma do que suppõe Livingstone em relação ao rio Revuma. Se o dr. Livingstone fosse mais escrupuloso nas suas asserções, e não affirmasse o de que primeiro não estivesse informado cabalmente, não passaria pelo desgosto de ser contradicto de modo tão formal, e convencido pelo menos de sobremaneira temerario. O governador geral Tavares de Almeida deu a este respeito amplas explicações, que o dr. Livingstone, embora relucte despeitoso, não poderá nunca evidenciar não serem da exactidão mais rigorosa².

¹ V. a *Nota 1.*

² É preciso ler a *Nota 26.* porque se acha n'ella exposto com a necessaria extensão o que não podia ser n'este logar senão apenas indicado. Ver-se-ha que são de sobejo fundadas estas arguições, assim como se verá que o dr. Livingstone baldou esforços contra o digno cavalheiro a que allude, e contra o qual, bem como contra o irmão d'este, o então governador de Tete, Antonio Tavares de Almeida, por vezes levantou voz

É porém muito de notar a menção agora feita pelo dr. Livingstone da viagem de Pedro João Baptista, e o modo por que d'ella se recorda¹. Não podendo de nenhum modo pôr em duvida o ter aquelle resolute, paciente e pertinaz descobridor completado, de ida e volta, a viagem do Cassange pelo Cazembe a Tete, e de Tete pelo Cazembe ao Cassange, limita-se a dizer que Pedro João Baptista *foi bem succedido*, sem accrescentar nem sequer uma palavra com referencia aos *Roteiros* de uma e outra viagem, nem ao da viagem ao Matiamvo, nem á *Lembrança de varios successos das suas viagens!* Pois bem estava a Livingstone dar-lhes ao menos algumas palavras de louvor², e tanto mais quanto a emulação em que se poz com o descobridor portuguez, foi de certo poderoso estimulo, que o esforçou a segui-lo, e nas circumstancias especiaes avantajarse-lhe. É esta a opinião de homens, que estão no caso de a ter de peso e valia n'este ponto, alguns dos quaes são concidadãos do dr. Livingstone; e não me parece para ter-se em pouco a observação de que o excessivo desprezo, de que o dr. Livingstone quasi que chega a fazer alardo, com respeito a Pedro João Baptista, e ao grande serviço por este prestado, significa alguma cousa mais do que mero supercilio britannico. Certo, pois que revela não só o ciume da competencia, senão tambem de mais a mais o insoffrido pezar de que, pelo seu, aquelle nome seja recordado, e se torne inseparavel d'esta recordação a de que, muito antes do que o inglez David Livingstone, o portuguez Pedro João Baptista atravessara de costa a costa o continente africano, e nos seus *Roteiros* e na sua *Lembrança* deixara consignadas noticias e observações, das quaes David Livingstone pôde ter-se aproveitado, sem que para Pedro João Baptista existissem nenhumaes anteriores estranhas indicações, d'onde lhe viesse minimo rasto de luz, que bruxuleando ao menos por entre a cerrada escuridão, pudesse, embora mal segura, encaminhar-lhe os incertos passos. A parcialidade de Livingstone, que se demonstra á evidencia por este e ou-

aggressiva e descomposta, por isso que não pôde illudi-los, nem desvairal-os. Veja-se tambem a *Nota 27.^a*, pois que os documentos n'ella transcriptos esclarecem muito a materia sujeita.

¹ Chap. XII, pag. 260.

² V. o que no cap. XI deixo observado com respeito ás viagens de Pedro João Baptista, e dos seus *Roteiros*, etc., etc.

tros factos semelhantes, obriga o leitor circumspecto a não confiar senão receoso nas suas palavras, e ainda menos a admitir sem exame os juizos por elle formulados.

Como já declarei, e tem sido por mim observado, não foi meu proposito seguir o dr. Livingstone, senão sómente a passo rapido, no que na sua *Relação* menciona em relação a assumptos que tratara quer nas *Viagens*, quer no *Discurso* de Bath. Por esta razão contentar-me-hei ainda agora de indicar apenas que, do que narra com respeito a Marianno, ao bispo Mackensie e á sua missão, aos Babisa, etc.¹, se deduz com todo o rigor logico a manifesta contradicção, em que está luctando comsigo mesmo, quando nega que os portuguezes conhecessem as cataratas, que appellidou de Murchison, os lagos Nyassa ou Chirua, e os territorios vizinhos, bem como que desde muito tempo, consecutivamente, e na actualidade os frequentavam, e portanto os conheciam, e alli eram conhecidos.

Entretanto, posto que não haja de deter-me com largueza no apreciar as explicações dadas pelo dr. Livingstone ácerca do desastrado fim da missão Mackensie, e da accusação feita pelo reverendo H. Rowley ao mesmo Livingstone, nem por isso poderei passar este assumpto tanto por alto como com outros acabo de fazer.

O dr. Livingstone insiste em que não tinha elle nada com a direcção da missão, e que o bispo Mackensie procedia de seu proprio movimento como tinha por mais approved, cabendo-lhe portanto a inteira responsabilidade de quanto por elle mesmo foi obrado; e, para responder á accusação, fundada na que lhe fizera o reverendo H. Rowley, publica uma carta d'este, na qual o reverendo Rowley, contradizendo-se de modo verdadeiramente pasmoso, parece fazer a apologia do dr. Livingstone.

Pelo que respeita á insistencia de Livingstone, não póde ser tida de certo em muita conta, porque não póde ser traduzida senão por nova mera affirmativa, sem que sequer se nos apresente um unico argumento a ponto, não direi para destruir, mas ao menos para abalar as considerações, em que se baseou o juizo já formado do proceder do dr. Livingstone, sobremodo irregular, e digno sem nenhuma duvida de muito severa censura. A maneira

¹ Chap. xviii até xxviii inclusivamente.

tortuosa porque Livingstone procurou na sua *Relação* attenuar o que dissera no discurso de Bath, aproxima-se antes de tergiversação pouco merecedora de louvor, do que da exposição franca e leal, que sempre e em tudo está bem ao homem, que não tem motivo para arrepende-se do que praticou scientemente. O imitar e seguir o exemplo, que lhe dera o dr. Livingstone, foi para o bispo Mackensie a morte, e, para a missão a seu cargo, total ruina. Os factos subseqüentes, devidamente estudados e comprehendidos, servem para confirmar o que por mim foi considerado, porque revelam que Livingstone tinha a peito que servisse aquella missão de nucleo a estabelecimento de muito diversa natureza, e para fins muito outros do que a civilisação dos indigenas por meio da pregação do Evangelho; e que, na traça por elle meditada, a missão era o instrumento com o qual contava fazer-se respeitado, e tornar-se temido, e não só dos indigenas, senão dos portuguezes: para isto fazia-se preciso que o estabelecimento crescesse em extensão, e sobretudo em população. Foi esta a causa de Livingstone se fazer caçador de escravos no districto de Tete, e o bispo Mackensie nas terras dos Ajawa. O mestre e o discipulo não souberam amadurecer com a prudencia necessaria o aventureiro intento, quizeram andar muito caminho em pouco tempo, precipitaram-se, e, despenhando-se do modo que se sabe, deixaram, máo grado seu, cahir a mascara, pondo patente aos olhos de todos a fealdade da ingratição e da injustiça, que serviam de norma aos astuciosos conselhos, que tinham por alvo affrontar e aluir os direitos e a independencia do dominio portuguez na Africa oriental.

O successor do bispo Mackensie, o bispo Tozer, ou temendo sorte igual á do seu antecessor, ou porque lhe repugnasse á consciencia, como parece, approvar os planos do dr. Livingstone, e não quizesse tomar parte n'elles, abandonada a missão, deixou a Africa. Censura-o, sem rodeios, nem brandura, o dr. Livingstone, e quer imputar-lhe o aniquilamento da missão; porém é injusto, porque a missão morrera com Mackensie, e não era já possivel resurgir. Se o fosse, Livingstone, a quem a retirada do bispo Tozer tanto indignara, lhe teria insuflado movimento e vida.

Sabe-se que um dos membros da missão Mackensie, o reverendo H. Rowley dirigira graves accusações contra o dr. Living-

stone¹, como tendo concorrido, sem duvida por seus conselhos e exemplo, para a ruina d'aquella missão. O dr. Livingstone, não podia destruir a accusação, porque o exemplo por elle dado, e que, longe de negar, confessa muito explicitamente, declarando que se apoderara de escravos pertencentes a portuguezes, e fizera presente d'elles ao bispo Mackensie, induzio e animou este a fazer correrias sobre os Ajawa, d'onde se originou a sua perdição. Entretanto Livingstone vio a necessidade de repellir uma accusação, que não podia deixar de prejudica-lo summamente, como de feito succedeu; pois que muito mal se compadecia aquelle escandaloso procedimento com as suas ostentosas declamações contra a escravatura. Era difficil o empenho, e não achando melhor alvitre escolheu o de fazer que o reverendo H. Rowley escrevesse uma carta, para haver de ser publicada por Livingstone na sua *Relação*. N'esta carta Rowley declara que não era o dr. Livingstone de nenhum modo culpado nos infortunios da missão; que elle Rowley approvara o que fôra feito contra os Ajawa; e que, n'este sentido, é que tinha escripto para o Cabo a Mr. Glover. O reverendo Rowley termina a sua carta ao dr. Livingstone por estas palavras: «Espero que o que n'esta acabo de dizer preencha os vossos desejos».

Não me demorarei a fazer observações ácerca da situação lastimosa, á qual Livingstone forçou a descer o seu confrade, pois que não é possivel pôr em harmonia esta com as cartas por elle escriptas para o Cabo, a que se referiram os jornaes *The Cape Argus* de 19 de Fevereiro, e o *The Cape and Natal News* de 27 de Março de 1863. No primeiro d'estes jornaes se lê que Livingstone «nega que o desastroso fim do ataque dirigido contra os Ajawa pelo fallecido bispo Mackensie, e pelos missionarios, fosse a consequencia de exemplo ou conselho d'elle dr. Livingstone, por quanto, confessando ter tomado escravos aos portuguezes, declara não ter nunca feito montaria aos Ajawa». No segundo se diz expressamente que «o dr. Livingstone recebera a primeira intimação das accusações apresentadas contra elle pelo reverendo H. Rowley relativamente ao ataque feito pelos missionarios aos Ajawa».

Deixando á parte as sensatas observações do jornalista inglez do Cabo, ácerca de se intrometter um estranho nos negocios do paiz

¹ V. Nota 5.^a

onde por qualquer motivo se acha residindo; e, sem nada accrescentar ao que fica advertido a este respeito, só notarei quanto é digno de lastima o proceder do reverendo H. Rowley, que, por mera condescendencia, não hesita em a si mesmo se desmentir tão vergonhosa e inutilmente. Pois que valia pôde ter esta retracção, que termina significando o desejo de que seja ella em tudo conforme ao que lhe fôra exigido pelo dr. Livingstone¹? Não se vê porventura que os termos do desmentido, que dava a si mesmo, lhe foram dictados pelo proprio interessado? As cartas a mr. Glover, e as queixas e accusações n'ellas contidas contra Livingstone, foram a expressão de um sentimento penoso, devido aos acontecimentos recentes, exposta em plena liberdade; mas a carta, que transcreve Livingstone, alem de ter por objecto factos, que pela distancia do tempo e dos logares já não podiam actuar senão com acção muito menos efficaz no espirito do reverendo Rowley, era o resultado de uma exigencia peremptoria do dr. Livingstone, ao qual o reverendo Rowley agora não queria ou não podia recusar o que, para a si salvar-se, Livingstone requerera d'elle. Se a situação, em que se collocou o reverendo Rowley é para lastimar, como está dito, de certo que não é para reputar-se mais honesta, e digna, a em que vemos posto o dr. Livingstone. A carta do reverendo Rowley é portanto um documento sem significação nem valor, como argumento, subsistindo os que por mim foram adduzidos em toda a sua força. Livingstone por este meio não conseguiu tirar de sobre si a grave accusação, que o esmaga; porque traz origem de factos que não podem aniquilar-se, e que o mostram inteiramente outro do que tanto tem lidado para fazer acreditar-se. O véo está corrido: o odio de Livingstone á escravatura não é absoluto, é só condicional; é enquanto não pôde ella ser-lhe de vantagem, porque, quando tal se lhe affigura, não duvida fazer-se elle mesmo caçador de escravos. É assim tambem que elle quer livre a navegação do Zambeze e dos seus affluentes, e abertos a todas as nações, sem nenhuma sorte de restricção, os territorios de Africa oriental, sempre até hoje sujeitos ao dominio portuguez, ou até aonde este alcança: assim o quer, porque são

¹ «*I hope (escreve o reverendo Henry Rowley ao dr. Livingstone) what I have said will meet yours wishes*». Narrative, etc. Chap. xxiii, pag. 475.

possessões portuguezas, que, se fossem inglezas, sem duvida fôra outra a sua linguagem e doutrina.

Comquanto o dr. Livingstone, na sua *Relação* dê vasto campo a considerações muito serias, e porventura de muito grave momento, comtudo eu não levarei mais longe, nem darei maior largueza aos reparos, que brevemente deixo indicados, embora haja de parecer a alguém que não devia contentar-me de tão pouco. Duas razões me movem a haver-me d'este modo; primeiramente, porque, no que levo advertido, se resume essencialmente tudo que teria a ponderar, parecendo-me que, assim como não podia deixar correr com desassombro, e não contestadas, algumas asserções contrarias á verdade dos factos, ou ao decoro do nome portuguez, assim tão pouco podia de mim requerer-se que, por mero prurido de combater, renovasse debates já terminados. Se as replicas do dr. Livingstone podem obrigar-me a ratificações, por onde se confirme que não devem ser aquellas attendidas, não tem por certo direito a sua explanação de factos ou assertos, já devidamente apreciados, a que, para acompanha-lo, me vá emmaranhar em divagações caprichosas, d'onde todavia não ha a deduzir conclusões diferentes das que foram inferidas e ponderadas.

Em segundo logar as injustiças, e, com franqueza o direi, as insolencias do dr. Livingstone, são d'elle, e não da nação ingleza, e não do governo d'aquella grande e esclarecida nação. Como proprias d'elle dr. Livingstone tenho para mim, que, posta em claro a verdade, e repellidas condignamente aggressões injustas, não ha senão deixar-lhe a imputação exclusiva das suas opiniões e doutrinas, do seu reflectir, e do seu obrar. O juizo publico, se póde a momentos desvairar-se, por ultimo rectifica-se, e faz justiça. Tanto mais assim o tenho, quanto é sabido, e certo, que o governo inglez, apesar de quanto ha dito e traçado tão arteira e solicitamente Livingstone, que tudo ha posto por obra para havermos de o acreditar éco fiel, e representante legitimo das doutrinas e opiniões dos inglezes e da Inglaterra, não se deixou embair dos lidados artificios do trabalhoso missionario, dando, no procedimento com elle havido¹, solemne testemunho de que sabe respeitar a propria

¹ Ao dr. Livingstone foi retirada pelo governo de Sua Magestade Britannica a commissão de consul de Inglaterra em Quelimane.

dignidade, e por isso respeita, e quer que dos seus sejam acatados os direitos imprescriptíveis da corôa de Portugal.

É tempo de pôr termo ao meu trabalho, e, para não fazer duas conclusões, aqui sómente direi agora, que a *Relação* de Livingstone, sem trazer a lume nenhuma materia nova com respeito a Portugal e aos portuguezes, se torna tão só notavel pelo desabrimiento, com que, saltando por cima do que persuade o decoro e aconselha a boa razão, profere invectivas, dá corpo à calumnia, e procura a todo o transe malquistar-nos com todos e em tudo. Vencido no campo dos factos e do raciocinio, e impotente para redarguir de modo que possa dar sequer certa côr de plausibilidade ás suas inexactas asserções e mal cabidas insistencias, soccorre-se ás armas de que só usam lançar mão aquelles a quem a razão nada ajuda ou favorece, appella para a deslealdade e para a injuria, e assim se vinga. Deixa-lo: não melhorou de condição. Se esta nova obra do dr. Livingstone ganhou do lado das amplificações, que podem dar maior realce á energia do seu character, ás suas fadigas, e a algumas qualidades, sem duvida apreciaveis, de que se adorna o seu espirito; perdeu, e perdeu muito do lado da imparcialidade, da qual nas suas *Viagens* pretendeu persuadir-nos, e, mais do que persuadir-nos, convencer-nos que fazia honroso timbre.

Na *Relação* como nas *Viagens*, aqui e acolá, encontram-se observações que são para haver-se em conta, mas são aquellas a repetição d'estas, e tidas já por mim na consideração devida. Acaso podia, e porventura alguém quizera que, pela minha parte, lhes desse mais longo desenvolvimento: porém julgo sufficiente o pouco de que tomei nota, porque, sem deixar de fazer-me cargo do que tive para mim que o merecia, e de indicar o que me pareceu convir ao meu paiz, não me afastei do caminho que directamente conduz ao meu fim, nem a este me parece ter faltado.

Porei aqui remate ao meu lidar, que não terá sido em vão, se, como desejo e espero, com elle tiver de algum modo concorrido para que do tributo por mim pago á verdade, venha, para a minha patria, sem nenhuma sorte de prejuizo, a honra que se lhe deve.

FIM

NOTA 1.ª (INTROD.)

Eis-ahi os documentos officiaes, a que me referi, lêam-se com attenção e decida ao depois o homem imparcial e recto, se póde taxar-se de não cabida ou injusta a censura de mal agradecido, com que, profundamente indignado, em nome de todos os portuguezes honrados, qualifiquei o estranho procedimento do dr. Livingstone.

Legação britannica. — Lisboa, 9 de fevereiro de 1858. — Sr. ministro : — Tenho a honra de accusar a recepção, que teve logar hontem de tarde, da nota de v. ex.ª com data de 6 do corrente, com a qual me foi igualmente transmittido o duplicado de uma portaria expedida no 1.º d'este mez ao governador geral de Moçambique, dando-lhe instrucções para que as mercadorias que o dr. Livingstone possa ter necessidade de levar comsigo, expedição scientifica a que se propõe, possam ser conduzidas pelo rio Zambeze, livres de direitos. Apressei-me a remetter a lord Clarendon pelo paquete que sahio de Lisboa esta manhã, juntamente com a portaria, a nota de v. ex.ª, e no entretanto peço licença para dar a v. ex.ª os maiores agradecimentos pela prevenção da parte do governo de Sua Magestade Fidelissima em expedir a referida portaria, a qual estou convencido será altamente apreciada pelo governo de Sua Magestade. Aproveito a occasião para renovar a v. ex.ª os protestos da mais alta consideração. — A s. ex.ª o sr. marquez de Loulé. — Henrique Francisco Howard.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 12 de fevereiro de 1858. = *Emilio Achilles Monteverde.*

Como o dr. Livingstone deverá necessariamente levar comsigo para sua exploração do rio Zambeze uma consideravel porção de fazendas, para que pela troca das mesmas no interior de Africa Austral possa subsistir e a gente que o acompanhar: manda Sua Magestade El-Rei, pela secreta-

ria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que todas as fazendas que levar para esse fim possam subir pelo dito rio, livres de quaesquer direitos de importação até Tete, d'onde terão tambem livre sahida para o interior; o que assim se participa ao governador geral da provincia de Moçambique, para seu conhecimento e expedir n'esta conformidade as necessarias ordens.

Paço, em o 1.º de fevereiro de 1858. = *Sá da Bandeira*.

Legação britannica.— Lisboa, 2 de fevereiro de 1858.— Sr. ministro:— Tendo-me apressado em transmittir a lord Clarendon a portaria de 18 do mez findo, dirigida por s. ex.ª o ministro da marinha ao governador geral de Moçambique, e aos governadores de Quilimane e Tete, dando-lhes instrucções para prestarem ao dr. Livingstone e seus companheiros todo o auxilio de que possam carecer na sua projectada expedição scientifica ao interior de Africa, portaria que s. ex.ª teve a bondade de me entregar em mão propria n'aquelle mesmo dia, e não tendo eu igualmente deixado de dar conhecimento a lord Clarendon, das obsequiosas seguranças que eu tinha verbalmente recebido de v. ex.ª e do visconde de Sá, quanto á promptidão do governo de Sua Magestade Fidelissima em promover os fins d'aquella expedição, tenho agora a honra, em cumprimento das instrucções contidas no despacho de s. ex.ª de 26 do passado, de transmittir a v. ex.ª da parte do governo de Sua Magestade os mais sinceros agradecimentos pelo auxilio que o governo de Sua Magestade Fidelissima está disposto a prestar á expedição de que se trata. Aproveito a occasião de renovar a v. ex.ª os protestos da minha mais alta consideração. — A s. ex.ª o marquez de Loulé. — Henrique Francisco Howard.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 5 de fevereiro de 1858. = *Emilio Achilles Monteverde*.

N.º 11 — Ill.ºº e ex.ºº sr. — Tenho a honra de inclusa levar á presença de v. ex.ª a resolução unanimemente approvada pela sociedade real de geographia, na sua sessão de 15 de dezembro ultimo. A proposta foi feita por mr. Labouchère, secretario d'estado das colonias. As auctoridades que coadjuvaram o dr. Livingstone parece-me que são merecedoras da approvação do governo de Sua Magestade. — Deus guarde a v. ex.ª — Londres, 16 de janeiro de 1857. — Ill.ºº e ex.ºº sr. marquez de Loulé. — (Assignado) conde de Lavradio.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 30 de janeiro de 1857. = *Emilio Achilles Monteverde*.

Royal geographical society — 15th december 1856 — Resolution passed at a special meeting to receive dr. Livingston on his return from Africa. Sir Roderick I. Murchison, president in the chair. Proposed by the Right honorable Henry Labouchère, M. P., her majesty's secretary of state for the colonies, seconded by the colonel sir H. Rawlinson, and carried unanimously, that the grateful thanks of the royal geographical society be con-

veyed, through his excellency the count the Lavradio, minister of the king of Portugal, to his majesty's authorities in Africa, for the hospitality and friendly assistance they had afforded to dr. Livingstone in his imparalled travels from S' Paul de Loanda to Tete and Quilimane across that continent. = *Roderick Murchison*, president = *Norton Shaw*, secretary.

Lisboa, 14 de dezembro de 1855. — Tendo o governo de Sua Magestade sido informado de que o reverendo dr. Livingstone, por occasião da sua recente digressão de Loanda a Moçambique, recebera o maior agasalho e hospitalidade das differentes auctoridades portuguezas, na provincia de Angola, por cujos territorios passara, o abaixo assignado, encarregado de negocios de Sua Magestade Britannica, recebeu por consequencia instrucções para manifestar a s. ex.^a o visconde de Athougua, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros de Sua Magestade Fidelissima, os agradecimentos do governo de Sua Magestade pelos bons officios assim prestados ao dr. Livingstone, e pelo benevolo e hospitaleiro sentimento que os moveu por parte das auctoridades de Sua Magestade Fidelissima em Angola. O abaixo assignado aproveita esta occasião para renovar a s. ex.^a o visconde de Athougua, a segurança da sua mais alta consideração. — A s. ex.^a o visconde de Athougua. — *William R. Ward*.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 18 de dezembro de 1855. = *Emilio Achilles Monteverde*.

Lisboa, 15 de setembro de 1856. — Senhor : — Tenho a honra de participar a v. ex.^a que o governo de Sua Magestade recebeu ultimamente de mr. Surtees, interino commissario britannico na cidade do Cabo, noticia da chegada do reverendo mr. Livingstone, o viajante africano, a Tete, na possessão portugueza de Moçambique, havendo realisado felizmente a sua jornada através do continente africano. Tendo mr. Livingstone, em uma carta a mr. Maclear, astronomo real na cidade do Cabo, mencionado do modo mais grato, a benignidade que encontrara da parte das auctoridades portuguezas, tenho a honra, na conformidade das ordens que acabo de receber do conde de Clarendon, de transmittir ao governo de Sua Magestade Fidelissima, por intervenção de v. ex.^a, os cordeaes agradecimentos do governo de Sua Magestade pelos obsequios feitos pelas auctoridades portuguezas áquelle intrepido viajante. Aproveito a occasião para renovar a v. ex.^a a segurança da minha mais alta consideração. — A s. ex.^a o Marquez de Loulé. — *Henrique Francisco Howard*.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 17 de setembro de 1856. = *Emilio Achilles Monteverde*.

Lisboa, 12 de novembro de 1856. — Senhor : — Transmittindo incluso a v. ex.^a o extracto de uma carta que em data de 26 de agosto ultimo dirigiu o dr. Livingstone a lord Clarendon, na occasião da sua chegada á ilha Mauricia, tenho a honra, em cumprimento das instrucções que recebi de s. ex.^a, de expressar a v. ex.^a o reconhecimento do dr. Livingstone e do

governo de Sua Magestade, pela distincta recepção que aquelle cavalheiro encontrou da parte das auctoridades portuguezas em Tete e Quilimane. Aproveito esta occasião para renovar a v. ex.^a as seguranças da minha mais alta consideração. — A s. ex.^a o Marquez de Loulé. — Henrique Francisco Howard.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 14 de novembro de 1856. = *Emilio Achilles Monteverde*.

Extracto de uma carta do reverendo dr. Livingstone ao conde de Clarendon K. G., datada de Claremont (Mauricia), em 26 de agosto de 1856 — Os povos da parte mais central do continente africano, são benignos e generosos; os que ficam mais proximos dos limites civilisados, são desconfiados e miseraveis. Tendo o nosso gado morrido de tsésé (sic) fui obrigado a seguir a pé e a passar inclemencias nos pontos onde faltava o alimento nutritivo. Quando cheguei a 8 ou 9 milhas de Tete, tão fatigado que não pude dormir, o governador Sicard mandou um almoço substancial perto das duas horas da manhã, e o estado de fadiga em que me achava desvaneceu-se tão promptamente, como se permanecesse alli um mez. A boa recepção que me fizeram os officiaes mandados para me conduzir á villa foi-me tão agradável, que me senti tão vigoroso que poderia correr o resto da distancia. Faço menção d'isto porque poderia considerar-se de extravagancia, se eu me não expressasse de maneira que manifestasse a minha gratidão para com s. ex.^a, para com o governo portuguez, e differentes officiaes portuguezes com quem estive em contacto. O major Sicard tratou-me, tanto a mim como aos meus companheiros, muito hospitaleiramente até ao principio da estação sadia em Quilimane, e quando parti para o Zambeze, forneceu botes e guardas, recusando-se a qualquer compensação. Deu trabalho aos homens que me acompanharam de Linyanti, e que tinham resolvido ficar ao seu cuidado até á minha volta. Igualmente generoso foi o coronel Izidoro Pereira e mr. Ferrão, de Senna, assim como o coronel Gualdino José Nunes, de Quilimane, com quem permaneti seis semanas. Elles anteciparam tão completamente todas as minhas necessidades, que me não foi necessario fazer despeza alguma de Tete para diante. As auctoridades portuguezas de Angola foram para comigo igualmente benevolas e o capitão de Cassange, auxiliou os meus planos até que deixei o seu territorio. Devo mencionar que tendo-me o dr. Beke mostrado hoje um esboço do lago Nyanja, feito pelo reverendo mr. Rebman, achei que concordava exactamente com o lago do mesmo nome visitado por um cavalheiro de Tete (mr. Candido), o qual lancei com o seu consentimento como apontamento no mappa. Como agora temos a seu respeito informação de que ha alli tres nascentes, pouca duvida póde offerecer a sua actual existencia, e se não fóra a minha repugnancia a mais conjecturas geographicas, avançaria que o braço principal do Zambeze nasce d'elle, assim como o Chire. Teria sido mais facil ir para alli do que descer o Zambeze.

Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 14 de novembro de 1856. = *Emilio Achilles Monteverde*.

Sloane Street — N.º 57 — 25 de março de 1857 — Ao cavalheiro de Figanière — Senhor — Peço licença para apresentar os meus mais sinceros agradecimentos ao vosso governo pela maneira generosa com que expedira para Moçambique as convenientes ordens para a manutenção dos meus antigos companheiros de Africa, á custa d'aquella provincia, e até que eu possa reclama-los á minha volta. A vossa carta em que me annunciaes o referido, foi lida na ultima sessão da real sociedade geographica, e foi recebida com o maior applauso. A benevola liberalidade do governo portuguez, deve merecer o respeito e a admiração de todos os que se interessam pela Africa, e desopprime o meu espirito de todo o cuidado, habilitando-me o proseguir nos meus trabalhos litterarios, com muita satisfação. Peço que tenhaes a bondade de apresentar igualmente os meus cordeaes agradecimentos ao visconde de Sá da Bandeira, pelo seu generoso presente de livros¹. Não sou mais extenso por agora, por isso que espero poder agradecer-lhe de viva voz em Lisboa, de caminho para o theatro de meus trabalhos. Crêde-me vosso muito grato e obediente criado. — (Assignado) David Livingstone.

¹ Está conforme. — Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 11 de abril de 1857. = *Emilio Achilles Monteverde*.

¹ Entre estes uma collecção completa dos Annaes Maritimos e Coloniaes, e o Muata Cazembe, do sr. Gamitto.

NOTA 2.ª (PAG. 3)

É, o que segue, o capitulo a que fiz referencia, o qual é extrahido da

VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, PELO PADRE JOAM DE LUCENA
(ANNO DE 1600, LISBOA) CAP. XII, LIV. III

•Do que até agora escrevemos e esperamos ainda com o favor divino escrever do P. M. Francisco se entende, e entenderá bem quão facil e suave foi em sua conversação. Não a houve nem mais branda nem mais singella, nem mais desassombrada, não faltando nunca hum ponto ás obrigações da inteireza, da prudencia, da religião: os olhos trazia sempre cheios de alegria e de pureza, a bôca de riso e modestia, o semblante era toda a boa graça e toda a authoridade, as palavras a ninguem offendiam, emendavam a huns, melhoravam a outros. A muitos de nossa Companhia acon-teceo por vezes iremno buscar á cella não mais que por a grande conso-lação e prazer espirital, que só com aquella vista, e ar do mesmo parayso causava em todos, accendendo-os juntamente em novos desejos da virtude e perfeição religiosa, como se lhe sabira pelos olhos, e a apegara, e deixara nas almas dos que se lhe chegavam: e com ser tam grande prova da sua-vidade do seu espirito não se poderem os bons apartar d'elle, como nem das flores cubertas do mais doce orvalho as abelhinhas; não me espanta menos a facilidade com que elle entrava e se amassava (como dizem) com os peiores, de sorte que no mesmo tempo fazia dizer a huns como S. Pedro. «Onde nos iremos, que tem palavras de vida eterna» e a outros: «agasa-lha-se e come com os peccadores». Este foy em todo o tempo e por toda a India: mas em Malaca tam assignaladamente que ainda oje persevera ali a edificação, e espanto da grande prudencia e caridade, com que os tratou. Tudo sem duvida fez de si por não deixar por fazer cousa alguma das que

podiam aproveitar à salvação daquella gente, servindo a Deos com toda a humildade e desprezo de si mesmo, e dando-se (como de si dizia o Apostolo aos de Epheso) por uma publica testemunha da perfeição christãa, não sómente nos pulpitos, mas pela casa dos particulares, onde os hia buscar, conversar, e comer com elles; e pelas mezas dos jogos dos soldados, a que se achava presente, sofrendo-lhe, e ainda gabando-lhe tudo o que não era offensa de Deos. Antes se se pejavam, ou escondiam as cartas, não lho agradecia nem dissimulava, allegando-lhes em seu favor o que elles mais trazem na lôca. Que não eram religiosos, que melhor é jogar que murmurar, que o mor perigo do soldado é estar ocioso. Desassombravam-se os jogadores, hiam por diante, ficava Deos sempre de ganho, e o demonio de perda. Porque se tiravam os juramentos, atalhavam-se as brigas, cessavam as demasias, dando-lhe os soldados tudo isto de barato com a mesma facilidade, e cortezia, com que o P. lhes dava a elles o jogo. Num aconteceo o que agora direi, e todos o houveram por cousa maravilhosa, posto que não nos consta que fosse em Malaca. Acudiam mal as cartas a hum soldado portuguez, tinha já perdido seis centos crusados, era presente o P. Francisco, por cujo respeito o mofino estava mais sobre si: mas ainda se lhe viam bem os sentimentos, e impetos da impaciencia, ficava-lhe pouco de seu, e esse tão arriscado como o que já jogara. Alevantar-se não era em sua mão, se hia por diante perdia-se de todo. Emfim descobrindo nelle o padre mais do que o pobre homem mostrava, levanta-se, pede-lhe as cartas, baralha-as com as proprias mãos, tornalhas a metter nas suas, dizendo que jogue; assim o fez sem perder mais mão, e forrando-se a bem poucas de quanto perdera. Cresce a cubiça com a dita, querla elle seguir emquanto lhes respondem tão bem as cartas, mas não lho soffreo quem lhas tornara amigas. Basta (diz o P. Francisco) recuperardes o vosso, não sou contente que leveis o alheio. Obedece o soldado tendo por certo que se o elle não fizer, que o farão as cartas à vontade do P. E não somente deixou per então o jogo mas prometteo de nunca tornar a elle, e assim o cumprio: que por toda a vida não houve quem lhe visse mais cartas na mão. Que tenho por tanto mor maravilha que a primeira; quanto mais raro he mudar-se o taful, que trocar-se o jogo. Mas tornando à conversação da gente perdida, foram grandes os dons de Deos, que nella teve o P. Francisco. Como dissemos que entrou um dia a pedir de jantar ao que não tinha em casa homem nenhum: assi se convidava aqui em Malaca para ir comer com os que viviam mais escandalosamente. Á meza em nada pezado, em tudo santo, gabava as iguarias, o serviço, a limpeza, a policia da casa, até que se não pejava o hospede d'elle saber, e ver quem tinha das portas a dentro o meneo della. E posto que as mais das vezes eram muytas, e que faziam asco a quaesquer olhos honestos: o P. que os tinha no muyto sangue, que ellas custaram a Christo, e na formosura, com que ficariam suas almas depois de se deixarem lavar n'elle, não se carregava de as ver, e de lhes fallar com boa graça, encommendando-lhes que fossem virtuosas, e santas, como se nada soubera, nem entendera do seu presente estado. E outras vezes indo a casa perguntava por ellas, e fazia-as

vir perante si, que ainda isto era menos que soffrer o Rei da pureza lhe lavasse (ainda que com lagrimas) enxugasse e beijasse Magdalena os pés, não se dando por achado dos peccados (fóra de seu coração, onde lhos fazia conhecer e chorar) e dos escandalos publicos em toda a cidade. Ganhava assi o P. as vontades, não sómente dos senhores, mas de toda a gente de casa, e das mesmas escravas, de maneira que nenhuma havia, que se não tivesse por muyto sua devota, que não se alegrasse, quando elle entrava pela porta, que não esperasse que por seu meyo haveria tudo do proprio amo, bem fora de cuidarem para quantos maiores bens elle as andava dispondo com aquella familiaridade, que mostrava a todos. Santos enganos, innocente astucia, e verdadeiros fingimentos, quaes tenho por certo foram em grande parte aquelles de que S. Paulo não nega em todo, que usou, por tomar, edificar, e desenganar aos Corinthios; que sabemos por graves, e antigos authores foram os Genticos de menos honestidade de toda a Grecia. Tanto que n'um só templo tinha Venus n'aquella cidade mais de mil, taes como ella, por ministros de seus abominaveis sacrificios, e com a luz do Evangelho, prudencia, e suavidade da conversação do Apostolo vieram entre todos os Christãos a estimar tanto a pureza que duvidavam se por a seguir se podiam desobrigar, ainda os já casados, do casto e santo matrimonio. E notam os Santos que nem se aquietaram n'este ponto até o não escreverem ao mesmo Apostolo, e receberem a reposta, que hoje temos no setimo capitulo da sua primeira carta. Huma tal mudança havia mister Malaca, e assi lha procurava o P. M. Francisco com se mostrar, e fazer familiar dos mais necessitados: aos quaes depois que já tudo flavam delle, se a sua miseria não tinha outro remedio, escusavalha primeiro com as mesmas cousas, que os a elles cegavam; e era facil fazer-lhes ainda que o não fosse mais formoso, o que por tal amavam, gabando-lhes a modestia, o siso, a authoridade, e que todas as boas partes tinham, sem lhe faltar mais que o nascimento em Portugal: que era mulher para um Principe, e em nenhuma cousa peor empregada que em serviço do demonio. Assi poz em bom estado a muitos. A outros, que não podiam ir por este caminho, eucarecia a deformidade da negra, como lhe não punha medo aquelle diabo, que o não era só no officio, mas na sombra, e no rosto, que não se fallava outra cousa nas mesas do jogo, que o tinham por affronta os outros soldados, que elle só se não doya de sua honra. Depois aconselhava-o que se casasse, offerecendo-se para lhe buscar mulher virtuosa, com que pudesse viver contente, e em graça de Deos. Nem foram poucos os que ganhou por este modo. Onde achava mais resistencia, usando de mor brandura, acabava tudo. Porque não lhes pedia logo que vivessem casta, e honestamente; só lhes estranhava, como amigo, gastarem a saude, e a fazenda com tanta e tam má gente: mas que já que as não podiam deixar a todas, ao menos por amor delle lançassem uma de casa. Depois tornando a jantar, ou cear, pedia-lhes despedissem outra, que menos bastavam para os levar ao inferno: e que um despejo tamanho mais parecia maldade, que fraqueza, da qual esperava se compadecesse Deos nosso Senhor, e lhe desse uma hora de salvação, mas que a ma-

licia obrigava a ira divina a grandes castigos neste, e no outro mundo; até que pouco, e pouco os vinha a casar com a derradeira, ou os apartava de todas. A um tirou assi aqui em Malaca sete demonios um após o outro, que não foram peiores de sahir daquella alma e casa, que os que lançou o Senhor da peccadora. Mas tudo foy effeito da mesma graça, e bondade divina.»

NOTA 2.¹ (PAG. 8)DE VARIA HISTORIA DA CHRISTANDEADE ORIENTAL, PELO PADRE JOÃO DOS SANTOS
LIV. II, CAP. I, FOL. 27 (EVORA 1609)

«O primeiro religioso portuguez da ordem dos prégadores, que acho ter passado a esta nova conquista foy o padre frey Rodrigo Homem, religioso de muita authoridade e reputação, o qual estava já na India no anno de 1503, quando Affonso d'Albuquerque foy a primeira vez a essas partes, como se pôde ver em seus commentarios, onde, part. 1, cap. 11, se refere o seguinte: «Vendo Affonso d'Albuquerque as muitas differenças que tinha com Francisco d'Albuquerque seu primo, ácerca da primeira fortaleza que El-Rei D. Manuel mandou fazer em a cidade de Cochim, e vendo que se não podia conformar com elle, mandou chamar o padre frey Rodrigo, da ordem de S. Domingos, e deu-lhe conta do que passava, e pediu-lhe muito quizesse dizer missa na igreja nova, que tinha feito na fortaleza, porque se queria ir a Couião carregar suas náos, pera se tornar a Portugal, e seu primo Francisco d'Albuquerque ficasse embora, e fizesse o que quizesse. O padre frey Rodrigo lhe disse, que se espantava muyto entre huns homens tão honrados e tão parentes aver tantas differenças. E com tudo foy-se com elle á fortaleza, e disse a primeira missa na sua igreja nova; e acabada a missa andarão em procissão, e puserão-lhe nome o convento de Christo. E depois disso vendo o padre que não podia concertar as differenças, que avia entre os dous primos, embarcou-se com Affonso d'Albuquerque e foy-se com elle para Couião. Donde partindo-se Affonso d'Albuquerque pera Portugal com suas náos carregadas, encomendou muyto ao padre frey Rodrigo o governo, e administração de uma

¹ Esta Nota devia ser a 3.^a, mas pareceu-me haver menos inconveniente em repetir aqui a numeração do que em alterar a das seguintes Notas.

igreja de christãos de S. Thomé, que na dita cidade achou, da invocação de Nossa Senhora da Misericordia, onde o padre ficou. E o que nella fez se pôde colligir dos mesmos commentarios, onde se refere o seguinte, part. 1, cap. iv: «N'esta igreja deixou Affonso d'Albuquerque o padre frey Rodrigo, da ordem de S. Domingos, por principal d'ella, e elle teve tão bom cuidado de sua administração o tempo que nella esteve, que com sua doutrina e bom exemplo tornou muitos gentios á fé de Christo, baptisou, e fez muytos christãos de idade de trinta e quarenta annos.» Até aqui os commentarios.

«O segundo religioso da Ordem dos Pregadores, que andava na India em companhia dos primeiros conquistadores, se collige claramente dos commentarios de Affonso d'Albuquerque, onde se refere o seguinte, part 1, cap. XXI: «Quando Affonso d'Albuquerque tomou a cidade de Goa a primeira vez, que foi aos 16 de Fevereiro do anno do Senhor de 1510, levava em sua companhia um padre de S. Domingos, o qual hia na dianteira de todo o arrayal, com huma cruz levantada nas mãos, e logo detras da Cruz se seguia a bandeira Real, que era de setim branco, com as armas de Portugal, e toda a mais gente seguia estes dous estandartes: o numero da qual era mil portuguezes, e duzentos malavares, que Affonso de Albuquerque levou consigo de Cochim, para se ajudar d'elles». Até aqui são palavras dos commentarios. De modo que neste tempo andava este religioso na India em companhia de Affonso d'Albuquerque, cujo nome não declara aqui o Chronista. Mas Danião de Goes, na Chronica de El-Rei D. Manuel, part. III, cap. IV, conta, que «quando Affonso d'Albuquerque tomou Goa da primeyra vez, mandou por embayxadores ao Xequé Ismael, Ruy Gomes de Carvalhosa, e o padre frey João, da ordem de S. Domingos, na qual jornada o Carvalhosa foy morto em Ormuz pollos mouros com peçonha secretamente, e o padre frey João se tornou pera Goa. Donde parece que este he o mesmo Religioso de que se faz menção nos commentarios, pois esta embayxada se fez logo depois da tomada de Goa.»

Estes dous excerpts, tirados do cap. 1, do liv. II, de *Varia historia* do padre João dos Santos, servem para confirmar litteralmente o que no texto fica asseverado. Podia transcrever um sem numero de logares não só do mesmo, senão de Barros, Couto, e de outros authores de boa nota; porém seria ir em demasia longe, e de nenhuma sorte devo reputa-lo necessario; porque, para quem é lido nas nossas cousas da Asia, Africa e America nada ha tão averiguado como a prompta e efficaz cooperação, dada pelos missionarios das differentes ordens religiosas aos primeiros conquistadores, em tudo que podiam prestar-lh'a, não se recusando nunca a tomar sobre si os mais arduos encargos, quando assim havia de convir ao bem do estado, por saberem, como é sem duvida, que, servindo e ajudando o estado, ajudavam e serviam a religião.

DE VARIA HISTORIA DA CHRISTANDADE ORIENTAL, PELO PADRE JOÃO DOS SANTOS
LIV. II, CAP. VIII, FOL. 40

Da fundação da casa de S. Domingos, em Moçambique

Como addicionamento, e em confirmação do que deixo dito, transcreverei aqui o capitulo acima indicado, sendo certo que é preciso ler toda a *Varia Historia*, do padre Santos, para se poder formar conceito menos exacto dos muitos e optimos serviços prestados á religião e á humanidade pelos missionarios da ordem de S. Domingos. Sirva de cevo esta amostra para excitar louvavel curiosidade.

Depois que os Religiosos da Ordem dos Pregadores plantarão a Fé de Christo em algumas partes da India, como fica dito, desejosos de a dilatar pollas mais partes do Oriente, passarão ás da Ethiopia Oriental, pera nellas cultivarem o mato da inculta, e agreste Gentilidade. Estes forão os padres Frey Hieronymo do Couto, e Frey Pedro Usus Máris, os quaes fundarão logo huma casa na ilha de Moçambique, em que morassem ordinariamente seis ou sete Religiosos. Isto foy no tempo em que veyo ter a esta ilha o Conde d'Atouguia D. Luiz d'Ataide, quando foy a segunda vez por Vicerey da India, que foi no anno de 1577. Os quaes padres vierão alli da India dirigidos, pera irem á ilha de S. Lourenço, que então se mandava descobrir, e conquistar, pera nella pregarem e fundarem casas, em que residissem Religiosos da mesma Ordem pera o mesmo effeito. O que então se não pode executar por se não fazer esta conquista, nem o estado da India estar poderoso, pera fazer tantas despesas, e gastos, como pera tal empresa era necessario. Pollo que o dito Conde Vicerey deixou os padres em Moçambique, dando-lhe ordem pera que fizessem primeiro assento na dita ilha, escolhendo elle em pessoa o sitio, pera se fazer o Convento, que os Ollandeses destruirão (como fica dito), a qual casa seria fundamento, e seminario de toda esta Christandade, e que d'alli poderião os padres ir a todas as partes, assi á ilha de S. Lourenço, quando se conquistasse, como a toda esta costa da terra firme, do Cabo Delgado até ao Cabo das Correntes, a prégar o Santo Evangelho.

Estes justos e prudentes intentos deste Vicerey não forão mal fundados, antes todos se cumprirão, e puserão em effeito: por que da mesma casa forão logo os padres de S. Domingos continuando com a Christandade, e pregação do Evangelho por todas estas partes, dos quaes huns forão á ilha de S. Lourenço (como adiante diremos), outros forão á ilha do Cabo Delgado, e fizerão com Diogo Rodrigues Corrêa senhor da ilha de Quirimba, que fizesse na mesma ilha uma igreja, como fez, muito fermosa, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, a qual deu á Ordem de S. Do-

mingos, com terras e palmares, que estão ao redor della, com obrigação de duas missas rezadas cada semana. A qual igreja os padres de S. Domingos aceitarão com a dita obrigação; e até agora tem residido n'ella, e tem feito muitos milhares de christãos. Nesta igreja estive eu dous annos, e a Christandade que nella fiz direi adiante em seu logar.

«Outros Religiosos desta Casa de Moçambique forão enviados aos rios de Cuama, onde vivião os christãos que la andavão, como se o não forão nem professarão a guarda da ley de Deos, comendo sempre carne às sextas feiras, sabbados e quaresmas, huns por não saberem quando era dia de peyxe ou de carne, nem terem quem lho lembrasse: outros por não quererem saber estas cousas, a que estavam obrigados. E a tanto chegava o descuido desta gente, que os moradores de Sena tinhão em huma hermita, que avia na terra, sobre o altar hum paynel no qual estava pintada Lucrecia Romana, assi como se pinta nua, atravessada com huma espada pollos peitos, á qual se encommendavão, cuidando que era a Santa Catharina Martyr: de que se magoarão muito os primeiros padres que alli forão desta Sagrada Ordem, vendo em gente christãa tanto descuido e ignorancia nas cousas da Christandade. Pollo que forão logo estranhando, amoestando e prégando aos moradores destas partes, e tirando-lhe pouco e pouco muitos mãos costumes, em que estavam arreigados, até os trazer ao conhecimento dos erros em que vivião, e á observancia da lei que professavam, como christãos tementes a Deos. De modo, que em todas as cousas da Religião Christãa não tem agora estas terras differença alguma das que estão metidas no amago da Christandade. Estes mesmos padres fizeram logo huma igreja em Sena, da invocação de Santa Catharina de Sena, com duas confrarias mais, huma de Nossa Senhora do Rosario, e outra de Jesu, com suas imagens muito devotas, e curiosas, que mandarão vir da India.

«Tiverão mais huma igreja em Tete da invocação de São Thiago, e nella outras duas Confrarias, huma de Nossa Senhora da Conceição, e outra de Santo Antonio de Padua. As quaes igrejas ornarão de muitos ornamentos, e cousas necessarias pera o culto divino. E assi fizeram muitos milhares de christãos dos gentios da terra, entre os quaes baptizarão alguns Reys vizinhos de Sena, e de Tete. E os moradores destes Rios confessavão publicamente, que a Christandade destas partes se devia toda ao trabalho, e vigilancia dos padres de S. Domingos. Nestas igrejas estive eu tambem um anno, e a Christandade que nellas fiz contarei adiante.

«Desta casa de Moçambique foram algumas vezes Religiosos da dita Ordem a visitar toda esta costa, assi de Sofala e Rios de Cuama, como das ilhas de Quirimba, e Costa de Melinde, com poderes de Visitadores dos Arcebispos de Goa, de cujo Arcebispado he toda esta costa. Hum dos quaes foy o padre Frey Hieronymo de S. Agostinho, irmão do padre mestre Frey Antonio de S. Domingos, da mesma Ordem, Lente jubilado na Cadeira de Prima de Theologia da Universidade de Coimbra. Outro foy o padre Presentado Frey Estevão da Assumpção. Outro foy o padre Frey Manuel Pinto: todos Religiosos de muita authoridade, prudencia, e virtude. Os quaes

nestas visitações (que cada um fez por sua vez, e alguns duas vezes, e mais) fizeram muitos serviços a Deos, emendando muitos vícios, reprehendendo muitos peccados publicos, e máos costumes, que avia em todas estas partes. De modo que esta casa de S. Domingos de Moçambique he Seminario, do qual se provem todas estas Christandades, que tenho apontado, onde se faz muito serviço a Deos, e a El-Rey Nosso Senhor.»

NOTA 3.ª (PAG. 18)

Pareceu-me conveniente, a fim de não transviar para muito longe do meu principal objecto a attenção do leitor, dar aqui em separado a relação, que no texto, a pag. 13, prometti, dos varios estabelecimentos religiosos, erigidos em uma e outra Africa.

Em S. Paulo d'Assumpção, *Loanda*, a igreja e parochia de Nossa Senhora da Guia, de Nossa Senhora dos Remedios, o convento de S. José, dos religiosos da ordem terceira da penitencia, a Sé, o Collegio dos Jesuitas, o Hospicio dos Carmelitas descalços, o Hospicio dos Capuchinho italianos, a Ermida de Santo Antonio.

Em *Cazeange*, a igreja de S. João Baptista.

Em *Calumbo*, a igreja da missão de S. José.

Em *Muxima*, a igreja de Nossa Senhora da Conceição.

No districto de *Massangano*, a igreja de Nossa Senhora da Victoria, d S. Benedicto, de Santo Antonio, da Lainha, de Nossa Senhora da Conceição, de Gonca-andalla, de Sant'Anna, de Loabo, de Santo Antonio de Quibanzo, de S. Bartholomeu, da Tamba, de Nossa Senhora do Desterro, de Quixoto, e a de S. João, de Cacuzo.

Em *Cambambe*, a igreja de Nossa Senhora do Rosario.

Nas *Pedras de Pungo-andongo*, a igreja de Nossa Senhora do Rosario.

No *Bengo*, a igreja e missão de Santo Antonio, dos Capuchinhos italianos.

Em *Bango-aquitamba*, a igreja e missão de Santo Hilarião, de Carmelitas.

Em *Ambaca*, a igreja de Nossa Senhora da Assumpção.

Em *Encoge*, a igreja de S. José, e, na sua vizinhança, a igreja e missão de Ambuela.

No districto de *Golungo*, as igrejas de Sant'Anna, do Dande, S. José, do Libongo, S. José, do Icolo.

No *Quilombo*, ou banza do sova Quiacatubia, a igreja de S. João, de Talamatumbo, de Nossa Senhora do Desterro, de Combo, de Nossa Senhora do Livramento, de Chado, e a de S. João Evangelista.

Nos *Quilengues*, a igreja de Sant'Anna, e a de Nossa Senhora dos Remedios.

Nos contornos de *Ambaca*, a igreja de S. Joaquim, da Lucamba.

Em *Cahenda*, a igreja e missão dos Capuchinhos italianos.

Por carta regia de 30 de março de 1684 foi mandado crear um collegio, para serem alli educados e instruidos doze moços negros, que houvessem de abraçar o estado ecclesiastico. Este numero devia estar preenchido sempre.

Por carta regia de 18 de março de 1693 foi mandada crear a junta das missões de Angola.

No reino ou provincia de *Benquella*, a matriz com a invocação de Nossa Senhora da Conceição, a de Caconda, Nossa Senhora do Populo, Nossa Senhora da Conceição, do Novo Redondo, S. João Nepomuceno, de Galande, e Sant'Anna, de Quillengues¹.

No reino do *Congo*, S. Salvador, a igreja de Santa Cruz, antiga cathedral.

Em *Matamba*, as igrejas de Santa Maria e de Sant'Anna.

As igrejas ou ermidas das missões de Batta, no reino de Benin, da provincia da Ganghella-pequena, de Incusso, de Loango, de Maopongo, de Micoco, de Oacca, de Ouvando, de Ouveri, de Bemba, das Salinas de Bamba, de Sonho, e de Sunde².

Na *Zambezia*, de mais dos jesuitas, cujas missões, partindo de Moçambique, espalhando-se por aquelles e vizinhos territorios, foram illustradas com o martyrio, na Mocaranga, do prefeito ou principal director da primeira, o padre Gonçalo da Silveira, como já disse, entraram os religiosos de S. Domingos a missionar em Rios de Sena. Passado pouco tempo fundaram casa em Moçambique, e a igreja de Nossa Senhora do Rosario, e, derramando-se pela terra firme, e navegando o Zambeze e os seus differentes braços, e vizitando o Monomotapa e reinos convizinhos, ergueram templos e edificações temporarias, segundó as tornava precisas o serviço mais prompto e proveitoso da evangelisação de toda aquella cafraria.

Na ilha de *Querimba*, levantou uma igreja a sollicitações dos Dominicó, o senhor da mesma ilha Diogo Corrêa, e em Sofalla foram por elles erguidas duas ermidas, uma dentro da villa com a invocação de Nossa Senhora do Rosario, e outra, fóra da povoação, em um palmar, sob a invocação da Madre de Deus.

Em *Sena*, foi fundada a igreja de Santa Catharina, e as confrarias do Rosario e de Jesus.

¹ Lopes de Lima, *Ensaio Statístico d'Angola e Benguella*, cap. vii. Bordallo, *Ensaio*, cap. ix, etc.

² Cavazzi, *Istor. Descriz.* lib. iii, iv, v e vii.

Em *Tete*, as igrejas de S. Thiago, de Nossa Senhora da Conceição, e de Santo Antonio.

Nas feiras de *Luane*, *Massapa* e *Manica*, em todas havia igrejas, servidas com grande utilidade espiritual e temporaria dos indigenas e dos portuguezes pelos missionarios dominicos¹.

Na côrte do Monomotapa foi edificado templo debaixo da invocação de S. Domingos, e alli foi baptisado o imperador por frei Luiz do Espirito Santo, que ao depois padeceu martyrio na Mocaranga, cabendo igual sorte a frei João da Trindade².

Nas feiras de *Chipiriviri*, *Mixonga*, *Ungoe*, *Umba*, *Chipangura*, *Matura* e em outras partes estabeleceram-se parochias sob diversas invocações, que eram servidas geralmente pelos missionarios da ordem de S. Domingos³.

Os jesuitas, que fabricaram um collegio na velha fortaleza de Moçambique, e visitaram a Zambezia e territorios limitrophes, estabeleceram em toda a parte, onde conheceram convir, para o serviço das missões, e para a obra da civilisação, templos amoviveis. A seu exemplo, o mesmo praticaram os missionarios da ordem de S. João de Deus, que, tendo tomado sobre si a administração do hospital de Moçambique em 1682, alli edificaram casa propria em 1731, fôrmando varios estabelecimentos nas terras de rios de Sena⁴.

¹ Frei Luiz de Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. III.

² Frei Lucas de Santa Catharina, *Historia de S. Domingos*, part. IV, cap. XIII.

³ Bordallo, *Ensaio*, cap. IX., frei Lucas de Santa Catharina, *ubi supra*, etc.

⁴ Id., *ibid.*

NOTA 4.ª (PAG. 19)

DAS COUSAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS NAS PARTES DA INDIA,
POR FERNAM GUERREIRO, LIV. III, CAP. XXXIII, PAG. 109

«Por remate de tudo o que temos dito nesta historia das cousas da India Oriental me pareceu, que não era justo passar por duas cousas dignas de serem ponderadas para gloria de nosso Senhor. A primeira é, que em quasi todas as cortes dos Reinos, e Reis mais poderosos, que ha no Oriente, está plantada nossa Companhia. No Japão (alem de outros Reinos) tem feitas tres casas na cidade do Meaco, metropole, e cabeça de toda aquella monarchia, e os padres estão nella favorecidos e respeitados de muitos Senhores daquellas Reinos. Na China estão no gran Pekin cidade Real, e metropole de todo aquelle Imperio tão poderoso, e rico, afora outras tres residencias, que tem em outras partes, e cidades destes Reinos. Em Bengala na corte, e cidade do Rei de Chamdequão. Em Bisnagua estão na cidade Real, e corte deste grande e poderoso Rei, que se chama Chamdegri, e tão amados, e estimados delle, como de qualquer Principe christão. No gran Mogol andam sempre com elle por onde quer que vá, residindo em sua corte ha muitos annos, e tambem tão queridos e venerados delle, como acima dissemos, e tem residencias em duas cidades Reaes, que são Laor, e Agia. No Malabar estão na corte e cidade Real do Samori, que é Calecut, o qual os estima tanto, e tem tão grande confiança nelles, que de nenhuma maneira os quer largar de si. E não tracto aqui dos que estão nas cortes, e cidades Reaes de outros Reis mais pequenos do Malabar, como no reino de Travanca, de Porca, Dangamale, e outros. No Preste João estavam na corte do Imperador da Ethiopia, como agora acabamos de dizer, nos quaes logares todos, e cortes, não somente estão como Embaxadores, que são de Deus para tractarem seus negocios, e como refens das pazes e amizade,

que quer fazer com aquelles Reis e Reinos descobrindo-lhe o thesouro, e lume de sua Santissima fé: mas tambem em seu modo como Embaxadores por parte de Sua Magestade em quanto Rei de Portugal, para ali darem a conhecer o seu nome, e estenderem a fama de sua potencia, e lhe ganharem, e conservarem a paz e amizade de todos aquelles tão grandes principes tão importantes para bem e augmento do estado da India, e mais sem lhe custar cousa alguma de sua fazenda, pois quasi todos estes Reis á sua custa sustentam os mesmos padres, e lhes dão o necessario para viverem.

«Outra cousa para não passar, he não ajudarem, e servirem menos os da Companhia naquellas partes, para conservação e augmento, da conquista e estado temporal, do que ajudam, e servem no espirital; por que ainda que não façam isto com as armas de ferro, e fogo nas mãos, pois a profissão da vida o não sofre: fazem-no por outro modo de grande effeito. Por que, quantos gentios convertem a Christo, tantos amigos e vassallos adquirem ao serviço de Sua Magestade; por que estes depois nas guerras peijam polo estado, e christãos contra os infieis, e junto com Portuguezes se fazem bons soldados. Os padres tambem aonde quer que estão contêm aos subditos na obediencia, que devem ao seu Rei e Governadores, aos soldados na sojeição a seus capitaens, e conservam, e tem mão na paz entre os Portuguezes e os proprios gentios.

«Antes da Companhia entrar na India e Japão a cada passo os Portuguezes quebravam e rompiam guerra com estas nações; porque na verdade tambem os Portuguezes lhes faziam muitos agravos, e usavam de muitas insolencias, até haverem chegado em Cantão a açoutar um Mandarim; mas de sinquenta annos a esta parte, que ha que a Companhia entrou n'aquelles Reinos, de tal maneira com suas exurtações, e prudencia, levou os Portuguezes, e se houve com os gentios, que nunca mais romperam em guerra, antes sempre conservaram toda a paz, de modo que os mesmos Chinas não querem que os Portuguezes vão ás feiras de Cantão, que se fazem duas vezes no anno, sem levar com sigo os padres, como de feito levam, e vão sempre, porque hão, e a experiencia lho tem mostrado, que estando elles presentes não ha briga nem se lhe fazem injustiças; porque em qualquer duvida que se levante os padres acodem e as compoem. Os Reis da India quando querem fazer suas pazes com o estado, não querem que seja por outro meio senão dos padres. Assim o fez ha dous ou tres annos o Gram Mogol que mandando um Embaxador seu a Goa, mandou juntamente com elle um padre.

«Assim o Rei de Bisnagua, que ha mandado o anno passado o seu, mandou com elle dous padres, como acima dissemos. Assim o fez o Samori Rei de Calecut, quando agora ha quatro annos fez as pazes com o estado, depois de mais de trinta, que andou com elle em guerra, que de nenhuns outros se quis fiar, e nem quis que fossem medianeiros nellas senão os padres. Os quaes tem sempre com sigo; e alem da conversão das almas este é um dos respeitos por que se tem ali em sua corte por tambem empregados, para com sua presença conservarem estas pazes. E se elles não fossem, e não tivessem tanta authoridade, e credito como tem com este

Rei, nunca se poderá conquistar o Cunhal, e no tempo em que se conquistou; e a guerra com o mesmo Calecut se tornara a renovar, com grande perturbação, e perda, por que tão máos officios faziam os Mouros em secreto com o Samori, e em tantas desconfianças o punha dos Portuguezes, que de todo tornara a traz e rompêra com os nossos, se os padres não foram, que em lhe falando, e dando-lhe sua palavra, se seguravam logo. Trinta annos ha que as fortalezas de Amboino, e Tidor, e as partes de Maluco ardem em guerras continuas: mas o não se acabarem de perder, como se perdeu a de Ternate, aos padres se deve depois de Deus. Os quais com muitos e grandes trabalhos que alli tem padecido, até morrerem alguns delles, perseveraram sempre em acompanhar aquelles soldados, animando-os a pelear, e sustentarem os apertados cercos em que se viam, com tão pouco remedio de soccorro. O mesmo se vê nas armadas, e jornadas que naquellas partes se fazem, nas quaes costumão ir os padres, para no espiritual e temporal ajudarem aquelles soldados, pacificarem nas brigas, e animarem nas batalhas, do que resulta muito grande bem temporal ao estado da India, e o que sobre tudo pertende a companhia, que he muito bem das almas, e gloria, e honra de Nosso Senhor.»

**DAS COUSAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS NAS PARTES DA INDIA,
POR FERNAM GUERREIRO, LIV. IV, CAP. I, PAG. 111**

Das cousas do Brasil, Angola, etc. Da provincia do Brasil, do numero de casas e pessoas da companhia que nellas ha

«He este Reino e Provincia do Brasil muito grande, tem perto de novecentas leguas de costa de Norte a Sul; começa do Rio que se chama Maranhão que está aos cinco graos alem da linha da banda do Sul, e vai correndo até aos trinta e cinco, que he na altura do Cabo da boa espraça, entestando com o rio da prata, que o divide do Peru, e fica defronte do mesmo Cabo.

«Pelo Sertão dentro corre em parte duzentas, e em parte trezentas leguas.

«Terão povoado desta provincia os Portuguezes como quatrocentas leguas da costa, com varias Cidades e Villas, onde ha muitas fazendas de assucar, e engenhos mui grossos, com que a terra se vai fazendo de grande trato, e negocio. Por todas estas está tambem espalhada a nossa Companhia, em tres Collegios que fundou El-Rei D. Sebastiam que Deus tem, e cinco cazas, entre brancos, e treze ou quatorze residencias em varias povoações, e aldeias do Brasil. Os Collegios são, da Bahia de todos os Santos, que é cabeça de provincia, onde ha de ordinario, assi no Collegio como em suas residencias e aldeias, perto de oitenta pessoas da companhia, entre padres e irmãos, destes são os seis mestres, um de theologia, outro de casos, um de curso, dous de latim, e outro que ensina os meninos a ler e escrever. O segundo Collegio he o do Rio de Janeiro. Nesta casa ha tambem, e

nas suas anexas passante de cinquenta pessoas, e nellas ha da mesma sorte escolas de latim, e de ler, e escrever. O terceiro Collegio he o de Pernambuco, em que ha passante de trinta da Companhia.

«Entraram os nossos nesta provincia no anno de quarenta e nove, por mandado de El-Rei D. João terceiro de Portugal, e em trinta annos não entraram nella outros religiosos, por isso toda a conversão que neste tempo se fez naquella gentilidade, a fizeram os nossos, os quais ainda agora vão continuando, em todas as partes do Brasil; posto que na Paraiba de alguns annos a esta parte entraram tambem a judar aquelles gentios os religiosos de S. Francisco, e depois n'outras partes os de S. Bento.

«Foi sempre esta provincia mui trabalhosa e de cruz mui fera para os padres, em tanto, que não sabemos outra em que os nossos mores difficuldades padecessem na conversão dos gentios e conservação dos Christãos, que nesta. E isto por varias razões. A primeira pola grande variedade das linguas, que tem estes gentios, que ainda que pola fralda do mar uza de uma lingua, polo Sertão mais dentro se tem já descuberto mais de setenta linguas difrentes. A segunda pola grandeza da provincia, e distancia que ha de umas partes a outras, polo que custam muito aos padres os caminhos, e peripetuações, em que perpetuamente andam, por matos, e desertos despovoados, com perigos infinitos de mar, rios, e bixos, e de imigos, que muitas destas nações são uns dos outros. A treceira por ser necessario os nossos buscar os naturaes polo Sertão a dentro, e trazerem-nos para junto do mar como adiante se dirá. E para que isto se entenda melhor se hade saber que naquelles primeiros vinte annos, depois que os nossos entraram no Brasil, havia junto do mar tão grande multidão de gente, que dizia Thome de Sousa, que foi governador daquellas partes, a El-Rei D. João terceiro, que ainda que os cortassem em assougue nunca falhariam, e assim nos primeiros quarenta annos eram infinitos os que se convertião, e as Igrejas eram muitas. Porem como os brancos Portuguezes se iam povoando a terra, e fazendo engenhos de assucar, e fazendas, e para isto tinham necessidade de muitos trabalhadores, começaram a lançar mão dos naturais da terra; e o que pior é a cativalos, e fazelos escravos, furtando-os e vendendo-os para diversas partes da mesma provincia.

«Polo que os pobres Brasis, como de sua natureza são tristes, e coitados, entraram em tamanha melancolia, que os mais delles morreram, e se consumiram: outros fugiram pola terra dentro, e deixaram a fralda do mar despovoada. Por onde, para os padres os tornarem a reduzir, e trazer á Igreja, foi necessario, e o é ainda hoje em dia ir busca-los ao Sertão, aonde se acolheram, como vão continuamente, fazendo para isso jornadas em que gastão seis mezes, e um anno, e ás vezes anno e meio, caminhando a pé, rompendo matos, padecendo grandes fomes, sedes, calmas, prigos e trabalhos, como abaxo se dirá, escrevendo uma só jornada destas para que della se entendão as outras. E desta maneira os tornam a trazer a pouco e pouco, os quais não vem mais que confiados na palavra, e amor dos padres, que os defenderão dos brancos para que os não cativem, e tratem mal. E com tudo isto ainda depois que os padres os trazem do

Sertão, os brancos os andam a saltar, e a furtar, sem os padres os podem defender; e algumas vezes os mesmos brancos se fingem e vestem em traje de padres até fazerem corôas nas cabeças, para que o pareçam de todo, e se vão ás aldeias dos Brasis, e ao Sertão, dizendo-lhe que são padres e se virem com elles como per vezes tem vindo, cuidando que vinham com padres, e depois que os tem junto do mar, os amarram e repartem entre si, e levam cada um para seus engenhos, e fazendas. E porque os padres nestas, e outras sem razões acodem polos pobres Indios, e os defendem da cruel cubiça dos brancos, são mal recebidos delles, e os inquietam de continuo com muitos agravos; e com os Reis passados de Portugal, e depois delles Sua Magestade, terem provido nisto por suas provisões, e mandatos Reaes, nada basta para enfriar a força da cobiça e largueza da consciencia, e pouco temor de Deus dos que isto fazem: e mais onde muitas vezes os mesmos que devem executar os mandatos de El-Rei, são intressados no mesmo negocio. Outra cousa, que muito dificulta a conversão e cultivação desta gente, é a muita buçalidade, e pouca capacidade, que de sua natureza tem, que não sabemos outra mais buçal no mundo. Polo que custa muito aos padres domesticalos, e fazelos capazes das cousas de Deus; mas com a perseverança, e paciencia em lidar com elles, os tem nesta parte tão cultivados, que tem já suas Igrejas em varias povoações, e aldeias, e nellas suas confrarias do Santissimo Sacramento, e fazem suas procissoens solemnes, e seus filhos ofeciam missas de Canto, e Orgão, e com doçainas, e charamelas e outros instrumentos semelhantes, e reconhecem aos padres por seus pais, como na verdade o são nas obras. Por que não somente os curam nas almas, como pastores, pregando-lhe, e insinuando-lhe a doutrina duas vezes no dia, confessando-os e administrando-lhe os Sacramentos, enterrando os que morrem, ajudando-os a bem morrer. Mas os padres os governam ainda no temporal, e lhe dão ordem como devem negociar suas cousas, as suas rossas, e lavouras, e remedios de vida, e quando estão doentes os padres são os seus medicos, e enfermeiros, e em fim se hão com elles como pais com filhos, e tutores com pupillos: e de modo que, se os padres não foram, nem um só Indio Brasil houvera hoje em toda a costa; por que todos já foram ou consumidos ou fugidos, ou metidos pelo Sertão dentro, nem tambem o proprio estado Brasil se podéra conservar. Mas a paciencia dos padres por uma parte, em lidarem com a cubiça dos brancos, e soffrerem suas perseguições, e calumnias, por acodirem, e deffenderem delles os pobres Brasis: por outro o cuidado paternal que delles tem como de gente tão desamparada, e incapaz, é que os sustenta na fé, e em viverem pacificamente nas aldeias, e povoações todos juntos, de que tanto proveito se segue para o estado do Brasil, que sem elles impossivel fora conservar-se.

LIV. IV, CAP. II, PAG. 113

Do respeito e sujeição grande que os Brasis tem aos padres, e de muito que os padres que com elles tratão, ajudão no estado temporal

«Ainda que os Brasis de sua natureza são tão buçaes e agrestes, todavia como não ha feras tão bravas, que com boas obras se não venham abrandar e domesticar, estas que agora acabamos de dizer, que os padres continuamente fazem aos Brasis, lhos tem tão sujeitos, e domesticos, que não sabemos de nação alguma outra, que da gentildade se tenha convertido, que mais amor lhe mostre, e mais sujeita, e obediente lhe seja, de modo que não somente os que já são christãos, senão também os que ainda estão gentios e vivem polos matos do Sertão, pola fama que lá tem os padres, lhe tem o mesmo respeito. Para prova do qual contaremos alguns exemplos assim de cousas passadas os annos atraz, como das modernas deste presente anno 603 de que falamos.

«Era nos annos passados a Parayba colheita de ladrões e dos Franceses da Rochella, depois que foram lançados do Rio de Janeiro, os quaes se confederavam com os naturaes da terra, e levavam de ali grandes quantidades do pão do Brasil, e faziam muitos males. Foi lá Martim Leitão por mandado do governador com gente de guerra, levou consigo os padres, e estando os Brasis fortificados em uma forte cerca sem se quererem render, nem os nossos poderem entrar, eis que um padre nosso, que sabia bem a lingua, e era mui animoso, conflado em Deus, salta por cima da cerca dos inimigos, e mete-se com elles, arriscando-se a fazerem-no em pedaços, e ser logo comido: e abrindo os braços lhes começa a pregar na sua lingua; paz, paz, sejamos amigos, e outras palavras brandas e amorosas, as quaes tiveram tanta força com elles, e elles ao padre em o vendo tanto respeito, que depostos os arcos, se crusaram diante d'elle, e renderam, e entregaram a terra; onde logo se fez povoação, e se começaram a fazer engenhos, e foi crescendo de modo que ha já hoje oito ou nove, de que Sua Magestade tem mui boa renda, e os Francezes foram d'ali lançados, e o grosso trato que tinham do pão ficou todo de Sua Magestade, e aos Indios poseram logo os padres em aldeias, e os começaram logo a cultivar, e doutrinar. Posto que depois de tudo isto feito, e em paga destas boas obras, que os padres ali fizeram, veio outro capitão de novo, que sem nenhuma causa nem culpa que nos padres houvesse, mais que defenderem aos Indios, e o resistirem às sem razões, e injustiças, que lhe faziam, os lançou d'ali fora com muitas afrontas.

«Ao Rio Grande, que está trinta leguas de Pernambuco, foi Manoel Mascarenhas, capitão mór, á conquista daquelle gentio, que tantos males, e guerras tinha feito a esta capitania, mas nada poude pacificar sem padres, por que ainda que na guerra que lhe fez, os venceu, as pazes porem não poude efeituar com elles, senão por meio dos padres, que entrando sós polo

Sertão aventurados a muitos perigos, e a serem mortos, e comidos dos gentios de tal maneira se houveram com elles que os renderam, e trouxeram a pazes com os brancos mais de cento, e cinquenta lugares. E aqui depois das pazes feitas, fazendo-se a fortaleza que um dos padres traçou, os mesmos padres andavam com os Indios na fabrica della, e com a pedra, e terra ás costas, a cujo exemplo os Indios trabalhavam grandemente. Cinco fortalezas fez o Governador D. Francisco de Sousa, no reconcavo da Baya, nos postos mais importantes; nestas os que trabalharam foram os Indios, e vindo os padres em pessoa com elles, a assistir a obra, das aldeias onde estavam, porque se os padres não vieram, aquem elles somente tinham respeito, ninguem os poderia trazer. No rio de Janeiro todas as fortificações que nelle fez o Governador Salvador Correia de Sá, que foram duas ou tres fortalezas, os padres com os Indios das aldeias, que estão a seu cargo, as fizeram sem Sua Magestade nisso gastar real.

•Da mesma maneira passa na defesa da terra, quando alguns imigos ou corsarios vem a ella, e pertendem dar, ou desembarcar em alguma parte, que os Indios á sombra dos padres são os que lhe defendem desembarcar, e os desbaratão com suas frechas, mais que os Portuguezes com seus pelouros. Sendo visitador do Brasil o padre Christovão de Gouvea, e estando no Collegio da Baya succedeu ir ali uma armada de imigos Ingreses, no tempo que andavam em guerra com este Reino para tomarem a terra, e vendo o padre a pouca, ou nenhuma defesa, que havia na Cidade para lhe poderem impedir o desembarcar, mandou aviso aos padres que estavam nas aldeias, que acudissem com os Indios de suas freguesias, vem logo todos com suas frechas obedecendo á risca aos padres, o que não ouzaram fazer a nenhum capitão, repartem-nos os mesmos padres por suas estancias, e logares, onde os imigos podiam desembarcar, encomendam-lhe que o façam como christãos, e valentes homens. Elles o compriram tão bem que em muitos dias, que ali estiveram, e que os imigos estiveram no porto, e por tantas vezes trabalharam por desembarcar, nunca mais lhe deixaram pôr pé em terra, porque ainda que estes Indios são de sua natureza coitados, todavia os que se criavam com os padres, e são coltivados por elles e com o amor paternal com que os padres os tratão, é cousa maravilhosa os espiritos que cobram e quantos homens se fazem. Na capitania do espirito Santo deram os Ingreses com duas náos de subito, e saltaram em terra, estando a gente descuidada, e na Igreja entraram, e tomaram a fortaleza que os brancos lhe não poderam defender, neste tempo o padre das aldeias que vio as náos, e entendeu que saltavam em terra, ajuntou logo os Indios e veio soccorrer a cidade, e chegaram a tempo, que os imigos acabavam de tomar a fortaleza, deram os Indios nelles de modo, e com tanto esforço, que lha tomaram, com morte e cativoiro de muitos.

•Em Pernambuco, quando os Ingreses foram com uma armada tomar a fazenda de uma não da India, quando ali foi ter, e que depois de a meterem em suas náos, quizeram ir dar na villa, os Indios que os padres criam, e cultivam foram a principal ajuda, que os brancos tiveram para aquella victoria que ali alcançaram dos imigos, matando muitos, e cati-

vando outros, e fazendo aos que fugiam para as suas náos deixar as armas e embarcar-se a nado, e meios afogados. E posto que de semelhantes casos se poderão referir muitos que cada dia acontecem, só relatarei um por ser mais moderno, e succeder neste anno de 603 de que falámos, que foi o seguinte.

•Estando Governador Diogo Botelho em Pernambuco, e desejando socorrer a Baya, a petição do capitão mór Alvaro de Carvalho e da cidade, contra os Gaimures, uns gentios inimigos, de que abaixo diremos, que a infestavam, e destruíam toda aquella comarca com algumas companhias de gentios Pitiguares mandando ao Capitão mór de Pernambuco Manoel Mascaranhas a trazer gente para este effeito, pediu ao padre Provincial para que fosse juntamente com elle o padre Diogo Nunes da nossa companhia, por ser mais pratico na lingua, e experimentado nos costumes destes Gentios. Indo, depois de muitos dares e tomares, que tiveram com elles, os quaes em nenhum modo queriam ir, em fim com promessa, que lhe fez o Capitão mór que acabada a guerra se tornariam para suas mulheres e parentes, se abalaram com oitocentos mancebos esforçados. Vieram a Pernambuco, onde se embarcaram para a Baya, e com eiles o mesmo padre Diogo Nunes, por assim o pedir o Governador e tambem os mesmos Pitiguares, que por elle ir em sua companhia cuidavam lhe guardariam a palavra. Chegaram á Baya dezejosos de vir ás náos com os inimigos. Sairam em terra dando a cidade aprazivel vista de si. Mas como neste tempo, estava já feita a paz com os inimigos, pareceo ao Capitão mór Alvaro de Carvalho mandar a mór parte desta gente para a Capitania dos Ilheos e os demais deixar na Baya, não para pelejarem, mas para maior segurança da terra, pondo-os em uma parte onde tambem elles podessem trabalhar. Vendo isto os Pitiguares, e que lhe faltavam com a palavra, por que nem iam pelejar, nem viam geito de se tornar para sua terra, desimmularam por alguns dias, anciosos que os brancos os espalhassem, e captivassem como costumavam para se servir delles em suas fazendas, e não tendo tambem com que se sustentar, mandaram pedir licença para se tornarem para suas terras, e quando não que elles a tomariam. Acudio logo o Capitão acompanhado dos Soldados, e de alguns homens da cidade, que pertendiam ter fazendas no mesmo sitio, e logar, onde tinham alojados os Pitiguares, dos quaes para elles se queriam aproveitar, e fez lhe uma compriada pratica pelos linguas persuadindo-os a ficarem. Porém elles lhes responderam, que se haviam de tornar, pois com essa condição vieram, já que não havia guerra.

•O que vendo o Capitão mór, havendo-se por affrontado de não os poder trazer por bem ao que queria; mandou logo á cidade, buscar a toda a pressa duas companhias de Soldados, os quais chegando aonde o Capitão os esperava, os Pitiguares, que os sentiram, se começaram logo amutinar, confirmando-se mais no que antes imaginavam que os queriam os Portuguezes cativar; pelo que logo se puzeram em ordem de peleija para defenderem suas vidas, e liberdades. Tomou-se conselho no caso, ajuntando-se os do governo da cidade duas vezes naquella noite, e em ambos saio

que fossem havidos por levantados, e rebeldes, e como tais se desse nelles; e isto por quererem os pobres Brasis defender sua liberdade, e tendo Sua Magestade, passado tantas providencias, e provisões, que não possão ser cativos. O Capitão mór porem como prudente, e bom christão, uzando de melhor conselho, entendendo os grandes males, que daqui se podiam seguir, buscou o mais seguro remedio para semelhantes perigos, que posto que de todos é conhecido, a cobiça porem de muitos faz que não seja seguido. Este foi que despachou logo correios para cada uma das aldeias, e povoações onde nossos padres resediam, os quais estavam da ali legua e meia, com cartas em que lhes pedia o viessem a socorrer naquelle aperto, cujas palavras foram estas: = Importa ao serviço de Deus, e de S. Magestade que vv. rr. sem nehuma dilação se venham logo ter comigo com os Frecheiros que poderem, e o portador dirá de palavra o aperto em que ficamos. Acodiram logo os padres com toda a pressa: falaram aos Pitiguares, mostraram-lhe o amor de pais, que lhe tem, e poudo isto tanto com elles, que não houve mister mais força, nem palavras, para os aquietarem, dizendo todos que sem nenhuma resistencia fariam o que os padres lhe dissessem: ficaram o Capitão, e os mais maravilhados. Mas pertendeu depois o mesmo Capitão mór levar uma boa parte dos principaes para a cidade, para que assim a elles como aos mais tivessem seguros, e procurando trazelos a isso por uma pratica de um lingua portuguez, elles lhes responderam alegando suas razões, que não convinha desampararem os seus, por que entendiam o fim que nisto se pertendia. Por onde o capitão não teve outro remedio, que tornar-se a valer dos padres, os quaes vindo, lhe fez um delles uma fala diante do mesmo Capitão, e Portuguezes, persuadindo-os a virem no que lhes pediam, ao que responderam logo, que por amor delle, e de seu irmão, apontando para o companheiro do padre, não por respeito do Capitão, nem dos mais fariam o que lhe dizia, do que ficaram muito mais espantados os circunstantes: do que se pode entender o respeito, e obediencia que estes Indios tem aos padres, e quanto delles se confiam, e quanto tam bem a paz e quietação daquelle estado, e augmento delle depende dos Indios andarem sempre á sombra dos padres, e sua proteção, e dos mesmos padres depende serem nisto ajudados, e favorecidos de Sua Magestade, e de seus Ministros, para que neste particular seja melhor servido delles.

NOTA 5.ª (PAG. 45)

Pareceu-me conveniente dar aqui por sua ordem a serie dos artigos, em que fiz algumas observações ao *Relatorio* do dr. Livingstone, apresentado em Bath á Associação para o adiantamento das sciencias. Tenho de referir-me por vezes áquelle famoso *Relatorio*, e portanto folgarão os leitores de haver á mão as alludidas observações; e tambem eu d'esta sorte evitarei o ver-me obrigado a repetir-me.

Os artigos de que se trata, os quaes foram publicados no *Diario de Lisboa* de 15, 17 e 19 de dezembro de 1864, acham-se traduzidos em inglez, e collegidos n'um pequeno volume, que sahio á luz em Londres (1865), de baixo do seguinte titulo: *Portuguese African Territories.—Reply to Dr. Livingstone's accusations and misrepresentations.* By D. José de Lacerda.

O RELATORIO DO DR. LIVINGSTONE

Acaba de nos ser enviado o numero do *Times*, correspondente ao dia 20 de setembro do corrente anno, e, quem no-lo envia, incita-nos a que applicemos seria attenção ao relatorio lido pelo dr. Livingstone, em a noite de 19 do referido mez, n'uma reunião da «Associação britannica para o adiantamento das sciencias». Agradecemos a remessa, e aceitámos a provocação, á qual de bom grado annuimos, comquanto desde logo prevíssemos que nos veríamos forçados a romper o silencio, que desejavamos guardar ainda por algum tempo, acerca das descobertas, que o dr. Livingstone a si se attribue do modo mais exclusivo, quando é certo que desde muitos annos estavam feitas geralmente pelos portuguezes.

Convidados pelo actual sr. ministro da marinha e ultramar (Mendes Leal), a quem a honra do nome portuguez e as cousas da nossa patria devem o mais louvavel disvelo, não só na qualidade de alto funcionario do

estado, senão igualmente na de simples cidadão; e desejando corresponder á confiança em nós depositada, que vai sem duvida muito alem do que deveria merecer o minguado cabedal de que podemos dispor, temo-nos dado com diligencia ao exame das *Viagens e explorações no interior da Africa Austral e através do continente, pelo dr. Livingstone*, e esperámos que não ficará ainda por largo praso distante o dia da publicação dos reparos e observações, por nós feitas com o cuidado e circumspecção devida; mas, pois que pela imprensa periodica apparecem n'este momento renovadas algumas das inexactidões do illustre missionario inglez, e outras recentemente accrescentadas, parece-nos que prestaremos á causa do nosso paiz serviço por ventura não totalmente inutil, se tambem pela imprensa periodica sabirmos sem demora a campo, e, encetada por antecipação materia que tem de ser tratada com maior largueza, pozermos desde já a manifesto a semrasão de umas, e a injustiça de outras asserções do dr. Livingstone.

É fóra de duvida que são incontestaveis os titulos do dr. Livingstone á gratidão dos que prezam e cultivam as sciencias geographicas e naturaes, assim como á estima e consideração dos que sabem apreciar a tenacidade infatigavel e a coragem não vulgar de que tem dado exuberantes provas; mas tão pouco pôde padecer alguma duvida, que, deixando-se tomar do ardor immoderado de engrandecer o nome da sua nação, e acaso não menos de se honrar a si mesmo, não só por vezes se transviou, havendo-se com pouca generosidade para com os portuguezes, aos quaes todavia não pôde deixar de confessar-se por extremo devedor de toda a sorte de atenções e obsequios, e de cooperação franca e leal, senão que muito gravemente os offendeu, pretendendo usurpar-lhes a gloria de primeiro terem descoberto e conhecido tudo o que de maior momento, de verdadeira importancia, e de positiva utilidade ha sido por elle communicado como revelação sua propria, e fructo exclusivo das suas fadigas de missionario, e diligentes investigações de explorador. Entretanto d'esta e das demais apreciações, a que tem de forçar-nos o annunciado exame da obra do dr. Livingstone, não é este o logar nem o momento opportuno de nos occuparmos; agora trataremos sòmente de rectificar e corrigir a inexactidão de alguns factos e de varias asserções, que se contém no relatorio que temos presente, soltando ao mesmo passo um brado de sentida indignação contra as pretensões, ali manifestadas, que de todo o ponto são incompatíveis com a dignidade, direitos e interesses da corôa portugueza. Entremos em materia.

A primeira asserção que nos cumpre esclarecer e corrigir, é a que faz o dr. Livingstone, ao recordar alguns factos anteriores á expedição do Zambeze, dizendo: «Todo o inglez deve ter orgulho de saber que a descoberta da principal nascente do Nilo foi realisada pelos nossos concidadãos Spek e Grant».

Esta asserção carece inteiramente de exactidão, e mal iria á gloria do nome inglez, se não tivesse, a outros respeito, titulos mais seguramente averiguados em que poder funda-la.

As nascentes ou fontes do Nilo, que se prova com documentos irrecusáveis terem sido conhecidas dos antigos geographos, como fazem fé as *Paludes Nili* de Ptolomeu, que lhes assigna a origem nas Montanhas da Lua (*Geograph. Ed. de Roma*, de 1490), o foram sem nenhuma duvida tambem dos portuguezes no seculo xv, como attestam os mappas do nosso celebre cosmographo Diogo Homem, publicados em 1860 pelo sr. conde de Lavradio, e o outro não menos valioso extrahido da collecção manuscrita de H. Martello, publicado ainda ha pouco pelo mesmo sr. conde, e que se encontra igualmente na collecção do fallecido visconde de Santarem, mas n'esta com menos diligencia authenticado¹.

De proposito nos abtemos de trasladar para aqui o que relativamente ás nascentes do Nilo, que procuraram descobrir, affirmam ter achado os missionarios portuguezes Jeronymo Lobo (*Rel. hist. d'Abiss.*, pag. 105 e 106. Paris, 1728), Pedro Paes (*Ibid.*, pag. 209 e 210) e outros, e o que sobre o mesmo objecto se lê na *Ethiopia oriental* (liv. iv, cap. iii. Evora, 1609) do padre João dos Santos, comquanto se nos affigire que não se afasta para muito longe da verdade o seu testemunho; porque, se é certo, como nos modernos tempos se tem pretendido, que a nascente, descoberta e descripta pelo padre Jeronymo Lobo, é a do rio Abai ou Abavi (o pae das aguas), não é menos certo que o mesmo rio Abai ou Abavi, depois de atravessar o lago Dambia, corre, unido ao rio Azul, a ajuntar-se com o Nilo Branco, dando-se desde então á massa commum d'aquellas aguas o nome unico de rio Nilo. Não parece pois que sem alguma razão se gloriou o padre Lobo de ter achado uma das nascentes do Nilo. Entretanto em outro lugar entraremos em mais detidas averiguações sobre este assumpto, contentando-nos por agora de ter demonstrado a inexactidão do asserto do dr. Livingstone, e o quanto seja infundada a pretensão ambiciosa sua e dos seus concidadãos Spek e Grant.

Tomaremos agora em conta uma asserção temeraria do dr. Livingstone, a qual lastimámos achar acompanhada de uma insinuação menos leal, e em todo o caso mal cabida. Gaba-se o dr. Livingstone de ter descoberto um passo ou entrada navegavel para o Zambeze, a 1°, pouco mas ou menos, a O. do rio Quilimane «o qual (nota Livingstone) tem sido sempre representado como a bôca do Zambeze, com o intuito, como alguns sustentam, de que os navios de guerra (os cruzeiros) possam ser induzidos a vigiar a falsa bôca do rio, emquanto que são exportados tranquillamente os escravos pela bôca verdadeira. Este erro (acrescenta) ha sido propagado ultimamente por via de um mappa, que se publicou de ordem do ministro das colonias de Portugal».

A asserção de Livingstone é de todo o ponto temeraria, porque se cifra em affirmar, sem adduzir nenhuma prova, que descobriu uma nova entrada para o Zambeze; e nem se quer se deu ao trabalho, como de certo requeria tão importante descoberta, de marcar-lhe a respectiva latitude,

¹ No *Exame das viagens do dr. Livingstone*, tencionámos publicar estes dois mappas, que por sua importancia convém que sejam largamente conhecidos.

contentando-se de declarar vagamente que a posição do seu novo porto demora a 1º, pouco mais ou menos, a O. de Quilimane. Ora, o facto é que não só nenhum dos nossos antigos e recentes escriptores menciona a entrada a que Livingstone allude, entrada que não podia ser de nenhum modo ignorada, por isso que o mesmo Livingstone a aponta como escala certa das embarcações negreiras, senão que nem os seus proprios navegadores, que téem visitado tão detida e minuciosamente toda aquella costa, tomaram nunca nota de tal passo ou entrada, nem nos seus mappas a assignalaram.

Alem de que, todos sabem que, enquanto foi permittido o commercio dos escravos, o porto de Quilimane era frequentado pelos negreiros sem nenhuma reserva, porque nenhuma lhes era precisa; e ao depois, abolida o trafico da escravatura, de que proveito lhes podia ser um estratagemã tão pequeno, e até diremos tão ridiculo como o imaginado por Livingstone, estratagemã que, para poder admitir-se, é necessario fazer a idéa mais acanhada da capacidade e pericia dos cruzadores das duas nações ingleza e portugueza? Sem renunciar ao senso commum, a hypothese e a insinuação do dr. Livingstone não podem merecer minima attenção.

E que dizer da injustiça com que por Livingstone é tratado o benemerito e sempre illustre marquez de Sá da Bandeira? O dr. Livingstone allude manifestamente ao *Mappa da Zambezia e Sofalla, coordenado pelo visconde de Sá da Bandeira em 1861*; e merecia acaso o sr. marquez tão grave, tão injusta e tão injuriosa arguição? Ignora alguém quanto deve a causa da humanidade ao illustre marquez de Sá da Bandeira? Não foi elle parte tão principal em todos os actos e trabalhos tendentes á abolição do trafico dos negros, á libertação dos escravos, e á extincção total do estado de escravidão em todos os territorios sujeitos á corôa de Portugal? Ignora-se isto acaso em alguma parte, e em Inglaterra especialmente? Que monta que, em outro logar do seu relatório, o dr. Livingstone pareça render homenagem á honradez proverbial do sr. marquez de Sá da Bandeira? São acaso estas palavras de louvor banal sufficiente compensação d'aquella injuria atroz, e tão directamente offensiva do illustre Sá da Bandeira? E com qual fundamento? Porque o sr. Sá da Bandeira, examinados com muito curiosa diligencia documentos antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros, não assignala no seu mappa a alteração hoje pretendida pelo dr. Livingstone, e continua a marcar as bôcas do Zambeze, como téem sido até agora assignaladas, e não sómente nos mappas portuguezes antigos e modernos, senão que no proprio mappa que fôra publicado pelo mesmo dr. Livingstone em 1857!

E note-se que nem o capitão Hyde Parker, no seu diario da viagem á Africa oriental, onde trata não acanhadamente do rio de Quilimane, e dos demais braços do Zambeze, nem o tenente A. H. Hoskins, que tambem por aquelle tempo visitou officialmente a costa oriental de Africa e as bôcas do Zambeze, dizem cousa alguma que possa servir a estabelecer ou auctorisar a asserção do dr. Livingstone; e antes pelo contrario o tenente Hoskins, na resposta dada (em janeiro de 1857) ao dr. Livingstone, de-

elara que, tendo interrogado por vezes muitos indigenas e portuguezes para verificar se os navios negreiros costumavam entrar o rio Luabo para tomar escravos, não podera obter certeza senão de que o trafico se fazia pelo rio Quilimane: *but could not ascertain that they (slavers) have ever done so in any except the Quilimane (Mission. Trav., chap. xxxii)*. E porventura teriam deixado os dois distinctos officiaes da marinha ingleza de mencionar o passo ou entrada para o Zambeze, de que falla o dr. Livingstone, se na realidade existisse; elles que tinham sido ali enviados de proposito pelo almirantado, para estudar e tomar circunstanciado conhecimento das bôcas do Zambeze, e de toda a costa? E acaso o tenente Hoskins, que declara ter feito espezias indagações acerca do commercio dos escravos n'aquellas paragens, teria deixado de advertir e consignar a fraude praticada, como calumniosamente suppõe o dr. Livingstone, se na verdade fosse factu certo e averiguado?

Parece de todo o ponto incrível o procedimento do dr. Livingstone com respeito ao illustre marquez de Sá da Bandeira, e tão incrível nos parece que não duvidâmos attribui-lo antes a desvio irreflectido, filho porventura de lastimosa aberração, do que ao proposito deliberado de praticar um acto, do qual esperâmos que o mesmo dr. Livingstone, se apressará a fazer franca e leal retractação.

Continuando no exame do relatorio do dr. Livingstone, vejamos se é menos inexacto quando affirma que «o rio Shire (Chire ou Chiri) um dos affluentes do Zambeze, e que n'elle entra a 100 milhas de distancia do mar, não foi, que elle (Livingstone) saiba, nunca de antes explorado por nenhum europeu».

Achâmos muito para notar que o dr. Livingstone, que, quando esteve em Tete em 1856, ali conversára largamente com Candido da Costa Cardoso, capitão mór das terras da corôa, e juiz dos milandos ou pleitos entre os cafres, e obtivera d'elle circumstanciadas informações acerca do rio Chire, como refere o mesmo Livingstone, agora venha dizer-nos que o rio Chire não fôra anteriormente explorado por nenhum europeu.

No cap. xxxi das suas *Viagens*, a pag. 640, narra com assás miudeza Livingstone: «Que soubera do sr. Candido o ter este visitado um lago a quarenta e cinco dias NNO. de Tete, o lago Maravi dos geographos, a que os indigenas dão o nome de lago Nyanja ou Nyanje, o que significa simplesmente agua em abundancia, ou leito de um grande rio; que no centro está uma alta montanha, chamada Marombo ou Muroinbola (Murimballa) onde habita uma tribu que tem muito gado; que tinha atravessado o Nyanja em um ponto estreito, e gastára trinta e seis horas na passagem; que as canoas andaram sempre a remos, e que feito o calculo a 2 milhas por hora, pôde o lago ter de largura entre 60 e 70 milhas; que da extremidade sul do lago sahem dois rios, um tambem chamado Nyanja, que vai entrar no mar, na costa oriental, com outro nome, e o Chire que faz junecção com o Zambeze algum tanto abaixo de Sena; que o Chire é chamado Chirua no ponto da partida do lago, e que o sr. Candido fôra informado *quando lá*

esteva de que o lago é meramente uma expansão do rio Nyanja, que vem do norte, e rodêa a serra Murombo (Murimballa), significando esta palavra junção ou união, com referencia ás aguas, que, separando-se na extremidade norte, ao depois tornam a juntar-se na extremidade sul; que o *Chire atravessa terras baixas, planas e apauladas, mas abundantemente povoadas de gente brava*; que aos portuguezes era muito difficiloso navegar o Chire até ao lago Nyanja por causa da excessiva abundancia de uma planta aquatica, a que os mesmos portuguezes pozeram o nome de *alfacinha*, pela similhaça que tem com a alface, que difficulta e tolhe o vogar das canoas*.

Como é pois que, tendo o dr. Livingstone declarado, em fevereiro de 1856, que receberá todas estas informações de Candido da Costa Cardoso, escreve em setembro de 1864, que não sabe que tivesse explorado europeu algum, antes d'elle, o rio Chire? Devemos confessar que é um deploravel lapso de memoria, para não termos de dizer que, sobre pouco generosa, é flagrantissima contradicção; e não só porque foi de um portuguez, que muito o obsequiou, que Livingstone obteve as primeiras e tão especificadas noticias do Chire, mas tambem que o proprio Livingstone de si mesmo confirmou aquella circumstancia notavel da informação dada por Candido da Costa Cardoso, sem que todavia oppozesse nenhuma duvida a alguma das demais. *In confirmation of this I may state that, when y passed the mouth of Shire, great quantities of this same plant were floating from it into the Zambesi, etc.*

Por ventura nada mais era necessario para convencer a inexactidão do dr. Livingstone, e evidenciar a sua menos circumspecção em estabelecer e apreciar os factos, o que o torna por vezes lastimosamente injusto; mas, para mais ampla informação de quem a desejar, produziremos alguns testemunhos de maior excepção, e de data muito anterior ao dr. Livingstone, por onde se manifesta que desde longos tempos fôra o rio Chire conhecido intimamente dos portuguezes.

O padre João dos Santos, cuja auctoridade é reconhecida geralmente por nacionaes e estrangeiros, e ao qual um sabio allemão acaba de prestar ha pouco honrosissimo testemunho (K. Ritter), assim escreve ao ponto do que tratâmos, no liv. II da *Ethiopia oriental*, cap. VIII: «Defronte de Sena, da outra parte do rio, obra de sete ou oito leguas pela terra dentro, está uma grandissima e altissima serra, chamada Chiri, a qual se deixa ver de mais de 20 leguas. Esta serra é fertilissima, e toda povoada de cafres, assim no alto como pelos valles. D'aqui vão para Sena os mais das mantimentos, que se n'ella gastam... Tem muitas fontes de excellentes aguas... Pelo pé d'ella corre uma formosa e grande ribeira (o Chiri), que dizem ser braço do celebre rio Suabo d'esta costa da Ethiopia, a qual ribeira vem entrar no rio Zambeze, 40 leguas abaixo de Sena, e *por ella navegam os cafres e os moradores de Sena*, e tem seu commercio de uma parte para a outra». Note-se que o padre João dos Santos residio por espaço de onze annos (de 1586 até 1597) n'aquelles territorios, que percorreu detidamente, e de que tomou particular conhecimento.

O padre Manuel Godinho, que, na sua *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India a Portugal em 1663*, escreve no fim do cap. xxiv: «... de Angola à Lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de 250 leguas. Esta lagoa põem os cosmographos em 15° 50'; e segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros d'aquella cafraria, fica esta lagoa não muito longe do Zimbavé, quer dizer côrte, de Mesura ou Marabia. Sahe d'ella o rio Aruvi (Aroângoa) que por cima do nosso forte de Tete se mette no rio Zambeze; e tambem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pela de Rondo, que se vai ajuntar com o rio de Cuama por baixo de Sena. Que haja a tal lagoa (Zachaf) dizem-não só os cafres, senão portuguezes que já lá chegaram, navegando pelos rios acima».

O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, governador dos rios de Sena, escreve no seu officio a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, datado em Tete aos 22 de março de 1798, e com referencia ás informações havidas do commerciante Manuel Caetano Pereira, que se entranhara pelo interior de Africa: «Este rio Murasura passa por detrás da Serra Murimballa, que fica perto de Sena e na margem opposta, ao qual alguns dos nossos chamam Nanjaeja-Matope, e outros *Xire*, e gastam tres dias em o atravessar, pernoitando-se em ilhas». No diário da sua marcha para o Cazembe, e com referencia ao dia 21 de setembro de 1798, achando-se na povoação do Fumo Mouro-Achinto, situada em 10° 20' 35', latitude S. e 39° 10' 0' longitude ao Or. de Lisboa, cuja posição determinou pelas observações que fez do sol e de duas immersões dos satellites de Jupiter, nota o dr. Lacerda que «a nação Mussucumba ao norte avizinha com as margens do *Chire* ou *Nhanja*, demorando ao sul do mesmo rio os povos Arambas e Ambos, que commerciam com os indigenas e moradores de Zumbo».

Em fim o sr. Gamitto (*Muata-Cazembe*, pag. 48 e 49) diz que «para atravessar o rio *Nhanja-Macuro*, isto é, *Nhanja-Grande*, é forçoso dormir duas noites em ilhas, de que é semeado, para no terceiro dia de tarde chegar à margem opposta, e que a corrente para o nascente é forte; que ha outro rio, chamado pelos cafres *Nhanja-Pangono*, isto é, rio pequeno, a que os portuguezes chamam *Nhanja-Pequeno*».

Seria por demais o deter-nos ainda longamente com este objecto, porque fica de sobejo demonstrado que, muito antes de Livingstone, o lago e o rio *Chire*, que elle diz ter descoberto com o dr. Kirk, haviam sido não só descobertos e conhecidos, senão que frequentados pelos portuguezes.

O dr. Livingstone proseguindo no systema, que parece ter sido por elle definitivamente adoptado, de se dar por auctor do que por outros foi feito, isto é, de se arrogar a gloria de descobertas, que não pôde provar que lhe pertençam, descrevendo a sua chegada ao territorio da nação *Manganja*, affirma sem hesitação, que «não tinha sido visitado anteriormente aquelle povo por nenhum europeu». Será isto verdade? Examinemos.

Sem nos demorarmos a fazer reparo particular com respeito à *historieta* (consinta-se-nos a expressão), com que, sem duvida para recrear a attenção dos ouvintes, o dr. Livingstone adubou a parte do seu relatório que temos agora à vista, contando-lhes que n'uma povoação Manganja encontrara bebados *todos* os moradores; e que, tendo os homens excitado as mulheres a fugir d'elle Livingstone e da gente da sua comitiva, ellas desataram a rir, por isso que, igualmente embriagadas, não podiam ter-se nas pernas; pondo á parte, repetimos, esta semsabor frioleira, comudo não deixaremos de observar que é de grande maravilha o não dizer Livingstone nem se quer uma só palavra da natural estranheza e admiração, que devia causar aos manganjas o primeiro aspecto de um homem dissimilhante de todos quantos até então tinham visto; e tanto mais é isto de maravilhar, quanto é certo que nunca Livingstone costuma passar em silencio tal circumstancia, antes com muito amor a commemora, como não podem deixar de ter advertido os leitores das suas *Viagens*. Se fosse pois tão fóra de duvida, como Livingstone quer fazer acreditar, que a nação Manganja ignorava inteiramente os europeus, nem teria faltado aquelle espanto, effeito necessario de tão extraordinaria appareição entre elles, nem Livingstone deixaria de o pôr, como sempre usou, em relevo proprio a fazer-se notar desde logo, e sem minimo esforço dos seus ouvintes ou leitores. O dr. Livingstone receiou atrever-se a tanto, e limitou-se a informar-nos de que tambem elle e os seus foram prazenteiramente convidados a beber.

Entretanto convem notar, antes de ir mais longe, que, para não se admittir que fossem os europeus completamente ignorados da nação Manganja, bastava reflectir que, demais dos traficantes e agentes commerciaes, os nossos missionarios percorreram em todas as direcções as terras maraves e as varias tribus e nações d'aquelles vastos territorios, até muito remota distancia por todo o interior dentro, do que dão fé, como em outra parte veremos, os escriptores das nossas cousas de Africa oriental. Por agora não é preciso senão recordar o que diz o padre João dos Santos na *Ethiopia Oriental*, liv. xxii, cap. vi, onde tratando dos Mongás, que facil é verificar serem os manganjas de que Livingstone falla, nos refere que «batalharam com os portuguezes no tempo da conquista de Francisco Barreto e de Vasco F. Homem; e que, depois que experimentaram o braço portuguez, mandaram commetter pazes ao governador, promettendo-lhe a passagem livre por suas terras, que d'antes queriam impedir, as quaes o governador acceitou, e duram até agora».

Se Livingstone intentou fallar dos tempos actuaes, devia ser ou mais explicito ou menos absoluto, porque n'esta mesma hypothese a sua asserção ainda carece de correctivo.

Voltemos, todavia, ao que diz Livingstone, e observemos que declara que: «tendo feito serias considerações aos chefes da nação Manganja contra o costume de venderem como escravos individuos da sua mesma nação, aquelles se justificaram, pretextando que só vendiam os criminosos».

Antes de alguma outra observação confessámos que não podemos dei-

xar sem reparo a frialdade, ou, se julgar alguém esta palavra em demasia severa, a tibieza com que se exprime agora Livingstone, e a facilidade com que parece admittir tão leve justificação. Não é assim que tinha por costume haver-se.

Comtudo, posto isto por agora de parte, consideremos o facto como nos é offerecido. A nação Manganja vendia escravos; mas, perguntaremos nós, a quem os vendia?

É sabido que não existe a escravatura entre as nações cafríes: as tribus que fazem e vendem escravos, fazem-nos e vendem-nos para o commercio com os europeus, quer este se trate com ellas directamente, quer por intervenção de outra nação ou tribu; mas, n'este caso, sempre os agentes dos commerciantes europeus acompanhavam os emprehendedores da nação medianeira, capitaneando-os pessoalmente, e dirigindo todas as transacções os proprios commerciantes europeus não raras vezes. O dr. Livingstone, nas suas *Viagens*, não desconforma do que dizemos; e é assim que os Mambari, que podiam chamar-se corretores da escravatura em toda a Africa austral, emprehendiam as suas longas e arriscadas excursões como agentes, e comitiva, dos commerciantes portuguezes, especialmente do Bihé, e tambem de outras partes dos nossos dominios africanos. Ora, sendo isto assim, como não pôde pôr-se em duvida, ficará facil de acreditar que os manganjas, que vendiam escravos aos europeus, não tivessem d'estes nenhum conhecimento? Será facil de acreditar que os commerciantes de escravos, e os seus agentes, diversamente do que sempre se praticou em uma e outra Africa, deixassem agora os seus interesses á sorte e ao desamparo, sem vigiarem, promoverem e dirigirem directa e pessoalmente aquellas transacções para elles de tanta monta? Isto é tanto menos crível, quanto é fóra de duvida, que, relativamente ao tempo já passado, sendo então permittido o commercio da escravatura, não pôde presumir-se motivo que os inhibisse de fazer o que o seu interesse requeria que fizessem; e tão pouco pôde hoje suppor-se tal motivo, a ser certo, como se aventurou a affirmar Livingstone, que as auctoridades portuguezas protegem e auctorisam na Zambezia os caçadores de escravos.

Ha mais. O dr. Livingstone diz que a tribu Ajawa, vizinha da nação Manganja, estava no costume de levar escravos annualmente a Quilimane e a outros pontos da costa, e affirma que os portuguezes lhe têm fornecido armas de fogo e munições, a fim de se realisarem grandes tomadias de captivos, accrescentando seguidamente que «elle proprio encontrára uma escolta de escravos portuguezes, que trazia para Tete oitenta e quatro captivos».

Como é isto? Pois é crível que os europeus que mettiam hombros a emprezas de tanto dispendio, e de tão importantes resultados, não tomassem parte n'ellas por si pessoalmente, ou quando menos pelos seus agentes e commissarios, conforme á pratica sempre observada? E quem eram esses mussambazes e pombeiros, ou agentes e commissarios, senão filhos de portuguezes europeus e de mulheres do paiz, e não raro de paes e mães portuguezas? Como é pois que mutuamente se ignoravam os manganjas e

os portuguezes? Do que temos a observar no artigo seguinte mais ha de aclarar-se a força da nossa argumentação, mórmente tomando-se na merecida conta alguns dos documentos que ali havemos de produzir: a indução a tirar é obvia e concludente, e não só com referencia aos manganjas, mas tambem ao que fica dito do rio Chire. Entretanto desde já deve notar-se a pretensão desarrazoada e não innocente do dr. Livingstone (e que vem de longe, como facilmente se deprehende de varios logares das suas *Viagens*) de negar aos filhos, nascidos dos portuguezes em Africa, os fôros, que de direito lhes são devidos.

As considerações, que deixámos de leve encetadas, offerecem-se de prompto a todos que têm algum conhecimento das cousas de Africa, e do espirito audaz e aventureiro que distinguia tão notavelmente os homens dados ao commercio da escravatura; e são ellas para nós de sobejo ponderosas para não aceitarmos sem a maior reserva a asserção do dr. Livingstone. Alem de que, se não nos illudimos, será plenamente confirmada esta nossa inferencia com o que temos a expender no exame das *Viagens* do celebre missionario britannico, pois mostraremos que não só o nome portuguez era conhecido por toda a Zambezia até ao mais remoto e intimo sertão, senão que só por excepção poderá achar-se tribu, nação ou reino, que não fosse visitado pelos portuguezes desde longes tempos, e onde não haja ficado d'elles ou vestigio ou recordação.

No artigo seguinte havemos de tomar em maior conta a referencia de Livingstone ás occorrencias que tiveram logar com os manganjas e com os ajawas, e expondo os factos, e acompanhando-os de opportunas observações, facilitaremos aos leitores a justa apreciação do procedimento do dr. Livingstone, e das suas tendencias e pretensões. Entretanto parece-nos a proposito entrar desde agora em algumas considerações, que servem a esclarecer o que nos fica para averiguar.

Conta o dr. Livingstone que se encontrára com uma *partida* (troço) de escravos portuguezes, os quaes, sem intervir nenhuma força nem violencia, logo que na estrada com elle se avistaram, como que tomados de pejo ou pezar do mal obrado, fugiram, deixando em poder d'elle Livingstone todos os captivos, que foram por elle entregues ao bispo Mackenzie para fazerem parte da sua missão.

Não é difficil enxergar por entre a phrase um tanto nebulosa do dr. Livingstone alguma cousa mais do que sem duvida quer elle significar. Ver-se-ha ao depois que não formámos juizo temerario; e entretanto concordar-se-ha desde já que não pôde crer-se levemente no pezar ou remorsos dos traficantes habituaes de carne humana. E poderá deixar de ser de muita maravilha, que, sem nenhuma outra razão sufficiente, por que, no dizer de Livingstone, de nenhum modo constrangidos nem violentados, os commissionados se resolvessem a inutilisar os incomodos padecidos e as despezas feitas, e a baldar as ordens e as esperanças de quem lhes incumbira a commissão odiosa? Como é que teve o simples aspecto do dr. Livingstone a singular virtude de commover de subito até ao intimo, e de transformar mysteriosamente os corações impedernidos d'aquelles desal-

mados caçadores de escravos? Não pôde isto explicar-se, porque não pôde comprehender-se.

Não succede porém outro tanto com a intenção, em demasia transparente, de Livingstone, de suscitar duvidas ácerca da lealdade das auctoridades portuguezas no cumprimento dos tratados, e leis especiaes, para a abolição do trafico da escravatura. Nas suas *Viagens*, o dr. Livingstone declara por vezes que não alimenta duvidas, nem abriga receios, contra a lealdade do governo portuguez com respeito á abolição do commercio dos escravos, e acrescenta que adquirira provas que o moviam a acreditar na sua boa fé (*Miss. Trav.*, chap. xx, etc.); e, fallando das auctoridades locaes, explica-se quasi em termos identicos. Agora Livingstone não só seméa sem o minimo escrupulo a cada passo desconfianças e suspeitas contra as tendencias em geral da população portugueza na Zambezia, senão que chega a accusar directamente as auctoridades; e não apenas de conniventes em excursões feitas recentemente ao interior, mas tambem de serem partes principaes na protecção e favor dado aos que, desprezada a lei, pretendem renovar antigos escandalos do trafico da carne humana.

Qual a causa da mudança, tanto para advertir, que se operou no pensar, e do proceder, do dr. Livingstone? Obriga-o acaso a força irresistivel de factos irrecusaveis? A boa rasão pedia que só aquella podesse leva-lo assim tão longe. Porém, onde estão elles? Porque não os produz o dr. Livingstone? O dr. Livingstone apresenta insinuações, levanta desconfianças, promove suspeitas, faz accusações, mas não nos offerece nem sequer uma unica prova; declama e não demonstra; e, quando presume allegar factos, conta-nos contos tão pouco para ter em consideração, que não merecem ser discutidos, nem podem manter-se por só um instante na presença de ponderações um tanto serias. E será o dr. Livingstone homem que proceda sem rasão sufficiente ainda em cousas de menos monta? Não o cremos. Aonde iremos então buscar a das suas inexactidões, e da sua tão notavel mudança? No artigo seguinte o averiguaremos, procurando dar resposta a esta pergunta assás fundada,

Terminámos o nosso artigo precedente declarando que, no que vamos hoje escrevendo, procuraríamos fazer conhecida a rasão por que o dr. Livingstone, mostrando-se tão differente de si mesmo, ou antes do que se tinha inculcado anteriormente com respeito aos portuguezes, parece ter agora a peito fazer acreditar que resistem estes a obedecer e dar cabal cumprimento ás leis da abolição da escravatura. Do que passámos a expor, e ponderar, se deprehenderá facilmente, se não errámos, qual seja a fixa tenção do dr. Livingstone, e de quão graves e arriscadas consequencias haveria de ser para Portugal, se chegasse a ter realidade, antes que o governo portuguez se prevenisse e precatasse convenientemente.

Depois de ter arguido mais, ou menos directamente os moradores do districto de Tete, e as auctoridades locaes, de favorecerem o trafico da escravatura, o dr. Livingstone apresenta uma accusação formal, baseada no facto a que tinha alludido já, e narra agora em termos mais explicitos, di-

zendo que «pouco depois de começados os trabalhos da missão entre os manganjas, os portuguezes de Africa, instigando a tribo Ajawa, e subministrando-lhe armas e munições, que tinham de ser pagas em escravos, occasionaram á missão gravissimo transtorno; que foram as povoações accommettidas, e queimadas umas após de outras; que os manganjas fugiram, porque tendo só, para defender-se, arcs e settas, não podiam arrostar com as armas de fogo; que foram captivas as mulheres e as crianças; que, tomada do terror, a nação Manganja emigrou para a outra banda do rio, morrendo aos milhares, victimas da fome, os manganjas, por não terem podido levar consigo o necessario sustento». O dr. Livingstone accrescenta que «não quer que se presuma que elle pretende irrogar censura aos portuguezes da Europa, como conde do Lavradio, visconde (marquez) de Sá da Bandeira e outros, que de certo desejam ver abolido o trafico da escravatura», porém (continua Livingstone, e deve nolar-se bem) «o mal procede de se manter na Europa o dominio da Africa, quando é sabido que os portuguezes de Africa são sómente alguns mulatos, que pagam tributo actualmente aos nativos estremes».

Narrados assim os factos, e tendo-lhes dado a côr, que melhor julga convir ao seu intuito, o dr. Livingstone lembra, empregando para isto uma phrase altisonante «que não pôde uma grande nação como a ingleza, desprender-se dos seus deveres para com os membros da grande communiidade das nações» e, reflexionando que «é indispensavel a conservação da policia dos mares; e que, ainda quando não houvessem de ser enviados cruzeiros para acabar com a escravatura, teriam sem falta de ser enviados para supprimir a pirataria, por ser ella consequencia necessaria dos habitos de illegalidade adquiridos no trafico dos escravos», propõe, como remedio infallivel para acabar a um tempo com o trafico e a pirataria «que seja mandado um vapor ao lago Nyassa, a fim de que, juntamente com outro por elle prompto já para ser transportado, naveguem o Chire, e hajam de *interceptar o commercio do marfim*, e apoderar-se d'elle; pois que está servindo este commercio de bandeira ao do trafico da escravatura». «Quando (remata Livingstone) acceitei o ser consul (em Quilimane) foi por esperar confiadamente que havia de levar esta obra ao cabo; *when I became consul it was with confident hope that I should carry out this work*».

Affigura-se-nos que não é preciso senão dar alguma attenção ao que se acaba de ler, para achar a rasão do procedimento do dr. Livingstone. Pretende para a sua nação o predominio da Africa oriental portugueza com todos os proveitos commerciaes, que devem d'ahi resultar-lhe: e a fim de dar certa côr á usurpação desejada, lança mão de todos quantos pretextos pôde suggerir-lhe o espirito da cobiça, que o move e obriga.

É por esta mesma rasão que Livingstone amontôa arguições não provadas — transtorna factos, que succederam de modo muito diverso, e por isso não produziram nenhum dos effeitos, de que deviam sem falta ser a causa, se tivessem occorrido como os narra Livingstone — representa com a maior inexactidão as tendencias humanitarias dos portuguezes da Africa,

e lhes nega todas as qualidades moraes, e até a consideração e os fóros que se lhes devem como subditos portuguezes—accusa, sem nenhuma prova bastante, de prevaricação as auctoridades locaes—e, sem guardar ao menos as prevenções oratorias, sempre em semelhantes casos costumadas, insinúa desassombadamente que, não sabendo Portugal fazer obedecer-se em Africa, e não sendo dignos os portuguezes africanos de ser tidos em conta alguma, póde e deve a Inglaterra fazer o que esperam d'ella os membros da grande communitade das nações, isto é, assenhorear-se de facto do commercio interior da Africa oriental, d'onde, segundo a phrase de Livingstone, hão de vir, para a mesma Inglaterra e para os indigenas, grandes e seguras vantagens, *to advantage of our own country as well as theirs.*

A mascara foi deposta, e aos olhos, até dos que menos podem ver, estão os intentos arrojados do dr. Livingstone. É manifesto, sem que possa ficar fundamento para hesitação rasoavel, que o dr. Livingstone, encaminhando-se á Africa sob o pretexto da propagação da palavra de Deus (sendo isto o de que menos se occupou), e do adiamento das sciencias geographicas e naturaes, subordinou todos os seus passos e fadigas ao pensamento que o dominava e impellia de modo exclusivo—o de preparar elementos que, postos opportunamente em acção, produzissem uma revolução completa no estado presente das cousas, da qual as immediatas consequencias fossem o enfraquecimento da força moral do governo portuguez n'aquelles seus vastos dominios, e mórmente nos da Africa oriental, e fossem os ultteriores resultados a perda, para Portugal, das vantagens effectivas do riquissimo commercio do interior, e seguidamente, dado ensejo favoravel, a do proprio territorio.

É este o motivo por que o dr. Livingstone, sempre e em toda a parte, inculcava e encarecia a humanidade e justiça do governo inglez, procurando tornar synonymo de amigo e defensor dos interesses dos indigenas o nome da sua nação, ao mesmo passo que diligenciava menoscar, e não raro sem temperamento nem resguardo, o proceder dos portuguezes; chegando a fazer notar a differença da cõr da sua propria pelle e cabelo da cõr da pelle e cabelo dos portuguezes, para que não podesse haver equivoco por parte dos indigenas entre os inglezes e os demais brancos de Africa, de sorte que significassem aquelles, para os mesmos indigenas, humanidade e favor, e estes violencia e oppressão. As *Viagens* de Livingstone deparam-nos frequentes exemplos d'este obrar pouco leal, mas, nos intentos de Livingstone, sem duvida solerte, e accomodado ao seu fim.

Comtudo é certo que só agora se abalançou Livingstone a patentear inteiramente o seu intimo pensamento; mas, de que modo?!... Não sere-mos nós que o qualifiquemos: os factos ficam apontados; julguem-no a imparcialidade e a rectidão.

Qual porém seria o motivo tão forçoso, que levou Livingstone a entrar em declarações, tão gravemente offensivas da gratidão e lealdade, que devia, como individuo particular, e como publico funcionario, á nação portugueza? Esta instancia é tanto mais fundada, quanto não padece duvida nenhuma que a revelação de Livingstone tem de prejudicar seriamente a

realização do plano, que declara ter sido por elle adoptado, e do qual affirma não ter desistido, *and I do not mean to give it up*. E o tem de prejudicar essencialmente; porque não é possível que o governo portuguez, advertido pelo mesmo Livingstone, deixe de prevenir-se, e de tomar efficazes providencias, como lhe cumpre, e é proprio do seu patriotismo, contra as machinações, que, não já a occultas, mas confessadamente, se tramam contra interesses de tão grande transcendencia, e contra os direitos tão indisputaveis da corôa portugueza.

A resposta, devida á instancia feita, leva-nos a considerar uma serie de factos que tiveram logar proximamente na Zambesia, alguns dos quaes motivaram graves reclamações contra Livingstone por parte dos seus mesmos concidadãos. O dr. Livingstone allude a esses factos no relatorio de que nos occupâmos; porém, no seu costumado estylo a espaços tortuosos, e muitas vezes, sem duvida não por defeito ou acaso, difficil e empeçado, representa-os debaixo de côr, que nos apparecem totalmente outros do que os mostram os documentos. Vamos repor os factos, e será facil ao depois apreciar o procedimento de Livingstone, porque se reconhecerá que foi a necessidade de justificar-se que lhe tornou indispensaveis revelações, que podessem conciliar-lhe a indulgencia d'aquelles, cujo *verdictum*, de outra sorte, houvêra de receiar imparcial e severo.

Diz o dr. Livingstone que, tendo predisposto os animos dos indigenas do valle do Chire, facilitára o entrar ali o bispo Mackenzie, o qual acompanhára ás montanhas; que n'esta occasião sahiram a fazer montaria varios caçadores de escravos, auctorisados pelo governador de Tete; que estes se ajuntaram a uma tribu, chamada Ajawa, que estava no costume de levar escravos a Quilimane, e a outros pontos da costa; que tinham sido fornecidas pelos portuguezes armas e munições á tribu Ajawa; que encontrára uma *partida* d'aquelles caçadores, escravos portuguezes, os quaes conduziam 84 captivos; que, sem que fosse contra elles empregada nenhuma violencia, os escravos do governador, conhecendo que tinham obrado mal, fugiram, deixando nas mãos do mesmo dr. Livingstone os captivos, os quaes elle entregára ao bispo Mackenzie, e este os recebêra de bom grado, reforçando com elles a sua missão. O dr. Livingstone accrescenta que os caçadores de escravos, unidos á tribu Ajawa, tinham incendiado varias povoações dos manganjas, o que fôra causa de muitas mortes, e motivára grande transtorno na obra da missão, que por então começava entre os manganjas. Eis-aqui, fielmente extractada, a narração dos factos, feita pelo dr. Livingstone no seu relatorio, da qual fizemos já em parte, n'outro artigo, a devida apreciação.

Ouçâmos agora os documentos. O que dizem estes? Que o dr. Livingstone foi accusado pelo reverendo mr. Rowley de ter instigado com o conselho e com o exemplo o bispo Mackenzie a aggreir a tribu Ajawa, e a captivar ali escravos; e que o dr. Livingstone se defendeu negando ter atacado a tribu Ajawa, ou haver tomado partido contra ella e a favor da nação Manganja, confessando todavia ter tomado escravos a algumas partidas portuguezas.

Não nos contentemos d'este resumido embora fiel transumpto; mas consultemos os proprios documentos, que solicitámos, desejosos de não offender em nada a verdade, e que benevolmente nos foram communicados.

No *The Cape Argus*, de 19 de fevereiro de 1863, acha-se um artigo com a inscripção *The Zambese expedition*, no qual se lê o seguinte:

«O dr. Livingstone nega que o desastroso ataque feito aos ajawas pelo fallecido bispo Mackenzie e pela gente da missão (*the mission party*) fosse consequencia de conselho ou exemplo por elle dado. Confessa *ter tomado escravos* aos portuguezes; porém *diz* que nunca fizera montaria (*never hunted*) aos ajawas, nem seguira contra elles o partido dos manganjas. Entretanto convinha saber com que auctoridade Livingstone se intromette no que chama *partidas* de escravos portuguezes. Não temos noticia de nenhum tratado com fundamento no qual aquella interferencia possa ser reclamada.»

No *The Cape and Natal News*, de 27 de março de 1863, lê-se:

«Por este navio (o *Rapid*), o dr. Livingstone recebeu a primeira intimação da accusação apresentada contra elle pelo reverendo mr. Rowley, com referencia ao ataque da missão (do bispo Mackenzie) contra os ajawas. O doutor nega a accusação *in toto*, e declara que é inteiramente alheio da verdade (*totally untrue*) que em qualquer circumstancia adoptasse procedimento aggressivo contra os ajawas, ou lhes tomasse escravos; que os tomou aos portuguezes (*he took slaves from the portuguese*), porém que não foi á caça dos ajawas.»

E que se deduz da comparação do que se lê nos documentos que deixámos transcriptos com o que no seu relatório escreveu o dr. Livingstone, e acima fica já consignado? Parece-nos que a desarmonia entre aquelles e este é clara e obvia, e que não pôde deixar de concluir-se que a mera negativa do dr. Livingstone não destrói a accusação contra elle formulada por mr. Rowley; poisque se prova evidentemente que Livingstone, pelo menos, *aconselhou*, com o exemplo que lhe deu, o bispo Mackenzie a aggre-dir e tomar escravos aos ajawas, como de si confessa Livingstone have-los tomado aos portuguezes. A violencia, feita pelo bispo Mackenzie aos ajawas, não foi maior do que a por Livingstone praticada contra os portuguezes; porque se é certo que, no seu relatório, Livingstone diz que os chefes de uma *partida* portugueza tinham fugido, e deixado os captivos espontaneamente nas suas mãos (*fled, leaving the whole of the captives on our hands*) sem serem a isso violentados, mas só movidos do remorso de terem obrado mal; comtudo na sua carta, a que se refere, e d'onde transcreve o *The Cape and Natal News*, já citado, de 27 de março de 1863, confessa expressamente que os *tomou*, e não só *estes* senão *outros*, como está declarado do modo mais terminante no *post script* da citada carta, onde diz:

«Repito novamente que os escravos só foram tomados aos portuguezes... a *primeira* partida foi deixada em nossas mãos, *I repeat again that slaves were taken from portuguese alone... the first party was left on our hands.*»

Assim pois é certo que Livingstone *tomou por vezes* escravos aos por-

tuguezes, e que, havendo-se d'este modo, deu exemplo ao bispo Mackenzie, e o estimulou a que da mesma sorte procedesse com respeito aos ajawas.

Alem de que não pôde ser duvidosa a approvação, dada por Livingstone ao procedimento do bispo Mackenzie, advertindo-se na complacencia com que o mesmo Livingstone falla do estado prospero da missão Mackenzie, e da força de 200 homens, que estava inteiramente à disposição do bispo (*entirely at his disposal*); força obtida por meios semelhantes aos de que se servira Livingstone para tomar os escravos aos portuguezes, de alguns dos quaes, como elle mesmo confessa, fizera presente à missão Mackenzie. É, portanto, com muito bom fundamento que mr. Rowley faz responsavel o dr. Livingstone do desastroso resultado da excursão Mackenzie contra os ajawas; nem pôde ser acceita, como satisfactoria, a defeza do dr. Livingstone, que se cifra n'uma mera negativa, contra a qual aliás reclamam factos averiguados, e as proprias declarações do mesmo Livingstone.

Demais: o dr. Livingstone, conhecendo que mal podia rebater as arguições que lhe foram dirigidas tão fundadamente, pretendeu esquivar-las por meio de um subterfugio, tornando-se elle proprio accusador; e veio trazer ao debate um facto estranho, sem o preceder de nenhuma explicação, a fim de conseguir d'esta arte enlear a attenção dos leitores, aos quaes representa como ligada com a questão sua d'elle, e dos manganjas e ajawas, e do bispo Mackenzie, a occorrença que teve logar entre um morador do districto de Tete, por nome Belchior do Nascimento, e o regulo Chibissa (ajawa). Não temos por muito digno de louvor, embora a alguém possa parecer ingenhoso, este ardid do dr. Livingstone. Em todo o caso a exaggeração com que Livingstone, no seu relatorio, expõe os factos, dos quaes, officialmente, dá noticia em termos muito differentes, o torna altamente suspeito, porque revela a sua firme tenção de complicar e confundir, em vez de esclarecer e pôr em toda a luz a verdade. Faremos nós o que não fez Livingstone, nem lhe convinha que se fizesse, e deduziremos as consequencias a que nos obriga inexoravelmente a logica.

Já mencionámos o facto alludido pelo dr. Livingstone, e não consta official nem extra-officialmente de algum outro, a que possam as suas palavras referir-se. É preciso usar d'estas cautelas, e fazer estes reparos, porque não podem considerar-se casuaes as omissões, e a falta de clareza e de deducção, em que labora trabalhosamente a redacção empregada pelo dr. Livingstone.

Diz Livingstone (permitta-se-nos a repetição) que «os portuguezes de Africa, instigando os ajawas, e fornecendo-lhes armas e munições, que lhes haviam de ser pagas em escravos, pozeram na maior confusão os trabalhos por elle começados entre os manganjas; que foram as povoações atacadas e queimadas umas após outras; que os homens fugiram tomados do terror que lhes causavam as armas de fogo; que as mulheres e as creanças ficaram captivas; que esta perseguição durou por alguns mezes; que o terror se apoderou da nação manganja, não cessando senão depois de

posto o rio entre ella e os seus inimigos, e que morreram de fome os manganhas aos milhares». É lastimoso e horrendo este quadro, que traçou Livingstone no seu relatório; mas representará elle a verdade?

Como notámos, Livingstone não pôde referir-se aqui senão sómente à excursão particular contra o regulo Chibissa, a que temos alludido. Se a esta não se refere, em tal caso pinta de pura imaginação, porque de nenhum outro facto analogo ha conhecimento. Pois bem, vejamos agora como o mesmo Livingstone falla *officialmente* d'esta occorrença, e o que nos dizem d'ella outros documentos irrecusaveis.

Em officio de 10 de julho de 1862, dirigido na qualidade de consul de Sua Magestade Britannica aos governadores de Quilimane e de Tete, diz Livingstone «que *chama a attenção* do governador para *algumas desordens (to certain disorders)*, promovidas por um subdito portuguez chamado Belchior, *segundo o informára* o dr. Kirk em Maio anterior, que tinha atacado à frente de alguns escravos armados um chefe independente (ajawa), chamado Chibissa, que vivia em Doe; que tinha posto em fuga a gente de Chibissa, e que os *elephantes se tinham apascentado dos fructos e cearas dos indigenas*; e que, demais d'isto, Belchior intentava subir o rio Chire em perseguição de Chibissa». Acrescenta que «os missionarios o tinham mandado informar, alguns dias antes, de que Chibissa se retirára para junto d'elles; e que, se Belchior perseverasse no intento de perseguir Chibissa, graves desordens teriam logar; que os missionarios seriam perturbados na sua obra benevolente, sem resultar para Belchior senão a mesquinha vantagem de algumas duzias de escravos». Emfim o dr. Livingstone declara que «julga o procedimento de Belchior contrario ao *espírito* da legislação (que cita) reguladora da abolição da escravatura, e ás humanas intenções do governo da metropole». Livingstone remata, pedindo ao governador «que providencie de modo que Belchior cesse de avexar um povo, que está disposto amigamente para com os portuguezes».

Feito paralelo do teor por que se exprime Livingstone, com referencia a este ponto, na *communicação official* e no *relatório officioso*, quem dirá que se trata do mesmo objecto em uma e outra parte? Ninguem por certo. E não terá mais que muito justificado fundamento a indução já por nós inferida? Mas convem aclarar completamente o facto, e para isso nada mais será necessario do que a informação, que nos proporcionam os documentos, não ignorados do dr. Livingstone, dos quaes vamos dar noticia aos nossos leitores.

O governador do districto de Quilimane, o tenente coronel Custodio José da Silva, respondendo, em data de 28 de julho, ao citado officio do dr. Livingstone, declara-lhe «que não o toma como a elle dirigido, por isso que Belchior do Nascimento não reside n'aquelle districto, mas sim no de Tete; que todavia, logo que soubera do procedimento de Belchior contra o Chibissa, officiára ao governador do districto de Tete, para reprehender e cohibir a Belchior; e, como o Chibissa, em represalias, mandára invadir uma povoação do districto a seu cargo (Quilimane), na qual se tinham commettido violencias, lhe fizera saber que a força que hostilisára a elle

Chibissa, não pertencia a este districto, e portanto exigia condigna satisfação; affirmando-lhe ao mesmo tempo que, se elle Chibissa progredisse na aggressão começada, lhe faria cruenta guerra». O mesmo governador participa ao dr. Livingstone, que «o tenente Fernando Alves do Valle, conhecido do dr. Livingstone de Tete e da foz do Chire, devia ter marchado no dia 21 de junho para a Lupata, encarregado pelo governador de Tete de obstar á continuação das hostilidades por parte de Belchior, de prender este se recusasse obedecer-lhe, e de notificar ao Chibissa as providencias tomadas, admoestando-o a que tambem da sua parte pozesse termo ás hostilidades, a fim de evitar a justa animadversão do governo portuguez».

Termina o governador de Quilimane o seu officio fazendo ver ao dr. Livingstone «que interpretava erradamente a legislação relativa á escravatura, a qual acabou com a exportação de escravos para fóra da provincia, mas permite que se importem do sertão, ficando registados como libertos e obrigados a servir os seus amos ou compradores por dez annos, findos os quaes são livres; e que só passados quatorze ou quinze annos terá de acabar na provincia definitivamente a escravidão».

O governador do districto de Tete, Antonio Tavares de Almeida, no seu officio de 5 de julho, dirigido ao secretario geral da provincia, dá parte de que «tendo-lhe constado que Belchior do Nascimento andava, com toda a sua escravatura armada, commettendo hostilidades nas terras do regulo Chibissa, em consequencia de lhe terem fugido para alli oito dos seus escravos, ordenára ao tenente Fernando Alves do Valle que saísse ao encontro de Belchior, com as convenientes instruções, a fim de lhe estranhar o seu procedimento, e determinando-lhe que fizesse recolher toda a força armada; e que, no caso de desobediencia, o conduzisse preso a Tete». Acrescenta que «mandára communicar ao referido regulo que o governo não tinha approvado o procedimento de Belchior, porque queria que vivessem todos em paz».

Na data de 30 do referido mez de julho (1862), o governador do districto de Quilimane, officiando tambem ao secretario geral da provincia, lhe dá conhecimento de que «o tenente Alves, que fóra encarregado pelo governador de Tete de fazer recolher Belchior com a sua gente para o logar do seu habitual domicilio, lhe communicára particularmente que tinha concluido já a sua commissão, e que Belchior a nada se recusára».

Em additamento ao seu officio de 5 de julho, e em data de 15 do dito mez e anno, participa o governador de Tete, que «toda a força armada de Belchior do Nascimento, que se achava nas terras do regulo Chibissa, tinha recolhido; e este em agradecimento, enviára áquella villa (Tete) um seu irmão a cumprimenta-lo a elle governador, tendo por este modo acabado todas as occorrencias que tinham tido logar».

Emfim o governador geral, dando conhecimento ao governo da metropole de tudo quanto occorrera, e deixámos substanciado, observa que «a representação do dr. Livingstone tinha sido inteiramente desnecessaria, pois que sendo datada de 10 de julho na Chupanga, já em 5 o governador de Tete (e portanto muito anteriormente á representação) havia adoptado

as providencias convenientes, achando-se tudo terminado em data de 13, isto é, tambem ainda antes de poder aquelle governador estar entregue da mencionada representação, da qual effectivamente nenhuma menção faz nos seus officios.

Eis-aqui como os factos se passaram, e agora note-se e admire-se o proceder verdadeiramente inqualificavel do dr. Livingstone.

No seu relatorio o dr. Livingstone mostra-se possuido da mais profunda indignação; tal e tanta que, transtornando-lhe de modo estranho a natural prudencia, o obriga a descrever com côres medonhas as occorrencias dos ajawas, e, quando proximo dos logares onde se representava a scena terrivel, não só o ardor do zêlo o não cresta, não só a indignação o não perturba, mas nem sequer esta, nem aquelle tão pouco o estimulam a haver-se com maior diligencia do que porventura tem ordinariamente de costume; de sorte que, quando se lembrou de pedir providencias, já as providencias estavam dadas; e antes que o seu officio, em que as solicitava, pudesse ter chegado ao seu destino, tudo já estava concluido! E ardem, e queimam, e respiram o ardente e admiravel zêlo de que no relatorio se mostra com tanto louvor tomado, as expressões de que no seu officio da Chupanga se serve para referir e condemnar os factos que relata? Pelo contrario, contenta-se da informação do dr. Kirk, nada por si mesmo investiga, e exprime-se com indifferença imperturbavel, como que mencionando uma occorrença, digna apenas, por commum, de *chamar* para ella a *atenção* das auctoridades portuguezas; e, pondo-nos compassadamente aos olhos escravos armados, escravos fugindo, e elephantes que pascem das cearas não guardadas, quasi compõem um idyllio, quando, quem lhe lê o relatorio, devêra esperar accessos turbilhões de indignação e ira! Como é isto? A explicação é obvia: em Quilimane e em Tete havia quem contestasse com perfeito conhecimento das cousas, e em Londres os ouvintes, que de todo o ponto as ignoravam, eram amigos dispostos a louvar e applaudir.

Entretanto Livingstone devêra ter-se lembrado de que as suas palavras não haviam de ficar encerradas no recinto onde as proferira, e portanto devêra ter-se havido com mais prudente circumspecção e aviso. Se o tivera assim feito, não passaria agora pelo molesto dissabor de ver postas a claro, e não guardada condescendente e pusillanime contemplação, as repetidas inexactidões de que vem inçado o seu famoso relatorio; nem veria aventados e expostos á merecida e severa condemnação dos homens que prezam o honesto e acatam o justo, os seus reprovados planos de injustiça e usurpação, que debalde pretende coonestar, allegando o pretexto, já sem valia, do amor da humanidade, do odio á escravatura, do ardor pelas conquistas da civilização; amor e odio que, pela propria apreciação dos seus mesmos concidadãos, não se lhe podem aceitar senão como a expressão banal da indifferença na escolha dos meios, que, no seu pensar ambicioso, podem leva-lo ao fim tanto almejado, de que não se acobardou de fazer agora ostentação escandalosa.

E haverão de só a estes limitar-se os dissabores do dr. Livingstone? Temos que não, porque pomos fé na honestidade do governo britannico, e

acreditâmos no patriotismo e zêlo do governo de Portugal. E pôde este presenciar silencioso e tranquillo a irregularidade do proceder do consul inglez em Quilimane, o dr. Livingstone, accusado pelos seus mesmos concidadãos, e em parte, pela sua propria confissão, convicto de fautor de montarias criminosas, de protector da escravatura, de receptador de escravos legaes foragidos, de violador e detentor da alheia propriedade, abusando, de modo verdadeiramente reprehensivel, do caracter respeitavel de que estava revestido, e dos direitos sagrados da hospitalidade? Não é possível; o governo portuguez não quer, nem pôde deixar de cumprir o seu dever; e não se compadece na justiça, de que faz timbre o governo inglez, o ser tratado um subdito seu, que de tal sorte procede, por teor differente do porque requer e exige que sejam tratados, em iguaes circumstancias, os subditos de todas as demais nações.

Nem o governo portuguez deve aqui parar; cumpre-lhe, como já dissemos, ir mais longe: porque, pelo que de Livingstone dizem os seus concidadãos, a que só elle responde por mera e vã negativa; pelo que de si e dos seus intentos, sem hesitação declara; e pelo que deve constar ao governo por via das informações particulares dos seus delegados, é obvio que podem tornar-se de sobremodo prejudiciaes aos interesses de Portugal homens como Livingstone, quando residentes, mórmente com caracter publico, nas nossas possessões africanas, se não forem efficaçmente vigiados; se não lhes for tolhida a acção audaz e malefica; se não se providenciar de modo proprio e effectivo para que não possam fazer senão o bem sómente, se porventura nos pôde o bem vir d'elles; e se não se lhes contrastar com perseverante e inabalavel tenacidade a realisação dos planos, que não é já mera suspeita, mas sim, pela sua propria confissão, positiva realidade, que no peito abrigam, em vantagem exclusivamente sua, e affronta e damno da corôa portugueza.

Acreditâmos que não faltará nem a si nem ao seu paiz o governo portuguez, e confiâmos em que quer, e ha de fazer, o a que o dever o obriga.

Demonstradas as inexactidões do relatorio do dr. Livingstone, refutadas as suas arguições injustas, e postos em relevo os seus intentos não innocentes e sobremaneira perigosos, damos por finda a nossa tarefa, não ardua, mas enfadosa, contentes de ter prestado este diminuto serviço á causa da verdade, da ustiça e da patria.

D. JOSÉ DE LACERDA.

NOTA 6.ª (PAG. 79)

Tendo declarado o dr. Livingstone que não podéra satisfazer ao vivo desejo de visitar o Matiamvo, julgo que não será desagradavel ao leitor achar aqui noticia mais particular d'aquelle poderoso potentado africano, tirada do *Diario da Viagem com destino ás cabeceiras do Rio Sena*, por Joaquim Rodrigues Graça. O que não pôde effectuar o dr. Livingstone em 1854, o tinha realisado oito annos antes (1846) este corajoso portuguez, que investigara diligentemente os territorios, os quaes o dr. Livingstone parece querer dar-nos, como novidade, agora a conhecer. É digno de ler-se o *Diario da Viagem com destino ás cabeceiras do Rio Sena*; porém só transcreverei a parte que diz respeito ao Matiamvo. Podem consultar-se os n.ºs 9, 10 e 11 do *Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino* de 1855. A parte aqui transcripta vem no n.º 11, abril de 1855, pag. 153 e seguintes.

•Em 16 de setembro do corrente (1846) mandei avisar o regulo, para, em virtude do seu pedido, se achar no meu acampamento no dia 18 d'este mez, a fim de perante o seu estado, potentados e mais nobres, eu lhe communicar o mais que deixei de dizer-lhe; ao que respondeu: «que ficava sciente, e que já tinha ordenado a todos para estarem promptos, para quando eu avisasse». No dia aprasado, 18 do corrente, se apresentou o regulo, mãe, irmãs, e sobrinha e seus macotas, alem de um grande numero de fidalgos, vindo elle conduzido em umas andas, vestido com panno de velludo encarnado, trazendo na cinta uma faixa de couro de boi preto, um alfange, um grande colar feito de certas conchas pequenas com symetria, nos braços um enfeite de pennas de diversas côres, de aves diferentes, com coraes variegados, tudo de muito bom gosto e regularidade, na cabeça um grande pennacho de pennas de indira, pavão e outras aves desconhecidas, e de gosto exquisito; quatro dos maiores fidalgos, dois de cada lado,

lhe serviam de assessores; um grande numero de pretas, suas concubinas, que excediam a 500, compunham o cortejo; seu irmão, da mesma fórma; sua mãe trajava um manto de velludo encarnado lavrado a ouro, muito rico, um collar semelhante ao de seu filho, na cabeça uma como mitra de missangas muí miudas, feita com toda a delicadeza e primor; sua sobrinha tambem adornada com riqueza; seus maioraes vestidos de panno encarnado da cintura para baixo, e com caudas estes trajés, tocando os seus instrumentos, suas mulheres dançando. Vinha carregado o Matiamvo por oito escravos, a mãe por seis, a sobrinha por igual numero; seus grandes e nobres a pé, vindo muito devagar, que distando o meu acampamento obra de mil passos de sua morada, levou bem perto de tres horas, davam quatro passos paravam, e assim vinham vindo, e logo que se approximou ordenei aos cabos e chefes da caravana que se formassem em ordem com todos os carregadores, que carregassem as armas para o receber debaixo de fogo, o que assim succedeu, e, recebido que foi, o conduzi a uma grande sala, que de proposito havia sido preparada com seus competentes assentos e distinctivos, estimando elle muito estas honras prodigalisadas á sua pessoa.

«Collocada uma cadeira em uma especie de throno, que mandei erigir para elle sentar-se, forrado de panno encarnado, e a seus pés de panno azul, dando igual tratamento e distincção a sua mãe, irmão e sobrinha, e todos os mais em pé; e feito o devido cumprimento obsequiei-os com fazendas escolhidas, copos, pratos, canecas, almadrilhas, anneis e brincos que muito estimaram, e tomando o regulo pela mão, conduzindo-o a um logar mais reservado lhe offereci uma farda, chapeo, espada, bem como a seu irmão, tudo muito rico, que logo vestiram, e, tornando a sentar-se fardados, os seus nobres e povo entraram a bater palmas, e o regulo não cabia em si de contente, mostrando-se ao seu povo lhes dizia, que agora era irmão do Maneputo e que queria sua amizade, e abraçar as suas leis, usos e costumes, e accrescentou: «Vós logo ouvireis o que elle me mandou dizer». E dando-me signal mandei chegar os interpretes, e imposto silencio ás turbas, assim lhe fallei:»

(Segue-se outro discurso, aconselhando ao Matiamvo, que consinta um presidio portuguez nas suas terras, pela protecção que n'elle ha de achar, e que procure destruir as praticas horriveis que usam, e que faça applicar o seu povo á caça do elephante e outros animaes, bem como á agricultura.)

«Filho do Maneputo do Calunga! (respondeu o Matiamvo) Não conheceis os nossos usos e costumes, por isso me accusaes! E, se entre nós vivesseis, estarieis por elles, e lhe darieis desculpa.

«Quando me entendi os achei, e quando morrer os deixarei. Não ponho duvida em cumprir o que quer meu irmão Maneputo, pois não desconheço o seu poder e grandeza.

«Não o tenho tambem mandado procurar, porque acho-me muito distante. Tenho ouvido dizer que já não compram escravos, e mais procuram cêra e marfim; e a prohibição d'elles tem causado a falta de fazendas, e

mais generos do nosso consumo, é motivo porque os negociadores tem soffrido prejuizos; são innumeraveis os meus povos, os tributos, que recebo de meus potentados, são escravos, marfim, cêra, ferro, cobre, enxadas, pelles de feras, alem de que esta era a pratica escravisar os que commettem crimes de assassinio, roubo, adulterio, desobedientes, feiticeiros, e não havendo quem os compre somos obrigados a mata-los para exemplo dos mais, e se o Maneputo prohibir a venda d'elles, outro meio não me resta para puni-los.

«Foram mais felizes os meus antecessores, porque commerciavam em escravos, elles eram procurados n'estas terras; havia abundancia de fazendas, agora faltam. Estou prompto a cumprir as suas ordens debaixo das seguintes condições: ha de o Maneputo conceder a compra de meus escravos para o Calunga, e que seja o commercio como no tempo dos meus antecessores.

«Poderá, se quizer mandar para aqui os seus eriminosos, que serão tratados conforme suas ordens. Mandará uma força para por meio d'ella sujeitar os meus inimigos, que me não querem obedecer». Ao que lhe respondi.

«Matiamvo! O que a lei de Maneputo ordena, não desfaz; e, achando-se abolido o trafico de escravos, não se pôde conceder a sua exportação. Podeis vende-los em vossas terras, mas elles serão empregados na lavoura, pesca, caça e outros mais officios, que nos são uteis; empregae-os tambem na agricultura e na caça, de que tanto abundam as vossas matas. De mais tendes o direito de escolha, ou rejeitar ou abraçar os meios que vos proponho. Se annuides, o governo fará em vosso beneficio o que poder, para cujo fim vos prestareis com um donativo; e se não abraçares, não vos deveis queixar do resultado.»

«Á vista do que me haveis dito, respondeu, obedeço a meu irmão o Maneputo, como seu amigo, e peço que venham fazendas a minhas terras, e que o meu povo fique satisfeito, e como somos irmãos tambem estas terras lhe pertencem. Darei parte aos meus potentados que este logar será a residencia da força, que meu irmão houver de mandar. Quando partires para a capital de meu irmão, vos acompanharão os fidalgos de minha maior confiança, bem como meu tio Quiota, para em meu nome se apresentar ao Maneputo, a fim de receber suas ordens, porque não posso largar o meu estado, e para mais o respeitarem peço que para aqui venham forças, que me ajudem a sujeitar os potentados Canhica e Canhiquinha, e outros donos de grandes terras, em que ha cobre, marfim, azeite, ferro e escravos.

«Os que me prestam obediencia são os seguintes regulos: o grande Cazembe-mucullo, Muzaza, Quimbundo, Catende, Quinhama, Chinde, Cannonquessa, Maximo, Meço-Cadenda, Mueneputo das praias, Luvar, Sacambnge, Quibéco, Cabinza, Chavalma, Defunda, Chalba, Cabo-Cacanda, Muatamibanda, Zan-ei, Cassongo, Catena-Callende, Quiria, Milando, Massage, Cagenge, Cha-huta, Cassongo, e outros muitos, todos estes grandes, que possuem muitas terras, e tem muito marfim e cobre; marfim por lhe ficar longe não o procuram.

«Os que me não obedecem são Canhiquinha, Cassongo, Matombo-mucallo, Muene-Calage, etc.

«E acabando de fallar, e sendo tudo explicado pelos interpretes em portuguez, dei os seguintes vivas:

«A Sua Magestade a Rainha

«À nação portugueza

«A sua ex.^a o governador de Angola

«Ao regulo Matiamvo.

«Oito dias consecutivos duraram os regosijos publicos na banza do Matiamvo, manifestados por danças, canticos, etc.

«Matiamvo, 19 de setembro de 1846.

NOTA

«Perguntei que canticos e danças eram essas. Responderam-me: são em consequencia de estar para realizar-se a prophcia do regulo Quinanezi, quando falleceu nas guerras do Canhica, de sermos procurados pelo Maneputo.

OBSERVAÇÕES

«Este regulo, para assim dizer, é o imperador dos outros de que tenho feito menção, é poderosissimo e muito rico, em consequencia de que em todo o seu territorio o maior commercio hoje é o de marfim, por o haver em grande quantidade; cada um de seus potentados lhe tributa constantemente marfim, ferro, cobre, enxadas, arcos, flexas, zagaiaes, louça, facões, azeite de palma, viveres, criações, fazendas, pannos de palha, pelles de todas as feras, etc.

«Seu governo é dispotico e barbaro, por isso que suas ordens se cumprem sem contradicção.

«O regulo, quando sente falta de generos de seu consumo, despacha racatas aos seus vizinhos a ajustar os negociadores que encontrar, para que se dirijam com suas fazendas á sua capital, e no seguinte dia da chegada apresenta-se e exige do feirante ou negociador que lhe apresente a fazenda toda; e assim feito, aparta tudo que lhe agrada, manda conduzir para a sua residencia, porém isto faz a negociadores miudos, e passados alguns dias os manda chamar para saber em que deseja receber o seu pagamento, se escravos ou marfim, e quantos; e dizendo-lhe este: «Tantos banzos recebeste, deves-me tantas pontas de marfim, e tantos escravos», responde elle: «Bem, deves descançar, esta terra é vossa, e no entanto ide vendendo o resto ao meu povo». O pobre negociante espera e desespera, e muitas vezes o demora um anno, quando não o faz por dois, ainda que lhe peça o seu pagamento, responde-lhe: «Que pressa tem, eu não costume tomar nada a pessoa alguma, logo vos despacho; e quando muito bem lhe parece é que paga, mas que pagamento, que muitas vezes não corresponde ao valor do que se vendeu; e que recurso tem o negociador se não receber? De contrario perderá tudo. Igualmente acontece que quando

o negociante por grosso se destina a vir à sua jurisdição, o regulo o recebe com muito agrado, e presenteia-o com comidas, bebidas e refrescos, etc.

«Manda na mesma noite tocar um bando prohibindo a todos os seus povos, para que não possam ir à feitoria do negociante vender-lhe genero algum, impondo pena capital aos que não observarem esta determinação. O regulo assim que o negociante estabelece a feitoria, e tem recebido todas as cargas, manda dizer que em tal dia se apresentará para ver todos os generos e fazendas, e vindo no dia indicado, depois de tudo visto, manda apartar as fazendas de bom gosto e de mais custo, como pannos, baetas, etc., e retirando-se diz: «Tal dia virei para entrarmos em ajuste, e ver os generos que quer receber em pagamento». Se o negociante não lhe der em fazendas o valor de 50\$000 réis, um de seus filhos chega-se ao pé do feirante, e assim lhe diz: «O Matiamvo tem por costume e quizilia que todas as vezes visitando o branco, deve-se-lhe offerecer alguma cousa, sem o que não se pôde retirar, pois que é um homem grande: elle espera em suas andas que se lhe dê alguma cousa». E para o negociante se ver livre d'elle manda-lhe entregar um banzo equivalente a 50\$000 réis, e muitas vezes mais, e elle recebendo a fazenda, mostrando-a aos seus que o acompanhavam, aperta a mão ao negociante em signal de agradecido, e retira-se.

«Quando bem lhe parece manda avisar para no dia tal lhe ter prompta a fazenda e mais generos, que separou para a vir receber e ajustar, e apresentando-se, carrega com tudo que havia apartado e tratado. Logo depois faz o mesmo sua mãe, se a tem; seu irmão por nome Chanamatope, e tambem sua sobrinha, a quem lhe dão o nome ou titulo de I. N. Banza, seguem-se os fidalgos, etc., e o resto que fica é para o seu povo. O negociante vende os seus generos á vista, e elles dizem que os seus pagamentos se acham promptos, e apanhando as fazendas em suas mãos detem o negociante um e dois annos, despachando as fazendas para outras partes, negociando com ellas, e exasperado o negociante, infastiado de mandar cobrar, lhe diz: Pague-me ou retiro-me, e fiquem-se com tudo; então vão pagando, mas como? Exigindo-se por uma pónta de marfim o triplo do valor em fazendas, e são estes os motivos por que os negociantes evitam mandar seus aviados a estas terras; fundando-me n'este principio lhe disse: «Que á vista do seu procedimento, dos prejuizos que tem causado áquelles que elle manda procurar, e a outros que a esta banza tinham vindo, motivos eram fortes, para elle sentir falta de fazendas e dos generos do seu consumo, e que essas faltas tem dado logar a que o governo lhe faça ver que espera se não reproduzam actos taes, pois que buscará cohibi-los». Muito me serviu para dar força á embaixada a illusão da profecia, que o Challa me tinha communicado, e fallar-lhe francamente, pois que com o gentio nunca se mostra fraqueza, ainda mesmo que se conheça que partido algum se pôde tirar.

«Igual procedimento queria usar com o explorante, porém não o pôde o regulo levar a effeito, porque me oppuz ás suas ordens, e me desmascarei com elle. Logo que cheguei a esta, cuidei de mandar fazer o acampamento

debaixo de ordem, a feitoria no centro, cercada de uma grande cerca de pau a pique tendo dois portões; e, depois d'elle prompto, tratei dos negocios: teve a confiança de mandar occultamente um bando, ordenando a seus povos, para que não viessem à feitoria comprar nem vender genero algum, sem que elle tivesse primeiramente recebido tudo quanto precisava: tambem expediu ordem a fim de não se vender marfim a qualquer pessoa que fosse á compra d'elle, impondo pena de morte, a mais conhecida por elle; determinação esta que obistou a que eu recebesse o que tinha vendido a sua mãe, irmão, sobrinha e fidalgos para ser pago á vista, porque estes tambem tinham mandado negociar no Sena e outros logares. Acontecendo fallar com um dos seus disse-lhe: «Onde é que se viu prohibir a cada um o vender os seus generos? Muito mal entendidas são as ordens do vosso governo, que se tornam em prejuizo de seus subordinados, não sendo senhores de vender ou comprar aquillo que precisam, e só estas ordens se encontram n'este regulo, quando nenhum outro o prohibia, e nenhum governo tem direito nos bens de seus subordinados, sómente certos tributos que compensem as despezas do estado». Ao que me respondeu: «Sabemos que o Maneputo é o senhor d'estas terras, e de outras mais, que o seu povo faz negocio com quem quer, só lhe dão um pequeno tributo, e nós é o que sabes, somos seus escravos. Estimavamos antes que o Maneputo tomasse conta d'estas terras que melhor seria». E depois disse ainda: «Eu tenho em minha casa uma ponta de marfim, veja se me manda de noite um dos seus Muzumbos conduzi-la para a feitoria, e depois virei ajusta-la». Mandando-a conduzir aconteceu ser vista por um dos guardas do regulo, e teve a liberdade de entrar pelo acampamento, e tirar a referida ponta da casa do Muzumbo, e no seguinte dia fez presente ao regulo. Sciante do acontecido monto a cavallo, mando pegar em armas, e apresento-me na banza do regulo com um bom reforço, e dirigindo-me a elle assim lhe fallo: «Matiamvo! Que ordem destes esta noite? Um dos meus caixeiros havia recebido uma ponta de marfim de um seu devedor filho do Jaga Cassange (e foi preciso dizer que a ponta não tinha sido recebida de um seu subordinado para o livrar da morte), a qual sendo recolhida um de vossos guardas teve a confiança de entrar de noite no acampamento, na casa do caixeiro, e carregar com a ponta. São mal entendidas as vossas ordens, não tendes direito de mandar pôr guardas aos commerciantes que vos procuram, salvo se pela força; mas tambem a tenho para repellir vossos ultrajes, alem de já teres recebido as fazendas e generos que escolhestes, assim como vosso irmão, vossa mãe, e sobrinha, e fidalgos, é justo que tambem compre o vosso povo, e venda para remediar suas precisões; em parte alguma se dão semelhantes ordens. São ordens impostas a escravos que têm perdido o ser de homens! E se o vosso guarda fosse assassinado o que dirieis? Sobeja é a razão, agora é que acredito nos que se queixam de vós! Exijo se me apresente o guarda bem como a ponta. E lançando a vista para um dos lados, vejo o guarda com a presa a seus pés, e bastante encolerizado, como me achava por um tal procedimento, e pondo um véo nos p'rigos que me podiam re-

sultar, lanço mão da espada aponto-a aos peitos do guarda, e dando-lhe um bofetão. foi beijar o chão caindo aos pés do regulo. Foi uma temeridade de que poderia ter sido victima, por ter sido feita na banza, e em presença do regulo, cercado de seus maiores, e de immenso povo, que ficaram estupefactos, olhando uns para os outros, nada ousaram dizer. Obriguei que elle conduzisse a ponta de onde a tinha tirado, e que ordens se dessem, ameaçando-o com polvora e bala. Vendo o regulo a minha resolução, pediu-me que socegasse, que elle não tinha dado taes ordens, e voltando-se para os caixeiros reprehendeu-os, dizendo-lhe, que para a outra vez, quando succedesse um caso semelhante, não fossem logo participar ao branco para desassocga-lo por uma cousa de pouco valor; deverieis-me dar parte, para o mandar entregar, sem que partecipasseis ao vosso amo; isto depois me disseram os caixeiros. Aplacada a colera, ordenou o regulo para se me entregar a referida ponta; conduzida por um de seus escravos á feitoria, por não ter querido remette-la pelo guarda com receio de que ellè fosse preso no acampamento; pedindo-me que desculpasse aquella falta, e depois de remettida a ponta lhe fallei: «Matiamvo! Se casos semelhantes se derem d'ora ávante, eu vos não asseguro o socego que tão necessario se torna entre nós; quanto a mim, que encarregado por s. ex.^a para propor-vos meio de uma duradoura amizade, desejo mante-la a vós, porque, repellido o meio que temos concordado para chegarmos aos fins, tereis o desgosto de não veres aqui mais negociadores, além de outras medidas que o governo tomará em consideração para desaffrontar vossos insultos».

•Foram rasões sufficientes para o chamar á boa ordem, e disse-lhe que se considerasse vassallo de Sua Magestade, senão queria perder o nome de Matiamvo; e que se lembrasse que se achava cumprida a prophesia do Quinanesi, e que eu aqui tinha vindo em nome de Sua Magestade, para que tendo recebido a sua embaixada houvesse de receber suas ordens, devendo-se conformar com ellas o explorante a bem dos interesses da nação e do commercio, tem não só arriscado a sua existencia, como a dos seus interpretes e famulos para a restauração d'esta rica posse, tendo empregado todas as forças physicas e moraes, além de immensas despezas que tem feito, não só com este regulo, como com os outros potentados de transitio, desde as fronteiras. Tenho-me occupado diariamente em sondar suas paixões, tomando conhecimento dos seus costumes, de suas forças, e observando-se o que lhe tenho communicado tem achado entrada no seu espirito, pois pelo que parecia assento que tem concordado; mas sendo refalsado o animo do gentio, por isso não acredito nas demonstrações de amizade que mostra. Muito preciso se tornará aqui uma força militar, se o governo deseja possuir, sem grande dispendio, este vasto territorio, mesmo para coadjuvar o regulo contra seus rivaes e tão poderosos inimigos.

«Seria medida util, que em vez de se mandarem degradados para os presídios e districtos, fossem enviados para este; estabelecendo-se um presidio, melhoraria a sorte d'estes desgraçados, pois que elles amam o que é bom e util, gostam de vestir bem, e acham-se aborrecidos do governo despótico do regulo, e estando elles certos dos fins que aqui me trouxeram

dizem que querem pertencer ao Maneputo. Desejos tinha o explorante de passar alem do Matiamvo para chegar até ao Sena, mas havendo um deserto a passar de quarenta dias, alem de não ter sido auxiliado pelo governo para uma empreza de tanta magnitude, comtudo emprehendeu a concepção de pôr em pratica tão util idéa, engajando para esse fim o numero de quinhentos carregadores naturaes de Bihé para o acompanharem; estes pegando nas cargas largaram-me em Bihé, não querendo proseguir, e exigindo ali os seus pagamentos a contento; e soffreu ali um empate desde 7 de junho de 1843 até 4 de maio de 1846, que d'aquella provincia regressou para esta; achando-se empatado não só por falta de sortimento, em consequencia de roubos que soffreu, offertas a diferentes sovas, despezas de carregadores, fretes de portos, etc., se viu obrigado a officiar d'ali ao então governador da provincia de Angola, o sr. Possollo, do qual officio não teve resposta; comtudo não afrouxou de continuar na empreza, apesar que ardua, antes tomando em muita consideração, a ponto de lhe ser necessario regressar do Bihé a esta capital para surtir-se de novas fazendas, e receber novas ordens do governo a fim de seguir o seu destino, mas levando ao conhecimento do ex.^{mo} governador já mencionado, que sem auxilio de carregadores avassallados nada conseguiria; porque de carregadores gentilicos não ha que fiar, fazendo-lhe ver os prejuizos que já tinha soffrido, e que não estava mais para expor uma factura de grande importancia. S. ex.^a attendendo a tão justas razões houve por bem ordenar ao chefe do districto de Golungo Alto, o Major Izidro José Fragoso, por portaria expedida da secretaria geral, para que a bem do serviço auxiliasse o exploramento com cem carregadores para seu transporte, e cincoenta empacaceiros fornecidos de armamento pelo explorante. Eis-aqui como fui coadjuvado para uma tal empreza; commissão esta de tanta importancia, e de que tantos interesses poderiam resultar para o futuro da nação; e se a outro fosse incumbida, talvez para seus interesses sómente lançasse as vistas, e não para esta incumbencia tão trabalhosa e cheia de despezas, sem algum galardão mais que a nomeação de Major dos moradores do districto de Golungo Alto, a qual sem o regio beneplacito torna-se nulla, esse que o explorante cuidou de obter, mas que até agora não tem tido solução; porém não se arrepende de ter trabalhado a prol da nação e do commercio, prestando um serviço que para o futuro se tornará valioso; e persuade-se que chegando elle ao alto conhecimento de Sua Magestade, o tomará em muita consideração.

DESCRIPÇÃO DA PROVINCIA DO MATIAMVO

•Esta provincia acha-se collocada no interior e a leste, ficando-lhe a provincia de Cazembe a lessueste.

•O seu terreno, a maior parte, é plano, matos altos nos logares de pantanos, com madeiras de construcção; fertil de farinha de mandioca, feijão de todas as qualidades, amendoim, azeite de palma, bananas curtas ou de S. Thomé, e das compridas muito doces e saborosas, batatas da terra, in-

hames como os do Brazil, carás, abobaras, gado vaccum em grande quantidade pertencente ao estado, ananazes, abundante de toda a qualidade de caça, peixe dos grandes rios, carneiros poucos, mas em Cazembe grandes rebanhos.

•O seu clima é quente, mas saudavel. Seu inverno principia em fins de Julho e finalisa nos meados de Maio, conforme as estações, em todos estes mezes chove constantemente; é terra muito sujeita a raios no tempo proprio. É cortada geralmente de riachos; ha muitas nascentes de agua, e logares alagadiços que ficam intransitaveis no tempo das chuvas: é abastecido de frondosos arvoredos.

•O verão principia em Maio; no tempo proprio cuidam de plantar, e muito se assemelha este clima com o do Brazil. O Matiamvo é cercado pelo caudaloso rio Cassaby, bem como pelo Lurna, ou Bu-zu, de que já fiz menção na derrota. O Lurna é abundante de peixe, pesca-se a boa tainha, o roballo, alem de outras qualidades de bom gosto, e conforme as apparencias entendo que tem communicação com o mar; sua agua é salobra com cheiro a maresia: é innavegavel em partes por grandes pedras que obstruem o seu leito. O gentio, que habita suas margens, pesca com rédes de malha muito compridas, fazendo cerco, e de noite com fachos; olhando-se poderá para o costume barbaro d'este povo, admira encontrar-se alguma industria, tendo objectos de uma nação civilisada. É rico de vastas campinas, cheio de elephantes e outros animaes silvestres, e de muitos palmares de que extrahem o azeite: a canna de assucar é em grande quantidade e de boa qualidade, etc.

•Ao descortinar tão vastas campinas, quem são da espessura dos matos fica extasiado, desenrolando-se aos seus olhos um panorama encantador. O caminhante fatigado de tão longa e trabalhosa jornada, quando entra n'esta mansão parece-lhe ter esquecido tantos incommodos e mil difficuldades que teve a superar. Immensos logarejos apinhados de choupanas fabricadas segundo o gosto de cada um, e no centro dominando, como maioral, a modo de uma torre, a habitação do regulo feita com muita regularidade, cercada de um muro de grossos paus, em quadrado com dois portões, e tudo com muito acieo e semetria; um horizonte dilatado e mui claro, o paiz risonho e fertil abraçando uma verdura perenne, realça a vista do espectador. Não é ficção que descrevo, é realidade que já testemunharam alguns dos brancos que pisaram este solo, se elles deixando o terror panico de que vão apoderados pela noticia das crueldades do regulo, apreciando o grande e o bello só aformoseado pela natureza, e deixando por alguns momentos as idéas do interesse, admirariam por certo um quadro tão magestoso!

•Julga o viajante achar-se em um paiz civilisado, a policia que encontra, limpeza de ruas em linha recta, praças espaçosas aonde concorrem os seus generos diariamente, esperando achar, segundo o costume, a confusão e a desordem, encontra a belleza, a ordem, o acieo, e muitas outras disposições tão raras entre gentios; tudo isto confunde, e como digo, deixa abortido o espectador, desaparecendo o susto de quem vem apoderado de idéas tão melancolicas e tristes. Á vista de tanta magnificencia espargida

n'estas terras pela natureza contrastada com a fereza de seu governo, move a ousadia de um genio emprehendedor a vir conquistar este paiz; e a quem cumpre este feito? quem com mais direito terá de levar as luzes áquelles povos? A nação portugueza que sem muito custo dominará em territorio tão rico e fecundo. Quanto mais felizes não seriam estes povos! Ver-se-iam livres da escravidão em que se acham, não sendo senhores de nada, nem de seus proprios filhos: tudo alli nasce escravo, tudo está sujeito ao despotismo do regulo!

FÓRMA DO SEU GOVERNO

«O seu governo é despotico e barbaro; são seus adjuntos sua mãe (se a tem), irmão e sobrinha. Suas terras são divididas por governos que lhe tributam, e tudo o mais pertence ao regulo.

«Os filhos não tem direito ao estado; apenas lhe dá algumas terras para elles receberem o seu tributo, isto é, aquelles que o merecem, tendo a sua confiança e estima; quanto aos mais são considerados escravos, trabalham, caçam, e tudo entregam a seu pae. Quando algum de seus escravos commette algum crime o regulo manda participar a sua mãe: «Fulano fez isto ou aquillo, deve ser morto». São ouvidos a mãe, irmão e sobrinha, e se porém decidem estes membros que o réu seja perdoado, e em tal caso vendido, concorda com a decisão; e não havendo quem o compre é morto, e o seu corpo lançado ao mato para ser devorado pelas feras; dia nenhum ha em que este barbaro não mande decepar cabeças por bem leves culpas. Todo aquelle que tentar communicação com alguma de suas pretas, manda-o castrar, e depois é morto; a mesma sorte tem a preta.

«O regulo habita no meio de um grande quadrado de pau a pique, com um serrallo de quinhentas concubinas, entrando n'este numero filhas, sobrinhas e irmãs.

«Conta até á presente data duzentos filhos de ambos os sexos; sua idade pouco mais ou menos setenta annos, de mediana estatura, mais delgado que robusto, labios grossos, nariz chato, rosto comprido, retinto na cor, calvo, usa de cabelleira, obra de suas mãos, que é tão bem feita que á primeira vista se não conhece; seu traje diario um panno de qualquer fazenda comprido da cintura para baixo, o corpo nu, seus enfeites de coral no cabello, e buzios de diferentes côres, munido sempre do seu alfange; não anda a pé, e sim em umas andas, carregado por oito ou mais escravos; sua diaria occupação é na caça e lavoura, acompanhado sempre por seus escravos e concubinas, e onde quer que se ache dá audiencia e recebe tributos; ao raiar da aurora põe-se fóra e parte para o mato, todos os seus nobres, mulheres e escravos o seguem. Não moram com elle senão suas mulheres e um certo numero de escravos destinados para o serviço domestico; em cada um dos dois portões tem um porteiro, para fecha-los ás oito horas da noite, bem como abrir ao amanhecer.

«Residem em separado sua mãe, irmão e sobrinha, com seus cercados quadrados e porteiros, etc. Tem duas grandes praças de mercados, uma em frente da residencia do regulo, principia ás dez horas da manhã e acaba

às duas da tarde; a outra defronte da morada da mãe do regulo, desde as tres até à noite, além de outros muitos menores em diferentes logares. Suas ruas muito compridas, largas e alinhadas, todos os dias são varridas, e todo aquelle que se descuida da limpeza é multado em uma cabra ou uma ponta de marfim, tendo cada rua seu inspector, que fiscalisa o aceio d'ella; tambem nas praças é o terreno limpo à vassoura, não se encontra pedra nem pau. Os fidalgos não andam a pé; quando querem ir a alguma parte montam a cavallio em um de seus escravos, que já tem adestrados para esse fim; cada um d'elles tem seus instrumentos, e todas as vezes que acompanham o regulo são obrigados a leva-los; este não vae para parte alguma sem que seja acompanhado por seus instrumentos; quando quer ir às suas lavras manda tocar uma caixa, e logo que seus escravos a ouvem pegam nas enxadas e seguem-no; todos os seus bandos são por pergões; enfim é um segundo sultão. Tem diferentes residencias, em cada uma das quaes tem suas lavras; manda tocar uma caixa, faz reunir o seu povo, e o reparte a fim de trabalharem em diversos logares distantes duas leguas uns dos outros; e em cada uma d'essas habitações tem um sem numero de mulheres; vestem sómente um panno de palha da largura de dois palmos que lhe cobre as partes, porém muito limpas de corpo, e apesar da sua insignificante vestimenta, parece que não põem o pé no chão; são muito corajosas, dotadas de animo varonil, acompanham seus maridos, e na guerra investem com mais impeto que não os homens.

SUAS INDOLES

•São inconstantes em seus tratos, inclinados ao roubo, não atacam a pessoa alguma, mas cubiçam tudo que vêem, e vão carregando se encontram fraqueza da parte do negociador. São familiares, obsequiadores, mas se o fazem é com a mira no interesse; e se offerecem uma gallinha é para receber triple; e se o negociante receber do gentio alguma offerta, trate de recompensa-lo em o tresdobro, se não quer soffrer algum prejuizo, porque elles não dão, vendem por bom prego, etc.

SEUS COSTUMES

•O regulo quando come não falla a pessoa alguma, nem em caso de urgencia; n'essa occasião tocam os instrumentos: quando espirra todos batem as palmas. É commerciante; compra por atacado, mas quem com elle contratar deve ser corajoso, e que tenha conhecimento de seus usos e costumes, não lhe vender sem ajustar primeiro; paga o que deve, porém com grande demora; frequenta a miudo a feitoria, acompanhado sempre de suas concubinas, e quaes outras harpias arrebatam tudo que encontram, e se houver descuido da parte do negociante, e que não tenha tudo bem arrecadado, será infallivelmente roubado pela confusão de seu povo, que de proposito o traz para este fim; e quantas vezes vae à feitoria, tantas se occupa em mandar contar tudo o que vê, concorrendo o seu numeroso

sequito em dar busca a todos os cantos da casa a ver se o negociante occultou algumas fazendas. De todas as suas possessões tem um macota às suas ordens, a quem lhe chamam Quilolo: as fazendas que compra, e as que recebe de tributo, não as tem em seu poder, espalha-as pelas casas dos seus fidalgos, e um dia sim, outro não, lhe são apresentadas.

SUAS GUERRAS

«Quando qualquer dos seus subordinados lhe desobedece ou lhe falta com os tributos, ordena a um dos seus potentados que levante armas contra o desobediente, e que sendo preso o conduza à sua presença, e se resistir que o matem; cumprindo o encarregado as ordens, se acontece o rebelde resistir, ficando derrotado, o chefe da expedição se recolhe, e um dia antes de entrar na capital acampa as suas forças, e manda participar ao regulo que ali se acha, e que espera as suas ordens; manda que ali se conserve um mez, e mais; e quando bem lhe parece manda que entrem, o que se executa do seguinte modo:

«No dia determinado todos os seus Quilolos com seu povo, fidalgos etc., se apresentam na praça armados com todos os preparativos de guerra para receberem em triumpho os que se recolhem da campanha. O regulo apparece cercado pelos seus nobres e escravos; senta-se em um throno formado de panno encarnado em cima de um tapete de panno azul, vestido com um panno de velludo encarnado da cintura para baixo, guarnecido de varias côres, com uma banda feita de buzios e conchas, coraes de diversas côres, debaixo de symetria, dos joelhos até ao tornozelo argolas de metal mui fino da grossura e feitto de um bordão de guitarra, no pescoço um collar feito de conchas, coraes e buzios muito bem feito; na cabeça um grande penacho de pennas de diversas aves de muito bom gosto.

«Cada um dos seus Quilolos e fidalgss vem entrando pelo portão principal à frente de seus escravos, trazendo na mão um escudo forrado de panno encarnado feito com ordem, em outra uma lança; seus subordinados vestidos de pelles de feras, armados de arcs, flexas e zagaias, marchando ao som de seus instrumentos, desenrolada a bandeira, na cabeça seus penachos, no pescoço seus collares cada um de diferentes feitios, e dos joelhos ao tornozelo adornados com argolas de cobre e ferro. Logo que se aproximam do regulo, marcham em continencia em volta do seu throno duas vezes, e na terceira perfilam pelos muros de sua residencia, todos os mais vão seguindo por ordem, e alinhando-se dispostos todos marcham à frente; seus commandantes, com o escudo na mão, e na outra empunhando a lança, se apresentam ao regulo para receberem as suas ordens. O regulo, com ar serio e magestoso, ordena-lhe que se ponham à frente de seus soldados até segunda ordem. Logo depois principiam a entrar os que se recolhiam da guerra, marchando em continencia assim como os outros, e tomando logar no meio do acampamento; os encarregados davam em alta voz conta da empreza, em cuja narração bastante se prolongavam, expondo o modo como tinham batido os contrarios, e nos intervallos os escravos,

dançando acompanhados por seus instrumentos, trazendo nas mãos as caveiras dos infelizes que tinham sido apanhados na guerra, e por ficarem vencedores davam descargas de fogo. Depois do que vem cada um apresentar ao regulo a caveira expondo-lhe como tinha vencido. Os prisioneiros que escapam à morte são todos entregues ao regulo; aos combatentes recém-vindos manda-lhe distribuir comida e bebida em abundancia. Vendo os Quilolos e potentados que está desempenhada a sua missão e satisfeitas as etiquetas, mandam que seus escravos vão tocar as armas victoriosas dos que se recolheram e se retirem para suas residencias. Foi este acto celebrado em 19 de Dezembro de 1846, para o qual fui convidado pelo regulo, para assistir ao recebimento, mandando eu apromptar quatrocentas armas commandadas pelos cabos e caixeiros, a pedido do regulo, o que muito agradeceu. Tem instrumentos bellicos, e seus toques apropriados e por elles entendidos, bem como outros destinados para a lavoura, e os toques na guerra servem muitas vezes de anima-los no conflicto. Os instrumentos são uma flauta feita de uma canna grossa, e uma especie de caixa que fazem de troncos de arvores adelgaçados por dentro, marimbas, etc.

•Formam seus batalhões em ordem, deixam alguma gente de reserva para socorrer aos que perigam, investem com ferocidade espantosa quando atacam; dão gritos mui altos e descompassados para atemorisar o inimigo, porém sentindo-se feridos fogem, e nada os faz retroceder para entrar em linha de combate; por isso que muito temem as nossas armas que vomitando a morte os deixa horrorisados.

SEUS FUNERAES

•O cadaver é lavado, unhas cortadas, cabelo entrançado, dentes limpos, posto em um ataúde é acompanhado por seus amigos e parentes ao logar em que deve ser sepultado, havendo jazigo proprio para cada familia. No meio d'esse grande cemiterio existe uma espaçosa casa subterranea, forrada de panno azul, em que se deposita o corpo do regulo que de molestia fallece na sua capital, tendo um escravo de guarda, fazendo a limpeza diaria, o que não encontrei, nem soube se se pratica em outras tribus, porque aqui acompanham o morto em procissão com grandes choros e alaridos: o fallecido é immediatamente amortalhado com seus melhores pannos, e não passa mais o dia em casa.

SUA CONFIGURAÇÃO

•Os homens são de estatura regular, robustos, feições delicadas, muito limpos e acaados, sómente trazem por vestido dois couros de qualquer animal; cabelo trançado. As mulheres são altas e reforçadas, retintas, de lindas feições, muito limpas, andam sómente com um panno de palha da largura de dois palmos, cobrindo-lhe o pubis. São corajosas; investem a quem quer que as offenda, fazendo todo e qualquer serviço com o mesmo desembaraço como qualquer homem: são amigas de negocio, compram e

vendem; são propensas á costura; fazem um panno de palhas com primor, são amaveis, estimam os estrangeiros, e por estes desprezam os seus amantes.

SUAS LEIS

«Se por casualidade acontece vir o menstuo a qualquer preta estando na praça, é logo denunciada pelas outras, e abi mesmo lhe cortam a cabeça por mandado do regulo, e ali ficará o corpo, será consumido pelos cães, se algum parente, impetrando o consento do regulo, a não mandar sepultar. Assim tambem se qualquer preto é encontrado com alguma mulher do regulo, sem mais justificação, é o delinquente amarrado, corta-se-lhe o membro, o nariz e as orelhas, isso no meio da praça; estes desgraçados soffrem quotidianamente estes barbaros castigos, dias havendo de sessenta que o soffrem, e n'esse numero muitos de pena capital; alem dos chamados feiticeiros; que estes são mandados pendurar no mato em uma arvore, e ali acabam os seus dias: tão habituada anda a morte por estes selvagens, que a preferem a outro qualquer castigo!!!

« Todos os seus trabalhos principiam e acabam em cantigas e danças: cuidam primeiramente dos trabalhos do regulo depois dos de sua mãe, se a tem, irmão, sobrinha, fidalgos, etc. Esta communitade de trabalhos campestres, e de innocentes prazeres inspira no coração d'este povo a mais terna benevolencia; elles olham, apesar de tanta crueza, para o regulo e seus fidalgos como seus paes; é para elles sagrado tudo o que provém dos seus governos. e o que se lhes ordena. Nada é tão prohibido por elles, como a ociosidade, por isso que estão convencidos de que ella é a origem de todos os crimes, e arrasta após si a degradação da alma, e do corpo: têm elles muita razão, porque o preguiçoso não só pecca contra si, condemnando-se á miseria, mas tambem contra a sociedade, dissipando os fructos dos homens laboriosos, sem contribuir com a sua quota para a prosperidade geral. Os mesmos velhos e estropeados que outro serviço não podem prestar, acompanham os mais para servirem de guarda, afugentando os passaros da seara. Nenhuma mulher pôde ter communicação com o homem sem que lhe appareça o menstuo, e sem que primeiro seja desflorada por seu pae, e com elle continue por algum tempo, até que a ponha em estado de a entregar ao pretendente, e achando-se habilitada procuram-na sem o menor escrúpulo.

« Achando-se qualquer feirante nas suas terras, se com o regulo tiver alguma questão ainda que de pouca monta, vinga-se este em mandar tocar um bando para que ninguem possa vender viveres, nem bebidas ao negociante, e são estas ordens cumpridas á risca, e por este meio consegue do feirante tudo que quer. Todos os seus fidalgos, e parentes são commerciantes, porém faltos de palavra em seus tratos; porque ajustando-se o negocio á vista, logoque se apanham com a fazenda, mandam-n'a negociar ás possessões vizinhas para tirarem o lucro, e para pagarem levam dois annos; por isso o melhor modo de negociar é o seguinte. O negociante, que

se destinar a fazer qualquer especulação, deve ter um sortimento completo até que finalise a negociação; e deve tomar os pontos que noto:

• 1.º Muzaza; deve ahí estabelecer uma feitoria para negociar com os regulos Catende Quiõco, Luena e todo o territorio do Cassaby, em todos estes pontos é abundante o marfim, e a cera, que offerecem ventagens no mercado.

• 2.º No regulo Sacambuge deve fazer feitoria, podendo despachar para as terras dos potentados Quibuica Canam, Musso-Condanda, Maxima, Quinhama Canunguessa, Mane-Defunda, etc., em todos estes logares tem marfim em grande quantidade, e offerece ventagens.

• 3.º Deve estabelecer a terceira feitoria nos dominios do rei Cazembe, este ponto é de grande ventagem, porque d'elle pôde despachar para o Lubege, Lua, Luvar e toda a possessão de Cazembe; é abundante de marfim, e tira-se partido.

• 4.º Lurna, despachando para todos os regulos que occupam as margens d'este rio.

• 5.º Chulla; optimo ponto e tem muitos logares para onde despachar fazendas.

• 6.º Matiamvó; e devo notar que aquelle especulador, que reprehender uma negociação para cera ou compra de marfim, antes de chegar a este ponto tomará todos os outros e dividirá a factura em proporção, e com igual sortimento. Se tomar estas medidas, deve ser bom o resultado, e para esse fim convem deixar caixeiros capazes em cada um dos pontos, e antes de estabelecer a feitoria deve ter uma audiencia com o regulo, que governar o logar; tratando com elle para que durante a negociação não possa pagar crimes de adulterio commettidos por seus famulos: obtida esta concessão, ainda que lhe faça uma boa offerta é uma providencia util e de grande ventagens; se não tomar esta medida soffrerá grande prejuizo pelos crimes que os carregadores, e famulos quotidianamente commettem com as familias do povo em que estabelecer a feitoria; porque apesar das advertencias do negociante estão a reincidir no crime, que é punido com a escravidão por parte do gentio: e recolhendo-se o negociante, se perdeu alguns carregadores por crimes que fizeram no sertão, ficando lá escravos, estes ainda têm o atrevimento de requererem contra o feirante para lhe restituir o seu filho ou parente, quando elles mesmos em terras avassalladas, uns entre os outros comem mucãos pelo mesmo crime.

• O commerciante deve sortir a factura dos generos seguintes: baeta azul, clara, ferrete, e meia côr, encarnada, pano azul, pintado, lenços de ramagem largos e de bom gosto, fazendas de lei, o quanto chegue para sustentar a despeza dos portos, e sortimento dos banzos, missanga branca grossa, coral apipado, que não seja estalado, almandrilha de bom gosto, canecas de meia canada, e quartilho, copos, campainhas, guizos, tachas amarellas, buzio; estes generos são os de prompta sahida em todas estas terras; armas poucas, porque não lhe dão o seu valor; polvora igualmente: o sustento é feito com missanga e coral; porque a missanga é o seu dinheiro, e sem ella se não faz compra alguma, e tambem se compra marfim

miudo de dez a vinte arrateis, bem como escravos. Além do que tenho ponderado deve, na occasião das marchas, ter o cuidado de levar carregadores devolutos, reservados para supprirem aos que enfraquecerem, bem como prevenir-se de mantimentos para que a caravana não padeça fomes; por quanto tem de passar desertos de 4, 6, 8, 10, 12 dias, e a maior parte dos carregadores tem succedido ficarem atraz, uns caídos no mato com desmaios por causa da fome, outros por molestias, que os atacam, outros enfraquecidos; por isso necessario se torna o deixar carregadores de sobrecelente na rectaguarda, bem como paus e redes para carregarem os que tiverem enfraquecido: assim tambem oito ou dez carregadores carregados com carne assada, farinha, e agua para soccorrer os que tiverem desmaiado de fome; é uma medida salutar, não perder carregador algum. Todos estes successos experimentou o explorante, porém não o acharam desprevenido; porque pela pratica que tem dos sertões teve o cuidado de conduzir redes, carregadores desoccupados, e muitas vezes soccorreu-os com a sua propria matalotagem, e teve até de andar a pé para os mandar conduzir em suas tipoiás, e de taes medidas resultou que nenhum se perdesse por falta de recursos nem desamparado. Além do que deve ter uma botica para acudir ás molestias conhecidas, contendo porção de massa caustica, purgantes, flos, unguentos, etc., porque estes pretos são muito afeitos a pontadas, diarreias, escorbuto; macella, quina em pó, e quem saiba sangrar; bom será levar ferreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, para o que for necessario, de outra fórmula não se póde transitar por estas regiões faltas de todos os recursos precisos.

OBSERVAÇÃO

«O regulo possui o numero de quinhentas a seiscentas pretas, dentro de sua residencia, além das mais que tem em diferentes pontos das suas lavouras, aonde costuma passar de tempos a tempos alguns dias; e para que fim? É para que em sua ausencia suas mulheres se introduzam nos cubiculos dos famulos, e carregadores do feirante, e terem com elles communicação, e por este meio exigir do negociante que lhe pague o crime chamado—O panda—valor de dois banzos, importancia de 8\$000 réis, e mais; por isso se tem perdido immensas fazendas n'esta e mais partes d'este continente.

«O explorante, antevendo esses prejuizos que lhe poderiam resultar, logo que chegou, na primeira falla que teve com o regulo, cuidou cortar esse abuso que redundava em seu prejuizo, fazendo ver que apanhados os delinquentes, o carregador ou famulo seria à frente dos mais castigado para exemplo, e elle corrigisse a sua preta como lhe aprouvesse; e foram apanhados em flagrante alguns filhos do sova Quibombo, do districto de Golungo-Alto, e foram castigados, apesar do que, o regulo por duas vezes exigio o pagamento de dez carregadores filhos do referido sova, que seriam escravos ou resgatados, pois foram encontrados com mulheres do Matiamvo, vindo ellas de proposito introduzir-se no acampamento, tudo por con-

selho do regulo; porém oppuz-me, fundado no que tinha tratado, e não pôde levar a effeito o seu intento.

«Já não aconteceu assim com o finado Romão, que tendo vindo a esta com uma negociação, teve de resgatar muitos carregadores por crimes que commetteram; por não tomar as precisas medidas, acautelando e tratando com o regulo. É a rasão porque tem escravizado muitos carregadores dos districtos e presidios, ficando perdidos por lá; abusando das ordens do feirante, e esquecendo-se dos perigos a que se expõe, vão ter com as mulheres do gentio, e depois tem seus parentes a confiança de dizer que o feirante vendeu o seu filho ou parente, não se lembrando de que, se elle se perdeu, foi por crimes que commetteu, chegando á petulancia de requererem contra o feirante para lhe dar conta de seu filho. Culpado seria o feirante se não lhes fizesse ver, e não os admoestasse que não fizessem crimes; mas apesar de tudo os commettem, não fazem caso; e dizem que não podem passar sem mulheres, que são seu sustento. Fui testemunha ocular de um assassinato ordenado pelo regulo na pessoa de um seu escravo de linda figura, e que horrivel acabamento teve!!

«Em 16 de abril de 1847 foi apanhado no cubiculo de uma de suas amasias e sua sobrinha, por nome J. N. Banza, successora ao seu estado, e de quem tem um filho, um preto, o qual foi apresentado ao regulo, e sem mais justificação foi mandado matar, e depois esquartejado, e dado a comer a um gentio seu subordinado por nome Canandos; pavorosa e lastimada scena! Convidado pelo regulo para assistir no theatro da morte á representação de um drama tão tragico, empreguei meus esforços para obter o perdão da victima; mas nem a minha mediação, nem as rogativas de sua mãe e supplicas de seus fidalgos moveram o coração do homem ou antes do tigre faminto de sangue; apertado por tão fortes empenhos para ceder, respondeu que a mim enviado do Maneputo, já tinha servido em muitas occasiões que lhe tinha pedido o perdão de criminosos condemnados á morte; e assim foi, a ponto de n'uma occasião apresentar-me no logar do supplicio e arrancar o cutello da mão do algoz, fugindo este e o condemnado para o meu acampamento, tendo a precaução de mandar apresentar o alfange a sua mãe, que mandando-o quebrar, avisou estar perdoado, e recolhendo-se elle ao seu aposento com ordem de ninguem lhe fallar, ordenou a execução da morte. Ainda palpitante o corpo do desgraçado, feito em pedaços, foi ali mesmo devorado pelo indicado gentio. O infeliz pediu que á pena capital substituisse a do captiveiro, que o vendesse, ao que respondeu: «Quem não observa as minhas leis, quem me não respeita, menos servirá ao Maneputo!» São desgraçados estes povos, e ainda mais os que estão sob as vistas do regulo, porque á mais pequena falta é punido com a escravidão, poucas vezes, e com a morte, quasi sempre; pedindo elles sempre que sejam vendidos, e por isso mais felizes aquelles que conseguem, em vez da morte a escravidão.

NOTA 7.ª (PAG. 85)

Eis-ahi o cap. x do liv. II da *Ethiopia Oriental*, a que na citada pag. 83 fiz referencia.

• Este Reyno do Manamotapa está situado nas terras a que chamão Mocaranga, como fica dito: as quaes antigamente forão todas do Imperio do Monomotapa, e agora são divididas em quatro Reynos, a saber, o Reyno que oje tem o Manamotapa, e o Reyno do Quiteve, e o Reyno de Sedanda, e o Reyno do Chicanga. A causa d'esta divisão foy um Emperador Manamotapa, o qual não querendo, ou não podendo governar terras tão distantes, fez governador d'ellas tres filhos seus mandando a hum chamado Quiteve, para governar o Reyno que corre ao longo do rio de Sofala: e a outro chamado Sedanda, pera governar as terras, que corta o rio da Sabia, o qual vem sayr ao mar Oceano Ethiopico, defronte das ilhas Bocicas: ao terceiro chamado Chicanga, mandou governar as terras de Manica, onde ha mui grossas minas de ouro. Estes tres filhos governadores, tanto que o pay morreu, e entrou no Imperio outro filho que estava na corte, levantarão-se com as terras em que estavam, e nunca mais quizerão obedecer a este Manamotapa, nem a seus successores, allegando cada um por si pertencer-lhe o dito Imperio. Esta he a causa, porque quasi todos os annos tem guerra huns contra os outros. De maneyra, que d'este grande Imperio do Manamotapa se dividirão tres Reynos muyto grandes, de muytos vassallos, ficando comtudo o mesmo Reyno, que oje possui o Manamotapa muyto maior, que todos estes tres juntos. A todos estes Cafres chamão Mocarangas, porque todos fallão a lingoa Mocaranga, tirando as fraldas do mar d'estes Reynos, porque em algumas d'ellas fallão outras linguas differentes, particularmente a lingoa Botonga, polo que chamão ás mesmas terras Botonga, e aos habitadores d'ellas Botongas.

• Este grande Reyno do Manamotapa tem de comprimento mais de 200 legoas, e de largo quasi outro tanto. Da banda do Noroeste confina com outro Rey muyto grande, com que tem muitas vezes guerra, ao qual chamão Abútua, cujo Reyno tem o mesmo nome, e dizem que chega polo meyo da terra firme até os confins do Reyno de Angola, com cujos Cafres tem commercio, e estes com os Portugueses, que vão de Portugal pera Angola: no que eu não ponho duvida, porque os Cafres mercadores de Abútua trouxerão já a vender ao Reyno da Manica hum cobertor de papa, que veyo pola via d'Angola, o qual mereceu hum Portugues, que estava na Manica, e eu o vi em Sofala. N'este Reyno do Abútua tambem ha muito e fino ouro, mas os naturaes da terra não se dão tanto a buscallo, e cavallo, por estarem longe dos Portugueses que lho podiam comprar, mas são mui dados a crear gado vaccum, de que ha n'estas terras grande abundancia. Da parte de Leste confina o Manamotapa com o rio Zambeze, ao qual os Cafres vassallos do Manamotapa chamão Empando, que quer dizer Levantado contra o seu Rey, porque dizem que, se o rio não corrêra por aquella parte, fôra o Manamotapa senhor das outras terras, que estão da outra banda do rio, onde elle não pôde passar com o seu exercito, por falta de embarcações. Pera a parte de Sueste vem correndo este Reyno até o mar Oceano Ethiopico, onde entra com huma ponta de terra, de largura sómente de 10 ou 12 leguas, que é do rio de Luabo até o rio de Tendanculo, porque as mais terras que correm pera o sul, até o rio de Inhambane, estão divididas entre os tres Reys levantados, como fica dito. De Tendanculo até Sofala, he Reyno do Quiteve, de que falley no primeiro livro. De Sofala pera o sul fica o Reyno da Salia, de que he Rey o Sedanda, o qual tambem he Rey de muyta parte das terras, a que chamam Botonga, que vão correndo para o rio de Inhambane. Na cabeça d'estes dous Reynos, do Quiteve e do Sedanda, pela terra dentro fica o Reyno de Manica, de que he Rey o Chiganga, o qual está para a parte do Noroeste, algumas 100 legoas distante do mar: e este comprimento tem estes dois Reynos do Quiteve e Sedanda, que ambos vão d'aqui entestar no mar Oceano Ethiopico. Da outra parte da terra da Manica pera o Norte fica o Reyno de Abútua e o Manamotapa lhe fica da parte do Nordeste, e da parte do Sul outro Reyno a que chamam Biri. Todos estes tres Reys levantados são grandes senhores, porém o Quiteve he mayor e mays rico, polo muyto commercio que tem com os portuguezes, donde lhe vão muytas roupas e contas, que é a riqueza dos cafres; alem d'isso são estes cafres muyto mais esforçados que todos os outros Mocarangas, e por isso nunca o Manamotapa os pôde vencer, vindo muytas vezes sobre o Quiteve com grande poder de gente. São muy grandes frecheiros, e destros no jogar da azagaya de arremesso. São muy soberbos e grandes homens de burlas e trapaças.

NOTA 8.ª (PAG. 85)

Como esclarecimento a este logar, aqui transcreverei os apontamentos, que me foram communicados ultimamente pelo sr. visconde (marquez) de Sá da Bandeira, os quaes julguei deverem tomar o passo ás observações com que fôra minha tenção ampliar e confirmar o que deixo alli exposto; e não menos virão de reforço ao que no capitulo xiii digo em relação a este mesmo assumpto, e ás inadmissiveis asserções do dr. Livingstone com respeito a uma falsa bocca, e a um *novo* porto do Zambeze que imaginou ter descoberto, ao erro por elle attribuido ao mappa do sr. visconde (marquez) de Sá, etc., etc. Omittirei portanto o que eu proprio tinha annotado; sendo certo que, se essencialmente as observações do illustre marquez se conformam ás que por mim estavam feitas, comtudo em alguma especialidade ferem a questão mais directamente. Não acrescentarei umas ás outras, para não dar a esta nota dimensões exaggeradas.

Eis-ahi os alludidos *apontamentos*:

O DR. LIVINGSTONE E O SEU DISCURSO EM BATH

«Lemos as curtas observações que o dr. W. Peters, director do museu de Berlim, dirigio ao conselheiro Bernardino Antonio Gomes, ácerca de algumas passagens do discurso que o dr. Livingstone pronunciou na associação britannica reunida na cidade de Bath, em de 1864.

«Já tínhamos visto o discurso nos jornaes inglezes, e apesar de encontrarmos n'elle certas asserções relativas a cousas nossas, e a um ministro da Corôa de Portugal, as quaes carecem de rectificação, não tencionavamos comtudo occupar-nos do assumpto, porque sendo a Inglaterra um paiz essencialmente de discussão, pela qual se procura esclarecer a verdade dos factos, mesmo quando essa verdade não seja lisongeira ao espirito na-

cional, contavamos que assim havia de acontecer a respeito das alludidas asserções, sendo certo que varias outras do mesmo reverendo viajante tem sido contrariadas por escriptores inglezes, taes como mr. Macqueen, distincto geographo, de quem um dos companheiros de viagem do mesmo reverendo doutor, mr. Thomás Baine, no seu livro publicado do anno de 1864, com o titulo de *Explorações no Sul da Africa*, diz o seguinte ¹:

«Eu acho que o eminente geographo Macqueen, membro da sociedade real geographica, é capaz de dizer mais (como creio intimamente) ácerca da Africa central, fundando-se em memorias antigas de Portuguezes, do que qualquer viajante que ali tenha estado, incluindo Livingstone.

«A leitura das observações do dr. Peters, determinaram-nos porém a escrever estas linhas com referencia a alguns pontos do referido discurso. Mas antes de entrar no assumpto cumpre declarar que prestámos ao dr. Peters a consideração que merece o sabio naturalista que, pelas suas importantissimas publicações sobre a zoologia e a botanica da provincia de Moçambique, tem enriquecido a sciencia, e mostrado o modo como elle para este fim empregou o tempo da sua residencia de cinco annos n'aquelle paiz. O dr. Peters, sendo recommendado pelo governo prussiano ao governo portuguez, foi por este recommendado ás auctoridades locaes da provincia, e elle pela sua parte sempre procedeu de maneira que não deu logar ao menor facto desagradavel, e sempre se tem mostrado grato ao acolhimento que recebeu.

«Quanto ao discurso é preciso referir que na mencionada assembléa de Bath o dr. Livingstone disse o seguinte:

«O primeiro descobrimento que nós fizemos foi o de uma entrada navegavel para o Zambeze, quasi um grão a Oeste do rio de Quelimane, o qual tem sempre sido reputado como a bôca do Zambeze, com o fim, como alguns asseguram, de que os navios de guerra (inglezes do cruzeiro), sejam induzidos a vigiar a falsa embocadura emquanto que os escravos eram tranquillamente embarcados na bôca verdadeira. Este engano foi propagado ultimamente em um mappa pelo ministro das colonias de Portugal.»

«N'estas palavras ha quatro asserções, e todas ellas carecem de ser cuidadosamente rectificadas.

«A primeira é que o illustre viajante fizera o descobrimento que refere.

«A segunda é que a barra de Quelimane não é uma das bôcas do Zambeze.

«A terceira é que de proposito se representava esta barra como sendo a bôca do rio com o fim de facilitar o embarque de escravos.

«A quarta é que em um mappa, publicado pelo ministro das colonias de Portugal (o visconde de Sá da Bandeira), se propagara o engano.

«É facil mostrar que estas asserções são destituidas de fundamento, bastando para isso transcrever de documentos officiaes os seguintes extractos:

¹ *Explorations in South Africa*, by Thomas Baines. London, 1864.

•1.º No liv. II cap. II da *Ethiopia Oriental*, de freij João dos Santos, obra impressa em 1609, lê-se o seguinte :

•A este rio de Cuama chamam os cafres Zambeze.

•Antes que chegue a se metter no mar se divide em dois braços, e ambos vão entrar no mar Ethiopico 30 legoas distante um do outro. Ao principal e de mais agua chamam rio de Luabo, o qual tambem se divide em dois braços: um d'elles se chama Luabo velho, e o outro Cuama velho; donde parece que todos estes rios tomam o nome de rios de Cuama. O braço menos principal se chama rio de Quilimane, ou rio dos Bons Signaes; nome que lhe poz D. Vasco da Gama, quando a elle chegou indo ao descobrimento da India pelas boas novas e signaes que n'elle achou... Este rio tambem lança de si outro braço muito grande a que chamam o rio de Linde.

•2.º No anno de 1693 o rei de Portugal D. Pedro II escrevia ao governador de Moçambique o seguinte :

•E pelo que toca ás fortificações de Quilimane e do *Luabo* se vos avisa...

•3.º No anno de 1750 o governador de Moçambique Francisco de Mello e Castro escreveu uma memoria intitulada = *Descripção de rios de Senna* = devendo notar-se que elle, na qualidade de governador local, havia alli residido durante cinco annos. Nesta memoria acham-se as passagens seguintes:

•§ 3.º Dou principio á descripção de rios de Senna pela barra de Quilimane, que está na altura de 18º 10' da parte do Sul...

•Continua o rio de Senna, como se vê da planta junta, sendo as terras que ficam de uma e outra margem dos vassallos da Corôa, não só as que estão da parte do sul, mas tambem as do norte no continente do Boror.

•§ 4.º Da barra de Quilimane até á povoação d'este nome, que é uma das principaes que temos nos rios, distarão pouco mais ou menos 6 leguas.

•§ 10.º Um dos principaes lucros dos moradores (de Quilimane) são os *cochos*, embarcações de um só páo, de que ha grande quantidade, umas maiores, outras menores... Dão grandes lucros nos fretes que *ganham d'aquelle porto para Senna e Tete*.

•§ 17.º Tem esta conquista *duas barras na sua costa*, e consequentemente dois portos, que são o de Quilimane e *Luabo*, ambos capazes de navios do *lote de 30 peças* (de artilheria) pouco mais ou menos.

•§ 22.º Da povoação de Quilimane á de Senna contam-se 60 leguas *pele rio acima, em que se despendem, indo em embarcações ligeiras* descarregadas, até nove dias, e indo carregadas nunca menos de doze a quinze, e ás vezes mais, porque é conforme a maior ou menor corrente do rio, e ha occasiões em que a falta de agua faz tambem ser dilatada a jornada. Em toda ella se pernoita em terra. A este rio *chamam o Zambeze*.

•§ 24.º Das terras que constituem os prazos ¹ da Corôa possuem os jesuitas as ilhas de Mulambe, na *barra do Luabo*.

•§ 25.º É a povoação de Senna a capital de toda a conquista.

¹ Prazo é o nome que se dá ás terras da Zambezia e Sofalla, que pagam direitos á corôa de Portugal, e alguns têm a vastidão de provincias. Veja-se o que fica dito ácerca dos prazos no cap. V.

«§ 48.º De Senna a Tete contam-se 60 leguas pelo rio acima. Este na maior largura indo cheio tem mais de legua e meia em algumas paragens. Principia a enriquecer-se de aguas desde novembro até maio, e d'este mez até ao de outubro *as vai restituindo ao mar pela barra de Quilimane.*

«§ 59.º É a povoação de Tete a escala principal de todo o commercio dos rios. N'ella se juntam todos os mercadores.

«§ 60.º D'ali sahem os mercadores em cáfila para diferentes partes, sendo a principal o Zumbo.

«§ 62.º Elles vão por terra até ao Emboque, e da Chicova navega-se pelo rio acima até ao Zumbo. D'ali vão as mercadorias para a Abútua e outras regiões.»

«D'estes extractos resulta :

«1.º Que no seculo xvii o governo portuguez dava instrucções ácerca da fortificação do porto de Luabo, o qual se considerava poder receber navios de guerra de 30 peças;

«2.º Que no seculo xviii se navegava em embarcações chamadas *cochos*, desde o porto de Quilimane até ás villas de Senna e Tette;

«3.º Que tambem se navegava desde a barra de Luabo até á villa de Senna; sendo esse o unico meio de comunicação que os jesuitas, estabelecidos no praso Mulambe na barra do Luabo, podiam ter com a capital do districto;

«4.º Que o Zambeze corria para o mar pela barra de Quilimane, como acontece ainda em certas circumstancias.

«D'onde se segue :

«1.º Que o illustre dr. Livingstone não podia fazer o descobrimento do porto do Luabo e da sua comunicação por agua com o Zambeze, porque o descobrimento estava feito ha seculos;

«2.º Que a sua asserção de que o rio de Quilimane não é um dos braços do Zambeze não é exacta, pois que a navegação por elle se fazia entre Quilimane e Senna, e ainda se faz nas grandes enchentes que cobrem de agua a parte do seu leito, que com o tempo tem sido obstruida pelos sedimentos do Zambeze, e que fica em secco por muitos mezes; parte esta que se denomina Rio Muto, e está entre o logar do Mazaro, junto ao Zambeze, começando do sitio que tem o nome significativo de *Bôca do Rio*, até ao logar do Interre, desde onde se navega em todo o tempo do anno até Quilimane.

«E convem lembrar que muitos dos rios da Africa austral, e entre elles o Cunene, que é muito consideravel, tem as suas fozes, e parte dos seus leitos, obstruidas durante largos espaços de tempo, e comtudo são sempre consideradas estas partes como leitos dos mesmos rios.

«3.º Que por isso não tem fundamento a asserção do illustre viajante de que um mappa publicado pelo ministro das colonias de Portugal propagara este engano; pois que não existindo tal engano, este não podia ser inventado, nem para favorecer o trafico da escravatura, nem para qualquer outro fim.

«A indicação de que o rio de Quilimane é um dos braços que formam

o Delta do Zambeze, que se vê no mappa da Zambesia, publicado em 1861 pelo sr. visconde de Sá da Bandeira, é a mesma que se acha na *Ethiopia Oriental*, como fica notado, e é a mesma que se acha em todos os mappas da Africa austral, ainda nos mais modernos, entre os quaes bastará mencionar os seguintes :

«1.º O excellente mappa de Africa publicado por Keith Johnston ;

«2.º O mappa itinerario que acompanha o volume que contém as viagens do dr. Livingstone, publicado em 1857 ;

«3.º Outro mappa do mesmo doutor, publicado em 1861 no jornal da sociedade geographica de Londres ;

«4.º O excellente mappa da Africa austral, publicado na cidade do Cabo da Boa Esperança (Cape Town) por H. Hull, em que se acham consignados os descobrimentos do mesmo illustre viajante ;

«4.º O pequeno mappa da Africa austral, que acompanha a obra de mr. Baines, publicada no anno de 1864.

«Assim, se no mappa da Zambesia tivesse havido engano ácerca da foz do Zambeze, esse engano teria sido o de todos os mappas antigos e modernos, incluindo aquelles para que concorreu o reverendo doutor.

«No seu discurso o illustre doutor, referindo-se á viagem que fizera ao rio Chire, diz que julga que antes d'elle nunca havia sido aquelle rio explorado por europeus ¹.

«Sobre esta e outras asserções, feitas ha annos pelo mesmo viajante, publicou o sr. visconde de Sá no *Jornal do Commercio* de Lisboa, do mez de janeiro de 1862, algumas observações, as quaes foram transcriptas em outras folhas portuguezas e estrangeiras, e tambem se imprimiram em francez no *Bulletin de la société de géographie*, de Paris, n.º 18, Juin 1862 ; e igualmente no *Boletim official*, de Moçambique, e a essas observações se referiu o mesmo reverendo cavalheiro em um artigo ou carta que foi impresso no referido *Boletim*, e parece-nos que tambem na sua correspondencia publicada nas folhas de Londres.

«Nas referidas observações se mostrou com citações² de escriptores portuguezes antigos e modernos :

«1.º Que o rio Chire havia sido navegado por portuguezes nos seculos XVI e XVII ;

«2.º Que o lago denominado Maravi nos mappas antigos, e Nhanja no Diario da expedição do major Monteiro em 1834, publicado pelo major Gamitto, havia sido visitado pelos portuguezes no seculo XVII.

«3.º Que os portuguezes haviam feito mappas nos quaes este lago e o rio Chire estavam representados.

¹ *River called the Shire, and as far as we know, was never explored by any europeans be fore.*

² Aquellas citações deve ajuntar-se o testemunho de Antonio Alvares Pereira, que, em carta dirigida á Rainha Regente de Portugal com a data de 15 de setembro de 1661, diz : «que e estivera por capitão em Dambarare dez mezes... e que fôra á corte do rei *Marave*, o Caronga, e que estivera na Alagôa, que é muito grande». Veja-se o *Boletim Official de Goa*, de 15 de setembro de 1865.

«Parecem-nos sufficientes as observações que ficam expostas, para que a exactidão dos factos possa ser restabelecida.

«É com pezar que temos escripto com o fim de contrariar algumas asserções de um viajante, que tem prestado grandes serviços á sciencia da geographia. Para o fazer fomos movidos pela consideração de que os descobridores de novas regiões trabalham em beneficio do saber humano e da civilização geral, e que dos seus esforços resulta em particular gloria ás nações a que pertencem; é por isso que aos membros de cada nação cumpre zelar que a parte de gloria, que realmente a elles pertence, não sofra detrimento.»

NOTA 9.ª (PAG. 118)

RELATORIO DA VIAGEM FEITA AO RIO DOS ELEFANTES EM NOVEMBRO DE 1854

«Desde muito tempo que se fallava no rio Cunene, na fertilidade de suas margens, e na sua riqueza mineral; porém estas noticias, apenas colhidas de individuos que feiravam pelo sertão, nada diziam respeito à sua foz, havendo por isso incerteza se era ou não navegavel em toda a sua extensão. Resolvido pois a prestar algum serviço ao meu paiz, tomei a deliberação de ir pessoalmente à foz d'aquelle rio, a fim de conhecer de que grão de importancia se tornaria para o commercio de Africa aquelle rio, que desagua na costa occidental, e não na contra-costa, como erradamente vem marcado no mappa que faz parte dos ensaios de Lopes Lima sobre a estatistica das nossas possessões ultramarinas; digo que vem marcado erradamente, porque tendo a sua origem no paiz chamado Nano, nome gentílico, e que significa terras altas, divide Molembo, Rombe e Camba, que ficam na margem direita do Canhamo, que fica na margem esquerda, descrevendo uma curva até ao litoral do districto de Mossamedes, em latitude de 17° 15', o que se conclue da descripção que os feirantes do mato fazem do seu curso, bem como do que dizem os moimbas e mossimbas, povos que habitam na margem esquerda, e que entretêm algumas relações com o povo de Craque, povoação ao sul de Mossamedes, a dia e meio de viagem. Finalmente em abono d'esta opinião vem a planta junta n.º 1, copiada de um atlas geographico em inglez (*Boules's new one sheet map of Africa*) no qual se vê a direcção que o rio leva da origem à sua foz, e que pouco differe da que os feirantes ou fonantes descrevem.

«Na firme tenção de dar uma noticia exacta da sua foz, e ver até que ponto era navegavel, em 3 de novembro, depois de lavrado, assignado e archivado o competente auto na secretaria do governo (copia n.º 1), em

barquei na escuna *Conselho*, bem como os srs. Bernardino F. F. Abreu e Castro, director dos colonos, Antonio Acacio de Oliveira Carvalho, capitão do brigue *Aurora*, José Duarte Franco, piloto do mesmo navio, e o colono Antonio Romano Franco, os quaes mostraram vivos desejos de me acompanhar n'esta digressão, e a que gostosamente não pude deixar de annuir. Pelas onze da noite saímos da bahia de Mossamedes, seguindo o rumo do sul, e ao segundo dia de viagem levantou-se por SO. um vento rijo que nos obrigou a ir de capa seguida por algumas horas. No terceiro dia abonançou mais o tempo e proseguimos na nossa derrota; até que finalmente no dia 8 chegámos á latitude da ponta do norte da grande bahia dos Peixes (planta n.º 2), onde entrámos n'esse mesmo dia. Esta vasta bahia, que tem de largura 6 milhas e meia, e 18 de comprimento, é limitada a leste por grandes dunas de areia, e ao oeste por uma península tambem de areia, cuja maxima altura acima do nivel do mar será de 8 a 9 palmos, e offerece um bom abrigo ás embarcações de qualquer lote. A bahia é muito abundante de peixe, sobretudo de baleias, como tivemos occasião de observar. Se porventura ali se estabelecessem feitorias de pesca, estou certo que os lucros seriam avultados para quem se dedicasse a este ramo de industria; e posto que o paiz que a circumda não offereça signal de vegetação, a não ser algum pequeno arbusto da familia dos cactus, comtudo tem muito proximo agua doce; e na costa que segue ao sul da bahia, na extensão de 80 milhas, muitos troncos de arvores que logo suppozemos, como depois se verificou, serem oriundos das margens do rio Cuneni, os quaes, sendo lançados ao mar na occasião das cheias pela sua grande e forte corrente, são depostos pelas marés no litoral ao norte da bôca do rio. Pela occasião de nos approximarmos do fundo da bahia figurou-se-nos ver algum arvoredo e um grande lago, o que tornava mais risonho o aspecto do paiz, mas esta illusão durou poucos momentos; era a refração que nos convertia os pequenos arbustos em grandes arvores, e o phenomeno da miragem que nos fazia tomar por lagos o que apenas eram planicies de areia em que reflectiam as suppostas arvores e outros objectos elevados. Estivemos os dias 8, 9 e 10 fundeados na bahia, na intenção de continuarmos a viagem por mar, e irmos deparar com a bôca do rio; porém sendo aquelle ponto pouco conhecido, havendo o receio de ser difficil a sua entrada, e não acharmos proximo um abrigo seguro para a escuna, decidiu-se fazermos por terra o resto da viagem ao longo do littoral.

•Feitos os preparativos necessarios, pelas oito horas e dez minutos do dia 11 desembarcámos e pozemo-nos em marcha a pé, no numero de dez brancos e onze negros, que nos serviam para conduzir os comestiveis. Depois de havermos descansado duas vezes, tendo-se caminhado por areias moveiças, marcha bastante penosa debaixo de um sol ardente, fizemos alto pelas cinco horas da tarde na praia das Esponjas, onde armámos barraca e passámos a noite, tendo sido o nosso trajecto até ali de 14 milhas, rumo SSO. Pelas quatro horas da tarde do dia 12 proseguimos a nossa jornada na direcção NS. caminhando por grandes bancos de granito, cortados no sentido longitudinal e transversal por veios de basalto, ficando-nos

por leste grandes dunas de areia. A marcha foi menos penosa em rasão do piso ser mais suave, e de termos tido maior numero de descansos por causa dos carregadores que iam bastante fatigados. Às quatro e meia da tarde, tendo percorrido 12 milhas, acampámos junto ao littoral, sem que houvesse sequer um pequeno signal que nos indicasse a proximidade de um rio. Quando se deu ordem para a ração de agua, o que assim se tornava necessario, poisque apenas levavamos duas ancoretas d'ella para vinte e uma pessoas, ficámos um pouco desanimados, sabendo que apenas contavamos com cinco a seis quartilhos de agua, sem esperança de a havermos em logar proximo.

«No entretanto tomou-se a resolução de mandar duas pessoas um pouco mais para o interior, encarregados de fazerem excavações em terrenos baixos em procura de agua, infructuoso trabalho. Inda não descoroçados, e na firme tenção de obviar todas as difficuldades à nossa marcha, partiu para o mesmo fim o sr. Abreu Vianna acompanhado de algumas pessoas. Mal sabiamos que apenas distavamos do rio 4 e 1/2 milhas. Pelas nove e meia da noite voltaram da sua expedição trazendo em duas garrafas uma porção de agua limpida e fresca tirada do rio que no dia seguinte iamós ver.

«Passámos a noite alegremente, e anciosos pelo romper da aurora para chegarmos ao nosso fim desejado. Não tardou muitas horas. Às quatro da manhã levantou-se barraca, e pelas cinco e meia chegou-se à margem direita do rio, legua e meia acima da sua boca. D'aquelle ponto se notaram logo corças de areia, as quaes augmentavam para a sua foz; e junto a esta existe uma insua com alguma vegetação (paizagem n.º 4.) Porém não sendo possivel conhecer d'aquelle ponto se o rio tinha ou não entrada ampla e livre, fomos ao longo da margem direita até à costa; ali tivemos occasião de ver que em frente do rio ha um banco de areia, que liga completamente com a costa, que na occasião das enchentes é roto ou transposto pelas aguas do rio; e que, quando este leva pouca agua esta é infiltrada na areia. Deve-se aqui notar que Pimentel no seu roteiro diz que a corrente d'este rio se faz sentir umas poucas de milhas ao mar; e indica o rumo que uma lancha ou escaler deve seguir na entrada do rio; porém estou intimamente convencido que quando este navegador ali passou foi na occasião da cheia, que considerando-a como o seu curso regular, não apontou por isso esta circumstancia. Ora, se em logar de fazermos o resto da viagem por terra, fossemos por mar, sendo o banco basfante alto, e confundindo-se com o resto da costa, não davamos por certo com o rio, embora a sua latitude se ache bem demarcada. E quando mesmo se pudesse avistar o rio, a costa é tão batida que não permittiria a approximação de uma lancha, sob pena de ficar destruida. Junto ao littoral, e na margem direita do rio, ha bastante vegetação, e ali encontrámos grande quantidade de corças, penelopes, e cabras, que apesar de levarmos as nossas espingardas não foi possivel tê-las a alcance de tiro. A costa n'este ponto corre a SSO., e não offerece abrigo de qualidade alguma. O rio junto ao banco é bastante espraiado, e apenas permittirá que ali navegue um barco de fundo de prato; as suas margens são

pouco elevadas, formadas de areia e calhau rolado com alguma vegetação; voltámos d'esta digressão para o nosso acampamento, e logo depois, e pela primeira vez deparámos com um elefante passeando na margem esquerda. Houve grande alvoroço no nosso pequeno bivac com a apparição d'este pacífico habitante das margens do rio Cuneni, e immediatamente seis individuos da nossa comitiva passaram o rio a vau para lhe darem caça, não sem risco de vida na passagem do rio por causa dos jacarés, em que é abundante.

«Alguns dos caçadores mais atrevidos dispararam as suas armas bem perto do animal, mas este, sem alterar a sua marcha, foi seguindo o seu caminho sem que fizesse o menor caso dos seus perseguidores. No seu passo moroso, mas largo, ganhou aos caçadores grande dianteira, apesar de estes se esforçarem pelo alcançar, e encaminhou-se para o ponto da margem correspondente áquelle onde tínhamos a barraca. Não foi sem algum receio que vimos o animal atravessar o rio na nossa direcção; pozemo-nos em defeza começando a fazer-lhe fogo, o que não impediu que effectuasse a passagem com bastante socego, e seguisse para o interior pela margem direita sacudindo de vez em quando as suas enormes orelhas como signal demonstrativo de lhe ser estranha e pouco agradável a musica das balas.

«Passámos o resto do dia e noite perfeitamente socegados, tendo-se previamente decidido, visto termos ainda mantimentos e grande abundancia de agua, explorarmos o rio até onde podessemos. No dia 14 pelas quatro horas da manhã seguimos ao longo da margem direita, encontrando a cada passo de um e outro lado do rio grandes medas de lenha, e troncos grossos similhantes áquelles que vimos na costa. As margens vão-se elevando a pouco e pouco, e o rio estreitando-se sem que seu curso seja interrompido; mas a duas horas de viagem encontrámos grandes cachoeiras (paizagem n.º 2.) A margem esquerda é formada de elevadas dunas de areia, e a margem direita de grandes rochas graníticas cortadas a prumo, o que nos obrigou a afastar um pouco da margem, e a seguir pelo espaço de quatro horas e meia primeiro que voltássemos ao rio. Foi este um dia de marcha mais penoso que tivemos, e sobretudo para os carregadores, em rasão do terreno ser cortado por grandes ravinas, que ora eram transpostas, ora torneadas.

«Não sendo possível proseguir mais n'aquelle dia em rasão do grande canção, caminhámos para o rio a fim de na sua margem escolhermos um local onde passássemos a noite; effectivamente chegámos a um sitio agradável e pittoresco, mais rico de vegetação, sendo a maior parte d'ella composta de cedros de dimensões muito menores que os da Europa; as margens são aqui um pouco espraçadas, offerecem, sobretudo á direita, facil transito, sem que comtudo deixe de ser orlada de grandes rochedos, continuando pela margem esquerda sem interrupção as dunas de areia. Neste logar encontrámos grande quantidade de bosta de elefante, pégadas de zebras, corças, raposas, macacos, e de leão. A direcção do rio é de NE. quarta de L.

«Em 15 continuámos a marcha com grande escassez de mantimentos, sem esperanza de obtermos caça de qualidade alguma. Pelas nove horas e

meia apertando mais o calor fizemos alto para descansar e almoçar o resto do nosso farnel, na firme tenção de retrocedermos, e ganharmos a bahia no mais curto espaço de tempo, para não passarmos por crise de fome n'um paiz onde se não encontrava vestigio algum de gente. Felizmente durante o descanso avistou-se um elefante com seu filho em uma ilha de capim, a menos de tiro de fuzil. Houve logo idéa de accommetter a mãe para lhe apanhar o filho, mas a que eu não annui, pois que sobre mim pesava grande responsabilidade, se por desgraça algum da comitiva fosse victima do seu atrevimento; estivemos por algum tempo vendo o animal andar de roda do filho, como querendo abriga-lo de alguma aggressão, até que por fim o desamparou e seguiu pelo rio acima. Logo que o perdemos de vista consenti que fossem dar caça ao filho: em breves minutos um dos soldados que nos acompanhava, soldado preto e desembaraçado, transpoz o espaço que mediava entre nós e o animal, e á queima roupa lhe disparou um tiro que o varou de espadua a espadua. Foi immediatamente conduzido por seis pessoas para o logar onde estavamos, aberto e esfolado, esquartejado, e distribuido em rações. Pesava 7 arrobas, apesar de ser recém-nascido, o que se verificou por não ter cousa alguma nos intestinos, e sómente uma porção de leite contido no estomago. Mandou-se logo cozer e assar uma porção de carne, e posso asseverar que é excellente.

• Pouco depois proseguimos mais satisfeitos a nossa viagem: o aspecto do paiz que iamós percorrendo era sempre o mesmo, com a differença porém da vegetação ser mais desenvolvida (paizagem n.º 3), e as pégadas de differentes animaes serem em maior numero, com especialidade as de elefante, o que leva a crer que nas margens do rio, mais para o interior do paiz é onde persistem grandes manadas de elephantes, e que em certas épocas do anno descem ás margens por que caminhamos.

• Desde a bôca do rio até ao logar a que podêmos chegar, que se calculou ser de 21 milhas, encontrámos oito elefantes dirigindo-se para o interior do paiz. Até este ponto o rio não tem importancia alguma, é bastante estreito, tortuoso e cheio de cachoeiras, e por isso innavegavel. Inda mesmo que se destruíssem as cachoeiras, o que não era impossivel, o rio nunca poderia ter a sua foz completamente desembaraçada; por quanto sendo a margem esquerda formada por grandes morros de areia, com facilidade é levada pela força da corrente, e em occasião de cheias, até junto da sua foz, aonde sendo o rio mais espraiado é ali depositada, em consequencia da velocidade da corrente ser menor. Se o rio é navegavel em alguns dos seus pontos não o sabemos, nem tão pouco a que distancia nos ficam os povos que habitam suas margens; o que divisámos foi uma cordilheira de montanhas na direcção NS., e bastante elevadas, que suppozemos distarem de nós de 6 a 7 leguas. Não nos dispozemos a transpo-las em rasão das poucas ou quasi nenhumaes commodidades com que fizemos esta viagem; alem de que a nossa missão era outra, e estava cumprida; e por isso no dia 16 regressámos á grande bahia dos Peixes na direcção NO. quarta N., onde chegámos no dia 17 pelas dez horas da manhã; tendo sido nosso trajecto por terra e a pé trinta e tantas leguas. Seguiu-se o embarque, e pela uma

hora da tarde fez-se a escuna de vóla, e ás quatro horas da tarde do dia 18 lançava ferro na bella bahia de Mossamedes. Logo depois do desembarque lavrou-se um novo auto (copia n.º 2) das circumstancias que se deram na viagem, e dos motivos que nos levaram a alterar a denominação d'aquelle rio. Os resultados d'esta digressão vão-se sentindo; varios moradores de Mossamedes, e que costumam negociar para o mato, preparam-se para fazer por terra uma excursão ás margens do rio dos Elefantes, onde de certo vão achar mais uma fonte de riqueza para o commercio do estabelecimento; se porventura tratarem amigavelmente com o gentio d'aquellas paragens, o que de certo influirá para que de futuro venha pessoalmente negociar a Mossamedes, a exemplo dos povos dos Gambos, Huilla, Jau, Humpata, Quillengues, Humbe, Camba, Mulondo e outros.

• Mossamedes, 20 de Novembro de 1854. = *Fernando da Costa Leal.* •

NOTA 10.^a (PAG. 150)EXCERPTO DO CAP. LXXIII DA VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO
PELO PADRE FRANCISCO ALVARES¹

Dos frangues que estão na terra do Preste, e como ali aportaram,
e como nos aconselharam que déssemos a pimenta e fato que trasiámos

• Domingo 29 dias de Outubro vieram a nós dous dos dictos frangues disendo que vinham com accordo que entre si houve acerca do que ouviám diser de nós, e que os da cõrte disiam que a pimenta, e todas as roupas que trasiám, eram do Preste João, e que o capitão mór lh'o mandava, e que pois lh'o não queriámos dar, que assim não achariámos graça com elle: que lhes parecia que era bem dar esta pimenta que trasiámos, e toda a outra roupa, porque d'outra maneira não haveriámos licença da tornada, porque este era seu costume nunca deixar tornar quem a seus reinos vinha; e que antes queriám peças e trapos do que cidades e reinos; e que este era o seu parecer. Sobre isto ouvimos conselho, e com o parecer do embaxador e de nós outros todos; accordámos que de cinco fardos de pimenta, que ainda tinhamos, dar os quatro ao Preste e para nossa despeza ficasse um. Determinámos mandar-lhe mais quatro caixas encoiradas que havia na companhia em que vinham vestidos; e isto por nos parecer que folgaria com ellas, e que alcançariámos graça.

• Logo na segunda feira muito cedo 30 de Outubro, vieram a nós os frangues com muitas mulas e homens seus criados para nos levarem o fato. Determinou o embaxador com todos nós outros mandar o dicto presente de pimenta e caixas, e que eu com o escrivião e feitor lh'o levássemos,

¹ Ms. da academia real das sciencias de Lisboa.

e que o embaxador com a outra gente iriam mais á tarde. Partimos com a dicta pimenta e caixas; e indo no caminho achámos um mensageiro que nos disse que trasia palavra do Preste, e apeou-se para no-la dar, e nós apeámo-nos para a receber; porque assim é o seu costume de darem a palavra d'El-Rei em pé, e em pé ser ouvida. Disse-nos que o Preste João mandava que logo nos viessemos ao arraial. Disse-nos que o embaixador logo vinha após nós, e que elle tornasse connosco para que nos desse maneira como podessemos apresentar um serviço que levavamos a sua alteza. Disse-nos que assim o faria, e porém que lhe dariamos nós a elle, porque este é o seu costume sempre pedirem. Contentamo-lo de palavra com tenção de lhe não dar nada. Levou-nos deante de um cerco grande de sebe alta, dentro do qual estavam muitas tendas armadas, e uma casa grande comprida e terrea cubertas de palha em que diziam algumas veses estar o Preste; e disse-nos este homem que alli estava. Ante a entrada d'esta sebe estava muita gente em grande maneira, e estes assim mesmo disiam que estava alli o Preste. Descavalgámos um pedaço atraz (segundo seu costume) e d'ahi mandámos diser em como queriamos apresentar um serviço a sua alteza. Veiu a nós um homem honrado disendo quasi maremeo-reo, como não vinha o embaixador: respondemos-lhe que porque não tinha mulas, nem gente com que levasse o fato, e que agora viria porque os frangues foram por elle. Pedimos a este homem que nos desse maneira como podessemos apresentar aquella pimenta e caixas a sua alteza. Disse-nos que não curassemos de nada, e que em todas as maneiras viesse o embaixador; e vindo quando o mandassem chamar, levaria o serviço. Mandou-nos logo este homem mostrar onde assentassemos tenda quando viesse; e o embaixador não tardou nada.»

EXTRACTO DO CAP. LXXX

Como o Preste mandou chamar ao embaxador, e das perguntas que lhe fez, etc.

«Na quinta feira 8 dias do dicto mez de Novembro nos mandou chamar o Preste João, e logo fomos.

«Determinou o embaixador mandar levar as caixas e os fardos de pimenta que já lhe promettera. Chegando nós á entrada da primeira sébe, de fóra nos detiveram com frias perguntas, é tudo sobre uns negros que eram prezos pelo furto que lizeram ao embaxador; e tanta foi a pratica e perguntas, que nos mandaram soltar os prezos sem mais conclusão nem remedio do furto; e comtudo nos mandou dar trezentos pães e trinta jaras de vinho, e certas iguarias de carne da sua meza, e assim nos tornamos á nossa tenda. Mandaram-nos outra vez chamar, e depois de idos estivemos grande pedaço em perguntas, quaes entre outras foi, se vinha o embaxador por mandado do Rei de Portugal, ou do seu capitão mór? e se quando viera a Macão, o capitão matara os Mouros todos, e se tornaram já para ali alguns? e se faziamos caminho de mar para Danuta que era

mais perto? e se eramos criados de El-Rei, como não trazíamos cruces ao hombro... na carne, que assim é o seu costume, todos os criados do Preste tem uma cruz no hombro direito, e os senhores grandes e pequenos: e pois lhe davamos a pimenta que levavamos que morreríamos no caminho. Respondeu o embaxador que comeríamos muito oiro e prata que trazíamos, e muitos panos, tudo de El-Rei de Portugal: e assim respondeu a cada uma das perguntas como lhe convinha, e sobretudo requereu-lhe lhe desse licença e despacho para nosso caminho. Sobre isto veio resposta, que não houvessemos medo, que cedo nos havíamos de ir. Respondeu o embaxador, que medo podíamos nós ter estando diante sua alteza, e na sua côrte e reino, e senhorios, e todos christãos? Com isto nos mandou para a pouxada.

•Na sexta feira seguinte mandou o Preste João as espadas que lá tinha. O embaxador lhe mandou dizer que se lhe bem pareciam as levassem, e que receberia mercê servindo-se d'ellas. Veio logo resposta, que se as elle tomasse que dizia El-Rei de Portugal, que tomavam as espadas aos seus de que elles haviam mister. Ainda lhe tornou o embaxador a mandar dizer que se houvesse por servido d'ellas e as tomasse, que na India havia muitas nas fortalezas de El-Rei, e em suas feitorias; e que El-Rei folgaria muito de sua alteza se servir das armas de seus vassallos. Indo este recado vieram da parte do Preste pedir umas calças, e o embaxador lh'as mandou, umas suas e outras de Lopo da Gama, e lhe mandou dizer que as calças, vestidos e espadas, e todas as outras peças que havia visto, e soubesse que o embaxador e seus companheiros tinham, todas estavam a seu serviço, e lhes fazia mercê mandar por tudo o que lhes bem parecesse, por que, servindo-se de suas cousas, o capitão mór e El-Rei de Portugal lhes fazia por isso mercês. Mandou fazer muitas perguntas n'este dia, as quaes tiveram suas respostas, as quaes por evitar prolixidade não escrevemos.

NOTA 11.ª (PAG. 214)

PARA D. MIGUEL ANTONIO DE MELLO, GOVERNADOR E CAPITÃO GENERAL
DO REINO DE ANGOLA

«O Príncipe Regente Nosso Senhor manda remetter a V. S.ª a inclusa copia da relação que fez subir á Real Presença o Governador dos Rios de Sena, e que contém todas as informações que alcançou dos cafres sobre a comunicação que elles tinham com os dominios de Sua Alteza Real na costa occidental de Africa, e em consequencia das quaes o dito governador formou o plano de viagem, em que se propunha atravessar o interior da Africa, e communicar as duas costas; e he Sua Alteza Real servido que V. S.ª veja se he possivel tentar alguma expedição a este respeito, e ir prolongando alguns presidios pelas margens mais distantes do Quanza, ou se ao menos se podem descobrir vestigios de comunicação dos negros com os cafres, ficando V. S.ª na intelligencia que fará um serviço á real Corôa, se pelo meio da comunicação das duas costas procurar dar ao commercio, e interesses d'esse reino uma extensão e solidez vantajosa. Igualmente deve V. S.ª ficar intendendo que este plano de comunicação, de que trata o Governador dos Rios de Sena, e projecto de prolongar os presidios interiores a fim de evitar toda a correspondencia do Loje ou Ambris com o interior do certão donde vem a escravatura, são os dois grandes objectos de que Sua Alteza Real especialmente o encarrega; pois que d'elles he que se pôde esperar todo o beneficio para esse continente, e V. S.ª poderá, a fim de conseguir felizes resultados das tentativas que empreender a este respeito, pedir aos Governadores do Brazil algum soccorro de gente, o qual elles promptamente fornecerão em virtude das reaes ordens que a este assumpto lhes tem sido expedidas.

«Deus guarde a V. S.ª Palacio de Queluz, em 14 de Março de 1800.—
D. Rodrigo de Sousa Coutinho.»

NOTA 12.ª (PAG. 220)

Don aqui na integra o Decreto com força de lei, do qual indiquei sómente algumas das disposições, mas que muito convém ser conhecido, e é necessario que seja inteira e pontualmente executado.

«Attendendo á urgente necessidade de organizar e promover a instrucção primaria nas provincias ultramarinas; usando da auctorisação concedida pela Carta de Lei de 2 de maio de 1843, e tendo ouvido o conselho de ministros e o de estado; hei por bem decretar o seguinte:

«Artigo 1.º Em cada uma das provincias ultramarinas haverá o numero de cadeiras de instrucção primaria, necessario para a instrucção dos seus habitantes.

«§ 1.º O governo, sobre proposta dos respectivos governadores, em conselho de governo, fixará o numero, e os locaes das escólas em cada provincia.

«§ 2.º O governo, quando julgar conveniente, poderá crear novas escólas, ou transferir as existentes, precedendo sempre informação do respectivo governador em conselho.

«Art. 2.º Em cada uma das escólas se ensinará: ler, escrever e contar, principios geraes de moral, doutrina christã, exercicios grammaticaes, principios de geographia, e especialmente a noticia das diversas provincias da monarchia portugueza, historia sagrada do antigo e novo testamento, historia portugueza.

«§ unico. O governo poderá ordenar o ensino d'outros objectos nos lugares, e á proporção que o julgar conveniente.

«Art. 3.º As cadeiras serão providas por concurso em quem mais habil se mostrar nos diversos objectos, que dever ensinar, com tanto que n'elle concorram as circumstancias phisicas e moraes, necessarias para o magisterio.

«§ 1.º Só se dará provimento vitalicio aos individuos que se mostrarem habéis em todos os objectos, que forem obrigados a ensinar.

«§ 2.º Quando não apparecer oppositor digno de provimento vitalicio, poderá ser provido por tres annos o individuo, que melhores habilitações tiver.

«Art. 4.º Os ordenados dos professores serão fixados em relação assim ás circumstancias especiaes de cada provincia, como do local da escola.

«Art. 5.º Os professores que completarem vinte e cinco annos de bom serviço no magisterio, serão jubilados, se o requererem, com o seu ordenado por inteiro.

«§ unico. Se se impossibilitarem do magisterio, tendo dez annos de bom serviço, serão aposentados com dous quintos do seu ordenado; e tendo mais de dez, vencerão mais quatro por cento por cada anno que exceder aos dez.

«Art. 6.º Só terão direito à jubilação ou aposentação, os professores que tiverem provimento vitalicio, mas contar-se-lhes-ha para aquelle fim qualquer tempo que tenham servido com provimento.

«Art. 7.º Alem das escolas de que tratam os artigos antecedentes, no estado da India, e em cada uma das provincias de Moçambique, Angola, Cabo Verde, e S. Thomé e Príncipe, haverá uma escola que se denominará =escola principal de instrucção primaria= na qual alem dos objectos designados no artigo 2.º, se ensinará grammatica portugueza, desenho linear, noções de geometria pratica, escripturação, noticia dos productos naturaes da provincia, ou que n'ella se fabriquem, e que sejam ou possam ser objectos de industria ou de commercio, ou dignos de serem conhecidos pela sua utilidade na economia domestica, noções de physica applicada á industria e á economia domestica.

«§ unico. Estas escolas serão collocadas nos logares em que poderem ser mais uteis.

«Art. 8.º Cada uma d'estas escolas terá dous professores, entre os quaes será dividido o ensino, na fórma do regulamento especial da escola.

«Art. 9.º As cadeiras das escolas principaes poderão ser providas sem dependencia de concurso em individuos, que pela sua intelligencia, saber e moralidade, sejam dignos do magisterio n'estas escolas.

«§ unico. Os individuos providos só terão direito aos competentes vencimentos desde o dia em que partirem para a respectiva provincia.

«Art. 10.º O governo fica auctorisado para dispender com a habilitação dos primeiros dez professores, que forem para as cinco escolas principaes até á quantia de 3:000\$000 réis.

«Art. 11.º Cada um dos professores das escolas principaes vencerá annualmente no estado da India, 300\$000; em Moçambique, Angola, e S. Thomé e Príncipe, 500\$000 réis; e em Cabo Verde, 400\$000 réis, tudo em moeda do reino.

«Art. 12.º Na falta, ausencia ou impedimento prolongado de algum dos professores das escolas principaes, poderá ser addido á respectiva escola, como professor temporario, algum individuo, que tenha sido ou esteja

sendo alumno da escola, com tanto que tenha a idade, a sciencia, e mais qualidades necessarias para poder dignamente ser empregado na parte do ensino que lhe deva ser encarregado.

•Art. 13.º Os professores addidos só servirão em quanto durar a falta, ausencia ou impedimento dos professores proprietarios, e em quanto servirem vencerão um terço do ordenado, que competir aos professores proprietarios.

•Art. 14.º Os professores das escolas principaes, que tiverem completado vinte annos de serviço e residencia effectiva no estado da India, ou quinze nas provincias da Africa, serão jubilados, se o requererem, com o seu ordenado por inteiro.

•§ 1.º Os mesmos professores se se impossibilitarem de servir tendo completado oito annos de serviço, e residencia effectiva no estado da India, serão aposentados com a terça parte do seu ordenado; e tendo completado seis annos de serviço e residencia effectiva nas provincias da Africa serão aposentados com metade d'elle.

•§ 2.º Assim os que tiverem servido na Asia, como os que tiverem servido em Africa, sendo aposentados por motivo de molestia, vencerão alem da terça parte, ou metade do ordenado, uma vigesima parte d'elle por cada anno, que alem de dez tiverem servido na Asia, e alem de oito na Africa.

•Art. 15.º Em cada provincia haverá um conselho inspector de instrucção primaria. Este conselho não terá menos de tres membros; e o governo poderá nomear para elle quaesquer individuos residentes nas respectivas provincias, que pelos seus conhecimentos e mais qualidades forem aptos para tal cargo. O governador da provincia será membro e presidente do conselho.

•Art. 16.º Compete aos conselhos de instrucção primaria :

•1.º Presidir aos exames dos professores, e decidir da sua aptidão. Quando ao conselho parecer conveniente, poderá delegar a presidencia dos exames em dous ou mais dos seus membros;

•2.º Cumprir e fazer cumprir todas as leis e regulamentos respectivos á instrucção primaria;

•3.º Preparar todos os regulamentos necessarios para a instrucção primaria na provincia, e solicitar as providencias, que dependerem da resolução regia.

•Art. 17.º O governo dará todas as providencias necessarias para a execução do presente decreto, e tanto n'estas providencias, como nos casos aqui não especificados, se terá em attenção, e seguirá quanto for possível a legislação geral sobre a instrucção publica, e especialmente o decreto de 20 de setembro de 1844, na parte relativa á instrucção primaria.

•Art. 18.º O governo dará successivamente conta ás côrtes das providencias que for dando, e dos seus resultados.

•Art. 19.º Fica revogada a legislação em contrario.

•O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Cintra, em 4 de agosto de 1845. — Rainha. — *Joaquim José Falcão.*

NOTA 13.ª (PAG. 245)

CARDONEGA, HISTORIA GERAL DAS GUERRAS ANGOLANAS,
MS., TOM. II, PAG. 319 A 324

• Vendo o capitão-mór, e mais pessoas que em materia de guerra tinham voto, a falta em que se achava aquelle exercito de bastimentos, por mais que o muito desvello e cuidado do governador os estava muito a miudo soccorrendo; que mal podia abundar a nossa guerra preta, e que não tendo o soccorro necessario, havia de desemparar o nosso arraial e campanha, aventaram que antes que se vissem impossibilitados, tratassem com todo esforço e valor de entrar a fortaleza das Pedras á força de armas, que assim convinha á nossa reputação dar bom fim áquella empreza, pois toda a gentildade d'estes reinos estava álerta para ver em que parava esta jornada. Os que foram mais d'este parecer foram os moradores da villa da Victoria de Massangano, como pessoas que toda a sua vida tinham exercitado as armas, e occupado postos honrosos na milicia, servindo ao Principe Nosso Senhor como seus leaes vassallos; e facilitavam esta tão ardua e difficullosa empreza por verem que de conseguir-se dependia a conservação d'estes reinos, e ser esta das cousas de maior opinião e reputação que tinha havido em Angola, por se ter por impossivel.

• Tomado o dito parecer entre todos os cabos mayores da milicia, e propostas as ditas razões, vieram a conferir unanimes se avançassem áquella tão inexpugnavel fortaleza das Pedras de Mapungo, que em seu nome proprio, na lingua Ambunda de Angola, significa *cousa de admiração e espanto*, porque *ma-ma* quer dizer o mesmo, e *pungo* designa *logar levantado, cousa alta, o céu*, e quando noméam a Deus lhe chamam *Zambi-Apungo, Senhor das Alturas*; e como aquellas levantadas penedias sobem e se levantam muito alto, lhes chamam as Pedras de Mapungo.

•E para que aquelle rei e o seu sequito se descuidassem, deixavam alguns dias de entender com elles em a sua fortaleza das Pedras, andando a nossa guerra preta com o Alferes de cavallos e sua tropa correndo aquella campanha ao largo, impedindo-lhes os soccorros de bastimentos; e tendo intelligencia o capitão mór, como filho da terra e dextro na lingua abunda, mettendo nas Pedras algumas espias, que como que levavam recados áquelle rei de alguns sovas seus amigos; sendo os mesmos exploradores vassallos de alguns que elle tinha por seus alliados, e em conta de fleis, que tudo faz fazer o premio e o interesse. Estes taes, vendo e explorando o modo e maneira com que estavam os cercados, observarão como n'aquella principal subida, costa arriba, não assistia muito numero de gente nas trincheiras e baluartes, e se deitavam as sentinellas a dormir por verem que os sitiadores os não desinquietavam como sohião. O cabo maior, tendo esta certeza, preparou algumas tropas de soldados filhos da terra, de pé ligeiro e mui dextros nas armas, para que tem particular mão este gentio, e nomeou por cabo d'ellas a Manuel Nunes Cortes, que havia já servido de capitão de gente de guerra em a occasião da rota em a provincia de Libolo com o capitão mór Antonio Rodrigues Pacheco, e se havia resgatado por via da Rainha Ginga do poder do sova Quilembi-Lembi.

•Marchou este cabo com suas tropas e capitães d'ellas no silencio da noite, acompanhados do escuro d'ella, levando consigo a guerra preta com instrumentos de ferro para cortarem e desfazerem aquellas trincheiras inimigas. N'esta conformidade foram marchando com todo o silencio, encubertos de alguns palhagaes que n'aquella campanha havia, e o capitão mór, deixando na nossa fortificação a guarnição necessaria, sahio fóra com as companhias de infantaria com seus capitães, e os moradores que consigo tinha, e acompanhavam aquelle exercito e bandeiras reaes. Estando d'esta sorte preparado para o soccorro das tropas e guerra preta conforme a occasião o pedisse, foram ellas avançando e chegaram ás primeiras trincheiras sem serem sentidos d'aquelle inimigo, e as começaram a cortar e desfazer, entrando-as e hindo subindo as mais foram sentidos, e se pozeram em defesa; mas as ditas tropas com seu cabo e sobrado valor se oppozeram com tal bizzarria e deliberação que as entraram, dando aquelles inimigos continuas cargas com muita destreza, e a guerra preta sem cessar de cortar e derrubar as trincheiras e baluartes; com o que vendo-se aquelles inimigos assaltados com tão repentina furia, porque muitos estavam no melhor do seu somno, confiados em que não houvesse quem os pudesse entrar. Ao rumor dos tiros se foi chegando o capitão mór e mais gente, dando calor aos das tropas, as quaes foram seguindo suas avançadas, levando tudo á escala, até se pôrem em todo o cima da praça.

•A confusão da noite causou n'aquelles gentios grande terror. Aquelle Rey tendo noticia do succedido pelos tiros e vozerias dos nossos e dos seus, e que era entrada a sua grande fortaleza, em que elle e a sua gente tanto conflava, sahio do seu palacio e morada cheio de temor, como quem se alevantava de dormir, que não entra depressa em si. O valeroso do seu general e irmão fez n'aquelle repente não cuidado, nem d'elle imaginado,

com grande esforço e coragem alguma resistencia, e vendo que já não podia obrar cousa que fosse de proveito por lhes faltarem muitos do seu generalato, tratou de tomar as penhas, e por ellas se foi safando o melhor que pôde, descendo por ellas abaixo a pôr-se em salvo com alguns dos seus mais confidentes. O Rey, tomando n'aquella tamanha afflicção seu accordo, se sahio por caminho ou despenhadeiro incognito com suas mulheres e alguns filhos, e gente, que n'aquella infausta tragedia para elle, o quizeram acompanhar, como a seu Rey e senhor, sendo a sua fuga para a parte do rio Coanza e Libolo, como foi logo sabido.

•Entrada que foi pelo nosso exercito aquella tão inexpugnável fortaleza das Pedras de Mapungo, tendo os nossos morto a todos os inimigos rebelados que se lhes oppozeram, tudo obrado com grande valor e resolução portugueza, não deixando de haver da nossa parte perda de mortos e feridos, e muito sangue derramado, que a guerra se não alimenta de outra cousa, e o levar-se por empresa, com tanto esforço do braço portuguez, foi causa de não ser a perda da nossa parte mais considerável, sendo a d'aquelles inimigos tão numerosa, permitindo Deus o seu descuido para castigo dos que mal obram, como este Rey D. João e vassallo do Principe Nosso Senhor o havia feito, vendo se se podia isentar da devida vassallagem, a quem devia o estado e grandeza que tinha, acrescentando, contra o que devia, culpas a culpas, e desobediencias a desobediencias.

•A nossa gente foi aprisionando muita d'aquella inimiga, e saqueando tudo que acharam, assim d'aquelle Rey, como de seus vassallos, que como alli tinham mettido tudo que possuíam, por lhes parecer o tinham seguro, foi esbulho de consideração. A nossa gente, assim branca como preta, teve bem com que satisfazer seus desejos e molestias. Tudo esteve na boa disposição do Governador e Capitão geral com que ordenou esta empresa, e occasião de tanta importancia para estes reynos e vassallos d'elles, estando continuamente dispendendo soccorros de gente e munições, e dando ordem do que se havia de obrar. Semana houve em que despachou d'esta cidade tres comboyos, advertindo ao senado da camara para dar carregadores, tirados pelos cidadãos e moradores para os comboyar, o que é bem notorio ao auctor d'esta narração, pois n'esse tempo occupava na camara o cargo de vereador mais velho.»

NOTA 14.ª (PAG. 255)

OFFICIO DO DR. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, GOVERNADOR DOS RIOS DE SENA, AO MINISTRO D'ESTADO D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, DATADO EM TETE EM 22 DE MARÇO DE 1798.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Sobre a importantissima diligencia que Sua Magestade me incumbio, de ir descobrir ou verificar a possibilidade da communicação das duas costas oriental e occidental da Africa, se me offerece participar a v. ex.^a, para pôr na presença da Soberana, que:

Sem demora pretendo dar a mais prompta execução á determinação de Sua Magestade, e quando me via perplexo sobre o meio mais proprio de o fazer, fluctuando em considerações, por que ignorava os verdadeiros caminhos por onde devia transitar, de fórma que os meus passos fossem acompanhados da esperança de produzirem um bom effeito, tive o gosto de ver chegar a esta villa um homem antigo d'estes sertões, por nome Gonçalo Caetano Pereira, que já no tempo do meu antecessor explorara o logar ou sitio em que ficava um rei por nome *Cazembe*, vizinho às terras de Angola, o qual tinha sido mandado por seu pae para conquistar algumas terras do interior de Africa, como fez, e se acha na posse das terras dos *Muizas*, e outras; e tendo vindo com o dito Gonçalo Caetano Pereira dois enviados visitar-me da parte do seu rei, tive d'estes e d'aquelles as boas noticias que eu desejava, de que formei o depoimento, que, com este, ponho na presença de v. ex.^a¹

Com estas noticias tomei a deliberação de me não demorar, tanto porque me aproveito de trezentos cafres *Muizas*, que vieram em companhia de um filho do dito Gonçalo Caetano Pereira (auctor de todas as noticias)

¹ Em logar proprio (V. o cap. xi) dou o extracto das informações aqui alludidas.

sem cujo soccorro não poderia seguir viagem, pela falta que aqui ha de escravos, fallecidos e desertados por causa da fome, como em virtude das ordens apressadas de Sua Magestade, não obstante não dever fazer dos Muizas e do Cazembe a confidencia precisa.

As providencias que levo para esta diligencia são as que pude apromptar n'estes Rios, levando comigo 50 soldados, para o que mandei fazer algumas recrutas, e seus officiaes de tropa, para por elles mandar fazer as diligencias que levo projectadas, pela descripção que me fizeram do terreno, visto que a minha partida precipitada (como se faz preciso) não deu logar a pedir de Moçambique soccorro algum, o que eu em parte estimo; porque o capitão general me chegou a dizer que não desejava saber, ou ouvir uma só palavra a respeito d'esta minha diligencia, e que prestaria os soccorros que fossem necessarios.

Até fim do mez de Maio é o tempo em que posso seguir viagem, como pretendo, de que dou parte a v. ex.^a

Deus guarde a v. ex.^a Tete, 21 de março de 1798. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho = O dr. *Francisco José de Lacerda e Almeida*.

NOTA 15.ª (PAG. 282)

Os dois documentos que seguem serão lidos de certo com curiosidade.

O officio do Major Monteiro, dando muito succinta noticia da expedição por elle commandada, não pôde deixar de excitar vivo desejo de ler o muito importante *Diario* da mesma expedição, já por mim mais de uma vez recommendado, e que foi coordenado pelo segundo commandante da mesma o Major Gamitto¹. Pelo que respeita ao officio do capitão general de Angola Antonio Manuel de Noronha, alem de mostrar o cuidado que deveram sempre ao governo de Portugal, e ás auctoridades superiores de Africa, os descobrimentos feitos no interior do continente africano, prova ao mesmo tempo a muita conta em que a referida viagem de exploração, effeituada pela expedição Monteiro, com rasão era tida. O dr. Livingstone sem duvida não ha de folgar de que se tornem assim publicos e conhecidos estes documentos, assim como outros já mencionados por mim n'este *Exame*, ou consignados em differentes *Notas*. Não é de maravilhar que d'esta sorte aconteça, pois que matam elles muitas das suas infundadas e injustas asserções. Pelo demais julgo desnecessario advertir que, quando este officio foi recebido, já a viagem da expedição era conhecida muito particularmente em Portugal e em toda a Europa.

Eis-ahi os dois documentos :

«Ill.^{mo} ex.^{mo} sr.—1.º Tenho a honra de expor a v. ex.^a que na noite do dia 25 do corrente se me apresentou Manuel Antonio Pires, Alferes da companhia movel de Pungo-Andongo, e alli negociante, o qual me entre-

¹ O major Gamitto falleceu em abril do corrente anno (1866) na cidade de Setubal, sua patria. Ouvi que deixára alguns manuscriptos curiosos relativos á Africa oriental, onde residira perto de trinta annos ; mas, apesar de boa diligencia, não pude obter noticia d'elles.

gou, no estado em que se acha, o papel que do mesmo modo remetto a v. ex.^a, dizendo-me haver-lh'o trazido um dos seus pombeiros que penetrara no sertão até Lunda, Banza do potentado Cazembe, onde lhe fôra dado por um gentio d'aquella nação, e de quem o havia confiado o Major José Manuel Correia Monteiro, que alli viera em uma expedição, cuja narração faz o contexto do mesmo papel, que é datado de Lunda em 10 de Maio de 1832.—2.º O dito Alferes não podia, ou sabia explicar a marcha que deveria ter seguido o mesmo Major, vindo de Tete áquelle ponto (o que não era preciso porque isto se acha bem declarado na memoria de Lacerda), mas até mesmo se confundia a respeito dos caminhos da sua direcção desde Pungo-Andongo até Lunda, caminhos que frequentavam algumas vezes os seus pombeiros; mas deixou perceber que nas suas marchas seguiam em muitas partes o curso do rio Quanza, dando assim a entender que deixavam á esquerda as terras de Cassange; o que elle não sabia decidir, ou por atarantado ou por ignorante. Entretanto aquelle papel (posto que eu por ora lhe não dê todo o credito) combina em grande parte com o resultado de outras anteriores pesquisas; e, se houver em Pungo-Andongo, ou melhor no Duque de Bragança, por mais avançado no interior, uma colonia possante, como digo no meu officio n.º 11, que ponha em respeito todo o sertão, estarão remidas todas as maiores difficuldades que offerece o commercio com a costa occidental; pois do Duque de Bragança para o Norte seguem terras de Hoholo, e logo os Moluas, que já deram provas de querer o nosso trato; alem d'estes segue o Cazembe seu tributario, e logo estão os nossos alliados da fronteira dos Rios de Senna.—3.º Talvez que, partindo de Pungo-Andongo, e deixando as Cassanges á esquerda, o caminho seja mais curto, e os povos intermedios sejam trataveis; mas o primeiro indicado já é conhecido.—4.º Eu comtudo não descancarei na diligencia de communicar o mais francamente que seja possivel com as provincias da costa oriental d'esta região, a fim de ver se obtenho o commercio da Asia através do sertão, se a intriga e interesses estrangeiros não fizerem nascer obstaculos taes, que sejam superiores a toda a energia e zelosa diligencia.—5.º Logo que eu tenha uma escuna á minha disposição, espero com ella explorar a embocadura (e curso até onde for possivel) do Rio Cuenene; mas este objecto deve, por circumstancias que em outro direi a v. ex.^a, ser reservado. Esta exploração é de summa transcendencia para o objecto; porém a minha posição é tal que, achando-me rodeado sempre das maiores intrigas, não vendo senão obstaculos, talvez postos por aquelles de quem eu esperava, e me deviam prestar os maiores auxilios nos meus projectos, vejo-me reduzido a faltar-me o tempo para escrever uma carta mesmo apesar das minhas vigalias, e de não ter esperado o restabelecimento de duas graves molestias de que tenho sido atacado. Deus guarde a v. ex.^a Loanda, 30 de Abril de 1839.—III.^{mo} ex.^{mo} sr. Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, e encarregado dos da Marinha e Ultramar. = *Antonio Manuel de Noronha.*

•III.^{mo} ex.^{mo} sr.— Com bem pouca esperança de que esta minha participação chegue à presença de v. ex.^a, pela superstição d'estes barbaros povos; comtudo o desejo que tenho de servir a minha patria, e de realizar as sabias intenções do meu governo, me obrigam a dar uma breve noticia d'esta expedição, de que tenho a honra de ser commandante. Com a chegada do ill.^{mo} governador Manuel Joaquim Mendes de Vasconcellos e Cirne à capitania de Quilimane e Rios de Senna na Africa oriental, vieram ordens de Sua Magestade para se fazer a expedição para o imperio do Cazembe, as quaes tiveram execução. No 1.^o de Junho do anno proximo passado sahio esta expedição da villa de Tete com o seu destino para aqui, sendo composta de quatrocentas e vinte pessoas; sendo as principaes eu como seu commandante, o Capitão e Commandante da praça e guarnição da villa de Senna Antonio Candido Pedroso Gamitto, como segundo commandante, primeiro da força militar, e recebedor das fazendas e petrechos de Sua Magestade pertencentes à mesma; o sargento mór das ordenanças de Tete José Vicente de Aquino, como interprete, e dois commerciantes, sendo um o Tenente de milicias de Tete Paulo Leonardo Dias, e o outro o Capitão de ordenanças da mesma villa Joaquim dos Santos Montalvo (este falleceu no caminho). Não mando a v. ex.^a a copia do meu *Diario*, e uma exacta noção da minha marcha até aqui, por não fazer grande volume, que então mais duvidosa seria a sua recepção por v. ex.^a; e por isso, como já disse, farei esta participação muito breve. Logo que a expedição se poz em marcha, andando quatorze legoas pelas terras da Real Corôa, e cento e vinte e cinco legoas e meia até ao rio Aruãgoa, e d'este aqui ao Cazembe, cento e setenta e seis e meia, estimadas, que por todo o caminho fazem trezentas e duas legoas estimadas. De Tete até ao rio Aruãgoa sempre andámos pelas terras dos Muzimbas e Xevas, alliados da Corôa portugueza, em cujas terras achei sempre abundancia de viveres e segurança; porém logo que se passou o rio Aruãgoa, e se andou pelas terras outr'ora dos Muizas, agora conquistadas pelos povos Auembas, se experimentou a maior fome possível, e traições d'estes povos, de sorte que os escravos se extraviam com as mesmas cargas reaes e particulares, ainda que quasi todo este caminho é deserto até aqui, por cujo motivo nos morreu a maior parte da nossa cáfila à fome. Com a nossa chegada aqui (que foi a 19 de Novembro do mesmo anno) contavamos achar melhoras, porém achamos um barbaro e ambicioso ladrão (qual é este Cazembe) que nos tem roubado, e estamos experimentando a mesma falta, de sorte que uma porção que iguala a um salamim de mantimento cafrial (que é feijão ou milho) custa uma braça de zuarte, que corresponde a 800 réis. A nossa cáfila ao presente se compõe de trezentas pessoas. O rumo com que temos vindo da villa de Tete até aqui, é geralmente de Nerdeste, vindo-nos a ficar a dita villa ao Sudoeste. Este imperador é muito poderoso, e muito mais se faz respeitar por estes barbaros povos pela sua grande superstição e barbaridade. Devo dizer a v. ex.^a que tenho feito indagações por estes povos sobre a distancia que será d'aqui a esse reino de Angola, e só tenho colhido que d'aqui até ao rio Ruaráua (limites das terras d'este imperador) é um

mez de viagem, e d'esse rio á côrte de outro por nome Matianfa ou Muropue (a quem este rende vassallagem) são dois mezes, que por todo o caminho vem a ser tres mezes. Estes povos não dão noticia da distancia que é d'ahi para diante, e só dizem que ha mais dois potentados entre Angola e o dito Matianfa, que o primeiro limitrofe com o dito Matianfa se chama Muenemputo, e o immediato se chama Massungo Congo (e que eu supponho ser o Rei Congo mencionado na historia). Dizem mais que ao referido Matianfa vem escravos dos Muzungos, brancos de Angola, commerciar, e por este motivo devo suppor que v. ex.^a estará ao facto da distancia que é d'esse reino ao referido potentado Matianfa, não só por este motivo, mas até porque nos annos oitocentos e dez ou onze tinha chegado á villa de Tete um correio por nome Pedro de tal, expedido por esse ex.^{mo} governo com officios, o qual no fim de alguns mezes regressou pelo mesmo caminho, e houve noticias de ter ahi chegado. Devo suppor que será menos distancia do que estes povos me dizem, pois elles fazem as suas jornadas com muito vagar, e muitas vezes se demoram dias e dias em um lugar onde acham de comer. Será para mim a maior satisfação possível o ter a honra e felicidade de que este meu officio chegue á respeitavel presença de v. ex.^a, e quando eu tenha esta gloria rogo e espero de v. ex.^a se digne por algum modo fazer com que eu venha na certeza da sua recepção, para ficar no conhecimento que não foram baldados os meus esforços. Com a minha chegada a Tete farei subir o meu *Diario* á Real Presença. Só me resta participar que este vai por via dos mesmos Cazembistas ao sobredito Matianfa, para elle entregar a qualquer escravo que d'esse reino lá for. Eu me acho em vespuras de marcha de regresso para a villa de Tete, e o dito segundo commandante d'esta expedição, por não avolumar papel, não officia a v. ex.^a, e em signal da sua obediencia se assigna aqui. A ill.^{ma} e ex.^{ma} pessoa de v. ex.^a Deos guarde muitos annos. Lunda, Côrte do barbaro imperador Cazembe, 10 de Março de 1832. Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Governador e Capitão general do Estado e Reino de Angola, etc., etc. — *José Maria Corrêa Monteiro*, Major de infantaria e commandante da expedição do interior de Africa — *Antonio Candido Pedroso Gamitto*, Capitão de caçadores, segundo commandante.

NOTA 16.^a (PAG. 297)

Os tres capitulos que seguem e que são transcriptos da *Ethiopia Oriental* do Padre João dos Santos, servirão de esclarecimento não só ao que digo no logar onde esta *Nota* é citada, senão a outros em que faço referencia a algumas asserções mal averiguadas e pouco exactas do dr. Livingstone. Tenho para mim por sem duvida que serão lidos com prazer estes excerptos curiosos.

ETHIOPIA ORIENTAL, CAP. XVII

Das guerras que teve o Governador Francisco Barreto com os cafres do Quiteve

• Poucos annos havia que El-Rei D. Sebastião tinha tomado o governo de Portugal, quando mandou Francisco Barreto com titulo de Governador e Capitão geral de uma grossa armada para ir a Sofala conquistar as minas de oiro que havia no Reino do Mocaranga, e particularmente as minas de Manica, em cuja conquista o dito Governador teve grandes e crueis guerras com o Quiteve, Rei das terras que estão entre Sofala e a Manica, porque sempre este lhe quiz tolher e defender a passagem para as ditas minas, situadas no reino de outro seu vizinho chamado Chicanga, e não podia o Governador passar a estas minas sem atravessar todo o Reino d'este Quiteve, o qual não queria consentir, assim por não terem os Portuguezes commercio, nem trato com o Chicanga, seu inimigo, levando-lhe ás suas terras, muitas roupas e contas, para resgatarem com ellas ouro das suas minas, com que podia ficar muito rico e poderoso, cousa que elle não queria ver em seu inimigo, como tambem por lhe não devassarem suas terras, atravessando-lhe todo o seu reino, pelo que sempre defendeu esta entrada aos Portuguezes, e muitas vezes sahio ao encontro a Francisco

Barreto, que ora caminhava por terra, ora navegava pelo rio de Sofala acima, seguindo sempre sua conquista com sua gente e soldadesca ordenada; nos quaes caminhos o Quiteve lhe apresentava muitas batalhas e pelejava com os Portuguezes mui esforçadamente, dando-lhe muito trabalho e matando alguns: o que tambem fazia com muito risco de seus cafres, porque os Portuguezes sempre iam matando n'elles, e desbaratando-lhe seus exercitos e cidades, que os mais dos dias lhe armavam embuscadas pelos caminhos. E o Quiteve não tratava de outra cousa mais que de ajuntar gente de refresco, e manda-la cada dia pelejar com Francisco Barreto, para que lhe tolhesse o caminho, mas nada bastava para desfazer o esforço e animo constante dos Portuguezes, que sempre foram rompendo e desfazendo os recontros do inimigos, padecendo juntamente grandes fomes por falta de mantimentos, que os cafres lhe esconderam, e tiraram de todas as povoações e terras por onde os Portuguezes passavam, e d'esta maneira com fomes e guerra continua, e com suas armas ás costas, foram caminhando até á cidade de Zimbaohe, onde estava o Quiteve, o qual sabendo da sua chegada, fugio da cidade, e recolheu-se em umas grandes serras que perto estavam, com suas mulheres e muita parte da gente da cidade, que levou para sua guarda, de maneira que chegando Francisco Barreto á cidade, achou n'ella pouca resistencia, e logo lhe poz fogo queimando muita parte da povoação: e depois d'isso foi continuando seu caminho para o reino de Manica, onde chegou d'ahi a dois dias, sem haver quem lhe tolhesse a passagem, antes o Chicanga sabendo de sua chegada o mandou visitar ao caminho com muitos mantimentos e vacas, notificando-lhe como estava muito alvorogado para o ver-em seu reino. Francisco Barreto lhe mandou agradecer esta boa vontade, e gasalhado que lhe fazia, e juntamente lhe mandou um bom presente de roupas e contas, com que o Cafre ficou mui satisfeito e contente: e tanto que Francisco Barreto chegou á sua cidade, o sahio a receber com muita festa, e todos os dias que alli esteve o tratou com muito amor, cortesia e gasalhado, dando-lhe todos os mantimentos necessarios para seu exercito mui abundantemente. Neste tempo assentou Francisco Barreto pazes com o Chicanga, para que d'alli por deante podessem os Portuguezes entrar livremente pelo seu reino com suas mercadorias, e resgatar o ouro de suas minas, sem haver quem lh'o estorvasse. As quaes pazes e amisade o Chicanga acceitou com muito gosto, promettendo de as guardar, e sustentar com muita fidelidade para todo o sempre.

• Tanto que os Portuguezes se viram na terra do ouro cuidaram que logo podessem encher saccas d'elle, e traser quanto quisessem; mas depois que estiveram alguns dias em cima das minas, e viram a grande difficuldade e trabalho que os cafres tinham, e o grande risco e perigo de suas vidas, a que se punham para o tirar das entraunhas da terra, e das pedras, ficaram frustrados de seus pensamentos.

«Este ouro tiram os cafres da terra e se apanha de tres maneiras. A primeira, e mais ordinaria, é fazendo grandes covas e minas, por baixo das quaes andam cavando a terra pelas veias que já conhecem, e d'alli a tiram

para fóra, e a lavam com agua em gamellas, e assim lhe tiram todo o ouro que a terra tem. Isto fazem com muito perigo de suas vidas, porque muitas vezes se arruinam as minas, e os apanham debaixo, e assim morrem muitos n'este officio: mas é o interesse e cubiça tanta, que tem das roupas que os Portugueses lhe dão pelo ouro, que a todos os perigos se arriscam pelo tirar das entranhas da terra. O segundo modo de apanhar o ouro é quando chove, porque então andam os cafres todos pelas regueiras dos campos e das serras em busca do ouro, que então fica descoberto com as enchurradas e correntes das aguas. onde se acham muitas lascas e pedaços de ouro. Terceiro modo, tira-se o ouro de certas pedras que se acham em minas particulares, dentro das quaes pedras estão muitas veias de ouro, e para lh'o tirarem as quebram e fazem em pó, e depois lavam todo aquelle pó em gamellas, e o que não é ouro se desfaz com a agua, e vae fóra, e o ouro fica pegado no fundo da gamella d'onde o recolhem. A este ouro das pedras chamam os cafres *Matuca*, e é ouro baixo e de poucos quilates, e a todo o outro ouro chamão *Dahabo*, quer seja em pó, quer em lascas.

•Depois que Francisco Barreto assentou pazes com o *Chicanga*, despedio-se d'elle, e tornou a voltar pelo mesmo caminho com determinação de passar pela cidade ao *Quiteve*, e fazer-lhe cruel guerra quando elle não quizesse pases com os Portugueses.

•Mas o *Quiteve* sabendo de sua volta tomou melhor conselho que d'antes, e o dia que Francisco Barreto começou de entrar pelo seu reino, lhe mandou commetter pazes: as quaes Francisco Barreto aceitou com muito gosto, por assegurar este caminho aos mercadores de *Sofala*.

•E visto o pouco proveito que o *Quiteve* tinha de lhe atravessarem suas terras, levando as mercadorias a outro reino, para de lá traserem ouro, pareceu bem que lhe desse alguma cousa para o contentar, e assentaram que o capitão de *Sofala*, que então era, e o que fosse d'alli em deante, seria obrigado a dar ao *Quiteve* em cada um anno duzentos pannos de tributo: pelo qual respeito o *Quiteve* lhe faria todas as suas terras francas e seguras, para que os Portugueses d'alli por adeante as podessem livremente atravessar, e levar suas mercadorias ao Reino de seu vizinho *Chicanga*, e trazer de lá ouro, sem ninguem lh'o contradizer, nem fazer agravo algum: e assim mais faria todo o rio de *Sofala* franco, para que os moradores da fortaleza mandassem buscar a elle mantimentos livremente.

•Acceitadas estas pazes e concertos por ambas as partes tornou-se Francisco Barreto para *Sofala* pacificamente, deixando todas as terras do *Chicanga* e *Quiteve* quietas, e de paz com os Portugueses.»

ETHIOPIA ORIENTAL, CAP. XIII

Das minas que ha nos Reinos de *Manamotapa*, e de como se tira o ouro d'ellas

•Em todas as terras do *Manamotapa*, ou na maior parte d'ellas, ha muitas minas de ouro, e particularmente no *Chiróro*, onde ha muito, e o fino que se acha n'este Reino. Os cafres colhem este ouro de duas manei-

ras, como já dissemos que o colhiam os do Quiteve. A primeira e mais ordinaria he cavando a terra ao longo das ribeiras, e das lagoas, e lavando-a em gamellas, até que toda se desfaça em polme, ficando no fundo o ouro, e as pedras, as quaes lançadas fóra tambem com as pedras, fica o ouro limpo na gamella, d'onde o tiram e recolhem; pelo que nunca cavam o ouro senão ao longo da agoa, para com ella poderem logo lavar a terra, e aparta-lo d'ella. O segundo modo de que os cafres usam para colher o ouro he no tempo das chuvas, pelas rigueiras por onde corre agoa, nas quaes acham muitas lascas e pedaços de ouro, que ficam sobre a terra descubertos com a corrente.

«Todo o cafre que descobre mina grossa, e tira ouro d'ella, tem pena de morte, e os bens que tiver perdidos para El-rey, e se acaso indo cavando descobre alguma mina d'estas, he obrigado a gritar com grandes vozes, para que acuda outro qualquer cafre a quem tome por testemunha de como cavando acaso n'aquelle logar achou rasto de mina grossa, e de como a torna a deixar sem levar d'ella cousa alguma, e logo juntamente são ambos obrigados a cobri-la outra vez com terra, e cortar um ramo grande de qualquer arvore, e pô-lo em cima; o qual ramo tanto que é visto dos cafres que por alli passam, fogem d'aquelle logar como quem foge da morte, porque bem sabem já que alli está mina grossa, onde se os virem estar ou chegar, serão condemnados á morte, inda que se lhe não prove que levaram d'alli ouro. E a causa de todo este rigor he não querer o Manamotapa que saibam os Portugueses que em suas terras ha tão grossas minas de ouro, por lhe não fazerem guerra com a cobiça d'elle, e tomarem o Reino.

«Andando eu n'estas terras me affirmaram alguns homens, que tinham experiencia d'ellas, que era cousa mui averiguada fazer o sol n'ellas tanta impressão, com as influencias de seus raios, que alem de as apurar e converter em ouro, fasia brotar o mesmo com tanta força como se fóra planta que quer nascer, e particularmente n'aquelles logares onde se cria na superficie da terra. O que se mostrava claramente onde havia minas grossas, porque alli se via a terra gretada em muitas partes, e nas aberturas que fasia se achavão lascas de ouro. Assim mais se achavão pedaços de ouro sobre a terra descubertos em paragens mui seguidas e trilhadas, onde se via que brotava fóra nos taes logares, e em se descobrindo era logo achado. E para prova d'isto me trouxeram a historia de um vaqueiro, que indo um dia para entrar no curral, onde cada noite recolhia suas vaccas, déra uma topada com o pé em uma pedra, cousa que muito estranhou, por não haver pedras n'aquelle logar, e levantando-a para a lançar fóra do curral, e achando-a muito pesada, a esfregou e alimpou da immundicie das vaccas, para ver o que era, e achou ser ouro moço, e teria mais de mil crusados de pezo. Este ouro se acha de muitas feições, a saber: em pó miudo como areia; em grãos como contas miudas e grossas; em lascas, humas tão moças que parecem fundidas, outras feitas em raminhos, com muitos esgalhos, outras envoltas, e misturadas com a terra, e sacudindo-lh'a ou lavando-lh'a, ficam vãs por dentro, como favo de mel, ou como borra de ferro,

que sabe da fornalha do ferreiro, cujos vãos e buracos estão cheios de terra vermelha, que ainda não está convertida em ouro, mas bem mostra na sua cõr que tambem se ha de converter n'elle. Tambem se tira ouro de pedras, a que chamam ouro de Matuca, como já dissemos, se tirava no Reino de Manica. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos ou em esgalhos, esse he o mais fino e de mais quilates, e o que chamão de Matuca he o mais baixo de todos, e o de menos quilates.»

ETHIOPIA ORIENTAL, CAP. XIV

Das minas de prata da Chicova, e de como Francisco Barreto foi a ellas,
e da guerra que os cafres lhe fizeram, e morte de duzentos portuguezes

«Nas terras que confinam com o Reino de Monamotapa pelo sertão dentro da parte do Nordeste, está o Reino da Chicõva, mui nomeado pelas grossas minas que tem de fina prata, e corre ao longo do rio Zambeze. Depois que o Governador Francisco Barreto foi a Sofala conquistar as minas do ouro da Manica, como atrás fica dito, passou d'alli com sua gente aos rios de Cuama, para conquistar tambem as minas de prata da Chicõva: e querendo pôr em effeito sua determinação, partiu de Senna pelo rio acima, e no caminho pelejou com o Mangás, abaixo das serras da Lupâta, e venceu, como tambem fica dito; e d'aqui foi passando por todas as mais terras e Reinos que estão ao longo d'este rio, sem haver quem lhe fizesse agravo algum. E posto que muitos cafres desejaram-lhe impedir a passagem por suas terras, comtudo nenhum d'elles ousou fazel-o: sabendo que tinha vencido e desbaratado em batalha campal o Mongás, a quem elles tinham por mui esforçado, e senhor da melhor gente, que havia em todo este rio, e por isso o deixaram passar, fugindo dos logares, e povoações em que moravam, com os mantimentos que tinham, embrenhando-se pelos matos, onde estiveram escondidos até passar Francisco Barreto com a soldadesca que levava; e d'esta maneira foi seguramente, ora navegando pelo rio acima, ora caminhando por terra, até chegar ao Reino da Chicõva, onde assentou seu arraial, e logo pretendeu descobrir as minas de prata: mas não veio a effeito o descobrimento d'ellas, por não haver cafre algum que ousasse dizer o logar certo onde estavam, porque tinham grandissimo medo que os Portuguezes, depois que as achassem, lhe tomassem as terras, e os lançassem fóra d'ellas: e por esse respeito fugiram todos n'este tempo, e desampararam a terra aos Portuguezes: e tambem porque não fossem tomados alguns d'elles, e obrigados por força ou tormentos a descobrir o que tanto receiavam, posto que por isso houvesse grandes promessas e dadivas, que o governador offerencia a quem quer que descobrisse as minas. Comtudo um cafre d'esta terra, movido pelo interessé que podia alcançar se as descobrisse, determinou mostrar-lhe algumas pedras de prata, arrancadas das proprias minas, e enterradas em outra parte, dizendo e fingindo que aquelle era o proprio logar das minas. A qual determinação poz em effeito, e foi-se uma noute secretamente, onde sabia que estavam as minas,

e arrancou duas pedras de quatro ou cinco arrateis cada uma, e as foi enterrar muito longe das minas, cada pedra em seu logar, distante uma da outra duas ou tres braças: e depois de ter esta maranha feita, foi-se ao Governador uma tarde já quasi sol posto, e disse-lhe que elle lhe queria descobrir as minas de prata em segredo, que o não soubesse o seu Rei, por lhe não faser mal, com tal condição que lhe havia de dar por isso certa quantidade de roupas e contas. O Governador lhe prometteu tudo o que pedia com muito gosto, e logo lhe mandou dar alguns pannos para o contentar, e juntamente mandou ajuntar uma companhia de soldados, e foi-se com elles, e com o mesmo cafre, ao logar em que tinha enterrado as pedras, no qual logo disse o cafre que cavassem porque aquellas eram as minas de prata; o que logo foi feito com grande alvoroço. E depois de terem cavado grande pedaço de terra, foram descobrindo as pedras, com cuja vista houve grandissima festa e alegria em todos os Portugueses da conquista, e as trombetas e tambores do arraial ajudaram a festejar este descobrimento. E porque era já quasi noute, disse o cafre ao Governador que se queria recolher a sua casa, e posto que as minas estavam ali já descobertas, elle tornaria pela manhã cedo. O Governador o deixou ir, cuidando que o tinha seguro pela roupa que havia de tornar a buscar, alem da que tinha já recebido, com a qual se foi, e não tornou mais. No dia seguinte, vendo o Governador que não chegava o cafre, mandou cavar no mesmo logar, onde se acharam as duas pedras, e toda aquella terra circunstante, sem achar mais sinal de minas: então cahio no engano do cafre. E vendo que não tinha remedio para descobrir as minas que desejava, e que todos os cafres d'aquellas terras eram fugidos com os mantimentos que tinham, e elle não podia deter-se alli muitos dias, pela falta d'elles, tornou-se pelo rio abaixo até Senna, deixando duzentos soldados com seu capitão, chamado Antonio Cardoso d'Almeida, n'aquelle logar, providos de alguns mantimentos e armas, e fortalecidos em uma trincheira de madeira, para d'alli se informarem devagar da terra, e verem se podiam descobrir as ditas minas.

«N'este logar estiveram os soldados alguns meses, sem haver quem lhes descobrisse o que desejavam, nem quem lhes desse por seu dinheiro os mantimentos que lhes eram necessarios, pelo que lhes foi forçado tomar-os aos cafres por força de armas, e fiseram algumas sabidas pelas terras circunstantes, onde tomaram muitos mantimentos e vaccas, de que se sustentavam. Vendo os cafres que não podiam viver quietos, nem seguros, tendo os Portugueses por contrarios, e tão vizinhos, pretenderam faser pases com elles, e communicar-os agradavelmente, com intento de os assegurar em sua amizade, para depois os matarem por engano, como fiseram: assim que correndo com elles algum tempo n'esta fingida amizade, no fim d'elle lhes vieram dizer que pois eram seus amigos lhes queriam descobrir onde estavam as minas de prata que tanto desejavam; do que os nossos ficaram muito alegres, tendo por bem empregados os trabalhos, e fomes, que tinham passado, á conta de descobrirem estas minas.

«Assentado o dia em que havião de ir a este descobrimento (ficando no

forte quarenta homens para sua guarda) os mais, que n'este tempo eram cento e cincoenta, sahiram com suas armas para acompanharem os cafres até á serra das minas, que elles fingiam estar d'alli uma legoa: e deste modo todos juntos foram caminhando até entrarem por uns matos muito cerrados, onde estavam em cilada embrenhados tres mil cafres armados, e tanto que os nossos foram entrando n'este passo, sahiram os cafres com grande impeto, e deram sobre elles, ferindo e matando quantos podiam: e posto que os Portuguezes mataram muitos d'elles, comtudo como estivessem cercados de mato, e de todas as partes fossem accommettidos dos inimigos, e não podessem pelear com ordem, foram ali mortos, e mui poucos escaparam, que fugiram para o forte, onde os cafres lhes puzeram cerco, determinando matal-os á fome; e assim estiveram cercados alguns meses padecendo grandes fomes, e vendo que de todo pereciam sem esperança de soccorro, determinaram sahir fóra e tomar alguns mantimentos por força de armas, ou morrer como cavalleiros, e não cercados como ovelhas. Esta determinação puseram em effeito, dando sobre os cafres com tanto impeto que os puseram em fugida com morte de muitos, mas quando se quizeram recolher foram os cafres crescendo, e ajuntaram-se de todas as partes em tanta quantidade, que vindo em seu alcance, os mataram todos, sem escapar um só d'elles, e d'esta maneira morreram, vendendo suas vidas a troco de muitas que tiraram a seus inimigos. O Governador mandou fundir as pedras de prata, e sahiram na fundição tres partes de fina prata, e uma só de escoria; donde se collige que são estas as mais ricas minas, e de mais fina prata que até hoje se sabem. D'estas minas de prata e ouro, ha muitas n'esta Ethiopia Oriental, como são as do Reino de Gorange e as do Reino de Conche, que vio o Patriarcha de Alexandria, D. João Bermudez, como elle refere no livro que fez do Preste João, e outras muitas.

«Alem d'estas minas de prata e ouro, tambem ha por estas terras de Mocaranga muito ferro, e tão bom, que alguns Portuguezes o levam d'aqui para a India, para d'elle fazerem espingardas: tambem ha muito cobre. Os quaes metaes tiram os cafres da terra, e os fundem, e do ferro fazem enxadas, frechas, ferros de azagaias, espadas, machadinhas, e a mais ferramenta que lhes é necessaria: e do cobre fazem manilhas, de que usam nas pernas e nos braços, assim homens como mulheres.

NOTA 17.ª (PAG. 300)

Tem de ser esta *Nota* um tanto mais extensa que de costume. Comtudo julgo opportuna a transcripção dos seguintes capitulos, porque não só aclaram a materia aqui tratada, e robóram o argumento adduzido, senão tambem servem a confirmar o que ponderei no cap. II com respeito aos valiosissimos serviços prestados pelos nossos missionarios. Servirão igualmente para confirmação e esclarecimento do que em alguns outros logares foi por mim indicado. A *Nota* vai dividida em duas partes para maior clareza e ordem.

PARTE IV DA HISTORIA DE S. DOMINGOS, POR FR. LUCAS DE SANTA CATHARINA,
LIV. IV, CAP. XII

• Antiga ceara, e cultura antiga do trabalho, e applicação dos filhos de S. Domingos, são os rios de Senna, em que, à sombra das armas portuguezas, entraram com o Governador Francisco Barreto, redusindo com a doutrina, como elle com a espada; prologo que já se lê na terceira parte da *Chronica*, com a noticia das primeiras igrejas que levantámos n'aquellas vastissimas terras, e fruto grande na redução das almas. Achámos, novamente continuando os Padres n'aquellas christandades, levantada outra igreja em Tete, com o titulo de S. Domingos em Soriano. Mas passámos ao obrado na côrte do Monomotapa e Feiras de Mocaranga, de que tivemos e daremos singular noticia.

• Achavam-se n'este grande imperio os nossos religiosos; de tres principaes sabemos os nomes, o Padre Presentado frei Luiz do Espirito Santo, e os Padres Frei Manoel Sardinha, e Frei João da Trindade. Occupavão-se no exercicio de cathequizar e bautizar aquella gente barbara e supersti-

ciosa, quando se offerecerão ao Padre Frei Luiz algumas praticas com um principe, tio do imperador, por nome Mavura, homem de coração brando, e entendimento claro, circunstancias que apressarão o effeito das batarias. Pedio o bautismo, que lhe ministrou (depois de catequisado pelo Padre Frei Manoel Sardinha) o Padre Frei Luiz, com grande alvoroço de espirito, e esperanças de grandes consequencias, e poz-lhe por nome D. Philippe. Estimulou-se o Imperador Capranzine (era este o nome do sobrinho, que de presente governava o Imperio) e buscava caminho para a vingança, a tempo que chegava à sua cõrte Jeronymo de Barros por Embaixador do Governador de Moçambique, D. Nuno Alvares Pereira, que mandava o presente, a que chamam *curva*, mimo que os capitães d'aquella fortaleza fassam todos os annos ao Imperador, em gratificação de terem suas terras francas para o commercio, e passagem para as minas do ouro, correspondencia que ficou assentada (por Francisco Barreto, primeiro Capitão de Sofala) com o Quiteve, Rey das terras, que se extendem entre Sofala e Manica.

•Recebido o presente, dispoz o Imperador (barbaridade impraticavel, ainda entre a mesma cafraria) que com trayção e engano tirassem a vida ao Embaixador, e desaforado em seu rancor e odio, mandou dar *Empata*, que he como pregão geral, para que todos os Portugueses, que se achassem em suas terras, fossem mortos, e despojadas de suas fazendas. Teve anticipado aviso de tudo, pela fidelidade grande dos seus cafres, André Ferreira, portuguez destemido, que era ao presente Capitão das Costas, que he uma feira, ou como feitoria, a que chamão *Maçapa*. Detinha-se a este tempo na cõrte, mas com o aviso se retirou à sua feira, e fortificando-se em um *Chuambo*, que he o mesmo que reducto, ou tranqueira de páos muito fortes, mandou aviso às mais feiras das terras do Imperador, que erão *Luanzi*, *Dambarare* e *Chipiriviri*, para que recolhidos a ellas os portugueses e christãos, se pozessem em defesa contra o grande poder que os ameaçava.

•Recolherão-se logo às feiras, que lhe pertenciam, os Religiosos de S. Domingos, que andavam espalhados por aquellas christandades; e animando os soldados contra o inimigo d'ellas, acompanhando suas armas com as que só podem debellar o demonio (orações, jejuns e penitencias), se virão resistidos os assaltados, e desbaratados os cercos, com que o Imperador com formidavel exercito cahio de improviso sobre os ameaçados, em que achou tão valerosa resistencia, que o obrigou a retirar-se com pouca reputação e muita perda. Caso admiravel! Que era um Imperio tão dilatado o da Mocaranga (nome commum das terras do Monomotapa) com tão grosso poder (assistido do mesmo Imperador), ficassem não só defendidos, mas victoriosos huns poucos de Portugueses, antes encorralados, que guarnecidos, em huma tranqueira de páos! Não se pôde attribuir por certo ao valor dos soldados, nem às armas dos Religiosos, mas ao Ceo, que esgremindo-as, consegue semelhantes triunfos.

•Chegou noticia do succedido aos Portugueses de Tete e Senna, e vendo o perigo em que estão os da Mocaranga, começarão a levantar muita

gente de guerra nas nossas terras de Bolonga, por mandado do capitão e Governador D. Nuno Alvares Pereira. Não descansavão os Religiosos, por conselho dos quaes, junto hum bom pé de exercito na feira de Luanzi, acclamarão os christãos por Imperador o Mavura D. Filippe, e levando-o por Capitão do exercito, de que era Alferes um religioso nosso, levando adiante o Estandarte da Cruz arvorado, avista a Capranzine, soberbo como poderoso, e dando-lhe batalha, o virão em poucas horas posto em vergonhosa fugida. Mas retirado ao mais interior do Mocaranga, em que o buscarão e seguirão muitos, tornou a refaser-se, e a buscar o campo christão por duas veses, sabindo de ambas tão desbaratado e enfraquecido, que poderão os Portuguezes seguramente traser, e collocar a D. Filippe na cõrte e throno do Monomotapa, fazendo-o reconhecer por Imperador dos grandes e senhores d'aquelle Imperio; ao que elle agradecido jurou vassallagem a El-Rey de Portugal, com o tributo de tantas peças de ouro, fructo da doutrina e instrucção do Padre Frei Manoel Sardinha, a que D. Filippe escutava, e tratava com veneração de filho. Assim chamou logo a si, e nunca largou de sua companhia os Religiosos de S. Domingos, a que reconhecia causa da fortuna de se ver senhor do Imperio, sendo para elle ainda de mais preço (como de toda a importancia) o ver-se herdeiro da gloria, que nunca acaba. Para ir negociando esta ás christandades d'aquellas terras, estimarão os Religiosos o valimento, não para se introduzirem nos palacios, ou terem voz nos governos, maxima sempre praticada nos filhos de S. Domingos.»

CAP. XIII

Continua-se a guerra com o Capranzine, dão a vida pela fé os padres Frei João da Trindade e Frei Luiz do Espirito Santo. Dá uma victoria ao Emperador D. Filippe hum mysterioso sinal, que se vio no céu. Levanta-se igreja na cõrte. Notícia de outras na mesma Mocaranga, e no reyno de Manica.

«Não deixou o tyranno Capranzine descansar ao novo Imperador, que applicado á idéa de dilatar a christandade no seu Imperio, não suppunha tão promptas as forças do seu inimigo, mas elle campeava já com um grosso exercito nas mesmas terras do Imperio, que ameaçadas hião reconhecendo o seu dominio. Sabio a enconral-o o Imperador com mais resolução que ventura, deixando-lhe nas mãos uma importante victoria. Ficaram cativos muitos christãos e entre elles dois Religiosos nossos, que lhes fazião companhia em toda a fortuna, sendo esta, em que agora se vião, a que o Céu lhe dava pelo muito que trabalharão. Erão elles o Padre Presentado Frei Luiz do Espirito Santo, e o Padre Frei João da Trindade. Vinha este cheio de feridas (gloriosos despojos, com que o enriquecêra aquelle conflicto), mas não se contentando a crueldade dos barbaros de o ver n'aquelle estado, repetindo-lhe outras com odio carniceiro, o despenharão de um alto rochedo, de donde chegou ao chão feito em miudos pedaços.

«Ao mesmo tempo levavão outros ao Padre Frei Luiz á presença do tyranno, que sequioso do sangue innocente, se queria fartar agora d'elle,

em vingança do que sabia, que o Padre tinha obrado na redução do Imperador novo, e christandades d'aquelle Imperio. Mandou-lhe logo que lhe fizesse a *Zumbaya* (que he no estylo da cafraria a mayor reverencia). Era o Padre Frei Luiz, natural de Moçambique, pratico nos estylos d'aquellas terras, e sabia bem, que só se dava a Deos o que lhe pedia o tyranno; respondeu-lhe intrepido: *Que elle era só hum Rey da terra, e que até esse apoucado Reyno tinha justamente perdido por tyranno; que ainda que em seu poder se via cativo, não reconhecia, nem podia reconhecer outro Rey na terra mais que o de Portugal, como nem outro por Rey do Monomotapa, mais que a seu tio D. Filippe, já filho da igreja; e que sobre todos, o unico que reverenciava e reconhecia como Rey dos Reys, era Jesus Christo, Filho de Deos, e Deos verdadeiro, Senhor do céu e da terra, que resgatara o genero humano com o seu sangue, e a sua morte, preço inestimavel com que mereçêra, em quanto homem, todas as venerações de homens, anjos e demônios, no céu, na terra e nos infernos. E como te atreves tu* (continuava o Padre com hum generoso e inflexivel animo), *como te atreves homem feito de pó, e que brevemente te has de reduzir a elle, a roubar a Deos verdadeiro a adoração que se lhe deve, como Senhor de tudo? Ay de ti, que como outro anjo rebelde e soberbo, te atreves á cadeira do Altissimo; mas cahirás no horrivel lago, bramindo por toda a eternidade, como miseravel carcão do inextinguivel lume! Torna, torna em ti, já que Deos te aconselha por minhas vozes, e dobra ao verdadeiro Senhor o joelho, antes que esperar de mim que a ti to dobre, devendo-o a elle.*

•Accendeu-se em ira o tyranno, impaciente com o que estava ouvindo, e mandou logo que, atado o Padre a um tronco, fosse azagaiado; martyrio em que acabou gloriosamente a vida, e passou a dar a Deos na gloria a adoração que lhe defendêra na terra.

•Mortos os Religiosos no martyrio, e mortos muitos Portugueses em batalha, entendia agora o Capranzine que recuperava o Imperio sem resistencia. Assim mandou dizer ao tio que lhe despejasse a côrte, e o reconhecesse por seu Rey, ou cahiria nas mãos de sua ira, ainda ensanguentada da passada campanha. Ao que respondeu D. Filippe, que viesse, que n'ella o esperava; e tratou logo de ajuntar gente, para o que o Padre Frei Manoel Sardinha lhe agenciou muita roupa (preço mais estimavel na cafraria) que mandada a outra parte do rio Zambeze, se ajuntarão vinte mil cafres. Achava-se o Imperador com alguns christãos, e poucos portugueses; com esta gente em boa ordem, se resolveu a buscar o inimigo, quando ao mover-se o exercito, levanta os olhos ao céu, e vê n'elle huma resplandecente e fermosa cruz, na fôrma (ainda que sem letras) em que apparecera ao Imperador Constantino Magno. Prostra-se por terra, beijando-a em veneração e reverencia, a tempo que os christãos, que lhe fasião companhia, lhe davão pressa, que não suspendesse a marcha, a que elle respondeu (juntamente animoso e compungido) mostrando-lhe a cruz, e ao Padre Frei Manuel, que mandou chamar logo, porque hia na outra parte do campo.

•Alvorçou-se o bom Padre, e accendido em zelo da honra de Deos, vendo como encaminhava os seus soldados com a mesma bandeira com

que no mundo triunfara de seus inimigos, voltando-se ao exercito, que admirava o prodigio, foy tal o espirito com que incitou a todos, segurando-lhe a victoria, que investindo todos ao inimigo, que já tinham diante com innumeraveis combatentes, os romperão com o primeiro impeto e os puserão em tal confusão, que sem bastarem a defender-se, se vio em breves horas o campo cuberto de trinta e cinco mil cafres, e os mais postos em arrebatada fugida, acompanhando o Caprazine. Mas o Imperador christão, destro e soldado, foy seguindo a victoria, e não largou as armas, sem expulsar os inimigos de toda a Mocaranga.

•Porém não tardou o tyranno (ajudado de um seu Capitão mór, a que chamão *Macamoaxa*, e de alguns senhores, a que chamão *Encosses*, que com seus filhos e mais gentes, que fiserão o forão buscar), em se tornar a pôr em campanha, entrando pela Mocaranga com hum exercito do mayor poder, e nobresa d'ella. Mas os Portugueses das feiras, e os de Tete e Senna, que tiverão de tudo antecipada noticia, fasendo com brevidade levas de gente mais robusta, ajuntarão quarenta mil homens, em que se contavão duzentas espingardas portuguezas, muitos christãos d'aquellas terras, e seis mil cafres, que das em que assistia, levava o Padre Frei Damião do Espirito Santo, Religioso nosso, juntos e levantados por sua industria e zelo. Com este poder entrarão os nossos pela Mocaranga, e se ajuntarão a um troço de gente, com que o Imperador os esperava, e buscado logo o inimigo (que vinha tão confiado, como se acabara de sahir victorioso) chocarão com elle com tanta bravosidade e valentia, que sem lhe valer nenhuma resistencia, o fiserão espalhar pela campanha, deixando n'ella dois mil cafres moços, robustos, filhos dos grandes que o Caprazine trasia, para occupar nos logares mais nobres. Mas elle sem assistir no campo, como ensinado dos varios successos d'elle, se retirou com pouca companhia, e menos esperanza, com a noticia, e magoa da perda.

•Victorioso agora, e descansado o Imperador D. Filippe, quiz, reconhecido a Deos, que se levantasse igreja na sua côrte. Assistio á sua expedição dos materiaes o Padre Frei Aleixo dos Martyres, Religioso dominico, e abertos os alicerces, quiz o mesmo Imperador lançar a primeira pedra o que fez em dia sinalado, levando-a sobre seus hombros, assistido de alguns Religiosos, e dos senhores que se achavam na côrte, e muito povo, que fasião o acto mais festivo. Grande dia, sem duvida, para os filhos de S. Domingos! Verem em terras tão remotas, tão estranhas, tão inultas, a hum monarcha e senhor d'ellas (que ainda que com as carnes pretas, poderoso senhor, pela preciosidade e vastidão do seu Imperio, e como tal respeitado) carregado de hum penedo, não para o lançar com a gentildade no monte de Mercurio, mas para avultar sobre elle o templo de Deos verdadeiro! E soando n'aquella incognita lingua os seus louvores, como écco das vozes evangelicas, que os convidarão a elles! Grande gloria por certo, e singular premio, que quiz dar o céo á familia dominicana, como sempre lembrada do seu instituto, sempre adiantada em exercita-lo.

•Com igreja na côrte começaram com mais esperanças os Padres a catequizar o povo, de que bautizarão muito, e entre elle a hum filho do Im-

perador, que á petição sua instruiu na fé e bons costumes o Padre Frei Aleixo, poudo-lhe este nome no baptismo. Com a noticia do que se tinha obrado, e obrava na Mocaranga, ou terras do Monomotapa, vierão novos obreiros evangelicos de Goa. Espalharão-se logo por vigarios n'aquellas feiras. Na de Luanzi já antiga, com uma fermosa igreja. Outra na de Dabarare. Outra na de Maçapa. Outra na de Chipiriviri, isto quanto ao Reyno da Mocaranga. No Reino de Manica, adonde já era antiga a christandade, se levantarão tres igrejas e parochias. Na feyra de *Umba*. Na feyra de *Chipangura*. Na feyra de *Matuca*, em que começarão a florecer as christandades, de que foi grande cultivador o Padre Frei Manoel da Cruz, por este tempo Vigario geral. Muito mais se poderão estender n'aquelles dilatados Reynos, mas são curtas as posses dos Religiosos, para a grandesa dos espiritos com que se sacrificão ao rigor d'aquelles climas, pela mayor parte destemperados e pouco sadios, sendo innumeraveis as veses que se tem visto reduzidos a extremas penurias e ultimos apertos.

CAP. XIV

Continuão-se as christandades no imperio do Monomotapa.
 Baptiza-se o Emperador, toda a Casa Real, e grande parte do povo.
 Dá-se noticia do ultimo progresso d'estas christandades.

«He incansavel o trabalho com que os nossos cultores evangelicos che-gão a ver o fruto sazonado n'esta grande seara da Mocaranga, ou terras do Monomotapa, porque ainda que os cafres não tenham repugnancia a crer o que se lhes ensina nas verdades da fé, como succede com os Mouros (que criados e abraçados com sua maldita seita, duvidão de que possa haver lei mais segura, especialmente não achando n'ella freyo á sua sensualidade, negaça com que seu maldito profeta a fez bemquista), comtudo tomarão os cafres d'elles, como contagio da vizinhança, o que tambem os leva e arrasta, que he a liberdade de terem muitas mulheres. E o que he mais para admirar, he que fação tanto caso de ter muitas, não fazendo nenhuma distincção d'ellas, e a prova d'isso, como do pouco amor que lhes téem, he que não só não se alterão, ou se provocão á vingança, vendo-as com outros (contra a pratica commum da natureza em todas as nações) mas levando-as consigo á campanha, as offerecem, e põem diante ao inimigo, para que quebrada a primeira furia n'ellas, com suas mortes se cance, e se embarce antes que peleje.

«Nasce d'esta crueldade, serem as cafras menos difficultosas de reduzir, com a pia affeição, que tem a huma ley, em que se manda e obriga ao amor, e estimação das mulheres proprias, e que na casa são senhoras, como unicas. Menos difficultade ha tambem nos cafres pequenos, porque os pays (com a duvida de que o sejão) não estimão os filhos, assim os deixão cathequizar dos Padres, de que o mayor cuidado he busca-los nos primeiros annos. Mas pelos de 1652 se vio n'aquellas christandades, que já se facilitavão os adultos, para premio, e ainda para esperança dos que trabalha-

vão zelosos n'aquella sagrada cultura. Passara o sceptro do Monomotapa, por morte do Imperador D. Philippe, que annos atraz o governára com piedade christã (como já contámos nos precedentes capitulos) á mão de monarcha gentio, e não nos constando o tempo que esteve n'ella, o achamos agora sujeito á Igreja, por industria e desvelo apostolico do Padre Frey Aleixo do Rosario.

• Achava-se este Padre na igreja, que está na côrte, ou nas vizinhanças d'ella. Amiudadas as visitas e as praticas com o Imperador, dispoz o céo o effeito, a que se encaminhão; cathequizou ao Imperador, e logo toda a Casa Real, que instantemente pedião o bautismo; dispolto e fello o Padre com a mayor solemnidade e fausto, que foy possivel n'aquelle Imperio, em 4 de Agosto de 1652. Ao Imperador poz por nome D. Domingos (que no seu dia lho deu o Nosso Patriarcha) e á Imperatriz D. Luiza. Bautizaram-se tambem dous filhos. Ao Principe, e herdeiro da corôa, deu o nome de D. Miguel. Seguirão-se os grandes, todo o palacio, e a mayor parte do povo. Foy dia plausivel para aquelle Imperio. Passou a noticia a toda a christandade, festejou-se em Roma, como cabeça d'ella, e para immortalisar esta memoria mandou o Mestre geral da Ordem dos Prégadores, Frey João Bautista de Marines, gravar e esculpir em huma lamina de bronze o bautismo com todas as circunstances d'elle, acompanhadas de uma inscripção narrativa em que as explicava, e he a seguinte, em idioma latino:

• *Anno 1652 in inferiori Æthiopiæ vastæ Monomotapæ Imperator à Fratibus Ordinis Prædicatorum Christiana Catechesi imbutus, interque eorumdem manus salutifero baptismi lavacro, palam ab uno ipsorum tinctus; quod Sacra hæc functio in 4 Augusti diem incidisset, Dominici nomen Sibi imponi voluit, Spem ezinde amplam, et concipiens, et faciens, non solos modo Palatinos, ac Proceres ab iisdem Prædicatoribus jam penè edoctos; sed et universa Imperii sui Regna propediem Imperatoris sui, atque Imperatricis Ludovicæ exemplo Fidem amplexatura; nec quoad Optimates diu fuit expectationis eventus, sic librante Dei Providentia, ut quando Sub Canchri Tropico passim turbata Fidei Semina ferè exaruerunt, eadem uberius alibi sub Capricorni Tropico adolescant.*

• Não foy menor a demonstração que fez a Provincia de Portugal, como aquella a que de justiça lhe competia semelhante progresso, feito em huma colonia sua. No convento de S. Domingos de Lisboa, como cabeça da Provincia, se celebrou a noticia com a mayor demonstração catholica, estando o Senhor exposto, com Missa solemne e Sermão, a que assistio com toda a Côrte El-Rey D. João IV, de feliz memoria, favorecendo n'aquelle dia aos Religiosos d'esta casa com singulares demonstrações de sua magestade e grandeza.

• Bautizado o Imperador d'aquelle grande Imperio, não só conseguirão os nossos Religiosos ver estendida a christandade por toda aquella cafraria, á imitação do seu monarcha, mas pelo tempo adiante derão tambem á Ordem e á Congregação um filho, que a não desmereceu, nem pela pessoa, nem pela capacidade. Foy este o Principe D. Miguel, herdeiro da corôa do Monomotapa, que criado com a doutrina dos Religiosos, e conhecendo o

pouco que são os Imperios do mundo, para quem pelo baptismo fica berdeiro de outro, que he eterno, entrou pelos claustros dominicanos a pedir e vestir a sua mortalha, pedida com humildade, vestida com alvoroço. Estudou com singular applicação, e chegando, com não menos capacidade, a occupar as cadeiras, passou á conversão das almas dos que o perderão Principe para o lograrem Mestre; sendo o seu exemplo a mais eloquente persuasiva que se escudou n'aquelle Imperio, com igual assombro que fructo. O Mestre geral da Ordem, Frei Thomás de Rocaberti, lhe mandou patente de Mestre em theologia, pelos annos de 1670. Acabou os seus em Goa, sendo Vigario de Santa Barbara, de morte placida, como quem se tinha recolhido a ensayar-se para ella.

•Mas será razão, que demos noticia do ultimo progresso d'estas christandades dos Rios, n'estes annos proximos ao em que escrevemos. Começou a crescer a cizania na seara de Christo, por algumas contendas que o administrador ecclesiastico tinha com os cultores d'ella, intentando introduzir outras religiões, sem haver respeito, a que era labor e trabalho da de S. Domingos, tão proprio como antigo, e frutuoso. Com estes pensamentos passou o administrador a Goa, adonde não surtiu effeito a sua diligencia, e voltando para os Rios, com tenção de as continuar, se pacificou tudo por industria do Presentado Fr. Francisco da Trindade, que embarcado com elle, vinha por commissario e visitador dos Rios, e vigario de Tete, com mais cinco Religiosos para a administração das igrejas. Chegou a Mosse, adonde visitou o convento, e as igrejas das ilhas de *Quirimba e Amiza*, e passando a Senna (adonde fez um catecismo, e confessionario na lingua dos natu-raes, de que se tirou grande fructo), despedio os Religiosos o Padre Frei João de Santo Thomás para a igreja do Espirito Santo de Sofala; o Padre Frei Damaso de Santa Rosa para a igreja do Zimbaoé, capellania do Imperador do Monomotapa; o Padre Frei Diogo de Santa Rosa para reedificar a igreja em a *Maçapa*; o Padre Frei Joseph de Santo Thomás para reedificar a igreja de *Hongue*; o Padre Frei Miguel dos Archanjos, para levantar novamente igreja no Reyno do *Quiteve*. Outras igrejas intentou o Commissario, que não tiverão effeito, mas continuou felizmente o da redução das almas n'estas novamente providas.

•Despedidos os Religiosos, passou o Commissario a Tete, adonde compondo novo catecismo na lingua da terra, fez fructo de innumeraveis almas, catequisando e baptizando assim meninos, como adultos. Foy um d'estes o Principe do Monomotapa, filho do Imperador D. Pedro, já defunto, e da Imperatriz Vondato, poz-lhe por nome D. Constantino, e voltando de Tete, o trouxe para a India, e no convento de Goa, com o nome de Frey Constantino do Rosario, tomou o habito de S. Domingos, em que depois o acompanhou outro Principe, irmão seu, por nome Frey João (de que se perdeu o cognome), que tinha baptizado o Padre Frey Filippe da Assumpção. Ao tempo que isto escrevemos, assistem ambos no convento de Santa Barbara em Goa.

•Estes forão os ultimos progressos das christandades dos Rios de Senna, em que sem duvida cultivou aquellas plantas novas de Tete o Presentado

Frey Francisco da Trindade, com tanta applicação e desvelo, que pelas ruas se entoavão as orações, e se ouviam no trabalho; e ordenando o Padre que nas casas da povoação se entoassem de noite e de manhã, por haver n'ellas numerosas familias (assim se exercitasse juntamente a devoção e a memoria), succedeu um caso em que mostrou o céo quanto lhe era aceito. Molestava-se com o estrondo que lhe fazião os cafres, hum homem dos poderosos da terra, e mandou em sua casa, que não resassem de madrugada. Mas não tardou muito que n'ella se ouvisse huma voz, que claramente chamava os escravos, que se ajuntassem para a doutrina. Espertavão, e ajuntavão-se, sem acabar de entender quem os chamava. A repetição fez mayor o reparo na casa; e fazendo-o o senhor d'ella, veyo a entender, que não devia embarçar occupação tão santa, e, advertido e devoto, mandou continual-a. »

NOTA 17.ª (PAG. 500)

Dão de certo boa luz ao assumpto, que vou tratando, os seguintes breves excerptos dos capitulos 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º, 7.º, 8.º e 10.º do liv. II de *Varia Historia da Christandade Oriental*, do padre frei João dos Santos.

«Do cap. I — Tanto que El-Rey D. Manoel descobrio as Indias orientaes logo se começou a accender nos corações dos Religiosos d'este Reyno de Portugal, e particularmente nos da Ordem do glorioso Patriarcha S. Domingos, huma fervente caridade e zelo de salvar as almas d'aquelles que novamente estavam conquistados nos corpos e nas terras. Pollo que se offerecerão logo a esta nova empreza muytos Religiosos da mesma Ordem, deixando a quietação de suas cellas, desnaturando-se de suas patrias, parentes e amigos, tendo em pouco os trabalhos do mar, e perigos, que em tão comprida viagem, e terras tão estranhas, e distantes lhes podião succeder.

«O primeiro Religioso portuguez da Ordem dos Prégadores, que acho ter passado a prégár a esta nova conquista, foi o Padre Frey Rodrigo Homem, Religioso de muita auctoridade e reputação, o qual estava já na India no anno de 1503, quando Affonso de Albuquerque foy a primeira vez a essas partes, como se pôde ver em seus commentarios, onde se refere o seguinte: «Vendo Affonso de Albuquerque as muitas differenças que tinha com Francisco de Albuquerque, seu primo, ácerca da primeira fortaleza que El-Rey D. Manoel mandou fazer a ambos em a cidade de Cochim, e vendo que se não podia conformar com elle, mandou chamar o Padre Frey Rodrigo, da Ordem de S. Domingos, e deu-lhe conta do que passava, e pediu-lhe muito que quizesse dizer missa na igreja nova, que tinha feito na fortaleza, por que se queria ir a Cantão carregar as suas náos, para se tornar a Portugal, e seu primo Francisco de Albuquerque ficasse embora, e fizesse o que quizesse. O Padre Frey Rodrigo lhe disse, que se espantava

muito entre huns homens tão honrados e tão parentes, haver tantas diferenças. E comtudo foi-se com elle à fortaleza, e disse a primeira missa na sua igreja nova; e acabada a missa andarão em procissão por dentro d'ella, e puserão-lhe nome o convento de Christo. E depois d'isso, vendo o Padre que não podia concertar as diferenças, que havia entre os dous primos, embarcou-se com Affonso de Albuquerque, e foy-se com elle para Cantão. Donde, partindo-se Affonso de Albuquerque pera Portugal com suas nãos carregadas, encommendou muito ao Padre Frey Rodrigo o governo e administração de huma igreja de christãos de S. Thomé, que na dita cidade achou da invocação de Nossa Senhora da Misericordia, e o que n'ella fez se pôde colligir dos mesmos commentarios....

«O segundo Religioso da Ordem dos Prégadores, que andava na India em companhia dos primeiros conquistadores, se collige claramente dos commentarios de Affonso de Albuquerque, onde se refere o seguinte: «Quando Affonso de Albuquerque tomou a cidade de Goa a primeira vez, que foy aos 16 de Fevereiro do anno do Senhor de 1510, levava em sua companhia hum padre de S. Domingos, o qual hia na dianteira de todo o arrayal com uma cruz levantada nas mãos, e logo detrás da cruz se seguia a bandeira real, que era de setim branco com as armas de Portugal, e toda a mais gente seguia estes dous estandartes; o numero da qual era mil portuguezes, e duzentos malavares, que Affonso de Albuquerque levou consigo de Cochim, pera se ajudar d'elles.» De modo que n'este tempo andava este Religioso na India em companhia de Affonso de Albuquerque, cujo nome não declara aqui o chronista. Mas Damião de Goes, na chronica de El-Rey D. Manoel (part. v, cap. iv), conta que quando Affonso de Albuquerque tomou Goa a primeira vez, mandou por embaixadores ao Xequé Ismael Ruy Gomes de Carvalhosa e o Padre Frey João, da Ordem de S. Domingos, na qual jornada o Carvalhosa foy morto em Ormuz pollos mouros com peçonha secretamente, e o Padre Frey João se tornou pera Goa. Donde parece que este he o mesmo Religioso de que se faz menção nos commentarios. pois esta embayxada se fez logo depois da tomada de Goa. E tambem he de crer que em companhia d'este Religioso andarião outros da mesma Ordem.

«O terceiro e quarto Religiosos d'esta Ordem, que passarão de Portugal a estas partes da India a prégar o Evangelho forão o Padre Frey João de Haro e o Padre Frey Luiz da Victoria, ambos letrados e bons prégadores; os quaes mandou El-Rey D. João III a prégar à India no anno de 1522. De Frey João de Haro faz menção Castanheda, e Diogo do Couto na iv decada diz que Lopo Vaz de S. Payo pedio ao Padre Frey João lhe declarasse se estava elle dito Governador legitimamente na governança da India, e com o parecer que lhe deu que si estava, quietou a consciencia, e não desistio do cargo e governo do dito estado. E em outro logar da mesma decada diz que no mesmo tempo foy eleyto o Padre Frey Luiz da Victoria por juiz d'esta causa com cinco fidalgos mais, o qual Padre era da Ordem de S. Domingos, e outro de S. Francisco, chamado Frey João de Alvi, pera que todos sete juntamente julgassem, e dessem sentença sobre as diferenças que havia entre Lopo Vaz de S. Payo e Pero Mascarenhas ácerca da

governança do estado da India, como de feito derão, e julgarão que Lopo Vaz de S. Payo era o verdadeiro e legitimo Governador.

•O quinto Religioso da Ordem dos Prégadores, que passou a esta nossa conquista, foy o Padre Frey Pedro Coelho, natural de Santarem, muy bom letrado e grande prégador. O qual no anno do Senhor de 1539 foy enviado por El-Rey D. João III, com tres Religiosos mais da mesma Ordem seus companheiros, pera que da India fossem ao Preste João em companhia do Patriarcha de Alexandria D. João Bermudez, o qual no mesmo anno partio d'este Reyno pera aquellas partes por ordem do Papa Paulo III...

•Do cap. II — Os primeiros Religiosos de S. Domingos, que forão de Portugal á India Oriental em communidade a fundar casas da sua Ordem, forão o Padre Frey Diogo Bermudez, Vigario geral, e doze Religiosos que levou comsigo, no anno do Senhor de 1548, governando a India Garcia de Sá. Entre estes doze foy o Padre Frey Francisco de Azevedo, varão muy virtuoso e douto. Este foy o primeiro que na India ensinou artes e theologia, a qual se leo em S. Domingos de Goa muytos annos antes que se lesse em outra parte, ou collegio algum da India. Na mesma companhia foy tambem o Padre Frey Gaspar da Cruz, natural da cidade de Evora, Religioso de muyta virtude e bom prégador. O qual foy o primeiro Religioso que passou aos Reynos de Camboya com tenção de fundar n'elles casa, e prégar o Evangelho aos gentios d'aquellas terras. O que por então não veyo a effeito por alguns impedimentos e grandes impossibilidades que achou no Rey da terra e nos bramanes, que são os seus religiosos, e como o dito Padre aponta no seu livro que fez da China. Polla qual causa passou logo d'alli aos Reynos da China com o mesmo intento: e elle foy o primeiro Religioso que entrou e prégou n'aquelle grande Reyno, posto que o Padre Francisco Xavier, da companhia de Jesus, foy pera entrar n'estes ditos Reynos no anno do Senhor de 1552, mas antes que lá chegasse falleceu na ilha de S. Gião, que está perto da China, e assi não entrou n'ella. Mas o Padre Frey Gaspar da Cruz entrou por muytas partes d'aquelles opulentos Reynos, e prégou n'elles no anno do Senhor de 1556; do que tudo fez um livro, em que conta miudamente todas as cousas da China e as do Rey de Ormuz, aonde tambem foy a prégar o Evangelho, depois de tornar da China...

•Estes doze Religiosos fizerão o nobre convento de S. Domingos de Goa, em que agora residem ordinariamente cincoenta Religiosos, e já chegarão a morar n'elle setenta. D'aqui forão fundar outros dous conventos, um na cidade de Chaul, outro em a de Cochim; em cada um dos quaes residem commummente trinta Religiosos, pouco mais ou menos.

•Depois que estes Padres tiverão assento nas tres principaes cidades da India, os mais Religiosos da mesma Ordem, que forão de Portugal, d'ahi por diante, não descansarão, nem se descuidarão da empreza que tinham tomado á sua conta...

•Do cap. III — Vendo os Padres de S. Domingos, que residião na cidade de Goa, a muyta gentildade que havia em toda a ilha, fizerão com o Governador D. Pedro Mascarenhas (que n'aquelle anno, que foy o de 1553, tinha ido de Portugal pera governar a India), que repartisse as aldéas de

Goa, em que vivião estes gentios, e commettesse a conversão d'ellas aos Religiosos que já estavam na Índia, pera que huns e outros tomassem as que lhe coubessem à sua conta, e fossem entrando por ellas prégando, convertendo e bautisando a todos os que podessem; o que logo fez o dito Governador D. Pedro, repartindo a christandade da ilha pollos Padres de S. Domingos e da Companhia, que já n'este tempo lá estavam: e de trinta aldéas de gentios, que na dita ilha havia, ficarão quinze à conta dos Padres de S. Domingos, todos quasi em hum direito, da aldéa de Morumbim, o grande, até à aldéa de Taleygão, entre as quaes logo os nossos Padres fizerão quatro igrejas, pera que residindo n'ellas de mais perto, e com melhor cuidado fossem prégando, convertendo e trasendo ao rebanho da Igreja Catholica aquellas bravas e sylvestres ovelhas, que d'elle andavão apartadas....

«Do cap. iv — No mesmo tempo em que se começou a christandade da ilha de Goa, forão outros Religiosos d'esta sagrada Ordem povoar uma casa, que o Padre Frey Gaspar da Cruz tinha fundada em Malaca, onde agora residem ordinariamente cinco, e seis Religiosos, e d'alli foy o Padre Frey Antonio da Cruz, com tres companheiros, por mandado do Bispo de Malaca D. Frey Jorge de Santa Luzia, no anno do Senhor de 1561 às ilhas de Solor, que estão em 8^a da banda do Sul, e de Malaca 480 legoas, e são tres ilhas em triangulo, Solor, Lamalla, Lobo-balla, e n'ellas bautisou muytos gentios, entre os quaes fez christãos o senhor da ilha de Solor, a que chamão sangue de pate, e d'alli mandou Religiosos à ilha de Ende, que são 30 legoas de Solor, e à ilha de Timor, que jaz pera o sul 20 legoas de Solor, onde forão bem recebidos, e fizerão grande fructo. D'estas ilhas tinha já tomado posse o Padre Frey Antonio Taveiro, que foy o primeiro Religioso que n'ellas entrou e fez christandade: do qual diz o Padre Frey Gaspar da Cruz, no prologo que faz do livro da China, que já quando elle passou de Camboya pera a China (que foy no anno do Senhor de 1556) tinha este padre feyto na ilha de Timor passante de cinco mil christãos, e na ilha do Ende outra muyto grande copia d'elles....»

Do cap. vi — «Depois que a christandade de Solor foy crescendo e multiplicando, como temos visto, determinaram os ditos Religiosos tomar outras emprezas novas, e fazer nova sementeira da palavra do Senhor... Pollo que d'ahi a poucos annos forão mandados ao grande Reyno de Syão o Padre Frey Hieronymo da Cruz, e o Padre Frey Sebastião do Canto...: os quaes forão os primeiros Religiosos que entrarão n'aquelle Reyno, e n'elle recebeu martyrio o Padre Frey Hieronymo da Cruz...»

«Do cap. vii — Não descansavão os Religiosos do Patriarcha S. Domingos, nem se contentavão com as emprezas das christandades, que tinham tomado, antes se esforçavão cada dia mais em o Senhor, pera dilatarem sua fé n'aquellas partes, onde não tinha entrado inda seu conhecimento; e pera esse effeito passarão alguns ao Reyno de Camboya (que confina com o de Syão). O primeiro que n'elle entrou e prégou foy o Padre Frey Gaspar da Cruz, de quem já tenho tratado. O segundo foy o Padre Frey Lopo Cardoso.... Os quaes fizerão no mesmo logar que lhes El-Rey tinha

gado huma igreja, com ajuda do mesmo Rey e dos Portugueses que lá residião, e todos ajudavão estes novos e santos principios.

•N'este tempo veyo o Rey de Syão com guerra sobre Camboya, e venceo o Rey d'ella, e o poz em fugida, e juntamente lhe levou muita gente cativa pera Syão; entre os quaes forão tambem os Padres e outros Portugueses, que no mesmo tempo se achavão com o Rey de Camboya n'esta guerra; e todos ião presos e muy receosos de os matarem, ou pollo menos de viverem toda a sua vida em cativeiro. Mas este Rey muy differentemente se houve do que elles imaginavão, porque tomou tanta affeição aos Padres, e em particular ao Padre Frey Jorge da Motta, que o fez a segunda pessoa do seu Reyno, assi no governo, como na reverencia que mandava lhe tivessem todos, e era em o Reyno de Syão como outro Frey Sylvestre em Comboya, de sorte que por seu respeito soltou o Rey todos os Portuguezes que tinha cativos, e deu-lhe liberdade pera se poderem ir para a India...

•No tempo que o Padre Frey Sylvestre andava no Reyno de Camboya, se descubriu huma cidade, a que chamam Angor, situada duzentas legoas polla terra dentro, começando a contar da entrada do rio: a qual estava despovoada, cheya de mato e herva, e habitada de bestas feras. Tinha huma muralha de quatro legoas de pedra de cantaria, posta huma sobre outra sem cal... Vão a esta cidade com embarcações, e perto d'ella desembarcação em humas praias, que até então erão matos desertos e muy cerrados; e hoje já estão esmoutados e feitos caminhos pera a cidade, aonde o Rey de Camboya se passou com sua côrte, e n'ella vive. Os nossos Religiosos estiverão n'ella, e os capuchos de S. Francisco, que me contavão estas cousas, e muita gente da India tem lá ido.

•Do cap. viii — Depois que os Religiosos da Ordem dos Prégadores plantarão a fé de Christo em algumas partes da India, como fica dito, desejosos de a dilatar pollas mais partes do Oriente, passarão ás da Ethiopia Oriental, pera n'ella cultivarem o mato da inculta e agreste gentilidade. Estes forão os Padres Frey Hieronymo do Canto e Frey Pedro Usus Mâris: os quaes fundarão logo huma casa na ilha de Moçambique, em que morrassem ordinariamente seis ou sete Religiosos. Isto foy no tempo em que veyo ter a esta ilha o Conde de Athouguia, D. Luiz de Athaide...

•Da mesma casa forão logo os Padres de S. Domingos continuando com a christandade e prégação do Evangelho por todas estas; dos quaes huns forão á ilha de S. Lourenço (como adiante diremos), outros forão á ilha do Cabo Delgado, e fizerão com Diogo Rodrigues Corrêa, senhor da ilha de Quirimba, que fizesse na mesma ilha uma igreja, como fez, muito formosa, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, a qual deu á Ordem de S. Domingos. N'esta igreja estive eu dous annos.

•Outros Religiosos d'esta casa de Moçambique forão enviados aos rios de Cuama... Estes mesmos Padres fizerão logo uma igreja em Senna, da invocação de Santa Catharina de Senna, com duas confrarias mais... Fizerão mais uma igreja em Tete da invocação de Santiago, e n'ella outras duas confrarias, huma de Nossa Senhora da Conceição e outra de Santo Antonio de Padua...

•D'esta casa de Moçambique forão algumas vezes Religiosos da dita Ordem a visitar toda esta costa, assi de Sofala e Rios de Cuama, como das ilhas de Quirimba e Costa de Melinde.... Os quaes n'estas visitas (que cada um fez por sua vez, e alguns duas vezes e mais) fizerão muitos serviços a Deos, emendando muitos vicios. reprimendo muitos peccados publicos e máos costumes que avia em todas estas partes. De modo que esta casa de S. Domingos, de Moçambique, é seminario, do qual provém todas estas christandades da Ethiopia, que tenho apontado, onde se faz muito serviço a Deos e a El-Rey Nosso Senhor.

•Do cap. x — Já temos visto de quanta importancia forão as casas que os Religiosos de S. Domingos fundarão em Malaca e Moçambique, donde sahirão tantos Padres a prégar a fé pollos Reynos de Solor, Timor, Ende, Syão e Camboya, e pollos Reynos da Ethiopia, como fica dito. Resta agora saber que os mais Religiosos da mesma Ordem, que andavão na India, tambem trabalhavão, não sómente na mesma prégacao e doutrina do Evangelho, mas tambem na fundação de outras casas, conventos e collegios. Dos quaes huns forão fundar o convento de Dio, em que vivem dez Religiosos. Para a cidade de Baçaim forão outros, onde fizerão huma casa da invocação de S. Gonçalo, em que morão seis e sete. Outros fundarão duas casas, huma em Maim e outra em Tarapor. Outros fizerão a igreja de Nossa Senhora dos Remedios, a qual está a meya legoa de Baçaim, polla terra dentro, e he casa de muyta romagem....

•Outras duas casas tiverão os Padres de S. Domingos, huma em a fortaleza de Ormuz, onde residirão muitos annos. Outra em a fortaleza de Chale, a qual os Malavares cercarão,... e está hoje despovoada. A casa de Ormuz a largarão aos Padres de Santo Agostinho, os quaes inda hoje conservão n'ella a confraria do glorioso S. Gonçalo de Amarante, que alli ficou em muyta veneração.

•Depois de todas estas casas sobreditas, fundarão os Padres da nossa Ordem huma casa na China, na ilha de Machao, onde os Portugueses tem huma nobre povoação, na qual reside o Bispo da China. N'esta casa vivem cinco ou seis Religiosos....

•Depois d'esta casa fundarão os Padres da dita Ordem hum collegio em a cidade de Goa, junto ao rio, logar muyto sadio e aprasivel. O qual collegio he da invocação de S. Thomás de Aquino, e n'elle residem ordinariamente quarenta estudantes com seu prior, e leitores de artes e de theologia.

•Outra casa tinhão os nossos Religiosos principiada em a cidade de S. Thomé, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, e no anno de 1603 forão dous da mesma Ordem acabar a dita casa, pera n'ella residirem d'ahi por diante, prégaem e sacramentarem, como nas mais fazem. O que puzerão em effeito á petição e rogo dos moradores da cidade, e hoje já estão n'ella cinco ou seis, e tem bastante sustentação.

•No anno de 1603 forão chamados os Religiosos d'esta sagrada Ordem pollos moradores de Bengala, pedindo-lhe com muyta instancia quizessem ir ao dito Reyno fundar casas, e morar n'ellas, pera doutrinar aquelles

povos. O que visto pollos Religiosos ordenarão logo mandar alguns Padres pera satisfazerem a tão justa petição, e devoção que mostravão ter à Ordem de S. Domingos.

• Tanto que o Rey do Arrecão soube que estavam Padres de S. Domingos em Bengala, mandou chamar o Padre Frey Belchior da Luz e o recebeu com grandes honras, fazendo-lhe muitas mercês, pretendendo tratar por sua via pazes e amisade com os Portugueses, porque a desejava muyto; e pera isso lhe pedio que fosse a Goa tratar este negocio com o Vice-rey. E fazendo elle esta viagem, tomou Bengala de caminho, pera ver em que estado estava o Padre Frey Gaspar, seu companheiro, e a casa que tinha principiada.

• No anno seguinte forão tambem Religiosos d'esta sagrada Ordem pera Pegú, onde agora estão cinco, e tem fundado duas casas, huma na ilha de Syrião... aonde tambem se faz seminario pera criação de moços, e já n'elle estão alguns, a quem os Religiosos ensinão a ler, escrever, latim, canto e bons costumes...

• No mesmo anno de 1604 forão pedidos com muyta instancia de Negapatão Religiosos d'esta sagrada Ordem, pera que fossem fundar casa na dita cidade: a cuja petição deferirão, e acceitarão a casa, que os moradores d'ella lhe fazem, e sustentão à sua custa quatro ou cinco Religiosos.

• No anno de 1605 forão pedidos Religiosos d'esta Ordem da ilha de Ceilão, onde foy mandado o Padre Frey Manuel da Gama, natural da cidade de Cochim, bom prégador e Religioso muy observante, com outro companheiro sacerdote: os quaes forão bem recebidos, e fundarão logo casa em que vivem, e tem instituido n'ella a confraria do Rosario, que he de muyta devoção.

• De maneira que estes novos conquistadores de almas tomarão tanto a peito esta santa empreza que em muyto poucos de annos prégarão a lei evangelica, e dilatarão a fé de Christo Nosso Senhor pollas mais remotas partes do Oriente, e aproveitarão tanto no ministerio da christandade polla misericordia de Deos, que tem feito n'estas casas, que atrás ficão nomeadas, muytos milhares de christãos.

NOTA 18.ª (PAG. 300)

ETHIOPIA ORIENTAL, LIV. II, CAP. XI

Da serra chamada Fura e de umas ruinas antigas, que dizem forão Feitoria da Rainha de Sabbá, ou de Salomão,

«Perto da povoação de Massapa está huma muito alta e grande serra, chamada Fura, donde se descobre muyta parte do Reyno do Manamotapa, e por esse respeito não consente o Rey que os Portugueses subão a esta serra, por lhe não cubiçarem a grandeza, e fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas e tão grossas minas de ouro. No alto d'esta serra estão inda em pé huns pedaços de paredes velhas, e humas ruinas antigas de pedra e cal, que bem demonstrão estarem ali já casas e aposentos fortes, cousa que não ha em toda a cafraria, porque até as casas dos Reys são de madeira, barradas com barro, e cubertas de palha. Dizem os naturaes d'estas terras, e particularmente alguns mouros antigos, que tem por tradição de seus antepassados, que aquellas casas forão antigamente feitoria da Rainha Sabbá, e que d'aqui lhe levavão muito ouro pollos rios de Cuama abaixo, até o mar Oceano Ethiopico, pollo qual navegavão em navios, indo sempre correndo a costa da Ethiopia até o mar Roxo, e entrando por elle acima, navegavão até chegarem ás praias que confinão com as terras do Egypto, onde se desembarcava todo este ouro, e d'ahi o levavão por terra até à côrte da Rainha Sabbá, a qual dizião fôra Rainha e senhora de muita parte da Ethiopia do Egypto, e que por este mar Roxo mandava suas armadas buscar o ouro d'estes rios. No que eu tenho pouca duvida, porque esta opinião é de gravissimos autores nossos, que dizem que a Rainha Sabbá foy senhora da Ethiopia do Egypto, como são os gloriosos S. Hieronymo, sobre o propheta Sophonias, e Origenes sobre

os Cantares, e Josepho no livro das antiguidades judaycas. E alem d'isso ainda hoje ha huma nobilissima cidade na Ethiopia, que antigamente se chamava Sabbá, situada em huma ilha que faz o rio Nilo, muy nomeada, e contada entro as cousas notaveis d'aquella região, assi por sua fertilidade, como por ser muy povoada e frequentada de varias nações de gente. A esta cidade Sabbá mudou o nome depois um Rey d'este Reyno, chamado Cambyzes, e chamou-lhe Méroe, em memoria de huma irmã sua, a quem amava muito. Fazem menção d'estas cousas Plinio, lib. 2, cap. 73, Strabo, lib. 27, Josepho, lib. 2, Antiq. e S. Hieronymo De Locis Hebraic., lib. 8, e outros muytos autores. Donde se collige ter muyto fundamento o que se diz ácerca d'esta Rainha de Ethiopia poder ter sua feitoria n'esta terra da Fura, d'onde lhe levassem o ouro.

«Outros dizem que estas ruinas forão feitoria de Salamão, onde tinha seus feitores, que lhe levavão muyto ouro d'estas terras, pollos mesmos rios abayxos, até sayrem ao mar Oceano Ethiopico, e polo mesmo mar navegavão até enfar pelo estreito do Mar Roxo, e que desembarcando nas praias de Arabia, junto a Suez, o levavão por terra até Hierusalem, que são oitenta legoas, pouco mais ou menos. Dizem mais que o ouro de Ophir, que levavão a Salomão, era d'esta terra, a que chamão Fura, ou Afura, e que pouca differença vay de Afura a Ophir, o qual nome andarà já corrupto pela mudança dos tempos e idades que de então até agora correrão. Eu não sey com que fundamento estes dizem huma cousa e outra, sómente sey dizer que ao redor d'esta serra ha muyto e fino ouro, e que d'aqui podia ir por estes rios abayxo n'este tempo, como agora vay por via dos Portugueses, e antigamente hia por via dos Mouros de Moçambique e de Quiloa, antes que os Portugueses conquistassem estas terras. E assi como agora todo este ouro que sae d'estes rios vay pera a India, assi podia ir até o Cabo do estreito do Mar Roxo, e d'ahi até Suez, e até Hierusalem, como fica dito. A qual navegação se devia fazer em muyto tempo, porque então não estaria esta viagem tão sabida como agora, nem tambem averia tão boas embarcações e pilotos, como oje são os que sabem esta carreira, e tambem pollo muyto tempo que se devia gastar em quanto se ajuntava, e resgatava o ouro da mão dos cafres, porque inda oje que as minas estão mais sabidas, e a cobiça dos cafres mais acesa no desejo de possuir as contas e roupas que os Portugueses de continuo levão a suas terras; todavia gastão os mercadores n'este trato hum anno, e mais, sem acabarem de vender suas mercadorias, por causa de serem os cafres muito perguichosos em cavar a terra pera buscarem o ouro, porque o não fazem senão constrangidos da necessidade. Alem d'isto gasta-se muito tempo na viagem, que se faz assi pollos rios, como pollo Mar Ethiopico, o qual se navega com muytos contrastes, por causa dos tempos differentes que n'elles se esperão, porque em toda esta costa da Ethiopia se navega sómente com dous ventos, que durão seis mezes da banda de Levante, e outros seis do Poente, a que chamão Monções. Pollo qual respeito invernaão as embarcações muytas vezes n'esta costa.»

NOTA 18.¹ (PAG. 309)

VERDADEIRA INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO, SEGUNDO VIO E ESCREVEU
O PADRE FRANCISCO ALVAREZ, CAPELLÃO DEL-REY NOSSO SENHOR, ETC.
MS. DA ACAD. R. DAS SCIENCIAS, CAP. XXXII

Da multidão dos gafanhotos que ha na terra, e do dano que fazem,
e como fizemos procissão, e os gafanhotos morreram

N. B. Para commodidade dos leitores substitui, ou antes aclarei, no que me pareceu preciso, a orthographia do auctor.

«N'esta parte, e em todo o senhorio do Preste João, ha muy grande praga de gafanhotos, que destroem as novidades em muy grande maneira. Não é para crer sua multidão, que cobrem a terra e enchem o ar: tiram a claridade ao sol. Ainda digo não ser cousa para crer quem os não vir. Não são geraes em todo o reino cada anno: porque se o fossem, seria a terra deserta segundo a destruição que fazem: mas um anno he em uma parte, e outro em outra: como se dissessemos nas comarcas de Portugal e de Hespanha. Um anno são nas partes da Galliza, outro entre Douro e Minho, outro em Tras-os-Montes, outro na Beira, outro na Estremadura, outro na Andaluzia, outro em Castella a Velha, outro em Aragão: algumas vezes em duas ou tres partes d'estas comarcas. E onde chega, fica a terra como de lhe porem o fogo. E estes gafanhotos são como grandes cigarras: são amarellos das azas, e quando vem de caminho hum dia antes o sabem: não porque os vejam: senão porque vêem o sol amarello e a terra amarella,

¹ A numeração está errada por ter sido indevidamente repetida, mas pareceu-me melhor não a alterar, porque, citada a pagina a que pertence a *Nota*, como sempre costume, não fica a occasião de equívoco.

isto é, a sombra que sobre ella dá. E logo a gente esmorece dizendo, perdidos somos, porque vem os Ambatas, e este he o seu nome entre elles: e direy o que vi por tres vezes: a primeira foy no logar de Barva. Já havia tres annos que estavamos n'esta terra, e por muytas vezes ouviamos dizer tal reino, tal terra. é perdida dos Ambatas, e nós estando assim vimos este signal. O sol ser amarello, e a sombra na terra outro tanto, e a gente toda esmorecida, e no outro dia não era cousa para crer: que trasiã largueza de oito legoas: segundo depois soubemos sendo esta praga assim junta, vieram a mi os mais dos clerigos do logar que lhes dêsse alguma mésinha para ella. Eu lhes respondi que não sabia outra mésinha senão encommendar a Deos, e pedir-lhe que lance a praga fóra da terra. Fui com isto ao Embaixador dizendo-lhe que me parecia bem que fizesses huma procissão com a gente da terra, e que prazeria a Deos Nosso Senhor ouvir-nos. Pareceu bem ao Embaixador, e no outro dia pela manhã fizemos ajuntar a gente do logar, e todos os clerigos: e tomamos nossa pedra d'ara, e os do logar a sua, à sua usança; e nossa cruz e a sua, cantando nossa ladainha sahimos da igreja todos os Portugueses e a maior parte da gente do logar. E eu disse a elles que não fossem callados, e que bradassem como nós, dizendo por sua lingua, Zio marenos, que quer dizer na nossa lingua, Senhor Jesus Christo amerceada-te de nós. E com este clamor e ladainha fomos por uma campina de terras de trigos, espaço de um terço de legua, até um pequeno cabeço; e alli fiz uma amostração que já levava escripta, que aquella noite fizera com requerimento e amostração de excommunhão em cima, que dentro de tres horas começassem a fazer caminho; e se fossem ao mar ou terra de mouros, ou montes sem proveito aos christãos. E não e fazendo chamava e invocava as aves do céu e alimarias da terra, pedra e tempestade, que dissipassem, e quebrantassem e comessem seus corpos. E para isto mandei tomar somma d'estes gafanhotos: e assim fiz esta amostração a estes presentes em seus nomes e dos ausentes, e mandei-os soltar em paz. Prouve a Nosso Senhor que ouviu os peccadores. E fazendo nós a volta para o logar, porque o seu caminho era para o mar donde elles vieram. Eram tantos após nós que não parecia se não que nos querião quebrar as costas e cabeças com pedradas, taes eram as porradas que punham em nós. Quando chegámos ao logar, homens, mulheres e mininos que n'este ficaram, todos postos por cima dos terrados das casas, os achámos dando graças a Deos de como os gafanhotos iam fugindo ante nós: e outros que vinham após nós. E n'isto armou-se uma grande trovoadã de contra o mar, que lhes vinha de rosto com forte agua e pedra, que durou bem tres horas, encheu a ribeira e ribeiros muito: quando acabaram de vasar foy cousa de espanto que mediram dous covados de altura d'elles mortos na beira d'agua da grande ribeira, e assim pelos regatos grande multidão mortos pelas bordas. No outro dia pela manhã não havia em toda a terra só um vivo. Ouvindo os logares de arredor onde os gafanhotos chegavam, vieram ver o que fóra, e diziam alguns. Estes Portugueses são santos, e por virtude de Deus lançaram os Ambatas fóra. Outros diziam, principalmente clerigos e frades das comareas (não

os d'este logar) mas são feitiçeiros, e com feitiços lançaram os Ambatas, e assim não tem elles medo aos liões nem a outros animaes, pelas feitiçarias que fazem. Aos xvj depois d'isto, veio a mim um Xuumo sc., capitão de um logar que se chama Coiberia: com homens, clerigos e frades, rogar pelo amor de Deus que lhes soccorressemos, que todos eram perdidos com os Ambatas. Este logar será bem viij legoas e mais de Barva contra o mar, chegaram a nós horas de vespera. N'aquella hora partimos cinco Portugueses e andámos toda a noite, e chegámos huma hora depois do sol sahido. Já estava o logar junto, e d'outros logares de arredór (em que também eram os gafanhotos) a pedir pelo amor de Deos que fossemos lá. Está este logar em um alto cabeça, onde pareciam grandes terras e muitos logares, todos amarellos com gafanhotos. A igreja está ao pé do logar; fomos a ella, e com nossa procissão fomos ao logar e démos uma volta d'arredór d'elle, e para quatro partes em quatro logares fizemos amostração tendo os gafanhotos tomados, e soltando-os como da outra vez fizemos. Acabada a procissão nos fomos a comer, acabando de comer que sahimos de casa, em toda a terra não parecia um só; e a gente da terra não nos queria deixar que em todas maneiras fossemos aos seus logares, e que nos dariam quanto quizessemos. Não me valia dizer que eram idas e que não era necessario: todavia porflavam que lhes fosse deitar a benção, que haviam medo de tornarem. E assim se foy a gente embora, e nós ao outro dia tornamos para nossas pousadas. Aqui começaram a afirmar mais que por devoções e rezar se iam os gafanhotos.»

CAP. XXXIII

Do dano que vimos em outra terra, feito pelos gafanhotos em duas partes

«Outra vez vimos os gafanhotos em outra terra que se chama Abrigima, onde o Preste nos mandou dar o mantimento no reino Dangote; esta terra he distante de Barva, onde estivemos, em andar trinta dias o caminho. Sendo nós n'esta terra fui com o Embaixador que hia de Portugal, e cinco genoveses comnosco contra huma terra que se chama Aagao, caminhámos cinco dias por terras que estavam todas despovoadas, e pelas cannas de milho tão grossas como as mais grossas cannas de empar vinhas, que não se póde dizer todas cortadas e machadas, como que as macharam asnos, tudo dos gafanhotos. Os trigos, cevadas, tafos, como se nunca alli foram sementeos; as arvores sem nenhuma folha, os páos tenros todos comidos; não havia hy memoria de herva de nenhuma feição. Se não fomos sobre aviso com mulas carregadas de cevada e mantimentos para nós, perceramos á fome nós e as mulas. Era esta terra toda coberta de gafanhotos sem azas; e diziam que era a semente dos que alli andaram que destruíram a terra, e diziam que como tivessem asas logo iriam bascar seus paes. A multidão d'estes sem asas callo, porque não he para crer; e é rasão que diga o que mais vi n'esta terra. Vi estar homens, mulheres, meninos, como pas-

mados assentados entre estes gafanhotos. Eu lhes dizia: porque estaes assi morrendo, porque não mataes d'estes animaes, e vingai-vos do mal que vos fizeram seus paes, e ao menos os mortos vos não farão mais mal. Respondiam que não tinham coração para resistir á praga que Deus lhes dava por seus peccados. A gente que d'esta terra se hia achámos caminhos cheios de homens, mulheres e meninos a pé, e d'elles nos braços, seus fatinhos nas cabeças, mudando-se a terra onde achassem mantimento (era huma piedade de os ver.) Estando nós n'esta senhoria de Brigima em um logar que se chama Aquate, vieram ahi de caminho tamanha multidão de gafanhotos que não é para dizer; e começaram de chegar hi hum dia horas de terça, e até á noite não cessaram, e assi como chegavam se aposentavam. No outro dia horas de prima começaram a partir, e ao meio dia não era hi nenhum, e não ficou folha em arvore. N'aquelle instante começaram outros de vir: e assi estiveram como os outros até outro dia áquellas horas, e estes não deixaram pão nenhum com casca, nem herva verde; e por esta maneira fizeram cinco dias uma após outra; e diziam que eram os filhos que hiam em busca dos paes; e levavam o caminho para os outros que não tinham azas. Depois d'elles passados soubémos a largueza que traziam por onde vinham estes gafanhotos, e vimos a destruição que fizeram; passaria a largueza de tres legoas em que não ficou casca em arvore: e não parecia a terra ser queimada, mas muito nevada com alvura dos pãos, e com sequidão daservas. Quiz Deos que as novidades eram já recolhidas; não soubemos onde foy sua hida, porque vinham de contra o mar do reino de Dandali, que é de mouros de guerra; nem mesmo soubemos onde fôra o fim do seu caminho.»

NOTA 19.ª (PAG. 510)

O dr. Livingstone, como temos observado, pretende a todo o custo fazer passar os portuguezes por inteiramente ignorantes das riquezas do reino mineral, que nos depara a Zambezia, e geralmente toda a Africa Oriental; e com quanto já fique de sobejo demonstrada a sua sem-razão, julgo com-tudo que será conveniente dar aqui a relação das differentes minas, desde muito tempo conhecidas, e que tem jazida nos districtos de Senna, Tete, etc. Por este modo mais uma vez se conhecerá qual confiança pôde ser posta nas asserções do missionario inglez, e qual a boa fé de que tem por costume usar com respeito aos portuguezes.

Comecemos pela relação das minas que pertencem ao commando militar de Senna, e sigamos a informação official¹.

MACEQUE — DINA — CHITONDUE — MACAMBACA — CHIROMBE — MUCAZA — JANIRA — MARASSA — MARONDO — NAGOMO — MURURO — ZIVIRE — NHAHUNDA — NHAMPANANTENGO — NHANGOMBE — SAMAGUENDE — TUCARUME — MARONDO — UMBONDA — NHANGA — MUCOMBUE — DÁAR — MANAME — VENGO E CURAMUANZA, districto de Manica; 340 legoas de extensão, approximadamente, de *terreno aurifero*, a começar na distancia de 150 legoas da villa de Senna.

• MUMENE, districto de Vumba, 40 leguas de extensão, começando a mina de *ouro* 160 legoas distante de Senna.

• MANHENGEIROS, districto de Orobos, mina de *ouro* de 240 legoas de extensão em rocha. Distante da villa 500 legoas.

• SANTUA, districto de Binre, mina de *ouro* de 40 leguas de extensão, a 240 leguas de Senna.

• MACOMO, no mesmo districto, mina de *ouro* de 2 leguas, a 260 da villa.

• MUCHANACHA, no mesmo districto, mina de *ouro* de 240 leguas de extensão, longe de Senna 320 leguas.

¹ Bordallo, *Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguezas*, cap. xiii, pag. 220.

«VOSZE, districto de Bôxa, a 160 leguas de Senna, mina de *ouro* de 2 leguas de extensão.

«SUROCURO, districto de Oeras, mina de *ouro* de 4 leguas de extensão, a 500 leguas de Senna. Encontram-se n'este logar ruínas de grandes edificios, mas não se sabe quem os habitou.

«NHAMACANGA, no mesmo districto, mina de *ouro* de 10 leguas de extensão, a igual distancia de Senna.

«GAEME, no mesmo districto, mina de *ouro* de 4 leguas de extensão. Á mesma distancia da villa.

«DANGA, districto de Duma, mina de *cobre* de 300 leguas de extensão, a 320 leguas de distancia de Senna.

«PENDICO, no referido districto, outra mina de *cobre* da mesma extensão, e a igual distancia da villa.

«BUCUTA, districto de Maunge, mina de *ferro* de 240 leguas de extensão, distante 160 leguas de Senna.

«VERA, districto de Binre, mina de *ferro* de 300 leguas de extensão, a 200 leguas da villa.

«DARE — CHIMOCA — PANDA — NHANQUIQUE — SOUSO — NHACASAPA — NHAMANDO — RUSSANHA — NHAMPUCA — NHANSPUCAIA — MANDÊA — TUCARUME — MUCOMBUE E NHANGOMO, districto de Manica; minas de *ferro* na extensão de 340 leguas, principiando 150 leguas longe de Senna.»

N. B. A relação official d'estas minas está assignada e authenticada pelo commandante militar de Senna. Tambem deve advertir-se que muitas d'estas minas foram encetadas, mas em geral estão pouco mineradas por falta de braços.

RELAÇÃO DAS MINAS CONHECIDAS, PERTENCENTES AO COMMANDO MILITAR DE TETE

«N'este districto (de Tete) ha minas de *ouro*, muitas e abundantes minas de *ferro*, e não menos valiosas jazidas de *carvão de pedra*. Das primeiras, não exploradas devidamente, e apenas conhecidas por amostras de *ouro*, que uma commissão especial ultimamente examinou, consta a existencia das seguintes:

«No praso MARABUE, ao norte do Zambeze, a 3 leguas de distancia da villa.

«No praso CHICORONGUE, tambem do outro lado do rio, e a 10 leguas proxivamente de Tete.

«Na terra de MASSACA, alem do rio 8 leguas.

«Em MARUCA, tambem ao norte do Zambese, distancia de 4 leguas.

«Em NHAMITARARA, igualmente do outro lado do rio, distante 4 leguas, pouco mais ou menos, da villa.

«No districto pertencente a Pedro Caetano Pereira, vulgo Chissaca, tambem se encontra *ouro* nos prazos MACHINGA — JAVA — CHISSIDENDO — CAPATA — MISSALE E MANO, que ficam umas 60 leguas distantes de Tete, para alem do rio.

•No praso MUZEZUROS, pelo sertão dentro, existe um grande *terreno aurífero*, que não é lavrado, segundo informa a commissão.

MINAS DE CARVÃO DE PEDRA NO DISTRICTO DE TETE

•As primeiras minas de carvão foram descobertas por um curioso em 1836, sendo Governador de Rios de Senna Izidro Manuel de Carrasedo, que mandou amostras à Secretaria da Marinha e Ultramar. Sob o governo do general Marinho foram experimentadas novas amostras a bordo do vapor inglez *Nemesis*, e, combinadas com outro carvão, forneceram ottimo combustivel.

•O governo de Bombaim comprava carvão de Tete a 24 rupias a tonelada (10\$000 réis proximamente); mas a falta de vias de communicacão na Zambesia fez com que não progredisse a mineraçãõ, porque vinha muito caro ao littoral.»

Por me parecer de utilidade aqui ajuntarei as analyses feitas do nosso carvão africano.

O sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel (hoje visconde de Villa Maior), lente de chimica na escola polytechnica de Lisboa, tambem examinou, em julho de 1844, o carvão das minas de Tete, e dà ácerca d'elle a seguinte opiniãõ:

•Este carvão apresenta todos os caracteres de um *carvão sêcco de boa qualidade*. Tem uma cõr negra-acastanhada: é divisivel em fragmentos rhomboedricos, cujas faces apresentam estrias. Tem pó negro, mancha o papel com uma cõr negra-acastanhada, que é um indicio de ser muito hydrogenado, arde com facilidade com chamma longa, fuliginosa, um pouco avermelhada, e sem cheiro desagradavel; agglutina-se quando se aquece fortemente. Queimando-o, deixa 25 por cento de cinzas de boa qualidade. Outros ensaios se poderiam fazer, taes como: 1.º, determinar a quantidade e qualidade dos gazes que dá pela distillaçãõ; 2.º, examinar a qualidade de coke, ou residuo da distillaçãõ, etc.; mas para isso é necessario mais tempo e mais carvão. O que se pôde asseverar desde já é que a qualidade d'este carvão não é para despresar, e que a exploraçãõ do deposito deve trazer grandes vantagens, mesmo na qualidade em que se acha, sobretudo por se poder fazer a extracçãõ com braços africanos.»

•Em fevereiro de 1845¹ foi o mesmo carvão ensaiado na botica do hospital militar de Goa, pelo primeiro boticario, Antonio José Cardoso, que a este respeito diz o seguinte: «Caracteres physicos: muito fragil, luminoso, de laminas brilhantes, polidas e sobrepostas, do peso especifico 7,12. O da producçãõ ingleza é menos fragil, luminoso, laminas muito finas e atorroadas, e muito mais brilhantes, de cõr mais escura, peso especifico 6,42. Passando a examinar o grau de combustãõ de ambos em iguaes proporções, achei que a combustãõ do carvão de Tete era mais lenta, e o grau de escandecencia muito menos intenso do que o de producçãõ ingleza, deixando

¹ *Diario do Governo*, abril de 1858

mais residuo do que este. Feita esta analyse tomei a quantidade de quatro onças de carvão de Tete, e igual quantidade de nitrato de potassa, e reduzidos previamente a pó, e misturados, tratei de distillar esta mistura em retorta de barro, adaptando-lhe um recipiente com oito libras de agua de cal (hydrosoluto de cal). Logo principiaram a desenvolver-se vapores da retorta, e principiou a ter logar a precipitação do oxi-calcium em carbonato de calcium em pequenas crustas; e continuando-lhe a activar o fogo gradualmente até que deixou de haver precipitação, mudei logo o recipiente, e substitui com outro com igual quantidade de agua de cal; continuando a activar o fogo deixou de uma vez de haver precipitação. Tendo acabado este trabalho com o carvão africano passei pela mesma maneira a examinar uma igual quantidade de carvão de produção ingleza, e deu-me em resultado saturar maior quantidade de agua de cal, d'onde se conclue que o carvão africano é um pouco inferior ao da produção ingleza.

**RELAÇÃO DAS MINAS DE CARVÃO DE PEDRA, JÁ DE MAIS TEMPO CONHECIDAS
EM CHIDINA, NO MONOMOTAPA ⁴**

«MORANGOSE, PANDAMARI, a 3 leguas distante do Zambeze, com caminho pelo rio Revubué ou Revugo.

«MOATIZI, INHAMACASA, a 4 leguas do Zambeze, caminho idem.

«MACARE, MARABUS, a 5 leguas de distancia do Zambeze, caminho idem.

«INHAUVA, MARACABUS, a 4 leguas do grande rio, caminho não difficil de apromptar por terra, e tambem communição pelo Revubué.

«Tambem ha minas de carvão de pedra nos seguintes riachos na Xilima, a saber: MUFA, INHAMOANGE — UZIMBO — NHAICAMBA E CACONDE, que ficam distantes da villa de Tete, uns por outros, obra de 20 leguas.

«Concluirei, convidando os leitores a que repassem os cap. XIII e XIV, do liv. II da *Ethiopia Oriental*, do Padre Santos, dos quaes o primeiro se inscreve «Das minas que ha nos Reynos do Manamotapa, e de como se tira o ouro d'ellas», e o segundo «Das minas de prata da Chicova, e de como Francisco Barreto foy a ellas, e da guerra que os cafres lhe fizerão, etc.» Os dous citados capitulos vão transcriptos em outra *Nota*. V. a *Nota* 16.*

NOTA 20.ª (PAG. 312) E NOTA 21.ª (PAG. 319)

Foi minha tenção quando indiquei estas duas *Nôtas*, dar maior desenvolvimento ao assumpto a que ellas se referem; porém, vendo-me na necessidade de encurtar, em vez de alargar, as materias, a fim de não tomar o volume maiores dimensões; e considerando por outra parte que deixo advertido quanto é bastante em confirmação do que foi por mim observado com respeito ás injustiças do dr. Livingstone, decidi-me a omitir o que tinha resolvido aqui accrescentar. Assim pois limitar-me-hei a convidar os leitores estudiosos, que desejem mais extensa e particularisada informação, a que procurem e consultem as obras que passo a lembrar-lhes.

Ethiopia Oriental, do Padre João dos Santos, e ahi lêam no liv. I os cap. IV, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII e XXVIII—No liv. II os cap. I, III, V, VI, VII, VIII, X, XI, XIII e XIV.—No liv. III os cap. VI, VII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII.—No liv. IV o cap. IX.—No liv. V o cap. XVIII, etc.

Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental, por Sebastião Xavier Botelho. Toda a *Memoria* deve ser lida, porque o auctor trabalhou sobre documentos e informações, que não podiam estar facilmente á mão de outros escriptores, embora empreguem, para obtel-as, a maior diligencia e a mais resoluta vontade; porém com especialidade devem ser lidos os cap. VI, VII, VIII, IX, X, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII.

Ensaio sobre a estatistica de Angola e Benguella e suas dependencias, por José Joaquim Lopes de Lima, os cap. III e X da 1.ª, e quasi todo o cap. II da 2.ª parte.

Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas no ultramar, por Francisco Maria Bordallo. Os cap. I, III, IV, XII, XIII, XIV, XV, XVI e XIX.

Não citarei outros auctores, porque são as obras mencionadas mais fáceis de encontrar; e porque são de sobejo para por ellas ser posto na maior evidencia, que tambem no que respeita aos tres reinos da natureza, como nos outros assumptos, muito pouco, se alguma cousa mais, nos fez conhecer o dr. Livingstone, de que não estivessesmos informados já pelos nossos proprios conterraneos.

NOTA 22.ª (PAG. 334)

Veja-se a *Nota 14.ª* onde fica transcripto por extenso o officio aqui citado. Porventura alguém folgaria de encontrar n'este lugar copiados na sua integra os documentos, que no texto dou por extracto sómente; mas faz-me força para não satisfazer esse desejo, sem duvida muito approved, a razão já allegada, isto é, a necessidade em que estou posto de evitar, quanto possível, que se torne o volume em excesso crescido. Pelo demais é certo que o extracto dos documentos alludidos foi feito com cuidadoso escrupulo, sem que fosse omittida nenhuma particularidade de algum momento. Alem de que, quem por qualquer motivo quizer de tudo inteirar-se, pôde consultar os proprios documentos, que sem grande fadiga encontrará na collecção, que, para esse fim, deixo expressamente indicada, a saber: *Annaes maritimos e coloniaes*, 4.ª serie, pag. 286 e seguintes (1844).

NOTA 23.ª (PAG. 357)

Eis-ahi na sua integra os documentos de que dei no texto simplesmente o extracto.

1.º DOCUMENTO

«José de Oliveira Barbosa, Governador e Capitão general do Reino de Angola. Amigo. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Havendo subido á Minha Real Presença o vosso officio, que acompanhou o resultado da exploração de que fôra encarregado Francisco Honorato da Costa, director da Feira de *Mucari*, o qual, mediante os mais constantes esforços e consideravel dispendio de sua fazenda, havia finalmente conseguido verificar a correspondencia entre as duas costas Occidental e Oriental da Africa, não podia um tão importante como gratuito serviço deixar de se fazer digno de minha particular attenção: e Tendo em consequencia feito já algumas mercês ao referido Francisco Honorato da Costa, como já vos deve ser constante, Sou igualmente Servido Conceder-lhe uma pensão vitalicia de oitocentos mil réis annuaes, que lhe serão regularmente pagos pela Junta da Administração da minha Real Fazenda d'esse Reino de Angola, Ordenando que elle haja de permanecer, em quanto assim lhe convier, na direcção da referida Feira de *Mucari*, donde poderá melhor continuar as viagens que devem annualmente repetir-se d'aquelle ponto até Rios de Senna, para o que determino que ali se levante uma companhia de *Pedestres*, pela fórma que julgardes a proposito, depois de haverdes ouvido em tal materia o voto do mencionado Francisco Honorato da Costa, o qual vos poderá melhor indicar, não sómente o numero de gente de que se deve formar a pretendida companhia, mas os individuos que melhor poderão preencher os seus postos, advertindo-vos porém que o de Capitão se acha já por mim provido em Pedro João Baptista, em attenção aos serviços que

fez na primeira expedição, e aos conhecimentos que n'ella adquirio, para poder proseguir agora melhor nas subseqüentes viagens, cujas despezas se devem fazer d'ora em diante por conta da Minha Real Fazenda, em quanto Eu não mandar o contrario. O que tudo me pareceu participar-vos para vossa intelligencia, e para que assim o façaes constar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro, em vinte e oito de Agosto de mil oitocentos e quinze. = Principe. = Para *José de Oliveira Barbosa.*»

2.º DOCUMENTO

«Havendo o Principe Regente, meu Senhor, Sido Servido Conferir ao Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, o posto de Brigadeiro de milicias em attenção aos relevantes serviços por elle prestados na exploração de que havia sido encarregado, da correspondencia das duas costas Oriental e Occidental d'África, como já se participou a v. ex.ª É o mesmo Augusto Senhor Servido que não obstante a falta da sua patente, v. ex.ª lhe facilite todas as vantagens que em virtude d'esta mercê lhe competem, tanto na parte relativa ao uso do respectivo uniforme, como a respeito das honras e privilegios annexos ao posto de Brigadeiro. O que participo á v. ex.ª para sua intelligencia. — Deus guarde a V. Ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 31 de Agosto de 1815. = *Marquez de Aguiar.*»

3.º DOCUMENTO

«Por decreto, cuja copia inclusa se remette a V. Ex.ª, foi o Principe Regente, meu Senhor, Servido Nomear Pedro João Baptista para Capitão da Companhia de Pedestres, que se ha de levantar na Feira de *Mucari*; e não cabendo no tempo apromptar-se já a patente d'este official: Ordena o mesmo Augusto Senhor que, não obstante esta falta, V. Ex.ª o haja de considerar com todas as vantagens do posto que Sua Alteza Real acaba de lhe conferir, vencendo desde logo o soldo de 10\$000 réis por mez, e usando do respectivo uniforme. O que participo a V. Ex.ª para sua intelligencia e execução. — Deus guarde a V. Ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 31 de Agosto de 1815. = *Marquez de Aguiar.*»

4.º DOCUMENTO

«Querendo dar uma demonstração do muito que se fez digno de Minha Real Attenção o serviço que acaba de prestar o Tenente Coronel Francisco Honorato da Costa, Director da Feira de *Mucari*, no sertão do Reino de Angola, conseguindo, á custa da sua propria fazenda e incançaveis diligencias, descobrir a correspondencia entre as duas Costas Occidental e Oriental d'África: Hei por bem Conferir-lhe a gradação de Brigadeiro de mi-

licias, para continuar alli nas mesmas importantes incumbencias de que se acha encarregado. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido, e lhe faça expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1815. = *Com a Rubrica do Principe Regente.* »

5.º DOCUMENTO

• Havendo por Carta Regia da data de hoje mandado levantar uma Companhia de Pedestres para ser empregada na correspondencia, que acaba de descobrir-se entre as duas Costas Occidental e Oriental d' Africa: Sou Servido Conferir o posto de Capitão d'esta Companhia a Pedro João Baptista, que foi já empregado na primeira exploração: e Attendendo ao serviço que n'ella prestou, Hei outro sim por bem Conceder-lhe no exercicio d'aquelle posto o soldo de 10,000 réis mensaes. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e lhe mande n'esta conformidade expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 28 de Agosto de 1815. = *Com a Rubrica do Principe Regente.* »

NOTA 24.ª (PAG. 573)

CARTA AO GOVERNADOR DE BENGUELLA SOBRE O INTERIOR DA AFRICA AUSTRAL

•Ill.ª Sr.—Ao chegar a esta vindo da minha segunda expedição do interior d' Africa, com extraordinario gosto tenho entendido do *Boletim Oficial* o grande zêlo e actividade, que o Governo de Sua Magestade Fidelissima tem desenvolvido e continua a desenvolver para descobrir o interior d'este vasto continente, abrindo uma communicação do littoral occidental até ao oriental, não poupando sacrificio nenhum para alcançar um fim tão louvavel, animando com recompensas e honras o intelligente e intrepido viajante, que saindo do Occidente percorresse os sertões interiores até Moçambique ou Quilimane, certificasse o mappa geographico hoje tão erroneo, e com especialidade o seu systema hydrographico, que é mui abundante e interessante, e, pelo que tenho descoberto, pouco ou nada conhecido pelos geographos.

•Á vista do exposto julguei não dever ficar mais na obscuridade, e apesar da minha fraca capacidade, depositar sobre o altar das sciencias o fructo ainda que escasso das minhas descobertas de cinco annos consecutivos no interior da Africa, coadjuvando, em quanto me fosse possivel, o Governo de Sua Magestade nas suas emprezas em prol das sciencias e da humanidade.

•Fiando-me n'esta hypothese, tenho a honra de enviar a V. S.ª, de quem a vasta capacidade litteraria é conhecida, um curto esboço das minhas descobertas, supplicando a V. S.ª no caso que d'ellas possa resultar bem commum para a sociedade, se digne levar ao conhecimento do Governo geral de Sua Magestade o seguinte:

•No anno 1849, no principio do mesmo, sai de Benguella com a direcção E., e passando o montanhoso Amba e Bailundo, cheguei até Bihé, des-

crevendo quanto me era possível a geographia physica dos ditos paizes, determinei o curso e manancial de uma parte dos rios que se deitam ao mar entre os graus nove e doze, latitude Sul, como os Rios Longa, Cuvonovo Redondo, Quicombo, Egite, Rio Tapado e Anho, observei estes paizes em sentido geognostico, botanico e metallurgico, que é abundante e interessante. Depois de uma demora de alguns mezes no Bihé, me levantei para seguir na mesma direcção, e passando o caudaloso Quanza, com duas observações astronomicas determinei o manancial d'este rio, pois muito me interessava em saber este ponto importante, até hoje tão erradamente descripto nos mappas de Africa. D'aqui na direcção ENE., n'uma direcção diagonal, atravessei os dilatados reinos de Luchasi e Bunda, notei o curso de muitos rios navegaveis, como são Vindica, Carima, Cuima, Camballe, todos elles tributarios do grande Quanza. No reino de Cariango, mudando a direcção para E. nos dilatados e desertos mattos do Quiboque, alcancei o ponto culminante do continente africano no hemispherio do Sul; este ponto debaixo de 10° 6' Lat. S., e 21° 19' Long. E. de Greenwich, com calculo barometrico, achei-o 5:200 pés acima do nivel do mar.

«Duvido que se ache um ponto mais interessante para um geographo do que este; poisque n'um pequeno perimetro de 30 a 40 legoas quadradadas, aqui tomam origem muitos rios caudalosos, deitando uns as suas aguas para O., no mar Atlantico; outros com direcção opposta no Oceano indico; portanto com justa razão se pôde chamar o reino de Quiboque a mãe das aguas africanas no hemispherio do Sul. Aqui tomam a sua origem os rios acima mencionados: Vindica, Cuima, Cázima, Cambales, o enorme e volumoso rio Cassabi, o qual no seu curso para E. divide os reinos de Lobar, e Catema-Cabita do extenso imperio de Lunda, onde depois de se unir com o rio Luloa, muda a direcção para NE.; e com uma largura de uma legoa entrega as suas aguas ao Oceano indico em um logar por ora desconhecido; os rios Lugebungo, Lutembo, Lumegi, Lume, Luena, Quifumage, todos caudalosos e proprios para navegação, e são affluentes do grande Diambege, que supponho ser o mesmo Zambese ou Senna, que ao pé de Quelimane entra no mar.

«Na minha demora de um anno e tres mezes n'estes sertões de Africa, onde penetrei até 4° 41' Lat. S., e 15° 45' Long. E., nas cabeceiras do rio Diambege, procurei obter os mais amplos conhecimentos possiveis sobre a geographia de muitos e dilatados reinos até hoje desconhecidos, sobre a estatistica e politica dos seus povos, dos tres reinos da historia natural, e ter em ordem diaria as minhas observações meteorologicas; pois julguei não dever omitir nada que possa illustrar a geographia, até hoje desconhecida, d'estes vastos paizes.

«Nas vesperas do meu regresso para Benguella, no fim do mez de Maio de 1851, appareceu-me em Chaquilembe, no reino de Lunda, uma carta escripta em arabe, trazida pela minha gente que tinha fóra na outra banda do Diambege, de uns mouros com que lá se encontraram, não sabendo porém o arabe, não pude dar solução á dita carta. Estes depois unindo-se á gente do sr. Major Coimbra foram com ella até Quissembo, no reino

de Bunda, onde se achava negociando o dito sr. Major, com quem, segundo consta, chegaram até Benguella; tendo tido eu antes de lá chegar uma precedencia de cinco mezes, de maneira que já me achava no interior em o Quinhama, quando soube por uma carta particular da chegada d'elle.

•A segunda expedição que tenho feito saindo de Benguella com rumo ESE., passando por Quilengues, Gambos, Humbe, Camba, e Canhama, até 20° 5' Lat. S., e 22° 40' Long. E., não tem sido menos interessante. Tudo aqui para o Sul muda de aspecto; a historia natural d'estes paizes, em grande parte aridos, apresenta uma grande mudança comparativamente com aquella dos sertões do Norte, a indole e modo de vida d'estes povos, em parte pastores e nomades, é de um character eminentemente feroz e selvagem, e o transitio por entre elles difficultoso e perigoso, em virtude das guerras continuas em que vivem. No paiz de Camba atravessai o caudaloso rio Canene, que tendo a sua origem nas cercanias de Galangue, perto do presidio de Caconda, em seu curso de N. a SSO. percorre os paizes dos Ambuellas, separando os estados de Molando, Camba, Humbe e Donguena do reino de Quanhama, e depois de engrossar os seus afluentes sobre um solo ariente, leva as suas aguas placidas pelo paiz dos Mucimbas, e ao S. do cabo Negro entra no mar Atlantico. No extenso reino de Quanhama, onde me demorei nove mezes, tive tempo de descobrir muitos paizes extensos e bem povoados, dos quaes até hoje a geographia nem os nomes sabe.

•Sendo amigo particular e protegido do poderoso Regulo de Quanhama, Aimbiri, este me facilitou os meios de communicar e penetrar entre aquelles povos barbaros e ferozes, aonde jamais consta que europeu nenhum tivesse penetrado.

•Fiz a hydrographia correcta, quanto me era possivel, de muitos paizes até agora ignorados, que a SE. e S. de Quanhama, se estendem até ás possessões inglezas do Cabo da Boa Esperança, e notei a politica e estatistica de seus povos. A hydrographia d'estes paizes é muita mesquinha, e exceptuando o caudaloso Cubango, que tendo o seu manancial nas serras de Gabengue, com o seu curso volumoso de O. a SE. percorre em parte estes paizes aridos, e no paiz de Inderico, unindo-se ao rio Cuito, e assim engrossando, entrega as suas aguas ao Riambege, nos paizes dos Mococotas, nenhum outro rio digno de mencionar-se tenho encontrado.

•Muito rico e variado se apresenta ao contrario o reino mineral em muitas qualidades de metaes, principalmente prata e cobre, e estanho.

•No mez de Outubro do anno passado de 1833 vieram-me achar em Quanhama tres portadores naturaes de Hai-Donga, paiz situado a SSE. de Quinhama, dizendo-me: que lá appareceram tres brancos, dois montados em cavallos e um em boi, vindos do Sul, pelo paiz dos Mucimbas. Apesar de lá haver um pombeiro que fallava portuguez, comtudo não os podia entender, só chegou a saber d'elles que eram Inglezes, o que condizia com a descripção que os naturaes me deram d'elles; olhos azues, cabellos e barba ruivos; diziam elles. Ao saber isto tratei de avisar os ditos brancos que me esperassem, e viessem ter comigo para nos entendermos, pois a distancia que nos separava era só de tres dias; porém, com grande pezar

meu, soube que n'esse intervallo tinham abalado, porque os naturaes tentavam de os assassinar pelo motivo de não quererem comprar marfim, e por terem ido visitar sem licença d'elles as minas de prata e cobre, que possuem com o nome de Cimana Hoiomunda. Passados alguns dias soube de Aimbiri que os ditos brancos, que vinham do Sul, pertenciam a uma grande comitiva de outros brancos, quasi todos montados em cavallos, os quaes armados invadiram o paiz dos Mucimbas e Mugangellas, tirando aos primeiros parte de suas minas, e aos ultimos muito gado vaccum, tendo tido previamente com o dito gentio muitos conflictos em que estes ultimos succumbiram, e muitos espavoridos vieram buscar asylo em Quanhama. Indaguei dos refugiados em que distancia ficaria o logar em que tiveram o encontro com os brancos, e soube que a 9 ou 10 dias de distancia de marcha regular para o Sul; pelo que supponho ficar este logar entre 25 e 26 graus Lat. S., e supponho serem os mencionados tres brancos viajantes curiosos, que vinham em descoberta d'estes paizes tão abundantes em ricas minas de diferentes metaes. Resta saber se a dita expedição armada sairia da colonia do Cabo da Boa Esperança ou de Algoa Bay (Bahia de Lourenço Marques) por ordem de algum Governo, ou meramente composta de aventureiros que ao engodo de abundante rapina em gado por sua conta e risco percorriam estas vastas comarcas.

•Na volta aos Gambos fui tratado com a mais cordeal hospitalidade pelo ill.^{mo} sr. Regente Francisco Godinho Cabral de Mello, o qual me fez ver quanto o Governo de Sua Magestade se interessa no descobrimento do interior de Africa, e quanto tem em alta consideração de effectua-lo por todos os meios possiveis. O respeito e gratidão me obrigam a dizer alguma cousa a respeito da grande capacidade e aptidão d'este digno official. Delegado pelo Governo geral para a regencia d'este serião, onde ha pouco tempo o gentio ainda era selvagem e intratavel, pois elle sem recurso quasi nenhum de força que o apoiasse no exercicio da sua auctoridade só com as suas maneiras brandas e affaveis no tratamento, soube levar este gentio a tal ponto de docilidade, inculcando-lhe ao mesmo tempo respeito para o Governo de Sua Magestade, que agora o-gentio de Gambos é inteiramente domesticado, o que serve de grande vantagem, pois o commercio aqui gira livre, e sem constrangimento algum. as vidas e bens dos feirantes estão em completa segurança; tudo isto é devido ao grande zelo e actividade do ill.^{mo} sr. Francisco Godinho Cabral de Mello.

•Tenho exposto em um curto detalhe o que julguei conveniente para intelligencia dos illustrados; e logo que ao Governo de Sua Magestade approuver encarregar-me da redacção das minhas viagens, onde fiz novas descobertas, com grande gosto o farei por extenso, subdividindo em geographia physica, politica e estatistica, e tendo feito as minhas notas astronomicas dos logares descobertos, terei cuidado de formar um novo mappa geographico do hemispherio do Sul de Africa, pois vejo que os mapps modernos dos geographos mais acreditados, como Balbi, Malte-Brun, Stein, etc., pullulam os erros. Reinos extensos bem povoados são totalmente ignorados; outros com os nomes trocados ou suppostos; direcção e posição as-

tronomica falsa ; não fallo do systema hydrographico, que é totalmente ignorado, sendo este aliás o principal vehiculo das descobertas da civilização e prosperidade. Grandes e caudalosos rios, aptos para a navegação se ramificam em diferentes direcções n'este vasto continente, e pela maior parte d'elles o gentio communica entre si por centenaes de leguas, segundo o farei ver na minha relação. Indicarei ao Governo de Sua Magestade a direcção mais vantajosa, tanto para as sciencias como para o commercio, que deve seguir o viajante que atravessar o continente africano como a mais segura, pois grande parte d'estas longitudes foram já trilhadas por mim com o desejo de contribuir quanto me fosse possivel para o bem das sciencias, o qual desejo o Governo de Sua Magestade tanto leva em consideração de effectuar o mais effcazmente possivel, para bem da humanidade e gloria da nação portugueza. — Deus guarde a V. S.^a Gambos, 21 de Março de 1853.—Ill.^{mo} Sr. Governador do districto de Benguella. = (Assignado) *Ladislau Amerigo Magyar.*»

NOTA 25.ª (PAG. 430)

O extracto que vou dar do officio, a que me reporteí, foi-me confiado particularmente, mas não posso duvidar da sua authenticidade; e com quanto esteja morto o Major Sicard, comtudo na sua correspondencia quer com o Governador de Quilimane, quer com o Governador geral de Moçambique, deve necessariamente existir o respectivo original.

Diz assim o extracto:

«Commando dos postos fortificados do Zambeze e Chire, 1864. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Não obstante a rapidez com que segui do Mazaró a Inhamissengo, para obstar a que o dr. Livingstone transportasse os pretos e pretas, que se dizia levava n'um dos vapores, quando cheguei áquelle ponto já tinha sahido a barra com toda a comitiva da expedição e missão. He de presumir ser verdade aquelle transporte, e o dr. Livingstone soube illudir perfeitamente a commandante do destacamento de Inhamissengo. Provavelmente foi a bordo do *Orestes*, que estava fóra da barra, deixar os pretos, porque depois tornou a affrontar a mesma, entrando para o Zambeze, e passou para Inhamissengo a tomar alguma gente da missão. Tenho grande pezar de ter perdido aquella occasião de me ver e discutir com o dr. Livingstone. = T. A. de A. Sicard.»

Eu disse que não podia duvidar da authenticidade do extracto que deixo transcripto, e agora de novo confirmo a minha asserção; porque tendo tido ultimamente oportunidade de fallar sobre este assumpto com o Governador, que então era de Quilimane, o Sr. Guilherme de Portugal e Vasconcellos, as informações d'elle obtidas foram inteiramente conformes.

NOTA 26.ª (PAG. 151)

Uma prova da leviandade ou pouco escrupulo com que o dr. Livingstone aventura, affirmando-as, algumas asserções, até em documentos officiaes, é, entre muitas outras, a seguinte. — No denominado *Livro azul*, (Classe B.) que contém a correspondencia dos ministros e agentes britannicos em paizes estrangeiros, e dos ministros estrangeiros em Inglaterra, com referencia ao trafico da escravatura de Janeiro a Dezembro de 1862, pag. 116, lê-se o seguinte:

«N.º 215—O dr. Livingstone a Lord J. Russell (recebido em 27 de junho)—Rio Zambese, 28 de Fevereiro de 1862.

Extracto textual:

«Tendo sabido da nossa tentativa de entrar pelo Revuma¹ o Governador geral de Moçambique foi a Zanzibar, e procurou induzir o Sultão a fazer do Revuma o limite entre os seus dominios e os dos portuguezes. Muito felizmente o Coronel Rigby aventou o fim da visita (*the nature of the movement*) e levou o Sultão a marcar o verdadeiro limite em Cabo Delgado, que fica muitas milhas ao sul do Revuma. A tentativa do Governador geral tinha o mesmo fim que os portuguezes procuraram obter, creando uma alfandega na bôca do Congune, e um forte na bôca do Chire, isto é, apoderar-se do commercio que possa vir a fazer-se por aquella via, como fonte de receita. Folgo muito que pela intervenção do Coronel Rigby fallhasse a tentativa sobre o Revuma. Espero com confiança que o successor do Coronel Rigby seguirá a mesma politica.»

No *Relatorio* apresentado ás Côrtes, que tem a data de 28 de Janeiro de 1861 (mais de um anno antes da data da carta do dr. Livingstone), e

¹ O Revuma é um rio consideravel, cuja foz está situada 15 a 20 milhas ao N. de Cabo Delgado, limite N. das nossas possessões da Costa Oriental, isto é, da provincia de Moçambique.

foi publicado no *Diario de Lisboa* n.º 26, de Fevereiro do mesmo anno, pag. 259, diz o Ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, o Sr. Antonio José d'Avila (hoje Conde d'Avila), o seguinte:

«Tratado com o Sultão de Zanzibar.—Os motivos que inspiraram ao Governo de Sua Magestade a idéa da conveniencia da celebração dos mencionados tratados de amizade e commercio com os Estados da Africa Oriental, aconselharam tambem a do estabelecimento de relações amigaveis com o Sultão de Zanzibar Sayd Magid Bin Sayd, filho segundo do ultimo Iman de Mascate, por morte de quem se assenhoreou dos Estados de Zanzibar, que confinam por Cabo Delgado com a provincia de Moçambique, deixando de reconhecer a soberania de seu irmão mais velho, actual Sultão de Mascate.

«Para celebrar o sobredito Tratado propoz o respectivo Ministro da Marinha e Ultramar, em officio de 14 do corrente, ao ministerio a meu cargo, ao actual Governador geral de Moçambique, o conselheiro João Tavares de Almeida. Foram effectivamente já mandados esses poderes a este digno e intelligente funcionario, ordenando-lhe, entre outras instrucções, que tomasse por base para o mesmo Tratado os que foram celebrados pelo fallecido Iman de Mascate com os Estados Unidos, com a Inglaterra e com a França.»

D'este documento mostra-se obviamente que o governo portuguez em Janeiro de 1861 dava plenos poderes, e ordenava ao Governador geral de Moçambique o fazer um Tratado de amizade e commercio com o Sultão de Zanzibar. Comparemos esta data com a da viagem do dr. Livingstone ao Revuma, e ficará manifesto que as ordens e instrucções expedidas ao Governador geral de Moçambique para ir a Zanzibar, não era possivel que tivessem origem n'um facto, do qual não podia o Governo ter conhecimento, e nem sequer suspeita.

Não sabemos com certeza a data da entrada do dr. Livingstone no Revuma, porém devemos suppor que foi no fim do anno de 1860, ou no principio de 1861, pois que temos em uma carta datada do 1.º de Maio de 1861, escripta por Livingstone ao Governador de Quelimane, a qual foi publicada no *Boletim Official*, da Provincia de Moçambique, n.º 25, de 22 de Junho de 1861, o seguinte paragrapho que fielmente transcrevemos: «Nas barras do Zambese tem-se perdido tantas vidas, e ainda ultimamente um official do navio de Sua Magestade, *Lyra*, foi augmentar aquelle numero, que me vi obrigado a examinar outros rios, e fui bastante feliz para achar um muito ao Norte á entrada de uma magnifica bahia, e sem barra alguma. A estação estava muito adiantada para explora-lo completamente, e, tendo passado os mezes insalubres de Fevereiro, Março e Abril em Anjoane, voltámos agora aqui com intenção de conduzir o Bispo e os seus companheiros tão longe quanto for possivel na direcção do Lago Nyassa». Podemos concluir portanto que foi por aquelle tempo que o Governador geral poderia ter sabido da expedição de Livingstone ao Revuma, nome que Livingstone, na sua carta, parece deixar intencionalmente no escuro, como se temesse que da exploração de um rio, que, se não está sufficientemente ex-

plorado, é de certo muito conhecido, e vem marcado em todas as cartas marítimas que conhecemos, podesse resultar, para os seus fins, alguma sorte de prejuizo. E quem sabe? talvez quizesse ante-gostar o prazer de annunciar *urbi et orbi* tambem o descobrimento d'aquelle rio, monopolizando modestamente a gloria de *descobridor-universal* do que fôra por outros muito antes descoberto. Effectivamente é assim que lhe acontece bastas vezes nas suas explorações dos valles do Zambese e do Chire, cujo trato e conhecimento nos disputa com uma sem-ceremonia invejavel, havendo-se de igual sorte em toda a parte e occasião, que por sorte o caso lhe depara. É sestro seu, deixa-lo; e, repetida a advertencia da *boa fé* do dr. Livingstone, prosigamos.

Assim pois o Governador geral, não por ouvir fallar da tentativa do dr. Livingstone, mas para cumprir a missão do seu governo, foi a Zanzibar, partindo de Moçambique, não logo depois da carta do dr. Livingstone, cuja publicação teve logar no *Boletim Official* de Moçambique, em 22 de Junho, mas sim quatro mezes depois d'essa noticia, e mais de nove mezes depois da tentativa da exploração do Revuma¹, na qual, como se sabe, o dr. Livingstone não foi feliz, por achar obstaculos com que não contava, procedidos uns das más condições do leito do rio, e outros do má gashado que lhe fizeram as populações ribeirinhas.

O certo é que, partindo só quando acabo de notar o Governador para

¹ Não só para precisar as datas, senão para lançar mais abundante luz no assumpto aqui tratado, pareceu-me opportuno dar por copia n'este logar o officio, que vai ler-se do Governador Geral João Tavares de Almeida.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a honra de participar a v. ex.^a que tendo saído no dia 18 do mez passado de Moçambique a bordo do vapor *Maria Anna*, cheguei a este porto no dia 27 do mesmo mez, depois de me demorar tres dias no Ibo, até a chegada do vapor *Lazarim*, que devendo sair no mesmo dia de Moçambique, soube então que enalhára á saída do porto por causa do tempo que se levantou, e impericia do pratico, não tendo porém soffrido avaria que o impedisse de cumprir a commissão que lhe havia destinado, que era a de me reconduzir de Zanzibar para Moçambique, logoque tenha concluida a honrosa e importante commissão que Sua Magestade se dignou confiar-me.

Tendo sido mui bem recebido por Sua Alteza o Sultão de Zanzibar, e depois de diversas circumstancias que agora omitto, e que em occasião opportuna exporei a v. ex.^a, conclui hoje as minhas conferencias com o individuo que auctorizou para tratar comigo a redacção do tratado. Ainda não conheço definitivamente a resolução de Sua Alteza o Sultão sobre a questão do Tunge, a mais delicada, e que só hoje foi tratada na conferencia, mas espero que nos não será desfavoravel, vistas as boas disposições que tenho encontrado no animo de Sua Alteza, e os favores pessoases que lhe tenho merecido, os quaes chegaram á condescendencia de elle proprio me fazer uma visita, na casa em que habito, com a sua numerosa comitiva. Facto que eu refiro não por vaidade, mas porque mostra a consideração com que é tratado e recebido aquelle que tem a honra de representar Sua Magestade El-Rei n'esta occasião em um paiz estrangeiro.

Em poucos dias, que não excederão oito ou dez, poderei fazer seguir o vapor *Maria Anna* para a China, e en voltar para a provincia de Moçambique.

A sante das tripulações dos navios e a da minha comitiva, tem até hoje sido excellente.

Pelo *Maria Anna* terei a honra de escrever de novo a v. ex.^a, dando conta do resultado da minha commissão.

Deus guarde a v. ex.^a Cidade de Zanzibar, 14 de novembro de 1861. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar.

a sua missão diplomática, não se mostrou tanto apressado como Livingstone parece querer que se acredite.

O objecto da missão era pois o que fica declarado pelo documento já transcripto, e não o que lhe attribue Livingstone. Alem d'isto Portugal tem considerado sempre Cabo Delgado em 10° 45' Lat. Sul, como limite Norte das suas possessões na Costa de Africa oriental. Assim está consignado na convenção feita em Londres a 28 de Junho de 1817, artigo 3.º, onde se mencionam os limites dos nossos territorios n'aquella parte do mundo. E se Portugal tem direito, e o faz valer, de conservar o que lhe pertence d'esses territorios, não querendo desapossar-se do que tantos trabalhos, sangue e fadigas custou aos seus filhos, nem quer deixar espoliar-se por especuladores que se apresentem a disputar-lhe os seus direitos sagrados, tão pouco tem a louca ambição de querer assenhorear-se debaixo de pretexto algum, e muito menos do que lhe suppoz o dr. Livingstone, de um territorio do qual desde muito ha mostrado não ter neuhuma pretensão. Tenho que fica manifesto que não foi, nem remotamente, a exploração do Revuma pelo dr. Livingstone, nem tão pouco a aquisição d'aquelle rio, como limite das nossas possessões, o objecto da viagem do Governador geral de Moçambique.

É fora de duvida que, ainda que n'aquella occasião se tratasse com o Sultão de Zanzibar de assignar os limites da provincia de Moçambique ao Norte, nunca a auctoridade portugueza faria valer os seus direitos para alem da extrema de Cabo Delgado; e porque? por isso que no Tratado de commercio e amizade concluido, as duas partes contratantes reservaram para convenção especial a demarcação dos limites dos dous estados no indicado ponto de Cabo Delgado.

O Tratado de que falla o relatorio do Ministro foi feito sob condições simithantes, senão identicas, ás dos Tratados que o Iman de Mascate havia celebrado com os Estados Unidos, Inglaterra e França, e com o que o actual Sultão celebrara ultimamente com a Republica de Hamburgo.

No empenho da conclusão do Tratado foi o Governador geral coadjuvado franca e muito cordealmente pelos consules de França e Hamburgo, e pelo consul e agente politico inglez que alli encontrou em exercicio, não o Coronel Rigby, mas sim o Major (hoje Coronel) Pelly. Todos estes cavalheiros se desvelaram em obsequiar o Governador geral, e prestar-lhe os melhores serviços: a todos deveu especial consideração e benevolo auxilio, e nomeadamente ao Major Pelly, que muitas vezes tomou a si com efficacia fazer comprehender ao negociador arabe o verdadeiro alcance de certas clausulas, taes como as de direitos de reciprocidade, etc. Vé-se portanto que não é uma só a inexactidão, para não dar-lhe qualificação mais severa, em que labora a communicacão *official* do dr. Livingstone.

A presença do Coronel Rigby em Zanzibar, e o ter influido no animo do Sultão contrariamente aos intentos do Governador geral (com respeito á demarcação dos limites, como escreve o dr. Livingstone, e se lê no paragraho transcripto do seu officio a lord J. H. Russell) é pura ficção, para lhe não chamar pura falsidade.

O Governador geral partio de Moçambique em 18 de Outubro a bordo do vapor de Sua Magestade Fidelissima, *Maria Anna*, levando em conserva o vapor *Lazarim*, e chegou a Zanzibar a 27 do mesmo mez. N'aquella data já allí se não achava o Coronel *Rigby*, cuja preponderancia no animo do Sultão o dr. Livingstone exaggera com tanta satisfação: era o Major, depois Coronel, Pelly, quem, como deixo dito, funcionava em Zanzibar na qualidade de Consul e Agente politico do governo de Sua Magestade Britannica.

Accrescenta o dr. Livingstone que o Governador geral queria o Revuma para se fazer senhor do commercio, como fizera no Congune, aliás Inhamissengo, estabelecendo n'aquelle ponto uma delegação da alfandega de Quelimane, e um forte na bocca do Chire, rio que o intrepido explorador quasi já se lembrou de pretender como de ter descoberto dentro das nossas possessões, e de cuja existencia quasi tambem ha querido insinuar que não tinhamos conhecimento, e que só houvesmos noticia d'ella depois que o illustre missionario por elle entrou! O certo é que teve elle para o navegar o assentimento do governo portuguez, o qual não só não se deixou tomar de mesquinho ciume, senão pelo contrario ostentou para com Livingstone excessiva generosidade, recommendando ás auctoridades que em tudo lhe prestassem sincero e efficaz auxilio. A correspondencia do dr. Livingstone a tão elevados sentimentos de favor e benevolencia não acredita de certo o seu cavalheirismo, e nem sequer a sua devida gratidão, pois que nem ao menos é para elle serio estorvo a gravissima falta (falta que sem duvida merece mais adequada qualificação) de não dizer a verdade officialmente ao seu proprio governo; e nem tão pouco hesita em formar as conjecturas mais absurdas só com o fim de tornar odioso o governo portuguez, e o seu delegado. Não perde Livingstone nenhuma occasião de abocanhar e ferir o merecido credito d'esta zelosa auctoridade, mas o odio que se manifesta contra ella de modo particular, procede de que, respeitando em Livingstone um explorador ousado e intelligente, o Governador geral via nos seus actos e palavras predisposições e tendencias prejudiciaes aos interesses legitimos da corôa portugueza, e a anxiedade mal disfarçada de nos arrebatar subrepticamente, se lhe fosse de algum modo isto possivel, aquella parte da monarchia portugueza, que o governo da metropole tinha entregue á sua vigilancia e cuidado. Se o Governador geral cumpria as ordens do Governo, facilitando todos os auxilios, e não se oppondo de nenhuma sorte ás explorações scientificas (se scientificas se podiam chamar as que só para pretexto Livingstone ia proseguindo), não se esquecia do rigoroso dever que lhe impunha o seu cargo de velar pela integridade presente, e pôde tambem dizer-se que futura, do vasto territorio, cuja administração fôra confiada á sua fidelidade e previdencia. Comtudo os factos e as accusações alludidas, e bem assim os posteriores discursos e cartas publicadas em differentes *Jornaes* pelo celebre viajante, tiveram um resultado vantajoso. Assim é; e porque? porque têm servido para se tornar certo quanto foram prudentes e justas as apprehensões do Governador geral, que não cessou de precaver-se, quanto era ao seu alcance, contra as tentativas do ousado especulador inglez, não obstante o ser este um ad-

versario então muito poderoso, que dispunha de uma larga e acreditada reputação, de um nome celebre, e de variados meios de publicidade para propagar e fazer que fossem acceitas as suas asserções, embora infundadas, e só dignas de desdem. E todavia não tinha por si o Governador senão o testemunho da sua propria consciencia, e a força que provém do bom direito. Entretanto podemos affirmar que, a despeito das arguições feitas por Livingstone áquelle Governador geral, não padeceu quebra o seu bom nome entre os portuguezes, nem entre os mesmos inglezes, pois que de uns e outros continuou a receber sempre não equivocadas provas de particular consideração, quaes se devem de justiça ao homem de caracter honesto e probó.

Com o que fica dito parece-nos ter provado exuberantemente que o parographo que citamos da carta dirigida pelo dr. Livingstone a lord J. Russell, é completamente inexacto, quanto aos factos, e calumnioso quanto ás conjecturas, exprimindo-se com respeito áquelles e a estas sem nenhuma sorte de hesitação, e asseverando como verdadeiro o que de todo o ponto é falso. A demonstração está feita. Se o dr. Livingstone estava convencido do que escreveu, prova isso mesmo quanto era pouco escrupuloso na apreciação dos factos, dos quaes julgava sem os ter podido bem conhecer, nem por tanto affirmar d'elles cousa alguma com seriedade. Se não estava convencido, não se havia então de boa fé; e, n'este caso, mal sabemos que nome se deva dar a tal procedimento da parte de um homem notavel, revestido com o duplo caracter de missionario evangelico, e de agente official do governo inglez.

Temos para nós que as observações que ficam substanciadas, convencendo Livingstone de pouco melindroso na indagação da verdade, nos auctorisam a não accuitar senão com muito resguardo os seus assertos, seja qual for o assumpto por elle disputado. Sentimos e lastimamos que assim succeda, mas tem direito a verdade a mais rendido culto do que a pessoa, com quanto aliás muito conspicua, do celebrado missionario.

NOTA 27.^a (PAG. 432)

Como se tem visto, o dr. Livingstone aproveita-se de toda a occasião ou ensejo, que lhe depara a sorte, para desacreditar as auctoridades portuguezas, accusando-as de conniventes no trafico da escravatura; mas de modo muito particular se desatou em violentas e injuriosas calumnias contra o ex-Governador geral de Moçambique João Tavares de Almeida, e contra o irmão do mesmo ex-Governador Antonio Tavares de Almeida, então Governador do districto de Tete, dando áquellas publicidade em um *Jornal do Cabo da Boa Esperança*. O principal artigo da accusação, além do que fica indicado, é que as auctoridades portuguezas «são a causa de todos os incommodos dos missionarios inglezes».

O então Governador de Tete, Antonio Tavares de Almeida, respondeu á carta do dr. Livingstone, mandando publicar no mesmo alludido *Jornal* a carta que passo a transcrever. A phrase d'esta é vehemente, dura, e acaso por vezes desabrida; porém não pôde deixar de obter desculpa dos que reflectirem, quão fundado motivo tinha a justa indignação do sr. Antonio Tavares de Almeida, vendo-se a si, e a seu irmão, aggedidos e calumniados de modo tão descomposto e immerecido.

Julguei dever fazer esta publicação não só para se tornar mais conhecida a irregularidade do procedimento do dr. Livingstone, irregularidade aliás que recebeu correcção opportuna, senão porque encerra a carta do ex-Governador de Tete esclarecimentos de curiosidade e momento, ácerca das missões protestantes na Africa oriental, os quaes lançam muita luz n'esta questão importante, e contrastam de modo notavel com as noticias e informações do dr. Livingstone.

Ha ainda outro motivo para esta publicação. O ex-Governador de Tete

1 V. a Nota 5.^a

entra em declarações ácerca do facto, de que me occupei já em outro logar, do qual não deu nunca Livingstone explicação satisfactoria: alludo á tomadia por elle feita de alguns escravos pertencentes a varios moradores de Tete!. Vê-se que Livingstone se apoderou não só dos escravos, usando do direito da força contra o da hospitalidade, mas tambem que se apoderou, por meio da violencia, de fazenda, que não podia de nenhum modo fazer legitimamente sua, senão mediante ajuste commercial. E como o ex-Governador de Tete allude ás queixas feitas por varios habitantes do districto contra o dr. Livingstone, queixas que deram occasião a um inquerito com respeito ao facto arguido, pareceu-me opportuno publicar o auto de indagação, e com elle o officio de remessa do Governador de Tete, assim como a resposta do ex-Governador geral de Moçambique, a fim de melhor se entender o que o Governador de Tete pondera na sua carta, para dar a razão de ter mandado proceder ao referido auto. Estes três documentos são extrahidos do *Boletim, official* do Governo da provincia de Moçambique n.º 11, pag. 45, de 24 de Março de 1863.

Tenho para mim que merecerão estes documentos a attenção dos leitores, porque os ajudarão a formar conceito mais cabal do character e do procedimento do dr. Livingstone; e d'esta sorte não me terão por nimiamente severo quando sou forçado, pelo amor da verdade e da justiça, a mostrar-me menos benevolo para com um homem, a quem aliás desejaria em tudo ser agradável. Pelo demais convem accrescentar que o dr. Livingstone é tão inexacto e injusto na arguição que faz com respeito aos incommodos das missões inglezas, que o dr. Rowley, membro da missão, na mesma carta em que pretende, com tanta infelicidade sua, acudir ao dr. Livingstone, e foi por este publicada, diz expressamente!: «Os Portuguezes prestaram-nos grandes serviços, soccorrendo-nos com alimentos na nossa hora de necessidade. Pessoalmente, nós missionarios temos muito a agradecer-lhes; mas o seu procedimento para com os indigenas é sobremaneira reprehensivel.»

Sei que o ex-Governador geral de Moçambique julgou abaixo de si descer á arena jornalística para disputar com o dr. Livingstone. Fez o que devia, porque o sr. João Tavares de Almeida tinha por si os factos, a sua longa carreira publica sempre illibada, e o testemunho de nacionaes e estrangeiros, que de mais perto o conheciam: em quanto que as irregularidades do proceder do dr. Livingstone já obrigavam desde mais tempo a muitos a have-lo em conta differente da que o tiveram de principio. O proprio sir Thomaz Maclear, a quem a carta de Livingstone foi dirigida, rendeu ao depois a mais lisonjeira homenagem ao character probo e brioso do sr. João Tavares de Almeida. Nem isto admira, porque o Governo de Sua Magestade Britannica não duvidou fazer justiça ao sr. Tavares de Almeida, como com documento authenticico seria facil de provar.

•The Portuguese were in our hour of need of great service to us in supplying us with food. Personally, we missionaries had much to thank them for, but their conduct towards the natives is past description bad». — *Narrative of an Expedition to Zambesi*, chap. xxii, pag. 475, Nota.

Eis-ahi os documentos a que me tenho referido :

1.º Carta de remessa ao Redactor.

2.º Carta do Governador de Tete, Antonio Tavares de Almeida, para ser publicada no *Jornal do Cabo*.

3.º Officio do Governador de Tete para o Secretario do Governador geral de Moçambique.

4.º Auto de indagação.

5.º Nota da resposta do Governador geral.

•Ill.º sr. Redactor.—Rogo a V. S.ª o obsequio de mandar admittir n'uma das columnas do seu *Jornal* o artigo que incluso envio, pelo que me deixará um momento grato.—De V. S.ª attento criado.—*Antonio Tavares de Almeida*.

•Tete, 10 de Maio de 1863.ª

•Vi com surpresa uma carta escripta pelo sr. dr. Livingstone, datada da Chupanga em 21 de Junho de 1862, publicada no *Jornal da cidade do Cabo da Boa Esperança The South African Advertiser and Mail*, de 25 de Agosto do mesmo anno, em que se refere a uma conversação que tive com o sr. dr. Kirk, quando aqui esteve; concluindo depois, que as auctoridades portuguezas são a causa de todos os incommodos dos missionarios inglezes; que o Governador geral d'esta provincia recebe peitas e dinheiro por cabeça dos negreiros; que eu fui o denunciante de meu irmão o mesmo Governador geral, fazendo-lhe saber que eramos conniventes no trafico de escravos; e finalmente que era provavel que os agentes de ambos estivessem n'aquella epocha nos campos dos Mujãos!!!

•Eu podia repellar os insultos d'aquelle senhor por insultos, dizendo que é um embusteiro, um cavalheiro de industria, que explora, não a Africa austral, mas sim as algibeiras dos seus concidadãos e os cofres do seu Governo; e finalmente que as suas viagens não são um fim, mas sim um meio de fazer fortuna; porém não quero usar d'esta represalia, pois que, alem de nada satisfazer, por isso que não destroe as suas accusações, repugna ao meu character.

•Como são as auctoridades portuguezas a causa dos incommodos dos missionarios inglezes?! Os seus incommodos tem sido a fome, os pantanos, as febres, e a má indole dos habitantes: eu creio que o sr. dr. Livingstone prometteu áquelles dignos ecclesiasticos dar-lhes o paraizo terrestre, e aquelles senhores pela sua boa fé o acreditaram: pozeram-se a caminho armados da sua biblia, e hem fornecidos do pasto espiritual; mas, como elle não é sufficiente para sustentar a fragil humanidade, em pouco tempo conheceram tão dura verdade.

•Em Dezembro do anno proximo findo estiveram n'esta villa o Rev. James Stewart, e o sr. Richard Thornton; participando eu isto á Secretaria do Governo geral, eis o que disse:

•Governo do districto de Tete.—Secção civil.—Serie de 1862.—N.º 116.—Ill.º sr.—Chegou aqui no dia 8 do corrente o Rev. James Stewart, o qual vem mandado por uma sociedade escocenza, a fim de observar os terrenos d'esta parte da Africa para n'elles virem estabelecer-se: creio que

não vai contente, porque soffreu bastante durante a sua estada no Chire e na Chupanga: elle foi visitar a Cabrabassa, e voltou hoje. N'esta data chegou aqui Richard Thornton com tenção de ir ás terras da Macanga; mas julgo que não effectuará a visita pela falta que ali ha de mantimento, assim como aqui, para poder sustentar a gente que o acompanha. Soube por este que o doutor que tinha ido com os missionarios para o Chire, vai recolher á Inglaterra por se achar muito doente, juntamente com alguns dos mesmos missionarios, que tambem recolhem por causa das muitas febres que tem tido, em consequencia de ser o paiz n'aquella parte muito pantanoso. Elles tinham feito primeiro as suas habitações n'uma montanha, aonde se davam bem, mas foram obrigados a abandonal-as porque os povos vizinhos os perseguiam, e não lhes queriam vender ou ceder cousa alguma para o seu sustento. Estas noticias foram dadas por Richard Thornton, o qual me disse que julgava que elles se veriam na necessidade de abandonar o sitio aonde agora se acham, pelas muitas molestias e mau caracter dos habitantes. Não consta ainda ter chegado o dr. Livingstone da sua viagem á ilha de Anjoanes. O que communico a V. S.^a para o fazer constar a S. Ex.^a o Governador geral da provincia. — Deos guarde a V. S.^a — Quartel do Governo do districto de Tete, 17 de Dezembro de 1862. — Ill.^{mo} Sr. Secretario geral interino. — A.*

• Em Março d'este anno disse mais o seguinte:

• Governo do districto de Tete. — Secção civil. — Serie de 1863. — N.º 21. — Ill.^{mo} sr. — No dia 8 do corrente chegaram a esta villa dois inglezes, Richard Thornton, e o Rev. Rowley, que vieram do Chire atravessando a Maganja e as terras do Chibissa, gastando n'esta jornada nove dias, a fim de comprarem gado miudo: estes individuos disseram-me que no Chire passavam muitas privações pela escacez de mantimento (milho miudo), e de outros generos alimenticios, e que a maior parte das povoações estavam abandonadas pela grande mortalidade que tinha causado a fome, e uma parte tinha emigrado para não succumbir: isto não só na margem do Chire, mas tambem em todos os pontos por onde passavam para virem a esta villa. Disseram-me mais que os vapores *Phoner* e *Nhanja*, se achavam encalhados, e que por tanto era de suppor que n'este anno não podessem avançar mais por falta de agua, e que ainda mesmo que haja cheia n'este mez, o que não é muito provavel, por não ter havido chuvas, não poderá ter effeito o passar a catarata, visto que da gente que o dr. Livingstone ali tinha posto para transportar um dos vapores, havia uma parte morrido de fome, e outra fugido. Os missionarios estão muito descontentes: faziam idéa, pelo que o dr. Livingstone lhes tinha dito, que o paiz em que vinham habitar era fertil, e que havia abundancia de generos; mas tem experimentado o contrario. Disseram-me que d'aqui a tres mezes esperavam decisão para abandonar a missão e retirar-se para Inglaterra, ou para irem estabelecer-se n'um outro local. Parece que o dr. Livingstone lhes havia dito que não tinham que transitar por terras portuguezas, nem tratar com elles; agora conhecem que foram completamente enganados, pois que a não ser o trato que elles têm com as villas da Zambezia, e o transitar li-

vrememente pelo nosso territorio, por onde lhes passa mantimento e todos os outros generos alimenticios, teriam morrido á mingoa. Os referidos inglezes passaram hontem á margem esquerda do Zambeze, a fim de regressarem ao Chire, levando cento e tantas cabeças de gado miudo que compraram a um habitante d'este districto, passando letra para Inglaterra. O gado comprado foi uma parte por conta dos missionarios, e a outra por conta da expedição do dr. Livingstone. O que tudo communico a V. S.^a para o fazer constar a S. Ex.^a o Governador geral da provincia.—Deos guarde a V. S.^a—Quartel do Governo do districto de Tete, 16 de Março de 1863.—Ill.^{mo} sr. Secretario geral interino.—A.»

«Em que são pois culpadas as auctoridades portuguezas? Esta accusação é pharisaica, não tem commento. Vou referir para conhecimento do publico a conversação que tive com o dr. Kirk, á qual o sr. dr. Livingstone allude na citada carta, e de que tira tão sublimes conclusões. Fallando-se de algumas queixas que me foram feitas por varios habitantes d'este districto, que tinham mandado para o sertão seus mossambazes, a fim de comprarem alguns pretos para servirem de carregadores para o commercio do sertão, retiraram-se, declarando que a gente do sr. dr. Livingstone lhes havia tirado não só os pretos, mas tambem algumas fazendas que lhes restavam e armas (observe-se) deixando-se em liberdade os compradores; não sei até que ponto isto é verdade, porque os pretos sabem tambem mentir como qualquer sabio viajante. Contei isto ao sr. dr. Kirk, dizendo que eu não tinha tomado conhecimento do caso, visto ter-se dado fóra do districto a meu cargo, e que sómente me havia limitado a dar parte a S. Ex.^a o Governador geral da provincia; acrescentando por essa occasião que a minha opinião era, que sendo aquella pendencia particular, elles podiam repellir a força pela força, visto que tanto direito tinha a gente do sr. dr. Livingstone de lhes tirar a sua propriedade, como elles o tinham de a defender, sujeitando-se, já se vê, ás consequencias. Lembra-me bem que o sr. dr. Kirk me disse que muitos actos dos makolólos (pretos do interior da Africa que fazem parte da comitiva do sr. dr. Livingstone) se confundiam com os da expedição; mas a meu ver são muito menos prejudiciaes, por isso que elles não têm a mania de calumniar pela imprensa.

«Fundava a minha opinião, talvez errada, em que se os mossambazes estavam nos casos do Decreto de 10 de Dezembro de 1836, que incorriam nas penas marcadas no mesmo Decreto, e se o sr. dr. Livingstone tinha auctorisado a sua gente a fazer tal caça, deviam os apprehendidos e fazendas serem conduzidos a um tribunal, aonde lhes fossem applicadas as penas da lei; e este tribunal não podia ter por membros nem o sr. doutor, nem os seus makolólos. Quanto a mim, julgo que elles não estavam n'aquelle caso, porque limitavam-se a compra-los para os reduzir á condição de libertos, o que é expresso no Decreto de 14 de Dezembro de 1854, que diz no artigo 4.^o do titulo 1.^o: «Os escravos que, depois da publicação do presente Decreto, forem importados por terra nos ditos dominios, serão tambem registrados em um livro especial, pela mesma fórma determinada no artigo 1.^o, e dentro do praso de trinta dias depois da sua entrada»; parece-me

não ser esta compra o que se chama propriamente tráfico. E é d'esta minha opinião (que diverge da do Governador geral) que o sr. dr. Livingstone conclue que eu sou o denunciante de meu irmão na caça dos escravos, em que ambos, segundo elle affirma, somos conniventes!!!

«Diz tambem, para provar as suas asserções contra o Governador geral, que até um *Jornal* portuguez, publicado em Bombaim, declarava as differentes sommas que elle recebia por cabeça dos negreiros. Estas sommas que elle recebia deviam ser pela exportação: ora todos sabem, e o sr. doutor melhor que ninguem, a pouca gente que ha n'este districto, e apesar d'isso os pretos importados custam apenas meia peça cafrial de algodão, isto é, oito jardas; se houvesse exportação, está claro que o seu preço seria maior; pois quando n'outro tempo se fazia este infame tráfico, ou porque as auctoridades fechassem os olhos, ou porque eram illudidas, o seu preço era de 30 a 40 pesos: provado está pois que o pouco valor que hoje têm, é por não serem exportados, pelo menos n'este districto e no adjacente, desde que me foi confiado este governo.

«É sabido o credito que merecem escriptos de tal natureza, principalmente quando são publicados n'um paiz estrangeiro; e o sr. doutor de certo não deve ignorar qual a importancia que o governo portuguez lhe deu, pois sabia bem o fim a que se dirigia, que não era outro que o de desconceituar um dos seus mais zelosos e honestos empregados; tanto assim que Sua Magestade já por mais de uma vez, depois da tal publicação, lhe tem conferido honras, que elle mais preza e aprecia, que quantos thesouros lhe poderiam dar os negreiros.

«Quando vi as accusações do sr. dr. Livingstone, em Abril d'este anno, tencionei não lhe dar consideração alguma, votando ao desprezo que merecem calumnias de tal natureza, e n'esse sentido pedi ao Governador geral para mandar transcrever no *Boletim Official* da provincia a citada carta, sem commento; pois que todos que nos conhecem, e conhecem este ponto da Africa, saberiam dar-lhe o valor que merece; porém lembrando-me que ella ia correr o mundo, aonde este pobre bixinho é pouco conhecido, ao contrario do sr. doutor, e sendo provavel que se diga, vendo aquella carta, que o sabio explorador da Africa austral, e consul da sua nação na Zambesia, não tem tomado por divertimento, nem distração caluniar os empregados d'esta provincia, e deve ter documentos em que funde a sua opinião; foi por este motivo que me resolvi a responder, ainda que conheço as minhas poucas forças para poder luctar com vantagem com um gigante de tão alta nomeada, mas conto com grandes auxiliares, a verdade e a justiça.

«Desafio por tanto o sr. dr. Livingstone a que apresente provas de quanto avança, isto é, de como as auctoridades portuguezas são a causa de todos os incommodos dos missionarios inglezes n'estes districtos; de como lhe fiz saber que eu e meu irmão eramos conniventes na caça de escravos; e finalmente de como o Governador geral recebe peitas e dinheiro por cabeças dos negreiros; na certeza de que, se o não fizer de uma maneira conveniente, deixar-me-ha o direito de lhe chamar calumniador.

«Parece que o sr. dr. Livingstone está um pouco amuado pelas contrariedades que tem soffrido nos seus negocios, e algum tanto despeitado por pequenas publicações que contestam as suas descobertas: é por isso que faz cair em nós o seu resentimento, exercendo uma vingança bem mesquinha.

•Tete, 10 de Maio de 1863. = *Antonio Tavares de Almeida.*»

•Governo do districto de Tete. — Secção civil. — Serie de 1861. — N.º 7. — 1.ª Via. — Ill.º sr. — Incluso envio a V. S.ª por copia, para ser presente a S. Ex.ª o Governador geral da provincia, o termo de indagação a que mandei proceder pelo Capitão mór d'este districto aos pretos mercadores chegados ha pouco do interior do sertão da Maganja, pelo qual se vê o extraordinario procedimento do dr. Livingstone, e sua comitiva para com os referidos mercadores. N'esta mesma data remetto uma igual copia ao Governador do districto de Quelimane: eu nada resolvi a semelhante respeito pela grande distancia em que se acha o dito dr. Livingstone d'esta villa, e só aguardo as ordens de S. Ex.ª — Deos guarde a V. S.ª — Quartel do governo de Tete, 29 de julho de 1861. — Ill.º Sr. Secretario geral interino. = *Antonio Tavares de Almeida*, Governador do districto de Tete.»

•Copia. — Aos vinte e seis dias do mez de Julho do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e sessenta e um, n'esta villa de Tete, e na residencia do Capitão mór d'este districto, Candido José da Costa Cardoso, comigo Escrivão Manuel José Nunes Cardoso, sendo ahi presente Pedro do Rosario Gama e José Ribeiro de Sousa, chamados para servirem de testemunhas, para se dar cumprimento ao officio de S. S.ª o Governador d'este districto, n.º 182, datado de 24 do corrente, em que determina ao mesmo Capitão mór para tomar depoimentos dos pretos mercadores ha pouco recolhidos do interior do sertão da Maganja, aonde tinham sido mandados por seus senhorios para compra de alguns pretos, e enxadas para seu serviço, os quaes mercadores queixam-se de como os inglezes da expedição do dr. Livingstone, tomando conta de toda a gente comprada, e dando de vestir á mesma com suas fazendas, a puzeram em liberdade, apossando-se os mesmos inglezes de quatro espingardas, e trezentas enxadas, e retendo os ditos mercadores, os quaes se evadiram para vir á villa dar parte do que havia acontecido. Perguntando o mesmo Capitão mór aos ditos pretos mercadores Camundarira, Dumba, João, Zomba, Vamos-aver, Cavera, Caturra, Cambarame e Chimussaraze, do que se havia passado a este respeito, respondeu o primeiro que tendo elle sido mandado pelo seu senhorio, Manuel Francisco de Azevedo, com alguma fazenda para compra de alguma gente para o serviço, seguiu viagem juntamente com os mais acima mencionados, que tambem levavam fazendas dos seus senhorios para o mesmo fim, e que tendo passado as terras do Regulo Chibissa atravessaram o rio Inhanja, e na terra soze do Regulo Bame compraram cento quarenta e quatro pretos de ambos os sexos e de diferentes idades; que na volta elles mercadores, chegando á margem do dito rio se encontraram com os referidos inglezes, os quaes tomando conta de toda a gente comprada, e dando-lhe de vestir com as suas fazendas, os despediram.

Disse mais terem-se os ditos inglezes apoderado de quatro espingardas e trezentas enxadas da sua negociação, e que todos elles mercadores felizmente puderam-se escapar do logar aonde se achavam retidos, tendo para este fim concorrido os mangangeiros. Tendo sido perguntados todos os mais mercadores depuzeram uniformemente, á vista do que o referido Capitão mór mandou lavrar este termo de indagação em que se assignou comigo Escrivão, e com as testemunhas acima indicadas. = Manuel José Nunes Cardoso = Candido José da Costa Cardoso = Pedro do Rosario e Gama, testemunha = José Ribeiro de Sousa, testemunha.

•Está conforme. — Quartel do Governo do districto de Tete, 29 de Julho de 1861. = *Antonio Tavares de Almeida*, Governador do districto de Tete.

•Secretaria do Governo geral da provincia de Moçambique. — Secção civil. — N.º 36. — Ill.º Sr. — Em resposta ao officio de V. S.ª, n.º 7, de 29 de Julho do presente anno, encarrega-me S. Ex.ª o Governador geral da provincia de dizer a V. S.ª que o commercio dos escravos, estando prohibido por lei, não é permittido aos subditos portuguezes entregarem-se a elle, sob pena de serem perseguidos perante os tribunaes; e por maior força de razão não podem 'esses taes individuos, que são já criminosos, pedir a protecção das auctoridades, nem da lei, que os não devem proteger. mas antes perseguir e chamar aos tribunaes. Os escravos conduzidos por terra, como diz o Decreto de 14 de Dezembro de 1854, suppõem-se trazidos por gente não sujeita á auctoridade portugueza, e devem ser logo registados, não como escravos, mas como libertos; porque escravos já os não ha senão os que como taes foram registados em tempo competente.

•E n'este sentido deve V. S.ª, na qualidade de Governador d'esse districto, fazer constar ao Capitão mór e aos outros moradores, que a lei é assim entendida, e tem de ser executada por V. S.ª, e por todas as mais auctoridades. O que se lhe participa em resposta ao seu officio, que continha o termo, de que o mesmo falla, o qual só pôde servir, não para exprimir o procedimento do dr. Livingstone, que aliás sendo em districto fóra da nossa jurisdicção, segundo parece do teor do officio, estava no seu direito, salvo o soffrer as consequencias de levantar uma questão com um particular, que podia repellir a força com a força, sem que este ou estes particulares possam appellar para uma protecção a que não têm direito. — Deus guarde a V. S.ª Moçambique, 31 de Agosto de 1861. — Ill.º Sr. Governador do districto de Tete. = *Francisco de Salles Machado*, Secretario geral interino.

Pelos documentos, que o leitor acaba de ter aos olhos, se manifesta evidentemente, como eu dizia, a má fé do dr. Livingstone, e a falsidade da informação attribuida ao dr. Kirk, isto é, o ter o Governador geral auctorisado a repellir, em casos identicos, a força pela força. O Governador geral, declarando que não podiam ser attendidas as queixas apresentadas contra o dr. Livingstone, porque a lei não favorecia os queixosos, observa com razão ao mesmo tempo que o dr. Livingstone se expozera a ver repellida a sua violencia com outra igual violencia, por isso que se havia d'este modo, de certo não facil de qualificar, em territorio que não era

portuguez, nem inglez, e onde portanto o acto praticado não podia deixar de considerar-se exercido sob a sua propria e pessoal responsabilidade.

Os mesmos documentos servem para provar mais uma vez os principios restrictivos da primeira auctoridade da provincia com respeito ao trafico dos negros. E note-se que nem o governo inglez, nem a imprensa do Cabo se equivocaram na interpretação que deram ás palavras e aos actos d'aquella auctoridade: é por esta razão que foi desapprovado de modo explicito o proceder do dr. Livingstone, extranhando-se-lhe o interferir pessoalmente em questões de tal natureza, quando não podia ser havido senão meramente como estrangeiro, e viajante occasional, missionario ou não; e, em todo o caso, sem character official, o que tornava de todo o pouto injustificavel o facto por elle praticado. De quem teria a queixar-se, e à protecção de quem haveria direito a soccorrer-se o dr. Livingstone, se, repellido na sua aggressão temeraria, soffresse as consequencias possiveis da sua violencia?

Pelo demais a doutrina do Governador geral faz-lhe tanta maior honra, quanto é certo que nem todos interpretam a lei tão liberalmente como elle. Ha quem sustente, e acaso não sem algum fundamento, que só é prohibido o trafico para alem mar, por isso que o Tratado de 3 de Julho de 1842 a elle unicamente se refere. Entretanto o Governador geral, sem tomar por norma as disposições do Tratado, regulou-se, e honra lhe seja, pelas da legislação vigente, pelos intuitos generosos do governo portuguez, e pelos seus proprios sentimentos, inteiramente oppostos á escravidão sob qualquer fórma que se pertendesse mantê-la.

APPENDICE

DAS NASCENTES DO NILO

Suum cuique.

Portugal, com quanto pequeno e acanhado, e quasi que não tido entre as nações de hoje senão em minima conta, conseguiu contudo outr'ora pelas virtudes e ousar aventureoso de seus filhos, elevar-se a tão grande auge de gloria, que se tornou alvo da inveja de todos os povos. Como nenhum pôde não direi já offuscar, mas nem ainda embaciar sequer o lustre do nome portuguez, o qual a fama, denunciando por toda a parte os seus feitos famosos, apregoava sobre todos illustre, e acima de competencia, quizeram vingar-se. Não puderam então faze-lo: tentam-no hoje, procurando tirar vantagem da distancia dos tempos, e das vicissitudes das cousas. Enganam-se; porque se perdura a mesma causa, e a injustiça de agora traz origem da inveja de então, o reflexo das nossas antigas glorias é de sobejo n'este momento mesmo para dissipar, e pôr em vergonhoso desbarato os seus aggressores injustos.

Como primeiros descobridores, a gloria dos portuguezes foi por muitos annos sem rival: não era favor, foi justiça; porque os factos, e toda a sorte de documentos, que pelos duvidosos podessem acaso ser pedidos, estão prestes e á mão para convencê-los, como testemunhas irrecusaveis. Entretanto desde certa epocha não raros viajantes, que deveram tudo quanto poderam adiantar nas suas

mais ou menos atrevidas e fadigasas peregrinações á luz recebida do pharol que lhes foi guia, isto é, ás noticias e indicações obtidas mediante a incançavel diligencia dos descobridores portuguezes, começaram a querer para si o que não podia pertencer senão somente áquelles, cujos trilhos iam seguindo, embora desvelados e suspeitosos procurassem occulta-lo a todo o custo, e de tal modo, que nem ao menos fosse facil de outra arte conjectura-lo. N'este numero tem logar conspicuo os capitães *Speke* e *Grant*, de nação ingleza, os quaes ha poucos annos, tendo cortado o interior das terras africanas com o intento de descobrir as fontes ou origens do Nilo, e tendo ido para este fim no rasto, ainda não apagado, dos viajantes portuguezes, que muito mais de dois seculos antes alli os precederam, ao depois vieram acclamar-se descobridores do que tinham achado, mas fôra pelos portuguezes descoberto, e requerer para si os applausos, que só podiam áquelles ser devidos.

Comtudo não faltaram propugnadores, e muito proprios e muito illustres, á causa da verdade e da justiça, e aquelles que tinham dado em parte realidade á conhecida fabula, adornando-se com alheios atavios, para serem havidos pelo que não eram, tambem se viram forçados, máo grado seu, a completa-la. Os applausos, que soberbos, e com orgulho antes exigiram do que sollicitaram, converteram-se na mofa e riso, que não podia deixar de merecer tão desarrasoada pertença. Porém ainda ha, com quanto não pareça porventura facil crê-lo, quem, como o dr. Livingstone, se lembre de mencionar os nomes de *Speke* e *Grant*, e como que para elles reclamar honra e gloria, a que não podem ter nenhum direito. Unirei portanto agora o meu brado, posto que pequeno e humilde, ao valente pregão dos defensores das glorias portuguezas; e, dando noticia do que pelos portuguezes foi descoberto com respeito á origem do Nilo, e está escripto; e recordando o testemunho dos antigos mappas portuguezes, que de nenhum modo pôde ser invalidado; e tomando nota do ajuizar desconfiado e cauteloso dos proprios conterraneos admiradores dos capitães *Speke* e *Grant*, julgar-me-hei auctorizado a concluir, como concluíram ha muito os que n'estas materias são versados, que não pôde a pertença dos dois viajantes inglezes ser tida em nenhuma conta, porque não podem ser considerados descobridores do que tres seculos antes fôra descoberto.

Entremos em materia.

O Padre Francisco Alvarez, que por espaço de seis annos residio nas terras do Preste, aonde foi, na companhia de D. Rodrigo de Lima, no anno de 1520, escreve o seguinte no cap. cxxxv, da II Parte ¹:

«Hora deixando Sul e tomando ponente fica outro reyno, que he do Preste, e se chama Goyama, que foy gram parte d'elle da rainha Elena; e dizem que n'este reyno nace ou sae o rio Nilo, que n'esta terra chamam Gion, e dizem que ha n'elle grandes lagos como mares, que ha n'elles homens e molheres marinhos, e alguns affirmam isto de vista.»

Nas respostas, dadas ás perguntas do Arcebispo de Braga, explica-se por este teôr com respeito ao rio Nilo:

«Que não vio o rio Nilo, e chegou duas jornadas d'elle; e as jornadas que andavam são pequenas, isto é, quatro legoas pouco mais ou menos. Porém alguns da sua companhia chegaram ao nascimento d'elle: e dizem que nasce no reyno de Goyama, e o seu nascimento é em grandes lagoas; e logo em nascendo são ilhas; e d'ahi começa seu curso, e vay para o Egypto.

«O tempo que o Nilo no Egypto enche, é (segundo dizem) de 15 dias de Setembro por diante, e em todo Outubro; e a razão d'isto é porque o inverno da Ethiopia começa de meado Junho até meado Setembro; e pelas muitas chuvas que ha n'elle, sem nunca se mudar este inverno, enche o Nilo no Egypto n'este tempo.²»

Na *Relação do Reino do Congo e regiões convisinhas*, de Duarte Lopes, cap. x do liv. II, lê-se, relativamente ás nascentes do rio Nilo, o que se segue³:

«Para concluir falta fallar do Nilo, o qual não nasce nas terras de Belgião (Preste João) nem tão pouco dos montes da lua, nem, como escreve Ptolomeo, de dous lagos que, situados um ao Oriente e outro ao Poente, junto das raizes dos ditos montes, estão a 450 milhas um do outro. Por isso que, na mesma altura, em que Pto-

¹ Verdadeira informação das terras do Preste Joam, segundo vio e escreveu o padre Francisco Alvarez, etc. Ms. da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

² Ibid. part. II, cap. IX.

³ *Relatione del Reame di Congo* di Odoardo Lopez portoghese per Filippo Pigafetta. In Roma (1591). *Vera descriptio regni africani, quod Congo appellatur*, per Philippum Pigafetam. Francofurti (1624).

lomeo põem aquelles dous lagos, está tambem situado o reino do Congo e de Angola, ao Poente, e da outra parte ao Levante o Imperio do Monomotapa e o reino de Sofala, com a distancia de mar a mar de 1200 milhas. Ora n'aquelle tratado affirmava Duarte Lopes, que por alli peregrinou durante alguns annos, que não existia senão um lago só, o qual confina com Angola e com o Monomotapa, e abrange um espaço de 195 milhas. Da parte occidental d'este lago dão noticia os habitantes de Angola, e da outra parte, para o nascente, os de Sofala e do Monomotapa: de sorte que, havendo inteira certeza d'este, nenhuma menção se faz dos outros lagos, donde se conclue que não se encontram n'aquella altura do grão indicado.

«É verdade existirem dous lagos, mas situados muito diversamente do que escreve Ptolomeo; pois que elle, como fica dito, colloca os seus ao Poente e ao Levante, e os que de feito existem estão situados ao Norte, quasi em linha recta, e a quatrocentas milhas um do outro. Presumem alguns, mesmo entre os indigenas, que o Nilo, sahindo do primeiro d'estes lagos, é absorvido, e ao depois reaparece; outros são de opinião contraria, e entre estes Duarte Lopes, o qual julga que, passando o Nilo, sem leito certo, por valles ermos, e medonhos, inteiramente desconhecidos, veio d'ahi dizer-se que se mettia por baixo da terra.

«O Nilo nasce verdadeiramente do primeiro lago, o qual está em 12 grãos para o polo Antartico, e é cercado de montes altissimos, como são os Cafates e outros. D'aqui, como fica dito, o Nilo desce para o Septentrião por espaço de quatrocentas milhas, onde entra no segundo, que é maior do que o primeiro, a que os indigenas dão o nome de mar, jaz sob a linha Equinocial, e tem de largo perto de duzentas e vinte milhas.

«Do segundo lago dão certa noticia os Anzichios, que lhe ficam proximos do lado do Norte, e commercêam n'aquellas partes, e dizem que os habitantes do referido lago navegam em grandes embarcações, sabem escrever, e usam de numeros, e de peso e medida, o que nas terras visinhas do Congo era ignorado; que fabricam as casas de pedra e barro; similhando nos costumes aquella gente com os portuguezes. Donde se argumenta que não deve estar d'alli muito longe o imperio do Preste João. Do predito segundo lago vai correndo o rio Nilo á ilha de Meroè, na distancia de setecentas milhas, entrando n'elle outros rios durante o seu curso.

«O principal d'estes é o Colues, assim chamado, porque sahe do lago d'aquelle nome, situado nos confins de Melinde; e, em chegando o Nilo a Meroé, se divide em dous ramos e abraça um terreno alto, que se diz Meroè. Á direita de Meroé, para Levante, corre um outro rio por nome Abanhi, que nasce do lago Bracina, e atravessa o imperio do Preste João até á dita ilha, e da outra parte, para o Poente, correm varios rios, um dos quaes é o Saraboé.

«O Nilo pois, recebidos estes rios, e cingida a ilha com os estendidos braços, torna a apparecer mais volumoso que de principio; e, juntas de novo as aguas em um canal, segue pela Ethiopia, que se denomina sobre o Egypto, e vai ostentar-se nas cahidas, que são formadas por um valle altissimo, que, estreitando-se, fecha em apertado leito o rio, o qual se precipita de toda a altura, e cahe com estrondo horrivel junto da ilha Siene, e d'alli, banhando o Egypto, corre a despejar as aguas no Mediterraneo, em frente da ilha de Chypre, por duas boccas principaes, uma chamada de Damiato ao Levante, e outra ao Poente, chamada de Rosseto.

«E porque somos chegados ao fim d'esta escriptura com o rio Nilo, é opportuno fallar resumidamente das causas do seu crescimento. Assim pois, a causa principal é, como tinhamos dito, a grande quantidade de agua chovida no tempo em que começa a primavera, o qual coincide com o começo do nosso verão, isto é, o principio de Abril. Ora esta agua não cahe espaçada e branda como na Europa, mas em grande copia, e com tanto impetó que a terra não pôde embebê-la por ser alpestre e declive, lança-se com violencia para os rios, e os faz crescer e subir de modo maravilhoso, e trashordar; e maiormente assim succede por serem as chuvas continuas por espaço de cinco luas, isto é, de Abril, Maio, Junho, Julho e Agosto, mas sobre tudo nos mezes de Maio, Junho e Julho, durante os quaes é a maior força da agua.

«Acontece pois que, sendo o paiz montanhoso, como está dito, povoado de serras altissimas, e por consequente cheio de torrentes, de riachos e de lagos, todas aquellas aguas vão ajuntar-se nos leitões de grandes rios, que transforma de modo singular, avultando o volume sobre o de todos os demais do mundo. Os lagos tornam-se tão sobejos, que na verdade é de muita maravilha, como se está vendo no Cabo da Boa Esperança, e em todos estes reinos do Congo, e regiões visinhas, onde se formam alguns de tão ex-

tranha grandeza, que nas linguas d'aquelles povos tem o nome de mares.

«Donde, nas estações indicadas, se vê de uma parte o Nilo correr furiosissimo d'aquellas regiões para o Norte a regar o Egypto, e da outra o Zaire e o Niger ao Poente e ao Levante, e ao Meio Dia outros volumosissimos rios, que em certos e determinados tempos não deixam nunca de crescer como o Nilo. Assim succede todos os annos, e sobre tudo no Cairo, e geralmente no Egypto, onde o Nilo começa a crescer pelo fim de Junho, e continua subindo até 20 de Setembro, como eu observei. Entretanto a causa d'este crescimento tem permanecido envolta em muita escuridão até ao tempo presente, e posto que os antigos deixassem alguma cousa escripta a este respeito, dizendo, a contar desde Homero, que o Nilo cresce por effeito das chuvas, com tudo nenhum se explicou com tanta clareza como o sr. Oduardo (Duarte Lopes), que foi testemunha do que nos informa.»

Ouvido o que narra e observa Duarte Lopes, dêmos attenção ao que refere o Padre Pedro Paes, Jesuita portuguez, que, segundo a opinião de alguns, foi o primeiro europeu que vio as duas nascentes do Nilo ¹:

«A 21 de Abril do anno de 1618 achava-me eu com o Imperador da Ethiopia, que estava com o seu exercito no Reyno de Goyama. O Imperador acampava no territorio de Sacala, nas terras dos Agaus, na proximidade de uma pequena serra, que se nos affigura pouco elevada, porque o são muito as demais que a rodêam. Fui alli, e com os meus olhos investiguei o mais attentamente que pude tudo quanto era de redor de mim; descobri duas nascentes de fórma redonda, uma das quaes poderia ter quatro palmos de diametro, e não sei explicar quanta foi a minha alegria contemplando o que Cyro, Cambises, Alexandre, Julio Cesar, com tanto ardor, mas debalde, tinham desejado conhecer. Não achei nenhuma outra nascente no alto da serra. A segunda nascente demora a Oeste da primeira, e d'esta só fica afastada um lanço de pedra. Os habitantes dizem que a serra está cheia de agua; o que não custa a crer, porque todo o terreno de redor das nascentes treme, e não se póde dar um passo que não surda a agua debaixo dos pés. As nascentes de que venho fallando nunca trasbordam; por quanto, como a

¹ V. a *Dissert. sur le Nil* par mr. Le Grand. Paris, 1728.

agua tem muito pendor, sahe com impetuosidade na falda da serra. Os habitantes dos logares visinhos asseguraram-me que, por ter sido o anno extremamente sêco, a serra tremêra; e por vezes treme a tal ponto, que não se pôde ir lá sem perigo. O Imperador, que estava alli com o seu exercito, confirmou isto mesmo. Na baixa da montanha, e a uma legua pouco mais ou menos de distancia d'esta nascente, está a aldêa de Guix, a qual todavia se nos representa a menos de um tiro de peça. É muito difficil a subida da montanha, não sendo pela banda do Norte. A uma legua sahe outro regato, que vai perder-se logo no Nilo; julgam que vem da mesma origem, e que o seu leito fica escondido debaixo da terra quando o Nilo se mostra, corre para E., e depois volta ao N. A um quarto de legua rompe outro riacho, que se reforça com as aguas de outros dois que vem n'elle affluir do N. O Nilo, engrossado com tantos regatos, em breve se torna rio caudaloso; porém depois de ter continuado a correr durante vinte e quatro horas, recebe o Gemma, de não menor volume, e segue para o O.: ao depois, tomando a E., entra em um lago, que atravessa com rapidez, sem misturar com as d'elle as suas aguas. Ao sahir d'este lago, faz varios meandros, e caminhando ao S., banha as terras de Alaba. Quasi a cinco leguas do lago, o Nilo dá um salto de quatorze braças de altura, e cahe com tanta violencia, que de longe se diria que toda a agua se desfaz em espuma e fumo. Pouco depois corre entre penhascos tão apertado que custa a descobri-lo; e os penhascos estão a tal ponto chegados uns aos outros, que, por sobre algumas vigas e pranchas, o Rei passou para a outra banda com todo o seu exercito.

«Este rio, deixando o Reyno de Bagameder a E., e havendo percorrido os de Ambara, Olaca, Schaoa, Damota, as terras de Bizamo e de Gumancana, faz quasi inteiramente o circuito do Reyno de Goyama, e approxima-se tanto da nascente, que vem passar a uma jornada de distancia. Atravessa depois os Reynos de Fazelo e de Ombarea, que Razzela Christos conquistou no anno de 1613, e a que deu o nome de Aysolam, ou Adis-Alem, isto é, novo mundo, porque são aquellas terras de muita extensão, e os Abexins não as conheciam antes. O Nilo deixa então a Abissinia, corta para o Norte, e, tendo atravessado muitas provincias e reinos, entra pelo Egypto, e vai desaguar no Mediterraneo.»

Agora para aqui trasladarei com a costumada fidelidade o que

sobre o mesmo assumpto escreve o Padre Jeronymo Lobo na sua *Relação historica da Abissinia*¹.

«O Nilo (escreve o Padre Lobo), que os indigenas chamam Abavi, isto é, pai das aguas, nasce na provincia de Sacahala, Reyno de Goyama, o mais formoso e opulento que possui o Imperador dos Abexins. Esta provincia pertence á nação dos Agaús, que se diz christã, mas só o é de nome... A E. do Reyno de Goyama, e no declive de uma serra, cuja encosta se nos afigura como uma agradável campina, está essa nascente do Nilo, tão escondida até aos nossos dias, e que debalde se procurou por muito tempo. Esta nascente, ou antes as duas nascentes são duas aberturas, de quatro palmos de diametro, a um lanço de pedra de distancia uma da outra. Uma das aberturas não tem mais de onze palmos de profundidade; pelo menos a nós não nos foi possível fazer descer mais a sonda, posto que podia acaso ser estorvada pelas muitas raizes das arvores de derredor. Esta nascente é um tanto mais pequena do que a outra, que jaz mais abaixo. Tambem sondámos esta, e posto que a sonda medisse vinte palmos, não podemos achar fundo. Os moradores das terras nos affirmaram que ninguem lh'o tinha achado. É crença geral que estas duas nascentes são aberturas de um grande lago occulto debaixo da terra, porque em derredor o terreno está sempre humido, e é tão pouco firme, que surdem bolhas de agua quando por elle alguém caminha. Isto conhece-se melhor quando tem chovido muito, porque a terra abate, e dá de si extraordinariamente. Tenho para mim que a grande quantidade de raizes que se entrelaçam, conservam unida a terra, sustentam-na, e tolhem que de todo o ponto se rompa e entranhe: o terreno é todo d'esta feição ao pé das nascentes. A um lanço de funda, e no meio da encosta, fica uma aldêa por onde se passa para chegar ao cume da serra de Guix: é este o seu nome. D'alli descobre-se grande extensão de terras, que parecem formar um valle profundo, e todavia é tão suave o declive da montanha, que mal adverte o caminhante que sobe ou desce.

«Do alto da serra eleva-se uma sorte de cômoro, que é tido pelos Agaús na maior veneração. O Preste (sacerdote) ali os reúne todos os annos, e sacrifica uma vacca, da qual lança a cabeça em uma das nascentes do Nilo. Acabada a cerimonia, cada qual im-

¹ V. a pag. 105. Edição de Paris de 1728.

mola uma ou mais vaccas, conforme aos seus tères, e á sua devoção: a carne comem-n'a como cousa sagrada. Dos ossos tem-se feito duas serras muito elevadas, que chamam áquelle ponto as aves de rapina dos contornos, e isto prova que aquelles povos sempre adoraram o Nilo, e o adoram ainda hoje como uma divindade. Concluidos os sacrificios, o Preste unge o corpo com o sebo e gordura das vaccas, e vai assentar-se n'uma cadeira de palha no alto, e no meio da lenha, com que se preparou uma fogueira, á qual se põe o fogo, e a fogueira arde e se consome, sem que o Preste seja offendido, nem o sebo se derreta. Em quanto o fogo dura, o Preste falla aos assistentes. Consumida a fogueira, e terminado o discurso, recebe de todos o Preste abundantes esmolas, o que é o fim d'esta farçada.

«O rio Gemma, do qual fallaremos, corre ao longo de um extenso e profundo valle, e vai confundir-se com o Nilo. O Nilo ao sahir da nascente conserva-se occulto, e como que mettido debaixo do matto, e corre para E., por espaço de um tiro de mosquete, depois corta ao Norte, obra de um quarto de legua, e em fim apparece pela primeira vez deslisando-se por entre pedras. Esta vista causa alegria, e ao mesmo tempo move a espanto os que sabem quantas fabulas escreveram os antigos, e quantas vãs conjecturas formaram ácerca das nascentes d'este rio, da natureza das suas aguas, das cataratas, das inundações, *cousas que de presente conhecemos*, e, por assim dizer, *tocamos com o dedo, e vimos com os nossos olhos*.

«Alguns interpretes das santas Escripturas pretenderam que o Gehon, de que falla o Genesis, é o Nilo, que abrange a Ethiopia toda; porém o Gehon tem a nascente no paraizo terrestre, e sabemos com certeza que o Nilo a tem nas terras dos Agaús, é preciso averiguar se duas nascentes tão distantes podem produzir um mesmo rio, e de que modo esse rio, cuja nascente está em terra tão baixa, pôde reaparecer no lugar mais elevado talvez do mundo inteiro. Por quanto, se considerarmos que a Arabia e a Palestina estão quasi ao nivel do Egypto, que o Egypto é tão baixo com respeito á provincia de Dambia, como o valle mais profundo com respeito á mais alta montanha, que a provincia de Sacala é ainda mais elevada que a de Dambia, que é preciso que as aguas do Nilo ou passem por debaixo do mar vermelho, ou façam um circuito, tornar-se-ha por extremo difficultoso o comprehender

como a terra tenha a força attractiva tão poderosa, que possa fazer subir tantas aguas por entre tantos areaes e logares tão baixos e fundos até ao ponto mais a cavalleiro de toda a Ethiopia.

«Mas sem nos embrenharmos n'estas difficuldades, continuemos a descrever o curso do Nilo. É em tanta mingua a porção de agua que, quando sahe da nascente, leva este rio, que parece haver de seccar totalmente nos grandes calores do verão. Engrossando logo depois com o Gemma, o Keltu, o Bransu, e muitos outros riachos, de tal modo se derrama pela planicie de Baad, que, só a tres jornadas do nascente, pôde a balla de um mosquete alcançar de uma á outra margem. Então o rio toma carreira para o N., mas declinando algum tanto para E. por espaço de nove a dez leguas; depois entra no famoso lago de Dambia, que se chama Bahar-Sena (similhança do mar), ou Bahar-Dambia (mar de Dambia.) Atravessa-o n'uma extremidade sómente, mas com tanta rapidez que se distinguem as aguas do Nilo das do Lago, por espaço de seis leguas, que se contam da entrada até á sahida: então o Nilo tem já grande volume.

«A distancia de cinco leguas, cortando pela terra de Abata, cahe do alto de um rochedo, formando o mais formoso lanço de agua que pôde ver-se: é a primeira catarata. Passei por baixo d'ella sem molhar-me; e, repousando ali para gosar da fresquidão, admirei as vivas cores de um sem conto de arcos-iris, que formam os raios do sol. Como o rio cahe de mui alto, faz tão grande arruido que se ouve de muito longe; mas não observei que sejam surdos os povos convisinhos. Fallei com muitos individuos, que me ouviam a mim como eu a elles; e vê-se de muito mais longe a espuma e o fumo, que faz a agua cahindo, do que se ouve o arruido. Depois d'esta catarata o Nilo estreita-se de tal sorte entre rochedos, que parece terem-se afastado só para lhe abrir o passo. De modo estão uns tão proximos dos outros, que no meu tempo se construiu uma ponte de vigas por sobre a qual passou o exercito imperial. Tem havido tambem homens tão atrevidos, ageis e robustos, que saltam dos penedos de uma para os da outra margem. O Imperador Sultão Segued fez algum tempo depois levantar uma ponte de um só arco, por pedreiros que mandara vir da India, a fim de que os povos podessem dar-se com facilidade ao commercio, e passar sem estorvo de umas a outras provincias. É esta a primeira ponte que os Abexins viram sobre o Nilo.

«Prosegue d'ahi o Nilo atravessando muitos reinos. Deixa a Êste o de Begmeder, que tira o nome de grande numero de carneiros, que se criam nas suas margens: *Meder*, significa terra, e *Beg*, carneiro. Banha logo os Reinos de Amhara, Olaca, Chaoa e Damot, que estão na margem esquerda; na margem direita está o Reino de Goiama, n'uma quasi ilha; passa ao depois entre Bezamo, que faz parte do reino de Damot e Gamarcansa, que pertence ao reino de Goiama, porém volta n'este logar tão perto da nascente, que fica só em distancia de uma pequena jornada, posto hajam de completar-se vinte e nove para acompanhar-lhe o curso, e fazer, como o rio faz, o gyro do reino de Goiama. Até aqui o Nilo não sahio do reino dos Abexins. Ainda continua a correr nas suas terras por alguns dias, e entra em seguida nas de Fazulo e de Ombarca, por aquella parte confinantes com a Abissinia.

«Não ha nenhum conhecimento d'aquellas vastas regiões. Os povos que as habitam são muito differentes dos Abexins. O cabelo é curto e encarapinhado como o de todos os demais negros. No anno de 1615 Rassela Christos, general das tropas do Sultão Segued, quiz entrar esses reinos, e fazer-lhes guerra; porém maravilhado da sua vasta extensão, e da pouca noticia que podia obter d'elles, mudou de intento, não ousando arriscar nenhuma tentativa, e deu áquelles territorios o nome de *Adisalem*, que quer dizer novo mundo.

«Como o imperio dos Abexins acaba n'estes desertos, e eu não pude seguir ávante o curso do Nilo, deixa-lo-hei atravessar todas as nações barbaras por onde vai passando, e levar a abundancia ao Egypto, que fecunda e fertilisa tão maravilhosamente com as suas inundações. Nada mais sei particularisado com respeito ao seu restante caminhar, excepto que recebe muitos rios que sobre modo o engrossam, que faz muitas cahidas iguaes á que deixo descripta, e que lhe falta o peixe, o que procede sem duvida do grande numero de crocodilos e cavallos marinhos, que o despovoam, etc.»

Tem agora a sua vez um outro informador, porventura de não menos auctoridade que os que temos até aqui ouvido; é o Padre Balthasar Telles, que d'esta fórma se explica ¹:

¹ *Historia da Ethiopia a Alta, tirada da que mais largamente compoz na India o padre Manuel de Almeida, pelo padre Balthesar Telles, da Companhia de Jesus. Coimbra, 1660.*

«Aqui pois na Abassia, quasi no meyo do Reyno de Gojam, de que falley no capitulo passado, em doze grãos da linha equinocial, mays pera a parte do Ponente está uma terra que chamam Sacahálá, povoada de uma gente, que chamam Ahaus, os mays d'elles gentios, & alguns que de christãos teram hoje sómente o nome: he esta terra montuosa, como as mays da Ethiopia, ainda que outras ha por ali mays altas: entre estes montes está hum pedaço de campo, ou terra chã nam muyto igual, espaço de hum terço de legoa, & no meyo d'este campo hum como lago pequeno de hum tiro de pedra quasi em diametro. Este lago está cheyo de humas arvorezinhas, que tem as raizes tam entretecidas, que no verã caminhando por cima d'ellas se chega a dous olhos principays, afastados hum do outro perto de um tiro de pedra, aonde a agoa está clara, & muyta funda, d'elles, como de duas fontes, saye a agoa como por dous caminhos pera este pequeno lago, do qual vem correndo por debayxo da terra, mas de maneyra que pelas ervas verdes se conhesse o curso que leva o fio da agua, & toma primeyro pera o Oriente por espaço de um tiro de espingarda, & logo vira pera o Norte.

«Meya legoa da fonte pouco mays ou menos, se vay já descubriendo a agoa sobre a terra em quantidade, que faz huma bastante ribeyra, mas logo se lhe vam ajuntando outras; & depoy de ter com seus rodeyos andado cousa de quinze legoas, recolhe em sy hum rio caudaloso, & ainda mayor que o mesmo Nilo, chamado Gemá, que alem de lhe dar suas agoas, ali perde o seu nome. Pouco abayxo, declinando já seu curso pera o Oriente, recolhe mays dous rios, a quem chamam Relty & Branty, & ali perto está logo a primeyra catadupa, de que logo falaremos. D'ali toma o Nilo o curso quasi pera Leste, & mete-se pela grande alagoa, á qual chamam n'esta terra Mar de Dambeá, por sua grandeza, & por estar dentro d'este Reyno, da qual falaremos no capitulo seguinte, a qual dista da fonte do Nilo por linha direyta cousa de vinte legoas.

«Rompe o Nilo esta alagoa por huma ponta que fica a Oeste, & saye d'ella no verã quasi com as mesmas agoas com que entra: & nam só parece ser a mesma na quantidade, senam que parece ser a mesma na identidade, porque quando a alagoa está muyto quieta se divisa a corrente que n'ella o Nilo vay fazendo, & atravessando-a, & levando comsigo alguns paosinhos leves, & palhas

que costumam hir na tona da agoa, ficando quedas as que dantes estavam na alagoa, como senam quizesse aquelle tam soberbo rio misturar suas nobres agoas com as alheas, & nam pertendesse d'aquella grande alagoa mays que a passagem franca por aquella sua travessa, que terá ali de distancia cousa de seys até sete legoas. O mays d'esta alagoa do Nilo constará do capitulo seguinte.

(Liv. I, cap. v, pag. 43.)

.....

«Temos descuberta a fonte do Nilo, que tam encantada parecia, sendo que melhor lhe quadrava o nome de encantada no meyo de um Reyno que he parte da Ethiopia Interior. Rodea este rio, como já signifiquey, quasi todo o Reyno de Gojam, & a volta que lhe dá se representa bem na figura de huma cobra nam muyto enroscada, mas com as voltas que se representam na pintura, que aqui fiz delinear, pera mayor clareza: & terá des da volta do collo, com que entra, até a ponta do Sueste, frente do Reino de Xaoá sincoenta legoas, & de largura entre corrente & corrente até trinta, & quando dá volta, chega a saudar ¹ a sua fonte em distancia de dez ou doze legoas. Tudo se vê mays distinctamente n'este pequeno mappa, que aqui ponho.

«Chamam os Abexins a esta sua alagoa Bar Dambéa, que he o mesmo que mar do Reyno de Dambéa, o qual está em altura de treze grãos & meyo; & terá a dita alagoa pelo lado do Sul de comprimento até vinte legoas, & do Norte cousa de trinta e sinco, porém se se contassem as voltas, que fazem as enseadas com que esta alagoa entra pela terra, muytas mays haviam de ser as legoas; os rodeos do lado do Sul nam sam tantos, mas sempre chegarám a trinta legoas. Se medirmos a sua largura pelo meyo, & pelo mays fundo chegará a dez, ou doze legoas. A agoa he muyto limpa, & leve, & sadia.

(Cap. vi, pag. 44.)

.....

«N'esta alagoa cuydavam muytos que nacia o Nilo, porém, como tenho dito, mays lhe serve de estalagem por onde passa, que de patria aonde naça; bem é verdade que esta alagoa como agardecida ² á honra que o Nilo lhe faz, em a hir de caminho vizitar, lhe paga muyto bem com a grande copia de agoa que lhe acrecenta,

¹ Sic.

² Sic.

nam permitindo que nenhum outro rio, dos muytos que em sy recolhe, saya de seus limites, senam pelo canal por onde o Nilo desemboca, como se quizesse que todos servissem, & acompanhasssem a este rey dos mays rios, que assim chamou o principe dos poetas ao Eridano.

«Conforme a isto foy erro dos doutissimos Gerardo, & Jansonio, os quaes por erradas informações dizem, que do lago do Nilo nagem o rio Zayre (que regando o Reyno do Congo vem a desagoar no Oceano Ethiopico), & outros dous rios mays, que dizem se vem ajuntar em um lago nos confins de Angola, donde diz Gerardo que procede o rio Coança. Porém he cousa certa que só o Nilo saye d'esta grande alagoa, & o Coança tem outro muy diverso nacimiento.

«Comtudo n'esta alagoa de Dambeá entram muytos, & diversos rios, & n'ella juntamente descarregam todas suas agoas as grandes montanhas do Reyno de Dambeá, & todas as mays campinas & serranias que lhe ficam á roda, & com este grande pezo de agoas cresce muyto este lago. E por isso no inverno saye o Nilo muyto poderoso, & acrecentado, porque nam tem todas estas muytas agoas outra alguma porta por onde desembocar, senam pela foz, & pela barra que o Nilo abriu; & assim tudo o que no inverno recolheo, & todos os mays rios que recebo, por esta grande boca, ou por este cano real bota fóra, & toda aquella immensidade de agoas fica debaixo do senhorio, & nome do rio Nilo.

«E alem d'isto depoyos do Nilo sahir d'este lago, ainda dentro em Ethiopia recebe em sua corrente muytos rios de notavel grandeza, como sam Gamara, Abeá, Bayxó, Anquer, & outros, que se podem ver no mappa que atraz deixamos; & finalmente tambem lhe entra o Tacazé, lá mays junto ao Egypto. (Cap. vi, pag. 45.)

.....

«A corrente do Nilo, sahindo d'esta alagoa, vay logo quasi direita ao Sudoeste, & por este rumo corre ao longo dos Reynos de Begameder, Amarà, Olecà, deyxando-os ao Levante; depoyos virando já pera o Sul deyx a Sueste o Reyno de Xaoá, & logo declinando pera Oeste, Noroeste, & Norte deyx a Sudoeste, & Oeste Gans, Gafates, & Bizamó, & vaysse mettendo pelas terras dos Gongs, & Cafres, & mays adiante passando pelas do Fascaló, entra pelas dos Ballous ou Funchos, que parecem, segundo a boa & bem fundada opiniam do Padre Manoel d'Almeida, que sam a Nubia;

& d'ali caminha pera o Egypto, o qual como fica pera a parte do Norte a respeyto do nacimiento do Nilo, teve fundamento Claudiano pera dizer, que o Nilo vinha das partes austraes.» (Cap. vi, pag. 46.)

Parece-me que não será fora do proposito o ouvir o que, por informação, nos diz o Padre João dos Santos ácerca das nascentes do Nilo, porque, supposto seja muito menos explicito do que o que temos ouvido aos demais informadores, sendo como de quem conta o que não vio, e se recêa de dizer o que de si não póde asseverar; comtudo como de homem que tanto vira e investigara, as suas palavras tem sobrada auctoridade para obrigarem a nossa attenção. Pelo demais o Padre Santos não desconforma, antes adhere substancialmente ao que por então era da noticia commum, e fica exposto. Eis-ahi as suas palavras ¹:

«Da linha equinocial pera o Norte se vay estendendo o grande Reyno de Bagamedri ², povoado de gentio, no qual dizem que ha minas de prata, de que os naturaes se não aproveitam, porque são mui priguiçosos, e não se querem occupar em cousa alguma que lhe dê trabalho, e por isso são pusillanimes e pobres. N'este Reyno entra o rio Nilo, o qual nace no sertão d'esta Ethiopia de um grande lago chamado Barzena, situado em doze grãos da banda do Sul (segundo a mais certa informação que tive), o qual he cercado de altissimas serras, e asperissimas montanhas, particularmente de Leste, por onde sae este rio, que são as terras habitadas de cafres gentios, chamados Cafates, barbaros, muy robustos e dados á caça das feras, e animaes silvestres. D'aqui vay correndo este rio ao Nordeste até o segundo lago, que está debayxo da linha: donde vay continuando pera Leste e Nordeste, passando por alguns Reynos do Preste, até chegar á ilha Méroe; e d'ali torna ao Nordeste, até ao Reyno de Dambia, povoado de christãos Abexins. E n'este Reyno faz um cotovello e torna a voltar pera o Sudoeste por espaço de cincoenta legoas pouco mais ou menos, e d'alli faz outras duas voltas, huma pera o Nordeste, e outra pera o Norte, até se metter no mar Mediterraneo, por sete braços, defronte da ilha de Chipre. Os dous principaes são Damiata, que fica pera Levante, e Rosseto pera o Ponente, junto de Alexandria.

¹ *Ethiopia Oriental*, liv. iv, cap. iii, fl. 404, etc.

² *Beymeder*, segundo o padre Lobo.

«Do cotovello que este rio faz no Reyno de Dambia começou o Preste João, chamado Alebále, a romper a terra, pera lançar sua corrente, que fosse entrar no mar Roxo, como refere Francisco Alvares.»

As noticias que deixo colligidas põem a manifesto que as informações que nos ultimos tempos foram dadas pelos capitães inglezes *Speke* e *Grant*, ácerca das nascentes do Nilo, as possuímos nós muito particularisadas ha tres seculos approximadamente, tendo-nos sido dadas pelos nossos mesmos conterraneos; e que portanto não nos é permittido fazer côro com os que, por ignorancia antes que má fé, entoam hymnos a *Speke* e *Grant*, como aos descobridores d'aquelle por tantos tempos reputado arcano da natureza. Porém não me contento só dos testemunhos já produzidos, quanto explicitos, e que de nenhuma sorte podem controverter-se, ainda outro apresentarei, que poderia servir áquelles, se o carecessem, de escudo incontrastavel.

Effectivamente ha mais de tres seculos o cosmographo portuguez Diogo Homem, consignava, na sua carta de 1558, as nascentes do Nilo nos montes da lua, e a mesma origem lhe tinha dado em 1498 o auctor do mappa-mundi, que primeiro a diligencia do muito erudito Visconde de Santarem, e ao depois o amor das cousas patrias do illustre Sr. Conde do Lavradio, tornaram do dominio publico. Este mappa que foi composto, sem que de modo algum possa duvidar-se, de elementos meramente portuguezes, e ha sido copiado de um manuscripto do museo britannico, e bem assim os mappas do citado cosmographo portuguez, os encontrarão os leitores no fim do volume no logar respectivo. É desnecessario citar agora, como bem podera, nenhum outro, pois que não carece a evidencia de acrescentamento de provas em que melhor se abone: a si basta, se não sobeja.

Uma questão podia aqui suscitar-se, a saber: Se as nascentes do Nilo estão nos *Montes da Lua*, se nas *Paludes Nili* de Ptolomeo, ou se porventura onde affirmam tê-las visto e examinado Duarte Lopes, o Padre Jeronymo Lobo, o Padre Paes, o Padre Telles e outros portuguezes. Não tomarei agora parte n'essa questão, que o Sr. Conde do Lavradio ha tratado com tanta abundancia de rasões, sustentando acharem-se nos *Montes da Lua*, e não onde dizem Duarte Lopes, Paes, Telles, Alvares e Lobo, que o Sr. Conde suppõe haverem tomado a nascente do Abai ou Abavi

pela do Nilo, originando-se o equivooco em procurarem esta, onde não podiam acha-la.

É certo que Duarte Lopes, como vimos, defende explicitamente a opinião contraria, negando de modo positivo, que nasça o Nilo quer nos *Montes da Lua*, quer nas *Paludes Nili*, como Ptolomeo ensina: entretanto não são acaso estas duas opiniões tão encontradas como desde logo se representam. Não é impossivel que provenham dos *Montes da Lua* as aguas a que devem a existencia quer as lagoas de Ptolomeo, quer as nascentes indicadas pelos missionarios portuguezes; e por outra parte é certo que as fontes conhecidas, donde aquellas aguas começam primeiro a ser vistas correndo, formam, ajudadas pelas que variamente lhes affluem, differentes lagos ou depositos. Ora o rio Abavi, que não pôde deixar de considerar-se nascido ou derivado de um d'esses depositos, depois de atravessar o lago Dambeá, vai, confundido com o rio Azul, unir-se ao Nilo Branco, para tomarem todos tres logo em seguida, já transformados n'um só volume de aguas, a simples e unica denominação de *Rio Nilo*. Assim pois parece, como eu dizia, que não é de todo o ponto impossivel o conciliar as duas lembradas diversas opiniões, porque não deixou, nem deixará nunca jamais de ser verdade que a causa da causa é a causa do effeito, ou do causado, como em linguagem semi-barbara, porém não indigna de ter-se em conta, usava outr'ora explicar-se o laconismo escolastico.

Não ignoro que os argumentos adduzidos, como acima notei, por Duarte Lopes, contra a doutrina de Ptolomeo, oppõem maior difficuldade, do que os que se deduzem dos fundamentos da opinião do Sr. Conde do Lavradio, á insinuada conciliação; comtudo, se bem se reflectir, e tendo-se na devida conta a hydrographia africana, e os tantos e tão estranhos phenomenos por ella offerecidos á nossa contemplação, achar-se-ha que de nenhum modo a impossibilitam.

Seja porém o que for d'esta questão, na qual resolvi por agora não ser parte, fica certo em todo o caso que não adiantaram *Speke* e *Grant* absolutamente nada ao que sabiamos das origens ou nascentes do Nilo, e nos fôra transmittido desde seculos não só por um, mas por differentes investigadores portuguezes, que declaram ter visto com os seus olhos, e com diligencia inquerido o de que nos deram informação e testemunho. *Speke* e *Grant*, se porven-

tura acharam o que referem, não acharam senão o que muito antes fôra achado, e não só achado, senão averiguado, e não só averiguado senão d'elle escripto com a maior particularidade.

Para concluir falta-me uma unica observação, a saber: que dos proprios admiradores inglezes dos capitães *Speke* e *Grant*, alguns, mais ao alcance dos descobrimentos feitos pelos portuguezes, confessam que nos archivos de Portugal existem documentos que provam que o lago que *Speke* e *Grant* dizem ter descoberto, e donde parece quererem que derive o Nilo, era muito conhecido dos portuguezes. Accrescentam que, emquanto aos dous lagos de que falam os missionarios portuguezes, o primeiro é o Nyassa, do qual tanto escreveu o dr. Livingstone, e o outro, isto é, o que os missionarios demarcam sob a linha equinocial, é o lago hoje denominado Victoria Nyanja. Assim o escreveu Mr. R. N. *Dickenson*, n'uma carta publicada no jornal litterario *The Athenæum*, de 24 de Outubro de 1863. É muito para ser notada esta declaração, porque mostra que, ou por melhor instruido, ou por mais imparcial do que o dr. Livingstone, por isso mesmo que não tratava, como este, de a si mesmo defender-se, defendendo (permitta-se-me a expressão) o plagiato *Speke* e *Grant*, não quiz *Dickenson* auctorisar nem sequer com o seu silencio a usurpação, intentada tão escandalosamente, da gloria a que têm direito indisputavel os descobridores portuguezes.

Não deverei acaso deixar sem reparo que Mr. *Dickenson*, referindo-se á obra de *Purchas* intitulada «*Relations of World*», publicada em 1617, da qual copia trechos, em que se mencionam alguns descobridores portuguezes, e, designando-os por seus nomes, se consignam como averiguadas, e sem duvida, as noticias que nos elles deram, pretende por este modo esclarecer o assumpto de que vai tratando. E que succede? que *Dickenson* nos põe aos olhos extractos textuaes da *Relação do Reino do Congo e regiões convizinhas* por Duarte Lopes!

E que prova isto? Prova, antes de tudo, que as noticias até hoje havidas como dignas de maior consideração ácerca das fontes ou origens do Nilo, são as que se devem aos investigadores portuguezes, pois que são d'estes obtidas, ou melhor eu diria trasladadas, todas que publicou *Purchas*, como de prompto verifica, lido *Purchas*, quem leu aquelles.

Prova alem d'isto que *Dickenson* mencionando o Padre *Alvares*,

e reproduzindo os logares citados, quiz por este modo pôr de sobrevivo os leitores de que, para julgarem com conhecimento de causa, convinha que lessem e comparassem as relações dos missionarios portuguezes com as dos capitães *Speke e Grant*, a fim de não darem a estes a primazia do louvor, que só áquelles pertence.

Pelo demais, e para confirmação de que as noticias do Nilo, colligidas por Mr. *Purchas*, são inteiramente portuguezas, vou transcrever aqui um trecho, vertido fielmente da « *Relatione del Reame di Congo et delle circonvicine Contrade di Odoardo Lopez Portuguese, per Filippo Pigafetta*. In Roma 1591 ». Eis-ahi a traducção litteral do excerpto copiado por *Dickenson*¹: « O rio Nilo percorre centenaes de milhas na direcção Norte, entrando depois em um grande lago, a que os habitantes dão o nome de mar, e que é muito maior do que o primeiro, tendo de largura, sob a linha equinocial, 220 milhas. D'este segundo lago dão exacta noticia os Anzichios em consequencia do commercio que tratam n'aquellas partes. Dizem elles que ha alli um povo, cuja navegação é feita em navios de grandes dimensões; que sabe escrever e contar, e usa de pesos e medidas, o que aliás não acontece para as bandas do Congo; edifica as habitações com pedra e barro, e no que respeita aos costumes e ás qualidades pôde ser comparado aos portuguezes ».

Agora o texto de Duarte Lopes, segundo *Pigafetta*: « Il qual Nilo scende per 400 miglia al diritto in tramontana, et entra in un altro (lago) grandissimo, che li paesani chiamano mare, maggiore del primo, perciocche tiene per traverso 220 miglia, et è sotto la linea d'ell'Equinotiale. Di questo lago secondo si ha certa infor-

¹ Estas são as palavras textuaes de *Purchas*: « The River Nilus runneth northwards many hundred myles and then entreth into another great Lake, which the inhabitants does call a Sea; it is much bigger than the first and contayneth in breadth two hundred and twentie myles, right under the Equinoctiall Line. Of this second Lake, the Anzichi give certaine and perfect intelligence, for they traffique into those parts. And they report that in this second Lake there is a people that sayleth in great shippes, and can write, and useth number, weight and mesure, which then have not in the parts of Congo; that they build their houses with Lyme and Stone, and for their fashions and qualities may be compared with the Portugals ».

matione da gli Anzichi vicini á Congo, li quali traficano in quelle parti, et dicono in questo lago essere genti, che navigano in navily grandi, et sanno scrivere, et usano numero, peso et misura, che non havevano in quelle parti di Congo, et che fabricavano le case loro de pietra et calce, paragonando li costumi di quelle genti con quelli di Portoghesi.»

Tenho para mim que bastam, e acaso sobejam os esclarecimentos que deixo indicados, para satisfazer ao que me obriguei; e para mostrar que por elles fica certo e obvio a quem quer que seja que os capitães *Speke* e *Grant* descobriram, se descobriram. o que estava já descoberto, nem hão sido senão meros plagiarios, se posso assim chama-los, do que fôra ao mundo revelado, e a todos feito patente pela diligencia infatigavel dos missionarios portuguezes. *Suum cuique.*

INDICE

Introdução	Pag. V
------------------	--------

CAPITULO I

Condições requeridas nos missionarios segundo o dr. Livingstone — Condições dos missionarios catholicos — Importancia das missões — Só as ordens religiosas podem subministrar bons missionarios — Abreviada noticia das missões de Angola, do Congo, de Benguella, de Rios de Sena ou Zambesia e de Moçambique — Grandes servi- ços prestados e a esperar dos missionarios catholicos — Os mis- sionarios catholicos e os missionarios protestantes — Conclusões.....	4
--	---

CAPITULO II

O lago Ngami — Foram o dr. Livingstone e os seus companheiros eu- ropéos, que primeiro visitaram o lago Ngami? — A existencia do lago Ngami era conhecida — Circumstanciada noticia do lago Nga- mi dada a mr. Messum por um major portuguez antes do mesmo lago ser visitado pelo dr. Livingstone — Confrontação das informa- ções do major portuguez e do dr. Livingstone — Observações — O mappa de 1508 (portuguez) — Malte-Brun — O sueco Anderson — Pouca importancia do lago Ngami considerado commercial e geo- graphicamente — O rio Teoughe, o Embarrah ou Cubango, o Tama- nakle — Principal mãe de agua do lago Ngami — Relações e trato dos portuguezes com os Mambari, Gricas, Damaras e outros povos — A pretensão do dr. Livingstone carece de fundamento — Outros lagos — Absorção ou evaporação das aguas.....	30
--	----

CAPITULO III

	Pag
Obstaculos ao trato directo dos europeus com os indigenas sertanejos	
— Factos e esclarecimentos — O padre Francisco João Pinto e o Cazembe — Os pombeiros Pedro João Baptista e Amaro José — O Muata-Cazembe e o major Gamitto — Missionarios e commerciantes — A mosca tse-tse ou mosca do elephante — J. R. Graça e o diario da sua viagem — Narração de Livingstone comparada com ella mesma — Margens do Lucalla e do Aruângoa — Silituane e o propheta Tlapano — Naliele e Sesheke — Portuguezes em Linyanti — Aug. Petermann — Reino de Matiamvo — Observações — Incerteza do dr. Livingstone ácerca da origem e curso do Zambese — O que se sabe do Zambese segundo os escriptores portuguezes	55

CAPITULO IV

Carece de fundamento a asserção do dr. Livingstone de não conhecerem os portuguezes o Zambese interior — Averiguações — Silva Porto em Naliele — Inferencias logicas — Nomes postos a cousas ou pessoas para commemorar factos notaveis — O testemunho de Park — Visita dos brancos ao interior — As expedições do dr. Lacerda e do major Monteiro — Comparação dos factos — Os Maubari e os Ambonda — Não abriu Livingstone as portas do interior africano; estavam abertas — A lingua Bunda — Shinto e Katema — Os mulatos portuguezes — O arabe Ben-Habib — O rio Loapula — O rio Aruângoa — Os portuguezes não podiam ignorar o Zambese interior — Os Makololo e os Matabele — Os portuguezes deixaram rasto em todo o interior africano — O rio Cuneni — Memoria de José Maria de Lacerda — Mudança de nome do rio <i>Cuneni</i> para rio dos <i>Elephantes</i>	95
--	----

CAPITULO V

Afeição aos filhos — Homem aleitando uma creança — O barão Humboldt — Os auctores portuguezes concordes — Os physiologistas modernos acceitam estes factos — Bexigas e inoculação — D'onde passou a vaccina para o interior de Africa — Os jesuitas fizeram conhecida a vaccina na Asia, Africa e America — O contra-veneno do jesuita padre Pedro — O leão de Africa — Arabes de Zanzibar — Os portuguezes não são malquistos dos indigenas da Zambesia — Uma inexactidão do capitão H. Parker — Prasos da corôa — Dons e presentes requeridos pelos chefes das tribus indigenas — Os cafres são insaciaveis — O titulo de mulher do rei.	119
--	-----

CAPITULO VI

Pag.

As inundações do Zambese e do Nilo — O lago Tanganyenka e o lago Nyanja dos Maraves — Origem commum do Zambese e do Nilo segundo Livingstone — A opinião de Livingstone conforme á de alguns nossos antigos escriptores — O primeiro branco visto nos sertões africanos — Os Mambari e os Portuguezes — Audiencia solenne de Shinto — Os Portuguezes e os Mambari na audiencia — Audiencia solenne do Cazembe descripta pelo padre Pinto — Audiencia solenne do Muata-Cazembe descripta pelo major Gamitto — Comparação e conclusões — Os indigenas idolatras — Gonçalo Caetano Pereira — Crueldades, poder e auctoridade do Cazembe — Injusta e mal cabida censura do dr. Livingstone — O lago Dilolo — Evaporação das aguas — Os Chibocos — Dialectos predominantes de nascente a poente e de norte a sul nas regiões africanas — Os portuguezes não tomaram em conta muitos objectos por não lhes vir d'ahi vantagem para o commercio — Ethnographia dos povos de Angola — A lingua Monomotapa.	155
---	-----

CAPITULO VII

Ó caco-indicador — O rio Coanza — A varia orthographia no escrever, como a varia pronunciação no fallar, origem de muitos erros geographicos — Opinião do dr. Livingstone ácerca do Coanza — Descripção do Coanza pelo auctor da <i>Historia Geral Angolana</i> , ms. — Não é sabida a nascente do Coanza — Grande lagõa no intimo sertão — O dr. Lacerda mal comprehendido — Commercio dos estrangeiros no interior do sertão — O aviso regio de 14 de março de 1800 — Não ha investigações (do Coanza) posteriores ás dos portuguezes — Instrucção e educação geral — Educação e instrucção ecclesiastica — Trabalhosas e uteis fadigas dos missionarios — Justo reparo do dr. Livingstone — W. Ed. Fraissinet — Censura do missionario inglez (Livingstone) ao abuso de poder das auctoridades do Cabo — Extrema bondade dos portuguezes para com os indigenas — Mutua bemquerença — Diverso proceder das auctoridades e dos colonos inglezes — As obras do dr. Livingstone em desharmonia com as suas palavras de agradecimento e louvor aos portuguezes	187
--	-----

CAPITULO VIII

O liar e o tecer em Angola e em muita parte da Africa central — Recordações egypcias do dr. Livingstone — O systema dos carregadores — As estradas elemento essencial da futura prosperidade do	
---	--

Africa — Irregularidade do procedimento de algumas auctoridades — O dr. Livingstone injusto por exaggerado — Walpole e o dr. Livingstone — O forte de Pungo-an-dongo — Este lugar, que foi julgado insalubre, é muito saudavel — As pedras de Pungo-an-dongo verdadeira maravilha da natureza — Sertão de Bailundo — Juizo ou prova por via de uma infusão de folhas venenosas — Arguição injusta de Livingstone ás auctoridades portuguezas — A cerimonia do *muãve* — O Kasai — Visita ao Matiamvo — Os Kanyika — Paschoal e Faria — Inferencias logicas — O rio Leopula será o Nyanja dos Maraves? — O rio Murusura — Os commerciantes de escravos por que não tomavam especial conhecimento do Zambese? — A descoberta de Livingstone feita muito antes da sua entrada no continente africano 233

CAPITULO IX

A catarata Mosioatunya — Muitas cataratas nos rios de Africa e algumas muito notaveis — Situação geographica da catadupa Mosioatunya — A ilha Kalai e os Mambari — Livingstone o primeiro a descrever a catarata Mosioatunya, porém não a ter d'ella conhecimento — Cadêa ou serie de postos commerciaes — Feiras, o que eram e onde estabelecidas — Traficantes de escravos ou de marfim e cera — O valor do marfim — Veneração dos finados — Os portuguezes devassaram toda a Africa — Mausea — Semrazão de Livingstone — Viagens ordenadas pelo governo portuguez ao interior do continente africano — As investigações do dr. Livingstone — Exactidão das informações havidas pelos portuguezes — Os *Diarios* do dr. Lacerda, do padre Pinto e do major Gamitto não mencionados pelo dr. Livingstone — Por que o silencio de Livingstone? — Por toda a parte o dr. Livingstone encontrou vestigios portuguezes — Declaração do dr. Livingstone feita cuidadosamente aos indigenas — Proceder indisculpavel do dr. Livingstone — À narração de Livingstone faltam as condições essenciaes para ser tida em maior conta — O commercio da escravatura favorecido pelos chefes das tribus indigenas — O dr. Livingstone suspeito de menos desaffecto à escravatura do que tinha alardeado 259

CAPITULO X

As noticias do dr. Livingstone sem novidade que maravilhe — Chicova é reino? Diz que não Livingstone, mas dizem que sim os escriptores portuguezes — A quéda de Cansala — Reino de Abutua — A serra Fura — O reino ou imperio do Monomotapa — Manica — Zumbo — Os mossambases no territorio de Xingamira — A caxoeira Cabrahaça — Virtude de fazer chover — Gafanhotos — Minas de ouro.

prata, ferro, cobre, pedras preciosas, azougue, almagre, salitre, sal, enxofre, petroleo, estanho — O dr. Livingstone quer fazer acreditar que os portuguezes, entregues exclusivamente ao trafico da escravatura, ignoram as riquezas e as vantagens a tirar do opulento solo africano — Com qual intento? — Falsa supposição — Os factos em contradicção com as asserções do dr. Livingstone..... 295

CAPITULO XI

Injustiça das pretensões do dr. Livingstone — Os portuguezes tinham realisado, anteriormente ao dr. Livingstone, a viagem pelo interior de Africa de uma á outra costa — Existencia do Zambese no interior do continente africano — Nascente do Zambese segundo os antigos mappas portuguezes — Caetano Pereira e Lacerda na cidade do Cazembe — Logar notavel das viagens do dr. Livingstone — Pedro João Baptista e Anastacio José eram portuguezes — Graça e outros portuguezes no Matiamvo — Ambiguidade suspeita de Livingstone — Contradições do dr. Livingstone — O chefe Monza — Reunião em Tete e declarações alli feitas — Inexactidão das conclusões do dr. Livingstone — Memoria sobre a viagem da costa de Angola á costa de Moçambique, por José Maria de Lacerda — O dr. F. J. de Lacerda e Almeida — Esclarecimentos por elle sollicitados e obtidos — *Diario* da viagem do dr. Lacerda ao interior de Africa — *Diario* do successor do dr. Lacerda no commando da expedição — *Diario* de Pedro João Baptista das terras de Angola ao Cazembe — *Lembrança* de P. J. Baptista de varios successos das suas viagens — Considerações de momento — O descobrimento da communição pelo interior entre costa e costa foi serviço havido em muita consideração — Recompensas concedidas — Precipitação do injurioso ajuizar do dr. Livingstone 323

CAPITULO XII

A expedição commandada pelo major Monteiro — Breve noticia do *Diario* d'esta expedição, coordenado pelo major Gamitto — Viagem ás terras do Loval por J. de Assumpção e Mello e Alexandre da S. Teixeira — O que se sabe do interior dos reinos de Chingamira, Quiteve, Quissanga e Madanda — Tratados dos reis de Quiteve com os portuguezes — O zelo dos missionarios — Aventureiros diligentes e corajosos — Noticia dos portuguezes achada nos sertões mais invios e desenhados — Resumido quadro das tentativas feitas em todos os tempos pelos portuguezes para conhecerem o interior das terras africanas — Comerciantes mouros de Zanzibar em Benguella — O major Coimbra — Memoria de F. de S. Ferreira — Carta de L. A. Magyar — As arguições de Livingstone como devem ser

avaliadas — As suas pertençações têm por base o orgulho e a vaidade — Conclusão	361
---	-----

CAPITULO XIII

(COMPLEMENTAR)

A nova obra do dr. Livingstone — É ampliação ou antes commentario de materia velha — Revelação do dr. Livingstone — O seu <i>Post-script</i> — Observações — Replica de Livingstone — Exame da replica — A argumentação do dr. Livingstone — Mappas novos — As provas do dr. Livingstone — Exame e resposta — O dr. Livingstone ferido com as suas mesmas armas — A difficuldade opposta por Livingstone à existencia de factos provados — Apanagio cobiçado — Quadro traçado por Livingstone da Africa oriental portugueza — Quadro verdadeiro — Brado injusto e atrevido do dr. Livingstone contra o dominio portuguez na Africa oriental — Theoria da força, direito do dr. Livingstone — D'onde as iras do dr. Livingstone — Ainda mais do que lhe resistem os factos, o dr. Livingstone resiste a si mesmo — A missão do dr. Livingstone antes politica do que religiosa — Louvores dos missionarios portuguezes pelo dr. Livingstone — Plano e fins das missões protestantes — Traças com que se pretende usurpar um dos mais bellos florões da corôa de Portugal. Exame de alguns topicos da nova <i>Relação</i> do dr. Livingstone — O lago Nyassa — Falta de boa fé no dr. Livingstone — Insinuação atroz do dr. Livingstone contra a honra e lealdade do governo portuguez — Desastrado fim da missão do bispo Mackensie — O bispo Tozer, successor de Mackensie — O rev. H. Rowley — Sensatas observações de um jornalista inglez do Cabo — Odio condicional do dr. Livingstone à escravatura — Razões de eu não dar maior largueza aos meus reparos. — Remate.....	383
--	-----

NOTAS

Nota 1. ^a	439
" 2. ^a	445
" 2. ^a (que devia ser a 3. ^a)	449
" 3. ^a	455
" 4. ^a	459
" 5. ^a	469
" 6. ^a	489
" 7. ^a	507
" 8. ^a	509
" 9. ^a	515
" 10. ^a	521

	Pag.
Nota 11. ^a	525
" 12. ^a	527
" 13. ^a	531
" 14. ^a	535
" 15. ^a	537
" 16. ^a	541
" 17. ^a	549
" 17. ^a (segunda parte)	559
" 18. ^a	567
" 18. ^a (que devia ser 19. ^a)	569
" 19. ^a	573
" 20. ^a e 21. ^a	577
" 22. ^a	579
" 23. ^a	581
" 24. ^a	585
" 25. ^a	591
" 26. ^a	593
" 27. ^a	599

APPENDICE

Das nascentes do Nilo	610
-----------------------------	-----

Handwritten mark resembling a stylized cross or the letter 'X' with faint dashed lines around it.

E

T

T

T

T

T

T

T

T

T

1930



